

1
(24)
39
1764

Revista Acad.

REVISTA
ACADEMICA

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO

PUBLICADO EM COIMBRA.

VOLUME PRIMEIRO.

DE 1845 A 1848.



COIMBRA,
IMPRESA DE E. TROVÃO,

MDCCCXLVIII.

REVISTA

ACADEMICA

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO

PUBLICADO EM COIMBRA

VOLUME PRIMEIRO

DE 1838 a 1839



COIMBRA

IMPRESSA DE M. THOMAS

REPOZICION

INDICE DO PRIMEIRO VOLUME.

	Pag.
Abbadona e Adramelec	21, 54
Additamento ás Notas de Calculo Diferencial e Integral de L. B. Francoeur	304
Agricultor (O) Michaelense	389
Agricultura e a Instrucção popular em Portugal	43
Anjo (Um) de mais	9
Aniversario (O)	47
Anno (O) 1000 da Era Christã	321
Anotações a Waldeck	46
Arco de Santa Anna	108, 136
Antiguidade do emprego da Artilheria em Hespanha e Portugal	301, 345
Arts (Lcs) em Portugal	360
Assemblea Academico-Philarmónica	111
Associação Britanica	262
Astronomia	245
Bauho (O) Sancto	198
Barometro	122, 141
Bibliographia da Historia de Portugal	129, 145, 182, 206, 231, 281, 315, 327, 367
Brazia Parda	80
Cadêa Academica	351
Cancioneiro Provençal	237, 286, 296
Cemiterio Academico	591
Chatterton (parecer sobre o)	337
Christianismo (Influencia do) sobre a legislação	18, 52, 161, 355
Cid (O)	225
Cid (O Poema do)	172, 201
Cometa (apparição de um)	104
Conde Alarcos (poesia)	272
Conselho Superior d'Instrucção publica — (Relatorio do)	241, 257
Deveres (Os) do homem por Silvio Pellico	319
Devoção (A) pelo Certanejo	200
Dias Sanctos	287, 330
Divina Auctoridade do Novo Testamento	363
Economia Politica e Estadistica (Elementos de)	176, 184, 214

	Pag
Economia Politica Ultrajada	330
Elysa (O Livro de)	22, 40, 74, 132, 166
Elogio historico de João de Vasconcellos Pereira Coutinho de Mendonça Falcão.	81
Enthusiasmo devoto pela festa do Natal —	273
Eneida de Virgilio (traducção)	192, 269
Engracia Ramila, (solau)	105
Escrava (A) de Camões	92
Estadistica Medica de Pariz	208
Estatua de S. Bruno em Miraflores	288
Estudantes de Bellas Artes em Roma	128
Eugenio Sue e os Mysterios de Pariz	124, 152
Eurico o Presbytero	31
Festim (O) de Balthazar (poesia)	149
Fidalgo (O) e o Poeta —	212, 230, 283, 347
Gustavo Hugo	48
Hercules (O) Preto	390
Historia de Portugal	256, 355
— durante a idade media <i>fragmento</i>	50, 65, 84
Indigestões	176
Industrial Portuense	110
Infancia (A), (poesia)	299
Instituto Dramatico	4, 81
— de Litteratura e Arte Dramatica —	18, 49, 81, 225, 337, 387
Jornalismo Litterario	196
Jornaes (os) Litterarios francos de porte —	356
Judia (Uma) na Corte de D. João 3.º	78
Justo (O) e a Sociedade	41
Livraria Classica Portuguesa	128, 217
Luiz Blanc, Historiador	63, 89
Luiz (Fr.) de Sousa, drama	60
Magnetismo Animal	70, 104, 118
Magriço	375
Maria Paes Ribeira	7, 78
Medianeira (A) (poesia)	112
Medico (O)	25, 55
Memoria Historica sobre a Instrucção primaria entre nós	311, 323, 339, 355
— sobre o intentado descobrimento d'uma supposta ilha ao norte da Terceira	255

	Pag.		Pag.
Memória sobre os officios theorico-praticos		Religião (A) Christã e a Philosophia—	13, 36
d'artilheria.	391		67, 113, 193, 305, 369.
Metaphysica de Genuense Reformada	317	Relogios electricos	176
Milne Edwards (Novos trabalhos de)	46	Resignação	128
Monumento demolido (mais um antigo)		Revista Scientifica	86, 97, 115, 138, 154
Noções de Philosophia	351	Romanceiro (O) Portuguez. (parte 2.º).	364
Noite (uma) da minha vida.	373	Systema Penitenciario—	179, 209, 276, 289,
Notavel Phenomeno Pathologico.	240		342
Nunca! (poesia).	240	Sancho (D.) 2.º	368, 382
Observações Meteorologicas	32, 48	Theatro (O novo).	225, 253, 375
Os Beneficios do Christianismo.	319	— Academico	6, 78, 95, 333, 387
Passeio (Um)	9	Thilorier (Mr.).	31
Physiologia Experimental (Resumo de Pre-		Traducções interlineares.	127
lecções de)—	38, 57, 70, 100, 120, 177, 279	Trevas (As) de Byron (poesia).	349
Pobre (A) das Ruinas.	220	The Ocean Flower.	379
Portugal (Le) á la hauteur de siècle.	76	Universidade.	204, 229, 259, 315
Primeiro Ensaio sobre a Historia litteraria		— de Coimbra.	33, 138
de Portugal	3	Versos octosyllabos (antiguidade e belleza	
Quadratura do Circulo.	359	dos) —	23

Embaraços insuperaveis, entre os quaes tiveram principal logar as vicissitudes, porque passou ultimamente o nosso desgraçado paiz, demoraram atégora a publicação desta folha, que a Redacção havia promettido a seus assignantes. Está pois completa a 2.ª serie, e 1.º volume da *Revista Academica*: a continuação fica suspensa, até que se haja grangeado numero de assignaturas sufficiente para custear ás despesas.

A Redacção dá sinceros agradecimentos a todas as pessoas, que auxiliaram este jornal já com as suas assignaturas já com a sua penna; dá-os igualmente a todos os jornaes que se dignaram de trocar com a *Revista Academica*, e entre estes faz especial menção do Periodico dos Pobres do Porto, e Revolução de Setembro, que continuaram a enviar-lhe as suas folhas, apesar da interrupção que houve da parte deste jornal. Penhora-se sobre tudo da proposta de troca, que lhe foi feita pelo Agricultor Michaelense. Quando todos eriam morta a *Revista Academica*, lá do meio do Atlantico uma voz lhe fallava de vida! É que ao illustre Redactor do Agricultor Michaelense ainda lhe não morreu n'alma, como a tantos outros, a mais doce recordação do seu passado; ainda se lhe não apagou no coração a fé na perseverança de mancebos. Pois esses mancebos respondem áquella voz, que os veio animar:—confiamos que a *Revista Academica* não ha-de morrer.

REVISTA ACADEMICA,

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO

Publicado em Coimbra.



INTRODUÇÃO.

Demonstrar a utilidade das sciencias e das lettras fôra hoje um anachronismo. O nosso seculo veio marcado com um sello de luz, aonde estava gravada a palavra — civilisação; e que as sciencias e as lettras só a podem conseguir, já não é só uma verdade escolástica, é um facto para todos, e para tudo.

A civilisação tem sido o grande porto para onde se navega desde o primeiro dia do universo, e para onde se navegará até ao derradeiro; todavia nunca se caminhou tanto como nesta epocha em que muitas theorias julgadas impossiveis se realizaram, em que muitos axiomas se descobriram, em que muitos erros morreram asphyxiados, porque os ares se rarefizeram com o facho de Vesta.

De todas as alavancas, que teem buscado erguer o mundo tanto moral como phísico nenhuma foi ainda, nenhuma é, e nenhuma será por certo, mais rija, mais poderosa, mais tenaz, e mais feliz do que a arte de Guttemberg.

A imprensa edifica em um dia o que, sem ella, fôra sobeja obra para um seculo: ergue-se por de traz do prelo um braço nervoso, encarna os pensamentos milhões de vezes e atira com elles ao mundo, que no me-mo dia e na mesma hora lê, maravillhado, o manuscrito do escriptor no espelho da arte: — esses pensamentos foram, ou podiam e deviam ser, uma verdade proveitosa.

Mas a imprensa dos nossos dias foi a que melhor comprehendeu a missão; não se contenta com os *bacamartes* encyclopedicas, diante dos quaes tremeria a vontade mais resoluta; esses lá foram ha muito da typographia para a bibliotheca, e ali ficarão virgens, os mais dellos, até que a trombeta do juizo final os chame para tomarem seu verdadeiro logar na destruição geral.

A sciencia tem venerado, com razão, alguns d'aquelles monstros de papel, mas só a sciencia, só os sabios, porque os outros homens assustam-se, e não teem tempo para lhes perder o medo. Que seria hoje se se escrevesse assim? Hoje o homem variou por tal fórma o seu modo de ser na sociedade, criou tantas

necessidades, afadigou-se tanto a viver que poucas horas lhe sobejam para o estudo: quer verdades, grandes verdades, mas incisivas e rapidas. Depois, como a realidade da existencia, o trabalho da alma, que lhe provém do tumultuar, que vê sempre á roda de si, criam nelle uma especie de fastio, é mister coroar de flores a propria taça do mel — Engenio Sue para combater a pena de morte não fez uma dissertação, escreveu um romance. O nosso seculo está symbolisado em dois dos seus inventos que ambos se auxiliam — o vapor e os caminhos de ferro; — é a rapidez, e a commodidade; pois tambem a imprensa só ha-de produzir-lhe duas cousas — o livro e o jornal.

Aquelle, com toda a sua aristocracia antiga, não passará muito além dos gabinetes e das salas; este, com toda a sua democracia, descerá para a choupana e para a rua, porque o jornal é o livro do povo. E não só o jornal é o livro do povo, se não que nem elle tem outro: accessivel á sua fortuna, accomodado a todos os gostos e interesses, pôde e deve ser o festejado, o bem vindo, o amigo de todas as casas. Porem se o povo é o commensal deste banquete de que importancia não é a tarefa de lhe guizar as ignarias? A religião, a moral, a philosophia, a historia, a poesia; o necessario, o util, o agradável, tudo tem de lá ir, mas como? Por toda a parte se diz — é mister curar o povo, que padece; mas o povo é um enfermo terrivel, se o medico em vez de o curar lhe agrava o mal, não morre o povo, não; ergue-se do seu leito de dor, afoga o medico entre seus mil braços, assenta-se-lhe no cadaver, e descre da medicina! Assim pois é indispensavel que o jornalista dizendo ao povo, como Deos disse ao chaos — faça-se a luz — fique depois, como elle, contente da sua obra.

Ai delle se a luz lhe deixa ver uma chaga maior que a da ignorancia! ai do povo, se em vez de se allumiar ficou queimado! — é o que tem feito a imprensa politica, é o que pôde fazer a imprensa litteraria. E nós, que conhecemos o perigo, porque pômos peito á empreza? Foi a consciencia de nossas forças? foram loucos orgulhos? não foi, não foram. Bem sabemos que é grande o empenho; sabemos que temeridade não ha tambem na creação de um jornal sobre as cinzas, ainda quentes, do rei dos jornaes portuguezes. O Panorama era a publicação periodica mais acabada que entre nós se fez; o Panorama multiplicava-se por um numero de exemplares de que não ha memória na imprensa de Portugal; era alimentado pelas pennas mais bem aparadas, pelos buris mais delicados e que elle introduziu, animou, e tornou perfectos; por um grosso fundo em acções de companhia; por infinitas assignaturas das nossas possessões d'além mar, e do Brazil, da Hespanha, da Inglaterra, e da França... e o Panorama morreu!.. Mas Coimbra é a cidade, que em Portugal se chama a cidade das letras; a sciencia está aqui no seu throno de Rainha, a empinar-se altiva e magestosa como roble secular de sombra abençoada, estendendo seus ramos

virentes e floridos por todo o reino; o pômo desta arvore não é vedado, antes quem o não colher é que sairá com a mancha do peccado original; porque até estes ares, este ceu, este rio, e estes campos convidam o mathematico, o philosopho, o positivista, e o poeta para a meditação e para o estudo.

É a posição, que nos tentou, talvez o pejo que nos fez ousados, e, por certo, um desejo intimo de ir lançar uma pedra no edificio, tão necessario, da instrucção publica. Foi uma cruzada de mancebos, que se alevantou cheia de fé viva no seu coração, e de esperança consoladôra nos nomes illustres de alguns dos nossos maiores homens, que lhes prometteram auxilio; — é com a mão na consciencia que o dizemos, foi só a fé e a esperança.

Se o Panorama morreu, se o cedro baqueou nem por isso a grammasilha deixará de nascer; as suas necessidades vegetativas são menores, a tempestade ao roçar-lhe com a aza talvez lhe perdôe; mas se tambem a tenra planta morrer, embora: ainda que só nascêra para manifestar a vontade de viver já tinha feito bem. Mas nós ahí temos outro gigante ainda vivo, e bem vivo para nos ir animando com seus triumphos; a Revista Universal ahí está para nos ser pharol nos parceis, e iremos a traz della pedir para nós as bençãos, que lhe sobrarem. É mister teimar, porque se muitos e bons jornaes tem perecido aqui, e em todo o Reino, se a Revista Universal, se nós, se outros depois de nós ainda não vingarem neste chão mal arroteado, algum dia nascerão arvores que se enraizem de véras, que medrem e fructifiquem á vontade, porque a sciência é uma necessidade, e a necessidade triumphará de tudo. Os que vîemos a diante não teremos feito pouco se deixarmos a terra adubada aos que vierem depois, e a posteridade seria injusta se desdenhasse quem veio primeiro porque não fez tudo; — nós ainda luctamos arca por arca com o pouco habito de ler, que ha na nossa patria.

Era este talvez o logar proprio para as promessas, mas quem ha ahí hoje que acredite em promessas de jornal? abusou-se dellas, caíram no descredito; deixaremos pois o caminho trilhado; não promettemos nada, seremos o que fôrmos, e o futuro que nos julgue. (*)

J. de Lemos.

(*) A publicação da Revista Academica é feita por meio de uma sociedade de mancebos espontanea e especialmente creada para este fim. A sociedade offereceu ao Instituto Dramatico de Coimbra 8 paginas que elle pôde encher ou deixar de encher; no primeiro caso alli virá a parte official dos seus trabalhos litterarios, ou artigos de membros seus, approvados por uma commissão sua, que o Instituto nomeou já. Os artigos que forem marcados com as iniciaes I. D. pertencem ao Instituto Dramatico, ou aos seus membros pela fórma mencionada; — todos os mais são grangeados pela sociedade.

(J. D.)

CHRONICA DO INSTITUTO DRAMATICO.

SEja-nos dado relatar succintamente sob este titulo a creação, desenvolvimento e estado actual d'este estabelecimento litterario, que conta hoje 6 annos de duração:—vida esta, que, no meio das vicissitudes da época presente, já não é qualquer vida.

Após a mudança politica, que soffreram as cousas de Portugal em 1834, veio outra revolução, abraçada com essa crise, constituir nova época em nossos usos, e em nossa litteratura. Sem nos explanarmos ácerca das consequências d'essa transição, que não vem a pêlo para o caso, basta sabermos que a appareição repentina de um Theatro, e o desenvolvimento inesperado do gosto dramatico foi uma d'essas consequências.

E foi Coimbra uma das primeiras terras a levantar o seu grito pelas cousas da scena. Em Outubro de 1834 uma pessima companhia de actores ambulantes veio incitar o gosto dramatico no espirito da Academia e da Cidade. — E no curto espaço de seis mezes já se contavam dous Theatros de curiosidade: o 1.º acanhado e mal geitoso, em que representavam alguns homens de officio; o 2.º mais regular e policiado, onde declamavam alguns academicos, a quem coube a gloria de abrir caminho ás futuras mais perfeitas instituições;—ambos todavia inda escondidos, como que de envergonhados, o 1.º, sob as velhas abobadas de Santa Cruz, o 2.º do Collegio das Artes.

Foi o Catão do Sr. Garrett o formoso campo, onde as primeiras capacidades academicas d'aquella época, na declamação, na musica, e na pintura, gentilmente se ostrearam. A peça era adequada para o intento: casada com as ideias politicas exageradas d'a-

quelles annos, fertil em partes fortes e energicas, e livre de papeis de *damas*, sempre mal contrafeitos em Theatros de curiosos; a peça, como dizem os *dilletanti* allrancesados, fez grande effeito.

Entre as representações, que se lhe seguiram, pela maior parte de dramas nacionaes, não deixaremos em silencio a intrepidez com que os Actores se atreveram a pôr em scena as duas grandes comedias de Molière: o *Avarento*, e o *Convidado de Pedra*, que foram completamente desempenhadas.

Em 1837 operou-se uma revolução no gosto com a appareição d'esse periodico de monstruosas e indecentes versões do Francez, o *Archivo Theatral*, que disseminando pelo reino uma alluvião das peças, as mais procuradas, tem eviado a lingua dos mais torpes gallicismos, dos mais nojentos vicios. Em outra occasião nos occuparemos da conveniencia de uma irmandade litteraria, (que já inutilmente convocou este Instituto), para publicar uma colleção periodica de peças bem escolhidas, e bem traduzidas, que fazendo face contra o barbaro esquadrão do *Archivo*, introduzisse por entre essas mil *casas de comedia* publicas e particulares, a par do bom gosto dramatico, a rectidão e pureza do falar. O primeiro drama da eschola exaggerada de França, que appareceu no palco academico, foi a *Catharina Howard* de Alex. Dumas, em que os Actores seguiram inda o prudente arbitrio de adoptar uma versão de um academico, com exclusão da do *Archivo*.

Por estes tempos havia-se progressivamente aperfeiçoado a associação academica, que havia creado o Theatro do Collegio das Artes, ou que o Theatro havia creado; de sorte, que contava 230 socios, unicos, que cabiam com as familias da terra, no recinto da sala das representações;—era regida, sob o nome de Academia Dramatica, por uns Estatutos discutidos com todos os

sacramentos parlamentares da moda; — e tinha já um longo arremedo do Conservatorio de Lisboa em uma imperfeita Commissão encarregada de escolher, e corrigir os Dramas destinados á declamação.

Até que a associação, já não cabia nos apertados limites da abobada do Collegio das Artes. Por occasião da estada em Coimbra de uma soffrivel Companhia de comicos de Hespanha, suscitavam-se na academia divergencias e caprichos, que deram lugar a que os Actores, e uma consideravel parte da associação abandonando o seu Theatro á Companhia Castelhana, concebesssem a ideia gigantesca de um Theatro completo e acabado dentro do grande paeo do Collegio extinto de S. Paulo. A ideia foi bem acolhida pelas pessoas de todas as idades e profissões. Um grande numero de leites da Universidade correu a alistar-se em a nova irmandade, erecta sob o nome de Nova Academia Dramatica, e a tomar parte nos cargos mais trabalhosos d'uma empreza difficil e nascente. Concebeu-se então outra ideia eminentemente civilisadora: chamar ao gremio da associação os naturaes da Cidade, que por usos e preconceitos antigos fazem de ordinario comunidade á parte das cousas da Academia. Tambem se realison esta ideia; e os tres elementos tão diversos — *estudantes* — *lentes* — *naturaes da Cidade* — confundiram-se em uma assemblêa de irmãos.

Dentro de um anno estava edificado o actual Theatro, que é uma sala de 97 pés de cumprimento sôbre 51 de largo, com 3 ordens de espaçosos camarotes até o numero de 56, com um palco de 45 pés de comprimento; e officinas sufficientes para Camarins, guardarcopas, pintura, secretarias, discussões, &c. A sala tem dous grandes defeitos, filhos da precipitação, com que foi edificada: 1.ª a figura, que em vez de elliptica é um quadrilongo terminado semicircularmente; 2.ª a demasiada altura da 1.ª

ordem de camarotes, que está em desproporção com as outras duas. O arco é muito proporcional, e regular; e o salão d'entrada muito espaçoso. Sôbre este salão se está construindo outro salão para as reuniões philarmônicas, e bailes de uma associação irmã da Academia Dramatica, que veio estabelecer-se no resto do edificio, e que com ella fraternisa parte das suas diversões. A mesma entrada communica tambem para os gabinetes de leitura da mesma associação, onde se leem todos os periodicos politicos do Reino, e alguns principaes estrangeiros, e bom numero de publicações litterarias e scientificas de todo o genero.

As Camaras concedêram por uma lei á Academia Dramatica o edificio de S. Paulo, ficando o Theatro sujeito á suprema inspecção do Reitor da Universidade; e o Governo approvou os Estatutos da associação. Foi n'estes Estatutos que se creou o Instituto Dramatico, como hoje existe, dividido em 3 secções: — *dramatica* — *de musica* — e *de pintura*; em cujo gremio se acham inscriptas as principaes capacidades da Academia, e muitos distinctos litteratos do Reino.

Os primeiros Actores creados pelo Instituto Dramatico estrearam-se em 24 de Junho de 1839 na 1.ª representação do Theatro novo, inda incompleto. É de lamentar que se tenha seguido constantemente na escolha das peças o gosto do Drama exagerado do França. Entre estes foram ricamente executados: *Lucrecia Borgia*, *o Sincero de S. Paulo*, *os dous Renegados*. No anno corrente deu-se o 1.º passo para uma transição de gosto, representando-se unicamente dramas nacionaes, como *o Emparedado*, *o Pagem d'Aljubarrota* do Sñr Mendes Leal, e a nova peça do nosso novo A. e socio d'este Instituto o Sñr. João de Lemos — *Maria Poes Ribeiro*. Na lista dos actores continuam a alistar-se para credito da associação alguns dos mais distinctos estudantes da Universidade: sendo de no-

tar que os meos applicados nas aulas são tambem os mais morosos e menos geitosos para a scena; confirmando isto a grande verdade, que o estudo e applicação venceu as difficuldades de todo o genero. As pessoas mais sisudas do magisterio academico, imitando as Universidades de Allemanha continuam a proteger um estabelecimento, que offerecendo aos seus alumnos uma diversão licita e util, os afasta do caminho errado de distracções mais perigosas.

A esta instituição deve a litteratura a publicação de 3 periodicos, que infelizmente tiveram pouca duração. 1.º A Chronica litteraria, de que se publicou o 1.º volume em 24 numeros, e 14 n.ºs do 2.º e que acabou por má ordem e desintelligencias entre os ultimos Directores pouco experientes. — 2.º a Chronica Theatral, ou collecção de Peças originaes e traduzidas, de que se publicou apenas o 1.º n.º com a traducção da Theresa de Alex. Dumas — 3.º o Prisma, de que se publicaram poucos n.ºs e acabou sem culpa do Instituto, que só fornecia a parte intellectual, mas sim da empresa particular, que interrompeu, não sabemos o porque, a sua publicação.

Esperamos que a actual Revista Academica, publicada por uma associação de academicos, e auxiliada em metade da redação pelo Instituto Dramatico, seja um periodico permanente e sisudo; que se aproveite dos erros de seus predecessores, e que fazendo todos os esforços para substituir a grande lacuna, que nos annaes da litteratura do dia deixou o Panorama, augmente com o seu contingente de illustração os creditos litterarios do nosso Instituto.

As sessões litterarias do Instituto no actual anno lectivo tem versado sobre dous objectos principaes: 1.º a construcção e relacção da parte, que lhe cabe, n'este Periodico; 2.º a discussão

do methodo de censurar, que deve seguir-se na escólha, e approvação dos dramas destinados á scena. Foram já largamente discutidos: — *O Ruy Blas* — *A Veneziana*, versão do Francez, — *Maria Paes Ribeiro*, drama em 4 Actos e 8 Quadros, do membro d'este I.º o Sr. João de Lemos Seixas Castello-Branco, — e a *Torre de Nesle*. O 1.º foi totalmente approvado, a 2.ª e ultima foram aprovadas com modificações, para o que se remetteram ás respectivas commissões. A'cerca da 3.ª approvada, e submettida ás provas publicas, damos mais ampla noticia, com o seu juizo sobre a execução.

J. F. de Serpa.

(J. D.)

CHRONICA THEATRAL.

THEATRO DE S. PAULO.

Estreou-se a nova companhia academica do actual anno lectivo com a representação do *Desertor Hungaro*, versão do francez, escolhido tão sómente, pela facilidade da execução por noveis actores. E houveram-se estes de modo, que em breve se abalancaram a recitar o *Emparedado*, original portuguez do Sr. Antonio Maria de Sousa Lobo, natural da cidade do Porto, fallecido ha pouco no verdôr de sua mocidade. O Sr. Bessa Corrêa hombrou na execução do protagonista com o raro talento do Sr. Costa Pereira, que nos annos preteritos havia arrobado os nossos olhos e onvidos, e cuja falta será sempre lamentada pelos amadores da scena. Seguiu-se o *Pagem de Aljubarrota*, do Sr. Mendes Leal, drama, ou antes poema, todo ideal, e melancholico; cujos ricos trechos declamou por tal arte o Sr. Bessa Corrêa que foi muito alem do que se esperava em papel tão delicado como o do protagonista. Igual, senão superior talento para o genero comico, patenteára tambem o mesmo Sr. Bessa Cor-

rêa na execução da parte do Prospero e Vicente no drama d'este nome. Os expectadores victoriarão-o sempre com extraordinarios applausos. Estreou-se tambem com merecimento notavel, e geral accitação e applauso o Sñr. Henrique O'Neill cuja elegante figura, e agradável locução e talento promettem em breve um actor acabado. Os Sñrs. Campos e Lopo estreáram-se tambem com muita felicidade. Dos demais actores novos não podêmos formar cabal juizo em quanto não desempenharem parte de mór interesse. Coube ao Sñr. João de Lemos como ensaiador grande parte dos louros da nova companhia, em cujo aperfeiçoamento se esmerou a ponto de ir declamar de repente algumas partes, para que faltavam actores.

Avultou em todas estas quatro representações um geral sentimento de vivissima saudade em Actores, e expectadores pela memoria do Sñr. Fonseca, acadêmico do Rio de Janeiro, que pelo decurso de seis annos desempenhou com singular e nunca assaz louvado merecimento os papeis de 1.^a dama, tanto mais difficultosos, pelo *contrafeito* penoso das delicadezas, e manieiras feminis. Por mais bem fadada estreia, que tenham os seus successores, o nome do nosso bom consocio ausente ficará sempre muito superior ás mais subidas reputações d'este genero.

Esperamos que os novos actores, á imitação dos passados, prestem á execução, e ensaio das peças comicas aquelle esmero, com que se havem na representação das tragicas. Vão empregar-se os meios necessarios para que d'ora em diante se cultive com bom resultado este precioso genero, por ventura mais difficil, que os *arreatamentos* do alto cothurno.

J. F. de Serpa.

(J. D.)

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

DE

MARIA PAES REBEIRA,

Drama em 4 Actos, e 8 quadros, do Membro d'este Instituto — o Sñr João de Lemos.

ERAM duas horas da noite; e voltáramos do theatro de S. Paulo com o coração impregnado das mais veliementes sensações, com o espirito transbordando na admiração mais pasmosa. O drama, que havíamos, quasi que visto nascer da imaginação ardente e poetica do Sñr. Lemos, que houveramos escutado por varias vezes em alguns serões particulares, e na sessão, em que delle se fez a leitura ao Instituto, que tínhamos passo a passo acompanhado nos seus multiplicados *ensaio*s; o drama na scena é outro de tudo isto; — e a approvação, que humildemente lhe havíamos dado em nosso gabinete, dobrada, e despejadamente ali lha outorgamos em a noite do seu triumpho, reperculida em todos os angulos do theatro pelas palmas unanimes da brilhante, numerosissima assembléa, que alli concorrera.

O drama representa aquelle bem sabido episodio de nossas velhas chronicas: — os amores de Maria Paes com el-Rei D. Sancho I, o rapto, e força que D. Gomes Lourenço lhe fizera; e a vingança negra e traiçocira, que de seu roubador tomara a senhora de Villa do Conde. O drama, puramente historico, acompanha as chronicas em todas as faces d'este horrivel feito, ornando-o com o sumptuoso colorido de duas paixões freneticas e desesperadas, que mutuamente se alimentam e combatem, até ir quebrar-se, a primeira nas lages do claustro, a segunda nos degraus do patibulo. Para que historica fosse completamente a peça, desenhou-lhe delicadamente o A. as feições da epocha, pôz na bocca de alguns personagens os epi-

sodios mais falados daquelles tempos, e apresentou em rica perspectiva as duas côrtes successivas dos reis Sancho, e Affonso. O assumpto é difficil de tratar, e a epocha mais difficil ainda. Segundo a nossa modesta opinião, e o que ouvimos a muitas pessoas de senso, saiu-se victoriosamente o A. d'estes dous perigosos empenhos. Sem estreitar-se sob a bitola das classicas unidas, e sem abusar das liberdades da moderna eschola, tratou naturalmente o feito, seguindo em 8 diversos quadros com toda a exactidão as datas, e os logares: e gentilmente se ergueu da segunda difficuldade à força de sublimar e poetisar o estylo, como o tempo e o caso pediam; apresentando juntamente uma lingua-gem castiça, e portugueza, e tão igual e cheia, que no conceito dos entendidos é este um dos mais louvados meritos do drama.

Avultam muito especialmente, entre as bellezas da peça, — o remate do 2.º quadro com a appareição d'el Rei a fazer cair por terra a venal espada de D. Martin — o commettimento de duello que faz D. Gomes Lourenço ao cobarde irmão da protagonista no 3.º quadro; — toda a scena poetica e arrebatada da crasta de Santa Cruz; — o bello e bem trabalhado quadro da taberna de Avelans, onde muito a pêlo conta Mestre Gil aos villões as historias do seu tempo; e onde se antevê já a premeditação do rapto, que o A. delicadamente quer fazer adivinhar, sem offender as susceptibilidades de ninguem com a sua representação; — a bem falada palestra de Affonso II, e sua côrte no penultimo quadro, — a scena capital d'este quadro, e de toda a peça, em que a protagonista pede a cabeça do illudido amante, vomitando em um discurso rico de eloquencia, primôr e força, todo o fel de sua encarnizada vingança; e a posição verdadeiramente dramatica do accusado quando ao ver-se por todos abandonado se lança nos braços abertos do prior de Santa Cruz, exclamando: « Padre! padre! que

me traiçoaram » e termina o quadro. Pesa-nos que o A. não fechasse aqui o seu drama com este mais bello, mais rico de seus lances. É nossa humilde opinião que realisado o pensamento do drama, e o feito da historia, tudo o que vai d'ahi por diante pende para exageração, e superabunda. Somos os primeiros a conhecer algumas, muitas bellezas parciais nas scenas de atrocissima vingança do ultimo quadro, mas faltariamos no nosso costume de franqueza, e amisade, se a par de tantas perfeições mettessemos no escuro este senão, unico em todo o vasto decorrer do drama.

O A. teve a fortuna de ver completamente realisada a sua ficção, no optimo desempenho, com que se houveram alguns actores, no possivel todos. O Sñr. Bessa continuou a arrobar-nos com os seus transportes, e valentia de expressão: entendemos que desempenhou a scena do carcere no ultimo quadro como primeiro actor de Portugal. O Sñr. Palha em delicadeza e maneiras senhoris, em primores de sentimento, em clareza e doçura de expressão foi muito além do que podia sonhar-se na representação de um papel de dama por um homem: o Sñr. Palha dotado de talento mais que mediano comprehendem o que disse, e executou o que comprehendeu. O Sñr. Alves da Silva deixou-nos encantados com a harmonia de sua voz, e com a gravidade de sua acção. O Sñr. O'Neill era um gentil monarcha apaixonado. O Sñr. Bentes não desmentiu, antes bem-memoreceu o conceito favoravel em que é tido pelo publico. O Sñr. Theotónio desempenhou com toda a capacidade o seu papel semicomico da taberna. O Sñr. Macedo é sempre a velha por antonomasia. O Sñr. Lopo mostrou muita propensão especialmente nas scenas fortes. O Sñr. José Julio andou bem na representação do gordo monarcha. E os outros actores, a quem couberam partes de menos nomeada, andaram tão bem, que não houve um desar a notar-se.

O A. vio satisfeitos os seus affaus lit-

terarios sendo mais que uma vez chamado fóra, todas victoriado; e brindado com ramos e corôas pelos seus amigos e admiradores.

J. F. de Serpa.

—♦♦♦—
UM ANJO DE MAIS.

(*A meu amigo Alexandrs Theofilo de Carvalho Leal.*)

Roga a Deus, que teus dias encortou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou.
Camões.

SOLta, ó lyra desditosa,
Um triste canto dos teus,
Que aquella por quem suspiro
Dos homens fugiu p'ra Deus.

Tinha a pureza dos anjos,
Tinha a alvura do narciso,
Tinha nos labios formosos
Delicias do paraíso.

Da rôla tinha as meiguices,
Da pomba tinha a belleza,
Tinha a candura da rosa,
Da honina a singeleza.

Ella era rica d'encantos,
Rival das galas dos céus,
Não eram lindas estrellas
Mais lindas que os olhos seus.

Suspiros, que ella soltava
Ou no prazer, ou na dor
Achavam echo no peito
Do mancebo trovador.

E o trovador todo amores
Seu coração lle entregou,
E a virgem toda innocencia
Aos seus braços se lançou.

Todos os seus pensamentos
Fram d'ella, d'ella só,
Mas, ai triste! a linda rosa
Viu desfolhada no pó.

Viu-lhe a face descorada,
Os olhos amortecidos,
Ouviu-lhe n'angustia extrema
Gemer profundos gemidos.

E n'agonia da morte
Co' a eternidade abraçada,
Viu su'alma n'um suspiro
Subir á eterna morada.

E aquelles seios tão bellos
Que batiam compassados,
Immoveis foram-se á loisa
Insensiveis, desbotados!

E aquelles labios já mudos
Extremo beijo anhelaram;
Os d'ella ficaram frios,
Os d'elle a morte beijaram.

Ai triste do trovador,
Que tão sosinho ficou;
No mundo nada lle resta
De todo a esp'rança acabou!

Solta, ó lyra desditosa,
Um triste canto dos teus,
Que aquella por quem suspiras
Fugiu dos homens p'ra Deus.

Luiz de Bessa Corrêa.

—♦♦♦—
UM PASSEIO.

EPISODIO.

A um Amigo ()*

NAs poucas linhas, que te offereço, encerra-se um periodo ligeiro da minha vida; — o PASSEIO não é uma ficção tecida para matar o ocio d'alguns momentos; é um canto fúnebre devido ás cinzas d'um passado, é o epitaphio enigmatico d'uma illusão d'outr'ora, ou, se assim o quizeres, a necrologia concisa d'um sentimento profundo.

Profundo! — e bem profundo que era, pois que me passou pelo coração como a lava assoladora d'uma cratera volcanica, destruindo, revolvendo, e devorando faminta as raizes mais intimas de meus humildes anhelos; — profundo e bem profundo, pois que me deixou o coração nú, esteril, pobre como as areias do deserto; — pro-

(*) O Sr. A. X. R. Cordeiro.

fundo e bem profundo porque me cavou no peito um abysmo d'esperanças, que se esvaeceram rapidas, e me deixaram depois o vazio da indiferença!

E assim devia de ser porque os grandes sentimentos semelham-se ás grandes vegetações — esterilizam o coração assim como ellas consomem ao terreno a força productiva.

Eis pois uma pagina do meu peito desenrolada e patente, uma época da minha vida historiada em poucas palavras, coberta porém d'hieroglyphicos e recamada de sombras, porque ao cadaver, que dormia nas trevas do sepulchro, não agrada de repente o fulgor vivo d'um sol descoberto.

E demais as ruinas d'um coração vistas á luz pallida do mysterio não offerecerão encantos? — os restos de Palmira serão menos bellos ao clarão suave do astro nocturno? . . . Mas não entenderão. . . que importa! — Stael já disse *pourquoi demander au rossignol ce qu'à signifie son chant?*

UM PASSEIO.

São nossos tristes amores contados por um modo que os não entenderá ninguém.

(Garrett, Gil Vic.)

I.

A TARDE.

Era uma tarde de primavera, mas triste, sombria, e carregada, como se fora d'inverno; — a natureza mostrava-se em harmonia com a minha situação: era joven, a vida para mim tambem corria na primavera, mas triste, annuecada e tempestuosa como o declinar d'aquella tarde fatal.

Simpathiso com a tempestade, disse Byron, e creio que o poeta disse a verdade e a sentiu, se ao proferir esta phrase singular as vagas de seu coração lhe gemiam revoltas nas cavernas do peito. — Foi talvez porque isto me suc-

cedia, que n'essa tarde, por um sentimento instinctivo, deixei com prazer o socego domestico para gosar livremente do aspecto lugubre da natureza.

A primavera, a galharda estação dos amores, despira as suas vestes enfeitadas e senhoris, abandonára as suas galas de virgem namorada e louça para as trocar despeitosa pelos andrajos do inverno; pelo manto de nuvens da quadra dos gelos e das tormentas engeitára a Princesa do anno as côres variegadas de sua clamyde formosa; — pelo sceptro da tempestade trocára a inconstante a corôa de myrto e rosas que Deus lhe ageitara na fronte como uma auréola de luz sobre a cabeça d'um anjo!

E a minha alma engeitara tambem as galas da juventude, pedira ao mysterio o seu véo caliginoso e opaco, arremessando para longe a corôa dos mancebos; desfolhára com desprezo a rosa da alegria-trocando o seu aroma tão grato pelos espinhos sangrentos da tristeza; preferira á luz benefica do meio-dia as côres duvidosas d'um crepusculo, — as lagrimas da melancholia ao enthusiasmo do prazer!

Oh! como a natureza e a minha alma se mostravam d'accordo n'aquella tarde sinistra! — Dir-se-ia que o meu coração era um espelho para o seu rosto, um écho para as suas vozes, uma sombra para os seus movimentos! — Parecia que um mysterioso dialogo se travára entre nós, que ás perguntas d'um succediam com rapidez as respostas do outro, que os nossos pensamentos eram communs!

Se pela face luctuosa dos ceus passava rapida a luz pallida d'um relampago, era que dentro do peito me fusilava tambem o desespero! Se ao longe se fazia ouvir o estampido ronco d'um trovão, era que tambem na minha alma estalara, havia pouco, uma corda sonora, cujo estridor sentia ainda. . .

A noite estava quasi a cair, a tarde

proxima a dar-me o seu adeus saudoso; parecia porém que lhe custava o despedir-se de mim; não queria terminar o seu colloquio de mysterios, a sua practica singular e cabalistica, sem me desabrochar de todo o livro sagrado de meus intimos arcanos!

O arco Iris, elevando-se magestosamente das extremas do horisonte, desenhara-se com toda a formosura de suas côres na superficie nebulosa dos céus; mas apenas o vi, desapareceu, e sumiu-se como donzella tímida fugindo envergonhada aos olhos ávidos do nancebo.

Reflecti um pouco. . .

Insensato! — não me lembrava que o arco d'alliança, que unia o meu a outro coração, apparecêra, desbotára e fugira como o cinto formoso que enfeitava o céu. . .

Pouco depois as folhas d'uma flôr, que um tufão desprezára, vieram cair a meus pés. . . Piscias machinalmente, e só passados alguns momentos pude sentir os espinhos d'esta allegoria amarga, mas ao menos ultima n'aquella tarde *agourcira*. . .

II.

A NOITE.

A noite desdobrara finalmente o seu manto de sombras; — o véo tenebroso de meus pensamentos tambem se ennegrecêra e condensára mais. . ., lusiam porém algumas pérolas engastadas na abobada celeste, e na minha alma era tudo negro, silencioso e triste como o seio d'um sepulchro!

Tudo solitario e calado!

Só a mudez do meu pensamento igualava então o silencio da natureza, só o deserto do meu coração podia assemelhar-se ao ermo triste d'aquelles sitios lugubres!

Ha soffrimentos que se enroscam no peito como viboras damnadas; — soffrimentos, que, semelhantes ao verme das loisas, corroem todas as fibras, espedaçam todos os tecidos, repassam to-

dos os ossos, e assim como este não despára o cadaver em quanto lhe offerece uma sombra d'alimento, assim aquelles não abandonam o coração antes de lhe devorar todo o succo da vida! — Assim é, ou assim o julgava então. . .

Mas para que pensava eu em tal? para que me revolvia eu nos espinhos crueis d'essa verdade acerba? — Loucura, que não sei explicar, mas que se-melhava bem a dor phrenetica do infeliz, que, tragando um veneno, lhe fosse gustando todo o amargor, medindo e calculando todos os effeitos, sentindo e prolongando todas as ancias!

E tão engolphado estava eu nos meus dolorosos pensamentos que nem me apercebêra sequer da mudança do tempo!

A noite ia serena e bella; a tempestade, que por toda a parte estendêra suas azas negras por sobre toda a extensão do horisonte, havia desaparecido ligeira demandando outras paragens; os castellos de nuvens, que obscureciam o firmamento, haviam-se desfeito de todo; a lua havia surgido bella e radiante, acompanhada dos astros formosos, que formam o cortejo da rainha das noites; o céu tão puro e scintillante assim recamado d'estrellas tão nitidas lembrava uma campina azul orvalhada de diamantes, ou o véo sumptuoso d'uma virgem islamica arreoiado com o ouro e pedrarias do Oriente.

A natureza estava bella, a primavera despira as vestes soturnas do inverno, depozera os seus postigos horrores, a sua mascara emprestada, para nos mostrar lêdo e desassombrado o seu rosto angelico — o vento não sibilava já, o rio corria placido, as flores cobravam alentos, o céu estava formoso; não rebombava o trovão, não serpeava o raio, nem fusilava o relampago; em vez das materias sulphureas que impregnavam os ares, o aroma suave das larangeiras embalsamava a atmos-

phera;—tudo era socegado e loução:— a procella da terra fugira, desapparecêra,—á da minha alma succederia o mesmo?

Uma lagrima solitaria, ardente, pesada m'escorregou então pela face; arrancar-n'a-ia dos olhos a dor ou o despeito?— O ultimo talvez; offendia-me a formosura da natureza, quizera que ella trajasse ainda as côres do meu coração, tinha saudades da tempestade!

Mas uma voz inexperada, um canto mavioso e terno veio quebrar por um pouco os delirios da minha imaginação; era uma voz melodiosa e suave como o devêra de ser a voz da primeira mulher nos braços do primeiro homem; era um canto formoso e sigelo como o primeiro hymno da criação ao sair das mãos do Creator; era uma harmonia do céu a que assim vinha partir-me alguns elos á cadeia das minhas ancias, e verter-me algum balsamo nas chagas fundas do coração! Oh! deliciosas foram as sensações que despertára aquella voz em todo o meu ser;— a um cadaver que *sentisse*, não seria mais grato um raio quente do sol coado pelas flegas da sepultura, do que o foram para a minha alma, gelada e transida, aquellas notas harmoniosas e cadentes, que me caíam do céu como o orvalho doce da manhã sobre as flores esmorecidas do valle.

E sabeis d'onde vinham estes sons feiticieiros que assim m'embeveciam ouvido e coração?— Eram d'um rouxinol innocente, que, pousado sobre os ramos d'uma arvore proxima, começára de trinar; o cantor plumoso dos bosques fôra mais sensato que o trovador melancolico das cidades; vira a formosura da noite, e desprendêra o seu canto mimoso;—ouvira os queixumes suaves da briza, o murmurio brando da corrente, o susurrar das folhas nos salgueiros da margem, e quizera juntar ás harmonias da natureza a poezia celeste de seus internecidos gorgeios!

Eu, que fazia eu do meu alaúde singelo?

Foi então que pude envergonhar-me de mim;—recordei-me d'uma canção, que outr'ora fizera, travei da lyra esquecida, e eis-me acompanhando em seus hymnos canoros o numeroso Orpheu da floresta.

Minh'alma é como a flor singela e triste

Que a noite vem abrir,

Fechada á luz do sol, a noite apenas

Alegre a vê sorrir.

Minha lyra só geme quando pia

Sinistra ave agoureira,

Quando assoma gentil, desponta, alveja

A lua aventureira!

Mal se apaga nos céus a tocha d'ouro

Que nutre a luz do dia,

Resurge na minh'alma astro lusente,

O astro da alegria!

Apraz-me ver brilhar nitidos lumes,

Disco argenteo a surgir,

Ouvir a viração gemer nos troncos

As aguas ver luzir;

Aladas lentejoulas ver dourando

A verde e fofa relva,

Desfazer-se na praia a onda em pérolas,

Ouvir cantar na selva;

Minh'alma é como a flor singela e triste

Que a noite vem abrir,

Fechada á luz do sol, a noite apenas

Alegre a vê sorrir!

E ao desferir a estrophe derradeira do meu canto arremessei a lyra para longe, como arrependido da minha fraqueza.—Concentrei-me depois em mim procurando o âmago de minha amargura;—mas vi que as vagas do meu coração iam menos revoltas e soberbas. Ha doencas para que a musica é um remedio efficaz;—a poesia não tem menos poder para as enfermidades da alma!

A noite ia quasi em meia, a sua placidez já não me constrangia tanto; erguia os olhos para o céu, e cevava-os na sua formosura indisivel cravando-os avidamente na face azulada do infinito. Twe então um momento d'ineffavel do-

cura, a minha alma vagava livre pela amplitude do espaço, enxergava o selo da Omnipotencia nas maravilhas do Universo, e descobria em cada astro uma letra brilhante para o nome do Eterno! — Mas de repente vi ao longo, surgindo d'um lado do horizonte, duas nuvensinhas, que caminhavam solitarias, pela superficie dos céus; eram um pouco desiguaes em proporções, mas ambas d'um alvor extremo. Contemplei-as por muito tempo seguindo juntas o seu rumo; impellindo-as sempre o mesmo vento. Pareciam duas velas sulcando sosinhas as ondas d'um Oceano azulado, em que a lua se amostrava como um pharol mysterioso: eram dous cygnos amorosos navegando unidos em lago immenso; — eram duas almas que se entendiam e salvavam. Mas ao cabo as nuvens, em que se m'entelavam os olhos, separaram-se e desapareceram, talvez para mais se não encontrarem...

Uma gota de fel caiu então no meu coração: — era que a tarde da tempestade transmittira á noite bonançosa o seu poder fatal, a sua missão do inferno, a sua eloquencia allegorica!

Alta noite, isolado n'um gabinete, folheava com avidez as obras de V. Hugo. N'uma de suas paginas deparei ao acaso com esta phrase laconica no dizer, mas grande no sentido

«Ma vie a été pleine d'épines»

Tambem a minha! — exclamei então, e sorria amargamente...

Pouco depois adormecêra sobre o livro.
Abril 26, 1843.

A. Lima.

1830266
**A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILO-
SOPHIA.**

La sagesse de la Religion
l'emporte encore ici sur cel-
le des hommes.
Chateaubriand Gen. du Chr.

Completaram-se as septenta semanas, as quaes segundo a predicção do Pro-

pheta, que soube ler as tres mysteriosas palavras escriptas na parede da sala do Babylonio sacrilego, deviam decorrer desde a ordem dada por Artaxerxes Longimano para a restauração de Jerusalem e seu templo até a consummação da aliança, e abolição da hostia e dos sacrificios. A ruina desse templo famoso, que segundo Aggen devia ter a gloria de receber em seu recinto o Desejado das nações, e a chegada de um Chefe, que de uma vez para sempre destruiria a antiga Salem, acontecimentos eram, que por vaticinio do mesmo Propheta deviam seguir-se de perto, mas precedidos por horriveis guerras, pestes, o terremotos, como o annunciara um homem extraordinario, justicado pouco antes sobre o Golgotha em affrontoso patibulo: a voz da verdade ia levantar um brado terrivel.

Abandonado da dissoluta Roma lá termina uma existencia toda de crimes, esse monstro, cujo nome ainda hoje soa como uma praga do céu; degollam-se reciprocamente os exercitos de quatro imperadores, e logo a peste desenvolando sobre o imperio dos Cesares sua bandeira de morte, e a terra abalada em seus fundamentos, como se as portas do inferno se fechassem para sempre sobre seus batentes de ferro, pareciam ameaçar o genero humano de uma derradeira ruina. Um Capitão celebre pela sua clemencia bate ás portas de Jerusalem; elle grita aos Judeus, que salvem a cidade santa, e aquelle templo, maravilha do mundo, que os Romanos respeitam: mas ao esconder-se o Sol do decimo de Agosto, que já tinha visto arder o templo de Salomão, o clarão das chammas, que coroavam as outr'ora magestosas alturas de Sion e Moriah, annunciou ao mundo, que o templo dos filhos de Israel cedia o lugar a um novo templo tão vasto como o universo, e a synagoga passára a ser substituida por uma Igreja tão extensa, como o genero humano.

Era chegado o imperio daquelle, que

o Propheta rei tinha contemplado maior do que Salomão em gloria, e sabedoria; é o virá entre os resplendores dos sanctos sabiundo eternamente do seio de seu Pai, para se offorecer depois em mysterioso holocausto — com os ossos assignalados sobre a pelle! os vestidos repartidos! a tunica posta em sorte! a lingua molhada em fel e vinagre! — em quanto seus inimigos blasphemando ao redor d'elle se fartavam em seu sangue. Era chegada a lei da graça, promulgada pelo rei pobre, rei pacifico, e salvador, a quem Zacharias tinha visto entrar triumphante em Jerusalem montado sobre um jumento, e pouco depois vendido por trinta dinheiros, que viriam a ser destinados para preço de um campo de sangue. Todos os povos do mundo eram chamados a entrar de posse da herança, que lhes fora assegurada pelo pimpolho de Jessé, o Anjo da alliança, a quem Micheas assignára por patria a pequena Bethlem, e Isaias o tinha visto saindo do seio de uma virgeou para purificar os gentios com uma sancta aspersão: aspersão de sangue o mais puro, que poderia regar a terra.

É esse sangue rojón baixando de uma Cruz per sobre as rochas nuas do Calvario, e as rochas estalaram com medonho estampido, partiram-se para eterno testemunho daquelle momento de horror, em que toda a natureza se cobriu de lucto! E os povos correram á porfia, os ricos atraz dos pobres, em busca daquelle herança, que tinha por unica condição o amor! o amor de Deus, e do genero humano! E a mulher até então ludibrio da força brutal recobrou sua independencia perante o homem; e o feroz patricio de Roma *civilisada*, que sustentava suas moréas com escravos partidos em postas, curvou a cerviz orgulhosa ao suave jugo da Cruz, e abraçou o escravo como irmão! E o Judeu, sem templo, e sem patria, errante por toda a face da terra começou então o seu perpetuo caminhar, levando impressa na fronte a sentença de interminavel exilio!

Desde esta epocha, de todas a mais memoravel dezoito paginas foram desenroladas pelo dedo da Providencia no livro, em que se acham escriptos os destinos dos seculos, e em cada uma dellas appareceu sempre estampada a Cruz, outr'ora emblema d'opprobrio, acima dos diademas dos reis, e fóra do alcance do sceptro de ferro dos tyranos. Cuidaram os *espíritos fortes da França*, e os *espíritos livres da Allemânia*, que na pagina decima nona appareceria derribada a Cruz, e arvorado em seu lugar o estandarte do atheismo, e do nada: assustava-os todavia, que achassem echo aquellas notaveis palavras do oraculo da revolução: » confessemos á face de todos os povos e » nações, que Deus é pelo menos tão » necessario á França, como a liberda- » de: arvoremos em todos os departa- » mentos o signal do Christianismo para » que nos não imputem o crime de ha- » vermos pretendido frustrar o ultimo re- » gresso da ordem publica, e apagar a » ultima esperanza da virtude desgra- » çada.» E por isso, ao volver da pagina fatal, elles fixaram os olhos na praça da Revolução para contemplarem os horrorosos sacrificios de sangue, que na cegueira do delirio destinaram para a divindade de seus sonhos. . . Mas a decima nona pagina se volveu, e no cimo della appareceu estampada a Cruz affrontando os pavorosos escarcéos das revoluções! Os *espíritos fortes* esmoreceram: as palavras do rival de Demosthenes tinham achado echo em muitos jovens corações dentro e fóra da França.

» Depois de haverem experimentado » todos os systemas, e uma a uma todas » as philosophias; depois de terem consumido todos os esforços e regressos » do saber humano « diz um distincto » escriptor Francez da nossa idade (*) », » embebidos em tristeza, e saltcados » d'um cansaço indefinivel appellam os » homens para aquelle que impera nos » Céus. Litteratos, orientalistas, enge-

(*) Reselly de Lorgues.

»nheiros, magistrados diplomatas, na-
 »turalistas, advogados, professores,
 »todas as capacidades, todas as forças
 »intellectuaes da nossa idade desde a
 »gente moça da *eschola polytechnica até*
 »a *velha academia*, se apinham com
 »assiduidade ao redor da cadeira evan-
 »gelica . . . Nos discursos publicos, nas
 »orações recitadas nos Odeons, Athe-
 »neus, e Academias o espiritualismo
 »levanta a voz. . . Fallava-se outr'ora da
 »Natureza, hoje falla-se do Creador. . .
 »Definha-se de despeito na deserta aula
 »a philosophia materialista; os órgãos
 »desta falsa sciencia sentem em vida so-
 »bre si o peso do esquecimento seme-
 »lhante ao da lousa sepelchral, ao passo
 »que a *mocidade* concorre com trans-
 »porte para onde quer que uma promessa
 »de immortalidade, uma faisca de fé lhe
 »esclarece as almas. . . . Já Benjamin
 »Constant observando os primeiros as-
 »somos desta regeneração moral, escre-
 »via: ao rebentar da revolução do seculo
 »18, a incredulidade quasi universal-
 »mente acolhida com favor começou a
 »professar publicamente suas doutrinas;
 »são passados quarenta annos, e um
 »movimento mysterioso, uma necessi-
 »dade, uma sedo de esperança se mani-
 »festa por toda a parte. Verdade é que
 »ainda um certo numero de individuos
 »imaginam, que affectando um orgulho-
 »so scepticismo, se acreditam por es-
 »piritos superiores, mas a *mocidade es-*
 »tudiosa, que se vai criando, delles se
 »arreda e foge, e para quem não é cego
 »por querer é visível que um impulso nos
 »vai conduzindo á fé».

Para a fé, repetimos nós, por que o
 sêllo da fé vemo-lo profundamente im-
 presso nos corações ainda virgens da
 mocidade do nosso seculo! para a fé,
 porque a fé, mysterioso presente do
 Céu, em que mãos se depositará tão di-
 gnas, como as que primeiras para elle
 se erguem puras depois d'uma epocha
 de crimes? A mocidade estudiosa da
 nossa Universidade tambem se sente
 arrastada por esse impulso para a fé;

um instincto occulto a leva a procurar
 com que saciar a sede de meditações
 religiosas, e a essa necessidade nos pede
 ella, que sacrificuemos ao menos uma
 columna do nosso jornal. . . Sim: al-
 mas, que não rojaram ainda aos pés do
 sordido idolo do interesse, peitos onde
 se casam em mystico abraço a pureza
 do amor, com a ingenuidade da fé, são
 as aras mais sanctificadas na nossa ver-
 dadeira creença; e sobre ellas offerece-
 remos aos Céus um tributo de nossos
 pensamentos de Christão.

CAPITULO I.
 O GENESIS E A GEOLOGIA.
 I.

In principio creavit Deus caelum et terram. (1)

MONARCHA dos seres da terra, que a
 pezar de lhe vergarem com o peso de
 grossa cadea as mãos creadas para ma-
 neejarem o sceptro da intelligencia, ain-
 da na humilhação do captiveiro não
 depôz o orgulho da realeza, o homem,
 fatigado do mysterio, que por toda a
 parte lhe rodea o ser, e a vida, não pô-
 de nunca abster-se de arrojarse pelo spi-
 rito em temerario vôo pelos immensos
 espaços da eternidade, como para assis-
 tir ao spectaculo augusto, solenne, e
 incomprehensivel, em que do seio do
 nada brotára inesperada a existencia.

E o espirito do homem por muitas
 vezes a sós com o seu orgulho divagou
 errante pelos abysmos do nada, e nem
 se quer pôde encontrar a quem pergun-
 tasse pelo ser, e pela vida: era como a
 ave do deserto, que demandando remo-
 tos climas, em vão procura na extensão
 dos mares o pincar ao menos d'um ro-
 chedo para repousar seus vôos.

E elle folheou depois o vasto livro da
 natureza, interrogou o mappa do uni-
 verso, e ali buscou os traços da esphe-

(1) No presente artigo nunca teremos o arrojado de dar as nossas idéas, como genuina interpretação do texto sagrado: quanto dizemos, consideramos, e queremos, que todos o considerem, como uma coisa muito menos, que paraphrase, de accordo todavia com as idéas vulgarmente adoptadas pela maior parte dos Geologos.

ra, que separava o mundo do nada: mas nem comprehendeu a linguagem da natureza porque a linguagem da natureza é singela, e só os humildes a entendem, nem achou os limites entre o ser, e o nada, porque entre o ser e o nada ha uma distancia infinita, em que a soberba do espirito se abysma, e perde!

E o livro de viagem do espirito do homem ahi ficou com todas as paginas em branco, apenas no sello lhe escrevêra o orgulho duas palavras de loucura — eternidade do mundo!... O mundo eterno! as leis e materia sem legislador, e sem principio! A materia! um composto de tantas partes! eterna e sem causa! e cada uma dessas partes tambem por consequencia eterna, e não tendo fora de si, onde beber a existencia, encerrará na sua mesma natureza a necessidade, a sede, e juntamente a fonte do proprio ser?... Oh! pois tenha cada uma dessas partes uma existencia necessaria; exista só por si, que ella não poderá existir sem todas as outras, por que todas as outras são como ella necessarias! Ella será então necessaria, e não necessaria ao mesmo tempo! será o emblema do mais grosseiro dos absurdos; e do fundo desse ser contradictorio, do centro desse nada real, uma voz apenas sairá, que hade gritar ao orgulho do espirito do homem — DELIRIO!

E eu vi, que o espirito do homem reconheceu aquella voz, olhou para o seu mundo eterno, e já o não encontrou; sentiu-se por toda a parte rodeado pelo nada, estremeceu, quebrou o sello impio do seu livro, e deixou o labyrintho das especulações: voltou para o coração do homem, e lá encontrou um sentimento mais profundo, que todas as theorias; viu a luz suavissima da fé, e ao clarão desta luz pôde chegar até as raias da existencia, e presentir dalli o insondavel abysmo, que a separa do nada, mas esse abysmo todo cheio por um Ente, que se estende ainda além do ser, e do nada!

E então já despido de soberba, o espirito do homem voltou de novo a contemplar o universo: abriu segunda vez o seu livro de viagem, e perguntou ao firmamento, quem era esse Ente, cuja gloria se manifestava no fulgor dos astros; perguntou aos mares, quem era esse Ente, cuja omnipotencia se revelava na magestade da procella; perguntou ás florestas, quem era esse Ente, cujas promessas de amor se escutavam no murmuro das brizas; perguntou ás montanhas, quem era esse Ente, cuja lei suprema lhe repetiam os échos; perguntou aos seres animados quem era esse Ente, cuja incomprehensivel sabedoria lhe faziam adorar os mysterios da vida; e o firmamento, os mares, as florestas, as montanhas, os animaes, o universo inteiro só lhe responderam — fé! e elle voltou-se para a fé, e a fé lhe disse — DEUS!

(Continuar-se-ha.)

G. de A.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

ANOTAÇÕES A WALDECK
POR

M. M. da Silva Bruschy.

Debaixo deste modesto titulo está publicando o A. um Comtentario ao Compendio das Institutas de Waldeck, em que, com muita claresa, methodo e concisão, expõe as doutrinas dos melhores JJ. antigos e modernos, omitidas n'aquelle excellente Compendio.

Recommendamos esta obra utilissima a todas as pessoas, que se entregam ao importante estudo da Jurisprudencia Romana. E não acompanhamos esta noticia de apparatusos elogios, em primeiro lugar porque as pessoas que não conhecem o nosso caracter, haviam de attribui-los á amizade que nos liga ao Sñr. Bruschy, e em segundo porque entendemos que o melhor elogio desta obra se encontra na sua leitura

J. da Rocha.

CONSELHO SUPERIOR

DE

INSTRUÇÃO PUBLICA.

Foi este corpo collectivo—contro director de toda a instrução, e coroa do edificio litterario—creado pela Lei de 20 de Setembro de 1844, e collocado em Coimbra para aproveitar a rennião das sciencias e das letras neste local.

Na ausencia do Ministro do Reino, Presidente do Concelho pela Lei, preside o Reitor da Universidade.

Compõe-se este Concelho de tres secções—*Instrução primaria—secundaria—e superior*. Tem oito Vogaes ordinarios, e Vogaes extraordinarios sem numero fixo, porque o são todos os *Oppositores e Doctores addidos*.

Tem duas vezes por semana *conferencias ordinarias* de Concelho, e antes d'estas *conferencias de Secções—conferencias geraes* de todos os vogaes duas vezes por anno—e *conferencias extraordinarias* de Concelho e de Secções particulares e geraes, sempre que o serviço exige.

Constituido em 9 d'Outubro, o Concelho tem-se occupado, alem do seu expediente ordinario, de varios trabalhos organicos indispensaveis para reduzir a marcha da administração a um andamento regular.

Na primeira conferencia geral celebrada a 19 de Dezembro deu o Concelho conta de importantissimos trabalhos, e consta que alguns foram já remettidos ao Governo de Sua Magestade; entre estes um regulamento geral para creação de escolas normaes, e outro para a administração da instrução primaria. Varios trabalhos de organização de livros elementares foram distribuidos pelas Secções aos S.^{tes} Vogaes addidos, que actualmte d'isso se occupam.

Consta que vai ser remettido em breve ao Governo um relatório geral da
N.º 2 — 1.º de Abril de 1845.

instrução publica, para ser presente ao Corpo Legislativo.

Temos provas da intelligencia e circumspecção com que o Concelho vai dirigindo o exercicio de suas funcções, em um projecto de instruções circulares, que foram dirigidas a todos os seus delegados, sobre a execução de varios artigos da novissima Lei.

Creando esta o principio das multas pecuniarias (novo entre nós) para obrigar os chefes de familia a mandarem seus filhos às escolas primarias, é de recar que encontro resistencias filhas de inveterados habitos, ou da ignorancia dos incalculaveis proveitos que as classes laboriosas podem tirar da instrução. Havendo alem d'isso circumstancias que obrigam a modificações na execução practica da Lei, taes como distancias, pobreza, rigor de estações; e não se podendo pôr toda a confiança no escrupulo e necessaria prudencia, com que autoridades administrativas subalternas não-de dirigir a execução de uma medida coerciva e desconhecida: consta que o Concelho por evitar occorrencias desagradaveis que muito prejudicaram ao gosto de propagar a instrução, regula nas suas instruções circulares a execução da Lei por fórma que é de esperar não seja necessario recorrer á imposição das multas, ou quando se recorra seja em tempo que a justiça e necessidade da medida se achem plenamente justificadas.

Procedendo com esta prudencia mostra o Concelho que conhece muito bem os offeitos que em outros paizes tem produzido aquella sanção penal, sendo differentes e até contrarios conforme tem sido executados mais ou menos cautelosamente.

Aguardamos a conferencia geral do verão para conhecer mais circumstanciadamente o estado dos trabalhos organicos e administrativos d'um corpo que hoje attrahe as attentões publicas.

— 18010 —

INSTITUTO DRAMATICO.

Nas sessões de 8 e 12 de Março foram apresentados e lidos ao Instituto os dramas — *D. Sisnando*, em 3 actos, e em verso, reformado pelo seu auctor O Sr. Jozé Freire de Serpa, membro e Presidente honorario do Instituto; — e *Uma Judia na corte d'elrei D. João* 3.º, em 5 actos e 9 quadros, do mesmo auctor.

Na sessão do dia 15 teve logar a discussão d'estes dramas, dos quaes o 1.º foi approvedo, para poder ser representado quando as circumstancias do theatro o permittirem; e o 2.º para ser levado á scena no corrente anno, ficando salvo ao auctor o direito de lhe fazer as alterações que julgar conveniente.

Falláram largamente muitos dos Membros ácerca do 2.º drama. Mencionaremos mais amplamente algumas suas observações quando apresentarmos o juizo das provas publicas, a que a peça vai ser submettida.

— 18010 —

INFLUENCIA DO CHRISTIANISMO
SOBRE A LEGISLAÇÃO.

On a toujours vu la religion
assisé près du berceau des
peuples, et la philosophie sur
leur tombeau.

M. de Lamennais.

O Objecto, que nos propomos tractar, é por sua natureza vastissimo, e de um interesse igual á sua vastidão. Não escrevemos porém uma obra que abraja e desenvolva todos os pontos capazes de entrar neste quadro historico e philosophico; nem as columnas de um jornal nem a capacidade do auctor estão em relação com tal desenvolvimento. O nosso fim é mais modesto, mas nem por isso o julgamos menos util; queremos mostrar que a mocidade academica *ancea* pelo exame das mais importantes questões moraes.

Não escasseiam entre nós pennas capazes de o fazer, cumpre porém a um jornal estabelecido no centro da unica Universidade portugueza, levantar a voz da supplica, para que sendo ouvida se satisfaça esta necessidade litteraria e moral.

As idéas do justo e das regras que lhe marcam os limites são de tal sorte ligadas com o espirito de elevação do sentimento religioso, *sentimento que nos faz recorrer a uma causa prima de todas as relações*, que a sua separação só pôde produzir o definhamento do corpo social; porque *materializando* os laços moraes que ligam os homens, os torna quebradiços á força de os seccar. E neste sentido é que tomámos por epigrapho o *pensamento* de Lamennais.

Todas as vezes que a philosophia com o seu *frio* escalpello de analyse dissecar o homem social, para depois com seus membros frios e inertes reconstruir o edificio social, o resultado será uma mumia, um todo sem movimento, e privado de sensações; e no entanto é no movimento e sentimento que consiste o existir dos homens e dos povos.

Estas razões tem feito sempre associar a religião com todas as legislações, embora a *lettra* da Lei o não diga: o seu espirito exprime-o.

O Direito reflecte mais ou menos confusamente as idéas dos povos; e em que povo a idéa da religião não é a maior, o mais arreigada?

A par dos motivos politicos, historicos e locaes que entram na composição da legislação de um povo, a religião é sempre o mais poderoso, talvez mesmo por ser o menos apparente: porque tal é tambem a vaidade do homem, que se assim não fôra, tiraria motivo de revoltar-se da sublimidade do juço.

Será o principio religioso do Christianismo que tractaremos de descubrir na legislação, como em um espelho.

Limitamo-nos a examinar a influencia do Christianismo, por isso que esta religião foi a que mais contribuiu para a mo-

dificação do Direito romano *fonte de todas as legislações dos povos da civilização moderna*, — por conter em seus dogmas os mais verdadeiros principios do justo, e muito principalmente porque religiosa, historica, e philosophicamente cremos no seu *catholicismo* ou universalidade, — por ser a unica religião capaz de se adaptar a todos os progressos de civilização, — por ser de si a mais *humana*, e consequentemente a mais progressiva de todas as crenças.

» A philosophia christã é a base do nosso Direito, e, juridicamente fallando, viemos por ella mais do que pelas idéas herdadas do mundo romano e grego.» Exclama Troplong depois de analysar a influencia do Christianismo sobre o Direito romano.

E affirmaremos nós que a civilização moderna já não carece d'esse elemento na sua legislação, porque se acha de ha muito emancipada?

Certo que não. O genero humano *um* na sua origem, mas dividido em ramos de diferentes idades, e formas é semelhante a uma arvore immensa, cuja seiva o Christianismo tem modificado, e tende a transformar completamente.

Os meios de comunicação, que os progressos das sciencias appresentam actualmente, estão todos *monopolizados* em mãos christãs. A imprensa entre os Chins anterior ao invento de Guttenberg na Europa, não communicou ao mundo as idéas e artes da China, e no entanto a imprensa europea espalha hoje por todas as regiões do Globo as idéas christãs. E donde provém este espirito de *propaganda civilisadora* dos povos europeos senão do Christianismo? O *mohometismo* com as leis do *Al-Koran* estacionario, fatalista, e local delinha-se no meio de ruinas; a *idolatria* com o seu materialismo legislativo, com a escravidão e inferioridade social das mulheres perece, e vê diminuir diariamente o numero dos seus sectarios; o *atheismo*, o *pantheismo* e o *scepticismo*, nunca chegaram nem chegarão a influir nas leis dos

povos, porque absurdos, aridos, e desconsoladores nunca podem lançar raizes nos corações das *massas*, que constituem as nações.

Sómente o Christianismo com a sua charidade paternal, com a emancipação do sexo feminino, com a *monogamia*, com as idéas de igualdade legal, com a anniquilação da escravidão, com a religiosa observancia da palavra, tem em si todos os elementos constitutivos de organização social verdadeiramente humana, e por consequente verdadeiramente progressiva.

Constituir a familia sobre bases estabeveis, assegurar a propriedade, e dar verdadeira força aos contractos, tem sido os effeitos da civilização christã sobre as legislações modernas.

Será tambem esta a marcha que seguiremos na exposição das nossas idéas. Oxalá que as columnas da *Revista Academica* possam despertar os eugenios portuguezes, e que materias tão importantes sejam tractadas como devem ser por quem o pôde fazer.

1.

No exame da familia, as legislações dos povos christãos appresentam-nos tres especies de relações, em que visivelmente encontramos a philosophia christã com toda a sua sublimidade, e pureza. O matrimonio, o patrio poder, e a sociedade do amo com o criado.

Nos codigos em que não tem sido *infiltrados* os principios do Christianismo, ou se permite a *polygamia*; e então a escravidão das mulheres, consequencia necessaria e logica de um tal estado, para que um só possa dominar sobre muitos, (como nota Montesquieu); ou então a *monogamia*; e tudo é n'ella sensual e material.

As mulheres pelas legislações orientaes ou são as escravas de seus indolentes senhores, ou victimas sacrificadas á satisfação dos seus prazeres sensuaes. A tyrania a braços com a desesperação, ou o entorpecimento moral e physico

da metade do genero humano, são os quadros que estas legislações nos apresentam.

No occidente a prostituição honrada e acatada nas *Lais e Aspasias*, punida severamente nas esposas, prôva que os Gregos, com quanto menos sensualistas que esse Oriente, onde tinham ido beber os elementos da sua civilização, eram com tudo *egoistas*, pois era o *egoismo*, que os fazia amar na mulher cortezã o mesmo que castigavam na matrona.

Entre os Romanos, esse *povo rei*, cujos principios de legislação ainda hoje se encontram em todos os Codigos, tempos houve nos quaes o *uso* e a *compra* eram os meios de contrahir os laços conjugaes.

Estava porém reservado para esse povo ser o principal instrumento do estabelecimento do Christianismo; e foi no apogeo da sua gloria que sobre elle raiou a estrella nascida na Judea.

Cruenta foi a batalha do elemento pagão dos Romanos, com o Christianismo, mas cada illustre athleta da nova lei que succumbia, *rubricava* a sentença condemnatoria de uma idéa antiga.

Desde os tempos de Alexandre Severo que collocara Christo no numero dos Deuses, até os de Constantino o espirito do Christianismo ganhára a victoria intellectual. Não foi um *Senatus-consulto* do Imperador Theodozio (Gibbon t. 5. Chateaubriand t. 2.) que destronisára Jupiter do Olympo, foram as idéas do *monothismo* Christão; assim como não tinham sido as Leis de Constantino que tinham dado a victoria ao estandarte da Cruz, porque no mesmo anno (321) em que mandára sanctificar o Domingo mandava consultar os aruspices (L. 4. Cod. Theod. l. 16. tit. 10. L. 3. Cod. R. Pre. l. 3. tit. 2.).

Não foram os Decretos dos Principes, foram os principios christãos que *incarnados* nas almas dos Jurisconsultos Romanos, os fazia professar doutrinas contrarias ás idéas antigas, e de tal modo

christãs que S. Agostinho chama á legislação romana divinamente inspirada — *Leges Romanorum divinitus per ora principum emanarunt.* —

Nenhuma instituição social se desenvolveu mais promptamente ao bafo creador do Christianismo, do que o matrimonio.

A corrupção dos costumes tinha produzido o divorcio nos fins da era republicana, e o celibato era o estado appetecido nos primeiros tempos do Imperio. Os fragmentos da L. Julia Papia que possuímos são provas do mal, e da má escolha do remedio; não são os *desejos* das honras e privilegios, não é a avareza, o que deve levar o homem a contractar a mais doce de todas as ligações, como quer essa Lei: devem ser os principios do Christianismo.

Segundo estes, o matrimonio deve ser o resultado de uma vocação livre: é uma benção divina, e um alto ministério conferido pela graça (S. Math. Cap. 19.) E são estes principios de liberdade que vemos sancionados nos Cod. Theodosiano e Justiniano no tit. de infirmam. pæn. calib. Ainda mais a L. 29. C. de nup. declara validos os matrimonios entre pessoas de diferentes jerarchias. O Imperador esposo da Actriz Theodora passava o nivel christão sobre desigualdades, que razões *humanas* podem acatar, mas que o Christianismo não pôde admittir.

Foi por conseguinte o Christianismo que destruiu a Legislação antiga á cerca do matrimonio.

No entanto esta missão não estava acabada, não bastava tornar livre o matrimonio, porque essa liberdade lhe podia ser nociva. O Christianismo tinha herdado os principios do livro da Sabedoria (Lib. Sap. Cap. 4. v. 6.) *E os filhos das noites dedicadas ao crime serão. testimnhas contra os seus auctores.*

Os filhos d'essas uniões formadas pelo delirio das paixões, veem ao mundo marcados com o ferrete do infortunio, enfermos physicamente, deshonrados pela

incerteza da paternidade e dissolutos costumes de suas mães, e sem posição na sociedade. Taes inconvenientes não podiam escapar ao Christianismo, e por isso elle proclama, *que os appetites carnaes devem ser regulados pelo espirito* » (S. Paul. ad Galat. Cap. 5. v. 17.)

Custosa foi de conseguir a sanctificação do matrimonio. Somente em uma Lei de Justiniano se acha mencionada a festividade religiosa do casamento (Nov. 74. § 1. e conforme alguns a L. 24. C. de nupt.), mas ainda depois o Imp. Leão (Nov. 89.) condemna o olvido da intervenção religiosa!

Comparemos o Direito romano e o Evangelho definindo o matrimonio. — *Conjunctio maris et feminae, et consortium omnis vitae* — lhe chama aquelle (L. 1. ff. de rit. nup.) — *Duo in carne una* — diz este (S. Math. Cap. 19 v. 5.) e acharemos proclamados os principios da moral christã, com respeito ao matrimonio.

Elevada a mulher ao alto sacerdocio de Mãe de familias, o Christianismo deu-lhe a mais sancta e sublime de todas as missões; verdadeira enviada do Céu, a sua união celestial com o homem resumem nos nomes de esposa e mãe quanto ha de mais bello e puro no circulo das affeições humanas; não satisfaz uma necessidade fatal da humanidade, diviniisa a amizade; e o coração da mulher foi pelo Christianismo transformado em outra lyra de Orpheu; fazendo vibrar as cordas tão harmoniosas da ternura feminina em beneficio da humanidade.

Foi a mulher emancipada, e nas mãos do Christianismo é o instrumento talvez mais poderoso da civilização do homem. Todas as Legislações modernas o reconhecem, e sancionam; ainda quando consideram o matrimonio pelo lado simplesmente civil.

Tal foi um dos effeitos do Christianismo sobre as Legislações modernas.

(Continuar-se-ha.)

S. B.

ABBADONA E ADRAMELEC

ou

O DEMONIO ARREPENDIDO E O DEMONIO CONTUMAZ

(Fragmento Traduzido do allemão de Klopstock)

*Abbadona, nur er war unbeweglich geliebt,
Folgte von fern &c.*

Messias II Ges. v. 743,

Abbadona, que só ficara immovel.
De longe os foi seguindo:—ou dissuadi-los
Elle tentava das lenções damnadas,
Ou ver o fim d'esse attentado horrivel:
Seus passos lentos são:—no umbral das portas,
Que os seios guardam da infernal morada,
Os anjos do senhor continuo velam.
Abbadona infeliz, qual dor a tua
Quando o invencivel Abdiel lá viste!
Os olhos abaixou:—na escolha incerto
De parar ou fugir ou mergulhar-se
Outra vez na mansão dos ais, das trevas,
Parou tremulo, enfim, entre os limites
D'esse imperio do mal, e d'estes mundos,
Que Deus plantára, em dia glorioso,
Nas campinas do orbe immensuravel.
O coração no peito arrependido
Do desgraçado ancioso bate, e o pranto
Lhe queima o rosto livido—esse pranto,
Que aos anjos dado é só: do fundo seio
Longos suspiros de afflicção lhe fogem:—
Duradouro pavor, pavor ignoto
Da morte aos filhos, lhe sacode os membros
Quando onsa proseguir:—Abdiel, em tanto
Placido, os olhos tem fitos nos mundos
Do creador, a quem leal ficara:
E Abbadona passou sem que elle o visse.
Qual inda joven, na manhã primeira,
O sol fulgiu, fulgiram sobre a terra,
Creada apenas, os suaves dias
Da primavera, o seraphim fulgia;
Mas seu brilho não chega ao desditoso
Abbadona, que avante solitario
Segue, e apoz um suspiro, assim exclama:
» Abdiel, meu irmão, tambem tu queres
» Affastar-me de ti eternamente!
» Deixar-me queres tu, de ti distante,
» Eternamente na solidão jazendo?
» Choraes, filhos da luz, meu fado adverso!
» Nunca mais, nunca mais elle hade amar-me!
» Desfolhae vossas flores, bosquesinhos,
» Onde acerca de Deus santos colloquios
» Sob as azas d'amor ambos travámos!
» Lagos, juncto dos quaes ontrora, ternos,
» Eulçados, os canticos erguemos,
» Com voz suave, a Deus; oh vós, seccae-vos!
» Meu irmão Abdiel, és morto, és morto,

» Eternamente para mim!—Escura
 » Morada minha, Inferno; oh mãe das dores,
 » Interminável noite, a perda sua
 » Vem comigo chorar!—um ai me envia
 » Das tuas serras lobregas que o susto
 » Em mim verte o senhor! Irmão, amigo,
 » Abdicai, para mim és morto, és morto!
 Lamentava-se assim voltando a face
 Para nem dos lados, tremulo; aterrado
 Pelo alado trovão e pelo brilho
 Dos astros de Orion que a encontra-lo correm
 Ao penetrar na immensidão dos orbes,
 Eras tinham passado em que os não vira,
 Na soledade immerso e entregue todo
 A' sua desventura:—então immóvel,
 Pensativo os olhava e assim dizia:
 » Penetral venturoso, ah! que eu pudesse
 » Voltar por ti do Creador aos mundos
 » E nunca mais entrar no escuro abysmo
 » Da maldição!—Oh soes innumeráveis,
 » Filhos da criação! que vós fulgente
 » Não era eu mais, quando do eterno ao grito,
 » Surgistes fulgurantes, despedidos
 » Lá da mão do Senhor?— Ora eis-me envolto
 » Na minha escuridão, maldicto e odio
 » Do sublime Universo!—oh céu fulgente
 » Ao vêr-te gélo e tremo!—um criminoso
 » É la que eu fui—lá fui de Deus contrario!
 » Tu socego immortal onde ficaste?
 » Tu, socio meu no valle da alegria?
 » Ah, em logar de ti um triste espanto
 » O meu juiz apenas me concede,
 » Ao ver os mudos seus!—Fosse-me dado
 » Senhor chamar-lhe ajoelhando, ao menos!
 » De bom grado de pae cedera o nome,
 » Nome terno, que dar lhe os anjos podem,
 » Que lhe foram fieis, que são seus filhos,
 » Do mundo julgador! eu condemnado
 » Nem te posso implorar que neste abysmo
 » Sobre mim lances um olhar sómente!
 » Idéa escura! tormentosa idéia!
 » O desespero e a dor é minha herança!
 » Antes não existir. —Mal bajas, dia,
 » Em que o meu creador me ha dicto=existe=
 » Tu surgias então lá do oriente
 » Envolto em luz de gloria—e o coro de anjos,
 » Arrancados como eu do nada obscuro,
 » Me chamaram irmão:—dia odioso
 » Maldicto sejas tu!—Eternidade,
 » De immensas dores mãe, porque o geraste?
 » E se, na serie dos ligeiros tempos,
 » Não era dado aniquillar tal dia,
 » Negro fosse elle como eterna noite
 » Procellosa, mortifera, surgindo
 » Do fulminante à voz, erma das obras
 » De Deus, e em luto e colera revolta...
 » Mas contra quem, malvado, te enfureces,
 » Ante estes orbes, que te não visto o crime,
 » Imperdoavel crime?—Astros, mundo,
 » Sobre mim vos lança!—cubri-me, estrellas,
 » Do tremendo furor d'esse, que in'migo

» E junctamente julgador me aterra;
 » Do throno da vingança interminavel!
 » Oh tu, nos teus juizos sempre o mesmo,
 » Inexoravel sempre—Oh Deus!—na tua
 » Eternidade do porvir não resta
 » De esperança uma sombra? Ah tu divino
 » Juiz, és creador,—és pae piedoso?.....
 » Que disse?—contra Jehovah blasfemo!
 » Trahiu-me o coração meu desespero!
 » Eu o nome lhe dei—sagrado nome—
 » Que a peccador algum, que já não possa
 » Ser redemido, concedido é dar-lhe.
 » Eu fugirei!—trovão omnipotente
 » D'elle vindo já ruga e horrido rasga
 » A influidade?—onde esconder-me?—Eu fujo!
 Disse —e turbado olhou do abysmo o seio.
 » Tu que podes sumir-me, o triste clama,
 » Um fogo cria, oh Deus, que me devore.
 » Que aniquile um espirito! Insondavel
 » Deus, nos juizos teus...

Debalde implora:

Nenhum fogo de morte alli se enflama.
 Então, voltando se retrac por meio
 Dos orbes—tresfolgando, em cima pára
 De um iminente sol:—d'alli os olhos
 Para baixo lançou:—astros e astros
 Embatendo-se vê, quaes igneos lagos
 Errante um globo terreo se aproxima;
 Rebãte contra o sol:—visinho estava
 Seu juizo final: sobre elle atira
 Abbadona consigo, desejo
 De fenecer com elle: em vão o intenta
 Que perver não pôde—e semelhante
 A monte pleno de ossos carcomidos,
 Restos d'homem guerreiro, e monumento
 Das batalhas de outrora—baqueando
 Desmoronado por tremor de terra—
 Tal Abbadona sobre o terreo globo,
 De pungentes remorsos devorado,
 Veiu cair, tombando, lento, lento.

(concluir-se-ha)

A. Herculano.

O LIVRO DE ELYSA

POR
 J. DE LEMOS.

Fragmentos.

I.

ELysa!—Vou escrever um livro, mas
 um livro só para ti.

Ha de ser a traducção do pensamento
 reboando caprichoso por todo esse uni-
 verso; ha-de ser o monumento de uma
 longa saudade engulhosa a não desper-

diçar uma hora de remanso, a não sorrir nem suspirar senão contigo; ha-de ser um jornal do coração de que tu serás o unico assignante, o unico leitor, e mais ainda o unico entendedor; ha-de ser o desapertar incerto de ramalhetinhos da minha musa melancholicamente suave ou desesperada, ha-de ser, enfim, o exercicio de uma devoção sublime do amor. será talvez o de um sacerdotio mysterioso, será de certo o de um martyrio de ausencia pungente.

Anjo! — este livro deve ser muito amado por ti.

Quero-o á cabeceira do teu leito, no teu tocador, na mesa do almoço, no cestinho da tua costura, nos teus passeios, no theatro, no baile, na côrte, na provincia, nos risos, nas lagrimas, na esperanza, no desconsôlo, na vida, na morte. Em qualquer parte, em qualquer circumstancia que te encontres, abre-o; e abre-o com a crença supersticiosa do amor e da ternura que nelle beberás uma superstição amorosa e terna para alegrar-se e para gemer contigo.

Anjo! — este livro deve ser muito amado por ti.

Mas olha que este amor tão pedido para elle, não consiste na presenca inutil e preguiçosa, ou no habito indifferente e quasi que importuno, não: — quero-o sempre ao teu lado, quero-o ainda mais, muito mais, ia dizendo unicamente, no teu coração.

Elysa! é com este nome que me apraz escrever-te, por que uma imprudencia, um acaso natural da minha vida de mancebo podia revelar com o manuscrito a palavra sacramental do meu segredo: — o véu é demasiado diaphano aos meus olhos, será impenetravel aos de estranhos, e para ti é uma prova do meu egoismo ou soffreguidão, que te agradará.

O rei formosissimo de todos os astros nem se offende nem fica menos bello, porque a sombra ligeira de uma nuvem lhe passou pela frente.

Mulher-typo! divindade talvez, ou sonho, ou illusão, ou feitiço, ou sombra, realidade, ou nada — eu te amo! E sabes tu como é este amor? escuta.

Já viste duas pombas a devorar o espaço com as brancas azas de seda, correndo, voando, internando-se por esse azul da cupula immensa, ou pousando á beira d'um lago de saphiras, ditosas na sua loucura, loucas na sua innocencia, innocentes nos seus carinhos? — é o amor da pomba; é o meu amor.

Já viste ao pé dos correços do inverno duas plantas indolentemente enroscadas, teimosas, viçosas, purissimas, cheias de gôso sem futuro, cheias de futuro no gôso? — é o amor da planta; é o meu amor.

Já viste como a rosa, voluptuosamente desabrochada no tugurio verde da sua roseira, é, ao despontar da aurora, tão festejada, tão conversada, tão abraçada, tão beijada, e tão adorada pela brisa? — é o amor da brisa; é o meu amor.

Já viste uma criancinha, que se anda embriagando de folguedos no amanhecer da existencia, e que logo os foge, que os engeita desdenhosa, por que a mãe lhe choveu entre elles, e que desfeita em sympathia risonha, em meiguice, em requebros lhe entreabre os braços e lhe pula ao collo? — é o amor da criancinha, é o meu amor.

Já viste essa mãe carinhosa, errar anhelante, desalinhada, com os pés e os braços nus, o cabello desatado, os olhos em lagrimas, o peito a ondular-lhe, os labios roxos e convulsos, a voz embaciada de suspiros, toda ella uma louca, ou antes um mysterio, toda ella resumida num sentimento indizivel, sublime, divino, a calcar abrolhos, a transpor abysmos, a galgar têsos, a olhar, a escutar, a inquirir homens e pedras, a consultar pégadas, a ferir o rosto com uma das mãos, a esmagar os seios com a outra, e tudo em busca do filhinho, que se lhe perdêra? — é o amor da mãe carinhosa; é o meu amor.

Já viste o proscripto da patria assentado tristemente nos picaros de serra estrangeira, comparando cada pedaço de terra, cada arvore, cada penedo, cada passaro, que lhe descanta, cada choupana, cada homem, cada povo, e os ares, e o horisonte, e as nuvens, e as estrellas, e o sol, e o céu; bradar depois pela patria, só pela patria? — é o amor do proscripto; é o meu amor.

Já viste o marinheiro, nascido e criado nas aguas, identificar-se com ellas, namorar-se do seu navio, brincar-o, enfeitá-lo, acaricial-o sempre, beijar-lhe os cabos e velame, os mastros e o leme, contente vagar pelo estendal das vagas, sorrir ás procellas, sorrir ás bonanças, anhelar de longe uma ilha toda verde, que lhe está accnando na alma; um portó fagueiro, que lhe está alvejando no pensamento, uma estrella da noite, que lhe está radiando no coração; e atirar-se assim de encantado por esse mundo sem raías, a espriguiçar-se nas sensações, a sorver delirios e melancholias suavissimas, ainda que rudes e profundas; ora cavando o pelago com olhos severos, ora analysando o concavo d'um tecto infinito com olhos meditadores; e naquella soidão de que é monarcha, com as suas endeixas e com o seu alaúde, apinboando lá dentro d'alma cada vez mais despresos da terra, mais orgulho e fanatismo pelas suas campinas de cristal? — é o amor do marinheiro; é o meu amor.

Já viste o captivo encostado ao marco de pedra, quasi tão quedo como elle, com a fronte enrugada e em cada ruga um concentramento de paixão, com a vista cravada no ferro, que lhe aperta e enodoa a perna, uma vista tão cravada, tão pegada que a disseras um martello alli fundido por não poder despedaçar aquelle anel; e uma lagrima a resaltar-lhe das faces ao ferro como se fôra o liquido, que havia de dissolve-lo, e a mão estendida e tesa, e depois um sorriso, um sorriso para a liberdade, para aquelle coração outra vez a bater sem abafamentos, para aquelles olhos outra vez

erguidos, para aquelles braços outra vez seus, para aquelles pés outra vez libertos, para aquelle ar que respirava, para aquella casa, aquelles amigos, aquella vida, aquelle mundo, que lá lhe ficou? — é o amor do captivo; é o meu amor.

E já viste, finalmente, o condemnado a quem o vento do sepulchro sacode sobre a escada do cadafalso, que pende para a morte como a hastea, que se murcha, e que d'alli, de sobre esse triangulo erguido para vergonha da humanidade, escarneo de Deus, e epigramma da civilisação, d'alli arremessa uma vista infinita, insondavel, incomprehensivel para a turba, que brutalmente o festeja, mas para a turba, que elle nunca mais ha-de vêr: para o mar, que lhe rebrame ao pé como se cantára uma nenia execravel, mas para o mar, que elle nunca mais ha-de vêr; para os céus, que recamados de sombras como que lhe toldam a esperanza desapiedados, mas para os céus, que elle nunca mais ha-de vêr; para a terra, que lhe floreja ao longe alegre e formosa como se o quizera insultar no ultimo transe, mas para a terra, que elle nunca mais ha-de vêr; para as memorias d'um passado talvez prenhe de sangue e de remorsos, mas um passado, que elle nunca mais ha-de vêr; e essa vista resumida, em fim, a luctar entre a mortalha e o vestido, entre o carcere e a corda, entre a corda e a tumba, entre a morte e a vida, allí lhe foge toda para a vida; para vida, que lhe matam, para a vida tão querida, tão linda e tão dôce olhada do cadafalso, para a vida suspirada, gemida, e anciosamente chorada d'aquella altura tremenda, para a vida por que é sua, para a vida porque é boa, para a vida ainda que fora má? — é o amor do condemnado; é o meu amor.

E como o amor da pomba é innocente a amar a pomba, como o amor da planta é viçoso a amar a planta, como o amor da brisa é nimoso a amar a rosa, como o amor da criancinha é risonho e meigo a amar a mãe, como o amor da mãe é desalinhado e louco a amar o

filho, como o amor do proscripto é gemedor a amar a patria, como o amor do marinheiro é profundo, melancolico e despresador a amar os mares, como o amor do captivo é meditado e desejoso a amar a liberdade, como o amor do condemnado é vehemente desesperado e terrivel a amar a vida, é assim o amor do poeta a uma mulher; — é o meu amor.

E tu és a minha pomba, a minha planta e a minha rosa, a minha mãe e o meu filho, a minha patria e os meus mares, a minha liberdade e a minha vida! — Mulher! eu te amo, eu te amo!



(Continuar-se-ha.)

O MEDICO.

I.

La plus haute mission de l'homme, après celle du service des autels, est d'être prêtre du feu sacré de la vie, dispensateur des plus beaux dons de Dieu, et maître des forces occultes de la nature, c'est-à-dire, d'être Medecin.

Hufeland. — Aphorismes.

Depois da missão do homem que, rompidos os laços de patria e de familia, corre para toda a parte onde ha uma alma que resgatar para o Céu: que, affrontando as iras de povos barbaros e selvagens, vai sereno plantar no meio d'elles a cruz do Redemptor; e só, em paiz desconhecido, sem esperança de gloria, ao som do rugir do tigre, levanta a Deus uma oração pelos homens; — que, desgarrado do mundo, se sujeita a uma vida austera de solidão para ir, no alto dos Alpes, apparecer como um anjo ao desgraçado cujo corpo enregelado com o frio dormia já, sobre um leito de neve, num semno d'onde nunca havia de acordar: — depois da missão deste homem que inclina a sua fronte, encanecida na virtude e na piedade, sobre o leito do

pobre como do rico, do grande como do pequeno; a quem se confiam os segredos mais intimos do coração — unico amigo de quem não tem amigos sobre a a terra — que estende ao moribundo aquella cruz que tantas vezes tem recebido o derradeiro suspiro do homem na hora do passamento, e aquella mão que é a ultima que se aperta ao despedir do mundo, já diante da eternidade! — depois da missão d'este homem, a mais sublime de todas as missões sociaes é a do medico.

Sacerdote do fogo sagrado da vida, o médico, como o sacerdote christão, tem deveres a cumprir igualmente nobres e igualmente sublimes. Diante do doente deve desaparecer para elle toda a idéa de interesse pessoal; deve sacrificar todas as suas conveniencias, a sua reputação mesmo: depositario dos preceitos da arte de curar não ha para elle descanso nem no leito, porque a qualquer hora deve elle correr a toda a parte onde ouvir um gemido do homem que soffre.

Apparece um contagio que caminhando de cidade em cidade vai em cada um de seus passos esmagando milhares de existencias; que fazendo desaparecer, um por um, todos os membros de uma familia deixa apenas ficar, no seu leito de morte, um que viu morrer os paes e depois dos paes os irmãos, que viu morrer a esposa e depois da esposa os filhos; cuja fronte amarellada já está cingida pelo sudario da morte; — um, que ficou só, sem esperanças de soccorro, sem ter ao menos uma creatura humana que o ajude a morrer porque todos o fogem e todos o abandonam horrorisados pelo contagio!; dois homens ha que caminham direito para o agonisante, porque ha naquelle homem dois elementos que precisam ambos do soccorro — o corpo, de saude e de vida; a alma, de consolacão e de esperança.

Grande deve de ser a coragem do medico que assim caminha sereno para o contagio!

O Guerreiro que, no campo da batalha, vai d'encontro ao adversario vê nas mãos d'este scintillarem as armas que o podem ferir e matar, mas vê tam-
bem no polido d'essas mesmas armas o reflexo das suas, vê tambem nas proprias mãos uma espada para cruzar-se com aquella; é uma lucta igual, d'homem para homem, face a face. O contagio é um adversario bem differente, é um inimigo occulto, implacavel, cuja arma se não pôde cruzar com arma alguma, que com força irresistivel abre com uma mão o tumulo para arrojá lá dentro com a outra todas as victimas que encontra no seu caminho; o medico que no meio d'um contagio corre a salvar os doentes bem conhece que caminha sobre um terreno, minado por toda a parte, que pôde a cada momento despedaçá-lo na sua explosão; mas nem por isso, diante de tamanho perigo, lhe entra n'alma mais que um recio — o de chegar já tarde.

No entanto, para o soldado que morreu no campo da batalha ha uma nação inteira para escrever sobre a sua sepultura a palavra — GLORIA: o seu nome escripto na lista dos que morreram pela patria, é lido por todos com respeito e com saudade.

Para o medico que morreu victima de um contagio, que elle arrostou impellido pelo dever e pela charidade, sem ser ao menos embalado por uma esperanza de gloria, ha só o esquecimento de todos os homens!

Bem elevada é pois a missão do medico: para subir á altura d'ella é-lhe necessario passar por bem grandes sacrificios: — mas quantas vezes encontra elle na sua vida uma hora de recompensa que o faz esquecer todos esses passados sacrificios, que vem por momentos trocar por flores os espinhos da sua corôa.

II.

Ame de l'univers, Dieu, père, créateur,
Sous tous ces noms divers je crois en toi, Seigneur!

—Lamartine—

Ja ia alta a noite: o medico cansado das lidadas fadigas do dia atirára-se sobre o leito: mal tinha cerrado os olhos, umas pancadas batidas apressadamente á sua porta, vieram desperta-lo: — era alguem que vinha pedir-lhe soccorro; levantou-se e correu para onde o chamavam.

Entra em uma casa de familia, e vê, estendido sobre um leito, consumido pela molestia, um corpo de mulher para quem a hora derradeira devera de vir bem longe. Examina-a com toda a attenção, não lhe esquece cousa alguma porque todo o pensamento se lhe resumiu numa só ideia — a de salvar o doente. Todos os olhos dos circumstantes estão cravados no medico a ver se podem penetrar o que se passa dentro d'elle: mas de balde! porque o medico é obrigado a trahir os seus proprios sentimentos, e a não deixar transparecer cousa alguma que possa desanimar o doente: só os olhos se lhe ergueram involuntariamente ao Céu como quem dissesse que para aquella alma ja não havia esperanças na terra. Depois recoitou e saiu.

No caminho para casa o medico encontrou-se com o acompanhamento fúnebre de um funeral que entrava na Igreja. O corpo que allí ia morrerá-lhe nos braços no dia antecedente.

Morreu, reflectiu elle, porque a Medicina não teve forças para salva-lo: — os meios que a experiencia ou o estudo me podêram fornecer todos os empreguei eu, mas de balde, para lhe restituir a saúde. Agora que o corpo caiu na sepultura o medico ja nada tem que fazer com elle: aqui só tem que fazer o Christão.

E o Christão entrou na Igreja por unir a sua á voz do sacerdot: que entoava as sublimes palavras da oração

pelos finados; — ultimo serviço que o medico pode prestar ao seu doente.

Se este homem não tivesse cumpri-
do os seus deveres, se tivesse commet-
tido alguma negligencia ou descuido, é
impossivel que a voz da consciencia lhe
não murmurasse la dentro — Alli vai
o cadaver do homem que tu assassi-
naste!

O Medico nada tem com os tribu-
naes dos homens: do que se passou en-
tre elle e o seu doente niagueu lhe pede
contas senão Deus e a consciencia.

Que será pois o medico que não
crê! que não pensa que os homens que
elle precipitou na sepultura são outras
tantas testemunhas que hão-de ser cha-
madas para a sua condemnação no dia
tremendo do julgamento!

Que será o medico sem consciencia!
que não teme que as sombras das suas
victimas venham perseguil-o na hora
terrivel do remorso!

III.

. . . ne songe jamais à toi
mais pense uniquement aux
malades.

—Hufeland.—

O corpo foi entregue á terra. O me-
dico ficou só no meio do profundo si-
lencio do templo, e o seu pensamento se
volveu então para o doente cuja salva-
ção lhe estava confiada.

Em uma lampada pendente do tecto
bruxuleava uma luz que espalhava em
torno uma claridade vaga e incerta.

Ora quasi que se extinguia de todo,
ora, como em um derradeiro esforço,
povoava a Igreja de mil formas mal de-
senhadas que, apparecendo de relance,
figuravam á imaginação do homem o
aspecto de phantásmas.

É a luz a lutar com as trevas — mur-
murou elle — como o homem a quem
o destino vai desenrolar a ultima pa-
gina da vida, a debater-se nos braços da
morte.

Mas num momento eu posso fazer re-

viver essa luz amortecida, esse fogo
quasi extinto! — não poderei fazer o
mesmo ao fogo da existencia que se apa-
ga? não poderei soprar a vida naquelle
corpo que assim escorrega para o tu-
mulo? não haverá alguma esperanza
para ella?!

Meu Deus! Meu Deus! porque fizeste
o soffrimento tam grande e a medici-
na tam pequena!

É o medico saiu: a ideia de salvar
o doente lhe absorvia todo o pensamen-
to: saiu a consultar os livros escriptos
por homens, medicos como elle, que ti-
nham legado aos seus collegas pela im-
prensa o fructo de uma experiencia de
muitos annos.

Ahi o tendes então—o medico para
quem o curar é um fim e não um meio,
que comprehende bem a sua missão e
que conhece quaes foram as obrigações
que contrahiou quando deixou que com
a corôa de Hypocrates lhe cingissem a
fronte—a trocar o repouso pela fadiga,
o somno pela vigilia, porque sabe que
é um dever seu esgotar todos os recur-
sos da arte e porque havia de empregar
todos os meios que a arte lhe fornece
ainda que nisso sacrificasse a vida:—
para elle todos os affectos do coração
lhe desapareceram diante de um affec-
to, para elle não ha naquella hora
no mundo senão o medico e o doente.

Ao lêr as paginas do seu livro as se-
guintes reflexoes lhe occorriam.

•Revolver, uma por uma, todas estas
paginas, e ver por toda a parte, a par
d'esta horrivel molestia, escripta uma
sentença de morte; ver por toda a par-
te, a par do prognostico d'ella, o pavo-
roso epitheto de *fatal*!

Fatal!—palavra que tantas vezes me
fez estremecer no meio da minha car-
reira de medico, que me faz hoje tre-
mer ainda mais porque vem cortar uma
existencia, na melhor quadra da vida,
que me está confiada a mim que fui
chamado para salva-la!

É uma causa sagrada o ter uma vi-
da nas nossas mãos! — e é bem triste o

ver á cabeceira do leito de quem já está pendente sobre o tumulo, os olhos de uma mãe e os de um marido a pedir-nos, por entre lagrimas, uma esperança, quando a cadêa de tão doces affectos que ligavam essa existencia ao mundo tem de dilacerar, no seu rompimento, os corações a que ia prender-se!

Assim desenganado por tantos medicos cujas palavras tinha tantas vezes accreditado nem por isso deixou elle de procurar na sua intelligencia recursos que os livros lhe não davam: á força de meditar encontrou meios que poz por obra e o doente foi salvo.

E as lagrimas de alegria de uma mãe apertando contra o seio a filha que estremecia! e a indefinivel satisfação de um marido apertando nos braços a esposa que julgava perdida para sempre! e o medico no meio d'elles, olhado como um anjo de salvação, a sentir calar-lhe pelas veias aquella alegria, filha da consciencia de uma boa obra, que se sente mas que se não descreve!—que recompensa haverá ali que possa comparar-se com esta! unica que pôde pagar tanto tempo empregado no estudo, tantas horas consumidas nos hospitais, tantas noites passadas á cabeceira dos doentes a contar um por um os ultimos soluços do homem que expira!

(Concluir-se-ha)

A. da S.

DA ANTIGUIDADE E BELLEZA DOS VERSOS OCTOSYLLABOS.

La combinacion octosilábica ocurre tan frecuentemente... que lejos de ser una operacion difícil, á vezes, escribiendo en prosa, se necesita alguna aplicacion para evitarla.

Moura, Leyend. Españ. Pag. IX.

I.

Os pequenos metros octonarios ou de redondilha maior, como os nossos antigos Escriptores lhes chamavam, são,

sem duvida, a primitiva e mais adequada forma da nossa poesia eminentemente nacional:—d'essa mysteriosa e sublime linguagem do pensamento, que de nenhum povo ou nação por nós fôra herdada, mas evidentemente conserva as feições ou caracteres dos Romances historicos, cavalheirescos e provençaes sob um caracter singular—um caracter unico—em toda a peninsula hespanica, se igualmente o não é por ventura em todo o mundo conhecido.

O Sr. João Baptista d'Almeida Garrett, assim como entre nós foi o primeiro, que em 1838, com seu *Auto de Gil Vicente*, soubera abrir e marcar uma nova epocha dramatica para Portugal, assim fôra igualmente o que entre nós em 1828 primeiro se aventurára, com seu *Romance da Adozinda*, a restaurar a elegante forma poetica, que por antiquada vivamente agradára como nova, e por esquecida e despresada entrára a ser de tal modo festejada, que desde então se começaram a escrever composições poeticas d'alguima grandeza ou extensão nos pequenos versos de oito syllabas:—nos lindos metros de redondilha perfeita, que desde os tempos de João Boscan e Garcilaso de la Vega em Hespanha e logo de Francisco de Sá de Miranda e Antonio Ferreira em Portugal, começaram a cair em grandissimo desuso e abandono e a sómente ser empregados nas voltas e glosas, e nalguns poucos mais generos de poesias ligeiras.

II.

Entre as antigas trovas, coplas, villancicos e mais composições metricas anteriores ao seculo XVI, e que tanto se encontram na poesia castelhana como na portugueza, nenhuma ha, na verdade, que mais facil, mais natural e mais accommodada seja á idiosyncrasy dos idiomas peninsulares e ao genero de certos assumptos, do que os lindissimos versos octonarios: e se do seculo XVI com attenção nos voltarmos para o exame das poesias dos seculos, que até o nosso se

lhes tem seguido, exuberantes provas encontraremos ainda do rigoroso de nossa maneira de sentir.

Passaremos com effeito uma revista geral pelo que ha de melhor e mais bello nos Parnasos hespanhol e portuguez e plenamente nos daremos por bem pagos e satisfeitos do nosso trabalho discriminativo; e como a litteratura hespanhola tão rara e tão pouco conhecida é etre nós, que quasi parece, que com ella andamos divorciados e desintelligentes, não sómente promettemos publicar sobre ella, nas columnas d'este *Jornal*, uma serie d'artigos ou apontamentos desde os mais antigos tempos até o presente anno de 1845, sem que todavia nos obriguemos a seguir uma ordem ou successão estrictamente chronologica, mas apresentaremos ainda alguns exemplos ou especimenes de poesias hespanholas, a que nestes artigos nos referirmos: e pesada magoa nos fica, de que a natureza da *Revista Academica* nos não permita poder demorar nos mais neste importante genero de exemplificações, e nos obrigue muitas vezes a sacrificar a belleza e elegancia d'algumas composições metricas á pouca extensão d'outras muitas poesias hespanholas de muito menor valor.

E não devemos admirar-nos de se não encontrar em muitos Romances antigos todas aquellas palavras antiquadas, com que sem duvida deveriam ser compostos pelo povo trovador. Estas feituradas dos poetas leigos e rusticos eram d'antes transmitidas oralmente de idade em idade; que se desconhecia ainda a felicissima invenção de Guttenberg: as novas gerações modernisavam, pela natureza das cousas, os cantos populares que seus avós lhes legavam: e por con-

seguinte é claro, que os primitivos Romances—os cantos eminentemente nacionaes—só nos podem conservar, apenas, a construcção e cadencia das antigas linguas rusticas:—só nos pôdem ter chegado, depois de tantos seculos, como chegára aos Gregos a nau do Colchos. As formas ou feições pôdem ser semelhantes ás dos originaes e por ventura as mesmas, como parece observar-se em muitos Romances, em que se acham intercalados alguns fragmentos d'outros Romances evidentemente muito mais antigos; mas os adornos ou os atavios trazem consigo, em geral, o caracter dos diversos tempos, em que foram talhados.

III.

O inconnexo estylo e a singular versificação da maior parte dos variados Romances hespanhoes *historicos, cavalleiros e amatorios*, muitos dos quaes cuidadosamente foram recolhidos da tradição oral dos povos e publicados pela primeira vez no mil vezes rarissimo *Cancionero de Romances*, reimpresso em Anvers no anno de 1555:—nesse apreciavel Cancionero de *cantigas populares*, que antes da desconhecida primeira edição d'esta Obra nunca tinham sido impressas nem sequer existiam manuscritas:—o seu estylo e a sua versificação quasi sempre pouco regulares, de novo o repetimos, cançam e fatigam muitas vezes até o homem mais leitor d'antiquidades; mas certo, que ninguem haverá, que nelles em geral, e nalguns de seus trechos em particular, não descubra umatal naturalidade—um tal interesse e uma tal simplicidade e primitiva candura—que desde logo extasia e arrebatada ainda a imaginação menos ardente e o coração mais frio e menos sensível.

Que vestigios d'extrema antiguidade popular se não encontram, com effeito, no pequeno *Romance do triste amador*, que se julga ser obra do seculo XII, e apenas fôra retocada pelo celebre poeta Queiroz, que florecêra no seculo XV?

Amára yo uná señora,
Y améla por mas valer,
Quiso mia deventura
Que la hubiese de perder:

Irme quiero á las montañas,
Y nunca mas parecer,
Y en la mas aspera de ellas
Mi vida quiero hacer,

Tan triste que no se halle
Conmigo ningun placer.
Porque mis graves dolores
Luedan continuo crecer,

Con los animales brutos
Me andaré triste a pacer:
Paciencia, si la hallare,
Me habra de sostener,
Pues vida con tanta gloria

No la pude merecer,
Que la muerte merecida
Me ceja por no me ver
Tan penado y tan perdido
Cual su mal no puede ser:

El menor mal que yo tengo
Mucho más es de temer,
Y así voy donde no espero
Por siempre jamas volver.

* Grande nacionalidade peninsular se descobre tambem no lindo *Romance do Conde d'Allemanha*: Romance, que tantas vezes temos ouvido cantar em portuguez na *Provincia do Minho*, pelas vizinhanças da *Villa de Guinaraes* e pelas immedições de *Landim*, perto da confluyente dos rios Ave e Vizella, e nas quaes partes arranjamos um bom peculio d'antigas *Trovas* e *Cantigas populares* todas compostas nos lindos metros octonarios.

A tan alta va la luna
Como el sol á medio dia,
Quando el buen conde Aleman
Con esa dama yacia.
No lo sabe hombre nascido
De quantos en corte habia,
Sino solo la condesa,
Esa condesa su hija.
Así la dueña la hablara,
De esta manera decia:
—Cuanto viéredes, condesa,
Cuanto viéredes, encobrido,

Daros ha el conde Aleman
Un manto de oro fino.
—Mal fuego le queme, madre,
El manto de oro fino,
Quando en vida de mi padre
Tuviere padastro vivo. —
De allí se fuera llorando,
Al conde su padre ha visto.
—¿Porqué llorais, la condesa?
Decid, ¿quién llorar os hizo?
—Yo me estaba aquí comiendo,
Comiendo sopas en vino,

Entró el conde Aleman
Y echólas por el vestido.
—Calleis, mi hija, calleis,
No tomeis deso pesar, (cho,
Que el conde es niño y mocha-
Bacerlo ha por burlar. (tos
—Quando me tomó en sus bra-
Non me quiso respetar.
— Si él os tomó en sus brazos
Y con vos quiso holgar,
En antes que el sol saliese
Yo lo mandaré matar.

No antigo *Romance da esposa afflicta* encontram-se igualmente todas as provas de summa antiguidade: — e antiguidade tão popular, que algumas de suas idéas se acham repetidas ou pouco modificadas nalguns antigos *Romances* portuguezes, que só na boca do povo se encontram; e com especialidade na boca das velhas criadas, que muitas e muitas vezes os costumam cantar para acalentar as criancinhas e para entreter os rapazes.

Caballero de lejas tierras,
Llegaos acá, y pareis,
Binquedes la lanza en tierra,
Vuestro caballo arrendeis,
Preguntaros he por nuevas
Si mi esposo conocéis.
—Vuestro marido, señora,
Decid, ¿de qué señas es?
—Mi marido es mozo y blanco,
Gentil hombre y bien cortés,
Muy gran jugador de tablas,
Y tambien del ajedrez.
En el pomo de su espada
Armas trae de un marques,

Y un ropón de brocado
Y de carmesí el enves:
Cabe el fierro de la lanza
Trae un pendon portuguez,
Que ganó en unas justas
A un valiente frauces.
—Por esas señas, señora,
Tu marido muerto es:
En *Valencia* le mataron
En casa de un ginoves:
Sobre el juego de las tablas
Lo matára un milanés.
Muchas damas lo lloraban,
Caballeros con arnes,

Sobre todo lo lloraba
La hija del ginoves;
Todos dicen a una voz
Que su enomrada es:
Si habeis de tomar amores,
Por otro, ami no dejéis.
—No me lo mandeis, señor,
Señor, no me lo mandeis,
Que antes que eso hiciese,
Señor, monja me vereis.
—No os metais monja, señora,
Pues que hacello no podeis,
Que vuestro marido amado
Delante de vos lo teneis.

O lindissimo *Romance da Infantina*, o *da morte do enamorado D. Bernardino* e a mór parte dos *do valente Bernardo del Carpio*: — o de *Virgílios*, o de *Julianesa* e o de *Moriana* e o mouro *Galvan*: — o de *Rosa Elcrida*, alguns dos de *D. Gaiseros* e a mór parte dos *tradicionaes dos Reis de Hespanha*: — o *das bodas de Dona Lambra*, o *do Infante vingador* e alguns dos differentes *Romances dos Infantes de Lara*: — o de *D. Duardes e Flerri-*

da, o de *Rico Franco* e o *da Infanta Affonso Ramos*, e outros muitos antigos *Romances populares*, que por brevidade — e por ella sómente — deixamos de referir, são igualmente outras tantas composições octosyllabas, que não obstante se acharem algumas vezes faltas d'aquelle brilho — d'aquelles rasgos característicos — d'uma imaginação arrebatadora, não somente retratam muito fielmente os habitos, crenças, supersti-

ções e idealidades dos antigos peninsulares, e nomeadamente dos Hespanhoes, mas deixam ainda entrever em suas qualidades, bellezas e defeitos — *defeitos dos tempos e só dos tempos* — que o *Romance octosyllabo* ou de redondilha maior é a primitiva e essencial forma da poesia popular dos Hespanhoes e até dos Portuguezes. Nem obsta a esta nossa maneira de sentir, que a maior parte das composições octonarias, que ainda conservamos, não sejam por ventura anteriores aos ultimos fins do seculo XIII e começos do seculo XIV; por que se descobrem em quasi todas ellas, e até nos Romances do seculo seguinte, não poucos vestigios e não poucos trechos proverbiaes d'outras composições octosyllabas, evidentemente muito mais antigas e verdadeiramente nacionaes.

Muito desejáramos poder apresentar na *Revista Academica* uma copia fiel de todas estas antigas e curiosas produções octonarias, que, além de sua grandissima importancia litteraria, nos são tambem ainda da maior importancia debaixo do ponto de vista da historia: — da historia, que os *Annalistas* desprezaram como *narrações fabulosas*, por falta de inconcussos documentos, que as demonstrassem, ou desattenderam em suas minuciosidades como *factos obscuros*, á mingoa d'authenticas provas, que em toda a plenitude os justificassem, se é que por ventura muitas vezes lhes não dirigia a penna certo ar de receio, dependencia ou venalidade, que frequentissimas vezes costumam viciar as historias dos homens: — excederíamos todavia os estreitos limites d'um artigo, se apresentássemos tantas *peças justificativas* e algumas d'ellas tão grandes e de tão rustica textura, *consequencia de forma e falta d'assonancia*, que, ainda que muito depõem, e talvez melhor do que nenhuns outros Romances, em favor da muita antiguidade dos *metros octonarios*, deixariam por certo de agradar á maior parte dos leitores da *Revista Academica*.

(Continuar-se-ha.)

Silva Pereira.

(I. D.)

CHRONICA LITTERARIA.

Eurico o Presbytero, 1.º volume do *Monasticon* do nosso insigne consocio, O Sr. Alexandre Herculano, é hoje o thema geral da conversação dos litteratos. O Clero peninsular vai ter tambem o seu Romancista; posto que na obra vislumbra, talvez mais brilhantes que a parte — *romance*, os ricos trechos da historia difficil, e tao coberta de trevas d'aquelles provecetos tempos. Sem ouzarmos arriscar o nosso juizo acerca do livro de quem, como a mestre, respeitamos; cumprenos todavia recomendar principalmente a sua leitura aos amadores da boa linguagem, e das antiguidades.

J. F. de Serpa.

MR. THILORIER.

O Janeiro do presente anno riscon da serie dos viventes este distincto sabio, cujo nome e trabalhos farão sempre epocha nos annaes da França e das sciencias phisicas. Thilorier e Faraday realisaram pelo methodo experimental uma parte das vastas concepções com que os genios de Lavoisier e Laplace lançaram os fundamentos das modernas theorias.

O estado phisico dos corpos, disseram estes, não é inherente á sua natureza, mas depende da temperatura e pressão ambientes: por estes dous factores variaveis comprehendia-se bem a facilidade com que foram levados á fiação a maior parte nos materiaes solidos do nosso globo, e reduzidos a vapor os liquidos; mas o problema inverso parecia não passar de especulativo. Faraday deu o primeiro passo para a sua resolução, apresentou o gaz acido carbonico em estado liquido, fazendo-o desenvolver num tubo mui estreito, onde por si mesmo se comprimisse. Em 1834 Thilorier repetiu este processo num apparelho de sua

invenção, que não só produzia o acido liquido em grande quantidade para ser empregado em outros usos, mas que o fazia passar á solidéz e reduzir a uma bola como de neve.

O seu apparelho se compõe principalmente de dous cylindros, de consistencia e espessura capaz de resistir á grande expansão do gaz: um violento e continuo movimento de rotaçãõ desenvolve o gaz das substancias introduzidas no primeiro, e faz adquirir á sua corrente uma pressãõ superior á de 100 atmospheras que produz a sua liquefacçãõ ao entrar no segundo cylindro; outro igual movimento á entrada deste faz volatilisar uma parte do liquido, e a consequente subtracçãõ do calorico converte a porçãõ restante em flocos solidos que se depositam e se reuñem em uma bola crystallina

Mr. Thilorier depois de resolver pela primeira vez este grande problema, fez conhecer as propriedades do acido carbonico solido, sua força explosiva, que

achou equivalente a uma carga de igual pêsõ de polvora, e o seu poder frigorifero que faz baixar o thermometro centigrado a 100 grãus negativos — Este novo meio tornou-se nas mãos de Faraday uma fonte de novas applicações para se generalisar o problema da solidificacãõ dos gazes: fazendo dissolver aquelle acido no ether, e evapora-lo no vazio, reunindo a este poder o de fortes pressões chegou effectivamente a solidificar a maior parte das substancias aeriformes e liquidas da natureza, tendo apenas resistido até hoje o oxygenio, o hydrogenio, o azoto, o alcool e a essencia de terebenthina que o chimico inglez não desespera levar á solidéz. Quem de perto conhece experiencias d'este genero, comprehende quanto ingenho, precauções, constancia e coragem ellas demandam, e Mr. Thilorier não se recusou aos sacrificios da sua fortuna, nem aos perigos que de continuo o rodeavam.

I. E. B.

Summario das Observações meteorologicas feitas no Gabinete de Physica de Coimbra em 1845.

Indicações	Janeiro			Fevereiro		
		dia	e hora		dia	e hora
Barometro [em millimetros]	Maxima..	772,15..	24 9 m.	762,47..	13	12
	Minima..	736,59..	29 12	739,91..	18	12 e 3 t.
	Media...	757,82..		744,42..		
Thermometro centigrado [interno]	Max. ...	12.° ...	2 9 m.	12,° 5..	28	12
	Min. ...	9.	10 12	7.	10	12
	Med. ...	10,23..		9,39..		
Hygrometro de Sanssure	Max. ...	89.	14 3 t.	88.	22	9 m.
	Min. ...	75.	6 3 t.	64.	1	3 t.
	Med. ...	82,42..		76,57..		
Hygrometro differencial de Mason	Max. ...	6,5... 12 e 30	3 t.	11,67..	1	3 t.
	Min. ...	0. 9 e 22	9 m.	1.	22	9 e 12
	Med. ...	2,94..		2,79..		
Relaçãõ dos Ventos, [ao meio dia]	{ N a S = 2,43 E a O = 1			{ N a S = 1,78 E = 1		

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Dando uma breve noticia estatistica d'esta corporação litteraria, pagamos por ella uma divida que d'ha muito deve ao publico. Uma das mais antigas universidades da Europa, e a que menos conserva feições da meia idade por virtude de progressivos aperfeiçoamentos em sua organização, systema d'educação e methodos d'ensino, é talvez a menos conhecida. Os jornaes d'instrucção e educação, os calendarios e annaes de muitas universidades, mencionando o que se passa nas estranhas, raro se occupam da de Coimbra, e com inexactidão quando o fazem. Qual será a causa?—falta uma publicação periodica do movimento da Universidade.

Comprehe de a nossa Universidade em sua composição cinco faculdades—Theologia, Direito, Medicina, Mathematica, e Philosophia—e um Lyceu d'estudos classicos annexo. Os estabelecimentos practicos annexos ás Sciencias naturaes—Museu d'Historia Natural, Laboratorio de Chimica, Gabinete de Physica, o d'Anatomia e Cyrurgia, Dispensatorio Pharmaceutico, Jardim Botanico, tres Hospitales, Observatorio Astronomico, Gabinete de Geologia e Mineralogia—são magnificos, em poucas universidades se acharão iguaes, e muitos d'elles a par do actual estado das sciencias.

No fim do presente artigo offerecemos um mappa estatistico e litterario do estado actual da Universidade. Pela inspecção da penultima columna se conhece que o quadro dos professores está incompleto, não correspondendo ao numero das cadeiras o dos proprietarios. Ha porém, em cada uma das Faculdades, Doctores addidos (semelhantemente nos aggregados em Franca) para o serviço extraordinario das mesmas Faculdades, e outros serviços da Universidade; d'estes não ha numero certo.

N.º 3 — 15 d'Abril de 1845.

As lições são publicas e gratuitas. Não ha lições particulares pagas pelos alumnos, como na maior parte das outras universidades; nem ellas seriam necessarias no systema d'instrucção e methodo de ensino adoptado na nossa. Uma hora é destinada em sciencias moraes e politicas, e hora e meia em sciencias naturaes, para cada lição. Parte d'este tempo é empregado no exame dos alumnos sobre a lição antecedente, e a outra na prelecção do professor. Os alumnos são obrigados a repetições semanaes em forma de discussão d'uns com outros em presença do professor respectivo, e a exercicios mensaes por escripto sobre pontos da escolha do professor nas disciplinas que estudam. No fim do anno lectivo e bimestre de Junho e Julho fazem todos exame publico e oral sobre as doutrinas das cadeiras comprehendidas nesse anno, e nas aulas de Medicina prestam além d'este outro exame da parte practica de cada sciencia, no respectivo estabelecimento.

Em cada uma das Faculdades ha tres grãos—Bacharel, Licenciado e Doctor. O 1.º grão confere-se aos approvados no penultimo anno da Faculdade; o 2.º quando depois de formados os alumnos repetem mais um anno, sustentam publicamente perante a respectiva Faculdade nove theses de cada ramo da sciencia, e um ponto dado pela Faculdade em que compõem uma dissertação inaugural, o sujeitando-se a outro grande exame, que se diz *exame privado*, perante a Faculdade toda, ficam por ella approvados. O grão de Doctor exige outra habilitação de votação da Faculdade, e confere-se com grande solemnidade na sala grande da Universidade, em presença de todas as Faculdades reunidas e presididas pelo Reitor, precedendo tres orações latinas—de dous Doctores addidos á Faculdade e do Lente que confere o grão.

As matriculas começaram, no presente anno lectivo (como de costume) em 1.º d'Outubro e findaram no ultimo. O numero de alumnos actualmente

matriculados é de 1423. Tem sido muito regular o comportamento dos alumnos neste anno, dando geralmente provas de applicação. No mez de Dezembro houve a distribuição publica dos premios e tres solemnes funcções de grãos

de Doctores conferidos a dous alumnos de Medicina e um de Mathematica.

O Reitor actual — logar de nomeação do Governo — é o Ex.^{mo} Conde de Têrrena.

QUADRO DA ORGANISAÇÃO E ESTADO ACTUAL DOS ESTUDOS.

Faculdades	Annos	Cadeiras	Disciplinas	Compendios	Estudos preparatorios e accessorios	Professores effectivos	Estudantes		
THEOLOGIA	1.º	1.ª	Historia Ecclesiastica	Dannemayr	Cad. N.º 47, 48, 51, 54, 56, e parte de 31 - (exames)	Lentes cathed. 4, Substitutos ordin. 3, Subst. (interims) 2	24		
		2.ª	Logares theologicos						
	2.º	3.ª	Theologia symbolica	Inst. theol. Lugdunenses	N.º 9 (freq. e acto)		25		
		4.ª	Theologia moral						
	3.º	5.ª	Theologia mystica		N.º 55 (exame)		33		
		6.ª	Theologia liturgica		N.º 42 (freq. e acto)		7		
	5.º	7.ª	Exegetica dos 2 Testamentos	Conspectus Herm.	N.º 13 (freq. e acto)		1		
		6.ª	Repetem-se as disciplinas do anno precedente				N.º 49 e 50 (exam.)	5	
	SCIENCIAS POSITIVAS	1.º	8.ª	Historia da Jurisprudencia	Martini-Ord. Hist. Rocha-Ensaio		N.ºs 47, 48, 51, 54, 55, 56, e parte de 31 - (exames)	Lentes cath. 13, Subst. ordin. 7, Subst. extraord. 4.	138
			9.ª	Direito natural e das Gentes	Ferrer-Fil. de Dir. El. de Dir. das G.				
		2.º	40	Dir. publico univ. e portuguez, Politica, Tratados, Legislação	Macarel Carta Constit.				120
			41	Economia politica, e Statistica	Forjaz - Elem.				
			42	Dir. ecclesiastico publico	Gmeiner				
3.º		43	Dir. ecclesiast. partic. e portug.	Cavallari		135			
		44	D. romano (Institutas)	Waldeck					
		45	Dir. civil portuguez, e	Mello Freire, Liz comment., Rocha	Para exame de preferencia os N.ºs 49, 53, ou 52				
46		Medicina legal	Inst. de Dir. civ.						
4.º		47	D. romano (Pandectas)	Heineccio		161			
		48	D. commercial e maritimo	Cod. commerc.					
		49	D. criminal, e D. administrativo	Cod. admin. Mello Freire					
5.º		20	Jurispr. formularia, eurematica, Practica de processos	Ref. judic. Correa Telles		131			
		21	Hermenutica jurid., Analyse de textos, Diplomatica	Preleções					
6.º	Repete-se a freq. das 3 cadeiras precedentes			N.º 49 e 53 (exames)	2				

Faculdades	Annos	Cadeiras	Disciplinas	Compendios	Est. prep. e accessorios	Prof. effect.	Estud.		
SCIENCIAS NATURAES	MEDICINA	1.º 22	Anatomia humana, geral, e comparada	Soares Franco	N.º 47, 48, 54, (exames) 31, 32, 38, 39, 40, 41, e 42 (freq. e actos)	L. cath. 9, S. ord. 4, Ajud. dos Hospitales e Demonstradores (vagos)	40		
		23	Physiologia e Hygiene	Mello — Londe					
		2.º 24	Med. operatoria, e Arte obstetricia	Begin — Plenck					
		25	Pharmacica e Materia medica	Cod. pharmac. Edwards e Vavass.					
		5.º 26	Pathologia e Therapeutica geraes e cyrurgicas	C homel Begin	N.º 29. (freq.)				
		4.º 27	Nosologia, Pathologia medica, Doutr. Hippocratica, Molestias de mulheres e da infancia	Cullen—Hipp. aph.—Capuron.	N.º 29 e 30 (freq.)				
	28	Medicina legal, Hygiene publica e Policia medica, Hist. geral da Medicina	Briand — Ref. judic.—Cod. adm. - Decr. e Regul.&c.	N.º 49 (exame)					
	5.º 29	Clinica do Hospital das mulheres							
	30	Clinica do Hospital dos homens							
	6.º	Cad. N. 22 e 23							21
	4								
	MATHEMATICA	1.º 31	Arithmetica, Geometria e Algebra elementares, Trigonometria, Geom. analytica, Alg. superior, Calculo differencial e integral	Franceur - mathematicas — Euclides	N.º 47, 48, 54 (ex.) 38 (freq. e acto)			L. cath 7, S. ord. 3, S. extr. 2, Ajud. do Observatorio 4	55
2.º 32		Calculo das variações e das differenças, Mechanica dos solidos	Franceur - mechanica	N.º 39 (freq. e acto)					
3.º 33		Astronomia prat., Trigonom. esfer.	Biot, Andrade	N.º 43 (freq. e acto)					
4.º 34		Optica, Instrumentos d'observação, Geometria descriptiva, Geodesia	La Caille, Fourcy, Franceur						
35		Hydraulica, Acustica, Geologia	Bossut, Biot, Almeida						
5.º 36		Mechanica celeste	Laplace						
6.º	Cad. N. 33 e 37			N.º 49-(exame)		5			
PHILOSOFIA	1.º 38	Fysica geral, Chimica inorganica	Petitau	N.º 47, 48, 54 (ex.)	L. cath. 7, S. ord. 5, Demonstr. (vagos)	23			
	2.º 39	Fys. espec., Meteorol., Filos. chim.	Ofila.	31 32 (freq. e actos)					
	3.º 40	Chim. organ., Anal. chim., Technol.	Ofila, Franceur						
	4.º 41	Zoologia, Anat. e Physiol. compar.	Milne Edwards						
	42	Botanica, Anat. e Physiol. vegetaes	Richard, Linneo						
	5.º 43	Mineralog., Geolog., Arte d'Explor.	Bendant, Barat						
44	Agricult., Economia rural, Veterin.	Raspail	N.º 49-(exame)						
6.º	Cad. N. 38 e 39.					20			
LYCEU	Cad.	Disciplinas	Compendios	Profes.	Est.				
	45	Desenho, Cadeiras annexas ás faculdades de		Proprietarios 9, Substitutos 3	17				
	46	Musica Mathematica e Philosophia			38				
	47	Grammatica portugueza e latina	Moura		66				
	48	Latinidade	Classicos latinos &c.		43				
	49	Lingua grega	Moraes		9				
	50	Lingua hebraica	Pez		9				
	51	Lingua franceza	D. Diogo		28				
	52	Lingua ingleza	Murray		10				
	53	Lingua allemã	Mozin		89				
	54	Philosophia racional e moral	Gemense - Job		34				
55	Oratoria, Poetica, Litteratura class. e portug.	Soares Barbosa-Carneiro-Cardoso	31						
56	Historia, Chronologia e Geografia	Doria - Sacra Familia	31						

—❖❖❖—

A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I.
O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuado da pag. 16.)

II.

Terra autem erat inanis et vacua, et tenebrae erant super faciem abyssi; et Spiritus Dei ferebatur super aquas.

DEUS! . . . E ao som d'esta palavra uma idéa acordava no espirito do homem, como se fôra um echo do universo, que dormira eternamente entre o abysmo e o céu: era a materia que se espraia-va no universo, o universo que pairava no espaço, o espaço que se confundia na eternidade, a eternidade que se perdia no mysterio, e o mysterio que repousava na dextra do Creador! . . . E o espirito do homem abateu sua face até o pó da terra, e repetiu — Deus! — E neste fallar tão humilde, e naquella palavra tão sublime; e neste abater tão profundo, e naquelle pensamento tão subido resumia-se o emblema do encontro da creatura com o Creador, da fraqueza com a Omnipotencia, do momento com a eternidade, do atomo com o infinito.

E eu vi, que o espirito do homem se elevava depois nas azas da fé e da philo-

sophia, e voava seguindo ancioso a cadeia dos seculos até lhe pizar com a planta o seu elo primeiro. E d'ali alongava os olhos pelos confins do espaço, e lá lhe apparecia pela primeira vez a materia, erguendo-se, como nas raias do horizonte os vapores enovelados em dia de tempestade (*).

Mas toda essa massa universal preenhe de mundos, ainda não crã mais que materia sem forma, extensão sem luz: era um abysmo cem vezes mais pavoroso que a escura cerração nos mares (**).

E o braço do Senhor se estendeu sobre ella, e ella gemeu sob o seu pezo, bramiu como a tempestade. E logo uma mole immensa se agglomerava pouco a pouco, e formava uma atmosphera vassissima, densa, enublada, que o espirito de Deus agitava, soprando sobre ella mais forte que os aquilões. (***) A lei da attracção começava a exercitar seu poder na materia dispersa, comprimia os atomos com mais força que uma cinta de ferro, talhava moleculas, amoldava globos, distribuia mundos. (****)

III.

Dixitque Deus: fiat lux; et facta est lux. Et vidit Deus lucem quod esset bona, et dividit lucem a tenebris. Appellavitque lucem diem, et tenebras noctem; factumque est vespere et mane, dies unus.

E Uma voz echoou profundamente nos confins do espaço; e era a primeira vez,

(*) Apezar da opinião do doutissimo Pursey sobre a intelligencia da palavra hebraica — *bara* crear — comparada com — *asah* fazer — não as supomos synonymas em todos os casos. Que no primeiro versiculo do Genesis se falla de uma criação do nada, é o sentir mais commum dos Catholicos, e por consequencia o nosso; e nem elle nos parece menos conforme com os factos geologicos. Cremos pois, que no — *creavit Deus caelum et terram* — nos foi revelada a criação da materia. *Nomine caeli et terrae.* dizem alguns interpretes, *intelligenda sunt omnia elementa . . . materia totius universi.* Vid. *Buckland Geol. and Miner. et cat. Bibl. sac. Vulg. edit. Parisiis. 1731.*

(**) Na versão dos Septenta lê-se; *Terra autem erat invisibilis et incomposita. Terra,* dizem os interpretes, *sic dicitur per praecoccupationem . . . Hoc nomine terrae comprehenditur abyssus et moles aquarum immensa.* Portanto ainda atéqui não

mostra o escriptor sagrado a terra separada de toda outra materia.

(***) Em lugar de — *Spiritus Dei ferebatur super aquas* — lê-se na versão Arabica, *Venti Dei flabant super faciem aquae.* *Aquarum nomine,* dizem os interpretes, *intelligi potest abyssus, id est, materia informis.* Esta interpretação é anterior a F. Herschell e Laplace.

(****) V. *Philos. Esp.* pelo Sr. P. Noberto pag. 41 a 43. Para que de futuro melhor se comprehenda o nosso pensamento, advertimos, que abraçamos nesta exposição cosmogonica a elevada idéa de Herschell: — a terra, todo o nosso systema planetario no meio da grande nebulosa, que chamamos *Via lactea* como uns poucos grãos de areia no meio de uma praia immensa! — É este o nosso universo; d'elle só fallaremos . . . E quantos universos como este, invisiveis para o homem estarão derramados pela infinuidade do espaço!!

que esta voz se ouvia; e ella era magestosa e cheia de imperio, era como o tróm subterraneo, que precede o subito rebentar dos vulcões. Era a voz do Omnipotente que promulgava as leis do universo; e essa voz disse: *faça-se a luz.*

E o espirito do homem estremeceu. O manto infinito da noite, que se estendia sobre o abysmo, ardeu subito, como os vapores invisiveis, em que se acolta o raio, e um reflexo de fogo resurtiu de todos os angulos do universo. Uma immensa alampada suspensa na cupula do espaço appareceu do meio das trevas: era o orbe inteiro que se convertêra em um mar infinito de fogo. . . . era o universo que ardia.

E alli naquella fragna intensissima, avivada pelo sopro do Senhor, a materia se acrisolava, *sublimavam-se* os atomos, preparavam-se os elementos, que um dia fecundados pela mão do Creador haviam de receber o mysterioso presente da vida.

E o Senhor alongou suas vistas pela immensidade do espaço, e ao contemplar a pompa de luz, que o adornava, comprazeu-se dentro em si, por que via estampada na face do universo a primeira manifestação da sua gloria.

E o espirito do homem absorpto desceu pela cadêa dos seculos, e os elos que passou, nem elle pôde contal-os, nem a philosophia lh'o disse, nem a fé lh'o revelou. (*) O que só viu, foi que no meio d'aquella fogueira infinita alguns pontos, de mais brilhantes que eram, pouco a pouco amorteciam, e um especialmente quasi de todo se escureceu cobrindo-se de um involucro de fumo. Era o Chaos, o embrião da futura terra, que já levantava a cabeça de gigante, como uma montanha immensa toda rodeada de nuvens.

IV

Dixit quoque Deus: fiat firmamentum in medio aquarum, et dividat aquas ab aquis. Et fecit Deus firmamentum divisitque aquas, quæ erant sub firmamento ab his quæ erant super firmamentum, et factum est ita. Vocavitque Deus firmamentum, cælum: et factum est vespere et mane, dies secundus.

Ea mão do Senhor se estendeu sobre a cabeça do chaos, e a materia, que o rodeava, seaffastou d'elle, como tocada do assombro; mas uma orla vastissima de nuvens se lhe entroscon na frente; era o diadema com que o Rei do universo fazia reconhecer o primogenito da natureza (**)

(*) Que os extremos se tocam, é uma verdade practica. Dous homens ha, que concordam na obstinação de entenderem á letra os dias, de que falla Moyses; um o que despez a sciencia humana, e so adopia a letra do Genesis; outro o que despreza a Religião, e tem depositada toda a fé nas hypotheses geologicas. Louvando o zelo d'um, lastimando a cegueira do outro, dizemos, que não ha razão para suppor forçosamente de 24 horas cada dia do Genesis. A palavra *edom* tambem significa qualquer espaço de tempo consideravel; e já Santo Agostinho queria, que os 6 dias se entendessem no sentido figurado, mas para menos; hoje a sciencia pede que para mais, e não ha inconveniente em lh'o conceder. Moyses, considerado como simples homem, não era para cair na incoherencia de suppor dias sideraes, quando não havia astros. No cap. 2.º tambem diz o Genesis — *istæ sunt generationes cæli et terræ, quando creata sunt in die, quo fecit Dominus Deus cælum et terram.* Acs que por força quizerem, que — *dies unus* — seja uma revolução da terra, advertimos, que estando ella no primeiro dia mergulhada na massa do nosso universo, e acompanhando-a no seu movimento de rotação, gastaria nelle muitas centenas de seculos. Aquí temos — um dia — que socegará as pessoas escripturas, e satisfará os Geologos sem fé.

(**) A creação do firmamento no terceiro dia, claramente mostra que antes d'este estava toda a materia confundida. Entre todos os globos celestes damos á terra o direito de primogenitura, e nos livros sagrados achamos o titulo d'este privilegio; desafiamos a sciencia para nos mostrar o contrario. Apartamos-nos é verdade da hypothese de Laplace, e alguma razão temos para negar a Urano o direito, que por titulos vindicamos para a nossa terra. Se cada um dos planetas se formasse dos aneis equatoriais da massa solar e planetaria ainda confundida, as orbitas de todos elles seriam paralelas, ou quasi; por esta parte bem vai á hypothese, desprezando os quatro planetas menores; mas se ramos por diante em tirar consequencias diremos, que um anel equatorial d'essa grande esphera liquida ou gazosa, mantido em separado pela força centrifuga, não podia desarranjar o eixo de rotação da esphera, seria por tanto fixo o plano do equador solar, e ainda hoje o veriamos paralelo, ou quasi, ao plano da ecliptica. Não é todavia o que acontece, que faz com ella um angulo de $7\frac{1}{2}^\circ$ os quaes não são para desprezar — Expomos estas reflexões não sem nos humilharmos ante a memoria de tão grande homem.

E o espirito do homem viu então, que o chaos se precipitava, pela vastidão do espaço, e deixava após si um vazio cada vez mais vasto e mais profundo, como se procurasse esconder-se de novo no seio do nada. E então os polos estenderam seus braços um para o outro, cruzaram-os diante do chaos, e elle parou para adorar o symbolo de sua futura gloria, repousou nessa cruz como em alavanca eterna, e começou a girar á roda de si mesmo, e a voar magestosamente no espaço, como na extensão dos mares o baixel soberbo, que domina as vagas.

As massas fundidas começaram a accumular-se, e logo depois a estender-se pela superficie d'este globo, como ondas enormes de fogo, que pouco a pouco se iam solidificando. Allí era uma montanha enorme, que depois de ter vogado lentamente sobre aquelle mar de fogo, successivamente empallidecia, mas brilhando sempre como o rosado carro da aurora; acolá uma vaga descommunal, que rugia, como leão raivoso sacudindo as crinas, cobria-se depois pouco a pouco de rubicundo manto, e escurecia-se por ultimo, como o sol do estio ao cair no horizonte. Do meio d'estes dous escarcêus immensos levantava-se o anjo das trevas, como espectro-medonho, e dizia ao espirito do homem: «adora-me; eis aqui o meu throno: o ouro, allí o tens; é o symbolo do meu poder: o ferro, aquí está, e sobre elle sentado o genio do crime; é o symbolo da minha força: dobra o joelho diante de mim, e eu te farei sentar á minha direita». E o espirito do homem apontou para a fé, e para a philosophia, o monstro bramin, e onde ainda ha pouco se alevantava o throno do inferno, só apparecêram nadando immensas moles de granito, e porphyro.

Os vapores arrefecêram, condensaram-se, e caíram em abundantes torrentes sobre aquellas massas meio solidificadas, que reduzidas a vasa informe, completaram a formação do chaos.

(Continuar-se-ha.)

G. de A.

Abaixo inserimos o extracto das primeiras prelecções sobre Physiologia experimental, que nesta Universidade fez o Sr. Doctor José Ferreira de Macedo Pinto, como lhe cumpria para se habilitar para o magisterio em conformidade com o art. 120 § 2 do Decreto de 20 de Setembro de 1844.

Em carta dirigida a esta redacção nos diz o auctor, que a instancias de amigos seus se propõe continuar-nos a enviar os extractos das seguintes prelecções, e pede a indulgencia do publico por lhe não permittirem os limites do nosso jornal publica-las na integra: esperamos, que lhe ha de ser feita toda a justiça. Unimos nossa voz á sua para felicitar a Faculdade de Medicina pela acertada escolha de objecto, e para fazer appellação aos homens da sciencia, que coadjuvem o nosso joven experimentador. Cremos entretanto, que sua rara modestia, companheira inseparavel do merecimento, é quem lhe não permite que reconheça as forças, que lhe sobejam para levar dignamente ao cabo a empresa, em que se empenhou.

RESUMO DE PRELECÇÕES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

I.

Do Methodo Experimental.

No ensino da Physiologia experimental segui a distribuição das materias do compendio de Physiologia, adoptado pela Faculdade de Medicina d'esta Universidade (1); porque querendo dar ás minhas prelecções um character verdadeiramente escholar, era forçoso buscar uma norma que dirigisse o seu ensino. Foram por tanto as propriedades physicas, chimicas, e vitaes do sangue, e sua composição que serviram de assumpto ás primeiras prelecções, mas antes de expormos algumas idéas acerca

(1) Primeiras linhas de Physiologia pelo Sr. Dr. J. J. de Mello.

d'este objecto; cumpre-me fazer breves reflexões sobre as vantagens do methodo experimental.

O conhecimento historico de qualquer sciencia é de subido interesse para os que se dedicam ao seu estudo; porque a leitura de poucas paginas nos mostra as diversas mudanças por que a sciencia tem passado, os methodos que tem sido empregados, e quaes d'estes os mais proveitosos. É com este proposito que vamos epilogar a historia da Physiologia, e breve nos convenceremos que as doutrinas hypotheticas pouca ou nenhuma utilidade deram á sciencia. Os quatro elementos de Empedócles — a doutrina de Galeno e a theosophia de Paracelso que lhe succedeu — as theorias chemicas de Sylvius — as vitas de Van-Helmont, e Stahl, — as mechanicas de Borelli, e Boerhaave — o magnetismo de Mesmer — as polaridades de Prochaska, e outras, foram especies de romances, cuja duração mal passou além de seus auctores. Mui diverso tem sido o caracter impresso á Physiologia pelo *methodo experimental*; todas as vezes que este tem sido invocado, obtiveram-se uteis resultados, ou a sciencia da vida estivesse já emancipada, ou se achasse ainda debaixo da tutela das sciencias Philosophicas.

Entre os Physiologistas, e Philosophos antigos foi Aristoteles o primeiro que ensaiou o *methodo experimental*, e Haller o que mais o aperfeçoou; todavia no espaço de tempo que medeia entre estes dous grandes homens, e no que decorre desde Haller até nossos dias, tem sido a sciencia por varias vezes dominada por theorias hypotheticas. A obscuridade por ellas introduzida na Physiologia nunca foi tão profunda, que atravez d'ella não brillasse algum raio de luz; la apparecem as experiencias estaticas de Sauctorius sobre a transpiração — a descoberta da circulação por Harvey — os trabalhos microscopicos de Malpighi — e enfim os resultados experimentaes de Haller que ainda hoje são lidos com veneração, dis-

cutidos, e confirmados na maioria dos casos.

O *methodo experimental* occupa hoje muitas paginas nos tractados de Physiologia, cada dia mais dilata o seu dominio; e se alguma cousa temos de positivo nesta sciencia dimana d'esta fonte inesgotavel de conhecimentos. Sustentará alguém de boa fé que sem os trabalhos experimentaes de Gall, Bell, Muller, Magendie, Flourens poderíamos ter alguma cousa exacto sobre a acção especial das differentes repartições do systema nervoso? Não nos proveio unicamente da experiencia, quanto sabemos sobre a visão e audição? Não foi ella que discriminou na digestão tres actos — physico, chimico, e vital? E não foi por sua intervenção que imitando artificialmente o processo digestivo pelo que respeita ao primeiro e segundo acto se viu que a digestão não tinha lugar; mas que dada certa condição vital (1) o chimico podia obter no laboratorio um producto analogo ao natural? Não conhecemos hoje que as substancias chamadas alimentares nem todas gozam da faculdade de nutrir; e os seus principios proximos não passam todos illesos atravez dos orgãos digestivos, mas são decompostos, e de novo reconstituídos, levando impresso o caracter da animalidade e de uma dada individualidade? Sobre as outras funcções podiamos fazer reflexões analogas.

O *methodo experimental* não respeita os desvios da nossa razão; nelle só falla a natureza, e só por elle é que os nossos sentidos são vivamente impressionados, dando-nos imagens permanentes, e que mais facilmente se identificam com a nossa existencia.

Em uma palavra, no estado actual da sciencia é indispensavel o conhecimento da Physiologia experimental; porque só depois de muitas observações practicas é que podemos dar um justo valor, e ligar uma solida importancia ás deducções tiradas pelos auctores. Nos tra-

(1) Suco gastrico.

ctados de Physiologia acham-se transcriptas experiências que nos parecem de fácil execução; mas estas mesmas apresentam grandes difficuldades, e só depois de muitas vezes reiteradas é que adquirimos a necessaria destreza para as praticar. Outras ha que carecem de ser verificadas, porque alguns escriptores sacrificam a sciencia á sua celebridade, e a *vistas* particulares.

Mas a par de tantas vantagens apparecem inconvenientes, e faremos especial menção de tres que em materia tão importante é mister ter constantemente em vista: — 1.º de poucos, e mal relacionados factos não deve deduzir-se uma lei geral; por que neste caso a deducção obtida não é uma lei mas uma exaggeração: 2.º quando as experiencias destroem certos viciaes, e nos apparecem desarranjos funcioaes de primeira ordem, e após estes outros secundarios, que se ligam sempre com os primeiros; o observador não pode discriminar, nem tão pouco obter um resultado positivo, e d'aqui vem talvez phenomenos variados das mesmas experiencias: 3.º sendo algumas vezes differentes as circumstancias que acompanham o operador, operado, e instrumentos, não se devem tirar inducções identicas quando algum dos factores variar.

(Continuar-se-ha.)

J. F. de Macedo Pinto.

O LIVRO DE ELYSA

Fragmentos.

Agora, Elysa, que já te paguei as primicias do livro, não só como senhora d'elle, mas como senhora da alma, que o dicta, e da mão, que o escreve; agora que já te deslini o meu amor, que mil vezes ainda será aqui deslinido, e que nunca o virá a ser ao cabo; agora que tu chegaste, de certo,

á janella do teu quarto, e te embeveceste nos encantos da noite a recordar-te dos meus versos, deixa que me volte para a minha lyra.

São os meus segundos amores: é ella tão minha, e tão formosa como tu; é a minha companheira e consoladora; é quem me ha-de ajudar neste trabalho, que te destino:—plantou-m'a Deus dentro da alma para saber amar-te, como te plantou a ti no mundo para que te amasse.

Quero muito á minha lyra.

O meu primeiro pensamento ao acordar é sempre teu, o segundo é sempre d'ella: nas minhas meditações e nos meus sonhos, nos meus risos e nas minhas lagrimas, viudes sempre ambas tão casadas, tão unidas, tão irmãs que eu não sei se és tu, que me trazes a lyra, se é a lyra, que te conduz a ti.

Quero muito á minha lyra.

Vou conversar com ella, e preludiar-lhe ao acaso uns sons desleixados, que lhe são queridos, um vagar delicioso por veigas da phantasia, um esquecer a delirar por saudosa noite, á margem do mondego, sob a rama de um salgueiro.

E que mimoso luar de primavera ahi se refrange, e espalha uma poeira de prata na superficie das aguas!

É por uma d'estas noites suavissimas de luar que a natureza tem toda a lindeza de mulher.



Canta, vento do sul, tens doces cantos
Por concavos do val adormecido,
Tange n'harpa de Deus, nessas folhagens,
Da noite as harmonias.

Farta agora, mondego, com teus beijos
As boninas, que tremulas desmaiam,
Que se morrem por ti na sêde louca
De lubricos prazeres.

Banha-me a accessa fronte, meu salgueiro,
De meiga fresquidão, que ha-de inspirar-me
Desassombros do sol, da luz, do dia,
Que se afogou nos mares.

E tu, filha d'amor, candida lyra,
Um abraço dos teus cinge ao teu bardo,
Outro mais . . . este só. . . agora folga,
Folga por céus e terra.



Amo o tibio clarão do argenteo disco
Porque a luz do luar não cega os olhos,
Como faz a do sol, porque me deixa
Nesse lago d'anil, que vai sulcando,
Namorar-lhe a belleza,

Amo a languida côr do ingente espelho,
Onde os olhos d'amantes vão casar-se;
Onde crêra talvez Grego engenhoso
Que o velho Jove, requintando as galas,
Ia mirar-se, rindo.

Eu amo, já pagão, na branca esfera
Da casta Delia envergonhado riso,
E já lá finjo negreando os bosques,
Onde c'o a turba caçadora exerce
Seu culto pudibundo.

Amo as rosas do céu, que se emmurcheem
Quando a lua vaidosa as vai pizando,
Amo as nuvens c'os seios bipartidos
De respeito alastrando eburnea senda
A' rainha dos astros.

Amo a grenha voando ao meteoro
Quando pallido foge ante os seus passos,
Amo tudo o que assim lhe paga um feudo,
Outro feudo melhor, que não meus versos
Engeitados da vida.



Noite! noite! que mão te ha desdobrado
Tão risonha e fagueira assim no mundo?
Do templo do senhor és vén, que os anjos
De infindos orbes d'ouro recamaram?
És lavrado padrão da omnipotencia,
Memoria erguida em campos do infinito?
Milhões de soes, que ostentas, serão tochas
Ardendo ante o teu Deus no altar immenso?
Serão lettras d'amor com que lhe escreves
Nessa pagina azul o ignoto nome?
Tuas nuvens que são? são do thuribulo,
Que agitam cherubins aos pés do Eterno,
Queimado incenso a desfazer-se em fumo?
Noite! noite! quem és? d'onde has tu vindo
A poisar-te na terra entre mysterios? . . .

Não sei que ternas meiguices
Falla a noite ao coração,
Minhas horas mais felices
As horas da noite são:
Com ella na solidão
Suspiro amor e saudades,
E com ella nas cidades
Não largo a lyra da mão;
Suspiro, canto d'amores
Entre os homens, entre as flores
De noite, de dia não;
Porque a noite tem meiguices,
Porque as horas mais felices
As horas da noite são.



Como é lindo este mondego
A brincar sobre esta arêa!
Como é lindo o bosque verde,
Que as verdes margens sombreia!

No seu cristal derrelido
Iá vem, á luz do luar,
Outro Narciso, um salgueiro,
Um salgueiro a namorar.

Outra Echo, a briza doída,
Que foi por elle engeitada,
Auda carpiudo, e zelosa
Traz a limpha alborotada.

Cuida que mora lá dentro
Escondida uma rival,
E por dar-lhe invejas solta
Perfumes, que traz do val.

Raivosa tolda c'o as azas
O liso espelho brilhante,
Cospe c'o as azas, raivoza,
O mondego ao seu amante.

E o pobre, por si perdido,
Sacode a fronte singella
Murmura um ai, mas teimoso
Busca n'agoa a imagem bella.

Como é lindo este mondego
A brincar sobre esta arêa!
Como é lindo o bosque verde,
Que as verdes margens sombreia!



Como a fonte d'Ignez solta ao longe!
Parece inda chorar-lhe a morte escura,
Osculando na pedra eternas manchas

Do sangue espadanado! (*)

Como os cedros a coma baloiçando
Inda vergam de dôr, inda meditam
No caso triste de memoria digno,
Que desenterra os mortos!

Alli d'um terno amor ternos momentos
N'aza do tempo languidos fugiram,
Naquelle engano d'alma, que a fortuna
Não deixa durar muito!

Dos suspiros de Ignez na penedia
Inda os êchos vagando ás horas mortas
Murmuram brancos ais, e aos sons da lyra
Respondem gemebundos!...

Quero muito á voz solemne
Dos céhos da solidão,
São amigos invisíveis
Com quem falla o coração.

É tão doce nestas horas
Poder assim conversar,
Ouvir do nosso queixume
Novos queixumes brotar!

Chamar aquella, que é longe,
Chamar aquella, que se ama,
E o som d'amor e saudade
Não morrer na voz, que a chama!

Sentar-me ao pé d'esta fonte,
Que tão pura se desliza,
Clamando—Elysa!—e dos montes
Outra voz clamar—Elysa!—

Quero muito á voz solemne
Dos echos da solidão,
São amigos invisíveis
Com quem falla o coração.

Mas quem pôde formar taes sons no bosque?
Sera perdido amante a penar maguas,
Despresos da que amou, desdens de bella,

(*) É crença muito antiga que umas pedras vermelhas, que se encontram na fonte das amores devem a sua cor ao sangue de D. Ignez de Castro.

Injurias d'um rival? Ou será nympha
Que um ingrato engeitou, e alli chorosa
Inda, lonca d'amor, serve aos amores?
Oh! falla, quem és tu, filho da selva?...
Silencio... respondeu... maldito vento!
Que só pude escutar—filho da selva!

Embora! fique embora isso em segredo. (**)
Saiba-o sómente Deus!

Tambem segredos, que meu peito encerra
Só se dizem nos céus.

A turba ha-de escutar-me, e cada nota
Será nota d'amor!

Mas ouvidos da turba não entendem
Carnes do trovador.

Emudece-te, ó lyra, e tu, ó noite,
Apaga o teu luar,

Das trevas no pallôr deixa-me um sonho,
Com Elysa sonhar.

E a lua já roça as cumiadas do
monte e pouco a pouco se enterra por
elle abaixo... ahí ficam agora na escu-
ridão as margens do mondego, tão sau-
dasas como amante feliz na hora de um
adeus, sellado com beijos... ahí se em-
poleiram as auras pelas hasteas do chou-
pal, caçados de abraçar a roxa fronte
das violetas... já não se lhe escuta o
frémto das azas nos seus brincos in-
nocentes... faz-se um silencio longo
em toda a natureza... e só as rans vela-
doras continuam na voz unisona e aguda
o hymno da creação!

Elysa, é tempo de pedir a Coimbra
uma casa, á casa um leito, ao leito um
sonno, ao sonno a tua imagem.

(Continuar-se-ha)
J. de Lemos.

(**) Não quero dizer que descreio nas leis da Acustica; sei que ella não só explica mas até consegue fazer echos:— a palavra *segredo* veio aqui para symbolisar que neste, como em muitos outros phenomenos naturaes, em se o homem remontando um pouco chega logo ás forças *centripetas* e *centrifugas*, ou áquelle celebre *opium facit dormire*, quia *labet virtutem dormiticam*.

A AGRICULTURA E A INSTRUÇÃO POPULAR EM PORTUGAL.

Sans instruction élémentaire ou primaire généralement répandue, la réforme de notre industrie agricole est une utopie hors d'état de lutter contre la routine.

Emile de Girardin.

O Mais alto feito de gloria, que um povo pôde offerecer á contemplação do mundo, é a conquista d'um nome illustre na historia, d'uma illustrada dignidade politica, e da mais completa prosperidade material. Portugal carece infelizmente d'este ultimo brazão.

A imprensa, este grande agente da civilização, vai progredindo em sua benéfica missão derramando por todos as classes algum desenvolvimento intellectual; os prelos trabalham com actividade; os *jornaes* multiplicam-se, e as sciencias e as artes cada dia são cultivadas com mais zelo e amor. Para aproveitar porém estes felizes symptomas de nossa regeneração social, devemos acudir aos échos d'esse grandioso grito do progresso, que desperta as sociedades, retumba no seio das nações cultas, e as evoca para uma vida toda laboriosa, sempre cheia d'actividade, d'intelligencia e felicidade, cumpre não esmorecer na *propaganda* de todos os conhecimentos uteis; e para de novo grangearmos o glorioso nome de nossos maiores, quebrar por uma vez os laços, que nos teem manilhados ao carro da negligencia e da apathia.

As sciencias teem-se por assim dizer, tornado entre nós aristocraticas: não teem descido a todas as classes da sociedade; e por isso a agricultura tem permanecido orphã e abandonada. É tempo por tanto de libertar o lavrador do circulo estreito, em que o máu regimen da sociedade o tem retido escravo; a natureza dos trabalhos, a que o povo dedica a sua vida, não o deve obrigar ao officio eterno d'uma machina; esta

condição miseravel e obscura do homem deve banir-se da sociedade, e nesta obra de moralidade e illustração se empenham hoje grandes e sublimes engenheiros.

Cada classe deve possuir noções claras, ainda que elementares da parte scientifica da sua profissão, e guiar-se na sua practica pelos principios systematicos da theoria, pelos luminosos conselhos da experiencia; d'outro modo será o lavrador eternamente condemnado á condição d'um mero automato, será escravo d'uma servil e cega imitação, e já-mais melhorará a sua sorte social.

A classe agricola tem tantos ou mais direitos, que nenhuma outra, á instrucção e ao saber.

O lavrador é o primeiro defensor do estado, o homem que as leis mais sabias teem sempre protegido e honrado: emprega toda a vida em servir a sua patria, presta com seus braços e trabalhos elementos a todas as artes e officios, e assegura á sociedade, o primeiro dos bens — a conservação da existencia e da vida. A agricultura é uma arte muito nobre; deve-se-lhe o começo das sociedades, e a formação dos estados; e d'ella nascem os mais doces sentimentos da vida — o amor da patria, o amor de familia, e as mais brilhantes virtudes sociais.

A classe agricola porém carece entre nós da instrucção propria da sua profissão: os nossos camponozes, pela maior parte, nem ao menos sabem lêr, mas é d'esperar, que o estabelecimento d'escolas primarias, que as nossas administrações se vão empenhando em diffundir por todo o reino, e as medidas que ha pouco fôram promulgadas na *reforma da instrucção primaria*, acabem dentro em poucos annos com a ignorancia dos pequenos lavradores; e temos alem d'isto entre nós muitos proprietarios e lavradores instruidos, e os parochos, as autoridades e os litteratos para lhes servirem de mentores, dontrinando-os pela palavra e pelo exemplo, e cusinando-lhes

os preceitos mais uteis e as practicas mais vantajosas da agricultura.

Não faltarão talvez inimigos da vulgarisação dos conhecimentos, e sectarios de crenças erroneas, que julguem o lavrador, pela condição rude de seus trabalhos, incapaz de lêr e aprender a parte theorica da sua arte. Mui diversamente o entendemos nós: todo o lavrador, que souber lêr, é tão apto como nós para aprender a parte tecnica e scientifica da sua arte; se não está tão habilitado para descobrir verdades e deduzir consequencias, não é todavia privado dos meios intellectuaes para o alcançar. As doutrinas que intimidam a sua intelligencia, tambem já nos parecêram incomprehensíveis, quando pela primeira vez no-las ensinaram; e sem a carreira por que nos fizeram passar para chegar ás sciencias de demonstração, tivéramos como elle succumbido á ignorancia. As idéas caracteristicas do nosso seculo já não permitem, que se levantem taes barreiras na sociedade, concedendo privilegios, honras e saber só á classe aristocratica: o povo tem tambem direitos á sciencia e á nobreza do merito. É no povo, quo as corporações sabias vão encontrar seus grandes homens, é d'elle que nasceu quasi sempre os innovadores nas sciencias e nas artes; é do povo enfim que tudo se devêra esperar, se a sua educação fosse bem dirigida e suas luzes bem fomentadas.

É preciso por tanto diffundir a instrucção agricola, e propagar o gosto por tão nobre arte; que depois seremos plenamente indemnizados de nossos trabalhos e fadigas, quando nossas terras forem amanhadas, não segundo a fé que os lavradores prestam a prestigios e crenças populares, mas conforme com os dictames da theoria e da experiencia.

O estado da agricultura nos paizes mais civilizados offerece um brilhante quadro d'emulação para os nossos lavradores consultarem as practicas e os methodos mais vantajosos e mais adequados ás suas circumstancias.

Na Baviera ensinam-se os filhos dos camponeses nas escholas agrarias por cathecismos d'agricultura, como se lhes ensina a religião. E não poderia entre nós seguir-se um tão util e sancto exemplo? certamente. A religião e a agricultura velam ambas pelas necessidades dos homens; a religião quer que o homem seja feliz e virtuoso, e a vida campestre é um manancial de virtudes e felicidades.

O povo portuguez tem sempre mostrado a maior aptidão para as lettras, artes, e as mais arriscadas empresas; não é muito pois que se possa tornar uma nação essencialmente agricola.

Não despresemos os dons, que a natureza tão largamente nos prodigalisou: o nosso bello e variado clima, este sólo privilegiado e abençoado pelo cén só esperam por mãos habeis e intelligentes, para obrar prodigios, e temos por fé que estas mãos de rudes e grosseiras, hão-de pela luz da imprensa tornar-se sabias e laboriosas. Pela nossa parte concorreremos, quanto em nós couber, para levar a effeito o que aconselhamos, publicando no nosso jornal alguns preceitos theoreticos e practicos, que são hoje admittidos pelos Agronomos mais distinctos.

J. A. S.

— 121026 —

(J. D.)

O JUSTO E A SOCIEDADE.

Seu coração era puro como o dos anjos, e sua alma innocente e caudida só dava asylo á virtude.

Era rico e joven; e a sociedade monstro hypocrita e servil o afagou com o carinho de mãe para depois o repellir com o rigor de madrastra, e para o esmagar, em aperto doloroso e pungente lhe abriu com simulada franqueza seus braços de ferro.

E elle se lançou nelles com a con-

fiança do justo, porque acreditava, que na companhia dos homens ia gosar os arrobados prazeres dos archanjos, e ouvir de seus labios hymnos ao Creador, mais suaves do que os dos astros em seu girar harmonico, os dos bosques em seu ciciar cadente, e os das xâgas em seu quebrar em flor: mas to-pou desprazeres em vez de gôzos, e em vez de hymnos melodiosos, o estrondo confuso, monotono, e terrivel formado pela alegria e pelo pranto unidos em medonho hymineu.

E seus cabellos se eriçaram como se lhe passára diante dos olhos o genio da destruição seguido do seu habitual cortejo de crimes; e seu corpo estremeceu, como corda vibrada por mão possante.

Os vicios de todas as especies, escondendo sua asquerosidade real sob gallardas louçanias, o cercavam de seduccões. A impudicia, mascarada com as rosas do pudor, e arreada com enfeites da virgindade, lhe acenou dos prostibulos; e o crime lhe abriu com estudada jovialidade as portas d'aquellas catacumbas infernaes aonde se perde o ouro com a virtude e se aprende a falar a sêde das riquezas na fonte dos delictos; mas seu olhar alumiado pelo sol da intelligencia divina pôde lubrificar o hediondo através dos recamos de ouro, e o seu coração ficou puro como o dos anjos, e sua alma innocente e candida continuou a dar a-ylo á virtude.

Com a alma repassada d'esta religião de amor e de esperança, que na hora do passamento o filho de Deus legou aos homens no alto do Golgotha, e com os olhos fitos de continuo nos altamente sabios preceitos do evangelho, protegia o fraco da prepotencia do forte, levava o pão da caridade á cabana do indigente, consolava com palavras de amor os perseguidos da desgraça; e em troca de tantos beneficios que com mão larga semeava só colhia perfidias e ingratiões. E suas virtudes brilhavam d'entre a espessa nevoa de corrupção nascida do ha-

lito impuro do crime, como o pharol na escuridade da noite.

E elle era no meio dos homens como diamante engastado em negra chapa de ferro enferrujada pelo correr dos annos.

E a sociedade o aborrecia porque o via puro no meio do vicio, escarnecia-o porque era a censura vivente de sua corrompida moral, e o acompanhava com ridiculos motejos e pezados sarcasmos em cada passo que elle firme e ousado dava pela estrada da virtude.

E elle respondia aos insultos com afagos; e sentia o coração estalar-lhe de dôr por ver que o monstro das trevas ia reconquistando o imperio que lhe havia feito perder a vinda do Messias.

E alevantou os olhos ao Céu para implorar o perdão para os homens, e ao descrava-los das moradas do Eterno encontrou o olhar malicioso do impio e o sorriso ironico do atheu.

E ergue a voz para fazer conhecer o caminho, que conduz á verdadeira felicidade, e suas palavras ondas de luz espiritual em vez de dissiparem as trévas do scepticismo, se perderam no tumultuar confuso do descreer por entro os risos e apupos.

E olhou em redôr de si, e viu os templos ora abandonados de crentes e silenciosos de preces, ora cheios dos gritos freneticos das differentes parcialidades politicas, que debatendo com irriligiosa raiva, mesquinhos interesses de poucos em que muitos são forçados a tomar parte, deixavam quietar a espaços o sussurro das paixões humanas, para fazerem depois echoar as abobadas costumadas aos mysticos cantares, com o rir insultador dos vencedores, e com o blasfemar desesperado dos vencidos. E viu o hypocrita encobrir as tenebrosidades da sua alma com um sorrir mentiroso como a luz do relampago, que alumia a superficie do oceano sem nos amostrar seu fundo.

E viu o rico á força de crimes ser acatado e respeitado; e o pobre virtuoso ser aviltado e desprezado; e o falso ami-

go ser reputado sincero em seu afagar traçoeiro; e o egoismo sordido trajar com desfarçamento indizível as vestes do amor da patria.

E chorou sobre a sorte de seus semelhantes, e seu chorar foi apellidado hypocrisia.

E conheceu, que se achava só no meio dos homens, e ouviu uma voz intima que lhe bradava — fuge da sociedade se queres gosar da companhia de Deus —: e embrenhou-se pelas solidões do deserto, e allí dirigindo os olhos ao Céu e o pensamento ao Creador, estendia a mão resequida pela penitencia para abençoar aquelles, que o haviam repellido.

Morreu: e o seu jazigo é humilde como foi sua vida, e apenas para contrastar com os soberbós moimentos erigidos ao vicio pelas mãos da vaidade, se vê uma cruz tosca designando o lugar onde jaz a virtude.

P. de C.

NOVOS TRABALHOS
DE

M. Milne Edwards.

Na sessão da Academia real das Sciencias de Paris de 17 de março ultimo, leu este sabio naturalista uma memoria relativa ás descobertas, sobre o systema circulatorio dos molluscos a que fôra levado com M. Valenciennes. Ha poucos mezes que apresentára á Academia um relatorio com os resultados de uma expedição scientifica que elle acabava de executar pelas costas do Mediterraneo sob o patrocínio do infeliz Ministro da instrucção publica, M. Villemain; e as acquisições feitas nesta viagem foram de subido interesse para a sciencia:—estabelecer um novo systema de classificação zoologica, fundado nas analogias da vida embryonaria. *La zoologie*, disse M. Edwards nesse relatorio, *après être*

restée longtems essentiellement descriptive et avoir revêtu, au commencement de ce siècle, un caractère anatomique, a pris maintenant une direction plus physiologique. Os naturalistas modernos não esqueceram achar todos os elementos do methodo natural na confrontação dos animaes no seu estado adulto e definitivo, pois que a serie de metamorphoses por que todos passam, as evoluções e atrophias especiaes a cada um e cada epocha, fazem desaparecer o plano geral que domina nas organizações: recorrem aos primeiros momentos em que os caracteres das racas, familias, generos e especies comecam a manifestar-se, e estas novas e fecundas vistas, auxiliadas poderosamente pelas investigações de M. Edwards, promettem um brilhante futuro ao estudo philosophico do reino animal.

Desde a epocha mysteriosa da vesicula primordial, da cellula germinativa, em que nos é impossivel discriminar as classes, até talvez o animal do vegetal, é cuidadosamente espreitado o momento de transição para a epocha das primeiras desenvolvções dos rudimentos organicos; mas tão varia é esta evolução para cada especie e cada organo, tanto diversifica em rapidez e complicação, são tão importantes os órgãos sujeitos a permanecer abortivos, rudimentares, ou á transformação, suppressão, evolução tardia, que impossivel fôra fixar para cada animal uma epocha de desenvolvimento completo e normal. Segundo as ideas de M. Edwards é possivel achar-se uma lei de dependencia entre as affinidades zoologicas e a duração de estados analogos da vida embryonaria. E é pelos grãos mais baixos e simplices da escala que deve comecar este estudo, onde a evolução offerece productos abundantes, phenomenos visiveis, onde as fecundações artificiaes são possiveis e independentes da vida intra-uterina.

Em novembro do anno passado, visitou M. Edwards diversos pontos das costas da França, Argel, Sicilia e Ita-

lia; desceu a todas as profundidades possíveis do mar, a quantas anfractuosidades pode encontrar nos rochedos submarinos, servindo-se do aparelho mergulhador de Paulin. Comparar os estudos feitos sobre os diversos typos dos invertebrados do oceano e mares do norte com os que são proprios das regiões quentes; examinar o mechanismo physiologico no seu mais completo e livre exercicio e sob a influencia de todos os agentes locais, tal era o fim das suas ousadas excursões. E questões d'alta importancia vem este sabio offerecer á contemplação dos zoologistas, especialmente as que devem constituir a parte positiva da nova theoria. Na sua memoria de 3 de dezembro indicou os seguintes pontos:—circulação dos molluscos, e dos crustaceos, sua embryologia e dos annelides, organização dos acalephos ciliogrados, mechanismo d'alguns movimentos dos molluscos, a impossibilidade de se fundar a divisão d'esta classe sobre o modo de geração ou natureza do sangue.

O primeiro d'estes pontos foi effectivamente assumpto da sua memoria de março. M. Edwards demonstra na Academia, por meio de exemplares injectados, que o aparelho circulatorio dos molluscos differe do dos vertebrados, em que depois do systema arterial e das malhas dos tecidos, que formam duas ordens de redes capillares, vai o sangue derramar-se na cavidade abdominal, e por especies canaes reverte aos orgãos respiratorios e ao coração. M. Quatrefages chama este systema *phlebenterismo*; quaesquer consequencias que se pertendesse tirar d'esta descoberta, seriam prematuras se as não reservassemos ao engenho do proprio auctor e ao desenvolvimento dos pontos ultteriores da sua memoria; nem nos demoraremos com as analogias que al-guem quer achar d'esta organização com a das classes superiores.

I. E. B.

(I. D.)

O ANNIVERSARIO.

Meditação.

Vinte annos! — e eis um marco mais na estrada da vida; mais uma folha no livro da existencia; — e o que é esta? — uma balança fiel, que pende das mãos do Eterno; em uma das conchas está o passado, em outra o porvir; cada dia é um grão de mais para uma, de menos para outra.

Vinte annos! — e eis ali a esvaccerse, a precipitar-se nas profundezas do que foi o primeiro e o mais bello periodo da existencia; — eis ali a expirar a primeira e mais formosa de todas as idades, a quadra breve das illusões, a doce primavera da vida.

Vinte annos! eis mais um riachão para engrossar a torrente do passado, eis mais uma onda para o sorvedouro dos tempos, mais um annel para a cadeia de meus dias — e quem sabe se o ultimo?

Quem sabe? — mas porque me lembro da morte no vigor da existencia? porque penso no passado, quando me sobeja porvir? porque? . . .

E quem no dia que recorda o primeiro não pensará no ultimo? a quem esquecerá o tumulo quando o berço lhe lembra? —

A mão destruidora do tempo como a aza negra de procella, arranca á arvore da existencia as folhas melindrosas; — quem não cuidará na derradeira ao ver uma no turbilhão que a devora?

Primavera da vida, entristece-me o teu adeus; — chora o infante quando vê pedaços o brinco que o entrelinha; esmorece a rôla ao despedir-se do ultimo raio do sol, que lhe aquentava o ninho; — esmoreço e choro com teu adeus, primavera da vida.

Adeus! — uma lagrima ao passado, cemiterio d'illusões; — futuro pélagos

de trevas, para ti não tenho lagrimas nem sorrisos.

Passado e futuro! — eis os dous polos da existencia humana; — palavras mesquinhas das linguas mesquinhas da terra; — só Deus é grande, porque as não conhece.

Dezembro 21, 1843.

A. Lima.

GUSTAVO HUGO.

A Jurisprudencia acaba de perder um dos seus mais distinctos ornamentos pela morte de Gustavo Hugo falecido aos 15 de setembro do anno passado com mais de oitenta annos de idade na cidade de Goettinga, de cuja Universidade era Professor de Direito.

Nascêra este sabio Jurisconsulto aos 23 de novembro de 1764 no Grão Ducado de Baden. Depois de haver cursado as escolas elementares de Montbelliard e Carlsruhe passou á Universidade de Goettinga onde se graduou em Direito.

Discipulo de Heyne e de Spittler entrou em 1790 na grande lucta das duas escolas *historica* e *philosophica*, que ainda hoje dividem os Jurisconsultos allemães; abraçando o partido da primeira.

No anno, que dissemos, começou elle a publicação dos trabalhos litterarios, que com tanta gloria sua e proveito das sciencias e das letras continuou por mais de meio seculo.

Em 1791 foi feito Professor de Direito da Universidade de Goettinga, onde

teve logar para propagar por toda a Alemanha os principios da eschola historica, a qual lhe deve grande parte da sua voga associando o seu nome com os de Savigny e Haubold.

Um dos meios de que estes sabios se serviram para diffundir as suas idéas, e que maior impulso tem dado ao estudo da Jurisprudencia, foi a publicação de *Jornaes scientificos*, sendo Gustavo Hugo um dos collaboradores mais infatigaveis d'estas publicações.

Lermièr fez o elogio de Hugo, chamando-lhe: Jurisconsulto encyclopedico, que soube encarar a Jurisprudencia por todas as suas faces; consummado e profundo no Direito romano, os seus trabalhos historicos sobre esta parte da sciencia immortalisaram o seu nome.

Entre nós a sua — *Historia de Direito Romano* — é bastante conhecida e apreciada; mas além desta obra ha muitas outras do mesmo auctor, das principaes das quaes damos uma relação —

Curso completo de Jurisprudencia, contendo—1.º uma Encyclopedica—2.º Historia do Direito romano até Justiniano—3.º Historia litteraria do Direito Romano desde Justiniano—4.º Curso de Direito natural—5.º Chrestomathia—6.º Manual do Digesto—7.º Manual do Direito romano moderno—8.º *O Jornal*—*Civilistiches Magazin*—e 9.º dous volumes dos artigos publicados por elle no *Jornal de Goettinga* o—*Anzeigen*.—

S. B.

Resultado das observações meteorologicas de Marco

	Barometro		Thermometro		Hygrometro	
	(red. á temperatura 0.º)		(interno)		de Saussure	de Mason
Maxima.	819 ^{mm}	42 (dia 23)	17º C.	(dia 31)	88 (dia 14)	6 (dia 15 e 16)
Media.	752	, 92.	11, 83		77, 95	2, 94
Minima.	704	, 89 (d. 10)	8.	(d. 9.)	70 (d. 21 e 22)	2 (freq.)
Ventos.	{ Var. nos 2 quadrantes O, entre N. e SSE { N a S=1, 33 { Freq. relativa. { E a O=0, 08				{ Cariz { Dias mais ou menos { chuvosos. 14 { Ennevoados. 6 { Limpos. 11	

(J. D.)

INSTITUTO DE LITTERATURA E ARTE
DRAMATICA.

Em virtude da reforma dos Estatutos da Associação, começou este Instituto a reorganisar-se, com o nome de *Instituto de Litteratura e Arte Dramatica*, nas sessões de 12 e 19 d'Abril; daremos mais tarde uma abreviada noticia d'este trabalho, quando estiver concluido.

Na sessão do dia 17 foi conferido ao Sr. João de Lemos Seixas Castello Branco o titulo de *Socio Honorario*, em testemunho do reconhecimento do Instituto pelo offerecimento do seu drama *Maria Paes Ribeiro*. O Instituto quiz junctar por este modo a sua corôa litteraria ás muitas com que foi corôado o seu digno socio nas duas representações do seu drama.

Na mesma sessão foi offerecido ao julgamento do Instituto um novo drama—*O Magnetismo em Salamanca*—no gosto do *Vaudeville* francez, por um socio que não quiz declarar o seu nome. Este drama foi lido ao Instituto, discutido e approvedo na sessão extraordinaria de 26 de abril. É o 4.º drama original offerecido á censura do Instituto por socios seus no anno corrente.

Deverá ter lugar em um dos primeiros dias de maio, o elogio historico do nosso antigo collega na Academia e no Instituto o Sr. João de Vasconcellós Pereira Coutinho Mendonça Falcão, que em 1841 vimos com tanta magoa nossa e tão prematuramente, quasi no fim da sua carreira escolarica, roubado ás letras e aos seus amigos. O Sr. Mancel Maria da Silva Bruschy que mais particularmente possuia este titulo, foi preferido, a pedido seu, para cumprir esta parte do nosso novo Estatuto; e o nosso jornal apresentará ao publico o seu discurso.

N.º 4.—4 de Maio de 1845.

Sobre proposta do Sr. Castro Freire, o Instituto deliberou promover em seu nome uma subscrição para concorrer ás despesas do monumento que em Lisboa vai erigir-se ao nosso immorttal lyrico Filinto Elysio. A sociedade editora da Revista Academica foi concedida a honra de fazer parte da commissão promotora d'esta subscrição que tem por fim assegnar na historia de Portugal uma das suas mais preciosas épochas de gloria litteraria (*).

(J. D.)

TRADUCCÃO DE UMA MEDITAÇÃO DE
MR. DE LAMARTINE.

AGLORIA

A Filinto Elysio no desterro.

Dous caminhos em frente se vos abrem,
O' das Musas mimosos, bem diversos.
Um conduz a ventura, á Gloria o outro:
 Cumpre escolher, ó Vates.
Teu destino seguio, ó gão Filinto.
A lei commum: — tu foste desde a infancia
Da gloria o martyr, filho do infortunio;
 E choras o teu fado?
Peja-te, ó vale, de invejar ao vulgo
Esse inglorio desanço em que vegeta:
Se o céu o cumulo dos Deus da terra,
 A nós deu-nos a Lyra.
São teus os sec'los, tua patria o mundo;
Hão-de aos manes por fim erguer-se altares;
Justiçoso o futuro ha-de sagrar-te
 Triunfos immortaes.
No destemido vôo aquia suberba,
Na estancia dos trovões assim pairando,
Parece um grito alçar: nasci na terra,
 Mas eis-me em fim nos céus.
Tu da gloria serás; mas olha o preço
Por que te é dado o intrar seu templo augusto;
Não vês de guarda a porta o infortunio
 Sentado nos degraus?

(*) A Redacção d'este periodico acaba effectivamente de abrir no seu Escritorio a subscrição para collaborar a um tão glorioso e patriotico emprehenho, e convidamos aos amadores das nossas glorias nacionaes a que venham reunir os seus aos nossos esforços para eternisar o nome do Heroico Lusitano, do regenerador das nossas letras, do pobre expatriado que ás margens do Sena se não deslembrou da mocidade portugueza.

Dentro não vês o velho, a quem a Grecia
Deixou de mar em mar curtir desgraças:
Ecego mendigar um pão de lagrimas

Em paga dos seus hymnos?

Olha allí tens o teu Camões dicino:

O sublime cantor das glorias patrias.

Morreu n'um hospital, e nem lhe destes

Ao menos a mortalha!!

Além ardendo em fogo expia em ferros

O Tasso a sua gloria, e os seus amores;

Prestes a receber laurel tardio,

Eil-o desce na campa.

Por toda a parte victimas, proscriptos.

Uns lutando co' algoz, outros co' a sorte;

Parece o céu que manda ás almas grandes

Dores tambem maiores.

Oh! cala-me na lyra esses lamentos:

Os fracos se lastimem; tu, Filinto,

Rei sem throno, sorri para a desgraça

Com generoso orgulho!

Os ferros dos tyrannos, nem o exilio,

Poderão algemar a tua gloria

Nestas margens do Sêna; — inda Lisboa

Reclamará teus ossos.

Ao receber da herança ha-de chorar-te;

Assim chorou Athenas seus proscriptos:

Coriolano expirou, de Roma os fillos

Seu nome reivindicam.

Quasi a descer para a mansão dos mortos,

Ergue supplices mãos aos céus Ovidio;

Ao Sarmata grosseiro as cinzas lega,

Sua gloria aos Romanos.

F.

HISTORIA DE PORTUGAL DURANTE A IDADE MEDIA.

Fragmento.

O fragmento que offerecemos pertence ao primeiro capitulo da Introducção á *Historia de Portugal Durante a Idade Media (Historia Política)*. A epigraphe do capitulo, uma de cujas proposições este trecho tem por objecto provar, é a seguinte:

«Considerações preliminares: distincção fundamental entre os escriptos historicos da Idade-Media, e os da época da restauração das lettras. As origens de Portugal lemitadas naquelles á sua verdadeira ou mais natural data, e nestes deduzidas de épochas estranhas, e até ante-historicas. Causas e consequencias d'este falso systema. Conveni-

encia de separar da Historia de Portugal, tudo o que rigorosamente é alheio d'ella. Nenhuma identidade nacional entre a sociedade portugueza e alguma das antigas tribus ou raças que habitaram a Peninsula antes da era christã. Caractères que podem estabelecer a identidade na successão dos tempos—o territorio—a raça—a lingua: falta d'esses caracteres entre os lusitanos e os portuguezes. Elementos constitutivos de Portugal relativamente ao territorio e á população: elemento leonez e elemento sarraceno. Necessidade de conhecer a historia politica dos estados mussulmanos e do reino de Leão como base para a historia politica da primeira época da monarchia portugueza.»

Apontamos acima entre os principaes vestigios da civilisação romana, os da lingua. Em logar competente examinaremos qual foi o modo porque se formou o nosso idioma, e por quaes transformações provaveis passou o latino até se converter na linguagem portugueza anterior ao renascimento, como por circumstancias analogas se convertia tambem nas outras do meio-dia da Europa. Apesar da rapidez com que devemos proseguir nesta introducção, mais larga necessariamente do que desejamos, importa estabelecer aqui o facto de que, nas considerações relativas a esse objecto, havemos de partir. Este facto é o predominio absoluto da linguagem dos romanos na época em que lhe succederam os visigodos. A opinião de que o cellico se tem conservado no essencial das linguas da Hespanha atravez de todos os successos politicos e sociaes, durante umas poucas de dezenas de seculos, começou a correr entre nós ha annos com algum applauso. Esta voga proveiu-lhe de certo apparatus de razões philosophicas em que se estribou. Disse-se que a filiação das linguas se não devia deduzir da semelhança dos vocabulos, mas sim da sua indole: pro-

curaram-se provas, e até certo ponto acharam-se, de diferenças e antinomias grammaticas entre os dous idiomas, e d'aqui se concluiu que a lingua portugueza conservava na intima essencia a sua origem primitiva ou celtica. O monstruoso d'este raciocinio apparece logo que se reduz á sua simplicidade; mas involvido n'um grande numero de considerações, e revestido da auctoridade de alguns factos, que concordam com uma outra das suas premissas, facil foi escapar a muitos que a conclusão não se continha nellas.—Admittindo o principio, alias falso, de que as filiações das linguagens humanas se devem exclusivamente buscar nas semelhanças de syntaxe, e concedido que na realidade se dão grandes diferenças de indole entre o portuguez e o latim, a consequencia legitima d'isso fôra unicamente que d'este não proviera aquelle. Para provar, porém, a sua origem celtica, era necessaria mais alguma cousa; devia-se expor a indole da antiga linguagem dos celtas d'Hespanha, e achar as analogias intimas entre essa linguagem e a nossa, e o contraste d'ambas com o latim. Eis o que se não fez, e que é impossivel fazer-se. A hypothese de que o portuguez procede do celtico tem a ruína na base. Essa lingua primitiva passou sem deixar monumentos: o que hoje subsiste é um certo numero de dialectos, cuja semelhança relativa com o idioma de que procedem ninguem ousaria determinar tanto mais que entre elles se dão gravissimas diferenças. É o ersa, o gaelico, o armorico, ou o welsh o representante mais proximo do antigo celtico? Era este uma lingua commum a todos os povos da mesma raça, ao menos dos que estancavam pela Peninsula? Questões são estas sobre que apenas se poderão fazer conjecturas mais ou menos arriscadas, e que tadavia fôra preciso resolver com clareza antes de converter a hypothese em these. Isso, porém, repetimo-lo—é impossivel, posto que uma passagem de

Strabão, passagem de que aliás os defensores das origens celticas creram tirar vantagem pareça decidir negativamente a segunda questão (1), e nesse caso importaria determinar de um modo positivo qual d'essas linguas diversas, de que elle falla, transfundiu para a da nossa a sua indole.

Neste logar só nos cabe fazer sentir que os resultados da conquista romana se estenderam até a transformação dos idiomas da Hespanha, fossem elles quacs fossem. O modo porque atravez do dominio wisigothico, da invasão arabe, e da reacção christã se foi alterando a linguagem hispano-romana no occidente da Peninsula até chegar a produzir dialectos diferentes, que se constituiram em diferentes linguas, havemos de averigua-lo em relação á portugueza onde nos cumpre fazê-lo. Aqui só importa saber se o idioma dos romanos tomou um ascendente decisivo sobre as linguagens mais ou menos barbaras e confusas que até então se fallavam, e que não podiam ser exclusivamente celticas, mas mescladas de iberico, celtico, phenicio, grego, e punico, bem como o eram no sangue os habitantes da Hespanha, e como ainda hoje o vemos nos vestigios d'essas linguas, bem apparentes nos dous principaes idiomas modernos, o portuguez e castelhaño.

Dissemos acima o—idioma dos romanos—e não a lingua latina: dissemo-lo mui de proposito. Quando se assevera que o latim se tornou a linguagem geral da Hespanha affiguramo-nos que os hespanhoes repetiam vulgarmente os periodos eloquentes de Cicero, ou usavam do estylo facil e harmonioso de Tito Livio; que guardavam as regras severas da grammatica latina com o mesmo escrupulo com que costumavam respeitá-las os bons escriptores do seculo de Augusto. Esta idéa errada basta

(1) Utuntur et reliqui hispani grammatica, non unius omnes generis: quippe nec eodem quidem sermone. Strabon. Geogr. L. III [p. 204 da edição d'Amsterd. 1707 notis variis.]

por si a levar alguns espiritos a inclinarem-se para os sonhos do celticismo persuadidos, e com razão, da impossibilidade de admitir semelliante idéa. O facto é, porém, outro. Em Roma o vulgo fallava sem duvida de um modo diverso d'aquelle que os escriptores seguiam. Essa linguagem que Suetonio chamava *quotiniana* e Aulo-Gellio *rustica* (1) é denominada por outros auctores *pedestre*, *vulgar*, *simples* (2). Misturada de vocabulos desconhecidos nos livros, imperfeita no mechanismo dos verbos, e nas desinencias dos casos seguia-se-lhe d'ahi a necessidade de empregar as preposições mais frequentemente para distinguir estes, e uma ordem natural e sem inversões na successão das palavras (3); precisava em fim de alterar a indole da lingua culta, e de approximar-se, quanto a essa indole, das formas mais simples que depois adoptaram os idiomas modernos do meiodia da Europa.

Esta linguagem popular era por ventura em parte um certo resto da antiga lingua do Lacio conservada tenazmente pela plebe, e alimentada pela accessão successiva dos povos da Italia á socie-

(1) *Quotidiano sermone, quaedam... usurpasse cum (sc. Octavium) litterae ipsius autographae ostentant... baccolum... pulciaceum... Ferrerosum... vapidose habere... betizare... lachanizare.* Item, *simus pro sumus A. domus genitivo casu.* Octav. c. 87 (ediç. de Ernesto 1775) D'aqui se vê que o povo não só usava de vocabulos estranhos á lingua litteraria, mas alterava a declinação dos nomes e a conjugação dos verbos. E advirta-se que Augusto não escrevia na linguagem popular, mas apenas usava de algumas palavras d'ella, *quaedam*.—*Quod nunc autem barbarè quem loqui dicemus, id vitium sermonis non barbarum esse sed rusticum.* Gelli Noct. Att. L. 43 c. 6.

(2) Ducange Glossar. Praefat. c. 28.

(3) Era por isso que Augusto, que aborrecia os discursos obscuros, não poupava fallando ou escrevendo as preposições e conjunções, segundo diz Suetonio (c. 86): *neque praepositionibus verbis addere, neque conjunctioes saepius iterare dubitavit.* Ernesto com Grevio, e Gronovio, leu *arbitus* por *verbis* o que nos parece não ter sentido. Suetonio alludia sem duvida aos discursos de Augusto, e aos escriptos para o povo, nos quaes elle provavelmente fallava a linguagem vulgar seguindo a sua judiciosa doutrina de se fazer entender por todos, em vez de buscar phrases e palavras exquisites.

dade romana; em parte um resultado das conquistas. Nas longinquas e duradoras guerras da republica, as legioes romanas vagueando por diversas partes, residindo por dilatados periodos no meio de estranhos, recrutando cohortes inteiras entre estes, eram, saindo de Roma e voltando a ella continuamente, um vehiculo de palavras e phrases barbaras que tendiam a conservar a linguagem popular, indomada pelo idioma litterario, e talvez a afastar cada vez mais um do outro. E na verdade já Cicero se queixava de que os estrangeiros, principalmente celtas, (*braccatae nationes*) affluindo á Roma houvessem alterado a pureza da dicção (4).

Por outra parte a notavel differença da lingua plebea á lingua culta, se descobre nos monumentos mais antigos, e nas palavras e locuções d'aquelle, que voluntaria ou involuntariamente introduziram nos seus escriptos ainda os mais celebres auctores Romanos (2).

Continuar-se-ha.

A. Herculano.

INFLUENCIA DO CHRISTIANISMO SOBRE A LEGISLAÇÃO.

(Continuado do N.º 2. pag. 21.)

II.

Filii, obedite parentibus vestris in Domino: hoc enim justum est.

Honora patrem et matrem tuam... Ut bene sit tibi...

Et vos patres, nolite ad iracundiam provocare filios vestros: sed educate illos in disciplina et correptione Domini.

S. Paul. ad Ephes. cap. 6.

O Homem no verdor dos annos, cheio de vida, volteando na voragem das pai-

(1) De Orat. c. 5 n. 24.

(2) Quintilianus Institut. Orat. L. 1. c. 9.— Quem quizer estudar mais largamente a materia consulte Hallam *Europe in the Middle Ages*. c. 9.— Tiraboschi *Storia della Letteratura Italiana* T. 3 P. I Praefaz. (edição de Florença 1806) Ducange *Glossar. Praef.* e sobre tudo *Memoires de l'Académie des Inscriptions*. T. 24 p. 582 e segg.

xões pode julgar-se feliz por não ter prizaes que o liguem á sociedade e lhe roubem momentos de prazer, « embora seja a vida um sonho, é um sonho agradável, mais agradável que o despertar » — dirá elle — Porém, mal que lhe pese, virá a mão tremula e enregelada da velhice e despertando-o lhe apontará para o mundo, e elle não encontrará senão um deserto triste e desabrido apesar do seu tumultuar e folguédos: abandonado de todos, incommodo para todos, roído de pezaes, saudades, e remorsos, aneará pelo tumulto como seu unico refugio.

O sonho era prasenteiro mas foi curto, e o despertar foi terrivel... E porque?

Porque esse homem não tinha um filho, que na velhice indemnissasse cento por um os cuidados que d'elle recebêra.

Faltava-lhe um amigo, e elle não havia querido ser Pae para ter amigos.

As caricias da infancia, os risos e os folguédos da juventude, os cuidados da virilidade não lhe podem suavisar os males da velhice: e prestes a entrar o limiar da eternidade não verá um raio da immortalidade vendo-se reproduzido na existencia de seus filhos.

A creação do homem á *imagem do creador* (*) em cousa nenhuma é por certo mais sublime do que na reproducção da sua especie — Não é effeito da simples e *necessaria* lei da conservação da mesma especie, por que então satisfêto o fim cessariam todos os vinculos da paternidade. É a felicidade de rever-se nas suas obras. Os brutos ainda os mais superiores na escala da animalidade e mais carinhosos na protecção da prole, esquecem que são paes, e arrojam do seu ninho seus filhos, quando teem de dedicar-se á creação de uma nova prole; outros devoram seus filhinhos, ou os deixam morrer a míngua quando a lei do instincto lhes prôva que são de mais.

(*) Et creavit Deus hominem ad imaginem suam — Genes. Cap. 1. v. 27.

E no entanto as legislações dos povos *ainda os mais civilizados*, quando nellas não dominam os principios do Christianismo, abatem o homem á triste condição dos brutos!... o apice da civilisação como synonyma de aperfeiçoamento moral do homem está na diffusão das idéas christãs.

Não são gratuitas as asserções, que levamos dicto. Vejamos os Chins arrojando ás ruas das suas cidades os filhos, que elles não podem ou não querem alimentar, para que os animaes carniceiros os devorem, ou os carros que acarretam as immundices os vão lançar ao mar!... os Lacedemonios matando os que nasciam com algum defeito, e os Romanos escrevendo com sangue a sua legislação sobre o patrio poder.

Restringindo-nos ao exame rapido da legislação d'estes ultimos, e comparando o que ella fôra antes e depois do Christianismo, veremos que a este devemos a destruição de taes horrores.

Coevo com a origem de Roma o patrio poder foi sancionado solemnemente peloCodigo fundamental de todo o Direito romano com a terrivel facultade de matar os filhos (*)

Este poder durou incontroverso até que a lei do amor e humanidade começou a ser conhecida. Nos tempos da Republica osexemplos de Bruto, Cassio, e Fulvio são bem *conhecidos*.

A apparição do Christianismo veio domar os corações de bronze dos dominadores do universo; e os costumes e as leis tenderam a modificar-se, e um cidadão romano começou a poder ser Pae sem abdicar a qualidade de homem para se tornar um algoz.

Nós já notámos que o Christianismo ganhára a victoria nos corações e nas convicções muito antes que as LL. sancionassem o seu reinado.

No tempo de Seneca o povo romano apredeja um Pae que matára seu filho. Trajano manumitte um outro cruelmen-

(*) Endo liberis justis, jus vite et necis venundauitque potestas patri — XII Tabl.

te tractado pelo Pae. Hadriano desterra um Pae que matára um filho na caça (*).

A força invisível das idéas Christãs já se amostra nestes exemplos: mas a legislação ainda não era christã, por que um Jurisconsulto contemporaneo de Alexandre Severo estabelece — *que é licito ao Pae o matar seu filho* (**).

No entanto Alexandre havia bebido leite christão: e este leite transformado em sangue imperial não podia deixar de attenuar tal legislação; e é d'elle a primeira lei que tira aos Paes faculdade tão barbara; despe-lhes a natureza de tigres para os tornar homens; em cada familia se estabelece um Tribunal (**).

Havia soado a hora marcada na mente do Eterno, e a cruz, sobre a qual o HOMEM-DEUS expirara por sentença de um magistrado romano, e em um patibulo romano, coberto de oprobrios e vilipendios, ia fechar a corôa dos Cesares e rematar a haste do Labaro; e o nome de Christo substituiu o dos imperadores nos estandartes dos exercitos, e o imperio dos Cesares passou a ser o de Christo, a sua extensão, civilização e LL. foram meios providenciaes da propagação do Christianismo.

É o imperador que alçara a Cruz como estandarte da victoria, assignava com ella a primeira lei que condemna como parricida o Pae que mata seu filho (****).

Constantino symbolisando as novas idéas christãs vencêra Maxencio. E a Cruz alçada com o rotulo — *in hoc signo vinces* — tornára os imperadores iguaes aos homens, e a igualdade religiosa não podia tardar a ser politica. E os filhos foram olhados pela lei como homens, e não como cousas sujeitas ao homem.

Baqueou o imperio romano, mas as suas leis secundadas pelos principios christãos passaram para as legislações modernas. Hoje nenhum povo christão

concebe a possibilidade de um patrio poder com o direito de vida e morte, o filho não é *cousa*, não é *escravo*, é um irmão do Pae em Christo, Pae de todos, é a benção do Senhor, é a promessa realisada de Jehovah, é o arrimo e consolidação da velhice. O patrio poder é um jugo suave e religioso, os Paes são a imagem de Deus, e a obediencia filial um dever grato e sancto, e de tal natureza, que a linguagem dos povos christãos para denotar o que pôde haver de mais carinhoso no poder e de mais humano no castigo, tem o epitheto — *paternal* —.

Comparemos o sentido d'esta palavra pronunciada por um Jc.^{to} anterior ao Christianismo e por outro posterior, e a sua differença marcará um triumpho glorioso do Christianismo — um dos effeitos da sua influencia nas legislações modernas.

(Continuar-se-ha.)

S. B.

ABBADONA E ADRAMELEC,

ou

O DEMONIO ARREPENDIDO E O DEMONIO

CONTINUAZ.

(Continuado da pag. 22)

Entretanto Satan e Adramelec
Da terra pouco e pouco se avizinham,
Um perto de outro; mas cada um sósinho
Adramelec a viu, distante ainda,
Por entre as trevas da cerrada noite;
E — ei-la! de gozo transportado, disse:
(Apoz ideas vinham-lhe as ideas,
Como as vagas do mar, como o oceano
Se encapelou, America longinqua,
Quando de mundos tres te separava)
» A terra é sim, e eu regerei a terra
» Qual origem do mal, d'ella o tyranno,
» Logo que Satanaz expulso, e o Níme
» Vencido, eu imperar. Ella sómente?
» E ao meu dominio escaparão os astros
» Que nos céus volvem sobre mim ha tanto,
» Tranquillamente? — Lá tambem a morte
» Destrua um apoz outro, até o extremo
» Do firmamento — e que isto veja o Eterno!
» Intelligentes seres destruidos
» Não serão um por um, como ante a furia
» Vil, impotente, de Satan fucecem —
» Raças inteiras cairão extinctas,
» Jazerão a meus pés em pó immersas

(*) Senec. de clem. lib. 1. cap. 14. L. 5. ff. de leg. Pom. de parricid. L. un. C. de his, qui par. vel lib. occid.

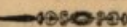
(**) Paulo na L. 11. ff. de lib. et post.

(***) L. 3. C. de patr. potest.

(****) L. un. C.

• E desmaiadas voltearão morrendo :
 • Eutão aqui—alli—ou lá—triumphante
 • Sosinho sentar-me-hei , olhando em roda : —
 • Então , ó natureza , para o immenso ,
 • Profundo sepulchral das obras tuas ,
 • Que eu conduzi ao tumulo , meus olhos
 • Abaixarei— e os teus corruptos restos
 • Observando rizei ! E queira Eterno
 • Do cadaver do mundo novos séres
 • Tirar , para eu arruinar de novo !
 • Com o mesmo ardimento , as mesmas artes ,
 • I-lós-hei outra vez , de um astro em outro ,
 • Desviar , destruir . — Adramelec
 • O teu poder tal é : — achar te resta
 • De exterminar espiritos o modo .
 • Para que às tuas mãos Satan preça
 • E destruido , se esvaeça em nada .
 • Debaxo de seu mando , acção nenhuma
 • Digna de ti executar te é dado
 • Tu poderoso espirito , que animas
 • Adramelec , inventa—faz : —acabem
 • Os espiritos mesmo : —eu te maldigo !
 • Ou destroe-os , ou morre ! — Ah , sim fenece !
 • Viver e não reinar ! — Prefiro a morte .
 • Eu irei—eu irei os pensamentos
 • Mens , quaes nubes , junctar e hão-de então elles
 • Inventar—destruir ! — Eis chega o tempo
 • Do que penso lá desde a eternidade
 • Executar : — agora , sim , que surge
 • Deus contra nós em seu furor baldado
 • E se não erra Satanaz , invia
 • Um Redemptor dos homens para o imperio
 • Nosso nos arrancar . Satan embora
 • Não se engane : — que importa embora esse homem
 • Seja o maior entre os maiores vates
 • Desde Adão para cá : — seja o Messias .
 • O vencimento seu do infernal throno ,
 • Ante os junctos espiritos , mais digno
 • Da posse me fará , ou antes — e isto
 • Talvez mais compra á divindade tua—
 • O mesmo Satanaz , primeiro que elle ,
 • Eterno Adramelec , destruir deves !
 • Terminará o feito portentoso
 • A minha escravidão : — seja a primicia
 • Ella do meu triumpho : — eutão supremo
 • Dos nubes regedor brilhar eu hei-de !
 • Quão difficil te sai , Satan , o corpo
 • Do Messias pungir ! — Oh , tu lhe opprime
 • O corpo tão sômente ! — Eu te concedo
 • Antes de te sumir tão vil proeza .
 • Affadigado o pó mortal lhe esparge ,
 • Que as almas sou eu só quem anniquila .
 • Assim devaneava a mente sua
 • Do desejoso coração levada ,
 • Na damnada tenção . Deus , que os futuros
 • Prevê , ouviu—callou . Adramelec ,
 • Involto em roedores pensamentos
 • Invisível ficou sobre uma nuvem
 • Encastellada em torno d'elle : — a fronte
 • Affogue da finha , os olhos fitos ,
 • E em rugas de furor sulcado o rosto .

A. Herculano.



O MEDICO.

(Continuado da pag. 28)

IV.

Que l'impie assistant à ton heure suprême
Ne dise pas: Voyez, il tremble comme moi.

—Lamartine—

Os cuidados em que a gravidade da molestia, que o medico acabava de destruir, o trouxera constantemente envolvido, e a felicidade que elle vira espalhada por uma familia inteira, não o deixaram sentir que uma enfermidade terrível lhe ia pouco a pouco consummindo as forças e a vida—a elle tão prompto a correr em soccorro dos outros.

Recolheu-se dos seus trabalhos de todos os dias e ao cruzar os umbraes da sua porta as forças fraquearam-lhe quasi a ponto de o não deixarem sustentar-se: foi então que elle caiu em si do alto dos seus pensamentos sempre dedicados aos outros e que se achou diante de toda a gravidade do seu mal; então conheceu elle que aquelle dobrar dos joelhos sob o peso do corpo lhe dizia que por alli elle já não havia de sair senão para a sepultura.

Parou então um momento no limiar da porta e lançou pela ultima vez os olhos para o mundo—para aquelle mundo que lhe tinha consummido a vida, a quem elle já de nada podia servir e que o deixava agora só diante da sua dor.

Neste volver de olhos tão sentido as lagrimas caíam-lhe em fio pelas faces: lagrimas de homem que se não derramam senão com profundo sentimento.

Com passos mal seguros foi elle depois caminhando para o leito, e ahi estendido procurava fugir do seu pensamento que lhe revolvía a idéa da morte e lla apresentava por todas as faces.

A hora extrema do medico chegára em fim; essa hora em que a consciencia se ergue diante do homem e lhe desenrola toda a vida passada, hora por hora, momento por momento, para lho pedir conta dos seus actos.

Desgraçado do homem que neste mo-

mento da vida não tem o apoio de uma crença que o conduza tranquillo para a sepultura; desgraçado do que crê só no mundo e vê esse mundo desfeito para elle; desgraçado do que não tem, a par das lagrimas que chora sobre um passado que lhe fugiu para sempre, uma esperança na eternidade que lhe acene ao longe por entre as incertezas do tumulo!

O tumulo!—idêa que sorri ao desgraçado que devora na soledade as lagrimas da sua dôr quando já nem o chorar lhe pode ser alivio, mas que se alevanta pavorosa diante do homem para quem ainda resta no mundo uma esperança!

MORRER! — sentir-se arrebatado do mundo, além do qual está para uns, o nada; para outros, a ETERNIDADE; para a maior parte, a *davida!*

Como o morrer do marinheiro que sente o seu navio afundar-se com a agua que lhe jorra lá dentro e vem subindo palmo a palmo, a estender o corpo para a victima que a espera lá em cima e que a cada movimento das ondas responde com um grito de dor: como o morrer d'este homem que foge espavorido diante da agua que procura cerca-lo por toda a parte, e sente abraçado ao topo do mastro, o navio oscillar na sua ultima agonia—assim é o morrer do medico.

Mas para o marinheiro que assim vê abrir-se-lhe o tumulo, e que, neste transe terrivel, contempla as aguas balouçarem-se allivas no seu leito insondavel por toda a vastidão dos mares, e enxuga as lagrimas que lhe correm fio a fio para correr com os olhos todo o horizonte, ha ainda uma esperança—o alvejar de uma vela ao longe por entre as ondas do oceano que possa correr a elle e salva-lo.

Para o *medico* estendido no seu leito de morte nenhuma esperança lhe resta, por que elle pôde penetrar dentro em si mesmo e sentir-se morrer, ver a morte correr-lhe de envolta com o sangue e contar os momentos da vida pelas pulsações do coração.

De que lhe serve a sciencia neste momento extremo?—para lhe fazer conhecer todo o incuravel do seu mal, todo o desesperado da sua posição; para lhe dizer que o viver é impossivel, para lhe destruir todas as illusões que neste momento vendam os olhos de todos os outros homens e lhes encobrem o sepulchro.

Oh que para este homem a ultima hora da vida deve de ser bem solemne e bem terrivel! Elle que nunca se chegou ao leito de um enfermo que lhe não deixasse uma esperança, muitas vezes mentida, mas animadora sempre, que tinha elle agora para si quando a enfermidade ali estava diante d'elle em toda a sua intensidade? só a resignação—aquella virtude que faz com que o christão que se sente mui fraco para os seus males se atire ao seio da Providencia confiada na justiça e na omnipotencia divina.

Passou a mão pela fronte escaldada com a febre e ergueu o seu pensamento para Deus.

«Eis-me no ultimo transe da vida—pensou elle para consigo—. . . mas a minha vida não foi como a dos outros homens. . . foi o viver do medico que se deixou morrer a si em quanto curava os outros.

Que fizeste no teu peregrinar por este mundo, tu que te votastes ao cumprimento de uma missão sagrada? me pergunta a consciencia.

Que fiz eu?! . . por toda esta minha vida não me correram placidos e risinhos senão os dias da mocidade. . . tudo o mais foi um continuo lidar entre enfermos e agonisantes, entre cadaveres mil vezes.

Vi as lagrimas de gratidão do pobre a quem eu tinha restituído á saude e ao trabalho, e vi os seus filhinhos, a quem a orphandade houvera precipitado na miseria, sorrirem-se para mim e brincarem alegres na casa de seus paes.

Não encontro momentos mais felizes por toda a minha vida. . . é uma recorda-

ção esta que vem lançar bastante alívio nas minhas dores presentes. . . quero descer abraçado com ella para a sepultura.

Restitui muitas vezes o filho ao pae, a esposa ao marido, o irmão ao irmão. . . e este pae, este marido e este irmão por ventura se esqueceram de mim. . . nenhum d'elles virá derramar uma lagrima sobre a memoria do medico. . . nenhum d'elles virá curvar o joelho sobre a lagem da minha campa para erguer aos Céus uma oração pelo seu amigo extincto.

Que fazem esses homens que eu tantas vezes livre das garras da morte e a cujos leitos eu fui tantas vezes levar a vida? — Folgam alegres por esse mundo e nem ao menos evitam ao seu amigo o morrer ao desamparo.

Embora! Que me importa a mim a ingratição dos homens na hora extrema da vida. . . foi com o pensamento em Deus que andei sempre por este mundo. . . a justiça de Deus me julgará.

Feliz do homem que na hora em que se sente morrer vê luzir-lhe o pharol da esperança, acendido pelos seus sentimentos de Christão e pela consciencia de ter cumprido na terra aquillo para que o destinára o Céu!

Um dia depois caminhava pela porta do *medico* um sahimento, sem ostentação e sem grandeza: a pedra da campa fechou-se sobre o seu cadaver; uma pedra singela e sem inscrições — esquecida de todos!

A. da S.

RESUMO DE PRELECCOES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

(Continuado da pag. 40.)

II.

Transfusão.

1.^a Experiencia. — Posta a descoberto uma das jugulares externas de um cão de talhe ordinario, constituição robusta, e beu nutrido, fizemos-lhe uma

incisão, e recebemos o sangue na pequena bacia de uma seringa de gomma elastica que tinhamos comprimido, e só dilatavamos á medida que elle a enchia. Depois de termos recebido tres onças de sangue adaptámos á seringa um pipo, e por seu intermedio injectámos-lo na jugular de outro cão que em tudo orçava pelo primeiro. Durante a injeção observamos os seguintes phenomenos — gritos — tremuras — e evidentes signaes de dôr, passados poucos momentos depois da injeção — abatimento geral — pulso molle, cheio, e tardo; — comia, mas passada uma hora já não tomava alimento algum; tres horas depois continuava o mesmo estado, só a respiração era mais pequena, e vagarosa, e o abatimento geral mais pronunciado: jazia deitado, e quando o obrigavamos a levantar procurava a mesma posição. Dez horas depois da operação o animal estava menos abatido, e as tremuras tinham sensivelmente diminuido; comia com pouca avidéz — levantava-se espontaneamente, mas pouco tempo se conservava nesta posição; ate que finalmente completos seis dias os symptomas tinham successivamente desaparecido, e o animal parecia restabelecido.

2.^a Experiencia. — Tentámos fazer a transfusão extrahindo o sangue, da veia com uma seringa de metal, e por meio d'aspiração, mas o estado do instrumento não o permittiu, e então tirámos o embolo, e recebemos no corpo da seringa tres onças de sangue que logo injectámos na jugular de um cão ao qual haviamos anteriormente extrahido uma quantidade igual. Durante a injeção notámos um som particular, e poucos instantes depois o animal morreu. Passadas quatro horas procedemos a uma autopsia, e encontramos o seguinte: — veias cavas, e arterias pulmonares muito injectadas de sangue venoso — pulmões côr natural — o coração percutido dava-nos no lado direito um som tympanitico, e as cavidades do mesmo lado estavam distendidas por um sangue

escuro, e espumoso, apresentando bolhas de ar de diversas grandezas — as cavidades esquerdas, fígado, e as veias mezaraicas tinham algum sangue venoso; mas a aorta ascendente, e descendente apresentavam-no em menor quantidade, e de côr mais escura.

3.^a Experiencia. — Da jugular de um cão muito corpulento extrahimos com uma seringa de metal, e por meio de aspiração tres onças de sangue, e injectamo-lo na jugular de outro de talhe mediano ao qual havíamos anteceden-temente tirado a mesma quantidade. O animal parecia não ter soffrido grande incommodo mas passados poucos minutos tornou-se triste e notámos os mesmos phenomenos da 1.^a experiencia, que se desvaneceram com mais promptidão, e no quinto dia já estava quasi restabelecido.

4.^a Experiencia. — Em dous cães muito semelhantes em grandeza, constituição, robustez &c. pozemos a descoberto em um a jugular, e n'outro a carotida. Deixámos a jugular aberta até que o animal estivesse quasi exangue e depois fizemos communicar a carotida com a jugular por meio d'um tubo de gomma elastica. Marcámos os minutos que o sangue correu de um para o outro vaso, e calculámos que foram dez a doze onças a quantidade que o animal recebeu. No fim da operação pareceu-nos que elle tinha recuperado parte do vigor perdido; mas pouco tempo depois appareceram vomitos precedidos de grandes movimentos antiperistalticos mas que foram de pequena duração porque passados poucos minutos já tinham cessado. O tremor geral continuou — pulso pequeno, e com frequencia irregular. Decorreram tres horas, e o animal jazia ainda deitado com muita prostração que augmentou no dia seguinte no qual com muita difficuldade se conservava em pé, — o branco dos olhos estava muito injectado. Desde este dia por diante os symptomas foram pouco e pouco minorando e no fim de seis dias estava restabelecido.

Devemos advertir que neste, bem como em alguns outros animaes se observávam, pouco tempo depois da operação, movimentos de masticação e deglutição; mas não demos importancia a estes phenomenos porque os notámos em animaes sujeitos a outras experiencias, e em alguns mesmo antes de serem operados mas logo que estavam prezos.

Escolhemos estes animaes pela facilidade que havia em os obter, porém não deixamos de reconhecer que não são os mais proprios para este genero de experiencias; porque o seu sangue coagula entre $\frac{1}{2}$ a 3 minutos em quanto que o do cavallo gasta de 5 a 13, e o do Boi 2 a 10. Todavia a brevidade com que foram feitas não permittiu que o sangue coagulasse, e sempre verificámos no fim de cada experiencia se já se achava em principio de coagulação. Além d'isto fizemos sempre largas incisões para obtermos o sangue com promptidão e para difficultarmos mais a coagulação elevámos a temperatura das seringas mui proximo á do sangue.

A transfusão foi practitada com muita frequencia, e grande enthusiasmo por meado do seculo XVII, com tudo este agente therapeutico foi na generalidade dos casos seguido de funestos resultados; mas apezar d'isto continuaram a practica-la com tal pertinacia que em França, e Italia foi ella expressamente prohibida por lei. Os posteriores trabalhos de Hematologia fizeram conhecer a diversidade de grandeza, e fórmas nos globulos sanguincos em animaes de diferentes classes, e d'aqui se deduziu que os funestos resultados de que era seguida a transfusão eram devidos ao encalho dos globulos sanguincos nos vasos aonde circulava sangue de globulos de menor diametro. Muller, Dumas e outros tem demonstrado que a transfusão em animaes de classes diferentes sempre é seguida de tristes effeitos, embora o diametro dos globulos do sangue seja maior ou menor do que os do animal que o recebeu, e que mesmo nos animaes da

mesma especie em que a transfusão se tem praticado, os phenomenos eram constantes, só diminuiam alguma cousa em gravidade.

A idea que o sangue se alterava em contacto com os vasos inertes levou Dissenbach a transfundir sangue desfibrinado, evitando por esta forma o effeito que os pequenos coagulos de fibrina podiam occasionar. Os trabalhos de Bischof, e ultimamente os de Magendie e Andral vieram mostrar que o sangue desfibrinado fica privado de um dos seus mais nobres principios, incapaz de nutrir e por tal maneira alterado que pôde dar logar a graves molestias.

Não foi nosso proposito estudar a transfusão como agente therapeutico, por que no estado actual da Hematologia não estamos ainda habilitados para tirar partido da transfusão, supposto modernamente se tenha practicado com felizes resultados como publicou Pritchard, e outros; todavia estes casos são raros, e não dão ainda sufficientes garantias.

Está demonstrado que os effeitos da transfusão são tanto menos graves quanto os animaes estão mais proximos na escala, e toem entresí mais analogias; e isto evidentemente nos inculca que o sangue tem uma dada individualidade em relação aos vasos em que circula, e que o sangue de um animal não estimula da mesma fórma o systema vascular de outro. É este modo de obrar do sangue que tivemos mais especialmente em vista estudar.

Variámos o processo operatorio nestas experiencias para nos instruirmos nesta parte, e por nos parecer que taes variações não influíam nos resultados d'ellas; o mesmo fizemos a respeito do systema vascular por desejarmos verificar se os effeitos da transfusão eram simplesmente devidos á quantidade, ou natureza do sangue.

A 1.^a experiencia mostra que elle obrou deprimindo o vigor das principaes funcções vitaes em tudo semelhante aos effeitos de um narcotico. A 3.^a experien-

cia confirma os resultados da 1.^a e mostra que não foram devidos ao augmento de sangue circulante, por quanto este ficou sendo o mesmo em quantidade, e só differia em qualidade. Neste caso o sangue que estimulava o systema vascular de uma dada maneira foi sensivelmente alterado pelo sangue de outro animal, e esta modificação imprimiu no estímulo — sangue — uma variante de acção sobre os orgãos. Todas as alterações que observamos nos animaes sujeitos a estas experiencias foram produzidas pelo diverso estado do sangue depois da injeccão, e d'aqui podemos afortadamente deduzir que as propriedades vitaes do sangue variam entre individuos da mesma especie, embora os nossos conhecimentos physicos e chimicos provem sua identidade. Cada animal possui uma dada individualidade nos liquidos circulantes assim como a tem nas fórmas exteriores, propenções &c.

Estes principios parecem confirmar as ideas dos Physiologistas e Chimicos modernos que dizem que alimentando um animal com o sangue de outro embora este liquido seja o mais analogo ao fluido nutritivo não passa elle illeso através dos orgãos elaboradores para os vasos circulantes; mas é decomposto, e de novo reconstituído, e depois é que entra na torrente circulatoria.

Os resultados da 4.^a experiencia são muito analogos aos das antecedentes ainda que as circumstancias que a acompanham foram um pouco mais especiaes. O vigor que o animal mostrou ter recebido com o sangue injectado durou poucos momentos e foi logo seguido de um quadro de symptomas analogos aos da 1.^a e 3.^a experiencia. Resta sabermos se esse vigor que o sangue transfundido deu ao animal foi devido á sua qualidade de arterial, ou ao estado quasi exangue em que o animal se achava. As experiencias de Magendie nos fazem excluir a primeira explicação e é por tanto necessario recorreremos á segunda.

Estamos constantemente vendo em

Pathologia que pela mesma causa se altera em sentidos muitas vezes oppostos uma função, sempre que o estado do órgão não for constante. Parece que neste caso os effeitos de sedação que produziu o sangue transfundido deviam ser mais pronunciados por que a quantidade do sangue foi maior do que n'outras experiencias, e além d'isso o animal estava privado de grande quantidade de proprio sangue; porém não só a sedação não foi tão grande mas foi precedida de uma leve excitação, e isto sufficientemente nos mostra quanto a experiencia desmente as nossas deducções.

Com quanto a 2.^a experiencia se haja frustrado, e por esta razão não poderemos estudar as propriedades physicas do sangue não devemos por isso deixar de fazer menção d'ella. O som particular que ouvimos durante a injeção era uma especie de murmurio devido á entrada nos grossos vasos e coração de uma porção de ar que não havia sido completamente expulso da seringa. Já por outra occasião havíamos observado este phenomeno em outras experiencias, e por isso notámos logo aos nossos ouvintes que a morte do animal seria rapida, e que era unicamente devida áquelle accidente.

Na autopsia a que procedemos encontramos as cavidades direitas do coração muito distendidas e reconhecemos que o ar tinha levado aquelle órgão além da sua esphera de distensão, obrigando-o a perder por esta fórma a propriedade de se contrahir. Este phenomeno é geral em todos os musculos ôcos, que uma vez excessivamente dilatados adquirem um estado permanente de distensão. Faltando as contrações d'este grande agente da circulação (o coração) esta devia cessar e com ella a vida do animal. A congestão das veias cavas, e arterias pulmonares confirma o que fica dito; aquellas se congestionaram por que o sangue não era aspirado pelas cavidades direitas, e estas se distenderam com o sangue por que lhes faltou a *vis a tergo* que o impellia.

Magendie em suas numerosas experiencias explica os phenomenos d'esta ordem recorrendo ao embaraço na circulação capillar devido ao estado espumoso do sangue, por isso que as bolhas de ar não podem atravessar os pequenos vasos; mas no presente caso as cousas se passaram d'outra maneira por que nos pequenos vasos não encontramos sangue espumoso, e no systema aortico havia sangue escuro mas em pequena quantidade o que não podia ter logar segundo a explicação de Magendie. Concluiremos que o ar quando for introduzido nas veias em grande quantidade pôde por sua acção mecanica matar o animal.

(Continuar-se-ha.)

J. F. de Macedo Pinto.

(I. D.)

O DRAMA

FREI LUIZ DE SOUSA.

O Theatro portuguez foi enriquecido com um novo drama em trez actos do Sr. Almeida Garrett; com um drama modelo que desde já pôde considerar-se como um monumento de gloria nacional, e venerar-se como fructo de profundas lucubrações nos escritos classicos, aos quaes em geral, e com razão devemos consagrar toda a estima. — O drama a que alludo é o de *Frei Luiz de Sousa*.

A biographia tão lida e conhecida d'esto desgraçado varão portuguez, deu campo ao nosso poeta para traçar uma obra a que applicou aquella sabia theoria da arte, que, filha do perfeito estudo das paixões humanas, é desde muito a base fundamental do verdadeiro drama, que hoje ha-de reinar na nossa scena, para com a sua persuasão e natureza corrigir os terriveis effeitos que a eschola franceza produziu entre nós. O sonho da simplicidade do theatro antigo, as paixões como realmente germinam no coração do homem pertencente a todas as

epochas; a linguagem do amor maternal, despida de todos os atavios da poesia; o triumpho da moral e da religião; a séria contextura de uma acção sobre que reflecte de continuo a luz da verdade; e tudo quanto mais ha de grandioso em Shakspeare, de suave em Chateaubriand, de apaixonado em Schiller, de meditado em Alfieri, de bello em Niccolini, e de sentido em Silvio Pellico, tudo se acha reunido nesta composição que nos faz rever no fiel espelho dos verdadeiros costumes da vida.

Os caracteres d'este drama não estão fóra do nosso mundo, nem são modificados por uma educação particular conhecida tão somente d'um povo, ou d'uma nação. Manoel de Sousa, Dona Magdalena, e Telmo-Paes possuem um coração agitado pelos mesmos affectos, que são proprios a quem vive em qualquer canto da terra, onde o instincto da natureza, e a força das paixões luctam de continuo com a razão, e com a moral.

Considerando bem estes tres personagens, veremos que o auctor possui uma vasta erudição para ver, exactidão para verificar, sagacidade para escolher, methodo para dispor, imaginação para pintar, justiça para pronunciar, firmeza para não se deixar vencer, e fé n'um futuro mais bello para a arte dramatica.

O Sr. Garrett sabe muito bem, que Deus nos fez um misto de bom e mau; e por isso evitando o ideal de todas as perfeições, e de todas as deformidades, pintou-nos os tres mencionados personagens com as suas verdadeiras côres sem perder nunca de vista o triplice effeito da scena.

Reflectindo nos dous principaes affectos de esposo e de pae, que reverberam na alma de D. Manoel de Sousa, deveriamos convencer-nos que não ha na terra ente mais feliz, e bem aventurado.

O sorriso de um marido, as palavras sanctas de um pae, são como raios de sol que rompem por entre nuvens; são como as melodias do céu, escutadas pelos anjos e por Deus. — Porém, ai! d'a-

quelle que, como o Sr. Garrett onsasse escarnar o coração do nosso protagonista, e lhe surprehendesse o segredo das suas magoas!! No seu olhar acharia um remorso; no seu gesto uma ameaça; nas suas faces um verme roedor; no sorrir o inferno; e nas palavras uma blasfemia contra Deus e contra a natureza. O coração de Manoel de Sousa é como o oceano; nas horas de calmaria reflecte em suas agoas até o rapido vôo da innocente avesinha que vem d'além dos mares fazer seu ninho sobre os nossos tectos; nas que se agita, embravece e espanta se as suas vagas são do repente movidas pelo mais ligeiro noroeste.

D. Manoel de Sousa levado á existencia conjugal pelo amor, sentiu ao principio uma especie de tranquillidade, que lhe refrigerava a alma; porem quando este amor começou a criar raizes em seu peito requeimado pelo fogo da razão, quando se viu renascer na filha que adorava, e em cuja fronte se lhe antolhava estampado o ferrete da ignominia... oh! então se lhe avivaram as cruéis penas do desengano; e prompto a converter em espinhos as rosas e boninas de uma sonhada felicidade, lançou-se no mar das tempestades politicas para obedecer á cruel necessidade de flagellar-se a si mesmo, e occular a causa da sua verdadeira desdita á sua tão querida esposa. — Quantos homens da epocha passada e da presente tem apparecido entre nós com iguaes pensamentos! e quantos ainda no porvir deverão cubrir o rosto com a mascara de um nobre sentimento tendo n'alma o remorso, e a podridão!!

Este character duplice, digamo-lo assim, este pretextado amor patrio para encobrir a tremenda pecha que lhe acende n'alma a desesperada e funesta idéa da sua bigamia, é o que torna mais dramatico o personagem Sousa, e faz com que se deva elogiar o Sr. Garrett pela sua invenção, principalmente quando, applicando ás chagas de tanta

desdita o balsamo precioso que mana da religião, conduz ao pé da Cruz de Christo o infeliz que tanto padece, para abrandar-lhe as dôres e suavizar-lhe o resto da sua peregrinação na morada dos homens.

Se novo, e dramatico é este character, não menos bello, é o de Magdalena sua esposa. A malfadada guerra d'Alcacer-Kebir arrancou dos seus braços um homem, que muito respeitava, e . . . amava!! — Imaginou depois que a descarnada mão da morte o havia riscado do numero dos vivos; . . . e mal podendo resistir aos impulsos naturaes do seu coração, afastou dos olhos a triste nuvem que os encobria, reanimou as suas forças, e deslembando o passado que chora, havendo-lhe um novo amor queimado as antigas chagas para ellas cicatrizarem, extendeu a dextra a D. Manoel de Sousa, e assim de novo prendeu a cadêa da sua vida á felicidade, porque um virtuoso consorcio é o intermedio entre a alegria da terra e os prazeres do céu. — Mas se isto assim é, não foi dado a Magdalena julga-lo pelos factos presentimentos que, passado o primeiro impeto começaram a surgir-lhe n'alma. Os olhos amortecidos, as faces pallidas, a hôca muda, e os membros quebrados evidentemente provam que lá por dentro anda um verme roedor, ou que a ferrea mão do destino lhe ha escripto na consciencia esta fatal verdade—*ainda vive o teu primeiro marido*— O poeta, como a justiça de Deus, quiz castigar um erro para exemplo dos outros homens, quiz, como a justiça de Deus converter em lucto o que até alli eram deleites de voluptuosidade, quiz, como a infinita justiça de Deus converter em cinza os prazeres do mundo. . . quiz salvar a alma da desgraçada Magdalena, collocando-a ao pé da Cruz amparada pelo anjo do perdão. — Bello e sublime é este character, inimitavel, novissimo na scena; porém poucas actrizes o poderão comprehender como o tem concebido o seu auctor, e poucos ou ne-

nhuns ensaiadores, ou directores de scena lhe poderão fazer resaltar as infinitas bellezas, que elle contém, acostumados como estão a exagerar sempre a intensidade das paixões, com falsas intoações, repetidos gritos, e furiosos arrebatamentos, que só podem seduzir os ignorantes, mas nunca exprimir com verdade o pensamento do poeta.

Teimo-Paes, quanto a mim julgo que é o verdugo das almas! Ame, ou desame a D. Magdalena de Vilhena; respeite ou não a D. Manoel de Sousa; abraçe ou enjeite o innocente fructo de um malfadado amor, ha no seu sorrir, amargura; em seus labios, veneno — nas palavras, predições fataes; em cada imagem feliz, pensamentos tetricos, indomaveis, continuos. Onde apparece este pobre velho o sol se obscurece; a aragem da tarde converte-se em nordeste; murcham as flores, e secca-se a verdura dos prados. Teimo-Paes é o Bertrand, a sombra infernal de Roberto, intenso e atroz é o seu modo de atormentar, e de atormentar-se! Que mal lhe fizeram seus amos para apagar-lhes a luz brilhante do affeições e esperanças em que poderiam viver, e que lhes encheria de felicidade o coração? — Não sei; será elle o que nós chamamos *consciencia*? É muito facil; o mais das vezes julga-se crime o que a sociedade condemna e castiga severamente.

Depois de haver brevemente esboçado os tres caracteres principaes do drama, deveriamos fazer menção da innocente filha de D. Magdalena de Vilhena: porém falta-nos força e intelligencia para expressar com o frio instrumento da palavra o que sentimos no intimo d'alma. As melodias do amor, e as angustias da anciedade de um pobre anjo caído sobre a terra, mal podem pintarse com o sentir de homem e de escriptor.

Na contextura do drama, qualquer outro auctor alterando a verdade historica teria tecido uma fabula com que podesse formar uma mais vehemente peripecia, ou dramatizar os seus per-

sonagens, cançando-os com a violencia dos affectos, despedaçando-os com punhaes e vinganças, e entregando finalmente a sua alma ás mais horribes paixões de odio e de raiva. O Sr. Garrett não è quiz assim, por que assentou, que para não violar a verosimilhança da acção, depravar a linguagem dos homens, e desfigurar a historia era mister dar a esta acção um desenvolvimento harmonico a tudo quanto tinha colhido na historia; trata-lo com a simplicidade do Theatro antigo, e pintar ao vivo ou desenhar do nu os seus caracteres; — com este methodo infinitamente vantajoso fez-nos apreciar todos os milagres da arte, e todos os prodigios da meditação, e da razão humana.

A constante resolução do Sr. Garrett em querer sustentar esta nova especie de dramas, dramas da vida, tem-lhe grangado alguns criticos; — a estes pois perguntarei — lestes o drama? — chorastes? — Leitores, este livro não è para vós! —

Lisboa 4 de Abril de 1845.

Perini.

O HISTORIADOR LOUIS BLANC.

Existe sempre uma causa profunda de tantos acontecimentos, os quaes, quando apparecem, julgamos fillos da occasião, e da sorte.
Louis Blanc.

Saiu ha menos de um anno dos prelos de Paris, e Bruxellas um livro novo, um livro, que se distingue no meio de milhares de volumes, que todos os dias estão saíndo das imprensas da Europa: um livro de historia mas não um repertorio de datas e de acontecimentos, accumulados sem ordem, nem systema: um livro de historia contemporanea, mas não um libello, um sermão politico, uma obra de partido, como tantas outras nas quaes os factos são desfigurados, nas quaes o auctor obriga forçosamente esses factos a demonstrarem a

sua opinião, nas quaes recêem sobre uns todas as culpas e toda a gloria sobre os outros, nas quaes se nos apresenta um partido, practicando maldades só por capricho e fanatismo, ao passo que nas acções de outro não se nos mostra senão lealdade e boa fé. Não foi d'esta maneira que praticou Louis Blanc na sua *historia dos dez annos 1830-1840*. Sem affeições interessadas, nem odios implacaveis, como elle diz no prologo da sua obra, vai procurar nos factos a philosophia delles; philosophia, que se comprehende, que se sente, porque ella é um corollario d'esses factos, imparcial e mindamente examinados; philosophia profunda, logica e palpavel, cheia de grandes pensamentos e de maximas verdadeiras, onde se revela um modo de encarar a historia do nosso seculo inteiramente novo, onde se determinam aos seus acontecimentos causas naturaes, e verosimeis.

Nos livros, nos jornaes e nos parlamentos, nas sciencias e na litteratura se agitam hoje grandes e gravissimas questões sociaes. A soberania das nações, a felicidade dos povos são palavras, que retumbam por toda a Europa. Questões e questões se discutem acaloradamente, sobre quem deve exercer a primeira, sobre a maneira de proporcionar aos povos a segunda. Diferentes opiniões se chocam, e se disputam, nascem theorias sobre theorias, mais ou menos divergentes, mais ou menos plausiveis, misturam-se verdades com chimeras, raciocinios com sophismas, absurdos impraticaveis fillos da imaginação com solidos resultados fillos da experiencia. Mas todos lançam mão dos factos uniformes e immudaveis, para corroborar cada um as suas theorias e opiniões, todas variaveis todas diversas umas das outras. Porem atravez d'essas novas ideas, guerreando-se vigorosamente no meio das ruinas das antigas, algumas verdades parece descobrir Louis Blanc. Ninguem pôde negar que os espiritos philosophicos tem hoje uma tendencia

declarada, para querer que o systema governativo seja compativel com os direitos de todas as ordens de individuos, que a esphera dos direitos sociaes se engrandeça para as classes atéqui mais opprimidas. Nos meios porem de chegar a este fim é que ha a grande divergencia. Pelo que respeita á historia, resta saber qual destas theorias ella coadjuva mais, qual d'ellas serve, para determinar de uma maneira mais clara e precisa as causas dos acontecimentos. Elles parecem muitas vezes contradizer-se, e diversas questões occorrem ao examina los.

É indubitavel que a constituição dos estados da Europa apresenta hoje um aspecto muito differente d'aquelle, que apresentava, ha um seculo: é indubitavel que muitos dos primeiros elementos das theorias sociaes da philosophia moderna foram postos em practica, que as sociedades se reformaram, e reconstruíram debaixo de novas bases. Mas quem foi, que impelliu as sociedades modernas para o caminho das innovações? Em virtude de que necessidade se agitaram os povos, e se agitam ainda com uma efervescencia espantosa! Que classe de individuos foi a que se lançou na guerra do morte contra as velhas instituições, e qual o motivo que os obrigou a isso? Foi a virtude da Philanthropia, a compaixão pelas classes miseraveis e oppressas, o odio da tyrannia, as luzes do seculo, que mostravam os erros do antigo systema governativo? Ou seria a inveja dos privilegios accumulados sobre um pequeno numero de homens, seria o egoismo de certas classes, que queroriam tambem participar d'esses, ou de outros privilegios? E qual foi das classes da sociedade a que mais aproveitou na nova repartição de direitos e regalias? Será o povo, cujos interesses se diz disputados, ha mais de meio seculo, será elle mais feliz agora do que no tempo das velhas monarchias? — Muitas nações hoje vemos florescentes, as quaes antigamente

foram ignoradas, muitas vemos hoje, que outrora prosperavam, no derradeiro estado de decadencia e oppressão, que podem supportar os povos da humanidade. Classes vemos hoje em muitas nações, as quaes nos antigos tempos foram vexadas e miseraveis, e em cujas mãos se acha agora collocada uma grande parte da riqueza dos paizes. Mas outras classes vemos presentemente em certas nações mais desgraçadas do que nos tempos chamados da oppressão e da tyrannia: e isto nesses mesmos paizes, onde se diz fôra conquistada a liberdade á custa do sangue de milhares de familias. Não seriam por ventura mais felizes os individuos, que constituem a classe operaria na Inglaterra, no tempo dos dous Stuarts Jaques I. e Carlos I, não seriam elles mais felizes do que os seus actuaes descendentes, que apresentam hoje aos olhos do mundo a mais asquerosa miseria, fazendo um contraste terrivel com a desmedida riqueza da classe aristocratica e mercantil da opulenta Gran-Bertanha? seria tanto sangue derramado em vão? Será necessario, para que uma nação floresça, que uma parte do seus filhos seja escrava, e se revolva no pó da miséria? Será a liberdade uma palavra sem significação, que não sirva, para fazer a felicidade dos povos? Serão as theorias modernas impotentes contra os vicios eternamente annexos á organização de todos os systemas sociaes? Eis ali novas e intrincadas questões, as quaes Louis Blanc pertende de algum modo resolver á vista dos factos: que tões, das quaes até hoje tem proximo a duvida, a perplexidade dos espiritos, o scepticismo.

(Continuar-se-ha)

Antonio de Serpa Pimentel.

ERRATA

Pag.	Col.	Li.h.	Erros	Emendas
20	1	49	fazia	faziam
42	1	15	brancos	brandos
45	1	8	xagas	vagas
46	2	44	evolução	ovulação

HISTORIA DE PORTUGAL DURANTE
A IDADE MEDIA.

Fragmento.

(Continuado da pag. 52)

Se o tracto com as nações barbaras teve poderosa influencia no idioma latino, qual não devia ser a d'este nos dos povos conquistados, quando um dos meios que a politica romana considerava como mais efficazes para consolidar o seu dominio, era a introducção da propria linguagem? «Trabalharam diz — S. Agostinho—para que a activa Roma não só impozesse o seu jugo aos povos vencidos, mas até a sua lingua, depois de associados pela paz» (1). A organisação administrativa das provincias novamente adquiridas era de feito a mais conveniente para obter esse fim. Vimos anteriormente qual foi em geral na Hespanha essa organisação; mas para bem comprehender quanto ella era appropriada para romanisar, digamos assim, as gentes domadas pelas armas ou pelas alliaças, fazendo-lhes esquecer até a linguagem nativa, não será fóra de proposito acrescentar aqui algumas observações ao que acima apontamos. A razão é o testemunho dos historiadores conspiram em persuadir-nos de quanto foi radical aquella mudança.

O systema de povoação dos romanos, como já ponderou um dos mais profundos historiadores modernos (2), era até certo ponto o inver-so do nosso. Em todas as provincias sujeitas a Roma reflectia-se a vida social d'esta. O municipio que era a forma de sociedade com que a republica nascera, vigorara, e crescerá, e que as revoluções interiores, a tyrannia dos cesares, e até a invasão dos barbaros não puderam extinguir, reproduziu-se por todas as partes onde che-

gou o dominio romano. A historia dos primeiros tempos da Europa mostra-nos que apenas as tribus vindas da Asia, a principio vagabundas, se fixavam definitivamente em qualquer região, edificavam as suas rudes moradas do mesmo modo que provavelmente costumavam estabelecer os seus acampamentos nocturnos no processo das migrações: apinhavam-nas dentro de um ou dous vallos que cingindo-as em common lhes servissem de defensão contra as outras tribus, não menos cruéis que estas. Atribuir-lhes, porem, como caracter peculiar uma indole erradia parece-nos inexacto. Em regra geral a existencia ou não-existencia d'essa circumstancia nos habitos de qualquer povo é determinada não pelas suas propensões ingenuas, mas pelo seu grau de civilisação. Por outra parte as narrativas dos antigos historiadores no-los representam como vivendo em povoações, a que, na falta de uma denominação mais exacta, elles applicam a de cidades. É assim, pelo menos, que as memorias mais remotas nos indicam viverem as tribus celticas da Hespanha no tempo dos phenicios e carthagineses, e quando o dominio d'estes começava a dar campo ao dos romanos. A terminação celtica *brig* commum a muitas cidades da Lusitania e das outras provincias onde os celtas haviam feito assento nos dizem que o nucleo d'ellas tinham sido esses grupos de choupanas circulares construidas de pedras toscas, que lhes serviam de morada, e de que as chamadas ruínas de Cilania ou Cinania entre Guimarães e Braga, são por ventura um monumento. (3)

Reunidos já por este modo os celtas hespanhoes naquella especie de villas,

(1) De Civitate Dei L. 19 c. 7 citado per Bonamy Mem. de l'Acad. des Inscript. T. 24. p. 587.

(2) Guizot — *Histoire Générale de la Civilisation en Europe* 2.^a Leçon.

(3) Póde-se ver a descripção d'essas ruínas, que tem todos os caracteres de construcção celtica em Argote *Antiquitates Conventus Brachar.* p. Posto que muito mais deterioradas ellas conservam ainda os vestigios da sua origem. Argote dominado pelas velhas e falsas ideas sobre a barbaria dos sarracenos inclina-se a crer que esses restos sejam de construcção arabe.

rodeados de colonias gregas e phenicias, ligando-se a ellas pelos laços do commercio, da industria, e logo necessariamente do sangue, habitados em fim ao jugo estranho dos cartagineses, o systema de organização romana devia achar neste paiz menos resistencias que n'outros onde os elementos sociaes fossem mais simples, primitivos, e por consequencia radicados. Repare-se bem que fallamos da conquista da civilização, que na lucta de dous povos nem sempre é regulada pela conquista politica, e em que até muitas vezes o vencido é o verdadeiro conquistador. Como já advertimos, as particularidades da guerra tenaz que os hespanhoes sustentaram contra os romanos mostram que ella foi ainda mais um resultado da influencia punica do que do sentimento de nacionalidade da raça celtica.

As populações mixtas que habitavam a Peninsula haviam, pois, desde largo tempo abandonado a vida errante para conviverem junctas em povoados. Assim a politica romana não teve pé de as constranger a darem esse passo, o mais difficil para os selvagens, ao qual se pôde chamar o baptismo da civilização, e que no orbe romano era a primeira condição d'ella. As aldeolas, as granjas, as habitações isoladas por meio dos campos suppõe já um extremo aperfeiçoamento da vida civil. Este grande facto social pertence exclusivamente ás eras modernas. Os romanos desconheceram-no. Ouçamos o que a este respeito diz o profundo e eloquente escriptor a que acima alludimos— «Limitando-nos a fallar do occidente, por toda a parte nos apparece o facto que apontei. Nas Gallias, na Hespanha não encontrais se não cidades. Os territorios desviados d'ellas estão cubertos de selvas e alagadiços. Averiguae qual seja o caracter dos monumentos, das vias romanas. Achareis estradas reaes que vão de cidade a cidade: porém, essa multidão de caminhos encruzilhados que hoje sulcam todo o territorio, eram então incognitos. Na

da havia que se parecesse com a indizivel quantidade de monumentosinhos, d'aldeias, de castellos, d'igrejas dispersos pelo paiz desde a idade media. Roma só nos herdou vastissimos monumentos allieçados pela indole municipal, e destinados para uma população numerosa, agglomerada n'um ponto unico. Examinae a que luz vos appronver o mundo romano, que sempre achareis essa preponderancia quasi exclusiva das cidades, e a não-existencia social dos campos» — O mesmo escriptor já tinha notado que: «Nesta epocha não havia o campo; isto é o campo não se parecia com o que é hoje. As terras cultivavam-se na verdade, porque isso não podia deixar de ser; porém não estavam povoadas. Os proprietarios d'ellas eram os habitantes das cidades, os quaes saiam a inspecionar as suas granjas, onde conservavam frequentemente certo numero d'escravos. Mas aquillo a que chamamos hoje o campo, esta população solta, ora em habitações isoladas, ora em aldeias, e que cobre por toda a parte o solo, era um facto quasi desconhecido na antiga Italia.» (1)

E este facto fundamental que distingue a civilização antiga da moderna é o que nos dá perfeitamente a razão porque os romanos convertiam com certa rapidez as outras nacionalidades na sua, e alcançavam até substituir a propria linguagem á dos povos subjugados. Essa assimilação devia ser tanto mais facil quanto os vencidos fossem ou mais barbaros, ou de raças mais misturadas. Nas Gallias realisava-se principalmente, a primeira hypothese; na Hespanha principalmente a segunda. Imaginemos a gente nativa encerrada nos muros das cidades ou reconstruidas ou edificadas de novo pelos romanos, sujeita com o correr dos tempos á organização administrativa, judicial, e militar dos conquistadores, frequentada pelos seus magistrados, funcionarios e exactores, aquartelando as

(1) Guisot. *Hist. Génér. de la Civilis. en Europe* 2.º Leçon.

suas tropas, tractando os pleitos nos seus tribunaes, recebendo dos romanos os commodos da vida, e os objectos de luxo, correndo aos theatros que se levantavam por toda a parte, e aonde os attrahiam as graças e as pompas do drama latino, e recolhendo nos proprios muros um grande numero de individuos que depois de militareem nos exercitos de Roma vinham transformados em romanos, e orgulhosos da illustração adquirida no meio d'elles converter, com o desdem da superioridade, á vida e á liguagem da Italia os membros mais grosseiros das suas familias. Depois quando estas e mil outras causas de assimilação actuando por seculos produziram todo o seu effeito, as differenças que distinguiam os vencidos dos vencedores desapareceram inteiramente. Caracalla attribuindo o character de cidadãos romanos a todos os homens livres do imperio, não fazia nua revolução nas instituições; mas declarava simplesmente que um grande factio social se achava consummado.

Todavia, como escaparam atravez de tão completa transformação, vocabulos e usanças que ainda hoje attestam a existencia independente dos povos da Hespanha antes que a civilisação romana os devorasse? — A explicação d'esse phenomeno é obvia. Paiz domado pelas armas a Peninsula devia ter visto cair muitos de seus filhos na servidão. Era por meio dos escravos e os romanos cultivavam as terras e é sabido a que ponto de tyrannia a escravidão chegou entre elles (1). Os servos agricultores foram os mais opprimidos pela deshumanidade e capricho dos senhores do mundo. Longe da conversação civil; tractados ainda peior que os animaes; tendo communmente por murada os carcerees subterraneos das granjas, cha-

(1) As passagens dos escriptores latinos relativas aos escravos, e especialmente aos que eram destinados para os trabalhos ruraes acham-se compiladas em Beaufort — *Republique Romaine* L. 6. c. 4. Ali se podem ver os testemunhos contemporaneos em que se estriba o que dizemos neste §.

mados *ergastulos*; sem protecção nas leis e tribunaes, porque a morte ou a vida dependia para elles unicamente da vontade do senhor; estes homens, maldictos do mundo, e cuja sorte seria ainda horrivel comparada com a dos negros d'uma roça da America, alheios á civilisação que se esquecera d'elles, cheios de terror e de odio para com os habitantes das cidades, deviam conservar tenazmente os costumes e a liguagem mixta de celtico, phenicio, grego e punico, em tudo aquillo que por seus donos lhes fosse consentido. Quando, porém, as leis dos imperadores e a influencia do christianismo foram tornando mais suave a sorte d'estes desgraçados; quando a decadencia do imperio, e as invasões germanicas confundiram tudo, essa raça espuria, atirada ao meio de uma sociedade moribunda cujos usos e liguagem se corrompiam rapidamente, devia, confundindo-se com ella, trazer-lhe tambem a sua parte de corrupção. É a esta causa que nós attribuímos principalmente os vestigios de tradições celticas, phenicias, gregas e punicas que ainda subsistem.

(Continuar-se-ha.)
A. Herculano.

A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I. O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuando da pag. 58.)

IV.

Dixit vero Deus: congregentur aquae, quae sub caelo sunt in locum unum et appareat arida; et factum est ita.

Et vocavit Deus aridam congregationes quae aquarum appellavit maria. Et vidit Deus quod esset bonum.

E aquella voz, que fizera pegar o fogo instantaneamente no universo, e a cujo som nuvens de materia abriram os

seios diante do primogenito da natureza para fazerem campo ao firmamento, ouvia-se agora pela terceira vez. E ella mandava aos mares e ás terras, que apparecessem do seio do chaos, porque uma terceira época ia a ser marcada na serie dos seculos.

As aguas e o fogo, como duas potencias rivaes que combatiam pela posse da terra, começavam com novo furor a sua lucta terrivel. Em vão sustentára o fogo com braço nervoso as aguas suspensas na vastidão do firmamento; exauridas suas forças neste luctar continuo, o manto da pallidez cobrindo pouco e pouco o rubor de sua face, e uma noite de morte que succedera aos clarões do segundo dia do universo, annunciavam ás aguas que era chegada a sua vez de reinar sobre a face da terra. Como o gigante das serpentes, que precipitando-se sobre touro incauto, se lhe enrosca todo á roda do corpo, e sem piedade para os abafados gemidos da victima, comprime-lhe as carnes, esmaga-lhe os ossos até lhe fazer exhalar o derradeiro alento nesta tortura infernal, assim as aguas caíram sobre os ultimos restos de seu rival caçado e abatido, que apenas ousára oppor-lhe grossas murallas de granito cravadas de protogina, serpentina, e porphyro.

Mas agora á voz do Eterno o fogo rugia debaixo d'aquellas abobadas immensas, como leão encarcerado, e as abobadas desabavam sobre elle comprimidas pelo proprio peso e pela força das aguas. E as aguas se precipitavam com cego furor pela brecha angular, insoffridas por não alcançarem o inimigo na sua primeira guarida: mas lá no fundo da brecha encontravam vedada a entrada, e resaltavam, mas já de balde, sobre o declive por onde imprudentes desceram. Já de balde, que o fogo como guerreiro attento, o qual cosido com a terra espia a passagem de seus adversarios atravez das gargantas de valle profundo para as occupar de improviso, subia agora denodado pela opposta es-

carpa até o angulo proeminente da porção desabada, impellia-o com violencia enorme; e do meio da impetuosa ressaca, o espirito do homem viu, que se levantavam as cristas das primeiras montanhas, como linha de baluartes em cujo cimo aqui, e acolá hasteava o fogo seu victorioso pendão de fumo e chamas (1)

Alli se abria boqueirão enorme, como porta do inferno, por onde saíam em desesperado esquadrão as lavas ardentes, que descendo pela esplanada se arrojavam em massa sobre o imperio das aguas, e as aguas fugiam á sua furia, ou dispersas de novo em vapores, voavam ligeiras sobre as azas dos ventos.

Longa tregoa succeden a este tumultuar do combate; o sceptro do chaos caira-lhe das mãos despedaçado pela tormenta. Da confusão ia nascer a ordem: a terra se preparava para receber em seu seio o germen da vida.

V

Et ait (Dominus) Germinet terra herbam virentem, et facientem semen et lignum pomiferum faciens fructum juxta genus suum, cujus semen in semet ipso sit super terram. Et factum est ita.

Et protulit terra herbam virentem et facientem semen juxta genus suum, lignum que faciens fructum, et habens unum quodque sementem secundum speciem suam. Et vidit Deus quod esset bonum.

Ea paz dos elementos precursora da appareção da vida sobre a face da terra era o emblema da paz entre os homens, que devia ser nos tempos futuros a precursora da appareção do Verbo da vida eterna.

(1) Ainda que a theoria do calor central esteja sujeita a bastantes objecções, é todavia a que melhor explica os phenomenos geológicos, e entre estes a existencia dos vulcões, e elevações das montanhas. A bella theoria de E. Beaumont parece, como nota Cantu, um brillante reflexo da luz da revelação. *Ascendunt montes, et descendunt campi in locum quem fundasti eis* dizia o Psalmista mais de 23 seculos antes de Elias Beaumont.

E as agnias ao baloiçarem-se sobre a taça de rocha massiça, mansamente lhe iam cavando o fundo, e era d'esta rocha desfeita, e dos gazes condensados caídos da atmosphera, que se formavam os primeiros terrenos *estratificados* (1) sobre a base granítica.

E a materia inflammada do seio da qual tinha saído o globo, que depois se chamou terra, continuava a condensar-se em multiplicadas porções, e cada uma d'estas espalhava um resplendor cada vez mais suave.

E então de novo souu a palavra do Senhor, e o espirito do homem viu as sementes da vida, que com aquella palavra saíam dos arcanos da sabedoria infinita. Safaros desertos, tremedeiras melancolicos desde logo appareceram cubertos com verdejante alcatifa de relva mimosa. Aqui descobria-se o ave-ludado *lycopodio* com suas urnas douradas, acolá o *aspidio*; e a *asterophyllite* folhosa, e a *osmunda* humilde se acoitavam medrosas á sombra dos leques da mãe das palmeiras. A *cyathea* verde-mar, inveja de nossos fetos mesquinhos, erguia para o céu a sua cupula frondosa, e se debruçava depois sobre a corrente de cristal, enamorada de sua propria belleza: e a verde-negra *avau-carta* estendia para os ares os seus ra-

mos esguios, que na porfia dos notos ensinavam á terra com seu monotono gemer as primeiras cadencias das musas. Mas o poder da vida parecia, que depois de tantos esforços começava a ex-haurir-se, e os vegetaes reclinavam magestosamente suas frentes como quem pedia repouso.

E densas nuvens de vapores surgiram então da terra, e espalhadas sobre a cúpula dos vegetaes toldavam os ares com espesso negrume. E o clarão perenne da materia candente, que occupava os céus, batia de chapa, mas em vão, nestes castellos de nuvens: e no meio da negra cerração, que cobria a face da terra, dormiam as plantas o seu somno da noite, até que os vapores desfeitos em chuva lhes annunciavam o despertar para uma nova aurora de vida (2).

E o espirito do homem contemplava absorto o theatro de tantas maravilhas; corria desde o equador até os polos, e via por toda a parte sobranceiros ás aguas os vergeis da natureza, mimosos leitões de verdura, em que se embalavam as brizas d'uma primavera continua. Mas no meio d'este espectáculo tão bello debalde procurou elle um ser, em quem se reflectisse ao menos, debil raio d'essa força de vontade, que sentia dentro em si (3) Ouviu que uma

(1) Sabemos a difficuldade, que os Geologos encontram em explicar a formação d'estes terrenos; aqui só emitimos uma opinião, que nada tem com o fim especial do nosso artigo.

(2) A'quem supportá, que admittimos esta noite artificial, não pol-a julgarmos provável; mas por entendermos, que sem ella ficavam es vegetaes privados das circumstancias favoraveis ao seu desenvolvimento; declaramos que não, e damos a razão.— Já houve quem se risse de Moyses, porque no Genesis elle antepunha a criação dos vegetaes á do sol: era vontade de rir; e Deus nos perdoe, se hoje nos rirmos de criticos tão treitos a taes vontades. O sol, e os astros ainda não eram na 3.ª epocha esses globos admiraveis, que na 4.ª foram completamente formados; mas a sua materia já estava ardendo desde o 1.º dia. *Vid. Lincep. Ag. de la Nat. Vers.*, supponhamos com *Herschell*, a nebulosa *ma lactea*; e movia-se de occidente para oriente, mas com a equidade, na direcção da constellação *Hercules*: condensou-se já em consequencia da erradiação do calorivo, já em virtude de outras cau-

sas; mas não se agglomerou n'um só globo; fraccionou-se ou porque não sendo homogeneos os elementos a força attractiva não era igual em todos os pontos, ou porque tambem obrava a influencia d'outros universos, outras nebulosas immensas, que Deus creou. elle sabe quando, na immensidade do espaço. Das fracções a que mais propria fosse para erradiar calorico, e resistir á força repulsiva em virtude da mutua attracção de suas moleculas, seria a primeira a solidificar-se. Ah! temos a terra; mas as outras fracções não ficaram ociosas, seguiram, e seguem algumas ainda hoje, a mesma lei, foram-se condensando. A que ficasse mais proxima da terra, bem que muito rarefeita, havia de dar-lhe calor e luz suave; não era ainda sol, mas suppria-o bem, e a terra em consequencia de seu movimento de rotação já gosava da sua noite—respectiva—

(3) Alguns Geologos por verem que es animaes fosséis apparecem a par dos vegetaes, e em mais abundancia, sustentam que a sua creação foi pelo menos contemporanea, se não precedeu a dos

lyra celeste desferia as primeiras notas do hymno da criação, e esse hymno lhe parecia monotonico, e triste. E tão triste, que o suspirar das auras, perturbando a magestade do silencio, o precipitar da torrente acordando manso e manso os échos adormecidos á sombra dos bosques, eram como o gemer de vestal, que trocára pelo fogo dos altares as sagradas tochas do hymineu. Nem sequer o piar d'ave nocturna esvoaçando nos ares o coaxar da rã no charco escuro, o bramir do tigre no meio da selva, o revolver do corcodilo á borda do lago vinham casar-se em mysteriosa harmonia com as primeiras notas do hymno da criação!

Mas o omnisciente a quem só era dado comprehender as harmonias do seu plano immenso, inclinou os ouvidos para aquelle hymno tão innocente, e bendisse as suas obras da tarde e manhã d'este dilatado dia.

(Continuar-se-ha)

G. de A.

vegetaes; nós cremos o contrario, porque 1.º os fundamentos d'aquella opinião parecem-nos pouco graves, 2.º os da contraria são de muito peso.

Não nos parecem graves os fundamentos da primeira, porque 1.º ainda não estão tão explorados os terrenos talcosos, que desesperemos de lhe vir a encontrar fosseis vegetaes; 2.º não está absolutamente demonstrado, que a formação do terreno carbonifero não precedeu a da *anthracite*; 3.º independentemente d'estas considerações, não é força, que os fosseis vegetaes fossem depositos na mesma época da sua criação: as circumstancias geologicas, que por uma parte favoreciam então a conservação da vida dos vegetaes, tendiam pela outra a accelerar-lhe a decomposição depois da morte. Vid. *Athén* n. 898 — 1845. *D'Omal D'Hal. Geol.*

Os fundamentos da opinião contraria são de muito peso, porque 1.º devendo naquella época estar a atmosfera mui carregada d'acido carbonico era impropria para a vida dos animaes, á qual devia preceder a existencia dos *apparellhos reductores*, como muito bem chama Mr. Dumas aos vegetaes; 2.º é hoje doutrina corrente entre todos os *Physiologistas*, que os animaes não podem produzir materia organica, mas que tem de nutrir-se da já organizada; nos vegetaes da-se exactamente o contrario; devia portanto o reino dos productores preceder o dos consumidores.

Os Philosophos, que seguem a lei do successivo aperfeiçoamento da organização hão de por força estar com nosco tambem.

Publicamos hoje o extracto da prelecção sobre magnetismo animal feita no dia 26 do mez passado pelo Sr. Macedo Pinto.

O interesse do objecto que tão popular se tornou em Coimbra, e sobre que não quizemos aventurar um juizo prematuro, obriga-nos a inverter a ordem das prelecções do nosso collaborador: esperamos que o publico nos não culpará por isso.

MAGNETISMO ANIMAL.

A Doutrina do *Magnetismo animal* era ha muito tempo conhecida nesta Universidade: durante o nosso curso medico um distincto Professor despertou a nossa attenção sobre este objecto; mas apesar do que lhe ouvimos, lêmos e analysámos nos differentes auctores que sobre o assumpto consultámos nunca podémos d'ella convencer-nos inteiramente. Julgavamos que os phenomenos não passavam d'um somnambulismo promovido no magnetisado pela mimica do magnetisador, e tudo o mais que além d'isto nos contavam reputavamo-lo uma exaggeração. Todavia um incidente nos deu occasião de vermos practicar o processo de magnetisar, e este por tal forma se vulgarizou nesta cidade que poucas pessoas haverá que não tenham presenciado seus resultados. Instado pelos nossos ouvintes reservámos a ultima prelecção para lhes falarmos sobre este objecto, e tivemos em vista satisfazer á sua curiosidade e despertar a attenção dos nossos collegas sobre esta ordem do phenomenos.

O processo para magnetisar tem sido successivamente simplificado desde Mesmer até nossos dias. Temos magnetisado pelo de Delenze, e pelo moderno, (*) e especialmente a este temos dado a preferencia porque o somno magnetico se obtém por elle mais facilmente. Temos

(*) Repertoire General des sciences med. Tom. 48. pag. 260.

notado ser mais vantajoso substituir um leve movimento de tremor ás pressões com os pollegares do magnetizador nos do magnetizado, bem como na região frontal sobre o nervo supra-orbitario. A experiencia nos tem mostrado que é escusado empregar força ou contracção quando se applicam as extremidades dos dedos em frente dos olhos; basta só conservar os braços elevados por forma que as ultimas phalanges fiquem no mesmo plano.

Temos magnetizado no espaço de 6 minutos e havemos gastado 2 horas na occasião em que mais nos demoramos. N'alguns casos não pudémos obter os phenomenos magneticos ainda que para isso fizemos todas as diligencias.

Não julgamos como alguns pensam que para a magnetisação seja condição indispensavel a vontade do magnetizado mas sómente é necessario tenha os olhos fixos, e não esteja destrahido. Não diremos o mesmo do magnetizador: deve este ter firme tenção de magnetisar porque a sua vontade muito influirá na transmissão do fluido; assim como acontece em alguns peixes (*) que pelo imperio d'ella nos transmittem descargas electricas.

A constancia que notamos em alguns phenomenos nos obrigou a julga-los *positivos*, e a outros *duvidosos* porque sobre estes ainda não temos sufficientes observações; alguns são por nós denominados *não realisados* porque por muito que insistissemos nada pudemos conseguir, todavia não os negamos porque ignoramos os limites dos phenomenos da vida, e em objectos d'esta ordem é temeridade julgar da impossibilidade dos factos em quanto os não levamos á pedra de toque da experiencia.

PHENOMENOS POSITIVOS: — O individuo magnetizado está em um estado particular — a vida de relação suspensa, e as funcções organicas menos activas que no estado normal — os olhos volta-

dos para cima, e olhando para a abobada orbitaria — os eixos opticos tão convergentes que parece tocarem-se juncto ao nariz — as palpebras cerradas como no somno ordinario — a região frontal em temperatura superior á natural — as mãos frias e os dedos em flexão sobre a palma — as extremidades inferiores tambem em baixa temperatura; — uma absoluta obediencia á vontade do magnetizador ainda mesmo que esteja pouco magnetizado — responde exclusivamente ás perguntas que por aquelle lhe são dirigidas, conta com exactidão o que lhe diz respeito, e revela segredos que no estado normal occultaria — executa movimentos de progressão, mas sua marcha é typica, e não pôde ser imitada — conserva a attitude, e posição do tronco e membros em que estava antes de mover-se — não accusa sensação ás picadas de alfinetes por mui sensiveis que sejam as regiões onde se pratiquem.

Se o mesmo individuo tem sido magnetizado por dous magnetizadores que se tenham alternado, fica-lhes subordinado; é preciso que ambos concorram para a desmagnetisação: esta apresenta o seguinte — o magnetizado pestaneja, e faz esforços para affastar as palpebras levando as mãos aos olhos para os esfregar — fica risonho, e com a physionomia muito semelhante á de um idiota.

PHENOMENOS DUVIDOSOS: — O magnetizado não responde aos circumstantes ainda que lhe gritem aos ouvidos; mas em alguns casos responde logo que lhe fallem pela altura da região epigastrica — vendados os olhos conhece as pessoas que o tocam, ou que d'elle se approximam ainda que tenham chegado depois de elle ter os olhos vendados — applicado um relógio á região frontal, ou occipital muitas vezes nos disseram as horas que o ponteiro marcava. Devemos notar que algumas vezes se enganavam e outras respondiam que não sabiam.

PHENOMENOS NÃO REALISADOS: — A faculdade de adinhar mencionada pe-

(*) Torpedo, gymnotus, sylurus electricus, e outros.

los auctores, não foi por nós observada em nenhum magnetisado; o mesmo nos succedeu quando lhe fallavamos em lingua que não entendiam, pois jámais obtivemos resposta. Também nunca executaram as deliberações do nosso pensamento senão quando estas lhes eram communicadas vocalmente.

Todos os magnetisados me informaram que passados alguns minutos depois de começar o processo sentiam tal peso sobre as palpebras que não as podiam levantar, que pouco a pouco perdiam o conhecimento do que se passava juncto d'elles; do somno magnetico não tinham lembrança alguma, só diziam ser aquelle estado mui aprasivel.

O magnetisador, se durante o dia tinha magnetisado tres ou quatro vezes, de noite era accommettido de vigilia e prostração insolita com sensação dolorosa e algum peso na região epigastrica; mas todos estes phenomenos se desvaneciam com muita brevidade.

Os factos que acabamos de referir foram vistos por muitos espectadores, e grande parte eram juizes competentes; não queremos porem com auctoridades para nós tão respeitaveis forçar o publico a acreditar o que deixamos escripto. Aos que duvidarem pedimos-lhes que practiquem o processo do magnetismo sobre differentes individuos, e se apesar d'isto se não convencerem voltem-se pela passiva — deixem-se magnetisar — e então não lhes restará duvida alguma. Mas antes de se magnetisarem será bom dizerem ao magnetisador que lhes pergunte, durante o somno, algum segredo que lhes diga respeito, alguma coisa que só elles saibam, e verão se o magnetisador a não relata depois da desmagnetisação.

Se é mister theorisar esta ordem de phenomenos, forcoso é dizer que lhe não encontramos analogia com o somno nem com o somnambulismo; naquelle ha sómente suspensão da vida de relação, e neste ainda existe alguma espontaneidade, mas no magnetismo ha uma ab-

soluta subordinação á vontade do magnetisador. O estado physico do magnetisado tem alguma analogia com a catalepsia, mas nesta os membros do doente conservam as posições que mechanicamente lhe são dadas, e o magnetisado toma-as á vontade do magnetisador.

Alguns pertendem explicar estes phenomenos pela força de imaginação; julgamos que não tem fundamentos. Reconhecemos seu poder, mas não acreditamos que a imaginação do magnetisador possa influir sobre a do magnetisado. Individuos que ignoravam a existencia do magnetismo, e outros que não tinham vontade de serem magnetisados, e em uma palavra a rapidez com que accordam quando são desmagnetisados sem o saberem, são factos que não se compadecem com tal explicação.

Os Fluidistas admittem tres hypotheses: uns — o fluido universal; outros — o magnetico; e outros em fim — o nervoso. Rejeitamos a primeira por falta de provas, e a segunda porque os magnetisados em contacto com a bussola não determinam desvio na direcção da agulha; finalmente a terceira não a damos como verdadeira porque seria grave temeridade emitirmos tal opinião; mas parece-nos que admittindo para a explicação dos phenomenos da vida um imponderavel especial (o fluido nervoso) não seria grave erro attribuir estes phenomenos, que são da esphera vital, á mesma causa.

Vamos portanto tentar a explicação do magnetismo admittindo aquelle agente. No acto da magnetisação parece que segundo os trabalhos de Reil, o magnetisador transmite directa, ou indirectamente parte do seu fluido nervoso; e todos os passos do processo tendem a este fim. Quando magnetisamos sentimos certa excitação geral que pouco a pouco se desvanece, e nas extremidades dos dedos um sentimento semelhante ao que um individuo carregado de electricidade experimenta quando um outro lhe tira chispas electricas; e este phenomeno

nos tem sido confirmado por outros magnetisadores. O principio nervoso accumulado nos centros nervosos do magnetisado deve reagir sobre a sua vitalidade, subordinando-a, e d'aqui talvez provenha a obediencia do magnetisado ao magnetisador. Tambem nos parece que a concentração d'acção no cerebro e espinal medulla produzirá sem duvida a suspensão da vida exterior; todavia o magnetisado forçado pelo magnetisador a relacionar-se com o mundo exterior procura vias insolitas para o fazer: e com quanto a natureza destinasse nervos espezias para cada um dos sentidos, se analysarmos o seu modo de obrar, tudo se reduz a sentir. Mas os casos Pathologicos muito auxiliam a illação que desejamos tirar do que acabamos de dizer; porque em Pathologia se manifestam sensações inteiramente estranhas á Physiologia, e por tanto no somno magnetico certos órgãos podem sentir impressões a que eram surdos no estado ordinario.

Alguns pertendem explicar os phenomenos que attribuímos á deslocação dos sentidos (e que por em quanto os julgamos duvidosos) pela relação em que está o magnetisado com o magnetisador, e dizem que aquelle pensa da mesma maneira que este — conhece as pessoas com olhos vendados porque o magnetisador as conhece — mas em abono da verdade devemos affirmar que na maioria dos casos os magnetisados nos fallavam de pessoas e cousas de que não tinhamos o menor conhecimento.

Em Medicina tem o magnetismo sido ensaiado ou como meio therapeutico, ou com o fim de conhecer as molestias, e applicar-lhe o tratamento mais adequado. Quanto ao primeiro julgamos que d'elle se pôde tirar algum partido nas molestias dynamicas; porque se o magnetisador pode no estado physiologico subtrahir um cumulo de poder nervoso de um para outro organ, tambem o poderá fazer no estado pathologico. Do segundo pouco julgamos poder espe-

rar, porque apesar de ter sido muitas vezes ensaiado não encontramos nos annaes da sciencia descripções exactas das alterações morbificas descobertas por este processo.

Na cirurgia pôde o magnetismo substituir com vantagem os narcoticos, cujo uso está hoje abandonado por justos motivos. Parece-nos que o magnetismo é preferivel ao narcotismo por não ter os inconvenientes d'este, e os individuos que correm mais risco nas operações são os mais nervosos, e estes os que mais facilmente se magnetizam; além da perda dos sentidos exteriores podemos conservar o doente pelo tempo que nos parecer na posição a mais adequada ao nosso fim.

O magnetismo pôde affectar physica e moralmente o magnetisado, e por isso o magnetisador deve ter certo grau de instrucção medica: o cumulo excessivo de fluido nervoso no cerebro pôde dar logar a desarranjos de alguma gravidade — em uma mulher que magnetisamos durante a menstruação, esta funcção suspendeu-se — notamos muitas vezes durante o processo a respiração curta, difficil, e com anciedade, e ás vezes convulsões; mas estes phenomenos desappareciam logo que faziamos alguns passos magneticos dirigindo as correntes da cabeça para as extremidades.

O magnetisado fica sujeito ao magnetisador, é portanto evidente que este pôde abusar da sua posição para descobrir segredos, rouba-lo, e outros fins. Aos que negam estes inconvenientes respondemos com o que nos diz Rostan — *Je serais de son avis si tous ceux qui pratiquent le magnetisme etaient des Deuilles*; julgamos por conseguinte que o magnetisador deve reunir á instrucção moralidade — condições a que ligamos muita importancia; e util seria que o nosso governo vedasse a practica do magnetismo ás pessoas que não estivessem habilitadas para d'elle fazerem uso, imitando assim o que se tem feito em algumas nações cultas da Europa.

J. F. de Macedo Pinto.

O LIVRO DE ELYSA

Fragmentos.

(Continuado da Pag. 40.)

Como o teu livro, Elysa, é fructo das horas roubadas ao remanso, e talvez ao estudo, nesta bemaventurada Coimbra, quero fallar-te de Coimbra!

Cada povo tem a cidade da sua poesia, da sua imaginação, dos seus amores; cada povo aponta para uma terra, que a tradição vestiu de galas, e diz — lá, lá! oh! que não ha nada mais bello!

O portuguez aponta para Coimbra.

É das recordações d'esta cidade que o velho se nutre, e nutre os filhos ao serão do seu lar:—quando eu estava em Coimbra! eis-aqui o exordio de todas as aventuras de um pai: e a saudade tingindo de roxas e mimosas côres todo o discurso, engrandecendo tudo, louvando tudo, e chorando por tudo leva o ancião á peroração de rigor—não ha já tempo, como o meu tempo de Coimbra!

Para o amor maternal é a terra dos seus sustos, porque é a terra dos rapazes; mas nesses mesmos sustos, no longo esperar do abraço filial encarnou-se não sei que doce sympathia para aquella cidade, que faz chorar e rir toda a casa; é o gosto amargo da saudade, é o

Delicioso pungir d'acerbo espinho (1)

Dizei a um aldeão que lhe ides contar uma historia de Coimbra, e logo o tereis quedo, pendente de vossos labios, já certo do maravilhoso, ou do travesso do vosso conto.

Perguntae ás amantes por Coimbra? haveis de ve-las córar, como tu agora córaste, Elysa, e depois responder com um suspiro envergonhado—oh! Coimbra!... e o resto, que lá fica em seu

pensamento será uma inveja, mas não é desamor para a terra, que anda sempre casada ao amanhecer, e annoitecer de seu coração.

Perguntae ao mancebo, que só ouviu o que vai pelas margens do Mondego, sem nunca ter pisado as suas areás de oiro, perguntai-lhe por seus desejos, e elle vos dirá simplesmente—se eu pudesse ir a Coimbra! e ali deixa resumido o scismar de longas horas.

Até a sciencia e as lettras olham sempre para Coimbra como para a terra da promessa;—a nossa esperança, dizem ellas, cada dia, cada anno, cada seculo, a nossa esperança está lá!

Se aqui vierdes ouyireis, é certo, a muitos dos que se assentam ao cair da tarde no *penedo da saudade* a curtir magoas d'ausente, ouvir-lhe-heis maldições contra Coimbra; não os acrediteis, não; é aquelle absurdo do coração humano, é aquella saciedade na posse, é o nunca-satisfazer dos desejos do homem, o desprezo do que já tem, trocado pelo anhelar do que ainda espera, mas se fordes inquirir esses mesmos, uma hora antes de deixarem Coimbra para sempre, ou elles não tem alma afinada para as melodias da terra, ou elles vos dirão com as lagrimas nos olhos—podéra eu nunca deixar Coimbra! É que lhes ficam aqui as horas mais descuidosas, mais doces, mais felizes da mocidade; é que lhes ficam aqui as amizades, que não morrem mais, a liberdade, que mais não volta, e estes ares purissimos, este céu purissimo, estas aguas purissimas, esta Coimbra unica!

Ah! como lhes ha-de apparecer em sonhos este archanjo de pedra assentado no seu tapete de flores! Coimbra!... hão-de descobri-la de longe, vestida de branco, morbida, formosa, voluptuosa, modesta, a metter seus pés de marmore na prata do Mondego; a devassar o seio das nuvens com o capacete da sua torre, como se fôra estatua de Minerva; com seus braços estendidos a afogarem-se em açafate de esmeraldas;

(1) Garrett.

com a sua ponte orlada de vultos negros, que se debruçam na corrente como os salgueiros da margem; com a cintura azul de mil outeiros, que ao longe fecham o seu largo orizonte; com toda esta belleza, este encantamento, esta femineidade de donzella, esquecida na relva d'um prado a tanger um hymno d'amor com os olhos no céu!

Ali tendes então os blasphemos arrependidos: Coimbra não é só a tortuosidade e estreiteza de suas ruas, não é o som lugubre do seu sino fatal, não é o suspirar por quem vive longe, não é nada d'isto; é a terra das suas sandades, é a saudade da sua poesia, é a poesia da sua vida!

Se um d'esses homens for poeta... e quem ha que o não seja depois do baptismo da sombra d'estes salgueirões, do perfume d'estes campos, do crystallino d'este ambiente, da doçura d'estas aguas, da verdura d'estes montes, da fresquidão d'estas brizas? aqui a poesia bebe-se pelos olhos, pela boca, pelos ouvidos, sem o querer, sem o cuidar, sem o sentir: cada pedra, cada tronco leva inspirações ao amago do seio, que desatina a cantar como a zagala ao desabrochar do dia, ou como a avesinha, que saúda a primavera: aqui murmura melodias o ciciár da aragem nas flores da colina; o scintillar da lua quando n'um tecto de saphira pende acesa como lampada de sanctuario; o ardor do sol, quando se alastra em diamantes por cima do estendal da areia; o écho a responder sonoro ás palmas d'um folgado; a vara do barqueiro a resvalar nos seixinhos do rio; o lavadouro da *tricana*, que geme debaixo dos seus golpes, menos duros porque os acompanha uma cantiga d'amores! — até os nemes dos sitios tem aqui uma suave harmonia, como prelude de canção, que deixa advinhar-lhe toda a lindeza!... Mas não vês, Flysa, como eu vou longe do que ia dizendo? era Coimbra, que me arcebatava nas ondas da sua poesia; foi uma nova prova do seu poder; — voltemos porém ao primeiro proposito.

Se um d'esses homens for poeta irá assentar-se no limiar da sua porta, quando a tarde vai caíndo nos braços da noite, e alli o vereis a cantar; segui-lhe o canto... não ouvis? aqui fallou d'aquella fonte.

Que lagrimas são a agua e o nome amores; (1) alli gemeu com a desditosa *Castro* a sombra dos cedros seculares; agora um som festivo lhe escapa ao recordar-se da *Lapa dos Esteios*, aonde se lhe escaparam deliciosos momentos por sobre a calçada de violetas e boninas; logo suspira nas cordas da harpa aquella *Maria Telles* tão sem ventura, a quem a mão do esposo ceifa a rosa da vida no descuido da noite; lá se lhe accende o estro na labareda do enthusiasmo porque se recordou d'aquelle cavalleiro d'antes quebrar que torcer, (2) que fecha as portas da cidade ao rei cheio de vida e de poder, e leva as chaves d'ellas ao rei sem vida e sem nada; ei-lo depois encostado ao tumulo de D. Sisanando a misturar nos seus versos o saudoso da religião, inspirado pela fronte carcomida da cathedral veneranda que viu nascer a patria, e que tem visto morrer tantos seculos!

Olhae como vos diz que Coimbra é

Cidade rica do sancto
Corpo do seu rei primeiro,
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco tempo inteiro
Dos annos que podem tanto. (3)

Silencio... não vedes como lhe resumbram no seu cantico uns nomes tão fei-ticeiros...

Da saudade o penedo! que amores
A' minh'alma, aos meus olhos não é!
Lindo cesto de graça e verdores,
Verde ramo do monte ao sopé.

Dos suspiros a gruta mais longe
Recollida se foi meditar.
Só poeta, só ave, só monge
Póde á gruta os segredos vulgar!

(1) Camões.

(2) Martim de Freitas.

(3) Sá de Miranda.

E aqui lhe escapa depois no fundo arrebatado do pensamento grave um nome grave como elle — o *penedo da meditação!* mas de volta para a cidade pára diante da gradaria suberba de suberbo jardim erecto pelas mãos sagradas d'um Bispo (1) e exclama

Salve, terra mimosa! a ti meu canto

A ti meu coração, minhas saudades!

E o écho ou de cortex, ou de agredido responde-lhe de dentro do arvoredo o derradeiro verso

A ti meu coração, minhas saudades! (2)

Que é tudo isto, Elysa? que é todo esse cantar d'aquelle homem já longe de Coimbra? Não é, não pôde sêr, não ha-de sêr nunca outra cousa senão o transumpto das perolas, que a patria de *Sã de Miranda* lhe engastou na alma, e que a memoria ha-de vasar sempre do seu thesouro todas as vezes que o poeta pegar da lyra.

Elysa, eu amo muito esta formosa terra!

É o coração de Portugal, aonde á vontade se revolve o seu sangue mais ardente. Que viver este do mancebo com o mancebo!

Crença nas palavras e nos sentimentos; sentimentos e palavras cheias de verdade e de força; amor, e enthusiasmo por tudo o que é nobre e grande; confiança nas idéas e nos homens; communhão quasi-primitiva de bens e de tudo; homogenidade de tendencias; existir nos outros, pelos outros, e para os outros: toda a virtude de quem entra na vida com muita fé no futuro: eis-ahi o viver do mancebo com o mancebo debaixo d'este céu de Coimbra!

Elysa, eu amo muito esta formosa terra!

Depois de ti, da minha lyra. . . não, não quero que Coimbra seja o terceiro affecto do meu coração, mas quero querer-lhe bem porque é um querer, que ella merece.

(1) D. Francisco de Lemos — Bispo de Coimbra.

(2) E te écho do jardim botânico de Coimbra repete um verso he oigo inteiço.

Oh! se te eu vira um dia, Elysa, assentada comigo nas ruinas do mosteiro da *Rainha sancta* (3), e d'alli, depois de haveres passado teu alvo braço á roda do meu pescoço te esquecesses a contemplar Coimbra, como Coimbra se esquecera, tambem com seu braço lançado ao pescoço do monte, a pasmar na tua face d'anjo; se a viras tão linda a retratar-se no mondego e a sorrir-se para o céu, oh! que tambem tu havias de amar muito Coimbra!

Elysa, eu bem comprehendo que tu antes quizeras que o teu amante ausente praguejasse a terra, que lhe rouba a sua Elysa; erês que a delicadeza do sentimento pedia antes isso, seja assim; mas consente aos portos mais uma liberdade, deixa-os dizer o que os outros callam por traçoceiros; não valle mais esta franqueza? O coração foge para o bello como a mariposa para a luz; que culpa tem elle? que pôde elle se ha-de per força amar o bello: — é um amor fatal. Mas se te queres vingar d'esta fatalidade, Elysa, vem, vem comigo assentar-te, nas ruinas do velho mosteiro, que tu olharás para Coimbra, e eu olharéi para ti.



(Continuar-se-ha.)

J. de Lemos.

(J. D.)

CRITICA LITTERARIA.

Le Portugal à la hauteur du siècle.

Veiu-nos á mão um pequeno folheto intitulado — *Le Portugal à la hauteur du siècle*, ecripto em verso francez pelo Sr. J. A. M. T. e impresso no Funchal — 1845. —

É uma bella epistola satirica dedicada ao Sr. A. F. de Castilho.

Folgamos com estas mostras de pericia na versificação franceza, e d'habili-

(3) A rainha sancta Isabel, mulher d'El-Rei D. Diniz.

dade nada vulgar para o genero satirico, que entre nós está tão abandonado depois que o Hyssope nos teiu estabelecer um modelo; abandonado não sabemos com que razão, por isso que nem este ramo de litteratura é menos bello do que os outros, nem o nome de Antonio Dinis é o ultimo entre os dos nossos grandes homens, assim como o de Boileau o não é entre os Francezes.

Bom seria que quem taes estreias nos dá não despresse o talento que revela nesta sua composição joco-seria, e nos desse mais algumas das suas cousas.

A versificação do Sr. J. A. M. T. é rica, vernacula, espirituosa, cheia de força e de graça — Já um escriptor francez disse fallando de Barthélemy et Mery — que a sua *Villegiade* tinha alguma cousa de Rabelais, de Moliere, de Juvenal e d'Ariosto, e nós dizemos que a poesia do Sr. J. A. M. T. por mais d'um lado semelhante á de Barthélemy, nos faz lembrar a do poeta francez; a mesma riqueza de rima, a mesma força de verso, a mesma graça nos conceitos, o mesmo sal nas imagens, o mesmo castigo na dicção; ter todos estes dotes n'uma lingua que não é a patria, é a maior prova que o auctor nos póde dar do seu merecimento.

Não aconselhamos ao auctor uma lingua de preferencia: persuadimo-nos que não escreveu em francez por ter em pouca a sua lingua portugueza, como tiveram alguns bastardos do seculo XVII, que escreveram as suas obras na lingua dos dominadores Castelhanos, estamos certos que lhe é tão facil escrever em portuguez como lhe foi n'uma lingua estrangeira — dê-nos as suas joias, qual quer que seja a lingua em que no-las offereça serão bem vindas, e não diminuirão no merecimento.

Para darmos nma prova do que acabamos de dizer transcrevemos alguns versos da sua epistola; não os apresentamos por que estes sejam os mais bellos no genero satirico, mas sim por que nelles o auctor depois de fazer um

paralello entre o que fomos e o que somos hoje, rende nelles uma homenagem aos nossos maiores talentos.

Aujourd'hui le bourgeois, le lion à moustache,
A cultiver l'esprit avidement s'attache.
La sieste qui, le jour, nous retenait au lit,
Ne ferme plus notre œil: on ouvre un livre, on lit.
Les journaux, des écrits les doses mensuelles,
Encombrent les cafés, les salons, les ruelles.
Par le plus court chemin de Londres et de Paris,
L'on veut du plus nouveau, n'importe pour quel prix.
Le public, chez Langlet, plonge, jusqu'aux aisselles,
Dans les éditions des pillards de Bruxelles.
L'on vote ici, là-bas d'un ton judicieux
De Lemos, ou Serpa, lequel écrit le mieux.
Aux marchés, sur les quais, la veste, la bottine,
Tout commente Byron, ou cite Lamartine.

La dévote Lisbonne a, libéralement,
Du Pinde, sur ses mon's, permis l'avènement:
Nous y voyons régner, et sans que cela choque,
Les Muses et la vierge, Apollon et São Roque.

Ainsi, les bons écrits, applaudis, recherchés,
Ont produit au grand jour bien des talents cachés.
Sans eau les dahlias pâlissent sur leurs tiges:
Stimulez le génie, il fera des prodiges!
Castilho, Silva, Leal, Herculeano, Garrett,
Vous qui de l'Hélicon possédez le secret,
Que de fois vous avez, sacrifiant vos veilles,
Pour l'honneur du pays enfanté des merveilles!
Aussi; pas un Zoile, aux sourcils impudents,
N'a mis dans vos écrits de venimeuses dents.

Les beaux-arts, pleins d'attraits et de charnants
mystères.
Ont su trouver aussi de glorieux sectaires
Et Sendim, dont la verve inspire le crayon,
Aujourd'hui lui, l'orgueil de l'illustration,
Hardiment de son art franchissant la barrière,
Comme Deucalion donne une âme à la pierre.

Sentimos não concordar com o Sr. J. A. M. T. nos seguintes versos da sua epistola.

Fiers de tenir du Pinde et la plume et la lyre,
D'un progrès illusoire, ah! craignons le délire!
Anathématisons tous ces livres pervers,
Dont aujourd'hui la France inonde l'univers.
Évitons les Balzac, les Paul de Kock, les Sue:
Leur plume est trop souvent une lourde massue,
Dont les coups, assés par leur bras déloyal,
Sapent les saines mœurs de l'état social.

Nem Balsac nem Eugenio Sue nos parecem dignos d'esta censura — o 1.º é um escriptor que conhece profundamente o coração humano, e que com tacto fino de medico nos descreve com penna ora jocosa, ora critica, ora melancolica as suas paixões e tendencias sem em nada offender a moral nem os bons costumes: pinta no *Pere Goriot*, o amor sublime de pae, na *Recherche de l'Absolu* o amor extraordinario da sciencia, no *Israelita* o amor mais puro que o homem pôde votar á mulher, — em tudo isto nos encanta, nos faz rir, ou chorar sem nos perverter, — em nenhuma das suas obras encontrámos ainda o venenó que ressumbram as de Paulo de Kock e de George Sand; — o mesmo, ou ainda mais, dizemos de Eugenio Sue, todas, ou a maior parte das obras d'este grande escriptor socialista tem por fim uma reforma bem entendida. Os seus romances não toem só por fim o recrear-nos, se nos havia de dar uma dissertação, que o povo não lia, sobre as desvantagens do scepticismo, sobre a pena de morte, sobre o systema penitenciario, sobre os interesses das classes laboriosas, ou sobre o Jesuitismo deu-nos o *Arthur*, os *Mysterios* e o *Judeo*, veste tudo isto de ficções poeticas, com que interessa as turbas, vai-as imbuindo nestas doutrinas altamente sociaes, vai-as preparando para a reforma, que é o progresso nos costumes, e na civilisação.

Parece-nos que não ha fundamento para julgar Eugenio Sue d'outra maneira.

Recordamos ao auctor que não queremos com esta opinião desmentir pela nossa parte o

... pas un Zoile, aux sourcils impudents,
Na mis dans vos écrits de veuimeuses dents.

Ha cá zoilos de dentes venenosos, prouvera a Deus que os não houvesse, que mordem ás vezes com critica austera de mais, e por ventura parcial, quando assim nos declaramos contra o auctor não é por queremos entrar neste numero, mas fazemo-lo por que assim o

entendemos, e com a urbanidade que demanda a critica, que entre nós é ainda uma planta exotica.

A. X. R. Cordeiro.

(J. D.)

THEATRO ACADEMICO.

2.ª REPRESENTAÇÃO DO DRAMA

MARIA PAES RIBEIRA.

No dia 9 d' abril teve logar a 2ª representação do drama do Sr. João de Lemos — *Maria Paes Ribeira*. A peça foi applaudida, e seu Auctor victoriado e chamado fóra como da 1.ª vez. Este applauso uniforme do mesmo publico, já despreoccupado das impressões da novidade, é o maior elogio que podemos fazer ao drama.

1.ª REPRESENTAÇÃO DO DRAMA

UMA JUDIA NA CORTE DE D. JOÃO III.

Pelo Presidente Honorario d'este Instituto

O Sr. José Freire de Serpa.

Na noite do 30 d'Abril a platêa e os camarotes do theatro de S. Paulo brilhavam com o que havia de mais escolhido em Coimbra: representava-se um Drama do auctor de *D. Sismando*, do *Almansor*, da *Actriz* e de tantas outras perolas da litteratura portugueza: — o poeta do mondego disse—eu von fallar; e a cidade das lettras correu anciosa a escuta-lo.

A confiança que todos já tinham, saiu alli completa, e transbordando de admiração, porque o novo Drama era uma nova victoria do Sr. José Freire de Serpa.

Daremos uma breve idéa d'esta composição, sem todavia descermos á intriga minuciosamente por demasiado longa e complicada: — a eschola, que seguiu o Sr. José Freire (se por ven-

tura o talento segue escholas) foi a franchezza; o seu Drama é vasado nos moldes, em que os tem vasado *Alexandre Dumas*, o *Victor Hugo*; grandes paixões e crimes tomados pela mão da arte para fazer estremecer o vicio e acautellar a virtude. O pensamento á roda do qual giram, como satellites, todos os outros pensamentos da peça é—o crime punido pelo crime: a paixão que forma, para assim nos exprimirmos, a tela onde se borda todas as outras paixões d'esta concepção Dramatica, é—a ambição d'uma mulher.

Para o grande pensamento tomou o auctor o Conde d'Alvôr, o Fronteiro mór d'Évora, e o pagem Paulo; o conde mancebo dissoluto, inicia no crime a joven aldeã do Alemtejo, atraiçoa a amizade do Fronteiro, envenena-o, e não conhece barreira a seu affecto brutal, nem na senda dos delictos; mas ao cabo, a adaga dos escondeiros de Violante lhe vai direita ao coração:—o Fronteiro, velho apaixonado, rouba uma filha a seu pae, rouba Violante do oratorio do pobre aldeão, que debalde a procura e chama, que debalde quer perseguir o roubador que vai longe, que tem tudo, e elle nada tem, nem sequer força, porque não pôde dar dons passos no seu oratorio em busca da filha sem tropeçar e cair! mas o veneno do conde castiga o rapto do Fronteiro. O pagem Paulo serve os damnados feitos do conde, e as maldades de Violante; é o braço que executa as idéas de sangue d'aquellas duas cabeças, mas lá o espera no fim a justiça de D. João III. Para a grande paixão tomou o Sr. José Freire uma joven bella de sangue Israelita e leva-a desde um casal do Alemtejo por cima de crimes e infamias até os primeiros degraus do throno, porque o Infante D. Luiz a viu e amou, porque EL-Rei cedeu aos desejos do Infante, e a Israelita vai ser esposa do herdeiro da corôa, mas quando Violante vai a vestir a purpura real, veste a purpura do seu proprio sangue, que lhe

vai buscar ao fundo do peito o punhal do Conde d'Alvôr agonisante; e aqui a paixão e o pensamento do Drama se reúnem para o acabar; o crime é punido pelo crime, a ambição desregrada cái victima de si mesma ante o alvo de todos os seus desejos.

Para o claro-escuro do quadro tomou o Sr. José Freire duas grandes virtudes:—o amor paternal, symbolisado no pae de Violante, e o amor puro de um homem, symbolisado em Fernando d'Attaide:—aquelle arrasta-se de cidade em cidade, de terra em terra, estende a mão á borda dos caminhos, errante e peregrino em busca da filha que lhe roubaram; vai a encontral-a no meio dos folguedos d'um saráu, mas lá o espera uma nova dor; o envenenamento do Fronteiro d'Évora lhe é attribuido, porque Paulo ali o introduziu para lhe lançar ás cans esse crime; ei-lo no carcere a padecer innocente pelos delictos da filha, que dança sobre os tectos da sua morada lugubre; e elle sempre pae, sempre anhelando a liberdade só para abraçar sua filha, que elle crê boa e sem mancha. Fernando amou a companheira de sua infancia com toda a crença de uma alma pura e nobre, com todo o enthusiasmo de uma primeira sympathia: vai á India ganhar nome e riqueza para tudo lançar aos pés de Violante, com a sua espada victoriosa, porque elle não quer mais nada, que quando EL-Rei lhe dá licença para pedir—só pede Violante, só pede os seus antigos amores na paz da sua aldêa:—mas Fernando encontra a sua amante, não só viuva, não só adultera, não só envenenadora, mas noiva de outro homem, mas quasi nos braços d'elle a ouvir-lhe sens requebros, e a embriagar-se de seus beijos; o amor de Fernando desafoga em maldições porque era homem, mas quando o conde d'Alvôr o quer alliar á sua vingança, Fernando lhe brada—para longe, não me ligo com traidores, nem me vingo de mulheres; e, suprimdo o defeito da

natureza, salva dos ferros e da infamia o seu pae adoptivo, o pae da infiel Violante, porque Fernando era um anjo. O drama do Sr. José Freire era d'imaginação, mas tomou para moldura a época de D. João III. e com todo o bom gosto soube, aonde era possível, adorna-lo das côres proprias d'aquelle tempo; não lhe esqueceu o crime de Judaismo na sua protagonista, a inquisição, os autos e comédias da corte, a tragedia d'Antonio Ferreira, representada em Coimbra, e muito provavelmente no mesmo lugar (segundo se collige d'um antigo escripto) em que o Sr. José Freire fazia representar o seu drama.

Diremos duas palavras do desempenho.

Em geral a peça foi bem representada; mas os nomes que devem ficar mais lembrados são os do Sr. Palla, que soube casar as maneiras singelas da aldeã, ao simulado da ambiciosa; a gravidade da viúva á graciosidade da noiva; os modos simples de donzella humilde aos ademans de Princesa; — do Sr. Bentes, que por tal arte copiou a rica figura do pae de Violante, que nos deixou encantados pela nobreza do seu porte e belleza de sua declamação: aquelle papel é o seu triumpho; — do Sr. Bessa, que se ainda carcereira de loiros te-los-lhia bem formosos e mercidos na delicadeza perversa (permittase-nos a phrase) com que comprehendeu e executou as maldades do Conde d'Alvôr; — do Sr. O'Neill, que realison a formosa ficção de Fernando, não deixando nada a desejar, nem na concepção d'aquelle typo de virtude, nem na encarnação d'aquelle honra quasi fabulosa.

O Auctor viu em todos os actores a melhor vontade, e o desempenho devia deixa-lo satisfeito, assim como de certo o deixaram as corôas, os ramos, os versos, os bravos e as palmas de seus numerosos admiradores, com que repetidas vezes o saudaram: — rematamos copiando a poesia que se espallára naquella noite de regosijo.

AO AUCTOR DA JUDIA.

De Sisnando o cantor, já no palco
Vin de palmas a fronte c'roada,
Vin estrella o futuro apontando,
De mais louros sorrir-lhe adornada.

Eis mais palmas ás palmas unidas;
Eis mais c'roas na scena a cair.
Rei da scena, cantor, vai colhê-las
Vai com ellas a fronte cingir —

Tua estrella não mente, hoje surge
Mil torrentes de luz a verter,
Olha ávante, não cances que o genio,
Inda te ha-de mais c'roas tecer —

Olha ávante, que lês no futuro?
Ha-de a gloria mais vezes mostrar-se,
Nossas almas a gloria rendidas,
Hão-de ao genio mais vezes curvar-se.

50 d'Abril de 1845.

BRAZIA PARDA.

É No theatro que hoje se collie a derradeira corôa litteraria; os talentos fogem para lá porque é só lá que a gloria se lhe revela ataviada das galas de princeza; mas esta caprixosa amante não vai receber o poeta ao bastidor para o corôar se não quando elle nasceu exclusiva, ou especialmente para o theatro.

O auctor da *Brazia Parda* nasceu especialmente para o theatro; eminente em todas as boas letras, é todavia no Drama que elle se amostra verdadeiramente grande; — em natureza para este genero tem poucos rivacs na nossa terra. O publico já o conhece pelas *Duas Filhas*, estrêa de seus trabalhos theatraes, mas a *Brazia Parda* é de certo a joia do seu diadema: — agora que este drama se vai imprimir, podem e devem os que se dão a taes leituras concorrer a avaliar na *Brazia Parda* todo o merecimento do Sr. *Pereira da Cunha*.

(J. D.)

INSTITUTO DE LITTERATURA E ARTE
DRAMATICA.

Na sessão de 14 de maio determinouse que no dia 17 do mesmo mez tivesse logar uma recita em testemunho de agradecimento ao Sr. Luiz de Bessa Corrêa, que terminando no corrente anno a sua carreira universitaria, vai retirar-se de Coimbra, deixando o theatro academico privado do seu mais bello ornamento: abaixo apresentamos uma circunstanciada noticia d'esta recita pelo Sr. Pereira da Cunha.

No dia 18 do mesmo teve logar a sessão extraordinaria para a leitura do elogio historico do Sr. João de Vasconcellos Pereira Coutinho Mendonça Falcão pelo Sr. Manoel Maria da Silva Bruschy. Estiveram presentes quasi todos os membros d'este Instituto residentes em Coimbra: e foi numerosissimo o concurso dos espectadores, que vieram presenciar a solemnidade da sessão, 1.^a d'este genero em o nosso Instituto. O abalitado merito do orador e da oração correspondeu plenamente á magnitude da perda, que choravamos. Foram d'uma e outra claro testemunho a grave seriedade, e profundissima tristeza dos concorrentes.

ELOGIO HISTORICO

do Socio

JOÃO DE VASCONCELLOS PEREIRA COUTINHO
DE MENDONÇA FALCÃO

pelo Socio

MANOEL MARIA DA SILVA BRUSCHY.

Invocar a memoria dos mortos, para pronunciar o seu nome com saudade, relatar os seus meritos, é provar que a morte não corta todos os laços; é testemunhar que a loisa do sepulchro não occulta senão o que havia de terrestre em um ser que bemmereceu dos seus se-

N.º 6. — 1 de Junho de 1845.

melhantes; é lavar a Inhumanidade do labéu da ingratição; é um dever sagrado de toda a corporação, cujo fim tôr a cultura das lettras. D'este modo a vida intellectual não acaba, porque o nome e feitos de um finado podem servir de exemplo para os vivos. D'este modo ligamos o passado com o presente, unimos com laços fraternaes os que foram com os que ainda são obreiros da obra mais pura e mais util que possa dar-se — a cultura das lettras e da virtude cimentada na amizade.

O Instituto cumpre hoje esta missão, e, a exemplo de todos os corpos litterarios, destina esta sessão para memorar a perda do primeiro dos seus socios que provou não bastarem mocidade, virtudes, talentos, e uma auro-ra esperançosa de fertil e brillante carreira litteraria para eximir-se da lei fatal da morte; porque se estes titulos bastassem, Senhores, não teriamos hoje de lamentar a eterna ausencia do nosso socio e meu amigo, o Sr. João de Vasconcellos Pereira Coutinho de Mendonça Falcão!

Este nome, Senhores, de que a minha bôca não pôde separar o epitheto de amigo, porque este affecto não se extingue, porque o coração palpita mais apressado ao pronuncia-lo, porque a dôr da sua perda é cada vez mais pungente, porque metade da minha alma, metade da minha vida me foi roubada, este nome de amigo, cuja pronunciação é uma blasphemia na bôca do egoista, é a desculpa do meu arrojio. A nenhum outro elle teria concedido o logar que eu hoje occupo, e porisso não foi a vaidade que me levou a solicitar o privilegio de fallar d'elle perante o Instituto, invoquei os direitos da amizade, e o Instituto concedendo me essa honra, cedeu a uma nobre inspiração, escutou a voz do seu finado socio bradando do fundo do sepulchro — concedei ao meu maior amigo o privilegio de derramar em vossa presença as lagrimas da saudade —

« Não esperéis de mim senão sentidos gemidos por tal perda. Possuíis todos corações mui nobres, e as cordas harmoniosas das vossas almas tem de certo vibrado com o sentimento da amizade, para que eu não espere que os meus pobres pensamentos deixem de ser desculpados.

Ligados pelo amor das letras não formamos um oceano agitado pelas violentas tempestades das paixões humanas, esta nossa sociedade assemelha-se a um lago placido e puro alimentado por torrentes impetuosas de imaginações poeticas, socegadas e crystalinas fontes de saber, a que se mistura um humilde riacho a cuja corrente concedestes o favor de ser escutado porque murmura as lembranças de um arroio, que estancado a poucos passos da sua nascente, tanto promettia.

Em nome d'amizade espero a vossa indulgencia.

Nascêra o nosso lamentado socio aos 8 de março de 1815 nas abas da serra da Estrella proximo ás margens d'este nosso Mondego.

Foi seu pae o nosso socio o Sr. Agostinho de Mendonça Falcão, nome querido das Musas, e bem conhecido pelo seu saber: mas não só possui saber, porque é um d'esses homens sempre raros, mas talvez nunca tanto como em nossos dias, que reúnem a nobreza do sangue e virtudes, raros talentos e conhecimentos alliados com uma modestia digna de citar-se, e uma rigidez de principios de eras, que hoje por incriveis, reputamos fabulosas.

Lembro-vos, Senhores, estas circumstancias, porque é minha convicção (e a vida do nosso consocio prôva) que poucas cousas decidem tanto dos destinos futuros do homem, como as primeiras impressões physicas e moraes recebidas na infancia.

Invoco o testemunho dos que conhecestes e tractastes o nosso finado socio, é que conheceis as bellezas severas das asperas serranias do paiz dos Herminios,

as suas férteis quebradas, a singeleza de costumes patriarchaes, as poeticas e melancholicas prospectivas das alcantiladas margens do Mondego, para que me digaes se não concordaes comigo em que uma infancia passada em tal paiz, sob um tal pae, e entre taes gentes devêra ter um influxo mui poderoso nas idéas e sentimentos do resto da vida do nosso socio?

Nas montanhas o homem faz de continuo o paralelo da sua pequenez com as alturas que o rodeam, tem de continuo ante os olhos um quadro vivo da peregrinação terrestre, variedade das vistas, precipicios tremendos abrindo-se inopinadamente sob os passos, e prestes a sorver o caminhante incauto; sendas fragosas, e resvaladissas, nas quaes o menor descuido pôde arrojear o caminhante mais robusto, em fim a morte e a vida luctando de continuo.

Mas ao mesmo tempo o sol surge mais cedo, e vem doirar os seus pincares em quanto que nos planos tudo jaz ainda em trevas; o horizonte é mais extenso, e o montanhez sobrepujando as nuvens annovelladas, vê impavido um oceano de fogo agitar-se sob seus pés, e arrojear ás planices o incendio e ruinas de envolta com o bramido do raio, cujo estrondo apenas elle apercebe.

Nestas alturas o homem está desprendido da terra, e proximo do céu. As suas meditações devem ser graves e sollemnes como os objectos que o rodeam, elevadas sublimes e puras como as regiões, em que está pairando o pensamento.

Emfim as montanhas abrigam o ninho da aguia, são o throno do raio, e a origem dos rios, isto é, rennem o quo em toda a natureza creada se conhece de mais elevado, mais terrivel, e mais proveitoso.

O nosso socio era digno de uma tal patria. Singeleza, e brios de filho das montanhas foram os dotes com que a natureza bafejou a sua infancia, e que aperfeiçoados pela educação e preceitos

de seu pae o tornaram tão digno das sympathias de quantos o conheceram e tractaram.

Infelizmente a natureza fôra mesquinha em repartir-lhe os dotes do corpo, e desde a sua mais tenra juventude começaram de apparecer os symptomas da enfermidade que pouco e pouco lhe minou a existencia, e que lhe ceifára mãe e irmão, e que pelo haver arrebatado lhe poupou a dôr de ver murchar-se no viço dos annos a sua tão querida irmã.

Este progresso constante da morte tornára grave o nosso socio ainda entre os folguedos e passatempos da juventude. Permitti-me; Senhores, que vos guie ao intimo d'aquella alma, e que com a chave da amizade vós patenteie os soffrimentos que por mais de metade da sua existencia lhe ralaram o viver.

A braços com a morte, seguro de que ella não tardava, medindo os seus progressos passo a passo, minuto por minuto, aquella alma tão sensível, aquella imaginação tão vivaz, aquelle coração tão feito para a amizade não tiveram illusões. Encarou por largo tempo o inimigo que se adiantava, conheceu-o e sem o desprezar loucamente soube avaliá-lo. A vida não foi para o nosso socio um engano, nem a morte inesperada.

Já lá vão quinze annos que elle me escrevia—não posso viver muito, esvae-se-me a vida mais depressa do que eu mesmo posso imaginar:—e nas ultimas letras que traçou com mão moribunda escrevia-me ainda—D'esta vez realisa-se o que ha muito espero, e morro—Viver morrendo foi a terrível agonia physica e moral dos annos que para o commun dos homens vão de saúde, vigor, e illusões!... Quadro tremendo, que para ser encarado sem sossobra se requer alma mui grande. Quão poucos haveriam deixado de succumbir ao desespero ou abatimento! Mas d'esses poucos era elle...

Em meio de taes soffrimentos era o seu cuidado a cultura das letras e da amizade.

Hoje que a sua bôca gollada me não

póde impôr silencio, como por tantas vezes me impoz para que callasse as suas boas obras... hoje que seria uma ingratitude se eu como amigo e socio não alcantasse a minha voz, hoje que devo rasgar o véo, com que a sua modestia se queria cobrir, invocarei o testemunho de quantos me escutam para que me apontem uma só acção que o deslustrasse como amigo, como parente, ou como collega. E como podia fazer tal, quem me escrevia—leio porque os livros me não são ingratos—... façam os homens o que quizerem, eu só lhes pagarei com o bem que poder...—quem escreve isto no momento em que um amigo falso o trahira? É esta a expressão da sua vingança e da sua colera! Senhores quem professa taes principios tem o seu elogio feito.

Cortado de dores e angustias nunca deixou os seus queridos livros, e na escolha do genero de leitura a que muito em especial se dedicou mais e mais se manifestam os dotes do seu talento. Severo no seu gosto, laborioso nas suas investigações, profundo no seu meditar, era o estudo da nossa litteratura classica, historia, e antiguidades o que mais o delectava.

Se a modestia e timidez, inseparaveis do verdadeiro talento, o não houvessem levado a rasgar e queimar o fructo de largas horas roubadas ao cuidado da sua debil saúde, nós possuiriamos hoje abundantes provas do que levo dicto.

No entanto alguma coisa escapou, o seu romance do Figueiredo das Donas inserto no N.º 2. da Chronica Litteraria mostra o que poderia dar de si aquelle arbusto tão esperançoso se tão prestes o não derribára o tufão da morte.

Não devo esquecer, que elle, publicando aquelle seu pequeno trabalho, cedeu ao unico sentimento capaz de vencer a sua modestia, era esse sentimento o cumprir um dever como socio d'este Instituto.

Não era o nosso socio homem que pensasse poder pertencer a uma corpo-

ração sem que auxiliasse o seu andamento com contingentes ainda além das suas forças. Julgava elle que entre nós escasseassem trabalhos reflectidos ácerca dos nossos antigos romances tão cheios de riquezas historicas, e poeticas, e que de nenhuma parte devia partir o impulso de semelhantes investigações senão do centro d'esta nossa Universidade.

Uma outra circumstancia julgo dever lembrar a este Instituto, e é que ferido com o ultimo golpe mortal, quiz vir a este nosso theatro applaudir um triumpho litterario de auctor e actores todos socios nossos. Representava-se o drama os *Dous Renegados* do nosso socio o Sr. Mendes Leal, e era executado pelos nossos socios, Fonseca, Costa Pereira, Gama Lobo, e Guimarães. Veiu moribundo mas poude transpando o limiar da eternidade sandar a aurora gloriosa da existencia d'este theatro, e o seu adeus ás letras foi animando a litteratura dramatica da nossa patria

Tres dias depois escrevia duas cartas, uma para a familia, e outra para o amigo, e passados outros tres dias descansava no seio da eternidade! Os seus ultimos actos foram dedicados a este Instituto, á familia, e ao amigo, e hoje o Instituto e o amigo provam que a memoria do homem que como elle viveu, e cumpriu a sua missão, não morre, mas existe gravada no coração de quantos tiveram a dita de conhece-lo

HISTORIA DE PORTUGAL DURANTE A IDADE MEDIA.

Fragmento.

(Continuado da pag. 67)

Temos procurado fazer sentir a completa revolução operada na Península pela civilização romana, e por consequencia a necessidade de admittirmos que a lingua latina chegou a obter inteiro dominio nestas partes, cumprindo

todavia não esquecer que essa lingua devia ser a quotidiana, rustica, ou *simples*, alterada desde logo por phrases e vocabulos indigenas, e cujas differenças do latim litterario só podemos até certo ponto suspeitar, sendo as mais provaveis entre ellas, como dissemos, a confusão ou falta dos casos nos nomes, e das variações verbaes, donde era forçoso nascesse a ordem natural no discurso, o uso frequente das preposições e a introdução dos auxiliares. Agora vejamos se o testemunho dos escriptores d'esse tempo confirma o que havemos unicamente deduzido dos factos sociaes.

Strabão, o mais miudo e exacto dos geographos antigos, que tractaram da Hespanha, e cuja auctoridade tem sido invocada em prova da permanencia do idioma celtico como lingua geral debaixo do dominio romano, diz-nos, fallando dos turdetanos: « Accresce á bondade do clima que disfructam os turdetanos a brandura e a civilisação, o que segundo Polybio é tambem commum aos celticos pela vizinhança e parentesco, posto que em gráu menor por habitarem d'ordinario em logarejos. Os turdetanos, porém, principalmente os das margens da Betis, tomaram de todo os costumes romanos, esquecendo até a propria lingua, e muitos tornados latinos, receberam no seu seio colonos de Roma, faltando pouco para inteiramente serem romanos. As cidades ultimamente edificadas, Beja entre os celticos, Merida entre os turdulos, Saragoça entre os celtiberos, e varias outras colonias provam essas mudanças d'aspecto da sociedade. Os hespanhóes que seguem este modo de viver chamam-lhes *stolados*, ou *togados*, entrando neste numero os celtiberos, tidos n'outro tempo pelos mais feros e desconversaveis de todos » (1). D'esta passagem vemos quanto já nos primeiros annos do governo de Tiberio (2)

(1) Strab. L. 3. p. 225 e 226.

(2) Strabão escrevia a sua grande obra geographica no 15.º anno da era christã, 4.º do imperador Tiberio. Consulte-se Vossio — *De Historicis graecis* L. 11. c. 6.

a transformação romana tinha lançado profundas raizes na Peninsula estendendo-se pelo meio-dia e centro da Hespanha. Não sómente os costumes, trajos, e linguagem, mas tambem os celticos, posto que menos completamente, e do mesmo modo os celtiberos apesar de serem os *maix tenazes* na barbaria. Os celtas do occidente, ou lusitanos, affeitos, segundo o mesmo escriptor, a passar o Tejo e a infestar os povos limitrophes, quando se não guerreavam uns aos outros, foram cohibidos pelos romanos que poseram fim ao mal, convertendo em logares abertos muitas das suas povoações, e reconstruindo outras com melhor traça (1). No proprio norte da Hespanha nunca inteiramente subjogado, a civilisação romana se espalhou largamente. Aquelles mesmos que d'antes destruíam os territorios das tribus sujeitas á republica, combatiam já nas fileiras das legiões imperiaes. Tiberio acantonando naquellas partes tres cohortes, como Augusto deixava determinado, não só alcançou pacificar o paiz, mas chegou a reduzir muitos dos seus habitantes á vida civil (2). As tropas romanas continuavam a guarnecer os districtos dos Callascos, dos Asturos, dos Cantabros, até os Pyrenés. A Hespanha central e oriental, cuja população era, todavia, tranquillã, e havia tomado o modo de viver italico nos offerece uma circumstancia que descobre qual era o estado de transformação a que já tinha chegado a Lusitania. Posto que dependente do imperador em quanto a Betica pertencia ao povo, esta provincia era regida por um legado pretorio, sem guarnição militar, em quanto a celtiberia, apesar de tão romana nos costumes, ainda continuava a ser governada por um legado consular (3).

Desde esta epocha todos os monumentos historicos conspiram em nos mostrar os habitantes da Peninsula inteiramente identificados com os romanos. Entre os muitos factos que fóra facil amontoar em prova d'isso, um dos mais notaveis é, em nosso entender, o usarem de nomes puramente latinos todos os individuos hespanhóes do tempo dos imperadores, de modo que os nomes barbaros desaparecem inteiramente, circumstancia que se não repeliu durante o dominio dos wisigodos, quando aliás cremos indubitavel o haverem estes abandonado a lingua gothica pelo romano-rustico, sem que por isso deixassem de figurar na historia os Theodorikos, os Eurikos, os Heermangild's. E o mesmo se pôde dizer do dominio arabe, durante o qual, segundo o testemunho tantas vezes citado de Alvaro de Cordova, os mozarabes esqueceram a sua lingua romana para só fallarem o arabe, conservando todavia os nomes proprios de origem grega, latina, e gothica, como se vê da historia e dos documentos d'esse periodo.

Aulo-Gellio, n'uma das muitas anedotas litterarias de que abunda o seu livro das Noites Atticas, nos faz bem conhecer quanto, pouco mais de um seculo depois de Strabão, os hispano-romanos consideravam como sua a lingua latina. N'um sarão em Roma, onde se haviam cantado varias poesias gregas houve quem, transportado de admiração pela doçura dos cantos hellenos, começasse a motejar a rudeza dos poetas latinos. Dirigiam-se os motejos a um hespanhol professor de eloquencia, e homem de variada instrucção, que se achava presente. Gracejavam com elle accusando-o de agreste, barbaro, simples declamador dotado de uma facundia rabida e bulhenta, e mestre de uma

(1) Strab. L. 3. p. 231.

(2) Id. Ibid. p. 234 e 235.

(3) Id. Ibid. p. 253 e 254. Os que conhecem o sistema administrativo dos romanos sabem que os legados pretorios se enviavam para as provincias inteiramente pacificas, em quanto para as que

não eram de todo sujeitas, ou estavam na frente de povos inimigos se mandavam os consulares. Sobre as diversas formas d'administração na Hespanha por esta epocha vejam-se as fontes citadas pelo erudito Amaral. Mem. de Litter. da Acad. T. 2. p. 313 e segg.

lingua sem doçura nem amabilidade. Iron-se o rhetorico, diz Gellio, e começou a combater pela sua lingua patria (1) como se alli se tractasse de defender a propria religião e os proprios lares. Em um livro philologico, Gellio chamando ao latim lingua patria de um hespanhol, não nos deixa a menor duvida de que no tempo de Hadriano elle não era para um filho da Hespanha um idioma estudado nas escholas mas o proprio do seu paiz.

É por esta causa que não nos resta em toda a Peninsula da época do completo dominio romano, isto é, do tempo do imperio, um unico monumento, um unico testemunho preciso e indubitavel (como é o de Gellio sobre o uso vulgar da lingua latina) que nos prove a duração do idioma celtico entre os hespanhóes, ao passo que o iberico, euskoara, ou vasconço não só atravessou essa época, mas chegou até nós, porque as tribus que o fallavam nunca entraram no gremio da civilisação romana. Este facto constringe os que se persuadem de que o celtico resistiu á lingua latina a explicarem-nos qual foi a civilisação que posteriormente o annullou, deixando apenas no portuguez, no castelhano e no catalão, uma ou outra rarissima particula ou palavra, cuja origem pareça verdadeiramente celtica.

Aos philologos que procuram sustentar o celticismo como base das modernas linguagens das Hespanhas, importava sobre tudo destruir o facto de completo dominio do latim, quer vulgar quer litterario, durante a época em que esta região esteve sujeita aos romanos. Para isto buscaram-se as passagens de Strabão, e dos outros escriptores que pareceu servirem ao intento, ao passo que se esqueciam as que temos apontado. Todavia estas são positivas; e todas as em contrario sujeitas a diversas interpretações, ou duvidosas quanto á sua genuinidade, ou finalmente de uma épo-

(1) *Pro lingua patria*—Aul. Gell. Noct. Attice L. 19, c. 9.

cha em que nada se oppõe a que ainda existisse em algumas povoações a lingua celtica, phenicia, grega, punica ou, o que é mais provavel, uma lingua franca, digamos assim, composta de todas ellas. A esta ultima categoria pertencem duas allusões de Cicero (1), allusões que aliás se podem referir á lingua hespanhola das montanhas septemtrionaes onde o euskoara ou vasconço resistia ao predomínio do latim como até hoje tem resistido ás linguas derivadas d'este.

Uma cousa, porém, em que não advertiram os defensores das origens celticas, é que a palavra lingua não tinha para os auctores antigos a significação mais precisa que hoje lhe damos, nem importava necessariamente uma distincção profunda de indole e vocabulos entre ellas, podendo por isso equivaler muitas vezes a *dialecto* (2). Assim entendidas as passagens de Strabão, de Plinio e d'outros escriptores que tem sido allegados, só poderão provar a existencia de variedades de pronuncia e ainda de expressões locaes, sem que d'ahi se haja de concluir que o latim não era a base da lingua. Os diversos elementos de população espalhados desigualmente por esta região deviam produzir essa consequencia, consequencia que de certo modo chegou até nós influido provavelmente, em parte, na variedade das linguas e dialectos da moderna Peninsula.

A. Herculano.

REVISTA SCIENTIFICA

DE 1855.

Sociedade Geographica de Londres.—(Jan. 13)—O tenente Cruttenden communica da Arabia meridional os indicios que elle acaba de descobrir em Hadramaut de haver existido antigamente nesse sitio uma grande e poderosa nação: algumas

(1) De Divinatione L. 2. c. 64 — De Natura Deor. L. 1. c. 30. Mem. da Acad. T. 12. P. 1. pag. 38.

(2) Forcellini Lexicon T. 3. v. *Lingua* Damm N. Lexicon Graec. Etymo.og. col. 1219. v. Γλωσσά.

inscrições no idioma Himyari quasi apagadas pelo tempo, ruínas dispersas, raras, cujo cimento tem voltado ao estado original de calcareo, os tumulos existentes no monte Hisa Gherab, a natureza geologica dos montes de redor que são outros tantos vulcões extinctos, tudo o leva a julgar da devastação por que deve ter passado um territorio fertil e um poderoso imperio até hoje desconhecido; uma serie de castellos do Himyari defendia a fronteira meridional da cidade de Kattaba que o auctor do descobrimento indica ser a séde mais apropriada para novas explorações. (Fev. 10) James Bird participa de Bombaim que tendo entrado no estudo d'estas inscrições, a sua analogia com a lingua Glúz e com os caracteres ethiopicos posteriores á modificação introduzida pelos syriacos, lhe fazem presumir que a data da destruição d'aquelle povo deve ser posterior á era christã.

O consul Carrew Hunt remette uma descripção physica da nossa ilha de S.^{ta} Maria, mostrando que a sua estrutura geologica é semelhante á da Sicilia e differenteiramente da das outras ilhas dos Açores. — Continuam todos os dias a vir noticias de novas explorações no interior da Australia e na America do Norte, e C. Anderson remette uma memoria sobre as fontes geladas d'este paiz. É um assumpto de summo interesse em geographia physica, interessando a grande questão do calor central, a causa da temperatura das fontes: os phenomenos apresentam algumas anomalias que ainda não estão explicadas satisfactoriamente; entre outros a formação de *ground gruc*, especie de congelação que começa pelo fundo dos rios, ao contrario dos casos ordinarios, e que não só é frequente na Siberia e America do norte mas conhecida no Rhodano e em algumas fontes d'Inglaterra, tem dado origem a varias e encontradas opiniões.

Sociedade Geologica de Londres.— (Jan. 8)—A. G. Bain dá uma noticia geologica da extremidade S. E. da Africa,

de que manda tres fosseis do genero desconhecido *Dicynodon*, caracterisado por duas grandes presas semelhantes ás d'alguns mammaes, mas que pela estrutura ossea se conhece ser um reptil, e d'habito maritimo, sem signal da successão de dentes que em todos os reptis apparece, grande força nos osses da face como nos lagartos, e a maxilla coberta de capa cornea como a das tartarugas. As rochas d'esses terrenos são stratificadas e o gres rubro com fragmentos de plantas carboniferas, o conglomerado e o schisto argilloso coberto de areias fossiliferas desintegradas e argilla em nodulos septarios. — (Jan. 22) Das rochas metamorphicas descobertas nos arredores do Tanro do periodo cretaceo, foram remetidos por W. Smyth mineraes de cobre e de chumbo e prata, que podem vir a ser grande ramo de exploração. — As formações carboniferas da nova Escocia, as impressões de aves achadas no gres por Dawson, a junção de rochas carboniferas com as silurianas, a praia de continua emersão (Fev. 5) com fosseis maritimos e fluviaes no Essex, o gres verde da ilha de Wight contemporaneo ao da Inglaterra, são preciosos exemplos na sciencia.

Sociedade Linneana.— (Jan. 20) Macnochie remette a historia natural da ilha Norfolk, composta de porphyro e gres de continua formação, e depositos vegetaes subjacentes não carboniferos; muitos e variados generos de produções animaes e vegetaes para formar uma das mais importantes estações de acclimação e recurso aos navegantes n'um dos pontos mais isolados do mundo — (Fev. 4) Doubleday tendo feito um vasto estudo sobre a estrutura das azas dos insectos, especialmente dos lepidopteros, propõe a disposição das nervuras como um caracter de classificação preferivel aos palpos e antenas; dá a conhecer seis ordens de trachéas relativas ás azas, e inculca as condições anormaes d'ellas como caracter secundario. — Hensfrey pertende explicar a ascensão

da seiva pela sacharificação e condensação nos gommos, tendo por causas auxiliares a endosmose e a capillaridade.

Sociedade Entomologica — Novos generos de insectos achados na nova Zelandia e Australia, especialmente de lagartas, traças e dipteros.

Sociedade Botanica — (Jan. 8) Exemplares extraordinarios dos generos *scirpus*, *ananthium*, *dryas*—

Sociedade de Horticultura—(Jan. 21) Entre as muitas especies novas de plantas e fructas que se acabam de receber de diferentes paizes apparece a laranja das Bermudas e o projecto de sua cultura nessa ilha como capaz de substituir o commercio dos Açores.

Sociedade Microscopica (Jan. 15) Na estrutura das pennas descobre J. Quekett diferentes ordens de filamentos formando ramos e subdivisões das barbas: pela ausencia ou grandeza destes orgãos explica os seus usos que perfeitamente concordam com os costumes das aves domesticas, das d'alto vôo, e de rapina, e como nestas uma ordem especial de pennungem faz pouco estranhoso e traçoieiro o seu vôo—O mesmo sabio dá a analyse microscopica do *guano*, substancia que se vai tornando hoje um ramo de extenso commercio pelo seu emprego na agricultura como um dos melhores estrumes; demonstra os elementos organicos, cristalisados e terreos que o compoem, e dá meios de distinguir as suas especies e falsificações.

Instituição Real — Depois da terrivel catastrophe da explosão da mina de carvão de Haswell Colliery, em que pereceram 95 pessoas no septembro passado, Faraday e Lyell haviam sido encarregados pelo governo inglez d'examinar as condições d'esta grande mina e propor meios de evitar que taes desastres se repetissem. Faraday demonstrou experimentalmente (Jan. 17) por meio de um apparelho novo de ventilação que é possível extrahir da mina todo o fumo e ga-

zes inflamaveis sem que cheguem a approximar-se nem incomodar os obreiros — (Fev. 7) W. R. Grove fazendo trabalhar a sua grande pilha voltaica (cuja intensidade é tal que produz uma luz igual á do sol do meio dia de verão, e calor que chega a vaporisar o ferro) apresenta-se em campo para fundar uma nova theoria electro-mechanica. Por meio d'um machinismo combinado com a pilha demonstra elle que assim como o movimento effectivo d'um corpo em perfeita liberdade é igual ao impresso, assim no caso de resistencia (choques, atritos &c.) ha uma desenvolução de luz e calor cuja intensidade está na razão directa da acção do movente e do gráu da resistencia; deduz d'ahi que o movimento, o calor e a luz são outras tantas manifestações d'uma só força, que a *força*, como a *materia*, incapaz de ser creada ou extinguida pelos meios naturaes, pode dissipar-se mas nunca aniquilar-se, e que os elementos em que a força se decompõe são d'estas duas ordens—movimento e os dous imponderaveis—, o que se mostra por um processo inverso, empregando sobre o movel, em vez da força motriz, a corrente electrica. A materia, animada e transportada pela grande violencia d'esta corrente, constitue a luz electrica, assumindo côres identicas ás da mesma substancia em combustão: no gráu da extensão e brilho da corrente entram por factores as diversas fórmulas que pode revestir a força productora da electricidade (acção chimica, magnetismo &c.), a natureza e densidade do meio por ella percorrido, os elementos componentes da pilha, e os corpos collocados nos seus polos. O auctor demonstrou que a natureza do espectro da chama voltaica é differente da do solar e das outras luzes, e fez que os metaes refractarios como a platina entrassem em fusão e formassem ligas com outros metaes por meio d'este poderossissimo agente.

I. E. B.

O HISTORIADOR LOUIS BLANC.

(Continuado da pag. 64.)

Acompanhemos o historiador ao meio d'essa revolução espontanea, que teve lugar em Paris no mez de Julho de 1830. Entremos com elle em casa do abastado banqueiro, e do miseravel operario, subamos até o palacio dos reis e dos principes, penetremos no gabinete dos politicos e na imprensa dos jornalistas, percorramos as ruas e as praças da cidade, onde por um momento se agitam os interesses de uma sociedade, entre as bayonetas do soldado, e os braços do popular. Consideremos todos os factos, e examinemos imparcialmente todas as suas consequências.

Carlos X e o ministerio Polignac haviam publicado as *ordenanças*, em que dissolviam as cameras (antes de constituidas), mudavam o regimen eleitoral, e supprimiam a liberdade da imprensa: eis a causa da revolução de Julho. Alguns homens se levantavam, e foram atacados e perseguidos pelas tropas do rei: foi então que o povo inteiro occorreu em massa, e o throno de Carlos X manchado de sangue ficou submergido nas ondas de uma revolução sem exemplo. Foi a classe numerosa do povo quem fez esta revolução. Mas que importavam ao povo, procura Louis Blanc, que lhe importavam as *ordenanças* de Carlos X? Ellas só indirectamente lhe diziam respeito, e isso mesmo elle ignorava: aquella nova tyrannia era uma diminuta parcella addicionada á oppressão, que havia muito tempo, pezava sobre o povo. Existia porém uma outra classe de individuos, a classe media (*bourgeoisie*), a quem as famosas *ordenanças* tocavam muito de perto; porque os deputados eram os seus representantes, e caíam do seu gremio, porque a imprensa advogava os seus interesses. Foi esta classe, que communicou ao povo o movimento da revolta, confundindo com a d'elle a sua causa. Ar-

vorou-se a bandeira tricolor; e os vellos soldados da *republica* e do *imperio* estremeceram com a lembrança de suas passadas glorias: e os filhos do povo com as armas na mão aglomeraram-se em volta d'aquelle estandarte de outrora, que vinha recordar-lhe as suas antigas affeições, e o odio votado á familia dos Bourbons, que desasseis annos antes entrára em Paris, conduzida por um exercito de estrangeiros. Mas qual foi o resultado d'essa revolução, que abalou o systema social de França até os alicerces? O povo, diz Louis Blanc, continuou a ficar na sua antiga miseria: e isto porque a victoria lhe foi arrebatada das mãos por essa mesma classe de individuos, que o havia instigado á revolta, porque esses individuos queriam uma revolução em seu favor, mas não em favor do povo; porque elles queriam a liberdade para si, com quanto o povo ficasse ainda na oppressão, e na miseria; porque os interesses do povo eram differentes e mesmo contrarios aos seus interesses. O que pertendia a classe mercantil, era a liberdade de industria, com todas as suas vantagens e garantias para os proprietarios, a liberdade do agiotagem, a concorrência enfim, que permite que cada individuo *separadamente* enriqueça em proporção desmedida, e cada vez maior de seus cabedaes, resultando d'aqui que a classe operaria, aquelles que não tem mais cabedaes que os seus braços, não vejam nunca a possibilidade de mudar de condição, que cada vez se va tornando rapidamente mais sensivel a razão de differença entre o rico e o pobre. Foi isto o que aconteceu na Inglaterra, e é por esta razão que naquelle paiz a riqueza dos grandes vai de tal maneira absorvendo a riqueza do povo, que dentro em breve se romperá o equilibrio, e o systema social baqueará por falta de alicerces, se alguma causa estranha o não vier segurar.

Aqui nos diz o nosso historiador a razão porque a revolução retrogradou.

A classe media combatu ao lado do povo para derribar o inimigo commum; mas uma vez derribado tirou-lhe as armas do combate, porque ellas lhe faziam sombra ás propriedades na mão de quem não possuia cabedaes nem propriedades. É assim que vemos estabelecer em França depois da *revolução de Julho* um systema quasi inteiramente igual ao antigo.

Em geral Louis Blanc considera as reformas sociaes das nações modernas, como provenientes dos interesses da classe media: e é lançando mão d'este principio, que se podem explicar muitas anomalias apparentes da historia contemporanea. Porém esse mesmo interesse da classe media, que contribue para as reformas até um certo ponto, é o que obsta ao seu progresso em conformidade com muitas das theorias modernas, cujo immediato desenvolvimento lhe é prejudicial. Eis a razão segundo se deprehende da philosophia do nosso historiador, eis a razão porque o movimento social é vagaroso, irregular e oscilante, eis porque as revoluções retrocedem, porque a miseria dos povos continúa. Logico inflexivel Louis Blanc vai tirar rigorosamente esta philosophia dos factos, e de um grande numero de factos, ainda os mais minuciosos, os mais estereis em apparencia, conferidos e habilmente combinados. Além d'isto não nos apresenta sómente os factos materiaes e positivos da chronica, apresenta-nos os factos moraes e as suas causas philosophicas: discute as opiniões do tempo, analisa as razões, em que se funda, e diz-nos até que ponto eram sustentadas pelo interesse ou pela boa fé. É assim que lêmos cheios de prazer e de curiosidade tantos acontecimentos, porque nelles vemos claramente impressos os caracteres da humanidade: nelles vemos distinctamente revelar-se o vulto dos homens com todas as suas paixões e inconsequencias, com todas as suas propensões. É por isso que elles nos commovem, que julgamos presenciá-los, e ve-los apparecer em realidade

debaixo da penna d'aquelle habil escriptor tão ver-ado no coração humano, e nas inclinações do seu seculo, qualidade indispensavel para todo o que se lança na espúhiosa tarefa de escrever a historia.

Um dos mais bellos quadros, traçados pela eloquente penna do historiador dos *dez annos*, é a fugida de Carlos X. Depois de nos ter feito ver a acanhada politica d'aquelle príncipe, depois de no-lo ter mostrado inexoravel para com o povò, depois de nos ter feito possuir do entusiasmo patriotico, com qué milhares de individuos sacrificam corajosamente a vida, vai conduzir-nos á presença do velho monarcha nos seus derradeiros momentos em França: é nós que haviamos imprecado a sua memoria, vamos euclher-nos de compaixão por aquelle desgraçado velho no meio de tantos e tão pungentes infortunios, abandonando proscripto pela terceira vez a terra de seus antepassados. A terrivel e mysteriosa morte do Duque de Bourbon é tambem um dos quadros muito importantes da historia de Louis Blanc. Mas aonde avulta sobre tudo o talento d'este historiador é na descripção da revolução da Polonia em 1830. O seu estylo suberbo, cheio de entusiasmo e eloquencia pinta-nos com as mais animadas e verdadeiras côres as scenas grandiosas e terriveis d'aquelle desastroso acontecimento. Não é uma guerra civil barbara, e tyrannica, em que os membros de uma mesma familia pelejam debaixo de bandeiras contrárias, não é uma classe da nação contendendo com outra classe da mesma nação, não é um exercito de mercenarios combatendo outro exercito tambem de mercenarios, e sacrificando a vida, hastas vezes em prol de um conquistador injusto; é um povo inteiro pugnando pelos seus direitos mais sagrados, são as classes todas de uma sociedade, desde o primeiro dos nobres até o ultimo dos plebeus, confundindo-se por um instante e disputando o palmo a palmo a sua independencia contra a tyrannia inaudita de seus dominadores oppressivos. Não é uma assen-

blêa de facciosos que Louis Blanc aqui tem a descrever-nos; é um concilio de legisladores soldados, representado na pessoa dos *nuncios*, que vão para o campo gravar com a espada no peito de seus inimigos as leis, que acabaram de decretar. Não é um punhado de homens que se revolta com a avidez da cubiça e do saque; é um povo inteiro, que vai sacrificar todo o seu sangue no altar da patria, para que seus filhos ao menos possam comer o pão dos orphãos á sombra da independencia. Só com as lagrimas nos olhos se pôde ler a descripção tão bella d'aquelle povo martyr perecendo afogado no seu proprio sangue. E o historiador nos aponta com indignação para os governos mais poderosos da Europa impassíveis ao aspecto d'aquelle acontecimento terrivel, abaixando-se cobardes ante a espada do vencedor soberbo, ainda mesmo os que folgassem de ver abatido o gigante russo.

A baixeza, a tyrannia e a inconsequencia dos homens e dos governos vem habilmente descripta na historia de Louis Blanc. Mas implacavel para com o vicio, elle não deixa de tributar homenagem á virtude em qualquer parte que a encontre, não deixa de nos mostrar uma sombra d'ella no coração do homem ainda mesmo a par de grandes crimes. Uma outra das muitas bellezas da *historia dos dez annos* é a rigorosa descripção dos caracteres das pessoas, que mais figuram na historia. Louis Blanc vai procurar no homem publico o homem particular: qualidade tanto mais apreciavel, quando esse homem pertence ao numero d'aquelles, que vemos influir mais ou menos nos destinos dos povos da sociedade.

A *historia dos dez annos* não se limita só á França, é com mais ou menos extenção a historia da Europa. E pela sua exactidão no pouco que falla de Portugal se pôde ajuizar que será exacta na historia de outros povos, cujos acontecimentos lhe poderiam chegar á noticia mais facilmente pelas relações de tracto e visinhança.

O pensamento, que domina em todo o decurso d'esta obra, que constitue talvez todo o seu incalculavel merito philosophico, é um pensamento grande, generoso e altamente moral, é o pretender demonstrar que a probidade e a justiça são o meio mais seguro, o unico meio de chegar a qualquer resultado vantajoso e permanente; que a estrada da rectidão conduz melhor que os tortuosos atalhos da intriga; verdades estas desgraçadamente ainda desconhecidas nos nossos tempos, verdades, que desde o dia, em que forem universalmente proclamadas e reconhecidas, começarão uma nova epocha para os povos, e uma nova civilisação para a sociedade. Se para chegar a um bom fim, dizem os homens, é necessario empregar meios que o não são, porque não havemos de empregá-los?—Pensamento impio e acanhado, que é a subversão de toda a philosophia e de toda a moral, mas que infelizmente muitos homens seguem, ainda de boa fé! Desde o dia em que os homens se persuadirem que a justicia favorece os seus interesses, os homens começarão a ser mais justos. Ser justo por interesse não será muito moral; mas ser injusto, e sacrificar a essa injustiça a felicidade dos povos é por certo o cumulo da immoralidade.

O pensamento grande, probo e generoso, que avulta na *historia dos dez annos*, transluz bem claramente nestas *maximas* entre muitas outras igualmente bellas, que Louis Blanc derramou pelo decurso da sua obra:

«O vicio de toda a politica tortuosa é conduzir, destruindo alguns debéis obstaculos, a complicações insolúveis.— Toda a politica é falta de habilidade, quando é falta de rectidão e grandeza.— A força de um governo mede-se pela moralidade, dos meios, que elle emprega em defender-se.— A intriga não é mais que um processo da impotencia, um recurso da mediocridade.— Os homens são falliveis, as idéas justas immortaes.»

Antonio de Serpa Pimentel.

A ESCRAVA DE CAMÕES.

Seja-nos dado vindicar a nobreza e originalidade de dous dos nossos mais bellos caracteres nacionaes, Luiz de Camões, e El-Rei D. Sebastião, soberbamente adulterados na opera comica d'este nome, producção de *Mr. de Saint Georges*. Esta peça, formosa em sua textura e fabula, que ha um anno tantos applausos tem merecido, n'um dos primeiros theatros de Paris, revela todavia a maior ignorancia, na pessoa do A., ácerca de um dos trechos mais sabidos, mais poeticos, mais europeus da nossa historia; tanto menos disculpavel n'um escriptor dramatico, que deve conhecer, ao menos os feitos mais dramaticos dos povos onde colloca os seus personagens; para que o seu drama não seja um quadro de falsidades improvisadas, coberto com o enganador epitheto de historico, embora como este, sublime de poesia, e originalidade.

Peza-nos que no meio das mais bellas peripecias, reunidas em tão pequeno quadro, como ramalhete de flores; ao lado de tão interessante, arrebatador, e mimoso enredo; e mesmo a par do caracter nobre, orgulhoso, apaixonado, e bello do poeta, abstrahindo da idea de Camões; peza-nos ver adulterada a nossa historia, confundida a Hespanha com Portugal, desconhecido o caracter principal de D. Sebastião, e barulhados assim acontecimentos tão recentes, e tão sabidos. Passaremos por tanto sem mais commento a relatar a fabula riquissima do drama, de cuja analyse e encomio se tem occupado em França os mais esclarecidos jornaes politicos e litterarios.

A scena passa-se de noite, em o vestibulo de uma hospedaria, nos suburbios de Lisboa.—Uma gentil rapariga, com trajos de cigana, abre cautelosamente uma porta, e examina desconfiada o logar da acção, envolvida no seu com-

prido manto. «Inda vem longe a manhã; diz ella; graças á velocidade da minha carreira, que assim ponde evadir-me á perseguição dos jovens cavalleiros.» Depois, olhando para um cestinho, que lhe pende do braço: «Que noite de triumpho! que riquissima colheita para a venturosa Phebeia!» — Sai n'este instante de sua casa o estalajadeiro José, caminhando cauteloso, com uma luz na mão, que a travessa Cigana apaga com um leve sópro. «Misericordia, senhor dom Agnazil!, exclama o pobre do velho, tende piedade de mim!» — «Não tenhas susto, lhe replica ella sorrindo, é Griselda, a escrava, a servente de teu bom hospede, o Sr. dom Luiz de Camões. Eu quiz experimentar se tinhas animo.» — «Animo de sóbra hei tido, lhe torna o velho, acollendo em minha casa teu illustre senhor; um pro-scripto! . . . um desterrado! . . . um homem condemnado á morte! . . . Os edictos são firmes em nossa terra—desterrado que volte, pena de morte; quem os não denunciar, quemado; quem lhes der asylo, enforcado.» — «Ora eu estou nos ultimos dous casos. . .» — «Bannido, exclama Griselda com amargura, expulso do paiz natal o homem grande, cujos versos immortaes vagueiam por todas as bocas, entram em todos os corações! . . .» — A cigana enche o resto da exposição contando a José em como as suas excursões nocturnas teem por fim alcançar algumas esmolas para ajudar a viver Camões; em como o desleixado poeta lhe entregára o seu pequeno thesouro, sem se lembrar do pouco a que chegaria; em como sob o traje de Cigana, e acompanhada de sua guitarra tem arrobado os ouvidos de Lisboa inteira, cantando as trovas enamoradas e sublimes de Camões, que lhe grangeiam o obolo do miseravel, e o maravedi do poderoso, para alimentar o seu nobre amo.—«Como!, exclama José, sercis vós essa Phebeia, essa famosa Cigana, cujas trovas e nome arrebata a capital inteira!» — E aqui é o

corar da modesta Griselda, que se recolhe á hospedaria, para mudar de vestido e preparar o almoço de seu amo.

Bate-se á porta. — O estalajadeiro abre: — entram dous homens. É el-Rei D. Sebastião, e seu escudeiro. Este fica de sentinella, e aquelle, disfarçado sob o trajo de um de seus officiaes, pergunta a José pela Phebeia, que ouvira cantar, e em cuja pista viera correndo até vê-la sumir na hospedaria. José responde resolutu, que não sabe da Gígana. El-Rei exaspera-se cheio de cólera. — «Que arruido é este?» brada Luiz de Camões, entrando, com um manuscrito na mão. — «Quero saber da Phebeia.» responde D. Sebastião. — «Aqui só está uma escrava, que eu trouxe das Indias, lhê diz Camões, mas se a vossa Phebeia aqui vier . . .» — «Vós me tomareis conta d'ella, e n'á guardareis. Se posso tambem ser-vos util. . .» — «Talvez» — «Vamos pois ao caso. Vinho e cigarros, senhor Estalajadeiro!» — José sá. «Vamos, meu bravo, continuou El-Rei, de que é que se tracta?» — Camões, tomando então um ar sombrio, diz por esta fórma: «Vós sois official; se com a vossa protecção eu podesse alistar-me em alguma das companhias que fazem a campanha de Flandres. . . ha occasiões. . .» — «De bem servir a seu rei, e sua patria.» — «A patria. . . sempre: o rei. . . nunca, volve o poeta. Como baratear meu sangue pelo rei que vende o sangue de seus vassallos! que abandona o governo a cortesãos cruéis, e avidos, para passar o tempo em orgias, e sarás?» — «Pelas almas de meus avós, exclama D. Sebastião, que são verdades essas, que não ouve um rei todos os dias: sois nimiamente severo cavalheiro. El-Rei está enfasiado da longa tutella do Cardeal D. Henrique; e agora diverte-se.» — «Em quanto soffre o povo, replica o poeta; em quanto as sentenças de exilio e morte de seu pae dom João, o mais desconfiado, e carrancudo dos monarchas,

» derribam seus melhores subditos; em quanto guerreiros, poetas, e artistas fallecem á penuria, longe da patria. » E é este um nêto de Carlos 5.º — «Senhor Cavalleiro!, brada furioso D. Sebastião, agradecei ao céu não estar El-Rei aqui; . . . diante de vós tendes sómente um de seus officiaes, . . . que nada lhe contará do que ouviu.»

Durante este colloquio o coitado do estalajadeiro, que tem voltado com o vinho, e cigarros, treme como varas verdes. O official manda-o chegar a mula, que deixára á porta; e neste comenos entra descuidosa Griselda, com o almoço de seu amo. Apesar da mudança dos vestidos, D. Sebastião reconhece-a. — Ella nega. — Elle insiste, até que se retira, levando suspeitas, que promete verificar mais tarde.

O poeta, a sós agora com a bella escrava, a mente impregnada das sombrias idéas da sua miseria e proscricção, derrama o pensamento sublime por esses dias amenizados com a doce alegria de Griselda, a quem deve a coragem de conservar com a vida o seu poema favorito, dictado pelo amor da patria desagradecida. Camões amava aquella mulher, amava, e calava-se. . . — «Griselda! diz elle acordando do seu scismar doloroso, Griselda, eu devo-te os dias, que tão bondadosa has passado a servir-me. Não tenho que te dar. A tua liberdade é o mais, é o só de que n'este mundo posso dispôr. Dou-te a carta d'alforria. Vae, longo do pobre poeta, gosar melhor futuro. Se um dia fores feliz, lembra-te de Luiz de Camões, que te deve a pouca, unica, ventura de seus dias.» — «E assim me despedis, meu amo? volve chorosa a escrava, aguardae que por enferma ou velha vos não sirva para nada; até lá, sou vossa.»

Os gritos descompassados de José interrompem esta scena. «Estamos perdidos. Andão os Aguazis em roda da casa, fugi, senhor desterrado!» «Fugi, por Deus.» exclama Griselda. — «En

» fico, diz Camões impassível, e som-
» brio; que vale um pobre desterrado!
» —de que serve?—quem ha hi que o
» ame!?» —«Eu, senhor, eu, que vos
» amo com todas as forças d'alma!»
grita a Cigana, que contendo-se, e
moderando a sua voz, cái de joelhos,
e continúa: «oh! eu vos amo como
» uma escrava deve amar e respeitar a
» seu amo e senhor.»

Camões quer agora fugir; o amor
singelo de uma escrava aponta-lhe nova
estreia; o poeta já não anheia a morte.
—José e Griselda saem a procurar uma
barca, onde elle possa atravessar o Tejo.
—Camões trava do manuscrito, cujos
versos o fizeram expulsar de sua patria,
e vai a queima-lo quando sente ao longe
a voz dos marinheiros, que cantam
as suas trovas. Então apertando o ma-
nuscrito ao peito: «Ah! El-Rei esque-
» ce-me, e desterra-me; mas é o povo
» quem se lembra do poeta.» —Griselda
e José entram, e annunciam a Camões
que a barca o espera. Griselda quer
acompanhar seu amo á terra do exilio.
Camões vai revelar á gentil Cigana todo
o seu amor; mas eis que se bate á
porta. Camões vai saindo com José, em
quanto Griselda se demora um instante
para suspender os aguazis.—Abre-se a
porta; é D. Sebastião. A Cigana quer
fugir.—«Está tudo cercado, lhe diz
» El-Rei, não me escaparás agora.» —
» Eu confesso ser a Phebeia, diz ella
» com firmeza, que quereis de mim, se-
» nhor?» —«Arrancar-te a esse estado
» miseravel de Cigana, pagar com im-
» mensos thesouros cada uma de tuas
» canções; — eu sou D. Sebastião, rei
» de Portugal.» —No meio d'esta scena,
Griselda, impressionada por uma idéa
subita, muda rapidamente de expressão,
verga-se ás sollicitações do monarcha,
e põe uma só condição ao seu rendi-
mento: o perdão d'um proscripto.—
«Eu t'o concedo, diz o Rei enamorado,
» haja elle embora levado mão da espada
» contra mim. Quem é o proscripto?» —
«É meu amo,» responde a Cigana.—

«Está bem, concedo o seu perdão em
» troca da tua liberdade.» —«Ei-lo, se-
» nhor.» —E é Luiz de Camões acabru-
nhado, é triste, que não poudo eva-
dir-se, e que vem dar-se á prisão. Gri-
selda pede ao rei que a deixe a sós com
seu amo. «Tenho um favor que pedir-
» vos, meu amo e senhor.» —diz ella ao
poeta.—«Oh! falla, responde Camões,
» falla e manda, que eu li a minha ven-
» tura no teu coração d'anjo; falla, por-
» que tambem eu te amo como pode,
» idolatrar-se o que ha de mais nobre,
» mais sancto, e mais encantador pelo
» universo.» —«Por piedade, Senhor,
» não me falleis d'esse modo, diz a Ci-
» gana, porque me tiraes o animo de pe-
» dir.» Camões offerece-lhe o seu nome,
a sua mão, o seu amor de poeta. Gri-
selda consternada tudo recusa, e só re-
clama o dom da sua liberdade.—«Ha
» pouco a recusaste.» diz o poeta—«Por
» Deus, concedei-m'a agora,» volve com
tremula voz a pobre escrava. . . .

Griselda ausentára-se, rica de sua
liberdade. Luiz de Camões fica sosinho
com a sua miseria; sombrio, desani-
mado, louco, resolve finalmente vergar
ante o peso de tão duplicadas desditas,
em que o coração soffre mais, muito
mais, do que o espirito. O poeta re-
solve ir dar-se á justiça, e morrer.—
Sente-se rumor de passos, e vozes. É
D. Sebastião, e os seus fidalgos. «Onde
» é que se esconde a minha deusa da
» noite?» exclama o real mancebo.—Gri-
selda entra agora vestida com o seu for-
moso traço de Cigana; e vai prostrar-se
ante El-Rei. «Senhor, sou livre, aqui
» me tendes; cumpri a minha promessa.»
—«Tambem eu cumprizei a minha,
» diz El-Rei, tirando da algibeira o Al-
» vará de perdão, aqui tens, com o nome
» em branco.» —«des sabe-lo, Senhor
» Rei, diz a Cigana cheia de nobre or-
» gulho; o nome, que ali falta, é Luiz
» de Camões.» —«D. Sebastião de Por-
» tugal, volve El-Rei, inclina a sua real
» cabeça ante o homem grande, que por
» meu descuido peou em terra estran-

»geira sob as inclemencias da miseria e
 »do exilio. Luiz de Camões, vós sois a
 »gloria do meu reinado, e a honra da
 »minha patria. O teu nome vale dez
 »vezes o meu. Mas todos os thesouros
 »do mundo não valem o que vou dar-
 »te.» — El-Rei dirige-se a Griselda, to-
 »ma-a pela mão, e vai depô-la nos braços
 do poeta. «Senhores, continua El-Rei,
 »curvemo-nos todos ante o maior genio
 »de Portugal.» — Camões segurando Gri-
 selda n'um dos braços, estende para
 D. Sebastião o outro, exclamando:
 — «Eis alli o neto de Carlos 5.º, eis alli
 »o meu rei.» — «O teu amigo,» acres-
 centa o monarcha, apertando-lhe a mão.
 E cai o pauno.

J. F. de Serpa.

(J. D.)

THEATRO ACADEMICO.

Uma das empresas litterarias mais pro-
 veitosas, — ou a mais proveitosa de cer-
 to, — que em Portugal se tem feito
 nestes nossos tempos foi a de instituir
 em Coimbra uma academia dramatica,
 em que os estudantes vem espaiar-se
 nas horas, que lhes ficam livres de cui-
 dados mais serios, — que, ainda ha
 pouco, se gastavam em brincados, que
 tantas e tantas vezes acabavam em traves-
 suras, — cultivando a arte mais nobre
 e mais gentil de quantas artes ha.

Grande pena seria realmente que um
 theatro tão lindo e tão elegante, como
 esse, em que, a podêr de fadigas e por-
 fias, se transformou, como por encanto,
 o antigo collegio de S. Paulo, — que
 estaria agora a cair para ali, como ou-
 tros muitos, se não fôra isso, — grande
 pena seria que ficasse desemparedado,
 como esteve para ficar, por falta de
 quem fizesse as vezes do Sr. Luiz da
 Costa, que d'elle se ausentára ao cabo
 de seus estudos, levando comsigo os cre-
 ditos de primeiro actor.

Não aconteceu porém felizmente o que
 todos temiam, e com razão. Parece que

por milagre vein Deus acudir em tão
 grande aperto ao pobre theatro, que
 bem o merecia; e quando já se come-
 çava a descrever, e a perder a fé... ap-
 pareceram de repente novos esforços, e
 mais briosos ainda.

Renasceu vigoroso o animo, — que a
 paixão pela arte, essa nunca se havia
 perdido, — e renasceu mais brilhante,
 do que d'antes fôra, porque agora, por
 ultimo, não se tem representado no
theatro de S. Paulo senão peças origi-
 naes, e todas compostas, por membros
 ou socios do Instituto.

E assim devia de ser: pois não devia?

Onde poderia estar e onde está mais
 segura a esperança de um futuro glo-
 rioso para o drama portuguez, do que
 no seio da terra das letras e da sciencia?
 onde se poderia comprehender, como
 aqui se comprehende entre a flôr da
 mocidade estudiosa e intelligente a civi-
 lisadora missão de semear o gosto pelo
 theatro?

Bem haja quem tem coração para tão
 altos intentos e bem haja quem se impu-
 nha em os pôr tão bem pôstos em obra.

E que gloria não é então para o poeta
 escrever para actores, que sabem tra-
 duzir-lhe os seus mais intimos pensa-
 mentos, e adivinhar-lh'os até? que res-
 peito, que inveja não fazia aquella corôa
 de louros tão verdes que cingia a fronte
 radiosa do Sr. João de Lemos Seixas
 Castello-Branco, quando a sua formosa
Maria Paes Ribeira era applaudida,
 como em extasis, como em delirio, pelo
 publico mais entendedor, que deve do
 ter Portugal?

Não temos vagar, nem cabem nestas
 duas palavras desalinhas, que aqui
 pômos, á pressa, todas as bellezas d'este
 drama historico, em que a riqueza de
 estylo e de lances sobreleva a quasi
 tudo, que neste genero se tem escripto
 entre nós, e são a mais clara mostra
 do quanto pôde já, e do quanto ha-de
 vir a poder ainda, quem tão mancebo
 se estrêa assim; pagaremos somente o
 nosso humilde tributo de sincera admi-

ração aos que souberam dar-nos a olhos vistos um exemplar de perfeição, que devia servir de guia aos theatros do reino; aos que souberam arrancar-nos da bôca os *bravos!* que tínhamos encerrados no peito; porque em fim, não cuidamos que haja peito d'homem, que se não abale ao ouvir o Sr. *F. Palha* no difficillimo papel de *Maria Paes Ribeiro*, o Sr. *Alves da Silva* no do *Prior de S.^{ta} Cruz*, o Sr. *Bentes*, o Sr. *O'Neill*, o Sr. *D. Antonio*, e sobre tudo e sobre todos, — perdoe-se-nos esta lhanza — o Sr. *Luiz de Bessa Corrêa*, que realistou quanto havíamos imaginado, ou sonhado de arrebatador e sublime, e que, sem cumprimento nem lisonja, era digno e merecedor da ovação, que alcançou, e dos elogios que lhe choveram aos cardumes, por entre palmas, e corôas, e flores, nestes lindissimos versos:

Eu vi-te, imberbe despontar na scena,
Tenra florinha ao desabrigo esparsa;
Eu vi as turbas soletrar-te, ignaras,
Mentidos fados.

Eu fui no berço tambem ler-te as sinas,
Sinas de rei, que no botão fulgiam;
Só eu, profeta, comprehendí teus vóos
De ethereo cysne.

Hoje, que os hymnos de estridentes palmas
Ledos rebôam de teu nome em roda;
Hoje, que o palco te estremece ao péso
De laureas c'róas;

Hoje, que ou cinjas de Thalia as vestes,
On de Melpomene o fatal cothurno,
C' o dedo apontas um trofeu de novo,
Monarcha sempre;

Hoje, que aos noveis lusitanos vates
Na scena déste sublimada vida
Com o argentino d'essa voz, que amolga
Rochas e bronzes;

Infimo d'elles, minha tosca lyra,
Desafinada ao despedir do amigo,
Irá n'um *bravo!* ao coração levar-te
Saudade eterna.

Quando triste orphandade em nossa scena
De luto os corações tingido havia,
Tu surgiste, e surgiu contigo a gloria
Do teu poder escrava!

Foste no *Desertor* esperança e vida;
De já finado auctor sobre o sepulchro
Espalheste laureis no *Emparedado*,
Animando dous mortos!

No *Pagem* tu creaste um sér estranho,
Creste na poesia uma verdade!
E se á *Judia* lhe minguassem c'róas
Sobejavam-lhe as tuas!

Mas hoje é que tu és o rei da scena!
Mais alto que a tua alma inda remontas
Quando assim a poz ti nos arrebatas
Os corações e os olhos!

Os olhos! . . . pranto amargo os cerre agora
Que se a *Maria Paes* foi teu triumpho,
Foi tambem teu adeus, e será marco
D'uma saudade eterna!

Quando o sol se levanta em pé nas ondas
E as ondas como o céu de luz tingiu,
Para os céus a foger nos foge a alma
Que vida, luz, calor tudo sentiu.

Mas lá quando o sol s'escoude
Nas aguas do vasto mar,
Cá sem luz nos morre a alma
Outro sol a suspirar.

Quando vemos do cedro a fronte erguida
Balançar-se dos ventos a mercê,
Saudamos o gigante, o rei, o forte,
Rei da selva tambem nosso rei é.

Mas se acaso um dia ao cedro
Não vemos a fronte erguer,
Onde outr'ora em pé se erguia
Vamos lagrimas verter.

És o cedro gigante formoso,
És um astro na scena a brilhar,
Rei da scena com palmas, com louros
Já no occaso te vimos saudar.

A'manhã já nem cedro, nem astro!
Só saudades no palco a nascer,
Só a noite de luto a vesti-lo,
Só mil peitos p'ra sempre a gemer.

Es um rei—o teu imperio
Tens na scena, luso Talma,
Teu vassallo é quem t'escuta,
Teu escravo quem tem alma.
Tua c'róa. . . deu-t'a o genio
Não pode roubar-t'a a idade,
Que as palmas que aqui coifaste
Eternas faz a saudade.

Alguns dos amigos mais particulares
do Sr. *Bessa*—os Srs. *Scarpa*, *Lemos*,
Cordeiro e *Lima*, como por ali se diz,
deram-lhe aqui um testemunho da sua
admiração e saudade.

Era justiça. Deviam-lh'o.

A gloria do Sr. *Bessa* está enlaçada
para sempre á do auctor de *Maria
Paes*. Teem ambas e ambos de ser
eternos.

P. da Cunha.

REVISTA SCIENTIFICA (*)

(V. p. 86.)

Academia das Sciencias de Pariz — (Jan. 6) Animacs microscopicos (infusorios, bryozoides, &c.) tão tenues que a vista desarmada os não pôde alcançar, e que com tudo existem quasi universalmente espalhados, tem sido descobertos por Ehrenberg em estado fossil: sabe-se que os $\frac{3}{4}$ da greda são formados de bryozoides calcareos, e que a pesar da antiguidade d'esta formação, quasi igual porção vive ainda no Baltico e em muitas partes do Oceano; uma outra especie d'elles se vê descer até á profundidade da formação jurassica dos Estados Unidos. Em algumas effecções volcanicas lodosas, como o trass e a pedra pomes, se vêm igualmente infusorios siliciosos, e suas conchas ou crustas articulares acha Ehrenberg que existem abundantemente nas nuvens cinzentas transportadas pelos ventos nas visinhanças do Cabo verde, na agua mais clara e limpa dos mares dos tropicos, e nos gelos trazidos do pólo antartico pelo capitão Ross. Julgamos este resultado comparavel com o que ha poucos annos Pfankuch e Wähler haviam obtido das massas sedimentares da marinha de Rodenberg, que depois da lavagem e calcinação lhes deram esqueletos quartzosos e ferreos os mais bem caracterizados dos generos d'infusorios (navicula, gallionella, exillaria, &c.) que vivem no tufo silicioso de Franzenshúd e nas formações papyraceas de Freiberg. Liebig tem demonstrado que as especies d'estes animacs mais geralmente dispersas são, sob a influencia da luz solar, (em opposição aos infusorios vegetaes) uma das

fontes mais copiosas da producção do oxygenio, e como assim são necessarios para manter a salubridade da agua e muitas substancias nutritivas. Estes immensos jazigos minerais precederam á agglomeração dos animacs, ou são um resultado da sua existencia? eis aqui uma das questoes philosophicas para cuja solução se incaminham todos os dias novos factos: abstenho-nos d'entrar nella, porque nos levaria a longas considerações, e a tocar em muitos pontos delicados de physiologia, chimica e g'ogenia; alem de que teremos occasião de mais directamente a discutir.

Continúa ainda a ventilar-se a questão da origem animal ou vegetal da cêra, chamando cada vez mais a attenção pelos nomes respeitaveis que nella figuram: as experiencias que nos ultimos tempos se tem renovado pareciam decisivas, mas argumentos de grande peso apparecem sempre, ora por uma ora por outra hypothese. Já Hunter, Huber, Bretonneau, Gundlack, Liebig estavam persuadidos que esta substancia era uma secreção animal; por que acharam no abdomeu das abelhas bolsas glandulares para a sua elaboração, communicando-se com os intervallos dos anneis exteriores para tomar a forma laminar e ser empregada nos favos, e viram que os insectos nutridos exclusivamente com o mel, ou com uma simples dissolução d'assucar branco em agua, construíam os seus alvéolos de cêra purissima. Por outro lado fôra opinião de Swammerdam, Maraldi, Réaumur que a cêra é colhida em estado bruto do pollen das flores e do verniz que cobre certas folhas e fructos, preparada e amassada no estomago dos animacs, vomitada depois e depositada entre as articulações do corpo. Dumas e Milné

(*) Com este título continuaremos a apresentar um resumo extracto do que nos parecei mais notavel entre os trabalhos das Sociedades scientificas estrangeiras desde o principio do presente anno, e ao passo que vamos vendo os seus jornaes. A diversidade d'estas Corporações, a ordem chronologica dos seus relatorios, e a pouca regularidade

que houve na recepção d'algumas folhas, obrigam-nos, pelo menos no que respeita ao primeiro trimestre, a ser menos methodicos do que desejavamos na exposição e coordenação dos assumptos, e a reservar outros para quando os julgarmos mais desenvolvidos e n'um estado mais definitivo.

Edwards repetindo as experiencias (por occasião da celebre polemica d'outra questão mais geral e muito debatida, sobre o modo de formação dos principios azotados neutros no organismo), convenceram-se da possibilidade da produção de gordura por alimentos destituídos d'este principio. Aguardamos ver o resultado d'uma nova serie de investigações encetada por este ultimo sabio, e annunciada na discussão que, por occasião d'aquella memoria sobre a alimentação das abelhas, se suscitou entre elle, Payen, Thenard e Flourens; mas entretanto Dufour apesar d'uma multidão de disseccões não chegou ainda a descobrir taes órgãos secretores, e ultimamente Lewy apresenta a analyse e descripção de muitas cêras por elle obtidas d'origens vegetaes, e mais ou menos semelhantes á das abelhas. Posto que não seja motivo bastante para se negar a secreção o desconhecermos o órgão especial d'ella, com tudo não parece duvidoso tambem, que uma grande parte da cêra é, como o mel, ministrada pelos vegetaes, principalmente depois que pelas experiencias de Bouchardat e Sandras é demonstrado, que esta substancia não segue nas abelhas os tramites ordinarios das vias de chylicação, como succede ás materias oleosas e gordurosas, mas é eliminada em excreções quasi na sua totalidade.

(Jan. 20) Os meios até hoje inventados para a avaliação das pequenas fracções do espaço e do tempo haviam chegado a um grão d'exactidão tal, que já se possniam micrometros, que apresentavam dividido um millimetro em mil partes, e chronómetros que durante um anno não erravam um decimo de segundo; porém hoje um poderoso agente, a electricidade, vem ainda offerrecer o seu auxilio á mechanica, e abrir a porta para nova ordem de problemas. Bréguet acaba de inventar um instrumento para a avaliação das velocidades d'um móvel nos differentes pontos da sua trajectoria. Um cylindro graduado, girando

uniformemente sobre o seu eixo, é percorrido longitudinalmente por um carrete, que sustenta dous electro-magnetes, e á cada um d'estes está suspenso um estilete, que se acha elevado em quanto dura a corrente de que vai animado o respectivo magnete; os fios conductores que circulam nestes, vão communicar-se com certas redes metallicas que são encontradas pelo movel no seu curso, e suspendendo nestes momentos a corrente electrica, fazem baixar um por um os estiletos que deixam uma impressão sobre as gradações do cylindro, á medida que o carro os vai pondo em relação successivamente com cada uma das redes; e ao mesmo passo que os arcos da rotação ou velocidades angulares do cylindro medem os tempos que intermedeiam entre essas differentes passagens do movel; os elementos do calculo tem o auctor sabido tornar tão rigorosos que não resta duvida sobre a perfeita uniformidade dos movimentos e a igualdade dos tempos perdidos na queda dos estiletos. — Nacet apresenta lunetas de dimensões microscopicas satisfazendo a todas as condições do achromatismo: cada uma das lentes que compoem as lunetas pode caber no fundo d'uma agulha ordinaria, não obstante que para a existencia do achromatismo é mister que seja cada lente composta de dous vidros sobrepostos, de natureza diversa e de curvas mathematicamente determinadas!

Após a conquista da Africa Franceza vem as explorações dos sabios dar lugar a uma das mais raras empresas de colonisação, em que mais se empenham as sciencias e a humanidade do que a politica e as armas: o vasto oceano terrestre que cobre d'abrazadoras arcias mais de 437 mil legoas quadradas d'aquella parte do mundo, o arido e esteril deserto do Sahara, mostra hoje Fournel que se pôde tornar habitavel, estabelecendo-se uma linha de poços artesianos atravez d'elle, desde Biskara até Tuggurt. As observações barometricas,

que entre Constantina e Biskara lhe deram 560 metros de differença de nivel, e a declinação geral dos terrenos para o sul, desde as vertentes do Grande Atlas até aos plainos do Senegal, levaram o auctor a considerar as immedições d'Argel e os campos de El Kantara como duas grandes bacias, e que toda a massa das aguas que desce d'aquellas montanhas deve ir accumular-se debaixo das planicies que circumdam o rio T'zoul, atravessando os marnes porosos intercalados nos bancos compactos do calcareo superior. Effectivamente, na abertura d'alguns poços, levantadas algumas camadas de areia e cascalho, encontra-se á profundidade de menos de 200 braças uma sorte de ardósia, cuja perforação faz rebentar agua com uma violencia extraordinaria. O auctor faz notar tambem as grandes differenças que observou na temperatura: em Batnah viu n'um só dia variar o thermometro entre -6 e $+33^{\circ}$ C. — As observações de Eng. Robert ácerca da bacia de Pariz tendem a mostrar que os estrados chamados marinhos são um resultado accidental dos depositos d'agua doce.

(Fôr. 10) As descobertas paleontologicas de Lartet no departamento de Gers vão enriquecer muitos pontos theoreticos da geologia: de 850 mil metros de profundidade que compoem estas camadas ossíferas, tem elle chegado a explorar mais de 40 mil, e a obter quasi dez mil despojos novos pertencentes a 98 generos, ou especies de mammas e reptis, que o auctor enumera, attribuindo-os a uma inundaçào anterior á epocha do diluvio sub-pyreneano, e a uma das muitas formações geologicas mais ou menos uniformes, conforme a violencia das respectivas torrentes, que compoem as camadas successivas d'alluvião dos terrenos terciarios, á custa das massas que dos Pyreneos, menos elevados então, foram baixando. N'uma d'estas formações que Lartet chama *zoologica*, porque parece representar a terra vegetal da epocha em que viveram esses animaes

fosséis, tinham-se notado sempre, a par dos detritos do primeiro diluvio, as ossadas gigantesas dos dinotherios, masthodontes, rhinocerontes, &c., o que levou os antigos geologos a suppor que nesses tempos a natureza pelo vigor de suas forças creadoras tendia á exaggeração das formas; mas pelos trabalhos que actualmente annunciamos, se reconhece existirem, d'envolta com aquelles, outros animaes, taes como o esquilo, a toupeira, ouriço, salamandra &c., de dimensões muito menores que as dos seus congeneres actuaes. O auctor dá quasi terminantes dados para a convicção de que o *dinotherium* não é um cetaceo, mas um quadrupede terrestre; faz notar um typo dos desdentados, que pela grande extensão de seus membros e numero dos dedos se approxima ao *bradypus* (preguiça do Brasil); e chamando a attenção sobre a prodigiosa multidão e variedade dos habitantes terrestres d'essa epocha relativamente á nossa, e a constancia com que nella se representam os diversos grãos da escala animal até aos quadrumanos, (faltando só a especie humana, que entretanto não conclue que não existisse), termina o seu relatório com esta importantissima observação: «Il est digne de remarque que pas un de ces animaux perdus ne peut être identifié spécifiquement avec ses analogues vivans. Les genres vivans que l'on distingue, semblent destinés à former le passage entre d'autres genres trop distancés, et s'adaptent en quelque sorte aux lacunes de notre série animale. On dirait autant d'animaux retrouvés de la grande chaîne qui reliait anciennement tous les êtres de cette magnifique création primitive, dont il ne reste plus à l'état vivant que quelques débris épars sur la surface du globe.»

(Continuar-se-ha.)

I. E. B.

RESUMO DE PRELEÇÕES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

(Continuado da pag. 60)

III.

Dissolução do sangue.

Aberta uma das jugulares externas de uma cadella muito corpulenta deixámos correr seis onças de sangue, recebemos duas cada uma em seu vaso, e lançámos em um d'elles algumas gottas da seguinte dissolução —

Carbonato de potassa . . . uma oit.

Agua destillada duas onç.

O restante d'esta dissolução depois de a havermos aquecido até á temperatura do sangue lançámo-lo em uma seringa de metal e injectámo-lo lentamente na veia do animal. Depois da injeccão notámos grande dyspnea, fortes inspiraões, e pequena agitação, e ao cabo de 12 a 14 minutos o animal expirou. Passadas 48 horas fizemos-lhe a autopsia, e mostrou-nos o seguinte: — as pleuras de uma côr vermelha escarlata, e a superficie dos pulmões manchada de nodos de roxo escuro — o tecido d'este orgão ingurgitado de sangue difluente, e de côr mais clara que o venoso — os vasos aereos continham um liquido vermelho escarlata muito espumoso, tambem o havia da mesma natureza, mas em menor quantidade, na trachea e larynge — no pericardio notámos um liquido semelhante, e a côr d'aquella membrana era analoga á que notámos nas pleuras — nas cavidades direitas do coração observámos um coagulo de sangue venoso, e nenhum vestigio achámos de existencia de ar; e no ventriculo esquerdo uma grande quantidade de filarias (1) de côr lactea de varios diametros, as mais compridas teriam um palmo.

Na cavidade abdominal vimos os in-

(1) Gordius medinensis Linn. Filaria medinensis Rudolphi.

testinos muito injectados exteriormente, com nodos de côr escarlata, estas muito mais extensas, e distinctas no estomago e colon transverso; a superficie interior d'estes orgãos não apresentava cousa alguma digna de notar-se — o ligado de côr mais clara que a natural, com manchas mais escuras que as do pulmão — o animal tinha só um rim, sendo para notar não estar situado na linha mediana pois estava collocado do lado esquerdo — o utero bipartido; no ovario esquerdo dous ovos se achavam destacados, e um estava á entrada da trompa.

2.^a Experiencia — O cão que sujeitámos a esta experiencia era robusto, e de genio desinquietao: procedemos nesta exactamente como na outra, mas só deixámos perder 5 onças de sangue e mudámos para a seguinte dissolução.

Carbonato de potassa . . . meio escrop.

Agua distillada tres onças.

Depois da injeccão os olhos do animal tornaram-se baços, e poucos instantes depois recuperaram o brilho natural — a respiração era difficilissima, e acompanhada de grandes inspiraões — de espaço a espaço apparecia grande agitação — esta era sempre precedida de ansiedade, e dilatação da cavidade thoracica — durante o espaço de oito minutos o animal estava em quietação, e depois tornava a manifestar-se este appellido de symptomas; mas este espaço de tempo foi progressivamente diminuindo, até que finalmente chegou a comprehender um minuto sómente — este estado durou duas horas, e depois ficou em socego — tomava grandes inspiraões — levantava a cabeça, mas em breve lhe caía para a mesma posição. Uma hora depois se conservava na mesma, o pulso frequente, pequeno e tenso — soltas as extremidades conservou-se em quietação, e comen alguns alimentos com avidéz. Passadas quatro horas havia o mesmo abatimento de forças — a respiração difficil; mas já não havia grandes inspiraões. Dez horas depois o estado de

abatimento era mais apparente — tremor e fraqueza nas extremidades — parecia não se poder ter em pé — o decubito lateral era constante — lançava algum sangue pelas ventas mas em mui pequena quantidade.

Do mesmo animal e da mesma veia extrahimos, decorridas vinte e quatro horas, uma onça de sangue e lançámo-la em um vaso de capacidade igual á dos que foram empregados na primeira, e segunda experiencia. Duas horas depois de havermos feito isto, o animal estava deitado — pulso frequente, pequeno, e com alguma irregularidade — notou-se em todo o dia pouca appetencia; e no terceiro a mesma prostração, sem comer, mas bebendo com avidéz. No quarto o mesmo estado de fraqueza — comia pouco, mas continuava a beber grande quantidade de agua — lançava pela transpiração um cheiro septicico muito activo. Finalmente no quinto dia continuava o mesmo estado, e o cheiro muito mais pronunciado.

Tendo este animal de ser sacrificado para lhe observarmos o estado dos órgãos, julgámos que d'elle poderíamos tirar mais algum proveito, e por isso dêmos-lhe a morte por hemorragia, e fizemos nesta mesma occasião algumas observações sobre contractilidade das arterias, de que mais para diante daremos noticia.

Procedemos á autopsia 24 horas depois que o animal morreu e notámos — a superficie pulmonar cor de rosa secca com nodões semelhantes ás que se observavam no animal antecedente, e estas correspondiam a echimoses no tecido pulmonar — este em geral estava amollecido, e não crepitava quando comprimido entre os dedos — a mucosa bronchial bastante injectada e com pequenas echimoses — o figado, e intestinos apresentavam lesões perfeitamente analogas ás mencionadas no animal antecedente — a superficie interna dos intestinos não estava alterada nem mesmo nos pontos correspondentes ás echimoses

da superficie externa — todos os tecidos estavam descorados, e o muscular muito amollecido — o pouco sangue que encontrámos nos vasos se achava por toda a parte liquido.

O sangue que havíamos recebido num dos dous vasos de que fallámos coagulou dentro de um minuto, e uma hora depois estava dividido em coagulo e sôro; passados tres dias conservava ainda o mesmo estado, e então dividimo-lo perpendicularmente, e observámos que elle era formado por duas zonas, uma superior vermelha escarlate e outra inferior arroxada e menos consistente.

O outro que foi alterado pela primeira dissolução principiou a coagular entre 10 a 12 minutos. A superficie do coagulo era de um vermelho escarlate muito mais intenso que o natural; e passadas algumas horas é que se dividiu em coagulo e sôro, sendo este avermelhado. Ao cabo de 3 dias fizemos-lhes côrtes perpendiculares e observámos ser o coagulo menos consistente que o natural tanto na zona superior como na inferior.

O alterado pela segunda dissolução comportou-se da mesma forma que o antecedente, mas começou a coagular primeiro que o anterior, e alguns minutos depois do natural.

A porção de sangue que extrahimos do 2.º animal 24 horas depois da experiencia, coagolou passados dous minutos, do resto apresentava os mesmos phenomenos que os dous antecedentes; — o sôro tambem era avermelhado.

O sangue do cadaver do 4.º animal estava alterado, e nos pareceu inteiramente semelhante ao que se achava no vaso aonde tinhamos lançado algumas gottas da primeira dissolução. No outro animal observámos a mesma analogia entre o sangue do cadaver, e o do segundo vaso; assim como com a segunda porção de sangue que lhe havíamos extrahido. A alteração do sangue venoso era representada por uma cor escarlate menos intensa que a do arterial — era menos viscoso e a coagulação era

mais demorada que a natural, finalmente o coagulo era menos consistente — o soro de côr vermelha, e tudo nos inculcava que suas propriedades physicas e chemicas estavam sensivelmente alteradas, por que a hematosina que o côrava se destacava dos globulos rubros, e esta viciação do sangue dava lugar ás lesões anatomicas que observámos no 1.º e 2.º animal; e estas aos desarranjos funcionaes que havemos descripto.

A crase do sangue foi por conseguinte alterada, e d'isto resultou a diminuição de densidade, e plasticidade; mas esta dyscrasia foi produzida pelas forças physico-chemicas, por que a dissolução de carbonato de potassa causou no sangue as mesmas mudanças tanto fóra dos vasos com em contacto com elles. As lesões anatomicas que observámos foram produzidas pela extravasão do sangue, ou de algum dos seus principios, porque é bem sabido, que todas as vezes que ha dissolução d'este liquido elle se extravasa, talvez por embaraço de circulação, por que o sangue que circula no estado normal tem uma dada densidade, e logo que esta é alterada a circulação soffre embaraços.

D'esta fórma explicamos todas as congestões e derrames que observámos. A frequencia, e gravidade das affecções pulmonares sempre que ha dissolução no sangue está em relação com a importancia que gosa este orgão nas funções do systema vascular, e com a delicadeza do seu tecido. Cumpre todavia admittir que a generalidade em que as serosas foram affectadas e em pontos muito distantes nos faz suspeitar que o carbonato de potassa tinha para ellas uma affinidade semelhante á das cantharidas para o aparelho genito-urinario.

No mesmo dia em que fizemos estas experiencias assistimos a autopsia de uma victima do typho, que pertencia á clinica de um dos hospitaes d'esta cidade; e observando cada um dos seus orgãos ficámos admirados por ver que

todas as lesões que apresentavam, e o estado do sangue eram exactamente as que mencionamos nos animaes de que temos fallado. E reflectindo sobre esta identidade vimos que os symptomas que observámos no 2.º animal tinham alguma analogia com os do typho — adynamia — respiração fetida — epistaxis.

As febres que reinaram nesta cidade na presente quadra foram caracterisadas por adynamico-ataxicas, e nestas não posso eu deixar de admittir como um dos seus elementos principaes a dissolução do sangue — as hemorragias de caracter passivo — as petechias que appareceram na maior parte dos individuos, e enfim a observação do sangue extrahido de alguns doentes mostram que a sua coagulação era demorada, imperfeita — o coagulo molle — o soro avermelhado.

Todas estas observações provam sufficientemente que nestas febres ha dissolução do sangue, e em alguns casos axistiu esta dyscrasia desde o principio da molestia. Isto nos leva a crer que tal viciação é o elemento mais essencial d'ellas, e que pela sua generalidade pôde dar lugar a todos os outros desarranjos, ou pelo menos nos explica as lesões que encontrámos no caso mencionado. As que vimos nos cães sendo inteiramente semelhantes ás da victima do typho, e sendo aquellas produzidas pela dissolução que artificialmente fizemos no sangue; é de crer que estas provenham da mesma causa, e não de um processo phlegmasico.

Se um Broussaisiano observasse as lesões anatomicas que encontrámos nos animaes victimados, e ignorasse a causa que as havia produzido, diria que os orgãos lesados haviam soffrido uma phlegmasia; mas nós que vimos como ás cousas se passaram, somos obrigados a dar-lhe outra explicação, e julgamos ter ido mais além. Dizer que o pulmão soffre uma pneumonia é dizer menos do que mostrar que elle teve uma hyperemia passiva, e como esta se desenvol-

ven (2). Com mais justificado motivo somos levados a suppor que as affecções pulmonares, e as outras que acompanham o typho na maioria dos casos são devidas a uma causa geral (a dissolução do sangue), por que em alguns casos havia expectoração abundante, e sanguinolenta e applicámos-lhe um tratamento tonico bastante inergico, e com satisfação vimos em poucos dias os órgãos respiratorios desembaraçados do sangue que os congestionava — a expectoração tornar-se mucosa, e a respiração quasi normal. As emissões sanguineas longe de minorar os soffrimentos augmentavam-nos, e assim devia acontecer; por que ellas privavam o sangue desproporcionadamente de fibrina e globulos rubros, e faziam predominar a parte serosa. A reacção d'esta sobre os outros principios é phenomeno que muito bem se observa nas grandes sangrias, nas quaes as ultimas porções de sangue vem sempre menos carregadas em cor e se em taes circumstancias se não suspendem, a syncope apparece infallivelmente.

Não podemos deixar de admitir que o typho reinou epidemicamente nesta cidade, por que se deram os signaes caracteristicos das epidemias d'esta ordem descriptos por Sydenham. Desejavamos ir um pouco mais avante com estas reflexões, todavia os limites d'este artigo no-lo vedam, por isso mencionaremos somente algumas das causas d'esta molestia, que no nosso entender a tornavam mais frequente nos Academicos.

Conhecemos como um estudante passa aqui a sua vida, e o muito que ella tem de irregular. O vestuario de que usam não é o melhor, por que trazem desaga-

salhadas as extremidades inferiores, e a cabeça; e é bem sabido que a maior parte no rigor do inverno não vestem por baixo da batina mais que *roupa branca* — tanto pôde o vigor da vida nesta idade, mas insensivelmente d'esta forma se vai consumindo. Vigílias continuadas — frequentes agitações moraes, effeitos de sua vida litteraria subordinada a certos deveres; e enfim alguns excessos de prazeres nos quaes ordinariamente se gasta muita vida em poucos minutos; são as causas que me parecem obrar deprimindo, e desnormalizando a acção vital (adynamia e ataxia).

Em geral estas causas obram de companhia com uma pessima alimentação — comida de casas de pasto — aonde se attende mais ao barateio do que á bondade dos alimentos e estes mal cozinhados, e tomados a horas irregulares e frios. A vacca de que se faz mais uso era de tão má qualidade nos mezes de janeiro e fevereiro passados, que muitas vezes deixámos de a tomar. Com tal alimentação não pôde haver bom chylo, e mão chylo dá forçosamente pessimo sangue. Muitas vezes estas causas vinham obrar conjunctamente sobre uma constituição viciada pelo cancro social — a *syphilis* — e é sabido que nesta molestia o sangue se acha depauperado dos seus principios — *fibrina e globulos* — e estes ultimos alterados — o coagulo pouco consistente; — tal estado é um passo para a dissolução do sangue. A especialidade de algumas d'estas causas nos dão a razão por que a classe Academica pagou maior tributo a esta enfermidade.

Do que havemos dito podemos deduzir os seguintes corollarios:

Physiologico — A crase do sangue pôde ser alterada physicamente, e todas as vezes que introduzirmos nos vasos o carbonato de potassa tem logar a dissolução, e esta produz desarranjos funcionaes de summa gravidade.

Pathologico — A dissolução do sangue pôde dar logar a lesões organicas somen-

(2) Talvez se nos responda que não conhecemos a alteração do sangue e por isso não podemos entrar na pathogenia d'esta molestia, mas que conhecemos nós na inflammação? lesões anatomicas, mudanças nas propriedades physicas dos tecidos — até aqui ainda nós chegamos, no sangue a mudança de suas propriedades physicas é tão real e accessivel aos nossos sentidos, como a mudança de cor dos tecidos, sua injectão vascular, &c.

lhantos ás que resultam das phlegmasias, Deve portanto o Pathologista ser circumspccto em avaliar as lesões cadavericas, por que podem ellas ser effeito de um processo morbido opposto ao phlegmasico.

Therapeutico — Nas congestões visceraes occasionadas por dissolução do sangue devemos attender mais á sua crase geral do que á lesão local dos tecidos; convem por conseguinte reconstituir a crase do sangue por meio dos tonicos ou outros medicamentos que directamente vão neutralisar sua viciação.

(Continuar-se-*ha.*)

J. F. de Macedo Pinto.

MAGNETISMO ANIMAL.

No N.º 45 da Revista Universal Lisboense lêmos um artigo sobre *magnetismo animal*, em que o Sr. Gusmão critica um outro que sobre o mesmo assumpto publicára no nosso periodico o Sr. Macedo Pinto (1).

Sabemos que á Redacção da Revista Universal fôra já pelo nosso collaborador enviada a resposta a esse artigo.

A falta de originalidade que o Sr. Gusmão encontrou nas idéas expostas pelo Sr. Macedo quando este quiz classificar os factos que por si mesmo havia observado, responde o nosso collaborador com a conferencia das datas — a da sua prelecção feita em 26 d' abril, e a da publicação do artigo de Sir Charles Hall em 3 de maio do corrente anno (2).

O nosso collaborador faz ver na sua resposta que em sciencias de observação os factos são tudo, e tanto que quando o factõ chega a ser geral sobre

(1) V. N.º 5 — pag. 70

(2) Podemos asseverar, que assistimos á prelecção do nosso collaborador, e que o manuscrito da sua prelecção foi nos enviado muito antes que de Londres se podesse receber noticia da classificação do Dr. C. B. Hall.

a categoria de lei. No foro, as questões mais complicadas vem muitas vezes corla-las a citação de uma lei; nas sciencias de observação tem os factos este poderio — nelles é que está o verdadeiro *ipse dixit*.

O Sr. Macedo Pinto conhecendo esta verdade e não tendo por observação propria verificado alguns phenomenos que outros magnetisadores tinham chegado a ver realizados, entendeu não dever negar-lhes a existencia, e chamou-os *não realizados* porque o não haviam sido para elle nas numerosas experiencias que se deu ao trabalho de fazer. Parece-nos por tanto, que cessa a antinomia.

O nosso collaborador não se recusa ao convite, que lhe é feito pelo Sr. Gusmão; quer porém que os factos precedam a discussão, e não duvida repetir seus ensaios em presença do seu adversário. A uma discussão scientifica, unica donde pôde á sciencia provir utilidade, de bom grado franqueamos as columnas do nosso jornal.

APPARIÇÃO DE UM COMETA.

Sabemos, que no dia 9 do corrente foi avistado um Cometa por alguns Professores de Mathematica da nossa Universidade. A espessa nevoa, que ao anoitecer tem estes dias rodeado o horizonte de Coimbra, e por outra parte a proximidade em que o mesmo Cometa apparece do horisonte, não permittiram observa-lo, como convinha. Entretanto consta-nos que já se observou o seguinte: — O Cometa não tem cabel'eira, o nucleo é mui grande e luzente, a cauda abrangerá pouco mais de 1º; o movimento é directo, *declinação boreal*, o superior a 40º; a *ascensão recta* era no dia 9 com pouca differença a do Sol.

Do resultado das observações, em que os nossos Astronomos contiuaam, daremos noticia a nossos leitores.

ENGRÁCIA RAMILA (*)

SOLÃO.

I.

• Triste, triste dom Pelaio,
 • Queres tu a liberdade?
 • Queres tu volver de novo
 • Ao teu lar, tua cidade,
 • Nos braços da noiva linda
 • Mitigar cruel saudade? •

• — Se quero, dona princeza. •
 Dom Pelaio respondia
 A' donosa illustre moira,
 Que tal practica fazia,
 • — Se quero! — por vê-la uma hora
 • O braço, e peito daria.

• Deixei lá, senhora minha,
 • Metade do coração;
 • Só logrei carinhos d'ella
 • Em noite de san João,
 • Que no dia fui a guerra,
 • Deitáram-me este grilhão,

• Triste, triste do captivo,
 • Que infanção, e cavalleiro,
 • Arrasto, vai em dez annos,
 • Na Moirama prisioneiro,
 • Saudades da minha noiva,
 • Algemas do captiveiro.

• Oh! doei-vos do captivo,
 • Daí-me carta de alforria;
 • Que ao meu san João cada anno
 • Farei por vós romaria;
 • Accesas, por vós, tres velas
 • Lhe queimarei noite e dia. •

PRINCEZA.

— As vossas velas regeito,
 • Mais a vossa devoção;
 • De vós quero outro serviço
 • Em noite de san João;
 • Dou-vos pról e liberdade
 • Com ésta só condição:

• Ide a Falla, vossa terra:
 • — Noite e dia correreis; —
 • Levais um bólo encantado,
 • Do bólo não comereis;
 • Levais o fito na esposa,
 • A' esposa não fallareis.

• Mal das margens do Mondego
 • Virdes Coimbra a sorrir,
 • Aguardareis que anoitça,
 • Para caminho seguir;
 • Só juncto a fonte da moira
 • Deveis o bólo partir.

• Duas bicas tem a fonte.
 • A senistra deixareis;
 • E por Engracia Ramila
 • Mui de manso chamareis
 • — Parti, parti, que de monta
 • É o galardão, que tercis, •

E jurou-lhe o cavalleiro,
 Por sua fé, seu amor,
 Cumprir o voto, que dera,
 Cumprilo sem ser traidor. . . .
 — Ei-lo nas asas dos ventos
 Lá vai os mares transpor.

II.

Pelas fraldas d'um outeiro
 Gentilmente recostada,
 Tê morrer no Monte sancto
 Em verde prado poisada,
 Juncto à margem do mondegô
 Surge Falla tão fallada;

(*) Este solão é tirado de um conto ou tradição, que por velhas e moças d'aquelles contornos de Falla, juncto a Coimbra, temos ouvido sobrejas vezes relatar. Só lhe acrescentámos o nome do captivo, que o conto não refere; os ciúmes dos esposos; e as flores da poesia, em que fizemos por imitar a singeleza das narrações, que ouvimos. — Lá está inda a fonte antiquíssima, de fundação immemorial, com suas duas bicas: e na da direita, ou da moira, inda até hoje não cons-

ta que zagala christã d'aquellas cercanias enchesse o seu cantaro, ou hellesse uma sede. E mais que uma vez fomos testemunha d'este antiquissimo preconceito popular. Também ¶ de f. que a moira encantada asscalha o seu ouro nas alvoradas do san João; que apparece aos poucos, que tem entrado no vasto aqueducto da fonte, guardada por dous leões em riquissima sala, que a todos pede os olhos tão maviosamente, que não ha resistencia senão na fuga; e que ajudas historias.

Fallada por suas aguas,
E romana fundação,
Fallada por uossos reis,
E Fernando de Leão,
E pela fonte da moira,
A moira do san Joao.

San João! eis tua noite,
Noite de fogo, e de amor!
» — Donde vens tão açodado
» Perigrino trovador?
» La viste acaso Pelaio,
» Dom Pelaio, meu amor? »

Assim a noiva dizia,
A noiva do cavalleiro,
Quando elle, desconhecido,
Mudo trepava o outeiro;
Elle tão mudo, que treme
Ser a jura troiçoeiro.

Mas aquella voz tão meiga,
Os negros olhos gentis;
Os alvos seios arfando,
A gemer pelo infeliz;
Tudo n'alma do mancebo
Passadas juras desdiz,

È rija a prova; — hesitára;
Quer fugir o cavalleiro:
Mas ei-la shi tão formosa,
Ella, seu amor primeiro,
Ella a instar-lhe, os olhos rasos,
Por novas do prisioneiro.

Mais não póde; é cinza a jura;
O perigrino ergue o braço:
Eis em terra o manto, a gôrra,
Eis o segredo de vasso . . .
» Dom Pelaio! » — os dous amantes
São um só no mesmo abraço.

E as fogueiras d'essa noite
Sens tangeres e folgar,
Nada são juncto a ventura
D'aquelle mimoso par,
Que esquece n'uma só hora
Dez annos de suspirar.

III.

Dá meia noite na torre,
Na torre do monte sancto:
Do coração de Pelaio
Trava insolito quebranto:
Acorda, lembra-lhe a jura,
A jura do seu ençanto.

Rica de beijos dormia-lhe
Ao lado a esposa formosa;
Pé ante pé o mancebo
Foge da instancia amorosa;
E c'o'holo corre á fonte,
Que vai a alma pressurosa.

Corre á fonte, e quer parti-lo;
Pasma do Lôlo encantado;
Por que a esposa ás fortadelas
Um pedaço lhe ha provado;
Treme de susto por ella,
Treme de haver falseado.

Assim mesmo, despeitoso,
Parte o bôlo, que, estalando
Como raio em tempestade,
De seu bojo vai largando
Arreado palafrem.
Alli mui quedo a seu mando,

Meravilha-se Pelaio
Tôma ao ginete o bridão;
O ginete cai por terra,
E revolve-se no chão:
Cai per terra, que lhe falta,
Qual ao bôlo, a séstra mão.

» Negro de mim! diz o moço,
» Ai! negra da minha jura! »
E cil-o corre míni de mauso
A chamar na fonte pura
Pela moira, que lá dentro
Mui gentil se lhe figura.

Chamou tremendo por e'la,
A' dextra bica escutando,
Fallou-lhe Engracia Ramila
Mni de dentro suspirando,
Sua voz melodiosa
Em soluços abafando.

RAMILA.

- Negro de ti, dom Pelaio,
- Dom captivo traçocreiro;
- Negro de ti, que vendeste
- Honradez de cavalleiro:
- Por amor d'anna só roste
- Dobraste o meu captiveiro,

- Aqui gemo em soledade;
- Tem dez annos meu condão;
- E só póde libertar-me
- D'esta encantada prisão
- O captivo que dez annos
- Soffrer com resignação,

- Que voltar do captiveiro,
- Passando pelo sen lar,
- Sem volver saudosos olhos,
- Sem da noiva se importar,
- Sem faltar ao juramento
- De me vir desencantar,

- Tu faltáste fementido;
- Mais dez annos gemerei;
- Porém minhas ricas joias,
- Meu ouro não te darei,
- Thesouros, com que podia
- Pôr-te corôa de rei;

• Té que venha outro captivo
 • Demais honra. » — E nisto abrindo
 A lage da clara fonte,
 Eis mostra o thesouro infindo;
 E grossa cadeia d'oiro
 Ao moço offerta sorrindo.

RAMILA.

- Já que tu não mereceste
- O soberbo galardão,
- Leva em penhor da verdade
- Este formoso grilhão,
- O signal do meu despreso,
- Signal da tua traição. »

IV.

Já nos céus desponta a aurora
 Com sen rosado clarão
 De aljofares semeando
 Campinas do san João,
 Quando a casa volve o moço
 A buscar consolação.

NOIVA.

- Deseconsolado tu sejas,
- Ingrato meu cavalleiro,
- Que, má hora, apenas chegas
- Do largo teu captiveiro,
- Já me deixas tão sosinha
- Como quando prisioneiro. »

D. PELAIO.

- Fui cumprir voto solemne,
- Má hora que o voto fiz;
- Fazeinaram-me os teus olhos,
- A minha jura desfiz;
- Lá fica a moira na fonte,
- Por ti de novo infeliz. »

NOIVA.

- Ingrato dom cavalleiro,
- Ingrato, que me trahiste;
- Os olhos da moira bella
- Aos meus olhos preferiste;
- Por ella, que não por mim
- Do captiveiro partiste.

- São de zaphira os seus olhos,
- Os cabellos d'ouro fino;
- De san João na alvorada
- O seu gesto perigrino
- Já lhe eu vi assoalhando
- O seu thesouro mofino.

- Ingrato dom cavalleiro,
- Ingrato que me trahiste;
- Os olhos da moira bella
- Aos meus olhos preferiste;
- Por ella, que não por mim
- Do captiveiro partiste.

D. PELAIO.

- Dona ingrata, minha noiva,
- Oh! não me julgues assim;
- Só por ti que não por ella
- A' patria voltei assim;
- E por ti meus juramentos
- Falsei, triste de mim!

• Dona ingrata minha noiva,
 • Aqui tens meu galardão;
 • Deu-me Bamila na fonte
 • Por desprezo este cordão;
 • Guarda-o tu, ja que tu foste
 • Causa da minha traição. •

E a zelosa noiva bella
 Regeita a fulva cadeia;
 Para um rolre, juncto á porta
 Desdenhosa se meneia,
 E no grosso tronco rude
 O grilhão formoso enleia.

E o grilhão muda-se rapido
 Em temerosa serpente,
 Que gigante o tronco aperta
 Com sua escama fulgente,
 Té parti-lo, e derriba-lo
 Com estampido fremente.

O ARCO DE SANT'ANNA.

O romance, cujo titulo acaba de lêr-se, tem sido julgado diversamente pelos órgãos da imprensa periodica de baixo do ponto de vista das suas bellezas e defeitos artisticos. Não seremos nós quem vá agora renovar uma polemica, já por ventura sentenciada a final no tribunal da opinião publica; mas sempre nos seja licito dizer, que em nosso humilde entendimento, esta discussão andou algum tanto desvairada, porque deixou o fundo pela forma, antepoz a questão de arte á questão social.

O A. do Arco de Sant'Anna teve um pensamento, que elle entendeu, que devia incarnar na forma popular do romance; e esse pensamento não o deixou occulto dentro da contextura e enredo da producção litteraria. O Poeta, querendo por ventura poupar aos leitores o trabalho de deduzirem da sua obra a idéa mãe, que presidia á confecção d'ella, declarou mui explicitamente na Introducção a tendencia do livro, que ia entregar ao publico, para que se deixasse pousar das idéas que moveram a penna do escriptor.

E de zélos requeimado
 O peito da noiva bella,
 D'aquella hora em diante,
 Não conheceu mais estrela,
 Que perseguir dom Pelaio,
 Até fíuar-se por ella.

E a moira Eugracia Bamila.
 Encantada lá ficou,
 Nunca mais leal captivo
 Difficil prova tentou,
 Nunca mais de amor aos riscos
 Tal voto alguém confiou.

E indá lá corre hoje a fonte,
 Fonte da moira de então,
 Que inda o seu ouro assoalha
 Nas manhãs de san João.
 — Não beba la quem no peito
 Guardar traidor coração.

J. F. de Serpa.

Não faremos uma analyse miuda de todas as asserções pouco fundadas, com que o A. quiz prevenir o publico a favor da necessidade de combater romanticamente a reacção religiosa, que mui de leve attribue aos escriptos dos Poetas e Romancistas.

O A. do Arco de Sant'Anna julgou, que para demonstrar as exorbitancias do clero, na epocha actual, devia ir revolver as chronicas, á cata de um facto escandaloso praticado por algum ecclesiastico, para depois alirar com elle ás turbas enfeitado com as suas louçanias poeticas, — dizer-lhes: «Ali tendes o que é o cléro, odiaes toda essa classe, porque um homem que lhe perencia commetteu um crime horrendo.» Quando o facto escolhido pelo A. servisse para qualificar todos os padres d'aquella epocha, ainda assim a sua causa não estava ganhada, porque a questão não é saber o que foi o clero, mas o que elle é na actualidade.

Por ventura julgará o A. que o poder ecclesiastico ha-de hoje ter inevitavelmente as mesmas tendencias que tinha ha uns paucos de seculos? Não o acreditamos, porque semelhante fatalidade

repugna com a natureza das consas, e com os exemplos da historia. Todas as instituições participam necessariamente mais ou menos do meio social, em que vivem; e eis aqui a razão de muitos crimes committidos pelos ecclesiasticos, em épochas em que as outras classes da sociedade não offereciam por certo exemplos edificantes de virtude. Talvez que nós podersemos demonstrar (se isso fosse preciso) que nesses tempos calamitosos de ignorancia e relaxação dos vinculos sociais, o clero foi a classe, que commetteu menos abusos.

Mas o A. até mesmo foi pouco feliz na escolha do facto, sobre que basêa o seu romance; e uma cousa que n'uma composição puramente poetica não seria defeito, converte-se numa aberração gravissima, desde que ao livro se pertende dar uma tendencia de reforma social. Porque ao menos esse facto capital, que resume todas as accusações contra o clero, não devia ser uma meca ficção da fantasia do Poeta.

É certo que um Bispo do Porto fôra acontado, por mão d'El-Rei D. Pedro I. em virtude de uma accusação de adultério, que contra o Prelado fôra levada ao Monarcha. Mas este facto, pouco decoroso para a magestade real, ainda mesmo que o crime fosse verdadeiro, converte-se n'uma nodoa indelevel para o nome do Rei, que o praticára, se (como nos affirma um dos nossos melhores escriptores) o Bispo era homem honrado e a accusação uma calumnia. Transcrevemos as expressões, com que Duarte Nunes de Leão moralisa este facto.

— «Esta dureza delRey não era sómente em vingar as cousas proprias, mas tambem as alheas, em muitos casos, em que precipitadamente fez justiça de delictos, de que lhe não constava, como a Rey, nem como a julgador, senão como a homem sómente, & por não sufficientes informações, como foi, que vindo elle á Cidade do Porto, ovio dizer no caminho, que

» o Bispo daquela Cidade que era hum
» Prelado honrado, & de grande autho-
» ridade, tinha fama de dormir com uma
» mulher de certo Cidadão, & que seu
» marido com medo d'elle senão ousava
» queixar. *ElRey só por ouvir isto, sem
» outra mais investigação, tanto que che-
» gou á Cidade, e acabou de comer, fez
» vir perante si o Bispo, & mandou aos
» porteiros, que como elle entrasse em
» sua camara lançassem fora do paço
» todos os criados que consigo trazia, &
» toda a mais gente que ali estivesse: &
» que se algum do seu conselho viesse, o
» mandassem ir para a pousada, dizendo,
» que assim o mandava elle. Vindo o
» Bispo, & despejado o paço, elRey,
» vendose só com a preya nas mãos, se
» despio, ficando em hum pelote de escar-
» lata, & per sua mão tirou ao Bispo to-
» das suas vestiduras, & com hum açoute
» na mão, brandindo-o para lhe dar,
» lhe disse confessasse sua culpa. Os
» criados do Bispo sabendo a con-
» dição delRey, & vendo que os deita-
» vão fora, suspeitâo que não hia bem
» ao Bispo, & forãose ao Conde de Bar-
» cellos, & ao Mestre de Christo, pedir-
» lhe lhe so-sem valer. Vindo elles, & en-
» trando com o Escrivam da Puridade
» com achaque, de trazem a elRey humas
» cartas, lhe não podião tirar o Bispo
» das mãos, lembradolhe quantos inno-
» centes erão cada dia accusados falsamen-
» te, & com medo do tormento, confessavão,
» o que nunca commetterão, & quam mal
» feito era, pôr mãos em um Pontifice, &
» que pelo Papa lhe seria estranhado. —
*Duarte Nunes de Leão. Chronica d'ElRey
D. Pedro I.**

Receando exceder os limites do Journal, para que escrevemos, pomos aqui remate a este artigo, protestando, que nos não causam grande receio as tendencias do Clero dos nossos dias, porque lhes resiste uma força maior, que a de todos os romances, — as necessidades do tempo e os progressos do espirito humano.

Um Velho Parocho de Coimbra,

O INDUSTRIAL PORTUENSE.

Publica-se actualmente no Porto, este periódico mensal, destinado a propagar e a divulgar pela numerosa classe de nossos artistas, os processos mais vantajosos de todos os ramos de industria. Encarecer o merito d'este novo propagador de conhecimentos uteis, fôra um empenho superfluo. Bastará dizer que faltava ainda ao nosso *jornalismo*, uma publicação puramente *tecnologica*, com o fim de reunir todos os elementos d'uma instrucção artistica verdadeiramente proveitosa.

As nossas artes e industria vão cada dia apresentando novos symphomas de regeneração e progresso. Vastos estabelecimentos podemos contar, onde são manufacturados com a desejada perfeição tanto objectos de primeira necessidade, como de luxo. O estabelecimento da Vista Alegre, onde vimos fabricar optima porcelana, os ricos tecidos de lã e seda que vemos sair das fabricas de Lisboa, as fundições de ferro do Porto & tudo nos deixa antever um prospero futuro da nossa industria nacional. Um jornal todo votado a estes interesses, que os esclareça, que os anime e proteja, é uma obra d'utilidade digna dos maiores louvores.

Transportar das alturas das sciencias e dos livros ás officinas dos artistas os conhecimentos indispensaveis das suas profissões é um pensamento feliz que a imprensa hoje realisa.

Os nossos fabricantes, operarios, artífices e lavradores vão ter no *Industrial Portuense* um armazem de processos, receitas e inventos, que muito lhes convirá verificar e experimentar. A reunião das sciencias abstractas com as experimentaes é hoje uma necessidade indispensavel para os progressos das artes. Já ninguem crê que possa haver bom desempenho practico sem o auxilio da theoria.

Facilitar pois aos artistas os meios

de avaliar os melhoramentos que os progressos das sciencias vão introduzindo nas artes e na industria é um dos passos mais uteis que o jornalismo pôde dar. E demais, hoje que os progressos da civilisação tem alargado os limites dos conhecimentos humanos, e popularisado, por assim dizer, as sciencias por toda a sociedade, já não pôde concentrar-se só nas mãos dos artistas a practica das artes; todo o homem quer experimentar, procurando por suas mãos não só obter o necessario senão tambem augmentar as suas commodidades; por isso um jornal *tecnologico* hoje é um jornal universal, é um jornal para o povo. Agouramos pois que todos lêrão o *Industrial Portuense*, e que este jornal será um novo padrão de gloria para a Imprensa portugueza. Acabamos de ler com o maior interesse os dous primeiros N.º.

O 1.º traz uma extensa e erudita introdução, onde se percorre a historia da *Tecnologia*, e se mostram as suas numerosas vantagens e utilidades.

O seu auctor faz ver a necessidade que os artistas tem de reunir á practica manual de sua profissão os conhecimentos theoreticos das sciencias de que ella depende, e convida-os a uma educação artistica toda proveitosa e necessaria.

O plano adoptado neste N.º—a divisão das artes, em chímicas, mechanicas e physicas—ainda que difficil na practica, porque ás vezes uma mesm industria exige processos de todas as ordens, parece-nos comtudo preferivel, por mais natural e simples.

Entre as applicações da chimica, figuram neste 1.º N.º a composição e fabrico de ligas metallicas, a marcenaria, a tinturaria, e a agricultura, artigos escriptos com bastante mindeza e extensão, e em estylo chão e conciso.

As ligas metallicas são hoje de muito interesse nas artes; umas substituem metaes de maior valor no fabrico de objectos tanto d'utilidade como de luxo;

outras prestam numerosos serviços a muitas artes:—á do *statuario*, *fundidor*, *laticeiro*; ao fabrico da moeda, de typos da imprensa, &c.

Folgamos d'annunciar, que já experimentámos as receitas de bronzear latão, e satisfizeram á nossa expectação.

Nas applicações da mechanic e da physica, recommenda-se, como optimo meio de transmittir o movimento nas machinas, as correias; sem as quaes fóra consideravel a perda de força pelas resistencias e attritos das peças

Os importantes melhoramentos que modernamente Sulzer introduziu nas formas de fundição de ferro vem tambem preconizados neste N.º

No 2.º N.º, no ramo da chimica applicada ás artes, sobresai o extenso artigo sobre douradura, onde resumidamente se percorrem os processos antigos, e se notam os seus inconvenientes e imperfeições até chegar ás mais recentes descobertas que se tem feito das applicações da *electrochimica*. Tambem em Coimbra, onde o desenvolvimento das artes não é animado por sufficientes estimulos, alguns artistas já fazem uso d'este processo; e não são só os artistas, que muitas outras pessoas por uma curiosidade verdadeiramente scientifica, leem por este meio dourado com a maior perfeição differentes objectos. Um alvitre começa a ser seguido neste N.º, que de muito fructo pôde vir a ser para os artistas curiosos que desejam praticar as suas profissões guiados pelos seus principios das sciencias: queremos fallar dos artigos geraes, para servirem d'introdução aos especiaes;—O artigo sobre machinas é o primeiro que neste genero nos apresenta o Jornal.

Este pensamento é muito vantajoso por elle se logra o enriquecer o espirito dos artistas com os principios elementares das sciencias, o familiarisa-los com elles para se dirigirem na practica seguindo os dictames da theoria.

—Esperamos que os Redactores d'este interessante jornal, continuem nos se-

guintos N.ºs a bem merecer do publico, por trabalhos de utilidade geral e reconhecida importancia. As estradas, os caminhos de ferro e as grandes manufacturas por certo que terão logar distincto nesta publicação.

Raspail diz que a *Technologia* é a arte de tirar o maior partido possível das sciencias para o interesse da humanidade.

Os zelosos Redactores do *Industrial* convencidos d'esta maxima te-la-hão por certo sempre em vista na escolha dos seus artigos. Verdade e utilidade são os dous principios de cuja combinação resultam sempre boas obras.

A *Revista Academica* saúda a aurora d'esta utilissima publicação que em abraço fraternal tem com ella empenhar-se numa missão commum:—a grande auctoridade dos nomes que figuram na sua redacção nos faz já antever o brilhante futuro d'esta obra litteraria.

J. A. S.

ASSEMBLÊA

ACADEMICO-PHILARMONICA.

Não querem que o nosso seculo seja um seculo civilizador? pois não querem muito mal, que os factos estão ahí todos os dias desenganando aos que do proposito cerram os olhos contra a luz.

Que se não louve tudo só porque é novo, e porque é nosso, dos nossos dias, muito bom; sômos nós dos que mais gemem saudades do passado: mas que sempre, e apezar da verdade, se seja o *laudator temporis acti* é manifesta injustiça, senão rematada loucura.

Uma das cousas melhores entre as mil e uma boas cousas da nossa época é por sem duvida o principio de *associação*: o necessario, o util, o agradável reccheram neste principio um auxilio maior do que tudo quanto lhes havia dado a philosophia em muitos annos de trabalho.

Tem-se realisado muitas chimeras tem-se demonstrado muitos absurdos por este unico meio—*associação*

Pois Coimbra tambem não ficou ociosa diante do grande principio; nem devia ficar:—se d'antes aqui se fallasse de um *theatro academico* fecharia toda a gente as mãos na cabeça, e gritaria—chimera, absurdo! se se dicesse que alem do *theatro* haveria, e no mesmo edificio, uma *associação* onde se lessem todos os jornaes e publicações do reino, muitos jornaes e publicações estrangeiras, e uma bella orchestra, que nos desse as melodias dos melhores cantores da Europa, ninguém responderia tambem senão—absurdo, chimera!

E todavia a chimera realisou-se, e o absurdo demonstrou-se.

Ora os incredulos tiuham alguma razão, a palavra *estudante* trazia consigo idéas tão heroicas que não admittia muito estas cousas *lyricas*: estudante! pois empreza em que elles entrem pôde lá ter geito? tem, sim, Senhores, ali está o *theatro academico* para o prevar, é o 3.º do reino em magnitude, o 1.º, talvez, em declamação; ali está a *Assembléa Academico-Philarmónica* com a sua casa de leitura variadissima e com os seus concertos brilhantes.

E é d'estes que quizemos dizer duas palavras.

Teve lugar o primeiro na presença unicamente dos socios no dia 24 de maio: o concurso era grande, todos queriam dar os emboras ao nascimento d'aquella

flor harmoniosa, e deram-n'os em repetidas palmas ao formoso desempenho de formosas peças de musica:—eram quasi que privativamente estudantes os que compunham aquella orchestra victoriada.

Teve lugar o segundo (extraordinario) no dia 24, tambem de maio; e aonde com os socios concorreram as suas familias; a casa parecia outra, tudo respirava mais graça depois que as graças alli vieram; até a musica era mais sonora, mais grata ao ouvido, ou porque algum anjo a inspirava, ou porque os olhos estavam contentes. Cade faltam as damas falta a belleza, e onde esta falta é imperfeita sempre a obra dos homens; não faltava pois nada, e a orchestra recebeu novos e merecidos applausos na execução do seu lindo e variado programma.

Fazia gosto ver aquella escolhida reunião onde ao lado dos estudantes se assentavam dignidades academicas, civis militares, e cidadãos dos mais conhecidos e estimados da cidade: era uma verdadeira festa, uma festa civilisadora.

Presidiu a tudo bom gosto, regularidade, e ordem; bem hajam os directores, bem haja esta Sociedade que assim prova que aquelle *mau espirito* proverbial dos estudantes é já uma pagina do passado.

J. de Lemos.

(J. D.)

A

MEDIANEIRA.

Eu te san do
Lua formosa,
ne vens surgindo
Tão luminosa!

Já todos dormem.
Eu velo ainda.
Só te eu contemplo
A face linda.

Meu peito arfando
Triste suspira
Na longa ausencia
Da linda Elmira

Oh se eu soubesse
Que neste instante
Tambem seu peito
Suspira amante;

Que em ti fitando
Seus olhos bellos
Por mim pratica
Iguaes desvelos,

E se eu podera,
Formosa Lua,
Gravar seu nome
Na face tua;

E mil protestos
Do amor constante,
Que lhe consagra
Meu peito amante;

Se iguaes protestos
Ella gravasse
C'o a mão tão linda
Na tua face;

Que linívito
Na dura ausencia!
Oh que engenhosa
Correspondencia!

Cómo por gosto
Eu mandaria
Em dia a noite,
Em noite o dia!

Jarome Luiz Sarmento

— 1880 1884 —

A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I.
O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuado da pag. 70.)

VII.

Et factum est vespere et mane; dies tertius.

Dixit autem Deus, Fiant luminaria in firmamento caeli, et dividant diem ac noctem, et sint in signa et tempora et dies et annos.

Ut luceant in firmamento caeli et illuminent terram; et factum est ita.

Fecitque Deus duo luminaria magna; luminare majus ut praeset diei, et luminare minus ut praeset nocti; et stellas.

Et posuit eas in firmamento caeli ut lucerent super terram.

Et praeset diei ac nocti et dividerent lucem ac tenebras. Et vidit Deus quod esset bonum.

Et factum est vespere et mane, dies quartus.

Naquelle anhelar tão melancólico, apanagio por ventura do coração dos mortaes, contemplava o espirito do homem o primeiro scintillar do amor, que nesta época de paz e de vida se manifestava a medo de sobre os pendoes das palmeiras.

Mas essa paz tão casada com a vida, essa paz filha da ordem de que era symbolo a manhã de cada dia (1) parecia agora moribunda ao declinar da manhã do dia terceiro. Era chegado o crepusculo confuso do quarto dia, com o qual devia de terminar a segunda epocha do universo, que tinha começado quando a mão do Senhor arrancára a terra do meio da materia inflammada, e lhe abriera o vasto salão do firmamento.

E nessa segunda epocha do universo deviam encerrar-se duas idades da terra

como n'uma idade da terra haviam de perder-se ainda muitas durações de imperios, como na duração d'um imperio muitas vidas mesquinhas como n'uma vida mesquinha mil pensamentos fugazes. Era o viver precario das rôlas que se confundia na duração secular das aguias.

E o espirito do homem, que vira o amanhecer d'essa epocha do universo quando a voz do Senhor os atomos da materia rijamente se chocaram, feriram centellas de fogo, e a luz appareceu no meio do abysmo, lia agora escripto na pagina azul dos céus o seu anoitecer magestoso... E qual era a mão, que traçava allí aquelles caracteres de gloria? qual a força, que estampava na face dos céus aquelle emblema da omnipotencia? (2).

A *Philosophia* respondia ao espirito do homem só com uma palavra — attracção! — Mas quando essa palavra roçava mansamente pelos ouvidos do espirito do homem, uma sombra passava ante seus olhos como visão immensa.

E os seus olhos viram a sombra mysteriosa, que por toda a parte se extendia, galgando por sobre os montões da materia depositada no espaço. E a voz da *Fé* ao passar d'essa sombra dizia ao espirito do homem; — eis allí a attracção!

Era uma sombra prodigiosa. Era a sombra do braço do Senhor, que se extendia de polo a polo, agglomerava pela vastidão do espaço enormes massas ardentes, e pendurava globos magestosos na cupula do firmamento, como gottas geladas de orvalho nas folhas dos cyprestes do Lybano.

E d'entre tantos globos, immensos em numero, immensos em grandeza; oceanos de fogo, em cada um dos quaes a terra inteira que caisae, fora como o grão d'area arrojado pelos turbões ao meio das vagas do Atlantico, um havia que o espirito do homem se interessava

(1) As palavras hebraicas, *dia M., Eland*, com que no *Genesis* se designam tarde e manhã de cada dia tambem significam, a primeira — *con fusão* —, a segunda — *orden* — *V. Ros. do Log.*

(2) *Coeli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum, Psalm. 18.*

mais em contempla-lo (3). A 25 milhões de leguas distante da terra tinha assente o seu throno este principe dos luminares (4); e o espirito do homem alongou d'alli os seus olhos pelo espaço, e a 9 milhões de leguas avistou um globo semelhante á terra em seu primitivo estado, posto que dez vezes mais pequeno do que ella. A dobrada distancia outro apparecia quasi igual a ella, e como o precedente, se movia em torno do principe dos luminares; mas ora apparecendo adiante d'elle a cada hemispherio terrestre, como precursor da aurora, ora só depois d'ella como mensageiro da noite. Eram os dois planetas, que depois se chamaram, *mercurio*, e *venus*.

Seguia-se a *terra*, que acompanhada, a distancia de 60 mil leguas, pela *lua*, globo 50 vezes menor do que ella, girava tambem á roda do *sol* com uma velocidade de mais de 18 mil leguas por hora! E cada ponto da circumferencia de seu equador tinha, além d'este, outro movimento, com que percorria 270 leguas por hora, ou $4\frac{1}{2}$ por minuto!

Mais além, a 38 milhões de leguas, apparecia outro globo cinco vezes mais pequeno que a *terra* (5); a 130 milhões seguia-se outro quasi 80 mil vezes maior que o precedente, e era acompanhado por quatro *luas*. Foram os que depois receberam os nomes de *marte*, e *jupiter*.

A 238 milhões de leguas ainda sexto globo apparecia, de volume um pouco menor que *jupiter*, cercado de extensos aneis concentricos, e rodeado por cinco *luas*, e ultimamente a 440 milhões de leguas lá apparecia septimo globo, 77 vezes maior que a *terra* acompanhado de seis *luas*. Eram *saturno*, e *urano*, o ultimo dos quaes havia de zombar por sessenta seculos da curiosidade dos astrónomos.

E todos esses globos giravam com os seus satelites á roda do *sol*, nadando nos espaços vazios, como os argenteos flórcos de escuma sobre as aguas do oceano.

Tal era o mundo, que occupava no espaço uma esphera, mais de 80 mil milhões de milhões de vezes maior que o volume de toda a *terra*.

E foi no lançar d'olhos por quadro tão grandioso, que o espirito do homem reconheceu toda a fraqueza da sua razão. Oh! bem o pensou elle, que se mais cedo houvera vista de tal quadro, se mais cedo imaginara a *terra*, não como alicerce eterno do vasto edificio dos céus, mas como atomo quasi imperceptivel voando pelos espaços; não como rainha, a quem o *sol* com todos os astros dia e noite cortejavam, mas como tímida escrava que de longe aguarda os acenos de seu senhor; tentado fôra elle a tributar eultos ao principe dos luminares!

(3) Esse—um—é o *sol*. Se lhe chamamos oceano de fogo, nem por isso que rejeitamos a hypothese, que suppõe solido, e opaco o seu nucleo. Avantajada é ella na explicação das manchas do *sol*, e as objecções dos adversarios não são de fazer nosa: mas seja qual for o estado actual do *sol*, não exclue elle o que primitivamente lhe supponmos. *V. Montf. Dice. de Math. e Arag. Leç de Astr.*

(4) As leguas são portuguezas. Aproveitamos só os numeros redondos.

(5) Não mencionamos os quatro planetas menores, porque duvidamos da sua existencia já nos tempos primitivos. A inclinação das suas orbitas sobre o plano da ecliptica fez suppor-lhe origem um pouco differente da dos outros planetas; e a quasi igual distancia de todos quatro ao *sol* suscitou a idéa de que fossem primitivamente um globo que se partiu: quem sabe? Uma explosão interna podia originar essa catastrophe, e para isso bastar-lhe-hia uma força 48 vezes maior que a de uma peça de artilheria, se o movimento do globo fosse directo,

e 60 vezes, se retrogrado. É o que se deduz da fórmula de *Lagrange* relativa a este objecto.

Olbers suppunha a catastrophe produzida pelo choque de dous globos; tambem não é impossivel; e tanto que já por vezes tem havido serios receios de igual sorte para a *terra*. A 29 de Outubro proximo futuro 13 annos faz, que em *Paris* grande parte da noite muito boa gente não pregou olho, por medo do cometa de *Biela*, que então atravessava a orbita da *terra*. E o caso não é para rir a pesar do animo, que *Laplace* nos mette: na *America* já se viu atravessar não mui longe da *terra* um corpo immenso, que corria 43 mil leguas por hora, e de outro fazem menção as *Trans. Philosophicæ*, que passou a $6\frac{1}{2}$ leguas distante de nós, e corria 18 mil leguas por hora; ora se a este ultimo lhe desse para vir cá entender com nosco, gastava menos de um minuto em torcer seis leguas de caminho, e dentro d'esse espaço Deus sabe onde iriamos parar. Apesar d'isto tambem nós temos pouco receio d'estas catastrophes, não, e perdoe-nos *Laplace*.

(6) Mas já então empunhando o sceptro da Philosophia, o espirito do homem tocava com a ponta d'elle as orbitas longinhas dos planetas; e como se fôra o arbitro dos arcanos dos céus traçava aos astros as sendas dos seus caminhos. Já então em cada bago d'arêa da fatal ampulheta do tempo elle marcava os milhares de leguas, que cada planeta devia avançar no seu cego correr.

E tudo isto podia o espirito do homem, porque embora atomo mesquinho, orgulhando-se da sua mesma pequenez, não cabia com o pensamento em toda a esphera d'um mundo.

E todo abraçado como o pensamento elle lá divagava pela immensidade dos céus!

E elle bem quizera estender o sceptro da Philosophia até esses soes immensos, á roda dos quaes advinhava innumeraveis planetas, innumeraveis mundos, todos povoados por seres extraordinarios, com os quaes anhelava além do tumulto por uma vida mystica e universal, per uma communhão intima, no seio da Divindade. Mas o sceptro da Philosophia nem ao menos pôde tocar esses soes, nem esses mundos; que a 5 milhões de leguas estava collocado o *non plus ultra* do seu poder. E elles lá ficaram emancipados da lei dos calculos, mas nem por isso exemptos do poder do pensamento, que rival da omnipotencia ainda se extendia além d'elles no seu porfiado seismar.

E o espirito do homem voava com o pensamento de globo em globo, de mundo em mundo, de universo em universo; mas quanto mais alongava

seus vôos, mais distante avistava a sombra do braço omnipotente, que de immensidade em immensidade levava arrastos para os abyssos do infinito todos esses globos, todos esses mundos, esses universos todos.

E o espirito do homem, perdido na immensidade, ouviu a voz do Creador, que abençoava a obra do *quarto dia*, pregação eterno da sua grandeza!

E elle adorou o senhor!

E no remanso d'essa adoração deixou repousar o pensamento aniquilado e esvaecido por suas agitações.

Continuar-se-ha
G. de A.

REVISTA SCIENTIFICA

(V. p. 9h.)

Invenções: — Mr. Bontemps baseando-se sobre um antigo processo de fabricar o vidro, inventado pelo Suisso Guinand, imaginou um maquinismo engenhoso, com o qual se produz a mais intima união entre as partes, que compoem a massa do vidro. D'esta intima união resulta, que o vidro sai depois absolutamente privado das estrias e bolhas, que o tornavam muitas vezes perdido para lentes dos instrumentos opticos.

Já por este meio se fabricou para o Observatorio de Pariz uma lente de um metro de diametro. Em Birmingham tambem se adoptou este maquinismo.

Rapida extinção de incendios: — Com este fim se descobriram modernamente em Inglaterra duas machinas, uma das quaes tem o nome de *inundador*, e a outra de *apagador de incendios*. A pri-

er, pela segurança, que a sciencia nos dá; que o calculo das probabilidades não é o melhor antidoto do medo; mas porque só para o *dies iræ* julgamos reservado o *stella cadent* do Evangelho.

Quanto á distancia, a que os quatro plantas ficam do sol, é para *resta* 58 milhões de leguas, *juno* 62, *cores* 68, *pallas* 62 quasi.

Pelas mesmas razões tambem deixamos de fallar na posição dos cometas.

(6) A hypothese do movimento da terra alguns a julgaram desmentidora dos livros sagrados, e talvez de boa fé creram, que bem mereciam do céu por obrigarem *Galileu* a abjurar de joelhos uma heresia ideal.

Louvado seja Deus, que já passou a epocha, em que o *fanatismo philosophico* embicava por gosto com o *theologico*; a Religião pura, e a sã Philosophia ceiam-se as mãos.

Moyzes desconhecera a sua missão, se quizesse ensinar Astronomia aos Hebreus; e para fallar-lhes em movimento da terra era necessario esquecer-lhes as propensões, maiormente tendo não mui longe o exemplo dos Persas.

Aos que notam de ignorantes os escriptores sagrados por dizerem: *sol oritur atque occidit &c.* lembremos, que os Astronomos ainda hoje fallam igual linguagem; e sob pena de não serem entendidos.

meira faz cair sobre o incendio um grande jacto de agua, a qual se acha depositada em reservatorio conveniente, e é compellida por gazes, que sobre ella se fazem desenvolver. O modo de desenvolver estes gazes constitue o fundamento do *apagador*.

Este consiste em um forte cylindro de ferro, no qual se lança uma massa composta de carvão e salitre nas mesmas proporções, que para fabricar polvora, e se lhe juncta uma porção de gesso (*plaster of Paris*). Um pequeno embolo lateral, que pôde segurar-se com fortes parafusos, leva ao contacto d'esta massa uma porção de *chlorato de enxofre com assucar*. Instantaneamente se inflamma aquella massa, donde resulta uma enorme producção de gazes, mas sem explosão, os quaes por meio de uma manga dirigidos para o incendio abafam-no immediatamente.

A theoria favorece as vistas do inventor quanto ao resultado; toda a difficuldade está na practica, isto é, no tornar bem menciavel um cylindro, que deve ser muito pesado, e do qual os gazes se desenvolvem n'uma temperatura mui alta. Entretanto o auctor fez já alguns ensaios, que corresponderam ás suas esperanças, e nós ousamos dizer que aperfeiçoado o maquinismo, este invento será um dos mais vantajosos para a humanidade.

Magnetismo animal.

Na Inglaterra continuam com afan experiencias sobre este objecto.

Somnambulismo — No mez de março tiveram lugar algumas reuniões da Sociedade, que em Londres se creou com o fim de investigar os factos do magnetismo animal, e nellas se fizeram alguns ensaios.

Ellen Dawson foi o exemplar de que se serviram. Um dos socios, que se poz em relação com ella, mandou-lhe que o acompanhasse a Dover sua residencia, e a magnetisada, sem sair da casa em que estava, foi referindo os logares por-

que passava para chegar á residencia do magnetisador. Descreveu varios moveis da mesma casa, e ainda que algumas vezes o fez incorrectamente, todavia outras fallou tão exacta, e circumstanciadamente, que admirou.

Em sessão do dia seguinte chegou até a descrever exactamente um quadro existente em casa de um parente do magnetisador na cidade de T. onde por certo ella nunca tinha ido, como se deduz do maravilhosos que todos ficaram.

Mr. James Braid em carta escripta no mez passado (maio) ao Editor do *Critic* expoe factos, que parecem confirmar o *phreno magnetismo*. Acompanha-os d'uma theoria, em que admittre tres estados ou grãos de *Hypnotismo*. (Elle substitue esta palavra ás de Mesmerismo, e Galvanismo animal que poderiam suscitar a alguém ideas inexactas.)

No 1.º grão o somnambulo não está sujeito á vontade do agente, responde aos circumstantes, e depois de acordado, lembra-se do que se passou durante o somno.

No 2.º grão sens musculos sensiveis a qualquer titillação, contrahem-se facilmente; seguem-se depois movimentos reflexos em que se nota uma synergia em determinados musculos conforme a parte irritada.

Estes movimentos são acompanhados da manifestação de sentimentos ou em geral do exercicio das faculdades proprias do organ, donde partiu o movimento reflexo. Depois de acordado o paciente não se recorda do que passou; mas de novo *hypnotisado*, reassume as mesmas idéas, os mesmos sentimentos, de que estava possuido ao acordar.

No 3.º grão ha rigidez de musculos; mas a continuação de uma irritação forte sobre elles pôde fazer tomar a essa parte do corpo uma direcção contraria á que tinha, em consequencia da continua, e não interrompida acção dos musculos antagonistas.

Em tal estado o paciente perde todo ou quasi todo o sentido do tocar, obedece

única, e cegamente ao agente; quando dominado por uma idéa, obra semelhantemente aos monomaniacos.

Mr. J. B. põe suas duvidas á decantada perspicacia dos somnabulos, e recommenda aos experimentadores, que não se contentem com tapar-lhes os olhos, mas se acantelem de bulir inadvertidamente com os labios, porque sem o saberem poderão declarar o que se passa no seu pensamento; e então o paciente pela grande relação em que se acha com o agente seria capaz d'ouvir o que ninguem mais pudera.

O Dr. Wagner's admittê a possibilidade d'essa admiravel perspicacia, e cita factos muito notaveis. De uma senhora pertencente a uma familia, que reside na Prussia, falla elle, a qual contava successos passados áquella hora em lugares distantes, e que depois foram achados exactos.

Apaixonado pelas doutrinas dos Allemaes elle admittê a existencia do principio universal da vida, que, animando todos os seres creados, combe ao homem em mais vantagem a porção: accumulada no plexo solar do agente, e d'ali communicando-se para a espinal medulla, pode ser transmittido pelos dedos d'ambas as extremidades ás extremidades do paciente, mediante a accção do cerebro, excitada pela força da vontade.

Mr. W. Newnham em uma obra recentemente publicada cita alguns dos casos observados por Mr. Ribes, Bourdois, Foissac, e Segalas, e entre estes é notavel a provocação que o somnambulo fez a um dos circumstantes, o qual lhe tirára a venda dos olhos para examinar, se ella tinha por onde pudesse entrar-lhe luz. Consistia a provocação em fixar na parede com obrea branca qualquer carta de jogar, de forma que ficasse com as costas para fóra. Assim se fez, e o somnambulo apenas foi chamado adivinhou qual ella era.

Outro facto mui notavel se observou mais, posto que só depois de varias ten-

talivas, porque o gráu do somnambulismo conveniente não é facil de calcular. Foi o seguinte: — mandavam dizer os espectadores em carta fechada ao magnetizador o que elle devia ordeuar mentalmente ao magnetizado; quando uma d'essas cartas veiu opportunamente, o paciente estorceu-se com repugnancia, subiu a uma cadeira, e d'alli se arrojou aos braços do magnetizador. Viu-se depois que era isto exactamente o que na carta se determinava.

O A. corrobora a possibilidade d'estes factos com outro tirado da obra de Mr. Sandby's. Era uma joven senhora Inglesa, que dorida pela morte de um seu parente, ficou sujeita a ataques nervosos, os quaes terminavam por somnambulismo natural. Neste estado bastava-lhe passar a mão per sobrequalquer papel impresso, ou manuscripto para dizer o seu conteúdo.

Emprego therapeutico:—

1.º J. T. artista de Bristol padecia ataques periodicos de gotta com dores insupportaveis nos pés. J. W. R. persuadiu o, que se deixasse magnetisar; logo á primeira tentativa o doente que pouco antes se horrorisava só com a idéa de lhe tocarem, pôde, sem a concurrencia do somno magnetico, dar passeios por toda a casa, havendo na parte enferma uma visivel desintumescencia. Durou este allivio seis a septo horas; então repetido o processo, no qual o correr (*passes*) era feito na direcção dos pés, obteve novo allivio. Assim se passaram alguns tempos, no fim dos quaes o doente ficou completamente curado.

2.º Hon. Mrs. Hare, senhora de consideração, padecia desde muitos annos ataques que o Dr. Eliotson qualificára de nervosos. Quantos medicamentos foram julgadas a proposito para combater a molestia, como a digitalis, saes de potassa com espirito de junipero, opio, acido prussico &c. os tomou ella debalde. Recorreu a Mr. Kiste, que pu-

successivas magnetisações a curou completamente, e lhe tornou possível o abster-se do opio, cujo uso quotidiano os seus padecimentos lhe tornavam atéli indispensavel.

3.º *Charles Chiffinch de Combe Down*, que padecia uma surdez, recorreu a *S. D. Saunders*: este pela applicação dos processos magneticos não pôde restabelecer-lhe completamente o ouvir, mas as melhoras foram consideraveis. Nesta applicação factos notaveis se observaram.

Mrs. S. que sentada diante do magnetisado com um pé lhe tocava a cadeira, passou a estado de somnambulismo, estado a que Chiffinch não pôde chegar; e quando foi acordada estava surda d'ambos os ouvidos; foi necessario magnetisa-la de novo *devidamente*, para que recobrasse o ouvir.

Quando Mr. S. D. poz uma das mãos sobre o alto da cabeça de Chiffinch como para lhe conciliar o somno Mrs. S. que já estava em somnambulismo fallou em uma pessoa, que prérgava um sermão. É de notar, que a mão fôra collocada sobre o que os Phrenologistas chamam organ da veneração (sentimento religioso). Tambem ella deu signaes de jovialidade, quando foi posta a mão sobre o organ respectivo na cabeça de Chiffinch.

O que deixamos dito é sufficiente para mostrar, que o magnetismo animal continúa a occupar a attenção de muitos sabios estrangeiros.

(Continuar-se-ha.)

G. de A.

Resenha de varias experiencias e observações feitas em Coimbra.

Pelo Sr. Macedo Pinto. —

Em casa do Sr. Dr. Fernandes Thomaz Lente de Philosophia, foi tres vezes magnetisado um joven parente seu de idade de 14 a 15 annos pessoa de character ingenuo. Ainda hoje confessa, que estivera verdadeiramente magnetisado:

Conheceu uma Senhora, que chegara já depois de o terem magnetisado, e fallando-lhe o Sr. Fernandes Thomaz ao ouvido em alta voz, elle não lhe respondeu, mas fez-lo, desde que lhe fallou a região epigastrica. É de notar, que elle tractava o Sr. Fernandes Thomaz com todo o respeito. Assistiram a estas experiencias entre outras pessoas distinctas os Srs. Dr. Barjona, que não se deu por convencido, e João Ribeiro da Silva Arango official de Infantaria. O Sr. Macedo Pinto quiz fazer no mesmo individuo quarta experiencia, e não lhe foi possível: depois não teve occasião de fazer nova tentativa.

Em casa das Sr.ªs Neves foi magnetisada uma menina de 9 a 10 annos antes da grande voga do magnetismo. Assistiram alem da familia da casa outras pessoas conspicias

Em casa do Sr. Dr. Gomes Ribeiro, Lente de Medicina foi magnetisada duas vezes uma menina parenta sua de 10 a 11 annos de idade, e por tres vezes uma criada de 20 annos pouco mais ou menos. O Sr. Dr. Barjona, que assistiu a dous d'estes ensaios ainda não saiu completamente convencido, O Sr. Dr. Paes Lente de Medicina tambem ficou d'uma vez duvidoso, mas de todas as outras não lhe restou escrupulo. Assistiram mais a estas experiencias os Srs. Drs. Peres Lente de Medicina, Ferrer, e Seiga Lentes de Direito, Mamede Lente de Mathematica, Doria Dr. em Medicina, &c.

Em casa do Sr. Dr. Antonino, Lente de Philosophia, foi magnetisado o Sr. H. Carlos de Miranda estudante do 1.º anno de Direito e um criado do Sr. Antonino chegado pouco antes de Anadia.

Este não tinha conhecimento de magnetismo, e aquelle é pessoa de toda a prohibidade.

O mesmo Sr. Miranda foi ultimamente magnetisado em sua casa por duas ou tres vezes e desde então sentiu allivio em incommodos que soffria durante o somno. Assistiu o Sr. Sousa Gonçalves, estudante de Medicina, com outras pessoas.

No Observatorio astronomico foi magnetisado um criado do Sr. B. J. Ferreira: assistiu o Sr. Dr. Marques, Lente de Philosophia, e outras muitas pessoas.

Em sua propria casa magnetisou o Sr. Macedo Pinto os Srs. D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, estudante de Direito, e Ignacio Rodrigues d'Almeida, de Medicina cada um por duas vezes. Magnetisou ainda outro estudante, e um rapaz de pouca idade. A probridade d'aquelles estudantes é reconhecida. Assistiu entre outras pessoas o Sr. Antonio Carlos Dr. em Medecina.

Em casa do Sr. Dr. Justino Lente de Direito pertendeu o Sr. Macedo Pinto magnetisar alguém, e não lhe foi possível. O mesmo lhe aconteceu por outras vezes.

Não mencionamos os phenomenos ordinarios observados em cada um d'estes casos porque no N.º 5.º da R. Academica o Sr. Macedo Pinto os deixou descriptos debaixo da epigrapha de — phenomenos positivos e duvidosos. —

—Pelo Sr. Pina Rollo.—

O Sr. Pina Rollo, Official de Marinha, e estudante de Mathematica e Philosophia, foi um dos magnetisadores mais distinctos, e de cuja dexteridade somos nós testemunhas. Tem magnetisado um grande numero de pessoas, e tantas que não nos é possivel mencionar senão alguns casos mais notaveis.

Em casa do Sr. Francisco José Gonçalves de Lemos foi magnetisado um rapaz criado seu de 18 annos de idade que não tinha conhecimento do que era magnetismo.

Indicava todas as pessoas, que o tocavam, apesar de estar rodeado por grande numero de circumstantes, a muitos dos quaes não podia ver, mesmo quando tivesse os olhos abertos. Assistiram os Srs. Drs. Cesario, Lente de Medicina, Constantino, Advogado, Augusto Cesar de Sousa, B.º formado em Medicina, e Provedor do districto, José

de Mello Gouvea B.º formado em Philosophia, &c.

Em casa do Sr. Dr. Agostinho José Pinto, Lente de Prima de Mathematica foi magnetisado um rapaz de 10 annos de idade, que apresentou os phenomenos ordinarios. Assistiram alem da familia da casa, os Srs. Governador Civil, e Militar, e o Sr. João Thomaz de Sousa Lobo Lente de Theologia.

Em casa do Sr. Dr. Serpa Machado Lente de Prima de Direito e Par do Reino foi magnetisado o Sr. D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo. Assistentes os Srs. Drs. Forjaz Lente de Direito, Ferraz Lente de Theologia, Miguel Ribeiro, e Francisco Antonio de Mello.

Na mesma occasião fei magnetisado um pequeno preto, pertencente ao Sr. Dr. Luiz Ferreira, e como o Sr. F. A. de Mello durante o processo fizesse no paciente alguns toques, quando depois o Sr. Pina Rollo quiz praticar a desmagnetisação, debalde o tentou: lembrando então que o Sr. Mello estivera em relação com o magnetisado, concorreu este para a desmagnetisação, e ella teve immediatamente logar.

Em casa do Sr. Castro Freire Lente de Mathematica foi magnetisado o mesmo Sr. D. Antonio em presença da maior parte do corpo Cathedratico. Os phenomenos apresentados foram os ordinarios.

—Pelo Sr. Sanches.—

O primeiro que em Coimbra praticou o magnetismo, o Sr. Sanches fez muitos e mui repetidos ensaios em presença de todas as pessoas que quizeram assistir. Não escolhia elle os magnetisandos, mas convidava qualquer pessoa que mais incredula fosse. Assistiram a estes ensaios os Srs. Drs. Jeronimo José de Mello Lente de Physiologia, Paes, Macedo Pinto, Antonio Carlos, Francisco Antonio de Mello, todos medicos, alem de innumeraveis pessoas, que o não eram.

O Sr. Alexandre de Moraes ainda

Loje confessa, que fôra verdadeiramente magnetizado pelo Sr. Sanches.

Outras muitas pessoas magnetisaram, e foram magnetizadas em Coimbra; fastidioso seria enumerar-las. O Sr. Agapito Barboza da Paz, bem que por uma vez se fingisse magnetizado, d'outra sabemos nós, (e teve logar em casa de membros d'esta redacção) na qual elle não pôde deixar de confessar, que effectivamente estava em perfeito somnambulismo, porque sendo picado fortemente n'uma mão, não pôde depois lembrar-se de semelhante cousa, por mais que tentou adivinhar.

RESUMO DE PRELECCÕES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

(Continuado da pag. 104)

IV.

Augmento de densidade no sangue.

Da jugular externa de um cão, de constituição robusta, extrahimos 5 onças de sangue, das quaes recebemos duas em dous copos, e lançámos n'um d'elles algumas gottas da seguinte dissolução.

R. Sulfato de quinino $\frac{1}{2}$ oit.
 Agua distillada 4 onç.
 Acido sulfurico 10 gott.

O que nos sobrou d'esta dissolução, injectámos-lo na veia que havíamos aberto. Passados dez minutos morreu o animal, e sua morte foi precedida de movimentos convulsivos; e a disseccção a que procedemos 48 horas depois mostrou-nos o seguinte: — Pulmão de uma côr escarlate muito vivo com manchas de roxo escuro, e este estado manifestava-se mais do lado opposto ao da injectação; — seu tecido apresentava uma congestão de sangue escuro, e viscoso com as mesmas manchas que a superficie exterior; — não crepitava, e parecia ter soffido a 1.º gráu de hepatisação. — Tra-

chea, e bronchios muito injectados, tanto mais quanto se approximavam das ultimas ramificações. Tres pollegadas distante do estomago encontrámos abraçando o esophago pela parte exterior um tumor que depois de aberto nos mostrou uma grande quantidade de *fillarias*, que, as maiores, orçariam por uma pollegada de comprimento — estavam recolhidas em cellulas formadas por tecido cellular muito duro. As cavidades direitas, e esquerdas do coração estavam distendidas por coagulos de sangue muito escuro; nas primeiras não vimos cousa alguma que nos inculcasse a existencia do ar, e nas segundas vimos que estes coagulos se extendiam pelas veias pulmonares e aorta. Na auricula direita, e systema venoso existia menos quantidade de sangue, do que na esquerda e systema aortico, pois neste o sangue se espalhava até as pequenas ramificações. O figado exteriormente apresentava manchas mais escuras, que as do pulmão, e interiormente uma congestão de sangue venoso. O estomago, e intestinos delgados tinham manchas analogas ás que havíamos notado no pulmão, mas eram mais superficiaes. O cerebro estava exteriormente injectado por sangue escuro, e interiormente no estado normal; — a choroidea estava muito injectada.

O sangue que tinhámos extrahido do animal, e que receberamos em dous vasos, n'um foi alterado por algumas gottas da dissolução acima mencionada; notámos que a coagulação d'este teve logar um minuto primeiro que o natural, e nos apresentava na sua superficie pontos arroxados inteiramente semelhantes á côr das manchas pulmonares. Ao cabo de 10 minutos poucos pontos se notavam, e passados tres dias ainda conservava o mesmo estado — o coagulo cortado perpendicularmente mostrava mais consistencia que o natural, e no seu interior notavam-se os mesmos pontos roxos: — o soro tinha a côr natural.

A um cão de mediana grandeza, e muito mal alimentado foi-lhe aberta

uma das jugulares externas, extrahimos-lhe 6 onças de sangue, e ao depois injectámos lhe com uma seringa de metal 4 onças da seguinte infusão —

R.* Quina..... $\frac{1}{2}$ onça.

Faça infusão para . . . $\frac{1}{2}$ lib.

O animal ficou triste — o pulso cheio e frequente — 24 horas depois d'esta operação deu-se lhe uma sangria na mesma veia, e o sangue coagulava á medida que caia no vaso, apezar da abertura da veia ser larga, e o jacto grosso. Meia hora depois começou a apparecer o soro, sendo de notar, que a separação d'este era mais rapida que no sangue natural — viam se pontos roxos, que depois se reuniram n'uma mancha no meio da superficie do coágulo. Quanto ao mais, notámos-lhe os mesmos phenomenos que nos apresenton o sangue alterado pelo sulfato de quinino. O animal foisuccessivamente recuperando o vigor, e passados 7 dias pareceu-nos estar restabelecido.

Em um cão grande e forte injectámos pela jugular externa —

R.* X.* simples..... 4 onças.

E depois da operação observámos — o pulso cheio e frequente — algumas horas depois tardo, e ainda cheio — no dia seguinte o animal estava quasi restabelecido e então injectámos-lhe novamente

R.* Oleo commun..... 2 onças.

Suspenderam-se depois d'esta nova injectação por alguns momentos as palpitações do coração, que reappareceram tumultuosas e com maior energia — passado pouco tempo o animal caiu em grande prostração — a respiração difficil e stertorosa, acompanhada de grandes esforços para fazer as inspirações — ao cabo de dez minutos o animal morreu, sendo a sua morte precedida de dejecções de urinas, onde claramente se reconheciam algumas gottas de oleo commun. A dissecação teve lugar dois dias depois da morte e observámos — nos pulmões nodos fuliginosas, e con-

gestão de sangue venoso — na larynge e canaes aereos um liquido sanguineo escuro — as cavidades direitas do coração distendidas por coagulos de sangue, e este misturado com azeite: — não encontramos signal algum da introdução do ar.

Num cão pequeno injectámos por uma das jugulares externas 4 onças da seguinte infusão

R.* Cravagem..... 4 oitava

Faça infusão para . . . $\frac{1}{2}$ libra

Durante a operação vimos que o animal fazia grandes inspirações, manifestando signaes de viva anciedade — as palpitações do coração eram pequenas, frequentes e irregulares — 6 minutos depois morreu o animal. — Procedemos immediatamente á dissecação e observámos — as cavidades direitas do coração muito distendidas por sangue não coagulado, mas excessivam ute grosso, e de côr mui semelhante á do vinho mosto do Douro — o sangue das cavidades esquerdas e arterias sem differença alguma — os pulmões de côr natural, e nenhum indicio de alteração sensivel. — Exposto o sangue ao ar, coagulava mais rapidamente que o natural, mas esta coagulação era imperfeita, e o coágulo molle.

D'este mesmo cão tínhamos recebido antes da injectação duas onças de sangue, cada uma em seu vaso, e em um d'estes algumas gottas da precedente infusão. Notámos que no ultimo vaso a coagulação principiou primeiro, mas foi mais demorada — o coágulo tinha menos consistencia que o natural, e sua côr tambem era mais escura.

As propriedades physicas do sangue foram alteradas na 1.^a e 2.^a experiencia, porque houve augmento na sua densidade e viscosidade; tambem nos pareceu, que as propriedades vitaes soffreram alguma modificação, porque a sua coagulação era mais prompta.

O estar o sangue debaixo d'acção do systema vascular nada influuiu no resul-

tado; por que notámos que a alteração era a mesma quer o sangue estivesse fora, quer dentro dos vasos; julgamos igualmente, que o acido sulfúrico não teve parte alguma nesta modificação, porque observamos os mesmos phenomenos, quando empregamos a quina ou o sulfato de quinino.

Na 4.^a *experiencia* parece-nos, que a existencia dos coagulos sanguíneos nas cavidades esquerdas e aorta inculcam, que o sangue coagulou rapidamente debaixo da influencia do sulfato de quinino, e não deu occasião a que o systema aortico evacuassee o sangue nos últimos momentos da vida; e por isso temos para nós, que a morte do animal foi causada pela rapida coagulação do sangue nos vasos.

Nas *experiencias* 3.^a e 4.^a a crase do sangue foi alterada pelo augmento de densidade e viscosidade e por isso a circulação tornou-se mais difficil. Esta modificação do sangue occasionou as alterações anatomicas, que observámos semelhantes ás das *experiencias* antecedentes; e, com quanto tenham sido produzidas por diferentes agentes pharmacologicos, são todavia dependentes de uma alteração do sangue um pouco semelhante. O apparecimento do oleo commum na ourina prova evidentemente a tendencia, que a economia animal tem para depurar o sangue por meio d'este emunctorio de tudo aquillo, que pôde alterar a sua crase normal.

Na 5.^a *experiencia* observámos, que a integridade do sangue foi alterada, e vimos, que esta alteração se generalison a todo o systema sanguíneo. A morte rapida a que o animal succumbiu provem talvez do insolito estimulo do sangue, assim alterado. As alterações do sangue, que observámos nesta *experiencia*, explicam-nos de algum modo as virtudes hemostaticas, que se tem pertendido attribuir a principios da cravagem.

(Continuar-se-ha.)

J. F. de Macedo Pinto.

BAROMETRO.

O peso da atmospherá, hoje demonstrado por tantos e tão variados meios, foi inteiramente ignorado ate meiado do seculo XVII. Os principios da sã philosophia começavam já a diffundir seus raios luminosos pelo orbe scientifico; mas ainda as doutrinas da eschola peripatetica eram quasi geralmente seguidas na Europa; e no principio d'este seculo se ensinava na Universidade de Pariz pelos livros de Aristoteles: o qual tendo apenas suscitado o peso do ar, pesou successivamente ao ar livre um odre vazio, e cheio d'ar, e não lhe achando differença como não devia achar, concluiu erradamente que o ar não era pesado.

O *horror da natureza ao vacuo* era um dos principios d'esta eschola, e com elle se explicava o ascenso dos liquidos na bombas. Supunha-se que o vacuo não podia naturalmente existir por ser uma ferida na natureza que os corpos não consentiam, cedendo até do seu proprio peso, para a sanar. A Galileo é que estava reservada a gloria de mostrar a falsidade d'este principio e descobrir a verdadeira causa do phenomeno.

Havendo certos artifices construido na cidade de Florença uma bomba que devia elevar a agua a mais de 32 pés, viram com espanto que ao jogar com o embolo a agua não subia acima d'esta altura. Foram perguntar a Galileo a razão de phenomeno tão novo e tam contrario aos principios da sua philosophia; ao que elle respondeu:—que a natureza não tinha horror ao vacuo senão até a altura de 32 pés.

Não desconhecem o Philosopho o frivolo d'esta resposta: bem viu elle que este facto observado pela primeira vez na natureza exigia uma nova explicação e guiado pelo seu talento de grande experimentador reconheceu a falsidade do principio e demonstrou que o peso da

atmosfera, e não o horror ao vacuo, era a causa da elevação da agua.

Todavia esta importantissima descoberta ia quasi a descer com elle á sepultura porque em 1642, quando ja estava proximo ao termo de sua vida, é que elle a communicou a seu discipulo Torricelli, o qual um anno depois a divulgou e construiu primeiro o barometro ainda hoje conhecido pelo nome de tubo de Torricelli.

A's observações de Torricelli vieram juntar-se as de Pascal que notou no barometro a elevação do mercurio no alto e nas faldas de Puy-de-Dome e reconheceu, pela variação d'altura que era o peso da atmosfera a causa da differença do nivel de mercurio dentro e fora do tubo: desde então o peso da columna barometrica ficou sendo a expressão da columna d'ar que se eleva desde a superficie exterior do mercurio até os limites da atmosfera. O mesmo nome do barometro o indica — é derivado de duas palavras gregas que significam medida do peso do ar.

A altura medida da columna de mercurio é de 0, 76 ou 28 pollegadas, que equivalem a uma columna d'agua de 32 pés d'altura. Na celebre viagem aerea de Mr. Gay-Lussac feita em 1804, em que elle se elevou a mais de 3180 braças acima da superficie do mar, o barometro chegou a descer a baixo de 0, 33 ou 12 pollegadas.

Antes de se haver consultado a experiencia, suppunha-se que o mercurio devia subir com o tempo chuvoso e baixar com o tempo secco e bom, por estar a atmosfera, no primeiro caso, mui carregada com os vapores aquosos: — a observação demonstrou que succedia exactamente o contrario.

Quiz-se recorrer á differença de densidade por ser o vapor aquoso mais leve que o ar que por elle se suppunha substituido: mostrou todavia a experiencia que a quantidade de vapor que um espaço determinado é capaz de conter em uma temperatura dada é a mesma,

tanto no vacuo como no ar livre, e tambem que a elasticidade do ar é augmentada com a do vapor; — d'aqui deviam resultar phenomenos contrarios.

Entendia o Barão de Leibnitz que o mercurio devia descer em tempo chuvoso por cairem os vapores que tinham estado suspensos no ar, ficando este por isso menos comprimido e mais leve; mas então qual seria a razão da subida do mercurio quando, tendo caído a maior parte dos vapores, o tempo passa de chuvoso para bom? — Não se acha pois este phenomeno exactamente explicado: as agitações constantes da atmosfera e a variação da temperatura são, quanto a nós, as principaes causas d'elle, porque no tempo quente a atmosfera contém mais quantidade de vapor, o que, como sabemos, augmenta a força elastica do ar.

Deixando porém a theoria e consultando a experiencia, os factos geraes que ella demonstra, posto que com algumas excepções, são os seguintes: —

1.º — As maiores variações do barometro são no universo; e mais sensiveis nos paizes frios que nos quentes.

2.º — Em tempo bom, fixo, secco e sereno, sustenta-se o mercurio ordinariamente em maior altura.

3.º — Em tempo mudavel, chuvoso, tempestuoso ou mui humido, a altura do mercurio é menor.

4.º — Se em tempo bom começar o mercurio a descer, é igual de chuva ou vento: mas se o tempo for mui calmoso é ordinariamente igual de trovoadas.

5.º — E se estando o tempo chuvoso, o mercurio subir constantemente, indica proxima mudança para bom tempo.

Mas não são só estes os usos do barometro: hoje elle tem-se tornado um instrumento precioso nas mãos do physico e do geografo, e suas applicações são mui extensas. Com elle se calcula a pressão da atmosfera sobre uma superficie dada: sua expressão é o peso d'uma columna de mercurio, que tenha por base

a superficie, e por altura a da columna barometrica. Serve para determinar a força elastica dos gazes debaixo de pressões menores que a da atmosphera; para provar o vazio da machina pneumática, ou demonstrar a quantidade d'ar, que fica, depois d'um vazio qualquer.

Serve tambem o barometro para medir as alturas, e com tal exactidão, que o erro nas maiores pode quando muito ser de 2 ou 3 covados; e dá por consequente a altura d'um lugar qualquer acima do nivel do mar, com tanto que haja uma serie d'observações, feitas com cuidado, para com os seus dados se usar da formula, demonstrada pelo sabio auctor do codigo das leis do Céu—Mr. Laplace.

O Geographo em fim pode tirar do barometro mui grande utilidade. A longitude e latitude dão as posições dos pontos na superficie do nosso globo; mas como elle é um espheroides irregular, precisa-se tambem saber quanto esses pontos estão acima, ou abaixo, da superficie do mar; o que pôde indicar o barometro. Para o que seria preciso fazer em cada lugar uma serie de observações do barometro e thermometro, durante muitos annos, empregando-os bem feitos e comparaveis, para deduzir a temperatura e altura medias do mercurio. — Um igual trabalho, que podia facilmente, como diz o insigne Mr. Biot estender-se a toda a Europa, daria nesta parte do globo a mais bella um nivelamento completo, e muito mais extenso, que o que dão as linhas trigonometricas; indicaria perfeitamente a direcção das cadeias de montanhas, e a inclinação dos rios; e, melhor que simples descrições, faria sentir por toda a parte a forma do terreno. A geographia physica, mui pouco cultivada entre nós tiraria pois d'ahi sem duvida uma grande utilidade.

A sensibilidade ás pequenas variações d'atmosphera, a destruição da acção capilar de tubo barometrico, a corres-

pondencia constante da superficie exterior do mercurio ao zero do tubo, e a facilidade do transporte, sem perigo de se quebrar o tubo, tem sido outros tantos motivos, que tem atrahido em diversas épochas as attensões dos philosophos, para modificarem d'infinitas maneiras a forma dos barometros. D'entre todos o mais simples é o chamado de — *tina*; e os mais notaveis são os — de *riagem* e de *syphão* de *Gay-Lussac*, o de *Fortin*, que o tornou portatil e de nivel constante; e o de *quadrante*. — Neste ultimo um pequeno cursor na superficie exterior do mercurio, estando preso a um *fil*, que passando por cima d'uma roldana, se equilibra com outro peso suspenso ao mesmo; se eleva ou abaixa com o mercurio, fazendo mover a roldana, á qual vai presa uma agulha, que n'um circulo graduado marca sensivelmente os mais pequenos movimentos. Este seria de todos o mais sensivel, a não ser a inexactidão dependente dos atritos, e de que o peso d'agulha não é o mesmo nos diversos quadrantes.

(Continuar-se-ha)

L. Albano.

(I. D.)

EUGENIO SUE

E OS

MYSTERIOS DE PARIZ.

Quando um livro, ao sair debaixo da penna de seu escriptor, corre por toda a parte, é por todos lido e tem uma voga extraordinaria, nem sempre se segue que é uma obra prima, que arrostará o olvido dos seculos: do mesmo modo que ás vezes um livro ao principio ignorado e sem nome vem a ser para as gerações futuras um dos melhores monumentos do seculo, em que fôra escripto, e a gloria de um genio, que só no tumulo pôde alcançar justiça dos homems. *Shakspeare* hoje como dramatico

immensamente superior a *Voltaire* só foi conhecido na Europa depois que o poeta francez elogiou o seu merito, e só verdadeiramente avaliado, depois que entre as ruinas de uma eschola mais moderna do que a sua os poetas da Alemanha arvoraram de novo o pendão do *romantismo*. O *Paraiso Perdido* de *Milton*, que hoje entra no numero das grandes obras da litteratura europea, foi despresado em vida do poeta, ao passo que a Inglaterra festejava com ardor a sua *Iconoclasta*, que hoje só é conhecida pelo nome de seu auctor.

Quando um homem dá um passo agigantado no caminho do pensamento humano, e apresenta ao mundo o que a maior parte d'esse mundo não pôde comprehender, é preciso renunciar aos louros do seu tempo, para receber os louros sinceros e immarcesciveis da posteridade; em quanto que aquelle, que escreve para agradar ao paladar de seus contemporaneos, troca todo um futuro de gloria duradoura pelas palmas ephemerias de um triumpho momentaneo. E é com muita razão que diz *Labruyere* — « Aquelle que só escreve para os homens do seu seculo, cuida mais em si do que nos seus escriptos. »

Uma obra litteraria ali avulta hoje, que mais do que todas as contemporaneas tem percorrido a Europa — Os *Mysterios de Pariz* de *Eugenio Sue*. Não queremos dizer com o que acima escrevemos que esta obra será bem depressa esquecida, como a *Iconoclasta* de *Milton*, e que nos devamos abster de proferir sobre ella um juizo em differencia ao juizo, que d'ella farão os vindouros: seria isso querer acabar com a critica, que desgraçadamente entre nós pouco mais é do que uma palavra, mas que para a Europa é uma poderosa alavanca de aperfeiçoamento litterario. Queremos dizer que a voga, que tem tido os *Mysterios de Pariz* não é signal caracteristico de um merito sem igual, nem da sua superioridade sobre todas as obras modernas de genero semelhante com ue-

nos fama e nomeada. Os *Mysterios de Pariz* tem defeitos, como hão-de te-los sempre as obras dos homens, ainda as mais perfectas; um porém dos seus principaes defeitos na parte philosophica será talvez o pertencer ao numero d'aquellas obras, que teem só um merito de circumstancia: dizemos na parte philosophica, porque em quanto ao que é imaginação Os *Mysterios de Pariz* são um romance, ou antes um encadeamento de romances, aonde se encontram scenas verdadeiramente bem escriptas, principalmente aquellas, em que avulta a naturalidade e a verdade, regra essencial e eterna de todas as obras de arte.

Quando uma qualquer d'estas obras de imaginação, não é feita com um fim, podemos applicar a sentença do auctor latino — *stulta est gloria*. Na antiga eschola litteraria já as tragedias nos faziam interessar pelo ideal da virtude, e as comedias pintavam o ridiculo dos homens e serviam para corrigir os costumes. Mas é principalmente á eschola litteraria moderna que cabe a gloria de fazer da litteratura um meio e não um fim, — um meio de aperfeiçoamento moral. Nem sempre todavia os modernos teem seguido esta regra, e muitas vezes infelizmente são prejudiciaes os fins, que o auctor da obra teve em vista, como o pensamento de *Goethe* no seu *Werther*, que parece pertender sanctificar o suicidio. *Eugenio Sue* nos seus *Mysterios de Pariz* tem por fim um pensamento novo, — o de mostrar os vicios não só dos homens considerados abstractamente, mas especialmente os vicios da nossa sociedade actual, e a maneira de remedial-os. É nesta segunda parte, na parte philosophica da sua obra que a critica tem de impugnar o auctor dos *Mysterios*.

Eugenio Sue descobriu um novo caminho, coube-lhe essa gloria sempre grande, mas não tirou todas as vantagens da sua nova posição, não nos apresentou o que o raciocinio lá lhe devia mostrar, não tirou dos factos a philosophia, que elles encerram. *Eugenio Sue* conduz nos

atravez dos horrores da corrupção do nosso seculo, mostra-nos um grande numero de crimes, de attentados tenebrosos, de desgraças as mais terriveis e pungentes, filhas da organisação da nossa sociedade, conduz-nos ao meio de gerações infectas, que se revolvem no lodo das cidades esmagadas pelo carro duro e sem piedade da nossa civilisação imperfeita: *Eugenio Sue* procura as causas de todos estes diversos acontecimentos, e pretende dar-lhes remedio. Mas o que *Eugenio Sue* parece não ter considerado é que no mundo social bem como no mundo moral e no mundo material, ha sempre uma causa unica para um grande numero de acontecimentos, que esses acontecimentos estão ligades por uma lei constante, que é necessario passar da analyse dos phenomenos á lei, que os rege e d'ahi á sua causa: *Eugenio Sue* parece não lembrar-se de que em quanto se não obviar á causa, os effeitos hão-de sempre ter logar debaixo de qualquer forma; que se os remedios que propoe fariam cessar alguns dos terriveis males, que a nossa sociedade nos mostra a cada passo, o mal apparecerá eternamente, em quanto não for cortado pela raiz, em quanto não for analysada, conhecida e derribada a sua causa. Os males, que *Eugenio Sue* procura remediar não se remedeiam por certo pela abolição da pena de morte, pela lei do divorcio, ou por não sei que outras leis, que viriam augmentar o labyrintho das que já existem. Grande parte dos terriveis males, de que nos vemos cercados, provem da organisação da nossa sociedade, e só se poderá obviar a elles, reconstruindo esta até os alicerces, e ordenando de differente maneira todos os seus elementos. É isto o que para as gerações futuras será um axioma, e é por esta razão que lhes não agradará a philosophia de *Eugenio Sue*. A pena de morte é por certo abominavel, é um monumento da antiga barbaridade no meio da civilisação moderna; mas desgraçadamente muitos outros monu-

mentos barbaros ainda por ahí restam, e de tal modo ligados que só cada um deixará de perseguir nos, quando todos desabarem em ruinas. Será muito bom o systema penitencial de *Eugenio Sue*, mas só poderá admittir-se, quando todos poderem supporta-lo, quando as outras instituições sociaes com elle estiverem de acordo. Na sociedade actual existem homens, que de homens não teem mais que a figura, esses filhos da prostituição e do crime, que se revolvem no meio das immundicies asquerosas da miseria e do vicio, que não teem uma idéa de moral, nem differenciam-o justo do injusto, e que as circumstancias impellem irremessivelmente para a vereda do vicio e da perversidade, como se aquella fosse a vida habitual da especie humana. Como pôde um homem d'estes ter a consciencia de seus crimes? E por consequencia como pôde arrepende-se d'elles depois de cego? Como pôde tornar-se ainda proveitoso á sociedade? Como pôde viver na atmospheria da razão e da virtude, quem passou a vida toda respirando continuamente em uma atmospheria infecta de instinctos brutaes e vicios ignobeis?—O remedio para esta calamidade espantosa das nossas épocas não é arrancar os olhos a um d'estes homens, e arremeça-lo para o mundo com uma bolsa d'ouro na mão, o remedio não é só fechar este homem n'uma prisão solitaria. O remedio para livrar a sociedade d'esta raça de barbaros selvagens, que se agitam na miseria das cidades, é fazer desapparecer essa miseria, é fazer penetrar a luz da sciencia, da moral e da religião nessa atmospheria de vicios, é chamar essas gerações de miseria, que se revolvem no crime para o ar livre da sociedade, onde se gosam direitos, e onde se cumprem obrigações.

(Continuar-se-ha.)

Antonio de Serpa.

(J. D.)

TRADUÇÕES INTERLINEARES.

Se em toda a parte os methodos de ensino são considerados como um dos principaes instrumentos de aperfeiçoamento litterario, especialmente no que é de instrucção primaria e secundaria; entre nós que esta se acha por ora limitada a estudos classicos, não poderá ser indifferente qualquer melhoramento naquelle genero; consumindo a mocidade pelos methodos geralmente seguidos grande parte do tempo em estudo de linguas antigas. Pareceu-nos por isso de algum interesse trasladar de um jornal estrangeiro muito acreditado para a nossa Revista um methodo especial de ensino sancionado pela practica.

Em Julho de 1832 comecei a ensinar trez rapazes quasi igualmente ignorantes da lingua latina. Um d'elles nunca tinha lido uma só palavra; os outros alguma coisa tinham lido de grammatica. Immediatamente lhes puz nas mãos as fabulas de Phædro com traducção *interlinear*, a gramatica Latina Londinense, e as Raizes da lingua latina de Hall. Aprendiam cada dia uma fabula, uma porção de grammatica e uma pagina de *Raizes*. A 6 d'outubro tinham acabado Phædro e começado a ler Cæsar—Invasão Britanica—com a traducção *interlinear*; e ao mesmo tempo segunda leitura de Phædro sem entrelinhas. Durante este tempo faziam exercicios escriptos de substantivos declinados; de substantivos e adjectivos conjunctamente e conjugações de verbos em todos os tempos. Caminharam por Cæsar com muita facilidade; e a 3 de novembro passaram á *selecção de Methamorphoses de Ovidio* com traducção *interlinear*; no que se occuparam até o Natal. Por este tempo tinham acabado toda a grammatica e syntaxe (escripta em Inglez, traducção de grammatica d'Eton) e es-

tavam em termos de dar explicação das mais das palavras de suas lições; e adi-
antados em *raizes*.

Depois dos dias sanctos continuáram com Ovidio e regencia grammatical: o depois de acabarem 2.^a vez a syntaxe começaram com a prosodia, e sua applicação ao exame do livro, que aprendiam. Acabada a leitura de Ovidio, repetiram-no *sem traducção*, occupou-os este trabalho até principio do anno, e então lhes dei Cæsar *sem traducção*. Lêram doze capitulos do L.^o 1.^o continuando de quando em quando com Ovidio para refrescar a memoria, e a exercitarem-se na regencia. Por todo este semestre continuaram a repetir as *raizes latinas* de Hall, exercicios grammaticaes e regencia todos os dias. Os exercicios, escriptos eram a 1.^a parte dos de *Ellis* traducção ingleza de Cæsar e regencia.

O 3.^o semestre começou com a historia de Cæsar do principio do L.^o 1.^o, e no mez de novembro tinham acabado todo aquelle livro sem ajuda de *traducção*. Em setembro começaram a ler o 1.^o L.^o das Eneidas de Virgilio com *traducção interlinear*, e acompanhada a lição da regencia, e analyse grammatical; e antes dos dias sanctos tinham acabado o livro, e já repetido 2.^a vez mais de amate, como preparo para exame. Neste semestre os exercicios escriptos consistiram na 2.^a parte de *Ellis*, traducção e regencia escriptas. A repetição da grammatica fez uma parte do trabalho diario. Alguns trabalhos fizeram de versificação e sem nenhum encómmodo.

Depois dos dias sanctos continuaram com o 2.^o L.^o de Virgilio, dispensando o auxilio da *traducção*.

Agora estão em termos de traduzir exactamente todo o 1.^o L.^o das Eneidas; e 1.^o L.^o dos commentarios de Cæsar, apresentar a conjugação perfeita de qualquer verbo; genero e declinação de nomes; e construcções grammaticaes das mais e menos usadas; podem medir e dar as regras de qualquer verso do 1.^o L.^o das Eneidas; responder a perguntas

mythologicas, geographicas e historicas concernentes aquelle livro e a Caesar; e escrever com muito poucos erros dez ou doze sentenças de *Ellis*, P.º 2.º, de improviso, sem que antes as tivessem estudado. Tudo isto é o resultado do trabalho de anno e meio sem mais que o cuidado da attenção d'uma pessoa, dividida por dezoito alumnos de oito a dezeseite annos: e devo acrescentar que durante este tempo tem estudado outros ramos de uma educação liberal; taes como escrever, contar, geographia, francez &c.

Acrescentarei que foram examinados por pessoa competente com o resto dos discipulos antes das ferias; e dar-me-hoi por feliz em serem examinados por qualquer dos nossos amigos que desejar convencer-se da practica do methodo exposto.»

(*The Quartely Journ. of Education* N.º 14).

M.

RESIGNAÇÃO.

Como á flôr que o sol murchára
Da noite pede a frescura,
Como o nauta pede as ondas
A patria que em vão procura,
Como a mãe implora o filho
Que caiu na sepultura.

Como a alma compungida
Pede ao triste a solidão,
Como o poeta amoroso
Pede á lyra uma canção,
Como pede a hora da tarde
Um gemido ao coração.

Assim em meus tristes sonhos
Minha alma por tí anhela! . .
Porque escutar-me não queres?
Porque me foges donzella?!
Embora! . . que eu possa ao menos
Ao Senhor orar por ella.

(J. D.)

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA.

O Digno socio d'este Instituto, o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, e seu irmão, o Sr. José Feliciano de Castilho acabam de annunciar uma sua publicação do maior interesse para o estudo da lingua portugueza: é uma escolha do que de mais mimoso e perfeito se encontra em nossos poetas e prosadores classicos; acompanhando a colleção dos escriptos de cada auctor, a sua biographia, e o juizo critico de suas obras, sob o titulo de — *Livraria Classica Portugueza*.

Temos a maior fé no bom gosto de tão entendidos conhecedores; e esperamos que a facil leitura d'esta obra, que periodicamente irá saindo, e cujo modico preço faculta o seu conhecimento a todas as classes da sociedade, dê um poderoso impulso á regeneração e pureza do nosso elegante idioma portuguez; que tanto perigo vai correndo, degenerado, e envilecido, como anda, pelas mãos de tantos, até n'isto, homicidas villões ruins de nossa nacionalidade.

J. F. de Serpa.

ESTUDANTES DE BELLAS ARTES EM ROMA

D'uma statistica dos artistas nativos e estrangeiros que estão actualmente estudando e praticando em Roma se collige que o numero dos italianos é 542, fora os 2000 que trabalham no mosaico; o dos allemães 158, inglezes 35, francezes 25, dinamarquezes 31, russos 17, succos e noruegos 15, húngaros 11, polacos 7, belgas 10, hollandezes 5, hespanhoes 15, portuguezes 7, e americanos 14; e que dos estrangeiros se applicam 300 á pintura, 58 á esculptura, 39 á architectura, e 7 á gravura.

APPENSO AO N.º 8 DA REVISTA

ACADEMICA.

A discussão (1) que vai suscitando o artigo sobre magnetismo animal publicado no n.º 5.º da Revista Academica exige que a Sociedade Editora d'este jornal faça uma declaração, — a primeira e a ultima a semelhante respeito.

Todos os artigos, que occupam as columnas da *Revista Academica*, exceptuando os que veem da parte do *Instituto de Litteratura, e Arte Dramatica*, são previamente examinados e approvados por uma *Commissão Redactora*, seja qual for o credito de seus auctores; e o programma d'esta Commissão é desterrar do Jornal tudo quanto forem polemicas menos scientificas que pessoas, doutrinas perigosas em moral, questões que tenham a mais leve referencia ás crencas politicas de nossos concidadãos, ou quaesquer objectos, que possam porventura arriscar o credito do Jornal.

Vê-se pois, que a *Redacção* coherente, como tem sido, com este programma, e como sem duvida o será sempre, mau grado quaesquer pertencões, partam donde partirem, se tivesse a menor suspeita de que o *Sr. Macedo Pinto* não referia com exactidão as suas experiencias, havia de recusar publicá-las, porque recitaria de enganar o publico auctorizando factos não verdadeiros.

A *Redacção* porém, bem como toda a sociedade faltaria á missão do Jornal, se acaso não desse logar a que *scientificamente* se tractasse materia tão importante, e que tanto occupa hoje as attentões dos Physiologistas.

A *Redacção* sabia quanto os Jornaes scientificos estrangeiros se occupam hoje em registar factos, e observações, quanta pressa se dão em apresentar as differentes theorias, que d'essas observações teem deduzido sabios abalisados; e apesar de conhecer a microscopica figura que occupa a *Revista* entre os

(1) Art.º 4296, 4350, e 4371 da Revista Universal Lisbonense.

Jornaes que a tal assumpto se dedicam, esperava que os excerptos d'esses Jornaes, que neste numero se transcrevem, não fossem de tal modo *ignorados* por quem entra em discussões d'esta natureza, que fosse taxada de *leviandade* a publicação dos trabalhos de um Portuguez, e a exposição das suas experiências, observações e theoria, quando em França e Inglaterra se cuida do mesmo.

Felizmente factos não faltam, e as columnas da Revista mui bastos os apresentam; ignoral-os, nem pela mente dos Redactores podia passar como cousa possivel para quem habita Coimbra, e que se os não observou, foi porque não quiz.

A *Sociedade Editora da Revista Academica*, composta pela maior parte d'esses *estudantes amigos do Sr. Macedo Pinto*, que o rogaram, instaram mas não obrigaram (como se diz em um artigo publicadô na Revista Universal) a publicar as suas prelecções, convidou-o para Collaborador porque reconheceu o seu merito e talentos, e o Sr. Macedo não se esquivou a coadjuvar a empreza que a Sociedade havia tomado a peito, nem recusou dar valioso contingente a um Jornal no começo da sua carreira.

O Sr. Macedo pelas determinações da Faculdade de Medicina (1) dava então publicas lições de *Physiologia experimental*, e então fez o que deve fazer todo o homem amante do progresso das sciencias, consultou os factos, não decidiu *ex cathedra*. E da observação dos factos deduziu uma theoria, que submetteu ao criterio dos entendidos.

Estes seus trabalhos como parte das suas Prelecções foram publicados na *Revista*, o Sr. Macedo quiz desafiar uma discussão *scientifica*; a *Redacção da Revista* de muito bom grado franqueou as columnas do seu Jornal para servirem de campo (2).

(1) A Faculdade de Medicina incumbira ao Sr. Macedo o fazer Prelecções pelo despacho do theor seguinte = *Physiologia experimental* — Em conselho da Faculdade de Medicina de 20 de Fevereiro de 1843 — Campos P. — Não havendo por tanto programma algum, à vista do despacho, basta o compendio da aula de Physiologia pelo Sr. J. José de Mello para decidir a questão de nelle se comprehender ou não — o *Magnetismo animal*. —

(2) Temos a palavra d'honra do Sr. Macedo, que entre elle e o Sr. R. de Gusmão não houve colloquio sobre o seu artigo, se não em casa de um dos nossos

Nisto trabalhava em prol do progresso das sciencias, e nunca cuidou que em vez de impugnação seria e *scientificamente* apparecessem periodos fundados em simples negações, tendentes a menoscabar pessoas e jornal, e que a isso se chamasse artigos.

Mas o juiz competente é o publico, e para lhe dar uma satisfação é que a *Sociedade Editora* faz a presente declaração, á qual, por não ser objecto puramente scientifico, o programma da Redacção da Revista Academica não podia conceder logar nas columnas do Jornal.

D'este modo afastamos toda a idea de resposta *pessoal*, porque nunca desceremos a tal.

Coimbra em sessão de 25 de Junho de 1845

Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abru,

Joaquim Augusto Simões de Carvalho,

Manoel Maria da Silva Bruschy,

Pedro Nunes Leal,

João de Lemos Seixas Castello-Branco,

Isidoro Emilio Baptista,

José Vicente Barbosa du Bocage,

Sebastião Frederico Rodrigues - Leal.

Ao entrar no prelo esta nossa declaração, recebemos uma carta do Sr. Alexandre de Moraes, a qual por falta de espaço não podemos publicar.

O Sr. A. de Moraes estranha ao Sr. Gusmão o ter-se servido d'elle para argumento contra o Sr. Macedo Pinto, quando das suas expressões não podia tirar-se illação alguma contraria antes favoravel á realidade dos factos magneticos occorridos em Coimbra.

Convida o Sr. Gusmão a deixar-lhe o nome em repouso, e aconsellia-o a apresentar só os factos por si mesmo observados.

Socios o Sr. Simões de Carvalho, e alli não fallou em que tivesse modificado as suas idéas, mas só respondeu ao Sr. R. de Gusmão que estava prompto a entrar em polemica puramente scientifica porque reconhecia que o objecto admittia contestação.

ANNUNCIOS.

No N.º 12 termina a 1.ª serie da Revista Academica, a 2.ª começará a publicar-se no sabbado immediato a 15 de setembro proximo, e continuará saindo cada numero regularmente aos sabbados de 15 em 15 dias. Assigna-se em Coimbra no escriptorio da Redacção no theatro de S. Paulo, e nas lojas da imprensa da Universidade, Dardalhon, Mesquita, em Lisboa na da V. Henriques, e no Porto na de Moré.

As pessoas das outras terras que pertenderem assignar pôdem fazê-lo em caza dos correspondentes da Sociedade, que são os Ill^{mos} Srs.

Pedro de Sousa Guedes Aguiar. em *Guimarães*.

P.º João de Sousa Guimarães. *Barcellos*.

Joaquim João Judice. *Alagoa no Algarve*.

Christovão José d'Oliveira. *Madeira*.

Naquellas terras onde por não haver ainda numero sufficiente d'assignaturas, a Sociedade não tem correspondentes as pessoas que quizerem assignar pôdem dirigir-se directamente á Redacção em Coimbra.

Preço d'assignatura por 12 n.º 720 r.º.

A vulso 80 r.º.

A correspondencia será dirigida franca de porte á Redacção da Revista Academica.

Aos Srs. Assignantes, os quaes não participarem que não querem continuar a se-lo, serão remettidos regularmente os numeros da 2.ª Serie. Aquelles, que tiverem deixado de receber algum N.º da 1.ª serie, queiram participa-lo para serem indemnizados, e para de futuro se prevenirem iguaes faltas.

De toda a publicação litteraria, ou scientifica, de que se remetter um exemplar á Redacção, far-se-ha menção nas columnas do jornal acompanhada de um juizo critico.

(J. D.)

BIBLIOGRAFIA ABRÉVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

O manuscrito, que vamos publicar foi offerecido ao Instituto Dramatico pelo insigne litterato portuguez, e nosso illustre consocio, o Sr. Agostinho Mendonça Falcão. Já na *Chronica Litteraria* começou de inserir-se uma diminuta parte de obra tão acabada. O Instituto renova hoje o testemunho do alto apreço em que tem o A. e o manuscrito, apresentando-o entre as suas publicações.

Propozéira-se o A. dividir a obra em seis partes.

A 1.^a sob o nome de—Historias geraes—tracta-se dos AA. que escreveram a historia de Portugal, sem relação a algum reinado particular.

A 2.^a dos que escreveram da chorographia d'este reino, e topographia e historias particulares de suas cidades e villas, e das antiguidades da Lusitania, das moedas, e medalhas.

A 3.^a dos que escreveram a historia dos Soberanos portuguezes, pela ordem dos reinados.

A 4.^a dos escriptores da historia dos descobrimentos, e conquistas dos Portuguezes na Asia, Africa, e America.

A 5.^a dos escriptores da historia ecclesiastica de Portugal.

A 6.^a contém o catalogo dos AA. estrangeiros, que escreveram das nossas consas.

Pêza-nos que o A. não concluisse as ultimas duas partes, por cujo complemento ainda aguardamos. E recomendamos a leitura das outras aos que desejarem instruir-se no estudo de nossa historia, que este precioso trabalho muito facilita.

PARTE PRIMEIRA.

Dos Escriptores da Historia Portugueza em geral, naturaes de Portugal, ou suas conquistas.

I.

Ruy de Pina, natural da cidade da Guarda, chronista mór do reino e guarda-mór da Torre do Tombo, secretario de duas embaixadas, uma a Castella, outra a Roma, no reinado de D. João II, foi nomeado por este Monarcha por morte do chronista Gomes Eanes d'Azurara, para continuar as chronicas do reino, e mandado a Barcelona para compor as differenças, que se tinham suscitado com os reis catholicos Fernando, e Isabel sobre os descobrimentos do novo Mundo.

El-rei D. Manoel não só conservou a Ruy de Pina estes empregos, mas lhe fez varias mercês, como se póde ver na Bibliotheca Lusitana do incançavel Abbade Diogo Barbosa Machado. Escreveu—Chronicas dos reis de Portugal.

Ha questões entre os nossos Bibliographos sobre o numero das chronicas, que escrevem Ruy de Pina. A opinião geral é que escrevem a chronica dos reinados de D. Sancho I inclusive até D. Manoel, até á tomada de Azamor, pelo duqué D. Jaime em 1514; esta é a opinião do auctor da Bibliotheca Lusitana. Damião de Goes na quarta parte da chronica de D. Manoel capitulo 38. diz: que Ruy de Pina, o que fizera foi acabar a chronica do sr. D. Affonso V começada por Gomes Eanes d'Azurara, fazer toda a do sr. D. João II, e parte da do sr. D. Manoel até o anno de 1514. O Padre José Pereira Baião, no prologo da chronica de D. Pedro, por Fernão Lopes, que deu á luz, diz: que escusando-se Duarte Galvão ao sr. D. Manoel de continuar na composição das chronicas dos reis d'este reino, dos quaes só tinha feito a do sr. D. Affonso Henriques, se lhe offerecera Ruy de Pina, para as fazer, e que accitando-

Ihe a offerta: por este motivo escrevera a dos senhores D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II, D. Affonso III, D. Diniz, e D. Affonso IV, que eram as que tinham perdido de Fernão Lopes.

Quando tractar da Bibliographia de cada Monarcha em particular apontarei as edições de cada uma das chronicas d'este escriptor.

II

Christovão Rodrigues Azinheiro nasceu em Evora em 1474; exerceu a occupação de Advogado na sua patria por muitos annos. Deu-se muito particularmente ao estudo da historia portugueza revolvendo todas as chronicas que corriam no seu tempo escriptas nos 300 annos antes d'elle, segundo diz Fr. Mancel dos Santos—*Monarchia Lusitana* p. 8. L. 22. Cap. 4.^o—das quaes extrahiu com summa diligencia as principaes noticias, e acções dos nossos Soberanos desde o conde D. Henrique até D. João III.—É duvidoso se este summario ou extracto se imprimiu.

O Padre Fonseca na Evora Douta segue que sim. Nega-o com fracos fundamentos o auctor da Bibliotheca Lusitana, sendo a opinião recebida que este summario é o mesmo, que se imprimiu com o seguinte titulo—

Summario das Chronicas dos Reis de Portugal, revisito e acrescentado, e em parte emendado nesta 2.^a impressão (não ha memoria da primeira) em que foi apurado pelas proprias chronicas, em o qual se contém muitas cousas dignas de memoria, e feitos heroicos dos mesmos Reis.

Coimbra 1570—4.^o

III.

Fernando de Goes Loureiro, natural de Lisboa, foi moço da Camara de D. Sebastião a quem acompanhou na infeliz expedição d'África de cuja morte foi testemunha ocular, como elle mesmo

affirma em tratado particular que escreveu d'esta jornada. Restituindo-se ao reino ordenou-se Presbytero, e foi Abade de Soalhães do Bispado do Porto.—Passando a Roma ali assistiu muito tempo e pôr ser muito instruido na historia portugueza, escreveu, e dedicou ao Duque de Mantua—

Breve summa y relacion de las vidas y hechos de los Reis de Portugal, y cosas succedidas em aquel reino desde su principio hasta el año de 1595.

Mantua 1596.—4.^o

IV.

Fr. José Teixeira, natural de Lisboa, onde nasceu em 1543. Professou o Instituto de S. Domingos. Foi acerrimo defensor do partido de D. Antonio, Prior do Crato, que tanto forcejou por se fazer declarar rei de Portugal, o nunca o largou, acompanhando-o á Franca quando foi pedir socorro á rainha Catherina de Medicis, e á Inglaterra em outra semelhante jornada que D. Antonio alli fez, para vêr se da rainha Isabel obtinha auxilio sufficiente para se oppor a Philippe II. Soube em Franca ganhar tanta affeição da rainha, e de Henrique III, que o fizeram seu prégador, e conselheiro, recebendo igual favor de Henrique IV.

Foi assás instruido na genealogia, e historia portugueza, bem como nas linguas latina, italiana, e franceza. Defendeu vigorosamente de palavra, e por escripto o direito que D. Antonio pretendia ter á corôa d'este reino. Compoz *Arbor Geneologica Regum Portugallia. Parisiis 1582—4.^o*

Contra esta obra escreveu o Desembargador Duarte Nunes de Leão uma severa critica impressa em Lisboa em 1585 em 4.^o com o titulo—*Censura in libellum de Regum Portugallia origine,* etc.—á qual respondeu Fr. José Teixeira, publicando a obra seguinte:

Confutatio nugarum Duardi Nonis Leonis Jurisconsulti Lusitani, et aliorum qui Portugalliae Regnum Philippo Castellae Rege jure heriditario obvenisse contendunt, et Antonii veri Portugalliae Regis jus vellicare excerpta ex anticrisi Josephi Texeria.

Ticini 1594.—8.º

Neste, e em outros tratados sustentada, que o reino pertencia não a Filipe II, mas a D. Antonio pelo direito da eleição que o povo d'elle fizera em Santarem.

V.

Duarte Nunes de Leão nasceu na cidade d'Evora, estudou direito civil na universidade de Coimbra acompanhando este estudo de outros conhecimentos de litteratura, em que foi insigne: foi Desembargador da casa da Supplicação; occupação que o não impediu de publicar varias obras excellentes. Nas horas vagas do seu ministerio applicou-se a reformar, e reduzir a melhor forma as chronicas dos nossos reis, reputando alguns factos menos verdadeiros, e estabelecendo outros de que se duvidava. Falleceu em 1608. Além das obras que compoz—da collecção das leis extra vagantes por mandado d'el-rei D. Sebastião, origem e orthographia da lingua portugueza, censura do livro de Fr. José Teixeira, descripção de Portugal, e outras, escreveu para instrucção do Principe D. Filipe de Castella. —

Genealogia verdadeira dos Reis de Portugal com sus Elogios y summario de sus vidas.

Lisboa 1590. e 1608.—8.º.

Esta obra é traducção da que escreveu contra a de Fr. José Teixeira. É resumo, e semelhante aos elogios de Fr. Bernardo de Brito, e do Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Começa no conde Henrique e chega até Filipe II. Escreveu mais —

Chronicas dos Reis de Portugal—primeira parte. Lisboa 1600—folio, um volume. Saiu segunda vez, Lisboa 1677—folio: terceira Lisboa 1774 —dous volumes em quarto.

Estas chronicas comecam na fundação de Portugal, e acabam em el-rei D. Fernando. Escreveu mais

Chronicas d'el-rei D. João de gloriosa memoria, o primeiro d'este nome, e dos reis de Portugal o decimo, e a dos reis D. Duarte, e D. Alfonso V. Lisboa 1645—fol.

O Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha é quem dizem que mandou fazer esta edição, a que se acrescentou o Auto de levantamento d'el-rei D. João IV, e juramento que lhe prestaram os tres Estados, e ao Principe D. Theodosio seu filho. Saiu segunda vez em Lisboa—dous tomos em quarto (ou em 1760.)

VI.

Pedro de Mariz, natural da cidade de Coimbra. Viveu nos reinados dos Filippes: foi Presbytero, Bacharel em Canones, Guarda-mór da livraria da Universidade de Coimãra, corrector da sua impressão, e Provedor perpetuo do hospital da villa da Castanheira. Teve muitos conhecimentos da historia geral e particular d'este reino, e como tal é elogiado por varios escriptores, que cita o auctor da Bibliotheca Lusitana. Escreveu

Dialogos de varia historia, em que summariamente se referem varias cousas antigas de Hespanha, e todas as mais notaveis que em Portugal aconteceram, com os retratos de seus reis. Coimbra, 1594, em folio, e 1597, quarto; e Lisboa, 1749, com o acrescentamento das vidas dos reis D. Alfonso VI, D. Pedro II, D. João V. por Fr. Francisco Xavier dos Serafins Pittorra Xabregano.

Ha outra edição de 1674, em quarto, que tenho da officina Crasbeekiana. É compendio, e a primeira historia, que houve impressa dos monarchas d'este reino. Parece-me ser o melhor resumo que temos da historia de Portugal, e o mais proprio para se darem as primeiras lições elementares d'ella aos meninos.

(Continuar-se-ha.)

O LIVRO DE ELYSA

Fragmentos.

(Continuado da Pag. 76.)

.....

II.

O nascer e o morrer d'um dia formoso; a profecia do sol e o seu derradeiro adeus; o ensaiar dos canticos das aves, e o desfallecer d'esses canticos, que passam e morrem nas tranças da floresta; as aguas, que reflectem o raio que se alevanta; as aguas, que reflectem o raio, que se deita; os échos, que despertam; os échos, que adormecem; a treva, que se adelgaça e a treva, que se condensa; o crepusculo da manhã e o crepusculo da tarde, são duas horas gemeas nos encantos, na suavidade, na doçura, nas inspirações.

Elysa, será um erro, uma superstição talvez, mas eu creio que todo o pensamento nobre, grande, generoso, sublime, que tem brotado da cabeça do homem, n'uma d'estas duas horas é que foi concebido.

Quando o homem, á luz duvidosa da manhã ou da tarde, se assenta no visio d'um monte, na alcatifa d'um valle, na margem d'um rio, no limiar d'uma porta, e d'alli, pairando com a vista entre a terra e o céu, abrange todos os objectos sem se fixar em um só; ouve

todos os sons sem escolher um só; sente todas as sensações sem definir uma só; quando o coração, enfeitado nestas horas pelo incerto da luz, dos objectos, dos sons, e das sensações, parece embalar-se no peito e adormecer, oh! então, Elysa, então é que o homem conversa com a Divindade, então os ouvidos da creatura ouvem as palavras do Creador!

É por uma donosa madrugada que eu agora escrevo no teu livro, Elysa: é ella que do seu throno de verdura me está dictando este capitulo; — que não possa transportar eu para estas paginas essa pagina tão bella do livro do Eterno! Ainda o sol não desengastou das ondas o seu rosto em braza; uma luz froxa, cristalina, mimosa, perfumada espaa-se, como um regato, por sobre toda a natureza, enroscá-se á volta de todos os seres alastrando de esmeraldas a terra e de saphiras o céu; aquelle murmurar monotonico, pesado, e enfadonho do dia ainda se não escuta; e as brizas folheando na selva levam de cada folha um som, e lá nas alturas compoem um hymno para Deus!

Elysa, deixa que os ricos da fortuna e os poderosos da terra nasçam, vivam, e morram sem nunca terem visto a face da madrugada; fatigou-os a noite no bulicio dos saraus e das orgias, deitaram-se quando o dia se alevantava; deixa que elles ignorem, que elles não gosem o brilho suavissimo da mais rica perola do diadema do mundo, deixa-os, e vem tu comigo assistir em espirito á festa de todos os dias, ao desabrochar da madrugada:

Ei-la trajando verdores,
A linda mãe dos amores,
Com seus volateis cantores
Pelos campos a folgar;
Ei-la folgando na mata,
Que nas aguas se retrata,
Nas aguas de lisa prata,
Na prata do liso mar.

Salve, rainha formosa !
Festeja-te o lirio, a rosa,
Dos jardins a mariposa,
Do trovador a canção;
Festeja-te a pastorinha,
Que nas côres te a divinha
Um pensamento, que tinha,
Que tinha no coração.

D'aldea o sino te chama,
E o moço, que deixa a cama
Porque vai ver a quem ama
Ao pé da encosta d'alem;
Suspiram-te sempre os montes,
Abraçam-te os horisontes,
Choram-te rios e fontes,
Nas fontes d'amor, que teem.

Bem diz-te o velho, e ensina
A' neta, que é pequenina,
Rezas sanctas da divina
Crença, que tem no Senhor;
Bem diz-te o armento balando,
Do tumilho o cheiro brando,
E'o pegureiro cantando,
Cantando maguas d'amor.

Vem, ó liada madrugada,
Vem de violetas c'roada,
Pelas brizas embalada,
Vem nestes campos folgar;
Folga nos céus, e na m'ita,
Que nas aguas se rétrata,
Nas aguas de lisa prata,
Na prata do liso mar.

Todo o mundo parece corar de puro
gôso, parece que sorri com o sorriso
da felicidade quando o primeiro albor
da manhã lhe corre com mão de jaspe
a cortina da noite; é a amante cari-
nhosa, que vai despertar d'um sonho
d'afflicção o amante adormecido com
um beijo na fronte: — Elysa, se por
cada um dos meus sonhos d'afflicção ti-
vesses de me dar um beijo, quantos bei-
jos me não devias! e cre que então não
quizera eu sonhar outros sonhos.

Mas como são cheias de galas e de
thesouros, para os olhos do corpo e para
os olhos da alma estas horas do alvore-

cer do dia! O ar que respiramos é mais
puro e embalsamado; uma harmonia
deliciosíssima desferida nas harpas dos
bosques, dos rochedos, e das aguas re-
produz-se inteira nas cordas intimas do
seio, e a poesia acode voluntaria aos
labios; é uma poesia ensinada pelos
anjós, porque só falla de Deus; é a ver-
dadeira poesia.

De todos os argumentos mais gratos
ao espirito, mais poderosos, mais
energicos para demonstrar ao homem a
existencia d'um Deus, o mais grato, o
mais poderoso, o mais energico é a
contemplação da natureza. De todas as
horas do dia as melhores e as mais
bellas para esta contemplação são as
horas do crepusculo da manhã e da
tarde: — não sei que delicioso anhelar,
que doçura saudosa anda então no pen-
samento, que nas asas da meditação
nos arrebatá para o céu, e nos desata
as cadeas mesquiinhas da vida mesqui-
nha da terra!

Os raciocinios da philosophia con-
vencem quando demonstram a realida-
de da causa primaria, mas a natureza faz
mais, depois de convencer gera o amor;
o coração não pôde deixar de amar a
origem das maravilhas, que admira. E
não sabes, Elysa, qual é a obra das mãos
de Deus, que mais me tem convencido
da sua existencia? Vais talvez dizer-
me que são esses mares a revolverem-se
noite e dia á roda dos continentes, esses
mares cujas gottas são lettras, cujas
vagas são syllabas, cujos bramidos
são palavras, que dizem—existe Deus!
Vais talvez dizer-me que são as moun-
tanhãs e os promontorios erguidos como
braços da terra apontando para o fir-
mamento! Vais talvez dizer-me que são
esses milhões de mundos luminosos gra-
vitando no espaço, e traçando no manto
azul da esphera a historia da omnipo-
tencia! enganaste! olha para o teu es-
pelho, Elysa, e lá verás a minha prova
mais bella, a minha prova mais segura
da existencia de Deus!

O' senhor quiz no teu rosto
 Quiz o impio confundir,
 Quiz dos céus todo o composto
 Num só ponto resumir;
 Nos olhos pôz-te as estrellas,
 Inda mais lindos do que ellas
 Os vejo d'amor folgir,
 Poz-te nas faces a aurora,
 Poz o sol no teu sorrir,
 E nas tranças còr d'amora
 Fez negra noite cair,
 Que o senhor quiz no teu rosto,
 Quiz dos céus todo o composto
 Num só ponto resumir.

Na verdade, Elysa, ver o teu rosto e descrever da Divindade seria o absurdo do atheismo positivo; não, não cuides que o atheismo passe dos labios; ha lá dentro do athen um sentimento, uma voz intima, uma quasi fatalidade, que, mau grado seu, o arrasta e o convence: mas que haja um só tão desgraçado, que o haja que, mercê da minha dama, lhe provarei que mente apontando-lhe para a tua face; — a minha Elysa não podia ser fructo de um acaso estúpido, a minha Elysa é a victoria do Eterno!

E que mais formosa. . . mais não, a perfeição não tem grãos, que formosa não es tu quando nestas horas da manhã ou da tarde te embeveces a meditar com a fronte encostada á mão, os olhos na immensidade, e o peito arfando brandamente, como superficie de lago ao bafejo das auras! que formosa!

Nunca viste nos teus sonhos de innocencia o teu anjo da guarda a contemplar socegado o socego da tua alma, tão pura como elle? Imagina a tua lindeza pela do teu anjo, assim como pela tua lindeza tenho imaginado a de todos os anjos!

Que formosa não es tu nessas horas!

O pagão se te vira assim na alvarada d'um dia de primavera erguia-te um altar e chamava-te *Vesta*! Cuidaria ver-te conduzindo pela mão as *Estações* e o *Amor*; veria as choréas das *Nymphas* á volta do teu carro tirado por so-

herbos leões; veria os *Ventos* adormecidos ao teu lado, e *Ceres*, *Pomona*, e *Flora* a cingirem-te a fronte com uma corôa de rainha! — o pagão erguia-te um altar e chamava-te *Vesta*.

Mas no teu templo, minha *Vesta*... minha Elysa, — enganei-me — no teu templo não seriam as donzellas romanas, que conservariam o fogo immortal, ali o sacerdocio seria todo meu, a chama immortal estava no meu coração.

Se fosse á hora da tarde que o pagão te visse, que te visse naquello estado, que suspende a alma entre o prazer e a dôr, naquello estado, que então te exorna como uma aureola mystica; que te visse como a violeta da varzea, recatada do mundo, e rica, e feliz na solidão onde reinas, se elle te vira, em vez de te chamar *Vesta*, chamava-te a *Melancholia*.

E o pagão chamava-te um bem doce nome! Fôras uma Deusa bem suave, bem mimosa ao coração: *Melancholia*! que mais feiticeira ficção tem o paganismo para te offerocer? que mais puro, mais arrobado, mais ineffavel, mais divino sentimento ha ahí na terra?

Mais que o prazer, que a alegria,
 Mais que a risonda emoção
 É mais doce ao coração
 A doce melancholia!
 Como é bello, quando o dia
 Se afoga no salso mar,
 Sobre ignota penedia
 Ir co'as vagas conversar!
 Ir sósinho suspirar
 Juncto á fontinha sonora,
 E nos prantos, que ellá chora
 Ir aprender a chorar!
 Como é bello então scismar
 N'uma scismada ventura,
 E aquelles sonhos sonhar
 Nunca fartos de ternura!
 Como a harmonia se apura
 Nas cordas da meiga dôr
 Quando a rôla da espessura
 Poisa na harpa ao trovador!
 Quando uns gemidos d'amor,
 Gemidos, que não sabia,
 Sáem da harpa, e ao redor

O echo lh'os repetia!
 Como então mais que a alegria,
 Mais que a risonha emoção
 É mais doce ao coração
 A doce melancholia!

Elysa, se o pagão te chamasse a *Melancholia* o pagão chamava-te um bem doce nome!

E as horas da melancholia são as horas da tarde.

Aquelle tibio da luz; aquelle horizonte dourado e bordado de nuvensinhas diaphanas côr da espuma dos mares; aquelle hymno immenso da terra, que se vai perdendo, perdendo ao longe por scios de cavernas; aquelle vôo da ave, que nos passa por cima da cabeça ao ir aninhar-se na roupagem da montanha; aquelle canto da zagala, que vem do prado com os seus cordeirinhos tão alvos como ella; aquellas brizas perfumadas, que então andam a folgar nas aguas do rio, ou na relva das margens, e que nos veem depois roçar as faces com a ponta da asa melindrosa; aquelle rugir da folha secca e caída debaixo dos pés do viandante cansado; aquellas vozes confusas, que se escutam no casal, que augmentam, que diminuem, que recrescem, e finalmente morrem no silencio; aquelle agoireiro latir do lebreu repetido pelos échos do valle; aquelle fatigado carpir do carro lá ao longe ao subir da encosta; e o sino da aldêa, que no alto da serra está assentada, como pastorinha esquecida a meditar amores; e os céus azulados a vestirem pouco a pouco o manto das sombras; e as sombras a desdobram-se nos campanarios; e os campanarios a perderem-se da vista; e a vista a resumir-se no coração; e o coração a afogar-se inteiro no saudoso da tarde, e a tarde com todas as suas galas... oh! como tudo isto falla á alma uma linguagem ignota, e a deixa naquelle estado scismador em que as lagrimas são mais doces do que os risos do prazer!

As horas da melancholia são as horas da tarde.

Elysa, a mythologia esqueceu-se de nos dizer em que hora do dia tinha nascido o *Amor*; eu só nesta hora mysteriosa da tarde quizera que elle tivesse nascido; não podia, não devia nascer n'outra hora. Não ves tu como ao cair da noite vem sempre um suspiro pendurar-se nos labios em busca d'um irmão a quem se abraça? não ves como é então que a mulher desatina a cantar sem o cuidar, sem o sentir, sem o querer talvez, e como que respondendo a outra voz que a chama? não ves como a donzella, com todos os affectos ainda em botão virginal, começa do adivinhar um segredo, um segredo lindo, que lhe anda entre nuvens no pensamento?

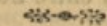
Coração de mulher, qual philomela,
 É todo amor e canto ao pé da noite;
 Do amante a voz então entra mais branda,
 Mais grata, mais feliz dentro do peito;
 Toldam sombras o pejo, as faces pôdem
 Osculadas côrar sem que o triumpho
 Lá veja o vencedor escripto em rosas;
 Melhor se escuta o frémito dos labios
 Suspirando d'amor, pedindo amores;
 Pôde o *sim* mais sumido então colher-se;
 Fingir que foi acaso a mão tocada:
 O rigor femenil, desdens, orgulhos,
 Da tarde a viração leva-os nas asas.

Elysa, se tu não fôras unica na terra, se não fôras o archanjo impecavel, que me Deus mandou dos céus para eu crêr deveras na virtude, tremeria com a idea—bastava a idea—de te veres a sós com um mancebo por tal hora do dia:—é a hora dos amores.

Mas tambem é a hora da religião; não ha momento em que a alma de melhor vontade se eieve para Deus: a oração, Elysa, é tão consoladora, tão cheia de balsamos neste momento! Guarda as tuas preces para esta hora, e dize-me depois se não pensas que as sanctas do céu vieram com mais alegre semblante ajunta-las no regaço, como

flores de maio, e leva-las mais velozes aos pés do Senhor!

A oração é o resultado do amor; o amor é o resultado do conhecimento d'aquelle, que se ama; que melhor enseo queres tu para conhecer o Creador? Esse mesmo véu, que te vai envolvendo quanto enxergas, esse mesmo é uma das suas mais formosas maravilhas: — o silencio que se vai fazendo em toda a criação parece que é feito para que o homem falle; calou-se tudo para que fallasse o monarcha da terra ao monarcha da terra, o do céu! Elysa, para te ouvirm as rezas os mesmos anjos se calariam; devem de ser um hymno tão melodioso, tão lindo como o que elles cantam, tão fervoroso como o d'elles, tão angelical como tu mesma!



(Continuar-se-ha)

J. de Lemos.

O ARCO DE SANT'ANNA.

Lemos com sentimento na *Revista Universal Lisbonense* de 3 de julho um artigo, em que nos é feita uma, urbana sim e delicada, mas nem por isso menos grave acensação por havermos inserido no nosso jornal um artigo tal qual nos foi remettido, no qual se pertendia criticar o *Arco de Sant'Anna*.

Nada diremos sobre o judicioso, ou não judicioso da critica: declararemos unicamente que logo julgámos incompleto o artigo do *Velho Parocho de Coimbra*, e ao ler a carta que com elle nos foi remettida, suppuzémos que o A. esperava só ve-lo impresso, para que seguro de não perder o seu trabalho nos enviasse alguma coisa mais sobre o mesmo assumpto.

Bem que tal fosse o nosso juizo, não duvidámos publicar o artigo: correccão, não li-a fizemos, por que se de alguma carecesse, seria tal que mais ao publico do que a nós competia fazer-lh'a.

Não entendemos, que o *Velho Parocho* se referia ao facto do adulterio do Bispo, quando dizia, que o facto do romance não devia ser mera ficção da phantasia do poeta. O adulterio, verdadeiro ou falso, lá andava assoalhado pelas chronicas; mas como um só crime não constitue um caracter, ao caracter julgamos, que se referia a expressão — *mera ficção da phantasia*. Houve por exemplo em Jerusalem um rei adultero, e assassino do marido da sua amante; logo á primeira impressão d'esto facto levados somos a fingi-lo um tyranno orgulhoso, impio, e cruel; mudamos porem de opinião quando o vemos de arrependido beijando o pó, e beu que implorando do céu o perdão nas melancholicas harmonias do sagrado nebel, fugitivo de seu palacio, perseguido pelo mais amado de seus filhos, apedrejado por um soldado, e todavia soffrendo humilde e resignado a pena de seu crime, que o céu inexoravel não podia perdoar-lhe sem expiação. Talvez que o *Velho Parocho* não quizesse, que o A. do Arco de Sant'Anna fizesse do Bispo do Porto, bem que adultero, senão um David arrependido: era querer tolher a liberdade poetica, cousa desculpavel n'um *Velho Parocho*; mas não era dizer uma falsidade.

Tambem não entendemos, que o nosso correspondente affirmasse ou negasse a existencia de conspirações de oligarchias ecclesiasticas; era entrar n'uma questão muito grave e muito seria, e para quem não confunde a causa do clero catholico com a de uma corporação que deu origem á celebre discussão do dia 2 de maio nas camaras francezas, ha-de a cousa custar bastante a tirar-se a limpo. Mas o que julgavamos, e ainda julgamos é, que o nosso correspondente dizia, e nós dizemos, e diz o A. do Arco de Sant'Anna: — « não ha medo, repito, que volte » (*a aristocracia sacerdotal*) — e se tal asserção, é como na *Revista Universal* se diz, uma falsidade, ella lá está no prologo do Arco de Sant'Anna.

Isto baste para nos justificarmos de haver inserido na *Revista Academica* essas duas chamadas falsidades, justificação de que por certo nos absteríamos, se o artigo do *Velho Parocho* nos fosse remettido devidamente assignado.

Outra justificação porem temos de dar ao publico, e d'essa não podemos abster-nos, porque somos arguidos de nos deixarmos illudir a ponto de servirmos (sem o saber) de cego instrumento da calumnia contra um de nossos mais eximios litteratos!

Agradecemos muito cordialmente ao A. da nota inserida na *Revista Universal* o conceito em que nos tem. Calumniadores! é crime que não acreditamos cabido em peitos jovens. Se algum deduziu d'aquelle periodo, a que se refere o A. da nota, cousa menos favoravel á honra e virtudes do A. do Arco de Sant'Anna, aqui protestamos franca e sinceramente que não aventamos tal nas expressões do artigo do *Velho Parocho*. Fosse quem fosse o A. do Arco de Sant'Anna, nunca de caso pensado haviamos de soffrer, que das columnas do nosso jornal se levantasse o mais pequeno miasma impuro de maledicencia, e muito menos de calumnia. Repetimos: fosse quem fosse; quanto mais se nos lembrasse (bastava por sonho) o nome do nosso illustre collaborador, do digno socio do nosso Instituto — o Sr. Almeida-Garrett.

Prestamos á critica as columnas do nosso jornal, porque na republica das lettras, verdadeira republica, ninguem está collocado tão alto, que não possa ser chamado perante o tribunal da critica, processado, e julgado; calumniado e deprimido nunca.

E não julgavamos nós deprimido o A. do Arco de Sant'Anna, porque d'elle se disse: — julgon que para demonstrar as exorbitancias do clero na epocha actual, devia revolver as chronicas á cáta de um factio escandaloso, para depois atirar com elle as turbas enfeitado com as suas louçanias poeticas,

— dizer-lhes:ahi tendes o que é o clero, odiaes toda essa classe porque um homem que lhe pertencia commetteu um crime horrendo.» Se o A. do Arco de Sant'Anna estava convencido da existencia de uma oligarchia immoral e infame, e queria combate-la por meio de um romance, que havia de fazer senão buscar um feito escandaloso, polo em paralelo com os do nosso tempo, retratar o clero actual no clero d'essa epocha de desmoralisação detestavel, e dizer ás turbas: «ahi vedes o que é hoje o clero, os seculos de degradação moral voltam a passos de gigante».

Não achamos que houvesse razão para se dizer, que nós não reparámos no alcance d'aquellas descomedidas palavras. Serão uma accusação grosseira, mas de certo não são uma accusação tão grave e tão seria, como a imputação de *querer fazer-nos voltar ao philosophismo do seculo passado*. Isto sim que seria conciliar o odio não a um clero devasso, mas a uma Religião que o detesta, que se peja de taes ministros: tal accusação é que nós julgamos infundada, e contra ella tambem levantariamos o nosso brado, se o proprio A. do artigo inserto na *Revista Universal*, se a mesma *Revista* o não houvera feito.

Sim, porque nós separamos a causa da Religião da de seus maus ministros; porque tambem nós confessamos, e stigmatizamos, e não será esta a ultima vez, a corrupção d'uma grande parte d'esses que deviam ser o sal da terra. A nossa assistencia pelas provincias nos tem feito ser testemunhas do estado de miseravel ignorancia d'uma boa porção d'esses, que deviam ser a luz do mundo; e a muitos temos visto entrarem no redil do Senhor não pela porta, que essa lhes estava fechada, mas pelo telhado: e esses, diz o Evangelho, que são ladrões e não pastores. Para taes homens que por gosto *patinham e chafurdam* no lodo do vicio e da ignorancia, queremos nós que se

multipliquem os romances, mas com prologos mais em harmonia com a obra; porque almejamos do intimo do coração pela sua regeneração moral. Queremos *Arcos de Sant'Anna*, que manifestem a hediondez do crime filado no amicto do sacerdote, ou escondido sob a murça do prelado; queremos *Euricos*, que no sentimento melancolico e sublime do *Presbytero de Carteia* recordem qual pureza se requer para o ministerio dos altares, mostrem aos jovens capazes de remorso a importancia, as consequencias do holocausto, a que com tanta imprudencia se offerecem, sem verem no futuro o magestoso phantasma do Sacerdócio, que lhes trava do braço, que lhes esmaga e lia-de esmagar os peitos contra as paredes do santuario, em quanto nelles não morrer o arfar da lembrança d'um anjo de sonhos talvez outr'ora innocentes, mas não já para o Sacerdote.

E todavia que não odiamos o clero, porque ainda entre seus membros divisamos homens probos, e virtuosos, porque queremos que os nossos brados em prol da sua regeneração moral sejam benevolmente escutados e attendidos, e não podem se-lo palavras em que se sente espremido o fel do odio: mas se desesperados de uma tal regeneração manifestassemos o desejo de ver reprimida a audacia e perversidade d'uma classe incorrigivel, não teriamos recio de que nos taxassem de irreligiosos, porque haviamos de apontar para as columnas do nosso jornal, haviamos de mostrar que temos defendido a Religião não por moda mas por zelo, não por interesse mas por convicção.

E portanto sendo o A. do Arco de Sant'Anna um dos que mais tem coadjuvado a reacção religiosa no nosso paiz, por certo que não fará caso dos ataques da calumnia, como nós também o não faríamos.

REVISTA SCIENTIFICA

(V. p. 86, 97, e 115)

Academia das Sciencias de Paris—(Fev. 17)

Al. Brongniart apresenta os resultados d'uma longa serie d'experiencias feitas no Laboratorio de porcelanas de Sevres, de que é director, e expendidas n'uma obra verdadeiramente magistral que acaba de dar á luz, tão rica em sciencia e vasta em erudição, como modesta no titulo—*Tratado das Artes ceramicas ou das louças*. O auctor explica a retracção das pastas argilosas por um começo de fusão; faz conhecer a diminuição do seu peso especifico na razão inversa do gráu de cocção, as condições de temperatura e construcção dos fornos para as massas plasticas e para as cores vitrificaveis, as diversas composições d'umas e outras, a inalterabilidade de certos vernizes, alguns dos quaes eram ja empregados pelos povos da maior antiguidade, &c. Mas um outro lado de interesse que inspira o escripto d'este bem conhecido sabio está nas considerações que faz sobre a importancia dos conhecimentos d'esta arte para diversos fins sociaes: traçando a sua historia, faz ver como os monumentos mais antigos da existencia e industria humana nos são conservados pelos fragmentos de utensilios ceramicos, mais duraveis que os metaes e pedras (*); como as suas formas, composição, vidrado, cores, inscripções e ornatos seguem em cada um dos povos o progresso da civilisação e o gosto das bellas artes; e quanto em tempos modernos ella se tem aperfeiçoado pelo poderoso

(*) Depois de mostrar a duração mais ou menos precaria e a difficuldade de trabalho de quasi todos os materiaes empregados pelo homem na construcção dos monumentos, diz Brongniart: — Deux seules matières, riches d'instuction pour l'histoire des sociétés et pour celle du globe, peuvent traverser des milliers de siècles en nous apportant les premiers élémens de l'histoire la plus ancienne des peuples de la terre; ce sont, d'une part, les terres cuites façonnées en vases ou en us enciles, et de l'autre les parties solides des animaux et des végétaux réduits à l'état fossile; a près ces deux matières, tout est périssable ou muet.—

socorro das sciencias. Apesar do titulo, julgar-se-ha a obra de Brongniart não só um directorio para o artista e para o professor, mas para o archeologo que quizer interpretar os poucos traços deixados pela mão do homem, para o naturalista que indaga a origem e os gráus da intellectualidade da especie humana, e para o estadista que estude a industria e a civilização dos povos.

O uso do polariscopio tem avançado grandemente os processos da Mineralogia, depois que se reconheceu haver uma relação entre as propriedades luminosas e o modo de cristalisação dos mineraes: sabia-se que no quartzo cristalizado o poder rotatorio provém da disposiçáo das laminas perpendicularmente ao eixo; que a amethysta e o cristal da rocha apresentam ás vezes uma direcçáo rotatoria particular a cada porçáo, e nulla em outras; que as cores da 1.^a estão em relação com o entrelaçamento dos seus cristaes; que n'uma e outra propriedade influe a elevaçáo da temperatura; e que é raro um exemplar de laminas quartzosas de côr uniforme. Dos factos communicados por Soleil resulta que é na junçáo dos cristaes voltados em sentidos oppostos que se divisa a cinta negra que apresentam no seu meio certas laminas do quartzo cristalizado, e que é ella uma especie de neutralisação completa de forças rotatorias contrarias. -- Arago, Babinet e Brewster apresentam considerações relativas a certos pontos da atmosphera, variaveis conforme a posição do sol, e que parecem estar situados sobre uma linha que passa pelo disco d'este astro e vem ter ao sitio das observações opticas: nem a natureza d'esta linha, nem os pontos todos estão conhecidos; apenas tres tem sido determinados por estes sabios, um acima e outro abaixo do sol, e o terceiro em opposição com elle. A propriedade d'estes pontos é fazerem desaparecer completamente a polarisação dos raios luminosos diffusos; chamáram a estes pontos *pontos neutros*, e pertendem explicar

o phenomeno pela multiplicidade das reflexões.

Magendie como relator d'uma commissáo encarregada de examinar a invenção dos braços artificiaes construidos por Van - Petersen, dá conta do uso que d'elles se acaba de fazer em muitos alejados e entre outros n'um velho soldado que nas guerras do Imperio tinha perdido ambos os braços: este manêta tomou com uma das mãos artificiaes um copo cheio que estava sobre uma mesa, levou-o á bôcca, bebeu sem perder uma só gotta e tornou a po-lo no seu lugar, apanhou do chão um alfinete, uma folha de papel, &c. Osapparelhos são feitos de pau, ocos, sem que cheguem a ter uma libra de peso, e imitando exteriormente a forma natural; articulados no cotovelo, punho e nós dos dedos, tem molas que os conservam ordinariamente em estado de flexão, e são munidos de diversas cordas de tripa no interior para se praticar a extensáo, abertura da mão, jogo e opposição dos dedos: seguram-se por meio de colchetes ao côto do braço, ou á espádua do estropiado e ligam-se por algumas fitas em volta do peito; o movimento dos musculos d'estes orgãos, que o individuo com um pouco de habito chega a saber regular, põe os cordões em exercicio, depois do qual segue-se por si mesmo o cerrar da mão pela força das molas.

De diversas experiencias de Schrætter resulta que a força chamada catalytica da esponja de platina, do chloro, do ferro pyrophoro e do potassio desaparecem em temperaturas baixas do acido carbonico solido e do protoxydo d'azoto, e (*Fer. 3*) que em geral os gazes levados á liquefacção mudam de propriedades. Aguiet propõe um apparelho motor fundado da força d'esta liquefacção.

Sociedade real de Londres.-(*Fer. 16*) São tantos os trabalhos de Faraday sobre a liquefacção e solidificação dos gazes, que nos é impossivel formar um sum-

mario das condições especiaes que este sabio tem chegado a determinar para cada uma das substancias, e das propriedades novas que lhes tem descoberto com a mudança d'estado. Os meios que emprega são o apparatus de Thilorier (V. p. 32.) com alguns aperfeiçoamentos seus, a solução d'acido carbonico solido no ether, e pressão que pode chegar até á de 50 atmosferas, e observa que o oxydo nitroso levado á solidéz é preferivel áquelle acido. (Fex. 27) Este gaz, assim como o oleificante, parece ao auctor serem compostos de dous, cada um dos quaes tem seu grán especial de volatilidade. Confirma a lei de que n'um dado gráu de pressão crescendo as temperaturas em razão arithmetica, a força elastica dos vapores procede na geometrica, sendo o gráu de volatilidade de cada corpo expresso por um factor especial e constante que entra na razão d'esta progressão. O auctor prosegue neste tão vasto como importante estudo d'um dos ramos fundamentaes das sciencias physico-chimicas, tendo actualmente em vista determinar a lei da relação que existe entre a força elastica e a força da tensão dos vapores.

(Jan. 23) G. Fownes enriqueceu a nova serie dos compostos do amidogenio (*amides*) com um novo alcali vegetal; da distillação d'uma mistura de farello, acido sulfurico, e agua obtém um oleo essencial que chama *furfuroleo*, representado por $C^{15} H^6 O^6$, e de cuja reacção sobre a ammonia resulta aquelle corpo, descrito pelo auctor com a denominação de *furfuramide* e a formula $C^{15} H^6 NO^3$.

(Fex. 6) Schoenbein extrahê da combustão lenta do vapor do ether misturado com o ar um principio atéqui desconhecido, e dotado d'uma tal força d'oxydación que se torna preferivel a todos os meios empregados no branqueamento; decompõe rapidamente a maior parte das materias colorantes, e em contacto com a agua augmenta o gráu d'oxygenação de muitos acidos e sales.

O auctor depois de examinar as propriedades d'este corpo, suas analogias com o chloro e com os outros principios empregados naquelle processo, passa a mostrar que iguaes effeitos se podem obter pela combustão rapida d'uma corrente d'hydrogenio ao ar livre e de muitos outros corpos inflammaveis, dadas certas condições que ainda se não tem podido formular; deduzindo d'ahi que o acto da oxydación e decomposição das côres tem lugar em todos os casos de combustão rapida no ar atmosferico, independentemente da natureza do corpo.

(Fex. 20) Newport apresenta uma memoria sobre a estrutura e desenvolvimento dos globulos sanguineos dos insectos e outros invertebrados, sua comparação com os dos animaes superiores, e a analogia de suas funções com a das cellulas secretorias das glandulas. De todos os physiologistas que haviam descrito estes orgãos, Carns, Spence, Wagner, Bowerbank, Edwards, Baly, diz o auctor, foi Bowerbank o unico que deu idea exacta da sua forma; distingue 4 periodos na sua historia: 1.º o estado de *moleculas* extremamente miúdas, sem nucleo algum sensivel, e parecendo analogas ás particulas fluidas do chylo dos vertebrados; 2.º corpos contendo *nucleos* (*out-shaped*), analogos aos globulos do chylo; 3.º *spherulas*; e 4.º *discos*, estado analogo ao dos globulos rubros do sangue dos vertebrados e que apparece só na classe mais perfeita (*lepidopteros*) dos insectos. No ultimo gráu de desenvolvimento os globulos apresentam uma congerie de nucleos, que rompendo o involucre se espalham na parte fluida do sangue, tendo entre si um central, que passa ao estado de *spherulas*; parece pois que os globulos elaboram os proprios liquidos que são o seu vehiculo. A 1.ª metamorphose dos lepidopteros correspondê a rapida conversão dos globulos do 2.º no 3.º estado, e a formação das *spherulas* parece ser a condição que, alem

de dar consolidação á estrutura toda, imprime o movimento expansivo que determina a desenvolvimento das asas. D'este genero de factos resulta a analogia que alguns physiologistas pertendiam estabelecer, e de que ainda não havia provas bastantes, entre os globulos sanguineos e os órgãos secretores. — Owen dá a conhecer um facto do systema circulatorio *phlebenterico* (V. p. 47.): os dous corações biloculares que existem aos lados do corpo dos molluscos brachiopodos, communicam-se livremente com a cavidade visceral, que faz ao mesmo tempo as vezes d'um grande seio venoso, e o sangue banhando os órgãos digestivos passa immediatamente d'elle para as aurículas.

(Março 6) Wöhler acha um methodo de obter o alumínio em estado compacto, mostrando que este metal é promptamente fusivel, e rectificando neste ponto a sua antiga opinião; o meio é empregar um cadinho de argilla, em que se introduz o potassio, chloruretos de ammonio e de potassio, tapa-lo perfeitamente e submete-lo a forte calor de forja: a redução d'um dos principios da argilla dá o alumínio em globulos excessivamente tenues, que se reúnem em liquido branco e luzente, e logo tomam o aspecto d'estanho, inalteravel ao ar e perfeitamente malleavel. — A sessão d'este dia não poudo continuar por cansa de um triste accidente que teve logar no meio d'ella: uma apoplexia fulminante fez cair por terra um dos mais distinctos sabios da Europa, o professor Daniell, e apesar dos promptissimos soccorros dos seus collegas que lhe estavam ao lado, em poucos instantes deixou de existir. O primeiro soccorro com que acudiu o Dr. Bowmana, apenas lhe observou difficuldade de respiração e immobilidade da vista, foi uma sangria na jugular, mas 5 minutos depois fechou-se a veia e o doente expirou. Não havia duas horas que tinha feito a sua costumada prelecção de chimica no *King's College*, e entrara na sala das sessões

sem a mais leve queixa de saude; nem na sua vida anterior que era extremamente regular e sobria, se pode descobrir predisposição alguma. São bem conhecidos os relevantes trabalhos d'esto sabio, especialmente em Meteorologia e nas modernas theorias Electro-chimicas, de que elle se pôde considerar como um dos fundadores.

(Continuar-se-ha)

I. E. B.

BAROMETRO.

(Continuado da pag. 124.)

Sendo quasi sempre necessario comparar as observações feitas, já em differentes barometros, e já no mesmo a diversas temperaturas, é preciso, para que ellas possam dizer-se bem feitas e comparaveis, attender ás seguintes condições.

1.ª A superficie do mercurio no reservatorio muda de nivel, variando a altura da columna: e como a expressão da pressão atmospherica é a differença de niveis do mercurio no reservatorio e no tubo, é preciso que o fundo da tina seja movel, para que por meio d'um parafuso se faça sempre corresponder a superficie de mercurio ao zero da escala. É esta a perfeição, que lhe trouxe Mr. Fortin, deixando fluctuar á superficie do mercurio uma ponta de marfim, que saindo por um orificio na parede superior da tina, quando se move o parafuso, marca a sua correspondencia com o zero da escala. E continuando a mover o parafuso, o mercurio enche perfeitamente o tubo do barometro, e o torna apto para se transportar, evitando os choques no interior do tubo.

2.ª O effeito da capillaridade faz depressir a columna do mercurio; é por isso necessario augmenta-la sempre da quantidade dependente d'esta acção, que é constante para cada barometro; e tanto maior, quanto menor for o diametro interior do tubo. Mr. Laplace calculou uma taboa para esta acção, a qual junctamos no fim d'este artigo, accres-

centando-lhe a relação com as nossas medidas.

Nos barometros de scifão não é preciso attender á capillaridade; por que, existindo ella igualmente nos dous ramos, seus effeitos se destroem. E é esta a razão, porque nos barometros de scifão a columna do mercurio é mais elevada, que nos de tina.

3.ª E finalmente deve tambem tomar-se em consideração o gráu de calor, a que é feita a observação. Todos os corpos se dilatam pelo calor; e o mercurio o é uniformemente entre zero e 100 grãos do thermometro centigrado. Não sendo pois feitas as observações á mesma temperatura, é preciso rednzi-las todas a um ponto determinado, para poderem comparar-se.

A escolha d'este ponto é arbitraria; mas como no nosso paiz se fazem quasi sempre as observações n'uma temperatura acima de zero, será conveniente reduzir sempre a altura barometrica ao que seria á temperatura zero. D'esta forma será sempre preciso diminuir a altura observada d'uma quantidade, dependente do gráu de temperatura, a que se fizer a observação; devendo este ser marcado por um thermometro ligado ao barometro; por que nem sempre esta temperatura é a mesma, que a do ar ambiente.

Segundo as experiencias de MM. Gay-Lussac, Lavoisier, e Laplace, d'ac-

cordo com as da Sociedade real de Londres, a variação da altura barometrica, dependente da temperatura, é uniforme entre zero e 100 grãos do thermometro centigrado e iguala $\frac{1}{5412}$ da altura da columna para cada gráu do thermometro. Debaixo d'esta hypothese nós calculámos uma taboa para esta correcção, desde 1 até 100 grãos do thermometro, e entre 27 e 33 polegadas inglezas do barometro; a qual tambem junctamos.

Para fazer uso d'esta taboa, tendo marcado os grãos do thermometro, e a altura do barometro, entra-se com os primeiros na primeira columna vertical, e com a segunda na primeira linha horizontal: a casa, que corresponder a estes dous dados, dará as decimas e centesimas de pollegada ingleza, que devem diminuir-se na altura observada.

Finalmente, sendo diversas as unidades de medida, a que se referem os barometros inglezes e francezes, é preciso tambem saber converte-las umas nas outras, para as comparar. Em Portugal faz-se muito uso dos barometros inglezes; e por isso nós junctamos tambem uma tabella da relação entre as diversas medidas, tomando as pollegadas inglezas para termo de comparação.

Com todos estes auxilios poderemos sempre comparar as observações barometricas, feitas em qualquer barometro, e a qualquer gráu de temperatura.

TABOA DAS DEPRESSÕES DO MERCURIO NO BAROMETRO DEVIDAS A' CAPILLARIDADE

Diametro interior do tubo em millimetros	Depressão em millimetros.	Depressão em linhas de pollegadas portuguezas	Diametro interior do tubo em millimetros.	Depressão em millimetros.	Depressão em linhas de pollegadas portug.
	mm	l		mm	l
2	4,560	2,021	42	0,260	0,115
3	2,902	1,287	43	0,205	0,091
4	2,039	0,904	44	0,160	0,071
5	1,505	0,667	45	0,124	0,055
6	1,148	0,509	46	0,097	0,043
7	0,881	0,391	47	0,075	0,033
8	0,685	0,304	48	0,059	0,026
9	0,535	0,237	49	0,043	0,019
10	0,420	0,186	20	0,035	0,016
11	0,351	0,155			

Quando o barometro não traz marcado o diametro interior do tubo, pode conhecer-se approximadamente pelo diametro exterior da maneira seguinte: mede-se por meio d'um compasso de pontas curvas, e da medida resultante tiram-se $2^{\text{mm}},3$ para os tubos de 8 a 10 millimetros de diametro exterior, e $2^{\text{mm}},5$ para os de 10 a 12 millimetros.

TABELLA DA DIMINUIÇÃO, QUE DEVE SOFFRER A ALTURA DA COLUMNA DO BAROMETRO, PARA A REDUZIR AO QUE SERIA A TEMPERATURA ZERO

Gr. do therm. centigr.	Altura do barom. em polog. inglezas							Gr. do therm. centigr.	Altura do barom. em polog. inglezas						
	27	28	29	30	31	32	33		27	28	29	30	31	32	33
1	0,00	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	26	0,13	0,13	0,14	0,14	0,15	0,15	0,16
2	01	01	01	01	01	01	01	27	13	14	14	15	15	16	16
3	01	02	02	02	02	02	02	28	14	14	15	15	16	17	17
4	02	02	02	02	02	02	02	29	14	15	15	16	17	17	18
5	02	03	03	03	03	03	03	30	15	16	16	17	17	18	18
6	03	03	03	03	03	04	04	31	15	16	17	17	18	18	19
7	03	04	04	04	04	04	04	32	16	17	17	18	18	19	19
8	04	04	04	04	05	05	05	33	16	17	18	18	19	19	20
9	04	05	05	05	05	05	05	34	17	18	18	19	19	20	21
10	05	05	05	06	06	06	06	35	17	18	19	19	20	21	21
11	05	06	06	06	06	06	07	36	18	19	19	20	21	21	22
12	06	06	06	07	07	07	07	37	18	19	20	20	21	22	23
13	06	07	07	07	07	08	08	38	19	20	20	21	22	22	23
14	07	07	07	08	08	08	08	39	19	20	21	22	22	23	24
15	07	08	08	08	09	09	09	40	20	21	21	22	23	24	24
16	08	08	09	09	09	09	10	41	20	21	22	23	23	24	25
17	08	09	09	09	10	10	10	42	21	22	22	23	24	25	26
18	09	09	10	10	10	11	11	43	21	22	23	24	25	25	26
19	09	10	10	11	11	11	12	44	22	23	24	24	25	26	27
20	10	10	11	11	11	12	12	45	22	23	24	25	26	27	27
21	10	11	11	12	12	12	13	46	23	24	25	25	26	27	28
22	11	11	12	12	13	13	13	47	23	24	25	26	27	28	29
23	11	12	12	13	13	14	14	48	24	25	26	27	27	28	29
24	12	12	13	13	14	14	15	49	24	25	26	27	28	29	30
25	12	13	13	14	14	15	15	50	25	26	27	28	29	30	30

Sendo—*k*—a altura do barometro observada, e—*t*—os grãos de temperatura no thermometro centigrado; a correcção a fazer será—*ht*. 0,00018, Mr. Delcros supõe ser a correcção—*ht*. 0,00016: a differença é—*ht*. 0,00002, que no caso extremo só dá erro de centesimas de pollegada: nós adoptamos a primeira, que é de Mr. Biot.

RELAÇÃO DAS ALTURAS BAROMETRICAS.

Inglezas		Portuguezas		Francezas	Inglezas		Portuguezas		Francezas
Polg.	partes dec.	Polg.	Linhas	Millimetros	Polg.	Partes dec.	Polg.	Linhas	Millimetros
27	0	25	4,0	635,79	30	0,1	28	2,9	764,52
»	0,1	»	5,1	88,33	»	0,2	»	4,0	67,06
»	0,2	»	6,2	90,87	»	0,3	»	5,1	69,60
»	0,3	»	7,4	93,41	»	0,4	»	6,3	72,14
»	0,4	»	8,5	95,95	»	0,5	»	7,4	74,68
»	0,5	»	9,6	98,49	»	0,6	»	8,5	77,22
»	0,6	»	10,7	701,03	»	0,7	»	9,6	79,76
»	0,7	»	11,9	03,57	»	0,8	»	10,8	82,30
»	0,8	26	1,0	06,11	»	0,9	»	11,9	84,84
»	0,9	»	2,1	08,65	31	0	29	1,0	87,38
28	0	»	3,2	11,19	»	0,1	»	2,1	89,92
»	0,1	»	4,4	13,73	»	0,2	»	3,3	92,46
»	0,2	»	5,5	16,27	»	0,3	»	4,4	95,00
»	0,3	»	6,6	18,81	»	0,4	»	5,5	97,54
»	0,4	»	7,7	21,35	»	0,5	»	6,6	800,08
»	0,5	»	8,9	23,89	»	0,6	»	7,8	02,62
»	0,6	»	10,0	26,43	»	0,7	»	8,9	05,16
»	0,7	»	11,1	28,97	»	0,8	»	10,0	07,70
»	0,8	27	0,3	31,51	»	0,9	»	11,1	10,24
»	0,9	»	1,4	34,05	32	0	30	0,3	12,78
29	0	»	2,5	36,59	»	0,1	»	1,4	15,32
»	0,1	»	3,6	39,13	»	0,2	»	2,5	17,86
»	0,2	»	4,7	41,67	»	0,3	»	3,7	20,40
»	0,3	»	5,9	44,21	»	0,4	»	4,8	22,94
»	0,4	»	7,0	46,75	»	0,5	»	5,9	25,48
»	0,5	»	8,1	49,29	»	0,6	»	7,0	28,02
»	0,6	»	9,3	51,83	»	0,7	»	8,1	30,56
»	0,7	»	10,4	54,37	»	0,8	»	9,3	33,10
»	0,8	»	11,5	56,91	»	0,9	»	10,4	35,64
»	0,9	28	0,7	59,45	33	0	»	11,5	38,18
30	0	»	1,8	61,98	»	0,1	31	0,6	40,72

Esta tabella dá tambem as linhas, correspondentes ás centesimas de pollegada ingleza: multiplicando estas por 0,11. E obterse-hão tambem os millimetros correspondentes, multiplicando as centesimas por 0,254.

Os productos reunir-se-hão respectivamente aos numeros precedentes.

L. Albano.

ERRATA.

Pag.	Col.	Linh.	Erros	Emendas	Pag.	Col.	Linh.	Erros	Emendas
70	1	48 e 19	a quem só era dado o comprehender	de quem se era o comprehender	123	1	9	primeiro o barometro	o primeiro barometro
					»	»	27	altura medida	altura media
105	2	ult. (nt.)	hisortias	historias	2	»	»	no universo	no inverno
111	1	15 e 16	uas formas	nos fornos	»	36 e 38	igual	signal	

(J. D.)

BIBLIOGRAPHIA ABREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 132)

VII.

O Padre Antonio de Vasconcellos, natural de Lisboa, abraçou o Instituto da Companhia em 1570. Foi muito instruído na lingua latina e humanidades, e não menos nas sciencias escolasticas, de que foi mestre na Universidade d'Evora, fallecendo nesta cidade em 1622. Além de outras obras de diverso assumpto, escreveu

Anacephalæosis: id est summa capita actorum Regum Lusitaniæ. Antuerpiæ 1621.—4.º *Conimbricæ 1793.*—4.º

Começa no Conde D. Henrique, e segue até Philippe III. Também não é mais que resumo da historia portugueza classica.

VIII.

Fr. Bernardo de Brito (1), natural da villa d'Almeida, mandado em tenros annos para Roma (2), ali se instruiu eminentemente na poesia, oratoria, e nas linguas, sendo consummado na latina, italiana, e franceza, e tendo bastantes conhecimentos da grega, e hebraica. Applicou-se ao estudo da historia, em que fez grandes progressos, bem como na poesia, e lingua portugua, sendo venerado como mestre da lingua, e como classicas as suas obras. Professou a regra de S. Bernardo no mosteiro de Alcobaça em 1585, e passando d'ahi

á Universidade de Coimbra tomou o gráu de doutor na faculdade de Theologia. Sendo porém a historia o seu estudo favorito, e projectando escrever a d'este reino se deu com o maior disvelo á investigação dos monumentos mais preciosos da mesma, que se guardavam nos arquivos publicos da torre do Tombo, e dos mosteiros d'Alcobaça, Lervão, e outros, donde tirou as preciosas noticias, com que enriqueceu a sua excellente obra da *Monarchia Lusitana*; principando a sua historia desde o principio do Mundo, e publicando a primeira parte d'ella sendo d'idade de 27 annos. Mereceu pelas suas luzes ser nomeado chronista mór do reino em 1616, emprego, em que succedeu por morte de Francisco d'Andrade, sendo-o já da sua religião, da qual também publicou a historia com o titulo de *Chronica de Cister* (3). Vindo de Madrid para Almeida, chefe de caução, e atenuado pela assídua applicação, falleceu nesta villa em 1617, sendo o seu corpó conduzido para o mosteiro de Santa Maria de Aguiar da sua mesma ordem, situado na vizinhança da villa de Castello-Rodrigo. Passados 32 annos foi trasladado para a casa do capitulo d'Alcobaça. Compoz

Monarchia Lusitana — primeira parte—Alcobaça (4) 1597—folio. *Monarchia Lusitana* — segunda parte—Lisboa 1609. Saíram ambas reimpressas em Lisboa em 1690—folio (5).

A primeira parte contém a Historia de Portugal desde o principio do Mundo até o Nascimento de Christo. A segunda continúa, e segue a historia desde o Nascimento de Christo até Portugal ser dado em dote por D. Affonso VI. do

(1) Nasceu a 20 d'Agosto de 1569.

(2) Não a Roma, mas sim á Universidade de Coimbra e que tão somente se reconhece elle devedor das humanidades, e theologia que sabia, como se vê na parte 1.º livro 4.º capitulo VI. da *Monarchia Lusitana*.

(3) Publicou somente a primeira parte, que contém a historia d'aquella ordem nos primeiros tempos da sua existência. Em Lisboa: por Pedro Gruesbeck, anno de 1602—folio. Foi segunda

N.º 40 — 1 d'Agosto de 1845.

vez impressa em Lisboa por Paschoal da Silva impressor. em 1720—folio.

(4) No fim da primeira parte vem um opusculo intitulado: *Geographia antiga da Lusitania*. Alcobaça, por Antonio Alvares, 1597.—folio.

(5) A primeira, e segunda parte da *Monarchia Lusitana* foi publicada pela terceira vez, com duntas notas pelo director da classe de litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 8 volumes de 8.º

Gastella ao Conde D. Henrique. A respeito d'esta obra, convém observar, que não obstante ser escripta com estylo elegante e proprio da historia, ella está cheia de factos de que hoje duvidam os criticos, e que se não podem comprovar com monumentos coetaneos; e taes são a maior parte dos que Brito apresenta, anteriores á entrada dos Carthaginezes na Lusitania, e da serie dos reis que n'ella reinaram até esses tempos, que se devem olhar como fabulosos, ou heroicos para a historia da Lusitania. Sómente, depois que os escriptores romanos escreveram os factos, relativos a este paiz, que estavam ligados com a historia, que elles escreveram, é que a narração de Brito começa a ser mais certa. O mesmo juizo se deve fazer das origens, que Brito dá a muitas cidades e villas d'este reino, cujas fundações vão além da vinda de Christo, porque tanto estas noticias, como as dos reis da antiga Lusitania, e outras pertencentes á historia da meia idade, tirou elle das falsas chronicas de Flavio Dextro, de Laimundo de Orteja, e de outros escriptores fabulosos, que ou foram inventadas pelo mesmo Brito, ou se existiram não merecem crédito no conceito dos criticos. Com igual prevenção se devem ler todas as historias portuguezas, e obras de Geographia, e antiguidades da Lusitania, onde se acharem narrações semelhantes, origens de povoações, de cidades e villas, desituidas de fundamentos, series de reis, e de acontecimentos anteriores aos primeiros monumentos da historia romana, com que está ligada a da Lusitania, como de uma conquista d'aquella republica. Differente idéa deve fazer-se dos trabalhos d'este historiador depois que elle entra a tirar de melhores fontes as suas narrações, que são

tanto mais respeitaveis, quanto mais se avizinha ao principio da erecção de Portugal em reino. Fr. Antonio Brandão continuador de Brito falla de uma terceira parte da Monarchia Lusitana, que Brito compozera, mas que nunca se imprimiu; e ainda que esta obra se acha hoje comprehendendo oito partes, ou oito volumes, elles são parto de diferentes pennas, sendo as duas primeiras de Brito, como fica exposto; terceira e quarta de Fr. Antonio Brandão, quinta e sexta de Fr. Francisco Brandão, septima de Fr. Rafael de Jesus, e a oitava de Fr. Manoel dos Santos, de quem fallarei nos numeros proximos seguintes. É assás custoso ajuntar hoje os volumes todos d'esta immortal obra, por estarem raros, e serem muito procurados dos amadores d'este ramo de litteratura, em que esta obra deve ter um mui distincto logar. Compoz mais o mesmo Brito

Elogios dos Reis de Portugal com os mais verdadeiros retratos, que se podéram achar. Lisboa 1603 e 1726. 4.º, e 1762 — 8.º Saíram addicionados com as vidas de Philippe IV, D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, e D. João V, por D. José Barbosa Thætino, e impressos em Lisboa no referido anno de 1726.

Esta obra ainda que breve (são pavoras do celebre antiquario Manoel Severim de Faria) é de grande consideração, porque na linguagem e juizo pôde servir de modelo a toda a boa historia abreviada (6).

IX.

Frei Antonio Brandão, natural de Alcobaça, Cistercienco nasceu em

(6) A pequena collecção de Poesias portuguezas e castelhanas, que Paulo Crasbeeck publicou sem nome de auctor em Lisboa, no anno de 1654 em 4 volumes em 32 com o titulo de—Silvia de Lysardo—é attribuida geralmente pelos doutos a Fr. Bernardo de Brito. Veja se o tomo primeiro do Dic-

cionario da lingua portugueza publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, catalogo dos auctores, paginas CLXXVIII. Foi pela primeira vez dada á luz por Alexandre de Sequeira, em Lisboa, anno de 1597, em 32.º; e segunda vez ahí mesmo por Pedro Crasbeeck, em 1632, em 12.º

1584. (*) *Diction philosophia, et theologia*, na sua religião, e recebeu na Universidade de Coimbra o gráu de doutor nesta faculdade, sendo geral da sua congregação e nomeado Chronista mór do reino, em cujo emprego succedeu a D. Manoel de Menezes. Determinado a continuar a historia que Brito começára, deu-se por espaço de dez annos ao trabalho penoso de revoiver, e examinar os mais antigos e veneraveis cartorios de mosteiros, igrejas, cidades e villas, e sobre todos o da Torre do Tombo, não poupando diligencia alguma, para obter tão generoso intento, que conseguiu escrevendo uma historia clara, solida, (falla o auctor da Bibliotheca Lusitana) verdadeira, copiosa, e bem digesta. Estabelecem-se nella com o melhor fundamento as datas, a genealogia, nascimentos, mortes, acções, e descendencias dos nossos monarchas, as origens de muitas familias illustres, brazões e appellidos de que usam, fundações, foraes e privilegios dos mais celebres conventos, igrejas, cidades, villas, e cathedraes d'este reino, successão de seus prelados, e outros muitos successos celebres, tudo comprovado com monumentos irrefragaveis, acreditando-se o seu auctor tão eminentemente, que mereceu os constantes elogios de nacionaes, e estrangeiros, sendo o do auctor da *Historia Genealogia da Casa Real, que a historia portugueza será sempre devedora á sua estimada obra da Monarchia Lusitana*, e chamando-o admiravel na historia e antiguidades do nosso reino. O erudito D. José Barbosa no catalogo das raias portuguezas, lhe dá com razão o nome de verdadeiro Hercules das difficuldades da Historia Portugueza. É indubitavel serem as duas partes (3.^a e 4.^a) as mais acréditadas, podendo com propriedade chamar-se-lhe uma historia monumental. Compoz:

Terceira parte da Monarchia Lusitana, que contém a Historia de

(*) Em 25 d'abril de 1583 e falleceu na mesma villa de Alcobaca aos 27 de novembro de 1637.

Portugal desde o Conde D. Henrique, e todo o reinado d'ElRei D. Affonso Henriques.

Lisboa 1632 — folio.

Quarta parte da Monarchia Lusitana, que contém a Historia de Portugal desde o tempo d'ElRei D. Sanchol. até todo o reinado de D. Affonso III. Lisboa 1637. — folio.

X.

Fr. Francisco Brandão, sobrinho de Fr. Antonio Brandão, e seu successor na occupação de chronista mór do reino, por alvará de 19 de janeiro de 1649, bom como religioso da mesma congregação, era como elle natural d'Alcobaca, e como elle foi doutor em Theologia, e mestre d'ella na sua religião. Den-se desde os primeiros annos ao estudo das antiguidades e historia portugueza, cujos conhecimentos o habilitaram para continuar a Monarchia Lusitana, mas não sei se menos felizmente que seu tio, a quem elle é muito inferior na continuação que fez, não sendo tão profundo, nem tão seguro na historia, que escreveu: e é notavel que tendo o primeiro continuador da Monarchia Lusitana excedido ao seu primeiro auctor Fr. Bernardõ de Brito (o que é raro em semelhantes trabalhos) todos os mais continuadores ficassem muito abaixo da esteira de Fr. Antonio Brandão, a quem elles devêram seguir como modelo, não podendo dizer-se monumental a historia, que elles escreveram. Compoz

Quinta parte da Monarchia Lusitana, que contém os primeiros 23 annos do reinado de D. Diniz. Lisboa 1650 — folio.

Sexta parte da Monarchia Lusitana, que contém a historia dos ultimos 23 annos d'El-Rei D. Diniz. Lisboa 1672 — folio.

XI.

Fr. Rafael de Jesus, da ordem de S. Bento, nasceu na villa de Guimarães em 1614. Teve varios empregos na sua

religião, e em razão dos seus conhecimentos da historia foi nomeado Chronista mór do reino por alvará de 11 de novembro de 1681. Falleceu no convento de S. Bento de Lisboa em 23 de dezembro de 1693. É um dos continuadores da Monarchia Lusitana, e sobre o merecimento e juizo da continuação, veja-se o que observei no numero precedente. Compoz

Setima parte da Monarquia Lusitana: contém a vida d'el-rei D. Affonso IV, por excellencia o bravo. Lisboa 1683 — folio.

Escreveu 8.ª e 9.ª parte d'esta mesma obra, que se não imprimiram.

XII.

Fr. Manoel dos Santos é o ultimo continuador da Monarchia Lusitana, nasceu em Carentão, termo da villa de Cantanhede, em 1672. Abraçou o instituto cisterciense no mosteiro de Alcobaça; depois de concluir os seus estudos monasticos, deu-se particularmente ao da historia, examinando com indefesso trabalho o archivo do mosteiro d'Alcobaça, donde extrahiu copiosas noticias que o habilitaram a escrever a historia do mesmo mosteiro, e continuar os trabalhos de Brito, e dos Brandões compoendo a 8.ª e ultima parte da Monarchia Lusitana, para o que se achava auctorizado tanto como Chronista da sua congregação, como sendo-o do reino por alvará de 6 de fevreiro de 1726. Falleceu em Alcobaça em 1740. Escreveu

Monarchia Lusitana parte 8.ª: contém a historia e successos memoraveis do reino de Portugal no tempo de el-rei D. Fernando, a eleição d'elrei D. João I com outras muitas noticias da Europa. Lisboa 1729 — folio.

Já acima (n.º X) deixei feito o juizo que se deve fazer d'esta obra. A 7.ª, 9.ª, 10.ª parte, que Fr. Manoel dos Santos fez, não gosaram do beneficio da impressão.

XIII.

Manoel Constantino viu o dia na cidade do Funchal, capital da ilha da Madeira, estudou philosophia na Universidade de Coimbra, e theologia na de Salamanca, em que se graduou doutor. Passando a Roma dictou philosophia na Sapiencia, celebre academia da capital do mundo christão, em que mereceu os applausos, e attentões das principaes personagens da curia pelo seu talento e vasta erudição, obtendo como remuneração bem merecida cinco beneficios rendosos, e uma pensão no mestre-escolado de Evora.

Compoz diversos tratados, entre os quaes pertence ao presente assumpto o seguinte

Historia de origine, et principio atque vita omnium regum Lusitaniz, et rebus ab illis præclare gestis cum omnibus casibus, qui in eo regno ad nostra usque tempora evenere, et multis aliis rebus scitu dignissimis, ad idem regnum Lusitaniz spectantibus.

Romæ 1601.-4.º Consta de 20 Liv.

XIV.

Luiz Coelho de Barbuda, natural de Lisboa, criado da casa real: applicou-se á historia portugueza escrevendo em estylo laconico e elegante na lingua castelhana—

Emprezas militares de lusitanos, Lisboa 1624 — 4.º

Consta de 18 livros, em que narra as acções militares dos portuguezes, desde o conde D. Henrique até o anno de 1607, em que foi invadida a praça de Moçambique pelos holandezes, a quem derrotou D. Estevão d'Alaide. Apezar de que o auctor promete a paginas 229 segunda parte d'esta obra, não consta que a compozesse. Antonio de Souza de Macedo na sua obra Florez d'Espanha, cap. 14 — excel. 9 n. 58 dá a esta o titulo de excellente.

(Continuar-se-ha.)

O FESTIM DE BALTHAZAR.

I

Brando o sol esmorecia,
E da tarde a viração
Nas folhas seccas do chão
Já cantava o fim do dia;
Louvores do Senhor Deus
Cantava, no captiveiro,
Um velho, em solo estrangeiro,
C'os olhos fitos nos céus.

Reluz-lhe a fronte já calva,
As faces rugosas tem,
Té á cintura lhe vem
A barba comprida e alva;
Que magestoso não é
Entre as ruínas da idade!
No meio da tempestade
Parece o cedro de pé!

Puras aguas fugitivas
A's plantas lhe vão passar,
Vão-se-lhe á volta assentar
Lindas donzellas captivas;
São quaes purpureos botões,
Que das roseiras do estio
Pendem á beira do rio,
Ouvindo aéreas canções.

E o velho canções cantava
Tão saudosas do Senhor!
E canções d'antigo amor
Da patria, por quem chorava;
Ah! que patria que elle tem!
Não lhe ouvis por entre o canto
Murmurar em nome sancto?
Não lhe ouvis Jerusalem?!

Mas contra este nome lucta
Horrendo tumultuar!...
Era em seu impio folgar
Babylonia a prostituta.
Folga, cidade infiel!...
Folga, folga, o tempo expira...
Já sobre ti desce a ira
Do Senhor Deus de Israel!

Não te valem esses muros
De Nabuchodonosor,
Nem o cinzel do esculptor,
Que fez teus Deuses impuros;
Já na raça de Judá
Poz Deus a vista clemente...
Já das partes do oriente,
Surge uma voz... que será?...

E negra a noite crescia
Quando ao velho vem buscar
Um servo de Balthazar,
Que da cidade corria:
E o captivo louva a Deus
Cantando no captiveiro,
Segue a trilha ao mensageiro
C'os olhos fitos nos céus!



II.

Que ricas formosas salas,
Que joias, sedas, e galas
Lá no palacio real!
E que palacio infinito,
Todo porfido e granito,
Onde se adora Baal,
Onde em forma de serpente
N'aurca columna fulgente
S'enrosca o genio do mal!

De bronzeas cadeas rijas,
 Presas nas altas cornijas,
 Pendem lampadas sem fim;
 Brilha a mesa dos banquetes,
 E brillham finos tapetes
 Sob os leitos de marfim;
 Vem dar mate á formosura,
 Não longe, a eterna verdura
 Do marmoreo amplo jardim.

Alli, de eunucos cercado,
 No throno d'oiro assentado,
 Folgava o rei Balthazar;
 Com elle, torpes amores
 De Babylonia os Senhores
 Iam nas taças libar;
 E o fogo, acceso nas taças,
 Mil concubinas devassas
 Iam depois apagar.

E já tudo louco andava,
 Tudo ria e descantava
 Entre nefando prazer;
 Ardiam frouxos os lumes,
 E os recedentes perfumes
 Mais e mais a recender;
 Ligeira, a lubrica dança
 A's concubinas já cança,
 Já lhes faz a côr perder.

Em seus desejos protervos
 Mais impio o rei, aos seus servos
 Mais impias ordens dictou:
 Quiz alli ver profanados
 Aquelles vasos sagrados,
 Que seu paé outr'ora ousou,
 Do Senhor na casa entrando,
 Roubar, maldito! lá quando
 Jerusalem captivou!

De Baal ás frageis plantas
 Leva o rei aquellas sanctas
 Alfaías do Senhor Dens;
 Depois de vinho as enchia,
 Por ellas depois bebia,
 Bebiam todos os seus; . . .
 Eis de repente apparece
 Uma nuvem, que alli desce
 Lá das alturas dos céus! . .

Sai da nuvem um som grosso...
 Nuta o marmoreo colosso,
 Querem as salas cair,
 E a mão, que occulta as movêra
 Nas paredes escrevêra
 De Balthazar o porvir;
 O porvir! . . . no homem não cabe
 Ler taes lettras; — ninguem sabe
 Lettras, que sabem fulgir.

Como o sol fulgiam ellas,
 Fulgiam como as estrellas,
 Mas com terrivel pallor;
 E Balthazar já descora . . .
 Ajoêlha . . . brada . . . implora . . .
 Coâ-lhe n'alma o pavor . . .
 Quer fugir . . . fugir não póde,
 Porque os membros lhe sacode
 Horrido e frio tremor! . . .

As concubinas correndo,
 E lacrimosas gemendo,
 As faces cobrem co' a mão;
 Andam co' as vestes rasgadas
 Co' as madeixas desgrenhadas,
 Palpitante o coração!
 Os escravos, os Senhores
 Soltam sentidos clamores,
 Røjam as fronte no chão!

Debalde quer seus futuros
 Ler Balthazar sobre os muros,
 Que Balthazar não os leu;
 Debalde todos os sábios
 Alli foram; mudos labios
 Teem para as lettras do céu!
 » Oh! venha, diz a rainha,
 » O captivo, que adivinha,
 » Que rasga aos sonhos o véu (*).



III.

Que grave aspecto, que passo
 Tão lento o velho tomou,
 Quando ao portico devasso
 C'o mensageiro chegou!
 Sobe... sobe... a sala entrara...
 Defronte do throno pára,
 E crava os olhos no rei!...
 O rei e todos tremeram,
 Porque na vista lhe lêram
 Não sei que males, não sei!

Balthazar ante o captivo
 O colo curvado tem,
 Já não é monarcha altivo
 Novo monarcha alli vem;
 Novo monarcha da festa
 Que a monarchia lhe attesta
 O antigo rei sobre o pó;
 Reina o captivo d'outr'ora
 Que a fronte lhe c'róa agora
 O Senhor Deus de Jacob!

— Velho! dou-te a liberdade,
 » Os meus thesouros sem fim,
 » Do meu imperio metade,
 » E o maior depois de mim
 » Tu serás... — não quero; escuta:

» Babilonia a prostituta,
 » Teu prostituto folgar,
 » Acordando iras do Eterno,
 » As largas portas do inferno
 » Abriram de par-em-par!

» Rei! além tu tens com fogo
 » Escriptas lettras fataes!
 » Não vale ante ellas teu rogo,
 » Nem teus presentes reaes;
 » São tres palavras sagradas (*)
 » Porque alli foram gravadas
 » Por mão sagrada do céu;
 » Vede, ó rei, vede, ó rainha,
 » Ao captivo, que adivinha,
 » Rasgar-lhes agora o véu.

» Balthazar! foste julgado,
 » E o teu reinado passou;
 » Tu foste por Deus pesado
 » E nenhum peso te achou;
 » D'Assyria as terras diversas
 » Serão dos Medas, dos Persas,
 » Babilonia cairá!...
 » Eis do Senhor a vingança,
 » Porque já seus olhos lança
 » Sobre a casa de Judá,

E todos cáem por terra,
 E longo pranto se ouviu...
 Mas do oriente a voz, que aterra
 Já mais perto retiniu...
 Eram de Cyro os soldados
 Sobre os muros conquistados
 De Babilonia sem fé:
 Olha o captivo a cidade...
 No meio da tempestade
 Parece o cedro de pé!

(*) O propheta Daniel tinha explicado o sonho de Nabuchodenezor.

(*) As tres palavras são MANE', THEKEL, PHARE'S, e a sua explicação *byblica* foi seguida com a possível fidelidade.

Nessa noite o sangue corre
 Dos ferros n'assyria mão,
 Balthazar punido morre,
 Surge a captiva Sião!
 Oh! mas quem era o captivo
 Junto ao rio fugitivo
 C'os olhos fitos nos céus?
 Quem taes verdades dissera?
 Aquelle velho quem era?
 Era um propheta de Deus!

J. de Lemos.

(J. D.)

EUGENIO SUE

E OS

MYSTERIOS DE PARIZ.

(Continuado da pag. 126)

O quadro da familia *Morel* é um dos mais bem desenhados, e que mais commovem nos *Mysterios de Pariz*: aquelle miseravel operario morrendo de fome com sua mulher e com seus filhos tambem morrendo de fome, trabalhando mais que um forçado, suicidando-se lentamente, para dar á sua familia o pão negro da miseria, e cercado de joias e diamantes, o minimo dos quaes seria para elle a salvação e a abundancia... ah! este homem merecia um throno, se houvesse para a probidade um throno cá na terra. E que remedio dá o auctor dos *Mysterios* a esta desgraça tão vulgar, a esta chaga corruptora da nossa sociedade? Uma policia de homens a procurar a probidade pelo mundo! Entregar a sorte de familias e familias ao alvedrio de homens sujeitos a paixões e vícios! Acredita o auctor que a desmoralisação do nosso seculo não illudiria e tornaria inutil essa instituição, como o tem feito a muitas outras? Não é contra essa desmoralisação, filha da miseria e do luxo, que se

devem procurar todos os remedios? Não está a miseria de milhares de familias escripta em caracteres bem claros nas leis que distribuem actualmente os direitos e as riquezas? O remedio para a desgraça de tantas familias, como a familia *Morel* não será organizar a sociedade de maneira, que nunca seja possivel que um homem probro a trabalhar toda a sua vida defínhe de miseria?

Uma scena nos apresenta o auctor dos *Mysterios*, que desgraçadamente é uma scena das mais vulgares da classe pobre da nossa sociedade: um operario, que passou a maior parte da vida a trabalhar para o sustento da sua familia, torna-se de repente chegado a certa idade em um homem vicioso, abandona sua mulher e seus filhos, e foge com a sua amazia, que o instiga a negociar o pão da infamia com a prostituição de suas filhas! As velhas chronicas da barbara Europa mostram-nos crimes os mais barbaros e sanguinolentos, que respiram a crueza selvatica das feras; mas um attentado tão immoral e tão ignobil só o apresenta a corrupção do nosso seculo. E será só o remedio para este facto escandaloso livrar aquella familia desgraçada das mãos de seu barbaro chefe, quebrar os laços, que a uniam a elle, como se os homens podessem desfazer os laços da natureza? Será só o remedio para tal desgraça dar áquella familia os meios de subsistencia? — Dinheiro, dinheiro, eis a mola real da philosophia arida e orgulhosa do nosso seculo. O dinheiro é uma consolação philosophica, mas não será nunca uma consolação moral, uma consolação religiosa, uma consolação verdadeira. Aquella mulher abandonada podia nunca esquecer na sua dôr de esposa e do mãe que o pae de seus filhos a havia abandonado por uma mulher infame e perdida? — O remedio que o divorcio de *Eugenio Sue* daria a uma tal desgraça era para os nossos tempos um grande bem; mas não seria muito maior bem prevenir essa desgraça do que dar-lhe

um remedio que não pôde sanar toda a enfermidade?— A causa do mal é a miseria e a ignorancia, a miseria que instiga ao crime, como unico meio de lucro, a ignorancia, que não deixa ver a immoralidade, que elle encerra: o remedio é fazer desaparecer essa ignorancia e essa miseria. Muitos dos homens e mulheres ignorantes da classe pobre e ainda das classes abastadas tem na idade um certo limite, em que a razão parece enfraquecer-se-lhes, e depois de uma vida regular segue-se em geral uma vida de idiotismo fanatico, ou de idiotismo criminoso. Este phenomeno observa-se nas pessoas de uma razão fraca e não cultivada nem desenvolvida pela instrução. Qual será o remedio aos males, que d'aqui se seguem, senão as luzes da instrução para o pobre, como para o rico, para a mulher, como para o homem?

Se *Eugenio Sue* pertende regenerar a sociedade, devia apresentar-nos a causa dos factos mais caracteristicos da nossa sociedade — a corrupção e a miseria. *Eugenio Sue* mostra-nos a miseria com todos os seus horrores, mas devia mostrar-nos essa miseria não como um acontecimento inevitavel, que tracta de minorar, como uma desgraça que é preciso adoçar, mas sim como um facto proveniente de um vicio organico da nossa sociedade, como uma desgraça que é necessario fazer desaparecer. *Eugenio Sue* apresenta-nos a prostituição, essa filha primogenita da miseria como a atmosphera habitual da escoria do povo; mas nós queriamos ve-la principalmente como a consequencia inevitavel da differença das fortunas, como a conductora da corrupção do rico para o pobre; estragando a flor da mocidade, perturbando a ventura das familias, reduzindo o sentimento a um puro materialismo, tornando os laços mais sagrados da natureza em um meio impuro e immoral de favorecer os sordides calculos da avidéz e do egoismo, enfraquecendo assim as ternas e sanctas ligações

de familia, e sendo um obstaculo immediato ao crescimento e aperfeiçoamento phisico e moral da especie humana.

Eugenio Sue devia dizer aos homens: — as desgraças terriveis, que se agitam na vossa sociedade, existem porque é má a organização d'essa sociedade, porque são más as vossas instituições, porque fazeis gala de illudir as vossas leis, porque muitas d'ellas são mesmo hypocritas e enganadoras, ou vós assim as tornais; porque a lei manda preferir o merito nos cargos publicos, e vós preferis os maiores escravos dos partidos, porque as leis prohibem severamente o soborno e é pelo soborno que hoje se dirige a sociedade, porque dizeis pomposamente nas vossas constituições que todo o homem tem o direito de fazer o que a lei lhe não prohibe, e tal artigo é uma irrisão e um ludibrio para o pobre, que embora possua um milhão de direitos, não pôde mais do que desfinhar trabalhando até á morte, se quizer viver nesta sociedade, aonde por escarneo lhe chamam homem livre.

A penna de *Eugenio Sue* devia ser rigida e inexoravel, imputando aos homens os seus crimes. Nos terriveis contrastes entre a grandeza e a miseria devia recordar-nos a cada passo que esse grande no meio do luxo, da abundancia e bastas vezes da infamia é irmão do pobre miseravel, que estende ao canto das ruas a descarnada mão pedindo esmola, e que recebe em resposta a chicotada do vil lacaio, que conduz no cocho almofadado seu opulento senhor.

O auctor de uma obra, que muito se parece na forma com os *Mysterios de Pariz*, o auctor das *Memorias do Diabo*, sem tractar das muito delicadas questões sociaes, como *Eugenio Sue*, tem no seu genero uma linguagem, que muito conviria ao auctor dos *Mysterios*. A penna de *Frederico Solié* implacavel e terrivel não poupa nunca exprobrações e sarcasmos. Sem contemplação para com os prejuizos da sociedade apresenta-nos os seus vicios, como inlicreates

à sua organização monstruosa. *Quereis cousas terriveis para vos regosijardes*, diz elle no principio das suas terriveis paginas, *pois bem, aqui tendes um pedaço da vossa historia*. Não é assim que falla *Eugenio Sue*, que se persuade que os vicios da actual sociedade podem ser destruidos sem destruir os seus alicerces, que não vê em todos elles uma lei, que os liga ao desequilibrio e á má divisão de todos os elementos sociaes — capitaes e trabalho, direitos e instrução.

Se o livro de *Eugenio Sue* não é perfeitamente philosophico, porque não remonta dos phenomenos á sua causa primitiva, os *Mysterios de Pariz*, em que vemos tamanhas tendencias religiosas, tambem não é um livro perfeitamente christão: nelle não ressumbra a fraternidade evangelica, que faz do genero humano uma só familia, e que tanto realce daria ao penoso e terrivel espectáculo do irmão desgraçado perecendo á mingua em frente dos sumptuosos palacios de seus irmãos poderosos.

O rico deve socorrer o pobre, porque tem obrigação de assim o fazer, e não para se divertir, como muitas vezes o *Rodolpho de Girolstein*, a providencia visível de *Eugenio Sue*. E este caracter tão bello, este grão Duque da Alemanha, penetrando tantas vezes na miseravel choça do pobre parisiense, este nobre philosopho vai perder toda a nossa sympathia, como soberano dos seus estados: os *Mysterios* acabam á saída de *Pariz*, o epilogo é desnatural, deslocado, e extranho á obra, e *Rodolpho* deixa de ser o protagonista e deixa de ser philosopho, para ser um aristocrata allemão.

Finalmente a philosophia de *Eugenio Sue* não está a par dos actuaes conhecimentos scientificos: os remedios, que applica *Eugenio Sue* ás doenças da nossa sociedade, podem-se chamar empyricos, e hoje ninguem ignora que elles devem ser deduzidos das leis da sciencia, de uma sciencia social e economica ainda recente e pouco adianta-

da. Os sabios pronunciaram a palavra associação, mas a formula de uma associação geral não a deram ainda as leis da sciencia. Já lá vai o tempo, em que os publicistas assentavam que a liberdade politica e as leis empyricas que elles imaginavam, podiam por si fazer a felicidade dos povos: hoje os homens da sciencia reconheceram que essa felicidade só póda provir de uma boa organização social fundada nas leis da moral, da economia e do direito.

Concluindo pois, dizemos que a obra de *Eugenio Sue* agradou e agradeu muito, porque o romance é verdadeiramente bello; porque o livro é novo no fundo e na forma, e porque a sua philosophia é uma philosophia facil, que consiste em apontar o mal, e applicar-lhe um remedio, que não encontra os interesses dos homens, nem afronta os seus prejuizos. Mas a obra perderá a sua grande fama desde o dia em que os homens reconhecerem que essa philosophia é chimerica e acanhada.

Mesmo assim muita gloria coube ao homem, que primeiro atirou para o vulgo dos leitores as primeiras questões sociaes, que pertendeu abalar os velhos e barbaros costumes arreigados aos seculos, que mistrou ao recreio a philosophia, que chamou a attenção dos homens para pontos importantes e delicados, e que mostrou ao mundo asquerosas e sanguinolentas as chagas da sociedade. Honra e gloria ao que defende os interesses da humanidade, ao campião do pobre e do opprimido.

Antonio de Serpa.

REVISTA SCIENTIFICA

(V. p. 138)

Sociedade Astronomica (Jan. 10) — Um apparelho de *Airy* para determinar a curva de flexão produzida por diversas pressões sobre uma barra de ferro de espessura uniforme e apoiada em determinados pontos. O mesmo apparelho

indica tambem a mudança de dimensões que possa resultar das variações quer de temperatura, quer dos pontos d'apoio e da applicação das pressões, sua intensidade e proporções.

Instituição Real (Fev. 14)—Forbes pretende deduzir dos seus estudos em zoologia e botânica alguns pontos theoreticos sobre as relações de analogia e polaridade entre os dous reinos organicos, distinguindo as que são de forma e afinidade, e as de estrutura e funções:— por exemplo que nos zoophytos a existencia de órgãos vesiculares suspensos contendo ovos, tem analogia, principalmente nas plumarias, com as folhas, flores e fructos das arvores; e que nestas os órgãos correspondentes ás folhas se revestem d'outras formas apropriadas para a reprodução. As analogias dão-se entre grupos parallellos; e quando os membros de cada grupo differem do respectivo typo é por adoptarem o caracter do typo mais vizinho: assim, nos molluscos e annelides que são typos parallellos, os gasteropodes pectinibranchios, typo dos 1.º, entram no mesmo grupo com os nudibranchios, vermiformes e destituídos de concha, que possuem tantos caracteres externos dos 2.º. Em quanto á especie, todas as vezes que um individuo de um grupo apresenta monstruosidade quanto ao numero de órgãos, esta se explica pelo numero dominante do grupo correspondente: assim os arachnodermes e echinodermes estão nesta relação de parallelismo, tendo aquelles os seus órgãos dispostos em multiplos de 4, e estes de 5; portanto quando se apresenta um exemplo monstruoso de qualquer d'estas tribus, o numero dos órgãos será o mesmo do da tribu parallellos. D'este modo percorrendo os grupos parallellos vê-se sempre uma mutua representação dos caracteres de cada um d'elles: assim os grupos parallellos *animal* e *vegetal*; um caracterizado pela concentração das partes essenciaes, e por sua organização tendente ao desenvolvimento

individual, o outro pelo alongamento das partes essenciaes, e por sua disposição para a reprodução extensiva da especie. A' medida que os dous reinos se aproximam vão assumindo mutuamente os caracteres um do outro: assim bem como nos vertebrados ha tendencia á concentração (caracterisco animal), nos articulados a ha para a extensão (caracteristico vegetal), nos 1.º tendencia para um endo-skeleto; nos 2.º para um exo-skeleto: do mesmo modo nos vegetaes mais completos um endo-skeleto e concentração nos exogenos; um exo-skeleto e extensão nos endogenos: por exemplo, nos gasteropodes entram as patella e chiton, um caracterizado por concentração, e o outro por extensão aproximando-se dos articulados: nas leguminosas e rosaceas, nas 1.º o exo-skeleto do fructo se desenvolve á custa do endo-skeleto, nas 2.º a concentração do fructo e desenvolução do endo-skeleto. Esta representação das duas esferas é manifestada nos vegetaes pelo systema reproductivo, caracterisco do seu reino, e nos animaes pelo nervoso e progressivo desenvolvimento intellectual. Em resumo conclue:— 1.º a unidade nas transformações e combinações dos seres animados individuaes para fins physiologicos de proveito para as especies;— 2.º a harmoniosa dualidade que domina em todas as divisões dos reinos animal e vegetal.

(Março 7) Goadby tem perfeiçoado singularmente o processo da conservação de exemplares zoologicos, e propõe diversas composições para esse fim: apresentou os insectos conservados n'uma dissolução de—sal marinho 4 onças, alumen 2 onças, deutochloreto de mercurio 2 gr, agua 1 quarto ou 2, —na qual o alumen pela sua adstringencia tornou opacos e visiveis os órgãos que são naturalmente transparentes como são os nervos; os molluscos com toda a molleza dos seus tecidos, com a integridade de suas conchas, as cores e o brilho metalico das asas e elytros dos

escaravellhos conservados na sua fôrma natural e caracteristica por est'outra soluçào—sal commum $\frac{1}{2}$ libra, arsenico $\frac{1}{2}$ drachma, deutoclureto de mercurio 2 gr., agua 1 quarto. Apresentou conservados por estes meios alguns molluscos maritimos e zoophytos conhecidos pela fragilidade do seu tecido como incapazes de serem conservados por qualquer outro processo; os systemas circulatorio, digestivo, o vaso dorsal e outros orgãos principaes dos insectos, collocados em suas situações proprias no interior do individuo; e depois de indicar as preparações mais apropriadas para cada genero de orgãos, recommenda em geral as seguintes cautellas na manipulaçào: —evitar liquidos muito aluminosos; augmentar a quantidade do liquido em proporçào do volume do corpo para que chegue a substituir todos os liquidos naturaes; renovar frequentes vezes esses banhos, e conservar os corpos em perfeita immersào por meio de pesos convenientes.

Sociedade d'Horticultura (Fer. 18) W. H. Pepps apresenta o resultado de suas experiencias acerca das substancias alimentares dos vegetaes: semeando umas gramineas em vasos de vidro cheios de terra formada artificialmente com toda a pureza, de 75 partes de silica, 15 d'alumina, e 10 de carbonato calcareo, fez rega-las com agua distillada e adubar com saes mineraes (carbonato, nitrato, chlorhydrato d'amoniar, nitrato de potassa e o guano) e depois applicou estes estímulos com as substancias organicas que naturalmente a acompanhavam —guano natural do terreno, o estrume composto por Daniell, afuligem, turfa, lodo, e agua de chuva. E observando que só no 2.º caso as plantas crescem, forma uma escala da força comparativa das substancias nutritivas, e conclue que as 1.ª puramente mineraes não podem por si só alimentar as plantas, e que d'entre as organicas, a melhor composiçào é a que a propria natureza tem formado.

Sociedade Microscopica (Fer. 19) E. Quekelt apresenta alguns exemplares dos vasos espiraes dos vegetaes silicificados, pelos quaes parece dar-se por decidida a questào da posiçào da espira dentro da respectiva membrana, pois que é na face interior dos vasos petrificados que se observa a impressào da espira. Mostrou tambem injeccões feitas em membranas mucosas; e Bowerbank as de capillares que atravessam o tecido adiposo.

Instituto dos Architectos (Fer. 22) Mr. Habershon apresenta dous capiteis e um pedestal de marmore que foram achados ao abrir os alicerces para a nova igreja de Jerusalem. Julga se que um dos capiteis d'ordem doricæ data das proximidades da era christã, pela sua analogia com outros d'um tumulo do valle de Josaphat a que attribue essa antiguidade. Os ornatos do outro capitel indicam um estylo muito inferior, talvez o Byzantino.

Sociedade das Artes (Fer. 26) Dêmos noticia (p. 115) da descoberta da nova fabricaçào da massa de vidro devida a Guinand, que tendo ficado occulta desde 1774 com a morte d'este Suisso foi por seu filho communicada a Bontemps, fabricante de vidros opticos. As estrias, manchas e bolhas que tornavam defeituosas as lentes, provinham da impossibilidade d'uma completa mistura das substancias que compõem aquella massa durante a fusão, e todo o genero de varas ou spatulas metalicas com que se mechasse a massa, eram dissolvidas pela alta temperatura do vidro fundido e inquinavam a massa com os seus fragmentos. O processo consiste hoje no emprego de varas de ferro envolvidas em cylindros de argilla pura, que resistem intactos até á mistura completa dos ingredientes; deixa-se então em lento esfriamento o cadinho em que está o vidro, quebra se depois com muito cuidado, e serra-se a massa transversalmente em peças circulares, de sorte que se podem obter lentes do diametro

do cadinho; e de tamanhas dimensões se tem construido algumas por este meio, que se estão já empregando nos instrumentos do Observatorio de Pariz duas de um metro de diametro.

(Março 5) E. Dalton propõe o estabelecimento d'um muscu ethnographico composto de typos de todos os povos e raças humanas conhecidas. A construcção d'estes modelos é por meio do processo de Francis Chantrey, pelo qual cobrindo de certa massa plastica o individuo vivo que se toma para exemplar, a massa recebe com a maior exactidão possível a forma exterior d'elle, adquirindo em poucos instantes a dureza necessaria pela applicação da corrente galvanica e com tanta rapidez se executa esta operação que não incommoda a respiração: o molde serve então para as massas fundidas de que se pertende construir as figuras; estas podem ter muitas das suas partes destacadas, como por exemplo o cabello para se vêr a configuração do craneo, podem ser pintadas a oleo e côres. A materia d'estas figuras era antigamente de cera, mas o auctor indica novamente como mais apropriadas para este fim—a composição da massa do papel e do linho cânamo, certas madeiras, e uma argilla particular que se acha em Londres á profundidade de 150 pés, semelhante ao barro de cachimbo mas menos consistente e que toma um aspecto metallico depois de oleado.

MAGNETISMO ANIMAL.

Continuam em Inglaterra os ensaios sobre este objecto, e cada vez mais factos apparecem que provam a sua utilidade therapeutica; o phreno-magnetismo tambem já hoje parece uma cousa innegavel. Tão numerosos são já os factos observados pela sociedade investigadora do magnetismo que apenas poderemos citar d'elles algumas particularidades mais notaveis.

Miss Webb de 17 annos de idade padecia constantes dôres de cabeça,

palpitações de coração, tosse e dôr no lado, e por ter empregado em vão toda a medicina recorreu a Mr. Ryland, que lhe applicou o magnetismo. Durante o somnambulismo Mr. Ryland poz-lhe a mão sobre o organo, julgou elle, dos numeros; a somnambula falou-lhe então em um delicado pastel, e o magnetizador attentando melhor, viu que tocava, não o organo dos numeros, mas o da alimentatividade. Descreveu o seu figado, e assignou como causa da dôr de lado que soffria uma lesão d'esta viscera. No momento de acordar nada lhe lembrava de quanto havia passado durante o somno de sorte que o fechar e abrir dos olhos foram para ella dous momentos consecutivos. Melhorou consideravelmente da molestia, mas não se restabeleceu de todo em consequencia de Mr. Ryland não poder demorar-se por mais tempo em Bristol.

Em Pumberland outra mulher Anna Pattenson foi curada de Rheumatismo pela applicação do magnetismo animal. Durante o somno magnetico conhecia as horas que designava um relójo posto na nuca, e por meio de alguns toques feitos em quanto estava sentada ficou com os hombros de tal sorte presos á cadeira, que não foi possível separa-los senão depois de desmagnetizada.

Em Gloucester houve uma reunião de varios facultativos, estudantes e pessoas instruidas para assistirem a um desafio scientifico entre Mr. E. F. Hikes magnetizador distincto, e Mr. Rumball encarniçado antagonista do magnetismo animal. Varias pessoas foram magnetizadas, mas ainda Mr. Rumball não se dava por satisfeito, quando Mr. Hikes magnetizou um rapaz de 10 annos de idade e fazendo-lhe nos pés os competentes toques, o rapaz permaneceu fixo no pavimento da casa. Então Mr. Rumball approximou-se d'elle pegou-lhe com ambas as mãos, quiz movel-o á roda para lhe despegar os pés do soalho, mas por mais que o torceu, o

rapaz chorava com a dôr da contorção, mas não se movia. A assemblêa apupou *Mr. Rumball*, e com palmas applaudiu *Mr. Hickes*. Sollicitando o Presidente o voto de todos os assistentes, a maior parte levantou as mãos em favor das maravilhas do magnetismo animal.

Outros muitos factos da mesma ordem se estão observando diariamente em Londres.

Tem-se achado que varios metaes, e especialmente o ouro exerce influencia sobre alguns magnetisados, que sentem uma vellicação forte no logar em que se pozer o metal.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Findaram no dia 30 do proximo antecedente mez os trabalhos escolasticos d'esta Universidade: e dos seus resultados apresentamos em seguida um quadro demonstrativo do numero de estudantes habilitados para fazerem acto, dos que effectivamente o fizeram, e do seu exito, bem como a relação nominal dos estudantes que foram premiados nas differentes Faculdades. Falta a relação dos premios de Medicina por haver ficado deferido, para o proximo mez de Outubro, o juizo da Faculdade acerca d'este objecto.

Em consequencia da nova reforma a Faculdade de Philosophia soffreu notaveis alterações em quanto ao numero e distribuição das cadeiras, o que obrigou alguns estudantes a frequentarem cadeiras collocadas em diversos annos, e d'aqui provém a differença, que em quanto aos numeros, apresenta esta parte do mappa.

Consta-nos que na Faculdade de Direito a Cadeira de Economia Politica passa a ser frequentada no 4.º anno, passando a primeira de Direito romano (Waldeck) para o 2.º

D'este modo no proximo anno lectivo

os cursos do 2.º e 3.º annos juridicos frequentarão conjunctamente a 1.ª aula de Direito romano, e o do 4.º anno frequentará em dias alternados os cursos de Economia e de Direito romano.

A Revista que se honra do seu titulo de Academica, porque o é tanto do coraçào, nascida no centro d'esta Universidade, criada com o baço animador d'essa juventude, que todos os annos converge dos differentes pontos do Globo, onde reina a lingua portugueza para se reunir e communicar seus trabalhos, suas esperanças e seus pensamentos, congratula-se com os seus socios estudantes pelo resultado final dos seus trabalhos escolhares.

Renovam-se as gerações academicas, assim como se renovam as da humanidade, mas neste nosso mundo academico as gerações que vão, e as que veem, acabam e nascem de repente. Hoje são lançados na voragem da vida publica e de homem, os que ainda hontem só cogitaram cuidados e folguedos de mancebo, e esta geração inteira de homens que se vai será amanhã substituida por outra de mancebos apenas saídos da infancia, que virão passar em Coimbra os mais solemnes dias da sua existencia; felizes, se no fim da sua vida escholar nenhum remorso lhes vier turbar a terna saudade dos dias passados nos braços da amizade academica, tão franca e verdadeira quanto o é o caracter do joven, a quem a experiencia do mundo não destruiu a sua fé de mancebo, nem ensinou a sciencia da hypocrisia!

A Revista Academica confiada no futuro espera poder saudar a aurora de muitas gerações, e a tantas outras enderessar-lhe suas saudosas despedidas; hoje cumpre pela primeira vez este dever, e aos Academicos, que no presente anno deixaram de pertencer a esta Universidade, boa parte combe na existencia d'este jornal para que elle não marquero nas suas paginas o dia da sua despedida, como um dia de saudade!..

MAPPA DO MOVIMENTO DA UNIVERSIDADE, NO ANNO LECTIVO DE 1844-1845.

Faculdades.	Anno	Matriculados	Habilitados	Perderam o anno	Esperados	Aprovados		Reprovados
						Semine	Simpl.	
THEOLOGIA.	1.º	24	18	6	(a) 5	11	2	
	2.º	24	23	1	17	6		
	3.º	33	33		20	13		
	4.º	7	7			7		
	5.º	1	1			1		
	6.º	5	5			3	2	
DIREITO.	1.º	138	137	1	6	81	26	24
	2.º	120	117	3	1	86	18	12
	3.º	135	128	8	1	116	3	2
	4.º	161	159	2	3	151	5	
	5.º	131	128	3		123	2	
	6.º	2	2			2		
MEDICINA.	1.º	(b)						
	2.º	40	7	3	1	5	1	
	3.º	11	11			10	1	
	4.º	32	32	1 (c)		30	1	
	5.º	21	(d) 20	1		16	2	4
	6.º	4	3	1		3		
MATHEMATICA.	1.º	55	33	22	15	12	1	5
	2.º	26	23	3	5	12	4	2
	3.º	5	5			5		
	4.º	3	3			3		
	5.º	1	1			1		
	6.º	4	4			1	3	
PHILOSOPHIA.	1.º	54	34	20	2	20	8	4
	2.º	23	21	2		(e) 23	1	
	3.º	27	25	2	6	13	6	
	4.º	23	21	2	2	14	5	
	5.º	20	14	6	11	4	1	
	6.º	1	1		1			
Total		4101	4016	87	102	774	92	53

(a) O grande numero de esperados nesta Faculdade procede de serem parte dos estudantes destinados para o estado ecclesiastico.

(b) Neste anno não houve estudantes por causa dos estudos philosophicos, que pela nova reforma se exigem para frequentar Medicina.

(c) Foi declarado sem effeito um acto por Portaria do Ex.^{mo} Conde Reitor.

(d) Aparecem quatro de mais dos habilitados porque são estudantes que não haviam feito acto no anno antecedente.

(e) Esta differença que se nota entre o numero de habilitados e o dos que fizeram acto provem de serem parte d'estes actos de repetição dos estudantes que passam á classe de ordinarios.

ESTUDANTES PREMIADOS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NO ANNO LECTIVO DE 1844-1845

THEOLOGIA

1.º ANNO

Premio — Antonio Bernardino Menezes

2.º ANNO

Premio — João Chrisostomo d'Amorim Pessoa

3.º ANNO

Premio { 1.º Constancio Floriano de Fria
2.º Ignacio do Nascimento Moraes*Accessit* { 1.º João Albino de Sousa Peres
2.º Jacob de Castro Mendes de Carva.º

4.º ANNO

Premio — João Antonio d'Oliveira

DIREITO

1.º ANNO

Premio { 1.º Antonio da Motta Veiga
João Carlos Massa*Accessit* { 1.º Adriano d'Almeida Coutinho
2.º João Guilherme de Sousa Jordão
3.º Delfim d'Oliveira Maia
4.º Albino Abilio de Freitas

2.º ANNO

Premio { 1.º Caetano de Seixas Montinho
2.º José Antonio Fernandes Pinheiro*Accessit* { 1.º Manoel José d'Almeida
2.º Francisco Lopes Gavicho
3.º Carlos da Costa Pereira Mendes
4.º Bernardo Francisco Abranelles

3.º ANNO

Premio { 1.º José Maria do Casal Ribeiro
2.º Manoel Thomaz de Sousa Azevedo*Accessit* { 1.º Paulo Midosi
2.º José Fernandes Galvão
3.º Francisco Augusto da Silva Cabral
4.º Nuno Caetano da Costa Negrão

4.º ANNO

Premio { 1.º Joaquim da Rocha Pinto e Sousa
2.º Ricardo João Pimentel Baptista*Accessit* { 1.º Agostinho Thomaz dos S.ºs Viegas
2.º Manoel Henriques Correa Severino
3.º José João d'Azevedo Morão
4.º João Felix de Brito Corte-Real

5.º ANNO

Premio { 1.º Manoel Maria da Silva Bruschy
2.º Antonio Maria do Couto Monteiro*Accessit* { 1.º Antonio Cardoso Avelino
2.º Francisco de Paula Figueiredo
3.º Lopo José Dias de Carvalho
4.º Francisco d'Albuquerque e Couto

MATHEMATICA

1.º ANNO

Partido { 1.º Jacinto Antonio de Sousa
Candido Gonsalves Mamede*Premio* { 1.º Augusto Sebastião de Castro G.ºs
2.º Bernardo de Carvalho Ribeiro

2.º ANNO

Partido { 1.º João de Sousa Machado
2.º Visconde de Samodães*Premio* — Manoel Joaquim de Sousa Brito*Accessit* { 1.º Antonio de Araujo Fer.º Jacobina
2.º José Augusto Nogueira Sampaio

3.º ANNO

Premio { 1.º Francisco Pereira Torres Coelho
2.º Pedro d'Amorim Viana*Accessit* — Francisco de Salles Gomes Cardozo

4.º ANNO

Premio { 1.º Caetano Manoel Roque Alvares
2.º Manoel Salema de Sousa Gouvêa*Accessit* — Augusto Ernesto de Castilho e Mello

5.º ANNO

Accessit — Antonio de Serpa Pimentel

PHILOSOPHIA

1.º ANNO

Premio { 1.º Martim Affonso Barbosa
2.º Jacinto Antonio de Sousa

2.º ANNO

Premio { 1.º Antonio d'Araujo Fer.º Jacobina
2.º Visconde de Samodães*Accessit* { 1.º Francisco Pereira Torres Coelho
2.º José Augusto Nogueira de Sampaio

3.º ANNO

Premio — Antonio Alves Pereira*Accessit* { 1.º José Fructuoso Aires de Gouvêa
2.º Miguel Pinto Cotta Coelho
3.º Albano José da Cruz

4.º ANNO

Premio — Bento de Freitas Soares*Accessit* — Antonio Alves Pereira

5.º ANNO

Premio — Luiz Albano d'Andrade*Accessit* — João Vieira de Vasconcellos

INFLUENCIA DO CHRISTIANISMO SOBRE A LEGISLAÇÃO.

(Continuado da pag. 54.)

ESCRavidÃO

Partout où règne une autre religion que la religion chrétienne, l'esclavage et la barbarie sont de droit
De Maistre = Du Pape = t. 2 cap. 5.

Nenhuma cousa devia ser mais ignorada nos Codigos das Nações do que a escravidão. — É um ferrete de ignomínia exarado nas frentes dos povos, o ler-se nas suas leis que entre elles os homens não são irmãos e iguaes perante a lei: porque sendo esta a expressão do *justo*, ante ella, como ante a fonte de toda a justiça, *Deus*, todos os homens são ramos do *mesmo* tronco; todos são filhos, pela carne do *mesmo* homem, e pelo espirito, do *mesmo* Creador: infelizmente, porém, a historia e as legislações ali estão atestando esse crime de Iesa humanidade sancionado em quasi todos os Codigos.

Não hesitaremos em reconhecer que encontramos na historia do genero humano poucas provas tão frisantes da rebelião do primeiro homem contra o seu Auctor, e da sua queda em castigo do seu crime, como essa aberração do seu espirito, que obcecado pela mesma ambição que o levára a julgar-se igual a *Deus* (1), o extraviára da verda do *justo* a ponto de erigir a *força* em *direito*, e reduzir o homem á classe de cousa, e subjuga-lo ao dominio.

Este facto vergonhoso foi por certo o effeito do esquecimento da sua origem, e teve por fundamento a ambição e soberba, isto é, os dons inimigos mais tenazes de quantos o inferno tem vomitado sobre a face do globo. A ambição

e a soberba destruíram a angelica harmonia da primeira criação dos espiritos, e mancharam com o crime o puro quadro traçado pelo Eterno na sua estupenda obra da criação.

Este mysterio, symbolisado pela queda de Lucifer, foi de novo realiado na do primeiro homem, que o mesmo Eterno fizera á sua imagem e semelhança (2).

Sómente de uma tal origem podia nascer a lucta do bem e do mal para explicar a qual, todos os que não buscam decifra-la pelo livro por excellencia, tem de crear systemas tão frageis como a natureza de seus auctores.

Surgiu o Christianismo, mas todos os abusos provenientes da soberba e ambição tem resistido ao seu poderoso influxo, de tal arte que a divindade da sua doutrina pode deduzir-se *tambem* da constancia com que ha podido arrotar, combater e derrôtar taes vicios.

Estes effeitos da ambição e soberba os achamos nós symbolisados na escravidão. Ser superior aos outros, tornar em lei seus caprixos, engordar á custa do suor alheio, tornar os outros homens meios para o consequimento dos seus fins, eis a escravidão em practica, — differença de raça, direitos de victoria, *direito de accessão* (3) & & eis os sophismas com que defende o seu crime o homem, olvidado do que é, e do que deve a seus irmãos, cego pela soberba, quer até cohonestar a sua usurpação com um nome derivado de um he officio (4)! como se fôra favor não ser fratricida!

Congenita com a corrupção do homem, a escravidão é o signal do peccado original da humanidade, e assim a encontramos em todas as sociedades politicas. Regenerado o homem pelo Christianismo, encontramos este pro-

(1).... et eritis scient *dñi*, scientes bonum et malum. — Genes. cap. III. v. 5.

(2) Genes. cap. I. v. 26.

(3) Alludimos ao p. incipio = *Portus cont'em se quitar*.

[4] *Serras á servando* (L. h. §. 2. ff. de stat. hom. L. 239. ff. de verb. sig.) é a etymologia que Florentino e Pomponio dão, como fundada no direito de matar os prisioneiros; mas ainda assim apontam o motivo sordido d'este beneficio, = *quod Imperatores captivos vendere; ac per hoc servare*.

clamando os dous principios, cuja ignorancia fizera adoptar pelos legisladores, e defender pelos philosophos a existencia da escravidão — *identidade de origem, — sanctidade do trabalho.*

» *Ha duas naturezas humanas, uma a dos escravos, outra a dos senhores. . .*

» o trabalho é proprio d'aquelles que

» não são cidadãos, porque estes são

» chamados ao regimen da republica,

(1) Estes dous principios, que podemos chamar os fundamentos juridicos das legislações dos povos anteriores ao Christianismo á cerca do estado das pessoas, são enunciados como verdades de intuição pelos dous espiritos mais elevados da antiguidade grega — Platão e Aristoteles — e abraçados como taes por Cicero, (2) philosopho, e magistrado do povo essencialmente juriconsulto na epocha, em que a antiga Roma, symbolisando a antiga civilização occidental, ia metamorphosear-se em a nova sociedade proveniente do Christianismo.

Com a publicação da *Boa Nova*, da lei de amor, não podiam taes principios continuar de existir seriamente defendidos na theoria, continuaram porém a subsistir os cancores roedores da ambição e soberba, e corrompido por elles o coração do homem continuou de sancionar nos seus Codigos o chamado direito de avassallar o seu semelhante; mas sempre invocando o principio da superioridade physica e intellectual, ou o da necessidade do trabalho, reproduzindo assim, sophistica e traçocirramente, os principios que os antigos por cegueira podiam haver adoptado de boa fé.

Será tambem debaixo d'estes dous aspectos que nós seguiremos o Christianismo na sua marcha lenta, mas nem

por isso menos efficaz, em modificar as legislações: continuando a seguir o mesmo systema que até agora, porque os factos são conformes a elle. Encontrando sempre o Christianismo cantando victoria nas consciencias, nos costumes, depois nos escriptos e a final nas leis. Andamento providencial, pois é o unico capaz de ser duradouro, e o unico que pôde guiar a sociedade á sua verdadeira perfeição, — *quid enim leges sine moribus?*

Examinemos as instituições dos povos antigos. Os Hebreus tinham escravos, e ao passo que o Pentatheuco no Genesis estabelece a historia da identidade e fraternidade de todos os homens, o Exodo, e o Deuteronomio contem legislação ácerca da escravidão, e adiante o livro de Josué ainda mais explicitamente a aduítte como um facto (3). Dentro em pouco teremos logar de ver que S. Paulo tambem aduítte a escravidão como um *facto*, nem encontramos que isto involva contradicção com os principios moraes do Christianismo, como esperamos mostrar: e em quanto aos Judeus, é claro que o povo eleito pelo Eterno para depositario da crença verdadeira, não estava ainda preparado para saborear todos os beneficios que a manifestação da revelação devia um dia derramar das fontes inexgotaveis da graça sobre todo o genero humano. É mesmo nesta differença que as duas leis divinas se distinguem sem se opporem.

Semelhante á terra escolhida em cujo seio o agricultor lança a semente que um dia deve produzir a arvore frondosa que com a sua sombra e fructos offereça abrigo e alimento ao homem, mas que no momento de lavrada sómente

(1) Aristoteles — *Polít. lib. I cap. 2. §. 14* — Platão — *De legib. lib. 9.*

(2) Cicero *De Offic. lib. II. cap 7 sed iis, qui vi oppressos imperio coercent, sit sane adhibenda severitas, ut heri in famulos* = e no livro, III cap. 23, propõe a questão de um Senhor em um naufragio ter de alijar mercadorias ou escravos (*servuli vites*) e segue *potius pereant servi quam ipse insigni damno afficiatur.*

(3) Citaremos em particular o Cap. 21 do Exod., o qual estabelecendo alguns artigos de legislação penal, com respeito ao escravo morto em consequencia dos castigos applicados pelo senhor, distingue o haver morrido no acto do castigo (*in manibus ejus*) ou de haver succumbido um ou dous dias depois: no primeiro caso ha homicídio (*criminius reus erit*) no segundo não — *quia pecunia illius est* — Vid. v. 2. 20-21 &c. &c. Deut. Cap. XV. v. 16 e 17 — Josué Cap. IX. v. 12, 13 e seg.

apresenta prova de haver sido objecto da eleição do agricultor, e de que sob a sua superfície se elabora o mysterio da germinação, o povo hebreu com a antiga lei, e milagrosa historia apresenta os caracteres da eleição do Eterno, e que do dentro d'elle sairá um dia a ultima palavra do mesmo Eterno a respeito do homem, personificada na obra da regeneração executada pelo VERBO.

No entanto a escravidão entre elles não era perpetua— «Vós contareis septe semanas de annos, e no quinquagesimo anno proclamareis a liberdade geral de todos os habitadores da Judéa... porque é o anno do Jubileo. E sendo hebreu será no septimo anno. E não o deixareis partir sem socorro (*vacuum*)... porque vos deveis lembrar de que tam- bem fostes escravos» (1). O que sómente admittia a excepção do captivo voluntario (2).

Os Celtas, os Germanos, os Cym-bros, e Saxões tinham escravos, sobre os quaes exerciam o chamado direito de vida e morte. Em Sparta os Hotas eram todos annos perseguidos e mortos em dias determinados, como se isto fosse um dever sagrado e politico para obstar á sua multiplicação desmedida (3).

Os Hyndos divididos em castas tem a dos *Soudras*, escrava de todas as castas superiores, e sujeitos a todos os trabalhos e males que os individuos d'aquellas lhes quizerem impor (salvo sendo serviços impuros no sentido da religião de Brahma) não sendo crime o assassina-los (4).

Emfim para não ampliarmos mais esta resenha das antigas nações, porque

os limites d'este jornal, a tornaria uma lista de citações estereis, concluiremos que os povos da Oceania e Africa collocados no ultimo elo da cadeia da civilisação tem escravos (5).

Em nenhuma nação porem foi mais minuciosa a legislação acerca da escravidão do que entre os Romanos, e tambem em nenhuma outra podemos seguir mais passo a passo os progressos do Christianismo.

O direito da victoria produziu escravos para Roma desde os primeiros dias da sua existencia.

O principio da propriedade quiritaria extendia-se aos escravos como fazendo parte das cousas *mancipi*, e até na enumeração das *cousas* que tinham esta qualidade, um juriconsulto enumera os escravos depois da terra, e antes do boi, do cavallo, &c. (6).

A par d'este modo de privar o homem do direito de liberdade violando o direito das gentes, ainda a legislação antiga admittia o principio da *accessão*, ou regra de que a qualidade d'escrava na mãe tornava o filho escravo (7); indo d'esta arte levar o abuso da força até aos arcanos mais sagrados da natureza, e lançar as algemas no ventre materno ao infeliz indifeso, a despeito das lagrimas da maternidade, e dos gemidos da innocencia! Barbaros são por certo todos os meios que a ambição inventou para privar o homem da liberdade, mas nenhum ha mais cruel, mais cobarde, e mais ignobil, do que este que assemelha o homem ao tigre que devora seus proprios filhos, e que leva o requinte da barbaridade ao ponto de privar a mulher da mais doce, da mais sancta de todas as alegrias, a da maternidade;

(1) Levit. Cap. XXV. v. 3 e seg. Deutero. Cap. XV. v. 12 - 17.

(2) Exod. Cap. XXI. v. 2.

(3) Michelet Hist. de Fran. e Orig. du Droit franc.

(4) Cantu Hist. Univ. Cap. XI.

(5) Rienzi — Oceanie — Univ. Pitt. — Cook — Voyag. aut. du Glob. e Kolber Voyag. au Cap.

(6) Ulp. Frag. XLX. §. 1. Bynkershoek. de reb. mancip.

(7) Não admittimos que a *accessão* fosse um modo de adquirir por Direito romano. É alheio d'este logar o expor as razões, bastará que notemos que até esta palavra é desconhecida nas LL. romanas em tal accepção (Vid. Mackeldey, Muhlenbruch, e Da-Gaurroy) mas servimo-nos d'esta phrase por se achar sancionada pelo uso, e ser verdadeira a regra — *partus ventrem sequitur*, e até era este o modo mais commum de se adquirirem escravos. (Savigny Droit rom. Tom 2. cap. 2. §. 65. not. 2).

porque o primeiro grito do infante, que faz pular o coração da mãe com prazer tão ineffavel, e que em um instante lhe faz esquecer todas as dores e perigos, é para a desgraçada escrava o signal de uma existencia de dôr, e o prazer presente (se o ha) é obscurecido por um futuro todo elle de angustia!

Taes eram os modos de adquirir o dominio sobre os homens, que as antigas leis romanas reconheciam, dando ao senhor dos escravos a maior amplitude de poder em quanto ao uso que quizessem fazer d'este chamado direito (1).

Os actos de crueldade, que ficavam impunes porque eram consequencias do dominio, são superiores a todos os quadros que a historia moderna nos apresenta, ainda em identica materia.

O Pretor Domicio crucificou um escravo, porque este matára um javali de um modo contrario ás regras da caça: Pollion engordava as mureias com carne de escravos, porque d'este modo se tornavam mais saborosas: um senador mandava matar escravos porque tinha um hospede que nunca havia visto morrer um homem: as dissoluções de Messalina eram acompanhadas de actos de barbaridade para com escravos, que excedem quanto o espirito pôde imaginar (2). Etudo era juridico! — O escravo era cousa, e o senhor de uma cousa podia *uti et abuti*

Não podiam semelhantes horrores durar por muito tempo em uma sociedade, que o Christianismo começava a reformar, e que era destinada pela Providencia para servir de instrumento á obra da nova civilisação.

Não podia o sol da Judéa, consummando a redempção do genero humano,

(1) Calamos o direito de tornar escravos os devedores, que as LL. das XII. Tab. concediam aos credores, porque ali achamos tão subido grau de barbaridade que toca com a estupidez, pois era uma consequencia da faculdade de dividir o corpo do devedor todos os credores em proporção das suas dividas.

(2) — Cicero — Verrin. Cap. V. §. 3. — Plutarcho vida de G. Flamin. — Seneca de ira lib. 3. cap. 40. Suetonio — Vida de Claud. cap. 5.

deixar de dissipar estas densas trevas, e illuminar com os seus raios os espiritos.

Longo desde os primeiros dias do Christianismo havia a sua doutrina religiosa e moral penetrado em Roma (3). Quando o Apostolo das gentes ali chegou já encontrou discipulos de Jesus, e foi de Roma que elle escreveu grande numero das suas epistolas, havendo convertido até familiares do palacio de Cesar (4).

Notamos estas circumstancias porque é tambem nesta epocha, e talvez nestes mesmos annos, que pela primeira vez um philosopho pagão (5) escreveu sobre a Providencia, nome ignorado em Roma no tempo de Cicero!! (6) Foi então que o imperante (e era Nero!) encarregou a um magistrado o despacho das queixas dos escravos injustamente maltractados pelos amos.

A corrupção profunda em que se revolvía a sociedade romana era um elemento de mais para que a arvore do Christianismo lançasse profundas raizes, e crescesse elevando a fronte impavida contra as perseguições que mais serviam a enobrecer-la e propaga-la; e porque quem poderia ver a constancia dos christãos nos tormentos sem os admirar, admirar-os sem indagar a causa, e indaga-la sem se fazer christão? (7).

Seneca proclamava a igualdade e fraternidade de todos os homens, mas era em nome do stoicismo, isto é ás classes privilegiadas de Roma, e nisto talvez não fosse mais do que o reflexo das ideas christãs de S. Paulo (8).

Mas que differença não devia haver entre as palavras de Seneca adulator e cortesão de Nero, e as de S. Paulo!! — Aquelle era em nome da philosophia, que fallava, este era em nome de um

(3) Act. Apost. Cap. XXVIII. v. 45. S. Paulo Epist. aos Rom. Cap. I. v. 8. e Cap. XVI.

(4) S. Paul. Epist. Philip. Cap. IV. v. 22.

(5) Seneca.

(6) De Maistre — Du Pape Liv. 2. cap. II.

(7) Tertulliano Apolog. §. 50.

(8) Encycloped. Nouvell. art. *Sénéqué*.

»Deus, Senhor commum de todos os homens, e que na distribuição das penas não distingue escravos de livres» (1).

É bem verdade que S. Paulo recomenda aos escravos que sofram com paciência, mas é prometendo-lhe ampla indemnisação no reino da justiça: é conforme á natureza eminentemente conservadora e pacifica do Christianismo, que elle manda respeitar o *facto* como um effeito dos arcanos da Providencia (2); porque é nas mesmas linhas que elle estabeleceu a igualdade de direito entre senhores e escravos, quando declara a todos iguaes perante o Tribunal da Justiça por essencia (3).

É depois de alcançada esta victoria nas ideas, que apparece a primeira disposição legislativa a favor dos escravos (4).

O sangue dos martyres fertilisára a terra, e os saudaveis fructos do Christianismo eram cada vez mais abundantes. Os seus algozes, semelhantes aos possessos da idade media aos quaes as legendas d'aquellas eras fazem proclamar a verdade á força de exorcismos, dobravam a cerviz ao jugo das ideas das victimas que sacrificavam, como se cada gotta de sangue, que espargiam e lhes salpicava o rosto fosse um raio de luz que lhes allumiasse o entendimento. Vimos Nero primeiro preseguidor dos christãos sendo o primeiro legislador a favor dos escravos; e agora apontaremos Ulpiano, o qual como Prefeito mandava crucificar os christãos com pretexto de serem inimigos das leis, ao passo que como Jurisconsulto adoptava o principio da identidade de origem, igualdade e liberdade natural (5).

Florentino declara a escravidão contraria á natureza, porque por esta todos os homens são parentes (6).

Eis hasteado o estandarte da Cruz, e os seus maiores inimigos proclamando as verdades sociaes do Christianismo ácerca do estado do homem!

Não eram ideas circumscriptas no campo da theoria, eram já as ideas vulgares de todos, porque já todas as classes da sociedade estavam inoculadas com ellas, e a sua transmissão electrica era provada com o numero de Martyres, confessores, e escriptores, que com o seu sangue, as suas palavras, e os seus escriptos em todos os pontos do imperio attestavam a verdade practica d'esta doutrina.

Havia pouco mais de um seculo que o Christianismo fôra prégado em Roma, e já Hadriano e Antonino Pio pelos seus rescriptos tiravam aos senhores o direito de vida e morte sobre os escravos, excepto encontrando-os manchando o leito nupcial, ou o das filhas (7). A faculdade de os castigar correccionalmente era restricta dentro de certos limites, e havia um magistrado encarregado de fazer observar estas disposições (8).

Estava porem reservado ao primeiro imperador christão o clevar juridicamente o escravo á classe de homem, como se uma verdade que hoje nos parece tão evidente, porque somos criados com as ideas christãs, não devesse apparecer no codigo romano senão rubricada pela cruz.

É do anno 312 de Christo a constituição, pela qual Constantino manda punir como homicida o senhor que im-

(1) S. Paul. Epist. aos Ephes. Cap. VI. v. 9.

(2) Id. Id. Id. v. 6.

(3) Id. id. id. v. 9. . . . quodcumque fecerit bonum, hoc accipiet Dominus sive liber, sive servus.

(4) A L. Petronia publicada por Nero no anno de 814 U. C. prohibindo aos donos dos escravos o arrojarem ás feras—(Seguimos Gotofredo ad L. 40 ff. ad L. Jul. de Sicar., e a Pothier.)

(5) Vida de Ulpiano em todos os Historiados

res, e L. 4. ff. de just. et jur. . . . cum jure naturali omnes liberi nascuntur. . . . cum servitus incognita esset, — L. 32. ff. de reg. jur. Quia quod ad jus naturale attinet omnes homines aequales sunt.

(6) L. 4. §. 1. ff. de stat. hom. L. 3. ff. de just. et jur.

(7) L. 1. ff. ad L. Cornel. de sicariis — Et qui hominem occiderit, punitur, non habita differentia ruius conditionis hominem interest.

(8) L. 1. §. 1. ff. de off. prof. urb.

moderada e cruelmente castigar os seus escravos (1).

Foi o mesmo espirito do Christianismo que levou este imperador a facilitar as manumissões facultando que se fizessem nas igrejas (2).

D'esta arte foi sancionado o principio da grande mudança que o Christianismo havia trazido ao mundo a igualdade legal de todos os homens, e um escravo ao passar ante um templo pagão convertido em Basilica christã, pode olhar para elle como porto seguro, e a cruz que coroava os zimbórios dantes tão estercis de sentido moral, começou de ser para os infelizes o signal da regeneração juridica, como antes havia sido para todo o genero humano o signal da regeneração religiosa quando fôra hasteada no cimo do Golgatha.

Nem Constantino nos deixa em duvida a intenção d'esta reforma, porque a attribue ao espirito do Christianismo — *religiosamente*. (Vid. not. ant.)

É tanto mais de notar este effeito do Christianismo, quanto que elle ia de encontro com o espirito de toda a legislação anterior, cuja tendencia era dificultar a alforria, e mesmo quando a permittia era conservando desigualdades muito notaveis entre os ingenuos e os libertos concedendo difficilmente aos forros o direito de cidadão (3).

No tempo, porem, de Constantino o Christianismo não fazia encarar a manumissão como uma liberalidade, cujos excessos o legislador devesse prevenir, era uma restituição de direiros usurpados, e por tanto destruidas todas as barreiras que a politica egoista da antiga legislação havia alevantado contra os plenos effeitos das alforrias.

Este espaço immenso que a humanidade havia conquistado pelos esforços

do Christianismo, parecer-nos-hia hoje muito limitado se não attendessemos ao ponto de partida das primeiras idades das legislações, e em especial da romana. O codigo justiniano conserva a escravidão manchando as suas paginas; nem outra cousa podia deixar de ser, se attendermos que a sua destruição ia de encontro com os interesses mais caros ao coração do homem, os da ambição e da soberba; nem accusemos de leve este codigo por este defeito, lembrando-nos que onze seculos depois dos trabalhos legislativos de Justiniano foi promulgado um codigo (e que ainda hoje não foi *legalmente derogado*) que, entre muitas outras cousas acerca da escravidão, tem um titulo que se inscreve — *«Quando os que comprão escravos ou bestas, os poderão engeitar por doenças, ou manqueiras»*, — e um §, em que se diz — *«E o que dito é nos escravos de Guiné, haverá lugar nas compras. . . de todas as bestas. . . E ainda que os escravos se não podem engeitar por. . . falta do animo, . . . as bestas se podem engeitar (4).*

(Continuar-se-ha)

S. B.

O LIVRO DE ELYSA

Fragmentos.

(Continuado da Pag. 136.)

Se vivessem hoje os Paladinos cortezes, se ainda por esse mundo andassem os namorados cavalleiros da idade média, que á ponta de lança vingavam e desmentiam as injurias feitas á belleza, não haveria tanto escriptor, tanto philosopho e poeta, que desacatasse as mulheres.

A logica d'aquelles tempos era valente, tinha argumentos de ferro que não havia resistir-lhes; se então saísse á luz um livro desleal e villão, logo o

[1] *L. un. C. de emend. serv.* — É digna de notar-se a enumeração das crueldades usadas pelos senhores, que esta Lei faz prohibindo-as.

[2] *L. 1 e 2. C. de his qui in Eccles. manumitt.*

[3] Lei *Aelia Sentia* de Augusto — e *Fusia Canina*. Institut. de Gaio lib. 1. §. 17 e seg. Ulp. Frag. tit. 1. §. 6 e seg.

[4] Ord. L. 4. tit. 17. §. 8.

auctor sentiria bater-lhe no rosto um guante de campeador, e retinir-lhe nos ouvidos um *mentes!* d'aquelles, que sempre deixavam uma bainha vazia, ou um nome infamado. Hoje não, hoje diz-se e escreve-se impunemente quanta loucura e descortezia lembra; tem-se dito das mulheres o que esqueceu a Mafoma, com ser elle dos mais grosseiros *devotos*, que nunca jámais ellas tiveram. Que de cousas doidas, Elysa, não tenho tambem eu dito e escripto para ahí a respeito das mulheres?! mas agora cuido que d'esse mal eston curado e desculpado — não tinha encontrado uma só Elysa: e a quem a não encontra que lhe digam que andam anjos na terra? não o acredita. E já que tu foste quem me fizeste renegado, já que a ti devo a minha nova crença, quero que seja o teu livro, Elysa, o campo onde levante, pendão pelo teu sexo; mas, antes d'isso, consente que eu desculpe alguma cousa o meu erro; — não se pôde assim deixar um velho deffeito sem ter ao menos duas palavras para lhe diminuir o feio, para lhe minorar a imputação.

No dizer mal das mulheres não ha tanta maldade como parece, e d'isto me convencem duas cousas; não as ter nunca visto *deveras* agastadas com os maldizentes, e serem elles sempre os seus maiores adoradores; — é que ellas bem comprehendem que nessas offensas vai mais amor que odio, é que elles só offendem porque amam. Parece um absurdo, mas que haja coração d'amante capaz de o não admittir, não ha.

Injurias de philosophos, essas não sei eu que se possam justificar ou sequer deffender; é gente que tem todo o seu viver na cabeça, gente, de gelo, gente capaz de *constipar*, como disse um Italiano fallando das mulheres da Polonia, e por isso elles offendem por que não amam, offendem porque algum raciocinio bastardo pôde nelles mais do que a natureza. Um philosopho! ha-de dizer-te, Elysa, em tom dogmatico que *as mulheres não pertencem ao genero hu-*

mano (1), ha-de fallar com toda a seriedade a favor d'essa these brilhante no concilio de Mâcon (2), ha-de escrever que ella é um ente imperfeito na sua organização (3), e, contente com pertencer á humanidade só pelo lado paterno, cravará a fronte entre as duas mãos, e ficará diante d'um *in-folio* abyssado na sua intellectualidade unilateral!

Injurias d'estas, Elysa, não tem perdão; abandono os philosophos á tua colera. . . . ao teu desprezo queria dizer.

Agora poetas, isso é outra casta de gente. Dir-te-hão, é certo, cousas terribes, dirte-hão:—

• Mulher pura e fiel não ha, nem houve

• Baça infame de viboras dolosas

• Podesse uma só nau conte-las todas

• E o piloto fosse eu. (4)

que havia de fazer? deixa lá dizer ao poeta o que quizer, mas crê que se elle fosse o piloto guiava de certo a nau a porto de salvamento. Não ha gente mais trovejadora em suas iras que são os poetas, com a penna na mão todas as vezes que se enforecem temos *vesperas sicilianas*, mas chegada a occasião vem logo absolvição papal. Embora te diga que não ha mulher, nem houve, pura e fiel, não é cousa em que elle crê; o poeta é todo coração, coração de poeta se não amasse morria-lhe no peito, e amar sem crer na mulher é impossivel. Não sei se Milton disse mal das mulheres, o que sei é que elle casou tres vezes.

Elysa, poetas são outra casta de gente que não são os philosophos.

Queres tu ver como elles fallam

(1) *Mulieres homines non esse*. Dissert. anonym. d'Acidalius;—Paris, 1695; in-12.

(2) Gregor. Turonens, Hist. Franc.

(3) D'anciens philosophes et des medecins, tels qu' Hippocrate, Aristo'e, ont aussi regardé la femme comme un être imparfait, un demi-homme, *Firey—De la Femme Chap 1.º pag 15.*

(4) A. F. de Castilho—*Cianca do Bardo*.

quando não é o ciúme que os inspira? queres ver com que delicadeza se elles desculpam das faltas passadas? ouve:— «Um sópro divino formou a alma do homem, a da mulher de um beijo delicioso deveu ser formada. . . . custa a crer como um ente, que é metade da nossa especie, que das duas é a mais amavel metade, a mais carinhosa, em tantas cousas nesse igual para nos attrair, mas com tantas differenças de nós para se nos unir ainda mais, que se tem defeitos de nós os recebe, e nos dá em troca, sem o cuidar, tantas das virtudes que possuímos, custa, digo, a crer como um tal ente, a quem sua propria fraqueza devêra tornar inviolavel, pôde ver-se em todos os tempos, e provavelmente continuará a ser até ao fim dos seculos, alvo e emprego das criticas mais dasabridas, e mais grosseiras calumnias. Qual pôde ser a causa d'esta mais que montezinha ferocidade? é a causa o mesmo natural instincto, que faz que os soldados em tempo de guerra, seroando entre as armas á fogueira ociosa do seu rancho, encareçam as derrotas do inimigo, e lhe assaquem fraquezas que não tem, para a si proprios accrescentarem animos e determinação para as futuras pelepas—» (1).

Ora eis-ahi a linguagem dos poetas quando *transfugas dos arriales dos levantados se recolhem ás trincheiras d'ellas*;— todos esses libellos, que lhes saem das mãos, não são d'elles, é o anjo negro, diabolico, sinistro do ciúme que lhes espremem fel no tinteiro e escrevem em nome, e por conta dos pobres poetas.

É quem não perdoará os furores do ciúme?! não sei até se elles são necessarios. *Ovidio*, que passa por mestre em taes materias, aconselhou-os porque traziam consiço a *redintegratio amoris*,

a doçura da nova paz; e tão longe leva elle o concelho, que permite chegar o amante enfurecido a despedaçar os vestidos da sua bella ingrata; tambem *Molière*, que não foi sempre francez com as damas, tambem elle os desculpa e se desculpa dizendo:— «ne savez vous pas que les injures des amants n'offensent jamais; qu'il est des amours emportés aussi bien que des doux; et qu'en de pareilles occasions les paroles les plus étranges, et *quelque chose de pis encore*, se prennent bien souvent pour des marques d'affection, par celles même qui les reçoivent?—» (2).

Não sei se *Molière* quiz adoptar o principio d'*Ovidio* n'aquelle *quelque chose de pis encore*, mas o que um e outro quizeram foi cobrir o ciúme com as asas do amor: se eu pertendesse para isso uma auctoridade mais competente do que aquelles dous poetas talvez a tivesse (3). O que é certo porém, *Elysa*, e seja com isto que eu dê mate á minha deffeza, o que é certo é que por isso mesmo que na mulher se pertende a perfeição, é mister não a lisongear sempre, e o achar todas igualmente sem defeito não sei se é maior prova de indifferença que d'amor.

Está pois decedido que os poetas são muito melhores do que os philosophos, e que no seu dizer mal não ha injuria comparavel áquella injuria fria, tremenda, meditada, e infinitamente falsa do que as *mulheres não pertencem ao genero humano*:—quem os tivera feito nascer das hervas! Estes taes não quizera eu nem que as tetas das lobas os alimentassem.

Nunca taes homens souberam

Ler na face da mulher,

Em seus olhos apprender

Nunca taes homens quizeram;

(1) A. F. de Castilho — *Primavera* — *Notas á Festa de Maio*.

(2) *La critique de l'Ecol. des Femm. Se. 7.*

(3) A' Sen.ª Marquiza d'. uma das mais instruidas e amaveis damas que tenho visto, ouvi eu— que em materia de ciúme era permitido

a um homem levar a sua colera ate alguma pequena acção violenta. O sexo, a madureza da idade, a penetração, e conhecimento do coração humano, que esta senhora passou, dão-lhe direito a ser muito respeitada a sua sentença.

Não viram manar-lhe a flux
 Dos lábios celete riso?
 Não viram do paraíso
 Nos olhos accessa a luz?

Não é d'anjo a voz macia,
 Que, vencendo almo pudor,
 Te diz ternura e amor
 Com tão mimosa harmonia?
 Aquelle encanto só seu,
 Graças e mimos só d'ella,
 Aquella rosa tão bella
 Não vem do rosal do ceu?

A quem á terra só veiu
 Por te servir, por te amar
 D'irmã tua lhe chamar
 Parece que tens receio? (1)
 Se o teu orgulho não quer
 Chamar anjo á formosura,
 Deixando ingrata loucura,
 Chama-lhe ao menos mulher.

Não pertence á humanidade
 Dizes tu, impio! e não vês
 Do seio cair-lhe aos pés
 Humanada a Divindade?!
 Se em tí a crença inda tem
 Algum poder, pensa n'isto,
 Pensa que Jesus-Christo
 Foi homem por sua mãe.

O que é admiravel, Elysa, é que na mesma epocha em que se dizia em França que a mulher não tinha alma appareceram *Isabel de Baviera*, e *Joanna d'Arc*; aquella, entregou a França á Inglaterra para mostrar o poder d'uma mulher; esta, deu de novo a patria aos philosophos para mostrar a generosidade feminina: foi Deus que se encarregou de as desafrontar.

Se philosophos e poetas tivessem estudado a mulher; a mulher phisica, a mulher intellectual, a mulher moral, já nem syllogismos nem versos lhe seriam tão contrarios; mas que? são como o *Marquez* que *Molière* nos pinta, nem se dão ao trabalho de examinar o que sentenciam, e depois — « je la trouve détestable, morbleu! détestable, du dernier détestable, ce qu'on appelle détestable — » (2).

(1) Até *Plínio* se não pejou de lhe chamar animal.

A mulher phisica acha-la-hiam na physiologia moderna (na de *Hippocrates* não), acha-la-hiam tão perfeita como o homem; e se algum d'estes entes deve ser preferido pela delicadeza e maravilhoso da organização, essa preferencia cabe á mulher, sem contar todavia a belleza externa, nem a graça das formas.

A mulher intellectual haviam de encontrar-la em *Sapho*, *Helioiza*, *Catharina*, *Semiramis*, *Stael*, *Sevigné*, *Coulanges*, *Lafayette*, *Bernier*, *Flaugergues*, e tantas outras, que tem regido o sceptro ou a penna com gloria mais que varonil: os preceitos do bello, inspirava-os *Aspasia* a *Socrates* e *Pericles*, *Ninon de Lenclos* a *Condé* e *La Rochefoucauld*: — sem a mulher os conhecimentos do homem seriam imperfeitos; elle descobriria o que na natureza ha de forte, de grande, de sublime, mas a graça, o mimo, a delicadeza só pela mulher podia ser descoberta. A litteratura carece de imaginação, e a mulher tem na imaginação, a principal natureza da sua alma; aqui a vantagem é toda d'ella: — até se não for ella quem povôe o coração do homem das illusões do amor aonde irá elle encontrar as galas da sua litteratura? entregue ao positivismo da vida material, sem o fogo imaginativo, de que flores ha-de encher os seus livros?

A litteratura e as artes tem sempre devido á mulher ou joias suas, que lhes façam o diadema, ou protecção e influencia, que as augmentem o desenvolvimento: foi na côrte de *Catharina de Medicis* que *Henrique o grande*, apprendendo a amar, apprendeu tambem aquellas maneiras nobres e cavalleirosas, que distinguiram o seu reinado, dando á sua lingua uma graça e polidez, que não tinha. O gosto e sentimento delicado para as letras e artes, que *Maria e Catharina de Medicis* levaram da Italia para França foram a origem do desenvolvimento das artes e das letras do seu tempo. E não seria á influencia, que as mulheres tiveram na côrte de Luiz XIV,

(2) *La Critiq. de L'E'col. des Femm.* — se. 6.^a.

que se deveu então essa lista immensa d'homens celebres, com que a França se honra, e que o mundo estuda e admira? E não será para agradar á mulher que o homem gera a industria, inventa o canto, a dança, a pintura, amenisa a linguagem com as flores da poesia, traça com esmero, e torna affaveis e doces suas maneiras e costumes? A mulher intellectual não existe só em si, existe nos outros tambem; não se contenta com as suas creações, instiga os outros a crear; e é considerando reunido o que a alma da mulher pode tirar de si propria, e o que a mulher concorre para as produções da alma do homem; é considerando reunido n'um só ponto o que a mulher é em si e no homem, que eu a vejo tão sublime, tão elevada que se não tivera o lado moral para a olhar já por este lhe podia chamar anjo.

A mulher moral porem é que é a mulher, ou a mulher da mulher. Ou a nós vejamos na sua condição d'amante, de irmã, de filha, de *mulher* e de mãe; ou a consideremos no prazer eu na dor, na ventura ou na miseria; ou contemplemos o que póde pela mulher ser o homem, em quem é sempre ella, que imprime a virtude ou o vicio no coração; ou a analysemos no seu throno, que é na vida de familia, ou na hasta publica da vida de sociedade; ou a vejamos na infancia ser a alegria da casa, na juventude ser as delicias do amor, na madureza ser a consolação da alma, e na velhice ser a mestra da virtude; ou seja que nos abraçe ou que nos fuja, que nos afague ou que nos reprehenda, que nos ame ou que nos aborreça, a mulher moral é a parte mais augusta da creação.

— « A mulher moral é o infinito — » disse um illustre escriptor (1), e na verdade só assim se pode deffinir o mysterio da mulher moral!

A mulher é o elemento mais poderoso da ventura social, mas a mulher moral é o elemento dos elementos. Indague a origem dos crimes e, com leves excepções, acha-la-heis na educação, isto é, na mulher; vedes uma boa acção? procuree-lhe a fonte e encontrareis a mulher; talvez que não haja no mundo um só facto cujo principio ou fim, se bem o averiguarmos, não seja a mulher: — « os homens serão sempre o que as mulheres quizerem que elles sejam — » disse *Rousseau* (2), disse uma grande verdade; porque antes que o homem seja cidadão é filho primeiro. A mãe dos *Grachos* e dos *Cornilles* tinha uma alma nobre, grande e severa; a mãe de *Voltaire* era escarneccedora, e de garridas maneiras; a de *Byron*, até nem os defeitos phisicos do filho escapavam á sua maldade; *Kant* dizia que fora sua mãe quem lhe lançara na alma o germen do bem e quem primeiro lhe inspirara o amor do Creador, explicando-lhe o que sabia das maravilhas da natureza (3); *Cuvier* deveu a sua mãe os successos brilhantes da sua vida illustre (4); *Barnave* já com um pé sobre o cadafalso, bendiz sua mãe, que lhe deu na infancia o valor, que alli o anima; *Lamartine* aprendeu nas harmonias do coração materno as harmonias da sua harpa piedosa; em fim, *Elysa*, se apoz estes nomes tão respeitaveis e tão illustres, é permittido citar o meu pobre e desconhecido nome, sirva elle de mais uma prova, porque o pouco, o muito pouco, de bom que em mim tenho é unicamente a minha mãe, é a ella só que eu o devo.

Que augusta não é pois a missão da mulher sobre a terra! ah! que se philosophos e poetas meditassem bem no que é a mulher, e, sobre tudo, no que ella póde sêr, não haveria um só que não visse nesse ente o oásis mimoso

[1] A. F. de Castilho — *Primavera, Notas á Festa de Maio.*

[2] *Emile* — *Liv. 5.º*

[3] *Schoen* — *Biograph. de Kant.*

[4] *Memoires sur Georges Cuvier* — *Mistr. Let.*

dos desertos da vida! Mas elles não curam de tal, arrancam desapiedados as pennas alvissimas ás asas do cherubim, e depois vendo-a assim tão ao nível das cousas da terra descreem d'aquillo mesmo em que não souberam crêr; andastes errados: acreditae primeiro, sabei o que é a mulher, e depois julga-a.

Em quanto não fizerdes isto sereis sempre uns inimigos desleaes, e traiçoeiros; tomareis a nuvem por Juno, e direis do phantasma da mulher o que pensais dizer da mulher como ella saiu das mãos de Deus quando viu que não era bom que o homem vivesse só: —dizei embora o que quizerdes, mas da mulher como a concebo e como ella existe, por mais rios de tinta que derrameis, nunca podereis provar a maldade senão com aquellas razões com que o citado Marquez da peça de Molière provava a maldade de *L'Ecole des Femmes* — « elle est détestable parce qu'elle est détestable — » (1).

Em toda a parte em que o teu sexo, Elysa, não occupa o lugar que lhe a natureza marcou, ahí os povos são escravos, a ignorancia é profunda, e os costumes são barbaros. O adorador de Mafoma compra a mulher, *veda-lhe* a entrada no céu, prohibe-lhe a leitura dos livros religiosos, affasta-a do trato commum, e deixa-lhe só nos ferros do harem os erros da superstição e os absurdos da feiticaria: que se segue d'aqui?—que a tyrania é no Oriente um principio, que a civilisação é nulla, e que a moral é uma palavra sem significação. Cuidou o Mussulmano que fazendo da mulher uma maquina tinha creado a felicidade para si; a felicidade só ella a ha-de crear, mas é mister que livre e desassombrada, rainha e não escrava possa, como a pomba da primavera, adejar sobre a cabeça do homem, ensinar-lhe as aguas mais puras onde deve matar a sede, e a relva mais macia onde se deve assentar; só a mulher

sabe, como a abelha, quaes são as flores que dão mel, mas não lhe hão-de crestar as asas na chama da impureza, que então, materializado o amor, o homem e a mulher perderão a faísca da divindade, que os estremava do resto da criação; — « ou os povos se hão-de embrutecer em seus braços, ou civilisar a seus pés — » (2). Não é com todos os pensamentos cravados na materia que a mulher póde dar ao homem a felicidade; o Oriente não comprehendu a mulher.

Que terá a filha do propheta para dar á alma do homem quando os sentidos estiverem saciados?—a ignorancia, as paixões mesquinhas, as astucias, os vícios todos da occiosidade, e, na consciencia da sua inferioridade, a tristeza da escravidão, ou as traições d'um inimigo.

E o amor? oh! esse nunca; esse não sabe morar n'um callabouço.

Ao cioso mahometano

Que vale o fechado harem,
Se amor de escrava a tyrano
Do coração lhe não vem?
Que importam centos de bellas,
Se uma só de todas ellas
Livre em seu gosto não ha?
Que importa matar desejos,
Que importam, louco! esses beijos,
Se só vendidos 'os da?

Com alma nua d'esp'ranças,

Como ha-de a escrava saber
Que alem de jogos e danças
Tem mais gosos a mulher?
D'esses gosos não sabidos
Como ha-de trazer-te enchidos
Os dias que vão e veem?
Se, dos paes perdida a trilha,
Ella não sabe ser filha
Como ha-de saber ser mãe?

Embora os astros lhe apontes,

Embora mostres os céus,
E uma a uma lhe contes
As maravilhas de Deus,
Ha-de dizer-te — que importa?

[1] *La Critiq. de L'Ecol. des Femm. sc. 6.*

[2] Aimé Martin — *Educat. des Mèr. de Fam.*

Se en tenho fechada a porta
Que leva ao reino da luz?
Que importa, se em vida e morte
Sou proscripta, e minha sorte
Nunca propicia reluz?

Lá quando a dor te accometta,
Quando rir teu coração,
As filhas do teu propheta
Pranto e risos te darão?
Ouvirá c'os teus ouvidos,
Sentirá c'os teus sentidos,
Vivirá! no teu viver?
Oh que não! — solta-lhe os ferros,
Despe-lhe a alma dos teus erros,
E a escrava será mulher.

(Continuar-se-ha.)

J. de Lemos.

O POEMA DO CID.

Antes d'entrarmos na analyse d'este poema tão celebrado pela sua antiguidade, convem dizer alguma cousa do seu heroe. D. Rodrigo Lainez (1) filho de Diego Lainez, fidalgo antigo, nasceu pelos annos de 1026 no Castello de Bivar immedições de Burgos, d'onde tomou o appellido de Bivar. Foi vassalo de D. Fernando I de Castella de quem sempre foi muito acceto (2). Ao Cid em grande parte deveu o rei as victorias ganhadas contra os Mouros, e tambem as injustas alcançadas contra seu cunhado Bermudo 3.º rei de Leão, e contra D. Garcia e D. Ramiro, ambos seus irmãos, um rei de Navarra ontro d'Aragão. A affeição que o Cid teve sempre a D. Fer-

nando estendeu-se depois a D. Sancho, o forte, seu filho mais velho, que lhe recompensou a bravura e fidelidade de cavalheiro com o pôr á frente de todas as suas tropas. D. Sancho, que não foi menos ambicioso, nem menos injusto que seu pae, deveu tambem ao braço do Cid, as victorias contra seus irmãos e irmãs cujos estados evadiu. Morto D. Sancho no cerco que em Zamora fizera a sua irmã D. Urraca, subiu ao throno das Hespanhas D. Afonso VI, o bravo, que longe de honrar o Cid como haviam feito seu pae e irmão, o desterroo da sua corte: foi causa d'este desterro não só a inveja dos aulicos, mas tambem o juramento que o Cid como vassalo poderoso e leal exigiu de D. Afonso para subir ao throno, — de que não tinha concorrido para a morte de seu irmão, traçoiramente assassinado no cerco de Zamora. — É na epocha d'este desterro, que teve logar pelos annos de 1076, que começa o poema.

O principio do poema não existe, é com tudo provavel que pouco lhe falte, e a ser assim o seu auctor teve o bom juizo de o começar no periodo mais dramatico da vida do heroe.

Dêmos duas ideas d'este poema: —

Desterrado o Cid por D. Afonso, parte choroso do seu castello de Bivar, onde tudo fica em desamparo. Acompanhado de 60 que com elle se quizeram desterrar atravessa Burgos, onde homens e mulheres correm a vê-lo: — bate o Cid a todas as portas mas nenhuma se lhe abre, ninguem o agazalha, por

(1) Mais vulgarmente é conhecido pelo nome de — Rui Diaz de Bivar — ou simplesmente o — Cid — O nome de Rui Diaz, diz Simondi que é abreviação de Rodrigo Lainez; porem não acho muito fundamento para affirmar tal pela pouca semelhança que existe entre os dous nomes. Um romance popular antigo, que nestas cousas tem o foro de chronica, diz que foi chamado — Rui Diaz — porque este appellido significa entre mouros — *homem de valor e estado*.

Siendo dende allí ade'ante
El Cid Rui Diaz llamado,
Appellido entre los Moros
De home de valor y estado.

O — Cid — ao que parece vem de *Ceyd* (senhor) em lingua de Mouros.

(2) O Cid foi armado Cavalleiro em Coimbra pela mão do proprio D. Fernando, foi elle que lhe vestiu as armas na hoje *Sã Felha* então mesquita de mouros: a rainha deu-lhe o cavallo e a infante D. Urraca calçou-lhe as esporas; isto achase confirmado por 4 romances populares antigos. O cerco e tomada de Coimbra pelo rei D. Fernando Magno de Castella teve logar no anno de 1064 — Vid. Monarch. Lusit. P. 7.º L.º 1.º Cap. 1.º N.º 2.

que isso lhes fôra prohibido por D. Afonso VI, sob pena de perderem os olhos e os bens. Vendo o Cid que o di-nheiro lhe faltava, por industria de Martin Antolinez pede ao judeo Rachel é Vidas 600 marcos de prata (1), deixando-lhe em penhor duas caixas cheias d'arcia em que, Antolinez dizia, estavam todos os thesouros do Campeador, com obrigação de as guardar fechadas por um anno, no fim do qual seriam resgatadas sob palavra do Cid, como effectivamente foram. O Judeo conta os 600 marcos sobre um pano de ranzal, e o Campeador depois de se encommendar á Virgem Maria parte mesmo de noite para o mosteiro de S. Pedro de Cardena a despedir-se de sua mulher e filhas que alli se achavam. Esta despedida é um dos bocados tocantes de simplicidade, apezar de toda a barbaridade do poema, D. Ximena (2) ajoelha diante d'elle:— e diz-lhe

Merced, campeador, em ora buena fueste nado
Por malos mentueros de tierra sodes echado;

O Cid leva as mãos ás longas barbas, pega nas filhas, chega-as ao coração e diz suspirando a D. Ximena

Ya, Dona Ximena, la mi mugier tam complida
Como a la mi alma yo tanto vos queria;
Ya, lo vedes que parármos tonemos en vida;
Yo iré e vos fincaredes remanida;
Plega á Dios é á Santa Maria
Que aun con mis manos case estas mis hijas,
O que de ventura é algunos dias vida.

No entanto ao pregão de que o Cid vai deixar Castilla correm cavalleiros de toda a parte a seguir fortuna com elle, e um dia de manhã depois do Abade de S. Pedro rezar a missa da S. Trindade, põe-se o desterrado a caminho com todos os seus. A supplica de D. Ximena, de joelhos diante dos altares na hora da partida do Cid, é não só a cousa melhor do poema, mas tambem, em

quanto a mim, uma das passagens mais eloquentes de toda a poesia dos seculos 12 e 13.—Sentimos que o espaço nos falte e nos force a omitir os 35 versos d'esta supplica repassada do sentimento, e de toda a crença da meia idade.

Pernoita o Cid em Spinar de Can, atravessa o Douro, o anjo Gabriel apparece-lhe em sonhos e infunde-lhe alentos. Era chegado o 6.º e ultimo dia do prazo que lhe fôra dado para deixar as terras do rei Afonso, e antes de atravessar a serra de *Miedes* que em pouco o poria além d'ellas, conta o Cid a sua gente e encontra 300 lanças fôra os peões.

Saindo de Castilla volta o Cid as suas armas contra os mouros. Apodera-se de *Carteion* e das suas riquezas, penetra mais no paiz, cerca *Alcocer* e toma-a, é ahí cercado por tres reis mouros, que derrota, e dos despojos que elles deixaram, manda ao rei Afonso 30 cavallos, e dizer mil missas em S. Maria de Burgos.

Depois d'isto parte-se o Cid d'Alcocer, onde mouros e mouras choram por elle, tendo cedido a fortaleza aos mouros de *Catalayth* por 3000 marcos, que distribuiu pelos seus.

Volta no entanto Minaya da sua embaixada ao rei Afonso, acompanhado de 200 entre cavalleiros e peões, porque o rei tocado da generosidade do Cid com quanto se não atrevesse ainda a restituir-lhe a privança, concedeu-lhe a promissão d'armar em Castilla quantos quizesse, para poder continuar suas correrias por terra de mouros.

Esta felicidade que o Cid gozava no seu desterro foi criando invejas entre outros príncipes christãos d'Hispanha, e tantas, que o Conde Ramon Berenguel, 3.º de Barcelona lhe propoz batalha que o campeador quizera evi-

(1) Sismondi copiando a Muller por engano diz—500.

(2)—Sismondi diz que esta Ximena era sobrinha de D. Afonso VI, e que ha provas historicas do seu casamento celebrado a 19 de julho de 1071.

Não é d'esta que os romances fazem menção, mas sim d'uma outra Ximena filha de Lorano Gomez, Conde de Gormaz, com quem casára no tempo de D. Fernando.—A ser verdadeira a doutrina de Sismondi foi o Cid casado duas vezes.

tar, mas não podendo deixar de combater, derrotou o conde n'uma batalha, fez-lo prisioneiro e ganhou-lhe a boa espada *colada*, que valia mais de 1000 marcos de prata.

Depois de dar liberdade ao Conde continúa o Cid as suas conquistas pelo meio-dia d'Hispanha, submete *Xerica*, *Onda* e *Almenar*; convoca por Granada e Aragón cavalleiros que o coadjavam na tomada de *Valencia*, que arrancou aos Mouros, depois de um aturado cerco, estabelece alli por bispo a D. Jeronimo (1), distribue pelos seus as immensas riquezas que achou, e mandando 100 cavallos ao rei Affonso pede-lhe ao mesmo tempo a permissão de chamar sua mulher e filhas para Valencia, o que lhe foi concedido mandando-as o rei acompanhar com grandes honras. O Cid sabendo da vinda de D. Ximena e suas filhas corre ao seu encontro montado no seu bom cavallo *Babieca* e depois as conduz ao Alcacer de Valencia, que se havia tornado patrimonio das suas façauhas.

Passa no entanto a estação invernosaa, e nos fins de fevereiro atravessa o mar e apparece cerca dos muros de Valencia o rei *Yucef* de Marrocos com grande poder. Depois, de socegar sua mulher e filhas, que tinham visto da torre mais alta do alcacer as numerosas tendas do rei mouro; de mandar cantar uma missa ao bispo D. Jeronimo, e de preparar os seus para o combate; ao grito de—S. Thiago—tão rijo deu sobre os muros montado no seu cavallo *Babieca* que de 50:000 que eram só escaparam com vida 104. *Minaya* e *Pero Bermuez* que haviam ido a *Valadolid* levar ao rei Affonso 200 cavallos, voltaram de lá propondo ao Cid por parte do rei o casamento de suas duas filhas *Dona Sol* e *Dona Elvira* com os dous infantes D. Diogo e D. Fernando filhos de D. Gonsallo, conde de *Carrion*.

(1) Mariana na sua Hist. de Hespanha diz que este Bispo era de nação franceza.

O Cid por obsequiar D. Affonso consente nestes consorcios, e na Cathedral de Valencia, abençoados pelo bispo D. Jeronimo com grande contentamento de todos se fizeram os dous casamentos. 15 Dias duraram as festas, que condiziam com a generosidade do Cid e qualidade dos esposos, que por dous annos viveram em companhia do Cid e de D. Ximena no seu alcacer de Valencia.

Aqui ao que parece se termina a 1.^a parte do poema, não só porque a acção se não interrompe mas mesmo porque o auctor conclue d'esta maneira

As coplas deste cantar aqui van acabando
El criador vos valla com todos os sos santos

Esta metade do poema contem 2287 versos.

Como se disse na 1.^a parte, dous annos eram passados desde que os infantes de *Carrion* esposaram as filhas do Cid. Neste espaço de tempo decorrido, elles que haviam casado com as filhas do maior lidador das Hespanhas tinham dado provas da maior cobardia. No proprio dia das nupcias um leão que D. Rodrigo tinha preso no seu palacio desprendeuse, o susto e temor dos infantes em nada foi inferior ao das mulheres por que se esconderam como ellas, e o velho Cid é que se lançou ao leão e o prendeu.

Valencia havia de novo sido cercada por uma multidão d'infies commandados pelo rei *Bucar*, e em quanto que o Cid arrancava a vida e a rica espada *Tiron*, os infantes eram pela sua timidez o objecto de desprezo para todos os cavalleiros que eram dignos de batalhar a par de D. Rodrigo de Bivar. Não conviuhá pois aos infantes a companhia de tal gente, e entre si concertaram de pedir ao campeador lhes deixasse levar suas mulheres para *Carrion* para alli tomarem posse das villas e logares que elles lhes concediam em arribas. O Cid que não se podia oppor a este pedido junctou aos dous que já lhes havia feito 3:000 marcos de prata, muitas mulas e palafrens carregados, bons cavallos cor-

redores, e sobre tudo para lhes dar uma prova d'estima deu-lhes as duas espadas—*Colada e Tiron*—(1) que para elle eram do maior apreço por que uma havia sido ganhada ao Conde Ramon de Barcellona e a outra ao rei Bucar. Depois d'encommendar suas filhas a seu sobrinho *Felez Munor* para haver de as acompanhar a Carrion despediu-se d'ellas com muitas lagrimas.

No entanto os infantes de Carrion que além de pussilamines eram avarentos, e que só por avareza haviam casado com as filhas do Cid meditavam as mais feias traições.

Ao passar por Molina tentam matar o rei *Aben-Galvon*, que em attenção ao Cid os havia obsequiado com cópia de presentes, para lhe ficar com as riquezas, assim como tentam abandonar no caminho logo que pudessem as suas mulheres. A primeira d'estas traições foi descoberta por um mouro *latinado* (7) que denunciou a *Aben-Galvon* a intenção dos Infantes. A 2.^a porém levaram-na ávante por que entrando com as damas no arvoredo de *Corpes* (8) sitio montanhoso e povoado de feras, mandaram ali assentar as tendas e passar a noite. No outro dia de manhã mandando ir os mais adiante, ficaram atraz com as esposas e tanto que se viram sós começaram de as maltractar de tal sorte que o sangue lhe corria das feridas; não obstaram nem lagrimas nem sup-

plicas, mal *roupidas* (9) por mortas as deixaram á mercê das aves o feras.

Felez Munoz que desconfiou das intenções dos infantes occultou-se até que os viu passar sósinhos, sem que por elles fosse visto corre ao sitio onde haviam pernoitado e ali encontra quasi nuas e desfallecidas suas primas. Depois de lhe restituir alguns alentos, assentou-as sobre o seu cavallo, cobriu-as com o seu manto, caminha todo o dia, atravessa o Douro, deixa-as na torre de D. Urraca e corre a S. Estevam donde volta com vestidos e mais misteres para alli poderem entrar e ficar sob a guarda do Diogo Telles em quanto taes novas se dão ao Cid, que immediatamente as mandou buscar, jurando por suas barbas que os infantes lhe haviam de pagar semelhante desfeita. Manda por isso embaixadores ao rei Affonso contandolhe tudo, e pedindo-lhe a convocação de nmas cortes ou tribunal em que os infantes dessem razão do feito, e fossem julgados. O rei que em extremo sentiu tal desacato assim o prometteu, e sem demora manda por *Portugal* (5) Galiza e Castella avisar condes e infantões para que no fim de sete semanas compareçam em Toledo para o julgamento dos infantes.

A descripção d'estas cortes constituem no poema uma parte animada e interessante, porém como o papel nos não sobra poupamo-nos ao trabalho de

(1) As duas espadas colada e tiron e o cavallo Babieca eram companheiros da gloria do Cid e por isso são tão celebrados na poesia da meiedade como o nome d'elle.

(2) Não é propriamente o mouro que sabia hespanhol, como diz Sismondi, mas o mouro que entendia o latim corrompido que se fallava no tempo do Cid em Hespanha; a lingua romance ou rustica do século 11 que era uma mistura do latim, do godo e do arabe em que muito predominava o 1.^o

(3) Os romances populares dizem—*Tornes*—

(4) O poema diz que as deixaram em—*brivales e em camisas* porém um romance popular diz mais como las parió su madre.

Ambas las han desnudado.
Outro, diz:—Que estan desnudas al aire.

(5) Daqui por diante se faz muitas vezes menção no poema d'um conde D. Henrique, que assistiu a estas cortes. Por sem duvida tenho que é o nosso, fundado nas seguintes razões—1.^o Porque o poema nos diz que o rei Affonso

Envia sus cartas para Leon e Sanctiago,
A los Portugaleses e á Galicianos

Que cort facie en Tolledo. . . .

—2.^o Porque segundo Muller, foi Valencia tomada pelo Cid em 1094 e por essa occasião foi feito o casamento dos infantes; ora o poeta diz-nos que elles depois do casamento se demoraram em Valencia cerca dous annos.

Hy moram los infantes bien cerca de dos años por isso, pouco mais ou menos, vieram estas cortes a ter logar pelos annos de 1096, época em que o conde D. Henrique governava já Portugal; porque datadas d'esse anno se encontram não só doações e instrumentos que o declaram—*egnante*—mas até um foral dado por elle e a infantia D. Thareja, sua mulher, á Villa de Consantim de Panoyas—*Monarch. Lusit. P. 7.º L.º 8 Cap. 8—e Provas á Hist. Genealog.*—Tome 1.^o Li.º 1.^o a.º 1.^o

as circumstanciar e só diremos que reunidos no palacio de Galiana em Toledo ao cabo de sete semanas, de um lado o rei Affonso, o Cid, e todos os condes, ricos-homens e infanções que para isso haviam sido convidados; e do outro os infantes com os seus partidarios: depois do Cid lhes lançar em rosto a sua cobardia e traição lhes exigiu a entrega não só das duas boas espadas *colada* e *tiron* que lhes havia dado, mas tambem dos 3:000 marcos com que os beneficiára na saída de Valencia,—a que elles satisfizeram. Depois os amigos mais intimos do Cid—Pedro Bernuez, Martin Antolinez e Nuno Gustioz tomando parte neste debate accusam os infantes de cobardes e traiçoeiros, e porque elles infantes haviam ditto que abandonaram e trataram assim as filhas do Cid por que pelo seu nascimento se tornavam indignas de serem suas esposas, d'alli os reptam para se desdizerem em um combate. Com effeito o rei deixou a decisão á sorte do combate, que a pedido dos infantes foi deferido para d'ahi a tres semanas nas terras de Carrion. Neste momento entram na sala embaixadores pedindo ao Cid, com apazimento de D. Affonso, as filhas em casamento para os infantes de Navarra e Aragão;—o que lhes foi concedido (1).

Dahi a tres semanas effectivamente marchou o rei para as terras de Carrion para presidir ao combate, os tres que por parte do Cid se apresentaram, em combate singular, venceram os dois infantes e a Azur Gonzalez seu partidario que os quiz sustentar. Os arautos do rei proclamaram a victoria, dos campeões do Cid que foi em Valencia festejada juntamente com os consorcios que acabaram de desafrontar a honra de Rui Díaz de Bivar, unindo ao mesmo tempo o seu sangue ao mais extremado das Hespanhas.

(1) Um romance antigo castelhano diz que a filha mais velha—D. Elvira fora pedida por Ramiro de Navarra, e a mais nova D. Sol por D. Pedro d'Aragão para seu filho D. Sancho.

Tal é a acção d'este poema de cujo merecimento, metrificacão, linguagem, e antiguidade diremos alguma coisa.

(Continuar-se-ha.)

A. X. R. Cordeiro.

RELOJOS ELECTRICOS.

Mr. Brain conseguiu fazer relos electricos: eis o modo porque elle construiu um em casa de Mr. Finlaison.—Ao N. E. da casa colloca duas laminas una de zinco outra de cobre, de um pé quadrado, atravessadas e suspensas por um arame, que ia ter ao pendulo, e dahi ao reloujo: do lado de S. E. da casa, a 4 varas de distancia, estava ardendo carvão de pedra em uma cova de 4 pés de fundura, e do meio do carvão saia outro arame fixo, que atravez de uma janella ia unir-se ao primeiro no reloujo. A corrente desenvolvida era sufficiente para dispensar a força motriz, e apenas o simples maquinismo de duas rodas bastava para o reloujo marcar as horas.

INDIGESTÕES

Reid, doctor inglez, publicou um trabalho sobre as funcões respiratorias e digestivas, onde pretende provar que as perturbacões ou indigestões que seguem os grandes jantares, provem não da quantidade de comidas, mas da viciação do ar no logar do jantar, e affirma elle, fundado em experiencias que *por mais que se coma* de diversas ignarias n'um logar em que haja corrente d'ar não se lhe segue indigestão.

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA E DE ESTADISTICA.

Recebemos um exemplar da nova edição dos *Elementos de Economia Politica e Estadistica* do Sr. Adriaõ Pereira Forjaz de Sampaio, e no proximo N.º daremos um juizo critico d'este novo trabalho de tão insigne Economista.

RESUMO DE PRELECCÖES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

(Continuado da pag. 122)

V.

Coagulação do sangue.

1.^a Lançámos em um vaso uma onça de sangue de um cão, principiou a coagular um minuto depois de extrahido da veia: passada uma hora notámos que o soro se separava; e ao cabo de 24 horas occupava a parte superior; — o coagulo era formado de duas camadas: uma superior de côr escarlata, e outra inferior arroxada, e muito menos consistente.

2.^a Misturámos o sangue com a seguinte dissolução —

Agua commum meia onça.

Extracto de Quina . . . quatro gr.

e coagulou 2 minutos depois de extrahido: — o soro separou-se em menos de 3 quartos de hora, — a superficie offerecia pontos escuros, que se reuniam em uma mancha central, — o coagulo era mais escuro e consistente do que o antecedente, e em seu interior se observavam pontos semelhantes aos que notámos na superficie. Estava dividido em duas camadas: a inferior de côr mais escura, e os pontos que nella se notavam, nos pareceram um pouco mais carregados.

3.^a Misturando o sangue com

Agua commum meia onça.

— tendo em dissolução —

Extracto de Genciana . . quatro gr.

observámos que, passado um minuto, teve logar o principio da coagulação, — 20 minutos depois começaram a separar-se o soro, e no coagulo notámos os mesmos phenomenos que anteriormente.

4.^a Misturado o sangue com

Agua commum meia onça.

— tendo em dissolução —

Extracto de Ratanhia . . . quatro gr.

N.º 12 — 1 de Setembro de 1845

coagulon pelo mesmo tempo que o anterior, e decorrida uma hora separou-se o soro: notámos ser o coagulo, pelo que diz respeito á côr, mais vermelho que o natural, e em quanto á consistencia observámos ser-lhe tambem inferior.

5.^a Misturado o sangue com

Oleo essencial de alfazema . . . seis gottas.

vimos que a coagulação começou passados alguns segundos, e em sua superficie se apresentavam pontos muito pretos com o aspecto de azeviche; no fim de 22 minutos separou-se o soro: — o coagulo, tinha pouca consistencia, e a côr e brilho do azeviche.

6.^a O sangue juncto com

Sal ammoniaco quatro gr.

— dissolvido em

Agua destillada meia oit.

coagolou em menos de um minuto, — aos 2 minutos observámos-lhe côr mais carregada que a natural. — aos 15 minutos appareceu o soro. — 40 horas depois estava completamente separado e de aspecto lacteo, — o coagulo de consistencia menor que a natural, mas com côr mais escura.

7.^a O sangue coagulon á medida que ia caindo sobre a dissolução seguinte —

Agua destillada meia oit.

Acido tartarico quatro gr.

e notámos-lhe uma côr muito escura com alguns pontos mais claros, e estes foram successivamente desaparecendo até que a côr se tornou igual. Passadas 24 horas observámos que o coagulo se limitava a uma delicada pellicula, e o resto tinha-se convertido em liquido: este estava dividido em duas zonas, a superior menos carregada em côr, e a inferior com alguns fragmentos solidos de um roxo escuro.

8.^a Posto o sangue em contacto com a seguinte dissolução —

Agua distillada meia oit.

Acetato de chumbo quatro gr.

pareceu-nos que, passados 2 minutos,

haviam vestigios de coagulação, mas esta não continuou e o sangue ficou liquido por espaço de alguns dias, durante os quaes nos apresentava côr mais escura n'uns pontos do que n'outros, e pequenos grumos — uns de côr mais carregada que a dos outros.

9.^a O sangue unido á dissolução seguinte —

Agua commum meia oit.

Extracto de Alcaassus quatro gr.

coagulou passados quasi 2 minutos, e no fim de 6 o soro separava-se ás gottas na superficie do coagulo. Examinado ao cabo de 24 horas, estava o soro semelhante ao natural, e o coagulo mais consistente do que nenhum dos antecedentes, e sua côr mais escura que a do coagulo, que obtivemos com a dissolução da Quina.

10.^a Extrahido o sangue da veia e lançado sobre —

Emulsão arabica meia oit.

coagulou passado um minuto e a sua superficie apresentava um aspecto unctuosos com manchas mais escuras no centro, do que na periferia. — O coagulo ficou com tão pouca consistencia, que havia bastante difficuldade em o differenciar do soro, que lhe sobrenadava.

11.^a Empregando a seguinte dissolução

Agua commum meia oit.

Extracto gommoso d'opio. . tres gr.

Observámos, que neste caso a coagulação teve lugar logo que o sangue foi lançado no vaso, aonde estava a dissolução: — o soro separou-se uma hora depois, e era de côr natural; em quanto ao coagulo notámos, que tinha maior consistencia que a natural.

12.^a O sangue coagulou em menos de um minuto depois que o lançámos em um vaso, aonde estava

Agua commum uma oit.

— tendo em dissolução —

Extracto de Digital oito gr.

e observámos, que o coagulo era de côr de borra de vinho e bastante con-

sistente, e que, passadas 24 horas, ainda se conservava todo solido, sem vestigio algum de soro.

13.^a Tomámos

Agua commum uma oit.

— tendo em dissolução —

Extracto de Belladona oito gr.

Nesta experiencia o sangue coagulou depois de decorridos dous minutos, e todo o sangue formou um coagulo menos consistente, que gelea; mas sua côr era mais escura, que a do antecedente.

14.^a Para esta experiencia servimo-nos de sangue arterioso, e misturámos-lo com

Acido acetico uma oit.

A coagulação principiou á medida que o sangue caia no vaso, e passados 6 minutos se achava todo coagulado sem deixar soro algum, e decorridos alguns dias ainda se conservava no mesmo estado, apresentando no seu interior um todo homogeneo de côr de azeitona.

15.^a Ainda nesta experiencia usámos de sangue arterioso, ao qual junctámos

Agua commum uma oit.

— tendo em dissolução —

Potassa caustica seis gr.

Conservou-se o sangue liquido, e de côr mais escura, que o venoso por espaço de 7 dias, e não pudemos notar, em todo este espaço de tempo, grumos ou parte alguma solida.

16.^a Junctámos a uma porção de sangue venoso

Cosimento de folhas de Digital . . uma oit.

e passado um minuto vimos que a coagulação principiava. O soro separou-se no fim de 20 minutos, e era em maior abundancia; o coagulo, passados tres dias, era mais escuro que o natural (1).

17.^a Finalmente tomámos o sangue e lançámos-lhe

(1) Quando empregámos o extracto de Digital obtivemos resultados que estavam em opposição com os mencionados por Magendie (Leçons sur le sang) e apesar de applicarmos tambem o decocto não pudemos achar os mesmos resultados.

Acido acético..... oito gott.

o passados 3 minutos, observámos-lhe uma consistencia gelatinosa sem apresentar soro, e na parte inferior de côr mais escura que a natural, e com maior consistencia.

A coagulação do sangue pertence ao dominio da chimica. É com tudo um phenomeno subordinado á vitalidade do sangue, porque conforme o estado d'esta assim varia tambem aquelle phenomeno; não é porem devido a uma propriedade vital (plasticidade), como pertencia Hunter, mas um resultado da morte do sangue, e o principio de sua analyse natural.

É sabido, que o phenomeno da coagulação do sangue é modificado pela forma e natureza do vaso, aonde o sangue é recebido, differença de diametro do jacto do sangue, temperatura do ambiente, estado de repouso ou de agitação do vaso, que o contem &c., todas estas circumstancias mereceram a nossa attenção, para que fossem constantes em todas as experiencias, a fim de que as variantes, que tivessem logar no acto da coagulação e seus resultados, se podessem attribuir aos agentes Pharmacologicos, que empregámos,

Attendendo aos resultados que obtivemos d'estas experiencias, parecemos, que os agentes empregados obraram, uns modificando as forças do sangue, e outros a sua composição ou alguns de seus principios componentes; porque n'uns casos a coagulação do sangue deu os mesmos resultados, como se fora natural, differiu porem no tempo e no modo como teve logar, em quanto que n'outros casos appareceu um producto um pouco differente, porem os principios componentes do sangue pareciam conservar suas propriedades, n'outros casos em fim parte, ou todos estes principios foram alterados na sua composição.

Poucas experiencias são estas, e por isso não nos auctorisam ainda para generalisar seus resultados: todavia de-vem

ao menos excitar a curiosidade dos Pharmacologistas em estudar a acção dos medicamentos não somente sobre os solidos, mas tambem sobre o sangue.

(Continuar-se-ha)

J. F. Macedo Pinto.

(J. D.)

SYSTEMA PENITENCIARIO.

Depois que no meio do seculo passado Beccaria, esse amigo da humanidade, despertado pelos gemidos dos que em sua patria eram victimas do mais barbaro systema penal, lançou os olhos para o que se passava em todos os paizes, que se dizião mais civilizados, e ao vêr o horrivel quadro que este examo lhe offerencia, levantou um brado, d'indignação; depois que este brado, que por toda a parte se fez ouvir, chamando a attenção de todos os homens sabios, foi por elles repetido; e depois que as vozes de todos échoando nos gabinetes dos homens d'estado os arrancaram da lethargica indifferença em que tinham jazido, e lhe fizeram dizer — basta de barbaridade — o systema penal principien por toda a parte a adoçar-se e o processo inquisitorio a ser substituido por um processo régular.

Fazer porem com que houvesse uma forma de processo, que nada deixasse a desejar ao accusado, fazer com que a justiça não fosse desprezada, que a pena estivesse em relação com o delicto, e produzisse o effeito de castigar o delinquente, e intimidar os que o não fossem, não era tudo; era ainda pouco. O estudo dos males que affligem as sociedades, e dos meios de lhes occorrer fez nascer a idea eminentemente civilisadora de fazer com que a pena applicada ao culpado, produzisse mais alguma cousa do que o castigo d'este é exemplo aos outros, que produzisse tambem a regeneração moral do condemnado, que fizesse

com que n'um coração ermo de virtudes, e só morada de vícios se trocassem estes por aquellas, n'uma palavra que d'um máo se fizesse um bom cidadão, um homem util á sua familia, e á sua patria; e para se realisar esta grande idea crearam-se as casas penitenciarias, que n'America são já em grande numero, e tem produzido os melhoes resultados. É sobre estas que tambem nos propuzémos escrever duas linhas.

Reconhecemos que é atrevimento, e atrevimento descommunal o escrever sobre materia, que já tem sido tratada por distinctissimos escriptores, e que alem de muito saber, demanda tambem uma larga experiencia, um longo trato com os homens, que faça conhecer bem a sua natureza, e facilite o sondar-lhes o coração para com alguma probabilidade de bom exito se indicarem os melhoes meios de os fazer arrepender; a nós tudo isto nos falta; entretanto a materia é tão vasta, vai ferir tantos pontos na economia social, e está tão estreitamente ligada com as circumstancias especiaes de cada paiz, que por muito que se diga, sempre resta a dizer, e a nós que não queremos escrever um tratado, mas simplesmente um artigo, esperamos que nos será relevada a ousadia.

Dous são os problemas a resolver relativamente á organização das casas penitenciarias:—1.º qual convirá mais se o completo *isolamento*, trabalhando cada um na sua cella, ou se o trabalho em commum de dia, e separação de noite: e se neste segundo caso se deverá guardar uma pericita mudez, ou se, á proporção que os presos se forem mostrando melhoes se lhes devem ir permittindo algumas practicas;—2.º se a sentença de condemnação deve fixar o tempo da prisão.

A solução do primeiro problema está em grande parte ligada com o estado financeiro do paiz em que se pertender estabelecer este systema: nós não sabemos qual o estado das finanças em Por-

tugal, porem o que sabemos é que o nosso povo não está feliz, que é geral a falta de numerario, e que por consequente de poucos recursos poderá a nação dispôr para este importante objecto, e esses mesmos de que dispor ha de ser á custa de grandes sacrificios; e como sem meios nada se pode levar á effectividade, por isso emitiremos a nossa opinião, tendo sempre em vista esta ponderosa circumstancia.

Nós não abraçamos exclusivamente qualquer dos systemas acima indicados; parece-nos que os presos devem a principio conservar-se *isolados*, depois junctarem-se a trabalhar em commum, e por ultimo poderem ter algumas practicas, mas nunca uns com outros, porem com as pessoas que forem de fóra, sendo da confiança do director.

Para que o preso dê o primeiro passo para a sua regeneração é necessario, primeiro que tudo, que se entregue á meditação, e que se convença de que obrou mal; e que haverá que seja capaz de levar á meditação o homem para quem a vida dos crimes se havia tornado habitual a não ser a solidão do completo *isolamento*? Reduzido a um pequeno recinto, não tendo um ser vivo a quem se dirija, cansado de viver a sós, é força que se interogue a si mesmo, e pergunte o que deu logar ao seu assiduo padecer; e quando elle chegar a este estado a consciencia lhe bradará — os teus crimes — e o preso aterrado com esta idea revolverá a historia do seu passado, e sentirá a necessidade d'emendar-se: desde o momento em que isto se verificar, poderá dizer-se principiada a regeneração do preso, começará por isso a achar-se disposto a sujeitar-se a todos os regulamentos a que convenha submetê-lo, e estará por consequente em estado de passar a trabalhar em commum.

Por esta maneira combina-se o interesse dos presos com o estado das finanças:—1.º porque então poucas cellas bastam com capacidade para n'ellas se

trabalhar, visto que pouco tempo se devem os presos conservar separados, e uns vão cedendo o logar aos outros; — 2.º porque, depois de reunidos, o trabalho é incomparavelmente mais lucrativo, podem empregar-se trabalhos para que se careçam de muitos braços, e que vivendo *isolados* se não pode fazer: os relatorios apresentados n'America attestam que o trabalho dos presos, nas casas em que ha este systema, excede ainda a despesa do seu sustento.

Alem das conveniencias financeiras uma outra razão nos faz ainda seguir que os presos devem trabalhar em commum, e é o acharmos que d'outro modo não é possível fazer-lhes crear habitos d'obediencia: o preso *isolado* trabalha e guarda silencio, é verdade, mas não se pode dizer que seja por entender que assim o deve fazer, e que assim se habitue a cumprir com os seus deveres, pois que ainda que quizesse deixar de trabalhar não o faria por não poder supportar o enojo de não ter em que se entreter, e se quizesse conversar não teria com quem: pelo contrario quando está cercado de pessoas, que, quinhoando uma sorte igualmente dura, lhe hão de excitar o maior desejo de se entreter com ellas; então se o não faz é por obedecer, e continuando assim as probabilidades estão para que crie o habito.

Esté systema de trabalharem os presos em commum não podemos deixar de reconhecer ser bastante duro pela necessidade que ha de fazer guardar perfeito silencio, embora os presos para isto venham já preparados, como acima dissemos; entrelanto se a falta de communicação é indispensavel para a regeneração do preso, como logo mostraremos, é bem de ver que é este um dos males que, porque traz bens, é necessario soffre-lo. Tambem não devemos dissimular um outro inconveniente, que se dá n'este systema de trabalharem os presos em commum, e sem duvida da maior monta, e é o risco de ficarem esses sacrificios perdidos pelo conheci-

mento com que os presos ficam uns dos outros. Basta que um só se não regenerere para todos os outros estarem em grande perigo, por que este, quando elles recusem associar-se-lhe, ha de ameaça-los com a declaração de que elles estiveram na penitenciaria, e fazer assim com que aquelles que lhes dão trabalho os não admittam mais em suas fabricas e por esta maneira privam-os da subsistencia: n'um artigo que sob' esta materia lêmos na Illustração Franceza, n'outro que vimos no Diccionario da Conversação, e em Tocqueville faz-se menção de varios casos d'estes.

Felizmente Portugal é, a nosso ver, um dos paizes em que esta declaração menos mal pode fazer ao penitenciado, por quanto a este, sempre resta para se empregar, a agricultura onde não ha risco de que os operarios furtem; e então, quando qualquer fosse expulso d'uma fabrica, não havia de ser por não ter em que ganhar subsistencia, que elle havia d'entregar-se de novo ao crime.

Do que temos ditto a respeito d'este systema vemos que tambem tem inconvenientes, porém o do isolamento completo tem muitos mais, e quando llic não fosse superior por outras razões, bastaria attender a que a estadistica das differentes prisões mostra, que nas casas em que se trabalha em commum, o numero dos doentes e mortos é incomparavelmente menor, fazendo mesmo uma differença tão extraordinaria, que não é possível deixar de to-la em consideração.

Entendemos que não deve aos presos ser permittido o praticarem uns com outros, porque, ainda que esta permissoão seja simplesmente dada aos que se presumem já adiantados na sua regeneração, com tudo nada concebemos tão possível como haver alguns cujos sentimentos sejam ainda os mesmos, que ao entrarem para a prisão, que só estejam anhelando o momento de sairem para irem tirar vingança d'essa sociedade,

que os tractou com tanto rigor, e se isto se verificar, se na occasião em que só convinha que os presos, ou se não lembrassem do passado, ou o fizessem só com horror, e em seus pensamentos não houvesse outra idéa, que não fosse a de repararem com seu exemplar procedimento futuro o irregular que até então tinham tido, ha o maior risco de que, pelas conversações d'estes fiquem baldados todos os sacrificios até alli feitos, de sorte que o meio que se ia escolher, como ultimo instrumento para a sua regeneração, é exactamente o mais adequado para destruir o que já se tinha conseguido; e ha tanto maior razão para acreditar que assim será, quanto é sumamente facil fazer voltar qualquer aos seus antigos habitos, se para isso é instado, quando não está completamente regenerado. Somos porém de opinião que se lhe deve permittir o praticarem com as pessoas que forem de fóra, e que merecerem a confiança do director, e isto porque reconhecemos a necessidade de que os presos aprendam uma linguagem differente da que tinham antes de entrarem para a prisão, e de que se acostumem a fallar n'outros objectos, que não sejam os meios de realisarem um crime, escapar á vigilancia da auctoridade, e outros de igual natureza, de sorte que de pois possam entender a linguagem dos homens honestos, e enterter-se com elles.

(Continúa.)

Antonio Mendes d'Almeida.

(I. D.)

BIBLIOGRAPHIA ABEVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 148)

XV.

Alvaro Ferreira de Vera, natural de Lisboa instruido na historia profana, applicou-se com incançavel diligencia á Genealogia, gastando a maior parte

da sua vida em revolver cartorios, com especialidade o da torre do Tombo, para achar as origens das familias, e arranjar as series de suas descendencias.

Não satisfeito com as noticias nacionaes, para adquirir tambem as extranhas, passou a Madrid onde viveu até o anno de 1645, disvelado com o estudo da genealogia das familias de Hespanha; resultando como fructo das suas investigações escrever diversas obras genealogicas, que o fizeram conhecido na litteratura. Compoz tambem em castelhano.

Vidas abreviadas del conde don Enrique de Borgoña, d'el-Rei D. Alfonso Enriques e seguintes reis até D. Pedro I.

Caragoça 1643—folio.

XVI.

Manoel de Faria e Sousa, natural da ribeira de Vizella como elle confessa no tomo 2.º parte 2.ª capitulo 1.º numero 52 da *Europa portugueza* (com cuja confissão ficam tiradas todas as dúvidas sobre sua naturalidade) é um dos mais celebres escriptores da nossa litteratura portugueza. « A natureza (diz o auctor da Bibliotheca Lusitana) se empenhou a » formar na sua pessoa um exemplar » de todos os dotes scientificos, con- » correndo a viveza do engenho, a fa- » cilidade da memoria, e a vasta lição » da historia e poesia para ser venerado » por oraculo. » Acompanhou a Roma o marquez de castello Rodrigo embaixador áquella corte, na qualidade de seu secretario, e foi ahí admirado pelo seu talento, litteratura, e pelas obras poeticas, porque é justamente applaudido. Voltando a Madrid, aqui soffreu o infortunio de ser preso por uma calumniosa accusação de inconfidencia, de que mostrou a sua innocencia. Experimentou a sorte que é quasi commum aos homens de merecimento raro, em uma fortuna adversa aos seus interes-

ses: vivendo pobre, sem nunca obter a digna recompensa dos seus trabalhos litterarios, os quaes o faziam credor d'avultados prêmios; pois não consta, que se lhes fizesse outra mercê, que a do habito de Christo, e uma pensão na commenda de Rodão. São immensas as obras, que escreveu de diverso argumento em prosa, e em verso, sendo muito celebre o commento que fez ás Poesias de Camões, em que trabalhou pelo espaço de 25 annos, e para que leu mais de mil auctores, segundo elle mesmo declara, vindo a fallecer em Madrid em 1649. Escreveu na lingua castelhana

Europa Portugueza, 3 tomos folio — impressos em Lisboa: o primeiro em 1667, e 1676 accrescentado; o segundo em 1679; e o terceiro — 1680.

O primeiro volume d'esta excellente historia contém a historia de Portugal desde o diluvio até a erecção de portugual em reino, a sua historia deve lêr-se com a prevenção, e cautela, que acima (n.º 8) recommendei a respeito do primeiro tomo da Monarchia Lusitana. O segundo tomo contém a historia d'este reino desde o conde D. Henrique até D. João III, *inclusive*. O terceiro segue a historia dos seguintes reinados até Filippe IV, com uma larga descripção de Portugal. Esta historia é elegantemente escripta, adornada de excellentes reflexões moraes e politicas, podendo com razão o seu auctor chamar-se Tacito Portuguez. Compoz mais

Epitome de las historias Portuguezas. Dous tomos divididos em quatro partes. Madrid 1628 quarto. Lisboa 1663 e 1674 quarto. Bruxellas 1677 folio, com os retratos dos Reis de Portugal; e novamente accrescentados, *ibi* — 1730.

As primeiras duas partes d'esta obra são a historia de Portugal antigo, até o tempo do conde D. Henrique, sobre

que convém observar o mesmo que observei (n.º 8) sobre Brito, e pouco acima a respeito do primeiro tomo da Europa Portugueza. A terceira parte envolve a historia abreviada desde o conde D. Henrique até o cardeal D. Henrique. Na quarta contém-se a sequencia da historia até o anno de 1652 com uma descripção do reino de Portugal. O estylo é mais oratorio, que historico, o que talvez procede de ser esta obra na sua origem composta em verso, e em oitava rima Portugueza. Este compendio da historia de Portugal pôde considerar-se como um indice de outra obra d'este mesmo auctor acima annunciada — da Europa Portugueza, segundo o juizo que D. Antonio Alvarés da Cunha fez na censura da Europa de 2 d'abril de 1677.

Advertia-se, que a edição do epitome de 1730 tem, demais que as outras, as vidas dos reis D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, e D. João V.

XVII.

Antonio de Sousa de Macedo, natural da cidade do Porto, foi desembargador da casa da supplicação, de que tomou posse em 1646, conselheiro da fazenda, juiz das justificações, o secretario do embaixador a Inglaterra, D. Antonio de Almada, onde na ausencia d'este ficou com o character de enviado. Em 1651 passou a Hollanda por embaixador d'esta corôa, donde depois de desempenhar sabiamente o objecto de suas negociações, restituído a Portugal foi creado secretario de estado por el-rei D. Affonso VI, em 1663, e remunerado com as commendas de S. Thiago de Souzellas, e de santa Eufemia de Penella, esta da ordem de Aviz, e aquellá do Christo, e heu assim com a alcaidaria mór de Freixo de Numão. São feliz parto de seu talento varias obras, em que mostrou ser tão profundo juriconsulto, como habil politico, tão elegante poeta como noticioso historiador. Morreu em Lisboa em 1682. Escreveu

Genealogia Regum Lusitaniae.
Londoni, 1643, quarto.

Deduz a genealogia dos reis de Portugal até o príncipe D. Theodosio. É compendio.

XVIII.

Rodrigo Mendes Silva, nasceu em a villa de Celorico da Beira em 1607. Dado ao estudo da historia, e da genealogia teve d'ellas tão profundos conhecimentos que mereceu ser nomeado chronista geral d'el-rei catholico D. Philippe IV, e official do Conselho de castella. É um dos historiadores celebres da historia de Hespanha, a que se deu mais que á de Portugal, e escreveu muitas obras de genealogia, em que se acham muitas noticias relativas á historia portugueza, por cujo motivo julguei dever-lhe dar lugar neste catalogo. Compoz

Catalogo Real. Genealogia de Hespanha.

Madrid 1637 em oitavo, e 1639 quarto, e mais addicionado, ibi—1656 quarto.

É um compendio breve genealogico da familia real de Hespanha antiga e moderna, até Philippe IV. De folhas 75 por diante se deduz toda a genealogia dos soberanos de Portugal, e dos duques de Bragança. Chega a D. Sebastião. D'elle me servi para fazer duas arvores genealogicas da casa real Portugueza, que em 1807 offereci a Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, que Deus guarde, e da familia e dynastia real de Hespanha ainda incompleta.

XIX.

Antonio Velloso de Lira, nasceu em villa nova de Calheta na Ilha da Madeira em 1616. Estudou philosophia, e theologia na universidade de Salamanca, tomando o grão de doutor nesta faculdade; ainda ali assistia quando foi aclamado el-rei D. João IV, de cujo acontecimento tanto que teve noticia se restituiu a este

reino, fazendo com que todos os estudantes portuguezes, que então alli residiam immitassem o seu exemplo. Foi assás instruido em todo o genero da Litteratura, como o demonstram diferentes obras, que publicou. Foi conego magistral na Sé do Funchal, e Governador do Bispado por nomeação do Bispo D. Fr. José de Santa Maria. Escreveu

Espelhos de Lusitanos em o christal do Psalmo 43, cuja vista em summa representa este reino em tres estados. O primeiro desde seus principios com todas as felicidades, e grandezas suas até a morte d'el-rei D. João III. O segundo as calamidades, e infortunios começados em el-rei D. Sebastião, e continuados por todo o governo Castellhano. O terceiro estado, — as maravilhas obradas por Deus em a feliz acclamação, e restauração d'el-rei nosso senhor D. João IV, com os mais raros casos n'ella succedidos, assim em Portugal como em Castella.

Lisboa 1643. quarto.

(Continuar-se-ha.)

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA E ESTADISTICA.

POR

A. P. Forjaz de Sampaio

NOVA EDIÇÃO.

Com este titulo acaba de publicar o Sr. Forjaz de Sampaio uma nova obra, pois assim podemos chamar esta edição do seu Compendio de Economia tanto pelo novo systema e methodo que adoptou, como pelas emendas que fez, e pela maior desenvolução que deu á parte da estadistica, que tão resumida e escassa se achava na anterior edição.

O Sr. Forjaz de Sampaio, por effeito de circumstancias, teve que escrever um

Compendio de Economia quando apenas acabava de manejar compendios como estudante. A materia sobre que versava era muito pouco estudada em Portugal, e nesta Universidade absolutamente nova, e mesmo lá por fóra, onde tanto e tanto se havia escripto, escasseavam (e ainda hoje não abundam) livros elementares que podessem servir immediatamente para Compendio. Esta ãossa Universidade tem tido sempre uma predilecção para os livros allemães (e bem haja ella) para os adoptar como Compendios pela rigorosa deducção de doutrinas, que fazem a honra dos escriptores didacticos d'aquella nação, e que lhes faz perdoar alguns outros defeitos provenientes da mesma natureza do seu methodo, ou do seu facil abuso. Infelizmente as obras dos seus Economistas eram desconhecidas entre nós, de modo que o Sr. Forjaz de Sampaio teve que estrear-se como Economista vertendo o *Catecismo* de Say.

Não queremos dizer que o Sr. Forjaz de Sampaio vertera palavra por palavra (seria mister não ter lido uma e outra obra), queremos sim dizer que uma tão má obra não podia nunca ser reduzida a soffrivel Compendio — obra a que lavraremos o mesmo epitaphio que o Sr. Forjaz de Sampaio lavra na sua Introducção ás Instituições do Sr. Ferreira Borges — **POUPEMOS A MEMORIA DO FINADO** —

Felizmente o Sr. Forjaz de Sampaio é joven, e não pensou que a missão de um Professor se limitava a seguir a explicação de um Compendio, emendando o que já no anno passado e no outro e no outro e no outro fóra emendado, e d'esta sorte adiantar-se com o progresso dos outros, do mesmo modo que julgaria andar muito aquelle que ficando quêdo em uma praia por ver voar sobre as aguas um navio, e sumir-se no horizonte, exclamasse — quanto tenho andado!

Da leitura e estudo dos escriptores economistas estrangeiros, e muito em especial de um que não duvidaremos

chamar modelo — Rau — e da experiencia da regencia da Cadeira colheu o Sr. Forjaz de Sampaio elementos com que formou o seu Compendio da edição de 1841.

Com esta obra sua, porque é seu e muito seu o arranjo das materias, encandeamento de doutrinas &c., o Sr. Forjaz de Sampaio honrou esta Universidade e o nosso Paiz, dando-lhes um Compendio de Economia.

Mas o mesmo estímulo que levára o Sr. Forjaz de Sampaio a não recuar ante preconceitos, e essa critica, que critica ameçadora antes de vir a lume qualquer obra, e d'este modo estanca todo o principio de progresso litterario, fez com que apparecesse uma nova edição, em que os defeitos da primeira foram emendados conforme os dictames da experiencia do magisterio, e das criticas, que o Sr. Forjaz de Sampaio é muito sabio, joven, e amante das letras para deixar de apreciar e aproveitar quando justas e fundadas, e esquecer quando ephemerias, e não para contra ellas se alevantar, e com menoscabo da sua gloria persistir nos defeitos, como succede com os incorrigiveis pela philautia ou idade.

Será por tanto comparando uma e outra edição que nós formularemos o nosso juizo relativo depois do exame geral e particular, *absoluto* d'esta ultima edição, de que remetteu o seu Auctor um exemplar á Redacção da Revista, a qual me impoz o dever de emittir este juizo.

Será atrevimento indisculpavel o examinar a obra de quem ainda ha pouco foi meu mestre? Certo que não, — em letras só a discussão livre pôde produzir bons resultados, e se de um lado temos a terrivel sentença dada por La Bruyère — «Un critique n'est formé qu'après plusieurs années d'observations et d'études, un critiqueur naît du soir au matin» — por outro lado temos a convicção de que, quando desapaixonadamente se examina uma obra litteraria didactica, não deixam de ser alguma

coisa competentes aquelles para quem essa obra serviu de compendio; as suas difficuldades, e mesmo os seus *deffeitos* são muitas vezes mais facilmente conhecidos por elles, como o docente, ainda que rude, é juiz da efficacia dos medicamentos.

A obra do Sr. Forjaz de Sampaio é um *Compendio* destinado a servir de guia no estudo da Economia e Estadística conforme o methodo adoptado nesta Universidade; por conseguinte é como *Compendio* que deve ser julgada. Esta classificação julgamo-la muito importante, porque corta pela raiz a objecção de *secco, rigoroso, e resumido*, que por vezes havemos ouvido fazer ao antigo por pessoas estragadas (tambem os manjares muito assazonados estragam e matam o paladar) pela exclusiva leitura das brillantes prelecções de Chevalier, Rossi, e das volumosas, encyclopedicas, e exemplificadas paginas de Sav.

O Sr. Forjaz de Sampaio tinha e devia ter um fim muito diverso. Um *Compendio* não deve conter senão proposições cuja verdade resulte ou de principios próprios á sciencia de que elle se occupa, ou de outras que lhe são subsidiarias; e expostas com toda a concisão, clareza e ligação intima e logica das materias.

Eis uma difficuldade immensa em qualquer *Compendio*, e que diremos quasi *inencivel* em Economia, em quanto que os estudos, hoje comprehendidos nesta Universidade, não soffrerem o effeito de uma das leis economicas — a divisão do trabalho. —

Extremar o necessario, e expo-lo com deducção tal que o principio anterior seja a fonte do subsequente, é o apice de que se não afastou muito o Sr. Forjaz de Sampaio, como buscaremos mostrar na rapida analyse que passamos a fazer do seu *Compendio*.

Começaremos pelo *Compendio* de Economia. — Apoz uma Introducção, ou Prolegomenos geraes, dividiu o Auctor

o seu *Compendio* em duas partes geraes, destinando a primeira para os principios elementares da Economia Nacional, e a segunda para a Theoria da Policia Economica. A primeira d'estas partes soffre uma subdivisão em que o Auctor seguiu o methodo, geralmente adoptado pelos Economistas mais systematicos — de tractarem os phenomenos economicos da producção, distribuição e consumo; a segunda subdivide-se em duas partes nas quaes tracta das relações do Estado com a economia da Nação, e na ultima da economia do Estado; divisão em que o Auctor se viu *forçado* a tractar da sciencia da fazenda. Com pequenas alterações fôra este mesmo systema o adoptado pelo Sr. Forjaz de Sampaio na anterior edição do seu *Compendio*, posto que haja notaveis mudanças em quanto ás materias contidas em cada uma d'estas divisões.

Com quanto discussões de methodo sejam pelo regular faltas de importancia, todavia achamos este adoptado pelo Sr. Forjaz de Sampaio tão natural e logico, que não podemos deixar de o notar como um dos meritos da sua obra, porque é um *Compendio*,

Permittam-se-nos porem alguns breves reparos nascidos do desejo de que d'esta obra tirem o maior proveito possível os que por ella *estudarem*.

A segunda divisão da segunda parte (Economia do estado) fórma hoje uma sciencia tanto *sui generis*, que consideraria-la como parte integrante da Economia nacional é o induzir aos bisonhos a crerem que não ha mais differença do que aquella que por ex. se encontra entre a exposição dos phenomenos da producção, e os da distribuição.

Bem sabemos que o Sr. Forjaz de Sampaio não confunde estas idéas, ali está a sua nota 202 que o prova, e por isso nós dissemos ha pouco que fôra *forçado* a incluir neste seu *Compendio* as noções da Sciencia de fazenda, ou como lhe chamam os escriptores alle-
mães, das *Sciencias camarrarias*, porque

mais de uma se acham comprehendidas neste gruppó, quando se quer levar a analysé até onde o permite o estado dos conhecimentos.

O Sr. Forjaz de Sampaio foi forçado, dizemos nós, pela necessidade *legal* de comprehender como objecto de uma mesma cadeira ramos tão disparatados; mas nós que estamos em esphera mui baixa, e por isso mais em contacto com quem tem de estudar por este livro, pedimos ao auctor e publico que accreditem, que não basta que as cousas por si sejam distinctas, é mister que *materialmente* se distingam; e que haverá quem dê este Compendio, e não note a raia que separa estas doutrinas por isso que a numeração dos §§. e Cap. continua.

Uma outra cousa que está no mesmo caso é o modo por que o auctor define. É sobre tudo nas definições que pôde consistir o merito de um Compendio, e diremos que as do Sr. Forjaz de Sampaio podem citar-se como exemplo da exactidão rigorosa, que pôde dar-se em sciencias da natureza d'esta; mas do modo porque se acham enunciadas nesta ultima edição produzirão de certo confusão para muitos. O valor das virgulas, pontos e virgulas, e dous pontos não é de todos (desgraçadamente) tão conhecido que baste para não produzir noções mui erradas. Tomaremos por acaso a definição de riqueza e das suas divisões. São as mesmas palavras (em ambas as edições (salvo o dizer-se na segunda — sentido *latissimo*, e na terceira *sentido amplo*) mas naquella a divisão material dos periodos não fará nunca que alguém, pouco escrupuloso de pontuação, tome como definição de riquezas *artificiaes* a das *naturaes* (1). Poderíamos citar um caso, em que nos

responderam, quando desfaziamos um equivooco d'esta natureza, — *de minimis non curat Pretor*, e que o original das Pandectas Florentinas não é virgulado. Este e muitos outros casos provam que nesta materia o Auctor e Professor deve esquecer-se de si e lembrar-se d'aquelles para quem escreve *em particular*, e a quem comunica as primeiras noções da sciencia.

Ajunctaremos a estas breves reflexões uma outra ácerca dos livros que o Auctor aconselha como devendo formar a bibliotheca selecta do alumno. Collocamo-nos na posição em que o Sr. Forjaz de Sampaio o collocou — *não poder ter á mão todos os livros que elle enumera, e não lhe sobrar tempo para ler*. — Dada esta hypothese notamos de excessiva por um lado, ao passo que deficiente por outro a lista por elle apresentada. Primeiramente recomenda *todos* os livros portuguezes que menciona no seu catalogo, e neste deparamos com as Instituições do Sr. Ferreira Borges, das quaes o juizo formado pelo auctor na sua Introdueção, é com muita razão pouco favoravel. Não citaremos mais. Se foi levado pelo amor de tornar conhecidas as obras dos nossos escriptores, louvamos e louvaremos sempre o amor das nossas cousas, mas aqui tracta-se de apontar os livros *necessarios*, (porque é tão restricta a lista dada pelo Sr. Forjaz de Sampaio que não chega a comprehender os *uteis*), e nesta classe não estão *infelizmente* os nossos, se os compararmos com os extranhos; nem com isto irrogamos censura: a sciencia é nova entre nós, e nenhuns estimulos ha para que ella se cultive, por tanto que admira que não possamos rivalisar com os extranhos?

Mas sobre tudo sentimos que a obra de Rau não seja apontada. O merito d'este escriptor ninguem o conhece melhor do que o mesmo Sr. Forjaz de Sampaio: as paginas do seu Compendio dão claro testemunho do alto preço em

(1) Copiaremos parte do §. 6. para prova — A palavra riqueza, em sentido amplo, comprehende todos os bens; — os quaes, em quanto á sua origem, são ou naturaes, dom gratuito da natureza; ou artificiaes, obra do trabalho: &c. — Caíam estas definições em quem não cure de cousas *minimas*, e veremos a algaravia que faz.

que tem este *distinctissimo Economista*(1). Mas nós achamos-lhe um *muito especial* relativamente aos que tem de estudar pelo Compendio do Sr. Forjaz de Sampaio.

A imaginação ardente da juventude, o desejo de *brilhar* (2), e mesmo o juizo da maioria dos ouvintes são estímulos fortísimos para desviar os alumnos da aridez dos princípios exactos, e da rigorosa deducção de consequencias. Ora se a isto junctarmos recomendada leitura das eloquentísimas paginas de Rossi, das seductoras prelecções de Chevalier, e dos amenos capitulos de Droz (auctores *especialmente* recommendados pelo auctor) iremos abrir ampla porta para abuso que não julgamos de pequena monta. O elemento historico da sciencia tambem não tem representante na lista do Sr. Forjaz de Sampaio, e Bargemont ou Blanqui não occupariam mal um logar entre os livros necessarios. Reconhecemos a difficuldade, e talvez o perigo de induzir a *ler muito*, quem não póde *ler bem* por falta de tempo, e outros inconvenientes annexos á vida escholar, mas é por isso mesmo que desejariamos que a limitada bibliotheca do alumno fosse completa em quanto ao absolutamente necessario; e julgamos comprehendidos nesta classe, Rau, e mesmo o pequeno, mas profundo tractado de Bentham, com alguns dos historiadores da sciencia.

Passemos ao rapido exame da bondade da obra. —

Já que notámos estas pequenas sombras no bello quadro do Sr. Forjaz de Sampaio, as quaes procedem quanto a nós de um mal que elle não podia remediar, e que nós indicaremos em outra parte, unido a nossa tanné voz á do auctor para que se dê uma nova fórma aos estudos politico-economicos, como sendo negocio de *necessidade ur-*

gentissima politica e scientificamente fallando.

O Sr. Forjaz de Sampaio adoptou no seu Compendio o excellente methodo de não inserir no texto senão a parte dogmatica de uns elementos de Economia, deixando para notas muitos corollarios e indicações de pontos controversos. É esta uma ventagem muito real, e solida, e uma cousa em que o novo Compendio se aventaja de muito ao anterior. Conformamo-nos neste ponto com o que a respeito de Rau diz o seu traductor Kemmeter — «A parte dogmatica é contida no corpo dos paragraphos, e ao Professor incumbe o desenvolve-la.» — Com este methodo abrevia-se muito tempo, ganha-se pelo lado da clarezza, e fixam-se muito melhor as idéas nos que aprendem.

O esmero de dedicção com que se acham redigidos estes elementos tambem merecem elogio, bom será que os alumnos ao passo que progredem em estudos maiores encontrem sempre livros que lhes formem a elocução, se a não tem, ou lha não estraguem se por acaso já a possuem.

O pequeno campo que no Compendio occupam muitos pontos importantes de sciencia, julgamo-lo nós um grande mal, mas julgamo-lo igualmente um milagre feito pelo Sr. Forjaz de Sampaio. Expliquemos-nos: —

O Sr. Forjaz de Sampaio *coacto pela lei*, tinha que reduzir um gigante á pequenez de um pygmeo.

O mal está em a lei obrigar a isto; o milagre feito pelo Sr. Forjaz de Sampaio está no modo por que foi feita esta reducção, fazendo-a tão proporcionalmente, que não podia sair mais perfeito o retrato em miniatura. Não esquecer nenhuma das linhas e profis do original, dar a todas a grandezza necessaria, combinar com genio e estudo aturado todas as cores e sombras para que em limitadissimo quadro nada faltasse, foi o que fez o Sr. Forjaz de Sampaio: carece-se de microscopio para descobrir muitas d'estas bellezas de arte.

(1) Introducção — pag. V.

(2) Damos a este vocabulo a accepção muy peculiar usada nesta Universidade para denotar aquelles actos litterarios em que a solidez e rigor das idéas cedem o campo ao brilho das fórmulas.

Rematando por agora este artigo acerca dos Elementos de Economia Política do Sr. Forjaz de Sampaio, diremos em duas palavras o nosso juizo. — É a sua obra um optimo Compendio, em que o auctor venceu difficuldades absolutas e relativas, que a outro que não o Sr. Forjaz de Sampaio haveriam feito sossobrar.

(Continuar-se-ha.)

S. B.

{ J. D. }

FR. LUIZ DE SOUSA (1)

Drama em 3 actos, por J. B. d'Almeida Garrett.

(T. V. das suas obras) Lisboa, 1844.

Esta é uma verdadeira tragedia — se as póde haver, e como só imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes. Assim foi a peça de que tractamos classificada por seu proprio auctor na Memoria com que a offereceu ao Conservatorio Real. Para nós tambem ella é uma verdadeira tragedia, como julgamos que éstas devem esó podem ser em nossos dias. Consideramo-la um modelo da tragedia na sociedade moderna, que a nossa litteratura d'hoje era mister que creasse, e que devemos apreciar e seguir, senão quizermos ficar eternamente fechados n'um dos quartos da penitenciaria d'Aristoteles, reformada no seculo XVI; reduzidos a escrevermos tragedias sobre factos antiquissimos, sempre trajadas á grega, com o indispensavel rythmo dos versos, e com a mesma monotonia de caracteres. E, ainda mais, se não quizermos abnegar a faculdade e o gosto de tractar neste, de todos o mais sublime, genero de poesia, tantos factos

essencialmente tragicos da nossa historia moderna. D'esta historia onde predomina uma religião toda dramatica, onde a amplitude da sociedade, suas phases e complicação de costumes, fazem brotar de cada pagina um manancial d'affectos, incomparavelmente de mais interesse e variedade, de maior profundidade moral, do que toda a farragem mythologica da antiga Grecia.

Por isso, e para que esse mal entendido *exclusivismo de craveira*, não acabo por nos privar d'um genero, que tanto lhe custa a resistir — ou já se desmoro-na contra os embatos do ariete do drama moderno, gastado pela fatigadora systole da forma — por tudo isso, dizemos, é que desejamos ver adoptada a modificação no genero que o illustro auctor de FR. LUIZ DE SOUSA tão elegantemente acaba d'introduzir na litteratura dramatica.

Em quanto a nós nisto hão de vir a parar os combates, já froixos, das escholas romantica e classica. A boa razão reprova ésta, os excessos teem desacreditado aquella. O que se chama *drama moderno* ha-de vir a ser a tragedia adaptada á religião christã, e a todo o nosso viver d'hoje, como a entender e executou o Sr. Garrett. A par d'ella se sustentará a comedia, como a entenderam Moliere e Scheridan, como a praticam Scribe e Dumas; e como entre nós a poderia escrever o mesmo Sr. Garrett, que assaz de razões temos para assim o acreditar. Os outros generos intermediarios, espurios, monstruosos aleijões poeticos, *quasimodos* dramaticos, hão-de cair — talvez em breve. É um vaticinio pouco custoso de fazer, se dermos ouvidos á nossa intelligencia auxiliada pela observação.

(1) Já sobre este drama publicámos um juizo pelo Sr. Cesar Perini de Luca (pag. 60), mas que não prejudica o que hoje de novo apresentamos do Sr. Silva Leal; porque cada um d'estes nossos illustres collaboradores considerou o drama debaixo de differente ponto de vista: — o 1.º tractou principalmente de avaliar cada um dos caracteres de

per si; — o 2.º tracta pela maior parte da questão d'arte, julgando Fr. Luiz de Sousa uma verdadeira tragedia, e mostrando que este novo genero, creado pelo Sr. Garrett, deve ser hoje o adoptado na Sociedade moderna. O leitor terá pois nestes dous artigos um juizo completo sobre Fr. Luiz de Sousa.

Neste ponto, como norma, como phanal, como creação d'eschola, Fr. LUIZ DE SOUSA, em seu fim esthetico, é a melhor obra dramatica do Sr. Garrett. Analysa-la por partes demandaria larguissimo artigo. Falar dos personagens, todos historicos á excepção de Telmo Paes, e introduzidos na peça sem ornamentos da imaginação, nem artificio; investigar lhe a expressão das paixões, sua logica e verdade; penetrar na sua parte moral, dissecá-la toda; tudo isto seria um digno estudo litterario e philosophico — merecia-o — mas nem temos logar, nem por ventura fôr para nós. Diremos apenas alguma coisa pelo que respeita á arte.

A composição d'esta peça em sua austera simplicidade — que o não pode ser mais do que reduzir-se ás tres peripécias da tradição, é, em nosso entender, d'uma espantosa difficuldade. Aquillo que se chama inredo não o tem. Toda a sua invenção consiste em se haver achado o meio de não fazer uso d'ella. Os mesmos discursos são tudo quanto ha de mais simples, de mais natural, de mais apropriado. A peça inteira nos revela a inspiração pathetica, larga e singella da tragedia grega. Infelizmente os nossos conhecimentos helênicos não nos chegam para apreciar as bellezas da lingua d'Eschylo e de Sophocles; mas pensamos que o estylo d'elles não seria mais fluente, nem mais natural e verdadeiro.

Comtudo a feição mais caracteristica, que distingue Fr. LUIZ DE SOUSA do drama moderno, e o semelha á tragedia antiga, são as paixões. A impressão que ellas nos produzem é toda no coração, é toda filha do sentimento. São paixões simples e communs, também simplesmente expressadas, como as da tragedia grega. Nos dramas modernos de maior nomeada é o contrario: investigam-se as excepções, por assim dizer, do coração; exploram-se as consequencias mais extravagantes d'uma paixão disparatada, quasi sempre *sui generis*. Depois

exorna-se isto com fogos d'artificio, e com os *outrages* d'um estylo igualmente falso: e estes auxilios da pyrotechnica e da *Feira-da-Ladra* (se a phrase pôde passar) armam ao effeito, é verdade, mas é um effeito todo dos sentidos, em que o coração não tem parte, que não pôde consequentemente ser duradouro, e que estraga o bom gosto, e ás vezes os costumes, porque se descrevem brutaes os sentimentos humanos, e se materialisa o que não é nem pôde ser, senão nascido e criado em nossa alma.

Pelo lado dos costumes não é Fr. LUIZ DE SOUSA menos apreciavel. Exala todo elle um certo vapor ortodoxo, não só conveniente ao tempo, mas também estimavel pelo lado da morigeração. Assim, todos os personagens oppoem á desgraça a religiosa resignação das almas piás. Do mesmo modo, as crenças e as tendencias da epocha; os sentimentos politicos, a côr local — as mulheres com os seus panicos e agoiros, a sua piedade e carinho; os homens com a sua coragem e amor da patria, a sua fé e cavalheirismo — tudo é esmerulosamente guardado, e exemplarmente seguido.

Mas a parte mais importante, mais recommendavel, e mais seductora de toda a peça, é o dialogo. Também é esta na tragedia antiga, no drama moderno, na comedia de todos os tempos; a parte mais poderosa, mais apurada, mais magnetica. A influencia das composições dramaticas nos costumes vem lhe principalmente do dialogo. O colorido das epochas, as tendencias da civilisação contemporanea, o grau da illustração do povo onde tem origem; tudo o dialogo nos manifesta. O dialogo é a parte dramatica onde mais e melhor se revela o talento do escriptor — essa sabedoria filha do estudo e da observação, — o conhecimento profundo da natureza, do coração humano, do tudo quanto a alma é capaz. Por elle e com elle é que se derrama a doutrina, se educam os espectadores, e se propagam

quantas idéas boas ou más existiam na mente do escriptor. É elle, e só elle, que nos calla n'alma, que nos permanece na memoria, que nos revolve as fibras do coração com mais subito e violento poder do que uma pilha voltaica nos abalaria. O dialogo não fascina, é verdade, como o prestigio de uma scena calculada para produzir o effeito de uma lanterna magica; mas o dialogo lança sementes que se intranham e nos fazem rebentar n'alma a planta cujo germen continham. Não é como essas chamadas peripecias, lances de scena, *coups de theatre*, e não sabemos que mais, creados nas imaginações exaltadas para apresentarem ás turbas uma vista de camara optica, em que, para nada faltar, nem esquece o personagem que seive de indicador, apregoando, com voz de trovão, as *sombrinhas* que sem isso passariam desaperechidas. Nesses lances as convulções do corpo do actor, convertido em energumeno, servem para nos denunciar as commoções da alma; e o comediante com o estampido dos berros e as mais ridiculas contorsões, arranca á força o evoc da multidão. Mas as turbas nesse caso applaudem — cada vez vai sendo menos — ainda pelo antigo ram-ram herdado do pessimo tempo dos histriões. Perguntae-lhes d'ahi a pouco o que applaudiram. Qual é o homem do povo que vistes realmente impressionado nessas occasiões de barulho? Qual é o espectador que notastes profundamente sensibilizado assomarem-lhe as lagrimas, ou vivamente entusiasmado agitar-se em seu logar, como vedes, como notaes, n'um dialogo pathetico, ou n'um monologo eloquente? A arte deve fallar á alma e não aos sentidos.

Tornando a FR. LUIZ DE SOUSA, o primeiro dialogo entre Magdalena e Telmo, é tudo quanto pôde ser de mais natural, fluente e familiar. A exposição nasce d'elle logicamente: o espectador fica sabendo o passado, conhecendo o presente, informado de tudo, sem o

menor *tour de force*, nem d'elle para entender, nem do escriptor para revelar. Nada ha mais simples que todo o primeiro acto. Aquellas scenas domesticas, todas as disposições para a mudança, e muito principalmente a scena 7.^a do 2.^o acto no despedimento de Maria, todo aquelle carinho e cuidado maternal... finalmente tudo aquillo que nos chama á verdade, que nos pinta a realidade do nosso viver — e que um talento mediocre teria desdenhado por nimiamento *baixo*, ou tornaria ridiculo se porventura quizesse macaquear — tudo isso nos incanta pela candura. Está ali substanciada — nessas pequeninas cousas — toda a difficuldade de escrever para o theatre; toda a practica d'essa sublime arte, só dáda a poucos, de fingir que tudo aquillo se fez sem arte. Mas no meio d'essas minucias lá ressalta um pensamento sublime — uma d'essas bellezas da primeira ordem que só o genio é capaz de produzir — e que, todavia nos parece toda filha d'essas minucias, só consequencia d'ellas. Não se adivinhará que fallamos apenas de quatro palavras e uma lavareda do fim do acto — e com o que, unicamente, em nossa opinião, elle melhor terminaria?

« Magdalena: »

— ... « Ai, e o retrato de meu marido! ... Salvem-me aquelle retrato. »

Já se não pôde... uma lingua de fogo o lambe. Eis ahi revelada toda a idéa do drama: a sublime recopilção de toda a teia de uma das historias mais patheticas do mundo.

É que sabor da epocha, que norma de descripção, nos não dá toda a 1.^a scena do 2.^o acto! Como vem a propósito dramaticamente a entrada de Manoel de Sousa! Que de difficuldades não estão vencidas para levar ao cabo um acto como este (o 2.^o) só com scenas intimamente familiares, e ainda assim dar-lhe interesse, e obrigar-nos a tomar parte bem do coração com o viver domestico d'aquelles personagens! Mas a scena XIV, o final do acto, é mais que tudo de mão de mestre.

O 3.º acto começa com um dialogo entre um afflicto e seu amigo que o quer consolar ou pelo menos animar, que é um modelo d'estes lances mesmo para a vida commum. O amor paternal que, desde a despedida de Heitor em Homero até ao Triboulet de Victor Hugo, tem sido tão poderoso para dar felizes inspirações aos poetas, faz particularmente todo o interesse d'esta bella scena onde esta paixão está tão bem entendida como tocantemente expressada.

E que serie de bellezas não estão accumuladas em todo este acto! A abnegação do Romeiro: a ternura de Magdalena, que tão naturalmente procura illudir-se: a austeridade de Fr. Jorge, e dedicação do Escudeiro Telmo — relevante physionomia dos antigos costumes portuguezes — a alienação de Maria, a sua morte; todas as circumstancias das ultimas scenas, dão a esta peça um certo caracter peculiar, que sem o complexo de aventuras romanescas, sem o imprevisito e exagerado do drama moderno, sem o estylo sentencioso e emphatico da tragedia classica, constitue como temos dito, e não podemos deixar de repetir, a verdadeira tragedia dos nossos dias, aquella que Diderot desejava que fosse achada; e que asseverou que o seria por o Dramaturgo cuja prosa nos fizesse chorar. E neste caso, ninguém negará, que está — e mui distinctamente — FR. LUIZ DE SOUSA.

Relevem-se-nos ainda mais duas palavras sobre os caracteres que se nos apresentam nesta peça. Os caracteres são outra condição dramatica em que FR. LUIZ DE SOUSA leva vantagem a todos os dramas modernos e a muitas tragedias da antiguidade. Em FR. LUIZ DE SOUSA todos os caracteres são bons, com todos elles sympathisamos, e de todos sentimos as desgraças igualmente; e por isso muito mais pathetica e muito mais tragica se nos torna a acção. Todos soffrem a desgraça — e uma grande desgraça — mas nenhum d'elles a merece; bem pelo contrario todos são di-

gnos — e cada vez se fazem mais dignos — da felicidade que lhes sege, que a sorte lhes rouba d'um modo inevitavel, extraordinario, afflictissimo.

Esses caracteres mans, odiosos, hediondos a que chamam *contraste*, e que entre nós se desculpam com dous versos de Bocage.

Do crime os quadros a virtude apuram
Esmalta-se a moral no horror do crime;

hoje tão communs no theatro estrangeiro — em offensa da verdade mas a favor do *effeito*, como dizem — não os ha em FR. LUIZ DE SOUSA. Em muitas composições que conhecemos, nos chamados melodramas — genero hybridio em que a linsonja do estragado paladar das turbas escurece, corrompe, e destrue alguma boa concepção, algum bello rasgo do genio — nesses, são com effeito indispensaveis esses caracteres quasi sempre falsos, hyperboles do pessimo do coração humano, simulacros d'um atheismo moral — especie de alavanca com que querem aballar os affectos do povo, gastos pela pedra pomes do mau gosto, e pelo roçar d'essas molas ferrugentas com que o obrigam a mexer-se depois de o haverem convertido em automato. FR. LUIZ DE SOUSA porem não usa nem precisa d'este machinismo de Watt para dar impulso aos sentimentos; o seu motor, os seus meios, a sua arte, são unicamente a singeleza, a razão, a naturalidade e a philosophia.

Silva Leal.

ENEIDA DE VIRGILIO

Traduzida por

José Victorino Barreto Feio.

N^o num dos proximos numeros daremos um juizo critico sobre esta obra, de que o sen auctor remetteu a esta redacção um exemplar do 1.º volume, que contem os primeiros quatro livros da Eneida.

A RELIGIÃO CRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I.
O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuado da pag. 115.)

VIII.

Dixit etiam Deus: Producant aquæ reptile animæ viventis, et volatile super terram sub firmamento cæli.

Creavitque Deus cete grandia et omnem animam viventem atque motabilem, quam produxerunt aquæ in species suas, et omne volatile secundum genus suum. Et vidit Deus quod esset bonum.

Benedixitque eis dicens: Crescite et multiplicamini et replete aquas maris, avesque multiplicentur super terram.

Et factum est vespere et mane, dies quintus.

É o espirito do homem dirigiu de novo seus vãos para a terra, e quasi não a conhecia. Tão demudada lhe pareceu! tantos tempos decorreram, desde que enlevado na contemplação dos astros a perdêra de vista!

As camadas de *schistos* sobrepostos uns aos outros desde a *base granítica* até o *schisto argiloso*, as quaes no fim do terceiro dia formavam uma solida crusta de mais de uma milla de grossura, tinham-se elevado impellidoas por uma enorme força interna, que se dirigia por entre os pontos cardiaes desde o oriente e septentrião para o meio dia e occidente.

E como sobre os rolos de picado mar se embalanceam as leves escumas, toda essa mole compacta oscillára longo espaço sobre as massas fundidas, que encrespando-se e rugindo no interior da terra, assemelhavam-se a um oceano de liquido bronze dentro de copella immensa.

E durante esse longo espaço novas montanhas surgiram, como espadras de gigante, que sacudia as abobadas do

globo. Lá de sobre as encostas d'*Eifel* e *Hundsruk* appareceram, como sentinellas eternas, os cumes do *Hohenacht*, e *Erbseknopf*, alumados pelo clarão, que saía do hiesto enorme, onde hojo brandamente se encosta o *Rheno* revolvendo em suas aguas tantas recordações e poesia. E mais além as montanhas da Scandinavia, e logo após na soberba Escocia sobranceiros a todos ergueram-se os *Grampians*, que filhos da terra do orgulho não podiam soffrer iguaes.

E as plantas, que por tantas vezes recusaram curvar a cabeça ao rigor da procella, então como salteadas d'um subito terror trocaram o sorrir da verdadeira pelo empallidecer da morte. Envão estenderam ao longe por entre os numerosos *estratos* suas tortuosas raizes; em vão as cravaram nos poros da pedra, e abraçadas com a rocha macissa tentaram resistir á segunda catastrophe da terra: seus abraços foram repellidos pelas rochas profundamente abaladas e fendidas, e florestas inteiras voaram pelos ares, como folhas seccas nos fins do outomno levadas ao longe pelo remoinho dos ventos.

Era como se o genio da destruição, pairando sobre a superficie da terra, quizera fazer resurgir d'entre os seculos extinctos o ferreo dia do chaos.

E a relva humilde casada com o solo ainda tinha esperado, que a tormenta passasse por ella sem a presentir: mas as gulas pomposas da palmeira, e as graças singelas dos murgos deveram de confundir-se nas cinzas das ruinas do globo, como no pó do sepulchro a purpura dos nobres e os andrajes do mendigo. As torrentes abundantes de lava, que saindo atravez dos cuniculos, e profundos boqueiros abertos na rocha, se tinham precipitado em tenção por sobre os plainos viscosos, converteram o virgente tapete da terra em oceano ardente, aonde vinham precipitar-se, já com raugidas, as florestas que tinham sido arrojadas nos ares.

E depois a morte, como se receava

de perder o seu despojo, nem ao menos deixava ao futuro um cadaver sepultado, um geroglífico em que o homem pudesse ainda vir a ler a historia dos primeiros filhos da vida. Entregou tudo ao fogo, — e o fogo devorou sem piedade!

Mas no fim do 4.º dia, quando o espirito do Senhor passando atravez dos globos ethereos, apagava uns e abrasava os outros, como o soprar do soão extingue a luz debil da alampada, e aviva os incendios, tambem o incendio da terra morrerá, e apenas um fragor intimo e sumido indicava ao espirito do homem o terminar d'esse terremoto universal, que tão profundamente alterára a physionomia do globo. E o espirito do homem pensou consigo, que o braço omnipotente, em quanto se estendera aos espaços do infinito para alli semear mundos, deixára escapar a terra da balança de seu poder; e a ultima semente da vida caíra no abysmo do nada. E elle não comprehendia, que ao primeiro fulgor de uma nova geração devessem de preceder as sombras da morte, como as ancias do puerperio ao primeiro vagido d'homem.

E então outra vez soava a palavra do Senhor, e uma nova classe de seres começou de povoar a superficie da terra.

E esse principio animador do universo, esse braço poderoso, que tinha cerrado no punho o milagre da vida, estendia-se agora sobre a materia, e modelava novos seres, não já para viverem fixos ao solo, em que nasceram, mas para rivalisarem em suas acções com a liberdade do pensamento.

E o espirito do homem viu, como do meio do vasto imperio das aguas se levantavam esses seres admiraveis, por quem na sua mente houvera d'antes o affhetar ao impossivel.

Já não era só a materia inerte, que elle via, arrastada por uma força invi-

sivel para o turbilhão dos seres organicos, e depois permanecendo na orbita de seu primeiro movimento, como se lhe fôra vedado subir até o perihelio da vida. Eram os novos seres, que procuravam essa materia organisada, que lho offereciam o seio como degráu para subirem áquelle foco animador porque lá nesse seio por uma transformação intima e mysteriosa cada uma das partes mais diminutas de seu corpo adeptava uma molecula da nova materia, imprimia-lhe o beijo de mãe, e cedendo-lhe a porção, que lhe coubera do elevado quilate de animalisação, descia ao sombrio imperio da morte, contente porque deixava na esphera animal uma herdeira de suas feições.

Innumeraveis *zoophylos*, *vermes*, *molluscos*, e *insectos* (1) appareceram primeiro aos olhos do espirito do homem; e em quanto a *Platycrinites* se elevava do fundo dos mares como rival da palmeira, lá apparecia o *Ecomphalus* rolando por meio das ondas em sua concha espiral toda certada de anneis. E logo o *Asaphus* e *Calymenes* campeavam ao derredor da *Actinoecrinites* tufosa; mas para breve serem pasto, apesar da sua durissima crusta, dos primeiros representantes da grande familia dos vertebrados, a cuja frente marchava o *Orodus* com a sua cauda arqueada em semicirculo.

E então de novo se via oscillar a crusta do globo ao som d'um trovejar longinquo e medonho, erguia-se a pouco e pouco, e avultava como espada de gigante, que, adormecido entre o nordeste e sudoeste, procurava levantar-se de seu somno profundo. Eram as montanhas dos *Cabrados*, *Ballons dos Vosges*, *Kerry* e *Sandorniz*, que ao aceno do Senhor se erguiam desde as entranhas da terra.

Seguiu-se um repouso magestoso, o

(1) Como é que nos apparecem aqui os *Zoophylos*, os *vermes*, os *molluscos*, quando no *Genesis* só se falla de *reptis* e *aves*? Foi cousa que já deu que entender a um pequeno geologo, e elle esteve por uma triz a dar em espirito forte. Não se lembrava

que a palavra *reptil* não tinha entre os antigos a mesma significação que entre nós. . . . *Reptilis dicitur qui reptit repero est incedere seu ambulare proprium eorum animalium, quæ parvos, vel nullos pedes habent.* (Faciol. in Cal.) Vid *Lacép.*

tetrico, como o silencio da noite em campo de batalha depois de horrenda matança.

E aquella immensa copia de vegetaes, que ficára envolvida nas ruinas dos ultimos abalos da terra, começaram a depositar-se sobre o *velho gres rubro*, e *grauwacke* a par dos *schistos*, e *calcareo ceruleo*; e assim se formavam esses vastissimos bancos de carvão fossil de mais de tres mil pés de espessura, que nos tempos futuros deviam de ser a principal fonte de prosperidade de uma nação poderosa.

E depois, em quanto as especies de animaes primeiro creados escolhiam es-

tes depositos para duradouro monumento de sua existencia, outras classes de seres animados se erguam das aguas á voz do Senhor (1).

E o espirito do homem viu os mares agitados pelo *Ichthysaurus*, que estendia sob as ondas a sua longa cabeça, onde brilhavam dous olhos enormes como duplo reflexo de meteoro celeste. E elle viu arquear-se-lhe o extenso dorso sob o peso de enormes roios de escuma, que deslisavam por elle até mais de trinta pés de distancia.

E logo apoz apparecia o *Plesiosaurus*, typo d'um monstro, que o espirito do homem nem onsára fingir no devnear

(1) Os ultra-apaixonados da *transformação das especies* talvez antes quizessem, que não invocassem a palavra do Senhor para fazer apparecer as diferentes classes de animaes: paciencia! tambem temos as nossas razões.

Esta opinião da *transformação das especies*, que tanto tem dado em que fallar, é combatida por uns como impia e absurda, e quanto ha de má; outros acham-na tão boa e tão sensata, que são capazes de morrer martyres por ella: todos lá tem as suas razões. Os defensores vão á *Embriologia*, á *Geographia botanica*, *zoologica*, á *Embriologia*, &c. &c. buscar argumentos em favor seu; os outros concedem os factos, negam porém a applicação, e querem as especies todas alinhadas como fileiras de soldados: *in medio consistit virtus*.

O que entendem os naturalistas por especie? Ainda até hoje não encontramos nas suas definições mais que um vago indefinido. É mais parecido-nos, que ambos os contendores ligam á palavra a mesma idea: senão, vejamos. — Qual é o principal facto com que argumentam os *transformistas*? Levam individuos de qualquer dos reinos organicos para um clima diverso, subjeitam-os a influencias e habitos diversos, passados annos acha los-lhe já muito mudados, e passada uma, ou duas gerações a transformação será completa. E que respondem os outros? É verdade, mas nunca teres uma nova especie, e se não fezel com que individuos d'ella sejam fecundados pelos do typo primitivo; não só haverá reprodução, mas até esta tenderá a assemelhar-se áquelle typo: procura fazer o mesmo com outra especie; trabalharás debalde.

Parece-nos por tanto, que uns e outros entendem por especie a serie de individuos descendentes de um typo unico, ou de um primeiro casal. E cremos, que foram esses typos, esses primeiros casais o que Deus criou de materia preexistente, encommendando á lei do *crecente* o cuidado de povoar a terra. Mas não ha naquelle modo de entender a palavra *especie* o mesmo vago indefinido? Não ha especies diferentes, que mutuamente se fecundam? Talvez não: muita especies segundo os zoologistas não são provavelmente senão variedades de uma só especie. Pois que maior differença entre o cão e o lobo, do que entre o

o porco domestico e o javali? A reprodução de individuos fecundos é quanto a nós o melhor padrão para affirir as especies. Seja; e depois? Depois admittimos, que dentro de uma especie podem fazer-se alterações as mais notaveis, e que os primeiros typos creados foram muito menos do que se creê. E daí não podemos ir de *proche en proche* (como dizem os Francezes) até parar n'um unico typo de todos os animaes? Não é esta uma idéa muito mais philosophica? Não é muito mais comprehensivel a passagem de um zoophyto para um verme, d'este para um insecto, d'aqui para um reptil, tudo por uma gradação insensivel em virtude de uma lei de *progressiva perfectibilidade*, do que a criação immediata do *orang-outang* por exemplo? Confessamos a nossa inopia; não comprehendemos melhor. Os que sabem *differenciar* o principio animador do *ourang-outang*, e vão achar o seu *de* na molecula organica da *esponja* são mais felizes que nós. *Integram* pois lá o seu *de* de animalisação, e vão pe'a formula do *successivo aperfeçoamento* achar por *integral definido* o principio animador do homem: cá para nós a *sução differencial* é ainda infinitamente grande, e não sabemos integra-la; manejamnos muito mal os transcendentos. Agora o que sabemos é, que referindo-nos á epocha actual, os factos são a favor da permanencia das especies, mas considerando a questão em toda a generalidade, não ha factos positivos nem a favor de uma nem a favor de outra opinião. Os que querem achar nos *fossais* argumento a favor da transformação, que nos mostrem os degraus, porque se passou de uma para outra classe. Não os acham por mais que invocar queiram a supposta lei da *continuidade*. Entretanto, apesar de crermos, que a opinião da permanencia val mais de accordo com a letra do *Genesis*, tambem entendemos, que a opinião da transformação nada tem de impia, maxime não a estendendo ao homem.

Não vemos nós ainda hoje as maravilhosas metamorphoses dos insectos? E quem sabe o que nas epochas primitivas se passou? Quem sabe mesmo, se o limo da terra de que o homem foi creado, era principalmente materia organica de algum ou alguns animaes? . . .

de sua imaginação delirante! Era o cisne do pego, que boiava nas aguas do *Oceano*, ora encurvando, ora estendendo seu pescoço, longo e flexivel como serpente, ao qual por uma extremidade se pendia uma cabeça de *jacaré*, e pela outra um tronco de *quadrupede*, mas com pés de *cretaceo*.

E mais além via-se o *Megalosaurus*, o *Iguanodon*, o maior de todos os seres animados até li existentes, o qual confiando ás aguas o penhor da reprodução de sua especie, bem inculcava, que das aguas trazia a sua origem. Symbolo da verdadeira grandeza elle recusava o sustento, que demandava um sacrificio de sangue. Não assim os vampiros d'aquella epocha, os *Pterodactylus*, que já pairando nos ares, já vogando sobre as ondas, já arrastando-se per sobre o solo, espalhavam em derredor de si a dessolação, e a morte. Eram os verdadeiros dragões do mundo primitivo.

E a este tempo vastissimos extractos calcareos se haviam formado desde o *gres rubro* até o *grupo cretaceo* e as *bêtas* metalicas eram immensas em numero. Completava-se a serie dos *terrenos secundarios* de mais de quatorze mil pés de espessura, quando ao surdo ruído, que échoava sob as abobadas da terra em noite de tempestade, e annunciava a subita elevação das montanhas d'Harz, respondia nos tremedaes sombrios o vozeoar do reptil, e nos ares se ouvia pela primeira vez o triste piar do *Butéo*. Era chegada a primeira aurora, que devia de ser saudada por um hymno harmonioso erguido de entre as folhas dos olmos pelos cantores das selvas.

E esse hymno se elevou até o céu, como um voto d'amor, e os chopos dobraram ante elle a sua cupula elevada; e o Senhor o abençoou.

Porque as bençãos do Senhor desciam sobre a obra do quinto dia, e a mais solemne d'essas bençãos era uma benção d'auror

(Continuar-se-ha.)

G. de A.

JORNALISMO LITTERARIO.

La critique est une lime qui polit ce qu'elle mord.

Legouvé.

Dizia um critico francez— «On aura beau faire maintenant et gemir, les journaux sont devenus une des formes essentielles de la pensée: l'Académie, en sanctionnant la presse, c'est montrée intelligente. Il y a tel article qui vaut mieux que tel gros livre: c'est la différence de la petite monnaie d'or au gros sou.» fallando ácerca de M. Saint Marc Girardin, que pelos periodicos se fizera conhecido, não só em politica, o que não admira; não só em litteratura, o que é raro; mas que chegara a ser professor da Sorbonne, o que custa a crer; e até conseguira tal nomeada, que por fim foi sentar-se na Academia com esses titulos de litteratura periodical, o que nunca se vira; e o que foi um crime de lesa litteratura para muitos que por não saberem ao menos escrever para periodicos, maldizem d'elles, dizendo que não querem.

Estamos de acordo com o tal critico. É o jornalismo uma necessidade da nossa epocha:—o pensamento deve ir depressa da cabeça, em que se elabora, para aquelle para quem é dirigido, e os periodicos são os caminhos de ferro com o vapor, empregados pelo pensamento para a rapida communicação das ideas.

A par de muita sensaboria, de muito plagiato, de muita parcialidade, lá vai uma ou outra idea, um ou outro invento, que, a não serem os periodicos litterarios, ficaria reservada para os grossos ou magros volumes, unicamente destinados para a aristocracia dos leitores; e isto na republica das lettras que de sua natureza é democratica!

Não cansariamos os nossos leitores com o relatorio d'estas verdades, se não achassemos que são ellas os argumentos mais cabaes para responder ás objec-

(1) Revue des Deux Mondes—de 31 de Janeiro—art.º de Mr. Labitte.

ções que ainda se levantam nesta nossa terra contra os nossos jornaes litterarios.

«Taes jornaes era melhor não os haver» dizem os que, não podendo já sustentar a these da proscricção geral de periodicos litterarios, fogem para o campo da hypothese dos nossos. Será verdade que são máu,—o remedio é simples, *escrevam*, notando esses defeitos, de arte, ou elles se emendarão, ou o publico desenganado os abandonará: e em qualquer dos casos teremos *critica litteraria* de que tanto carecemos. É este o unico meio de virmos a ter alguma cousa—se a não temos—(o que por suspeitos, e pertencermos á irmandade, de barato concedemos); mas não vamos desapidadamente fazer guerra traiçoeira.

Estamos muito longe da perfeição neste genero de litteratura não deve ser motivo sufficiente para que desanimemos: tentemos.—Os soldados que primeiro acommettem uma brecha não são os que de ordinario conseguem plantar no cimo da escalada as bandeiras victoriosas, mas deixam por isso de bemmerecer da sua patria? Certo que não: pois se não temos *ainda* hoje em Portugal bons jornaes litterarios, o unico meio de os vir a ter é ir-nos contentando com os existentes; os que depois vierem com a lição dos nossos erros, se emmendarão, e assim progressivamente irá melhorando a nossa litteratura periodical.

O que sobre tudo nós quizeramos ver vigorar louçã entre nós era a tal planta da critica litteraria, que, francamente o dizemos, só conhecemos por ora como exotica: e nisto confessamos nosso atrazo pela difficuldade que entre nós ha de separar a critica do escripto da pessoa do seu auctor.

Estamos certos que muitas vezes não é culpa dos auctores—seriam elles os primeiros a desejar que franca, *leal* e *litterariamente* se lhe notassem os defectos do que escrevem, como unico meio de melhor assentarem a sua reputação; mas o critico, que quasi sempre o é ex-

officio, ou improvisado, que teme a polemica, ou que aneia por alguma *mensão honrosa* dos seus proprios artigos, louva a torto e a direito escriptos e escriptores para depois lhe fazerem o mesmo.

Esta mal entendida reciprocidade de elogios vulgares, e que sómente serve para lembrar a sabida historia dos leigos que mutuamente se tractavam de *Reverendissima*, é uma das causas que no nosso entender, mais tem atrasado o progresso das lettras entre nós.

Um ou outro periodico, uma ou outra vez tem querido sair de caminho tão suave, mas tão opposto ao fim que deve ser o seu, porém infelizmente, *em regra*, estes ensaios sómente teem servido para produzir discussões, que immediatamente deixam de ser criticas litterarias, e que nenhuma honra nem proveito dão.

E a Revista Academica o que tem feito? Nada... mas ao passo que pede a todos os seus collegas a mais franca critica, protestando que serão estes os unicos combates em que entrará, offerece a quem quizer impugnar as doutrinas, que encherem as suas columnas, esse mesmo campo; demonstrado que for um erro ou uma falta, ella se corrigirá, porque nisto quem mais ganha é a mesma Revista; porém nunca trabalhará por destruir.

De qualquer formato, ou de qualquer modo que seja o methodo da publicação, um jornal litterario, uma vez que o seu fim seja tam sómente litterario, é sempre uma obra boa, é derramar a instrucção entre muitas pessoas, que sómente d'este modo a podem obter, ou porque as suas occupações lhes não permitem a leitura seguida e meditada de graves auctores, ou mesmo porque querem ler como desenfado de seus trabalhos intellectuaes e physicos. E que boa obra é não privar tanta gente d'esto bem?

Para o conseguimento d'este fim serão mais aptos os Jornaes encyclopédi-

cos, universaes, ou os especiaes? Tere-mos occasião de examinar este proble-ma, que não deixamos de encontrar in-teressante, litteraria e economicamente fallando: por hoje porém o que não dei-xaremos de dizer é que a mutua critica, de todos os jornaes litterarios é essen-cialissima, alias como emendar-se, e por conseguinte como augmentar esta utilidade de taes jornaes.

A Revista, seguindo a natureza de Academica, respeitará os seus collegas veteranos, e como *caloira* espera que a protejam, corrigindo-a, e encaminhan-do-a, promettendo pagar na mesma moeda aos que depois d'ella vierem.

Mas o que a Revista desde já quer, é que o louvavel costume que reina na atmosphera litteraria, em que ella nasceu e vive, se dilate, e que a franca e cordial critica venha substituir por uma vez todos os rancosos elogios ou vitupe-rios dos bandos litterarios, e que postas de parte as pessoas dos auctores, as suas obras sejam louvadas, emendadas ou reprovadas, sem que se vislumbre (por não existirem) motivos pessoais e vergonhosos de egoismo e sordido inter-esse.

S. B.

O BANHO SANCTO.

Desciamos as magestosas e ridentes encostas da serra colossal de nossa Pro-vincia, o velho Herminio Lusitano; e cavalgavamos alegres pelo praino im-menso, donde em gentis e compassados grupos successivos se ergue a mole gi-gante, que lá deixavamos immovel, e soberba após nossos passos, no ponto mais alevantado de sua vasta progressão de montanhas. Impregnados traziamos ainda nossos espiritos com as graves recordações do herço e solar de nossos antigos, que alli nos ficava; e com as frescas memorias de tantos velhos loga-res, e nomes, e ruinas dos tempos he-

roicos de nossas provecas historias, e *mythologias*, desde o grão Viriato; cujo berço visitamos, habitado ainda por independentes e rudes serranos de colos-sal estatura, talvez de sua raça. Iamos quasi no centro da grande bacia, cora-ção da nossa Beira, que as vastas cor-dilheiras da Estrela e Caramulo abraçam em seus arqueados braços immensos, e cujo centro vai desenhando com o lis-trão prateado de suas aguas o placido Mondego; quando um rancho de cam-ponezes de insolito trajar se nos avizi-nha, e outro após este, e mais outro, e cento, até inundarem toda a estrada. Olhavamos magoados para o aspecto si-nistro, e miseravel d'aquelles grupos populares, que todos demandavam como que um ponto fixo na direcção que nos ficava ao norte. Não era a turba folgazã de zagalas e donzeis, que após o adufe e a viola, demandam gaitadeiras e folga-sãs as innumeradas romarias do estio. Naquelles ranchos nem uma viola, nem um riso, nem uma *desgarrada*, nem uma dansa. Era o paralytico en-costado ás suas grosseiras muietas, ou estirado sôbre uma pobre enxerga, o arrastado nos rudes carros incommo-díssimos da provincia. Era o cego en-costado ao seu longo bordão de peregrino, e apegado ao hombro do brégeiro moço da guitarra, ora muda e abandona-da. Era o leproso hediondo, envolto em asquerosos andrajos. Era enfim tudo o que ha de miseravel, cadaverico, e horrivel no physico doente da humani-dade; — e toda esta gente a caminhar sob o sol das caniculas, envolta em nuvens de pocira, por um caminho ca-da vez mais arido e inhospito.

« Onde ides, boa gente? » lhes disse-mos — « Boa pergunta », torna um cam-ponez da nossa comitiva, « tudo aquillo » vai direito ao *Banho Sancto*. É o mila-gre dos milagres, meu senhor; não ha » hi cego, ou manco, ou doente, que ha-ja entrado no poço, que não volva. . . »
« Cego e manco, e doente, como » fui » lhe replicámos nós. — « Ora é

» verdade que sim, mas o banho sancto
 » repete-se tres annos a fio, com o sal
 » bem deitado, a cruz bem feita e com
 » muita fé; e o milagre cura toda a do-
 » ença; bem entendido se o corpo que
 » lá vai não tiver mais que septe males;
 » porque a alçada do Sancto não passa
 » d'ahi; e não vale rir, que septe males
 » tinha meu irmão, ja lá vão dous annos
 » de poço, e está quasi são como um
 » pero.»

Travou de nós a curiosidade; pu-
 chámos para a direita as redeas de nos-
 sos ginetes; e eis-nos trotando de envol-
 ta com a multidão, caminho do *Banho*
Sancto.

A meia legua de distancia da villa de
 Nellas, perto de Senhorim, n'um sitio
 ermo e triste levanta-se um fraco assu-
 de de pedra, que formando una *lerada*
 das aguas de pequena ribeira, as represa
 na extensão de umas dez varas. Ao
 cabo de uma pequena esplanada contig-
 ua á margem alevanta-se uma capella
 da invocação de S. Bartholomeu. Mais
 acima está outra capella da mesma in-
 vocação de mais recente data, onde
 um novo Ermitão disputa indecentem-
 ente com o velho as honras da sancti-
 dade, direcção do milagre, e *rec-
 bimento das offerendas*. A cerimonia do
banho diversifica segundo cada um d'es-
 tes dous impostores, que crearam tam-
 bem o seu scisma nesta crença immoral.

Era a vespera do dia 24 d'agosto,
 consagrado á *sauctidade* do milagroso
 banho. Ao pôr do sol ja á direita e á
 esquerda da rude capellinha em direcção
 á ribeira se estendiam as longas ruas do
 arraial immenso dos Romeiros estropea-
 dos. Uns duzentos carros se viam d'um
 lado, quasi todos cobertos com seus al-
 vos toldos de linho, e os mais garridos
 com as classicas variegadas cobertas de
 algodão bordadas de grosseiro matiz de
 seda. Muitos centenares de cavaladuras
 se estendiam mais além enfileiradas ao
 redor dos frageis tapumes das fazendas
 circumvizinhas. A multidão offerencia
 aqui um novo contraste. Já não era só

a miseria e doença, que encontramos
 na estrada. Infimidade de curiosos e
 curiosas, de todas as classes haviam
 concorrido das circumvizinhanças a pre-
 senciari o acto milagroso, ou a divertir-
 se á custa da alheia credulidade. Mas
 os aspectos denunciavam as tenções: o
 doente não ria, nem passeava; todo
 cheio da sua fé, esperava com resigna-
 da e grave catadura a hora do milagre.
 O curioso corria os grupos e folgava;
 mais de um taful se ia estacionando
 juncto da mais bella das zagalas credu-
 las, para segui-la ao banho; mais de um
 conceito namorado, ás vezes indecente,
 se trocava no meio d'este misto de
 raças e tragos variados desde o campo-
 nez folgasão, e puro lusitano do Minho,
 até ao rude campino semi-arabe do
 Riba-Tejo.

Até que a sineta da capella começa
 de repicar muito rijo, alongando pelos
 valles proximos o écho redobrado do
 seu argentino tintilar. É meia noite. A
 multidão pára e estremece como levada
 de subito espanto; reina profundo silen-
 cio no arraial. Depois, como que sain-
 do todos ao mesmo tempo d'aquelle
 sobrenatural lethargo, começam de cam-
 inhar ligeiros para o poço da ribeira,
 juncto do assude. Em pequena distancia
 da agua tudo se despe de repente, aban-
 donando sobre a terra o vestido *con-
 taminado do peccado*. Alguma rapariga
 mais escrupulosa vai debaixo de um
 lençol, que duas pessôas da familia se-
 guram pelas pontas, até envolver-se no
 lodaçal do poço. O geral, incluindo os
 curiosos e libertinos, vão completamente
 despidos. Era um quadro doloroso, tris-
 te, e nauseabundo ver aquelle rebanho
 de credulos miseraveis a revolver-se no
 immundo lodaçal de um poço de agua
 pôdre pelo *remanso*, sob o manto negro
 de uma noite escurissima de estio, como
 sombras de condemnados; e a misturar
 naquelle diminuto espaço as excreções
 da lepra, dos carbuncullos, das escrofu-
 las de tantos lazarentos, e immundos
 infelizes, que roçavam uns pelos outros

as suas chagas n'aquelle labyrintho de podridão. Cada um faz a sua cruz sobre a água, e lança algumas mancheias de sal no fundo do poço, mergulha-se as vezes que o benzilhão do Poço lhe há ordenado, e sai a vestir-se com suas novas roupas de *pareza*. Os mais devotos atiram para traz de si o seu vestido, ja dentro do poço, que lá fica a *purificar-se* nas aguas.

Algum tempo depois nasceu a lua, que vinha como que envergonhada de esclarecer com seu radioso luar de agosto, ésta scena estúpida de indecencia publica; em que fazia o primeiro papel a impudente rapacidade de uma *classe*, a estúpida credulidade da outra, a prostituição de grande numero, a curiosidade de poucos. Despontava o sol no horisonte, quando saíam do banho os ultimos enfermos, ficando inda por servir grande numero de devotos, que lamentavam a sua desgraça, porque a noite do milagre havia passado. Mas o arraial lá está inda todo, e cadavêz mais numeroso em redor da capella.

Até que a sineta entra de novo a repicar, abrem-se as portas da capella, e começa a festividade religiosa. Quando vimos subir o Ministro á tribuna da verdade, persuadimo-nos de que ia fulminar aquelle erro tão fatal e anti-christão de tantas almas; mas qual foi o nosso espanto quando o prégador começou de excitar as turbas ao milagre do banho, exaltando as maravilhas da *agua sancta* do poço, e encaminhando os devotos a acompanhar a sua visita trienal de largas offerendas á *capella*; terminando o sermão com uma *licença* que dava ao banho, em nome de Deus!!! para renovar o milagre na noite seguinte!

Saimos indignados d'aquelle recinto; voltámos os olhos do immundo poço, que a palayra de um *sacerdote* do Altissimo ia de novo converter em vergonhoso; leonce, em nome do Creador!!! Pesáva-nos ver que os olhos e mãos da aucteridade civil, e ecclesiás-

tica estávam inda cerrados; e não nos divertiamos com o passeio.

Nós, que sempre alegres e folgasões saímos das folgadas romagens da nossa terra, onde o povo crê sem perigo de sua innocencia; canta, dansa e ri em applauso do Creador; e vem gastar alegremente o fructo de suas economias annuaes em prazenteira diversão; hoje, em vêz de alegres, voltámos taciturnos e melancholicos d'esta saturnal impudica, em que o miseravel do povo vem largar seu diuheiro, sua saúde, e ás vezes a sua honra, em troco de uma nefanda chimera.

J. F.

(J. D.)

POESIA BRASILEIRA

A DEVOÇÃO PELO CERTANEJO

(Fragmento de uma composição inédita.)

Anda avante ó Certanejo,
Vence o medo dos desares;
Boa sorte te prevejo
Em quanto outra não amares;
E tão boa t'a desejo.

Pois o peito te repassa
Sancta fé que tu veneras,
Deus por ti milagres faça.
E te dê, livre das feras,
Campos fertes, muita caça.

E tu que este orbe donimas
Depara ao aventureiro,
Além das graças divinas
Índios mansos, ricas minas,
Mel de pau, e apim rasteiro.

Ao que s'arrosta ao Certão
Para atravessar a Serra
Da-lhe um dedo por bordão.
E se o van do rio elle erra
Por canoa da-lhe a mão.

E Senhor, mostra-lhe aberta
Sem tropeços, nem ciladas
Do nan gentio, que acerta
Suas frechas disparadas
Quasi sempre bem ervadas.

A picada que em outr' era
Autã trombuda furara
Pelo mato, em que prosp'era
Com caxorros a jaguara,
Ou brazilica panth'era.

.....
.....
.....
.....

Ao ousado explorador,
Em quanto a ti for temente
Se alta justiça o consente,
Dã protecção, meu Senhor,
Ped'o l'uma penitente.

F. Ad. de Varnhagen.

O POEMA DO CID.

(Continuado da pag. 176)

Dissemos que o auctor do poema havia escolhido a época mais dramatica da vida do Cid, e já o leitor viu que nos não enganámos; é porém verdade que elle não tirou d'isso partido algum: neste poema como acabámos de ver não ha nem invenção nem artificio, e a não nos dar conta, com côr de tanta verdade, das ideas cavalleirosas do tempo, seria o poema para nós despedido de todo o interesse, por que não passa d'uma chronica, que nem rimada é, dos successos e acções do Cid. Neste poema

não se guarda numero certo o determinado de syllabas, os versos na maior parte são alexandrinos ou de 14 syllabas, porém entre estes ha uns que descem até ter oito e outros que sobem até 18, conforme conveio ao poeta. Também não tem symptoma nem de *assoantes* nem de consoantes; o poeta fazia ás vezes 40 e 50 versos seguidos de baixo d'um assoante sem desprezar consoante que lhe viesse, outras vezes como que se enfasiava d'um assoante e logo o abandonava por outro, outras finalmente introduzia versos que se podiam chamar soltos por que não eram nem assoantes nem consoantes. Todavia, apesar d'esta barbara irregularidade, a maior parte dos versos são *assoantes*, (1) rima que os hespanhoes tomaram dos Trovadores tanto do romance Wallon como do romance provençal, e que os trovadores tomaram dos *versificadores latinos* da meia-idade (13). Não é só nisto que a versificação do poema do Cid se parece com a dos versificadores latinos, e tambem na medida e construcção dos versos intentou imita-los porém tão infelizmente o fez, pelos poucos subsidios da época, que a versificação, como vimos, é completamente barbara. A imitação naquelle tempo dos poetas latinos era commum a todas as pessoas doudas, mas nem por isso se julgue que era filha da indole da poesia popular nem em hespanha, nem em parte nenhuma do meio dia da Europa: a indole da poesia popular em toda a peninsula Hespanica pende para o verso de 8 syllabas. Com quanto nos não restem romances populares da antiguidade do poema do Cid, podemos com tudo

(1) O *assoante* é uma rima imperfeita quasi privativa da poesia hespanhola e que ainda hoje lhe é peculiar; consiste na repetição das mesmas vogaes em 2 palavras correspondentes desde a ultima syllaba longa das palavras inclusive — vg. *montanha é assante de caza, contado de brilhante, recto de Pedro &c.* Entre os Poemas Epicos Hespanhoes o unico que conhece com rima d'assoante é o Cid; ji todos os poemas do seculo seguinte de Berceo, do Arcipreste de Hita &c. tem rima de consoante porcm nem elles foram os primeiros que emp-

garam os consoantes, nem os assoantes deixaram d'apparecer então. Os consoantes já existiam na poesia dos trovadores, e os assoantes continuaram a usar-se no romance popular.

(13) O Sr. Ochoa no prologo ao vol. 16 da sua excellente collecção — levou á evidencia que a versificação monomica, ou d'assoantes, não foi introduzida na Europa pelos arabes, mas que já existia desde o seculo 4.º nas poeias latinas. Ja d'ella se veem vestigios no Psalmo de S. Agostinho contra os Donatistas, composto no dicto seculo.

asseverar que a forma octosyllaba foi a primaria e mais usada, por não dizer unica entre o povo castelhano, desde que os Sarracenos nos conquistaram, e que a lingua latina até então vulgar entre o povo se foi pouco a pouco perdendo. É verdade que alguns monumentos que possuímos de poesia arabe, tem alguma cousa de commum com os versos octosyllabos, tanto nossos como castelhanos, porém não é talvez exacto, como quer Conde na sua *Historia de los arabes en España*; que aos arabes devamos esta forma de poesia, mesmo por que os versos que o Conde nos apresenta são compostos de 16 syllabas em 2 hemistichios de 8, o que entre nós são dous versos propriamente taes. Os Trovadores da lingua de *Oui ou Wallona* (14), tambem adoptaram esta forma de versos sem que se possa dizer que d'elles a tomaram os Castelhanos por que a lingua provençal floresceu nos seculos 12 e 13 e já antes d'isso deveram os povos d'este lado da Europa cultivar a poesia. O que é certo é, que a forma octosyllaba não foi adoptada de nenhum povo, está na indole das linguas do meio-dia da Europa, é a mais natural e accommodada no seu caracter, e o povo ou conhece, ou adivinha isto, por que é quasi a unica forma, que emprega nas suas trovas e cantares. O poema do Cid afastou-se d'esta forma por isso não pôde considerar-se um poema da eschola popular. No mesmo caso estão todos os poemas que até ao seculo 15 se succederam ao do Cid, taes como o d'Alexandre Magno, de Millão &c. Todos os homens doutos da epocha, que pertenciam á classe cortezã desdenharam a

poesia do povo, deixaram o romance em poder dos menestres, e puzeram-se a imitar o latim, assim como do seculo 15 por diante se puzeram a imitar Dante e Petrarca, de sorte que poesia Castellhana nas formas e palavras, só a houve quasi sempre no theatro, e fora d'elle só quando se empregava o verso de 8 syllabas. Por isso de tudo o que hoje nos resta, e que os nossos vizinhos compuzeram nada ha mais formoso que os romances cavalleirosos, historicos, mouriscos, e outros escriptos neste metro pelos fins do seculo 16 e seculo 17. Se Gongora continuasse a escrever neste genero que enectára, e em que foi tão grande, o maior de Hespanha talvez, não cairia ao depois na miseria de suas *Soledades*.

Pelo que diz respeito á linguagem d'este poema é ella de tal sorte, que nos revela a lingua na sua infancia, está tão longe da flexibilidade e perfeição a que chegou nos seculos seguintes, e já mesmo do que se descobre nas obras pouco posteriores de Berceo e Alfonso 10, o sabio, que não duvidamos apresentar como verdadeira a opinião de Sancho's, isto é, de que a linguagem do poema do Cid pelo seu desalinho e rudeza tanto na grammatica como nas idéas é um monumento intermedio entre o dialecto rustico dos esturianos e a lingua castellhana do seculo 13, e que ainda hoje fazem, e que então faziam maior differença, por que em quanto que a lingua arabe ia modificando o dialecto gothico-latino nas terras em que esperava a meia lua do oriente, nas montanhas das Asturias com as reliquias do imperio godo se conservava ainda a lingua com que esse imperio acabára na

(14) Pelos annos de 879 foi a Gallia Romana dividida em 2 nações que por 4 seculos se conservaram independentes. Os Westigodos e Borgunhões que habitavam o meio-dia da França chamaram-se Romanos Provençães;—os Francos que habitavam a França septentrional chamaram-se Romanos Waelchs ou Wallons. A lingua dos 1.º chamada lingua d'ar ou provençal floresceu por 3 seculos e desapareceu, deixando alguns reflexos nos dialectos

da Gascuña, Languedoc, Piemonte, e n'algumas provincias de Hespanha. A lingua dos 2.º chamada lingua d'oui deu fundamento á lingua franceza. Uma differença que se deu na litteratura d'estes dous povos é—quasi tudo o que nos resta da poesia dos Provençães é lyrico; pelo contrario quasi toda a poesia que nos ficou dos Trovadores ou arte da França é epico.

batalha do Xerez. É a esta differença, é a influencia do dialecto *bable* ou asturiano sobre a linguagem do poema que eu attribuo a falta de maravilhoso, e d'abundancia d'imagens que se mostram nelle, ao contrario do que se costumava dar nas obras dos arabes. Em compensação d'isto a pintura que este poema nos faz dos costumes e crenças da meiadade, a singeleza de que está repassada essa pintura, a verdade que ella respira, parece que nos leva ao centro do seculo 11, e nos faz viver com a corte, e com as batalhas d'aquelle tempo,—lão natural e tanto ao vivo está feita. Vê-se alli a devoção do vassallo pelo monarcha, o enthusiasmo do cavalleiro pelos combates, o prestigio que acompanhava a bravura, o valor d'uma espada e d'um bom cavallo corredor naquelles tempos de lide, a crença viva do christão; finalmente o poema do Cid está sim despidido de todas as galas que a poesia e o heroe lhe podiam dar, porém é uma chronica de muito mereciemento para o estudo da época, e além d'isso no meio de toda a sua barbaridade ainda se encontram ironias finas, ditos de muito sal, e pensamentos agudos, que não deixam de agradar.

Este poema que contém 3700 versos é o monumento em verso mais antigo que hoje se conhece em lingua hespanhola; conforme o achou e publicou Sanches, conclue com as seguintes palavras,

Per Abbat le scribió en el mes de Maio
En era de mill é C. C. XLV años

No manuscrito achou Sanches a data com o intervallo que apresentamos entre o ultimo C e o X., em que se conhecia uma raspadura. Duvida-se se alli falta um C., que alguém raspasse para dar ao poema mais valor o antiguidade, ou se acaso foi engano do copista que primeiro havia posto uma letra que depois tirou; a ser verdadeira a 2.^a hypothese esta data de 1245 corresponde aos annos de christo de 1207 em que elle

foi copiado, que é o que alli propriamente significa o verbo — *Scribio*—porém os commentadores fazem-lhe mais antiga a composição, e reputam-n'o feito no meado do seculo 12, isto é, 50 annos pouco mais ou menos depois da morte do Cid (15). Com effeito o poema do Cid deve reputar-se mais antigo que as obras do Berceo que floresceu em 1220, por que tanto a metrificação como a linguagem de Berceo é muito mais limitada, e 13 annos de differença não traziam tanto aperfeiçoamento. O distincto academico Iriarte quer que o poema fosse composto depois do anno de 1157 fundado em que no poema se falla de maneira que suppõe já morto o Imperador filho de Ramon de Berçonha, Conde de Galiza (Este Imperador foi Affonso 7.^o) que morreu em 1157. Como quer que seja é certo que o poema foi feito entre os annos de 1099 em que o Cid morreu, e o de 1207 em que foi copiado, sendo provavel que fosse pelo meado do seculo 12, por que effectivamente a differença que vai do poema do Cid ás poesias de Berceo é tal que 50 annos não serão bastantes para dar tanto á lingua como á metrificação tal desenvolvimento.

Tambem existe uma chronica das façanhas do Cid impressa em 1552 — Sismondi diz que esta chronica fôra traduzida do arabe, em que originariamente fôra escripta, e que d'ella fôra tirado o poema, que é mais moderno. Porém ha fundamento antes para affirmar o contrario: na chronica falla-se de D. Lucas de Tui e do arcebispo D. Rodrigo, que floresceram no meado do seculo 13, isto é um seculo depois da composição do poema. Além d'isso o auctor da chronica seguindo pontualmente o poema copia muitas vezes as suas expres-

(15) O Poema marca o dia da morte do Cid, mas não o anno.

Passado es deste sieglo el dia do cinquesma
Reputam os commentadores que a morte foi em 1099 a 29 de Maio—dia em que nesse anno caiu o Pentecost'e (cinquesma).

sões e frases, conservando-lhe até os mesmos assoantes.

O maior vulto da Hespanha, n'um seculo tão cavalheiresco como o 11 não podia tambem deixar de ter uma grande influencia no romance, e teve-a effectivamente. Na tradição do povo se conservaram muitos que foram recolhidos e publicados, e seculos depois ainda Sepulveda, Lope de Vega e outros lhe dedicaram suas pennas, o que fez que os romances lendas do Cid subissem a mais de 130.

A. X. R. Cordeiro.

UNIVERSIDADE. (*)

.....
 E de Helicon a Musas fez passar-se
 A pizar do Mondego a fertil herba.
 Quanto pode da Athenas desejar-se,
 Tudo o sobe ao Apollo aqui reserva;
 Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
 Do baccharo, e do sempre verde louro.

Cam. Luz. Cantó 3.º Est. 97.

Neste seculo, em que um espirito de investigação scientifica, e litteraria se tem manifestado em nossa patria, bem como entre as nações, onde as sciencias, a litteratura, e as artes tem feito tão admiraveis progressos, e que não satisfeito com o que já sabe, investiga affanoso por toda a parte monumentos de toda a especie, que lhe possam dar maior luz para achar o mais, que convem e pretende ainda saber, procurando traduzir no passado importantes verdades para o futuro; não se pôde duvidar de que se fará sempre um serviço, bem acceito por nossos concidadãos, todas as vezes que se publicarem

(*) Sob este titulo publicaremos nas columnas da Revista alguns apontamentos historicos d'este estabelecimento, das suas rendas, despesas, reformas, e todas as circumstancias notaveis d'este monumento litterario tão pouco conhecido e tão digno de o ser. Todas estas noticias são extrahidas dos documentos originaes do riquissimo Cartorio da mesma Universidade, e seu arranjo é devido

pela imprensa factos historicos, e documentos, ou totalmente ignorados, ou apenas de muy poucos conhecidos, que possam porqualquer modo auxiliar esse espirito investigador, contribuindo cada um com o seu cabedal, por pobre e diminuto que seja, para se augmentar, quanto possivel for, essa brilhante luz, que ha-de sem duvida guiar para o seguro caminho, por onde se deve chegar á verdadeira civilisação dos povos. Dominados por este pensamento nos arrojammos a publicar por meio da Revista Academica, até mesmo pela razão de analogia com o seu titulo, algumas noticias curiosas sobre antiguidades da nossa Universidade. Já se vê que debaixo d'este titulo não daremos uma historia seguida em ordem chronologica, o completa em todas, e cada uma das partes, de que devia constar, como convinha ao seu objecto: este trabalho está reservado, e compete sem duvida a outra mais habil penna e illustrado engenho, que não deixará de o produzir. Nós porem nos limitaremos a dar somente aqui aquellas noticias, que temos adquirido pela leitura de um acreditado manuscrito, e de alguns documentos antigos existentes no cartorio da mesma Universidade ácerca de varios factos historicos, e antigualhas suas, se assim se lhes pôde chamar; principiado com tudo, como o pede a razão d'ordem, pelos da sua origem, e fundação.

I

Origem e fundação da Universidade.

O abbade d'Alcobaça, e os priores de Santa Cruz, S. Vicente, Guimarães, e Alcaçova, reitores d'algumas igrejas

ao zelo e conhecimentos de um dignissimo empregado, cuja modestia impoz a esta Redacção a obrigação de calar-lhe o nome e não lhe dar um publico testemunho de gratidão por tão valioso serviço. A Redacção nem porisso deixa de tributar-lhe os seus agradecimentos; bem como á Auctoridade Superior Administrativa, de quem recebeu o mais cordial auxilio.

parochiaes, e outras muitas pessoas, assim ecclesiasticas como seculares, exposeram a el-rei D. Diniz a grande utilidade, que resultaria a este reino, se nelle se fundasse uma universidade; pedindo-lhe fosse servido fundal-a na cidade de Lisboa, offerecendo-se os ditos prelados, e parochos o pagarem pelos rendimentos de suas igrejas os salarios dos lentes; o que el-rei ouviu benignamente, e tractou de levar a effeito com toda a brevidade.

O Papa Nicolau IV, por bulla de 5 dos Idus d'agosto de 1290, a instancia da Universidade, e intercessão d'el-rei D. Diniz approvou a sua fundação, concedendo á Universidade muitos privilegios; e confirmou a promessa feita pelos dictos prelados, e reitores, para que as suas igrejas podessem ficar obrigadas a esta contribuição, o que foi a tempo, que se tinham já offerecido mais alguns abbados, assim de S. Bernardo, como de S. Bento, para concorrerem tambem para aquella despeza, por assim se achar declarado na dicta bulla.

Nesta bulla ordenou o Pontifice, que o bispo de Lisboa, ou vigario capitular em Sé vacante, dêsse os grãos de licenciado, ou doctor, o que fez a exemplo da Universidade de Bolonha, e outras na Italia, nas quaes os bispos davam estes grãos, e assim se practicou em todas as mudanças, que teve a Universidade neste reino até o tempo, em que el-rei D. João III cometteu esta occupação ao Geral do mosteiro de Sancta Cruz, impetrando para isto bulla da Sé Apostolica, e se chamava este officio Cancellario, assim como havia já muitos annos que se chamava na Universidade em Lisboa, de cujo titulo foi origem, segundo parece, exerce-lo na de Salamanca o mestre-eschola da Sé, por isso que antigamente esta dignidade tinha o nome de *cancellario*, e com elle foi creada a da Sé de Lisboa.

Porem não deu facultade o dicto Pontifice para se darem grãos senão em Direito canonico e civil, Medicina, e

Artes, e exceptuou a Faculdade de Theologia. A verdadeira razão d'isso é, porque a Universidade foi instituida sem cadeira d'esta Faculdade; por quanto naquelle tempo não estava em costume ler-se Theologia nas universidades, porque se lia nos conventos das Ordens religiosas, bem como em todas as Sé metropolitanas, por haver sido assim determinado pelo Consilio Lateranense. 12.º geral.

Não consta do tempo certo, em que el-rei D. Diniz fundou a Universidade, porem parece sem duvida, que ao menos alguns mezes antes d'aquelle, em que se passou a bulla de Nicolau IV, estava já fundada não tanto no material, como no formal d'ella, o que deveria realisar-se por todo o anno de 1289 até principios do de 1290; por isso que a carta, em que os primeiros prelados e reitores pediram a el-rei esta fundação, escripta em pergaminho, e sellada com dezesepte sellos pendentés de diversos modos e figuras, segundo declara o Tabelião, que d'ella passou uma certidão, é datada de Monte mór o novo a 2 dos Idus de novembro da era de 1326 (anno de Christo 1288) e a bulla, que approvou a fundação, e confirmou a promessa dos dictos prelados e reitores, tem a data de 5 dos Idus d'agosto do anno de 1290, como fica dicto.

Sobre o logar, em que foi fundada em Lisboa a Universidade, diz o Chronista Fr. Francisco Brandão, que foi juncto ás portas da Cruz, o que prova com uma doação d'el-rei D. João I, feita em 5 de fevereiro de 1393 ao mestre de S. Thiago, Mem Rodrigues de Vasconcellos, em que se acham as palavras — *às Portas da Cruz em que soem estar as escollas* — e de outra feita por el-rei D. Diniz a 22 de julho de 1291 a Dom Martin Gil, aonde declara — *que estavam a par da pedreira aonde mandava fazer as escollas, e que o mesmo rei mandou dar recompensa ao Cabbido de Lisboa pelo campo da pedreira, que lhe tomou para fazer as casas do estudo.* —

O que consta tambem a este respeito, é que, quando el-rei D. Fernando tractou de mudar a Universidade de Coimbra para Lisboa, entre algumas mercês, que lhe pediu a mesma Universidade, foi uma, que lhe assignasse em Lisboa o mesmo bairro, que d'antes tivera para morarem os estudantes, da Porta do Sol d'Alfama, e de Sancto André adiante, e que seriam as *Escolas da Moeda velha*, como d'antes estavam: o que el-rei lhe concedeu por Provisão de 3 de junho de 1377. Consta mais, que el-rei D. João I, por Provisão de 31 d'outubro de 1393 ordenou, que a mercê, que seu irmão el-rei D. Fernando tinha feito á Universidade das casas da Moeda-velha, tivesse effeito, sem embargo da doação, que d'ellas fizera a D. Mem Rodrigues, mestre de S. Thiago: e por outra Provisão de 2 de maio de 1389 tinha o mesmo Rei mandado, que as suas casas da Moeda-velha se entregassem á Universidade. Finalmente consta, que queixando-se a Universidade a este Rei do Conservador Vicente Domingues fazer audiencia na Sé, como se costumava, quando a Universidade estava em Coimbra, sendo que lhe ficava muito longe das escolas, mandou el-rei por Carta de 23 d'abril de 1397, que lhe fizesse audiencia mais perto d'ellas, e assim ajustaram, em que a fizesse no adro da igreja de S. Thomé. Se a isto se acrescentar, que a Universidade possuia um prazo de casas na cidade de Lisboa, aonde chamam as *Escolas geraes*, sitas na freguezia de S. Thomé no canto da rua direita, que vai de Sancto André para as mesmas escolas á mão esquerda, dizendo-se em uma antiga nota posta a este prazo em 1638 — *que foram da Universidade velha* — parece estar tirada toda a duvida acerca do verdadeiro local, em que ella foi estabeccida na sua origem.

(Continuar-se-ha)

(J. D.)

BIBLIOGRAPHIA ABBREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 184)

XX.

D. Luiz de Menezes, terceiro conde da Ericceira, digno successor de uma casa tão illustre, e abundante de homens celebres na litteratura portugueza e um dos mais elegantes escriptores da historia de Portugal; nasceu em Lisboa em 1632, e foi um dos famosos heroes, que pelos seus feitos militares se immortalisarão na guerra da aclamação, figurando e contribuindo pelo seu talento e cooperação para o feliz exito das batalhas de S. Miguel em 1658, das linhas d'Elvas em 1659, do Ameixial em 1663 e da de Montes-claros em 1665; não tendo menor parte na tomada d'Evora, de Valença, de Alcantara, e de outras praças, sendo General de artilharia: passou a governador das armas de Traz-os-Montes em 1673. Em remuneração de ter derrotado com a artilharia o exercito castelhano na passagem do rio Digebe, o fez el-rei D. Pedro II senhor da villa de Aucião, onde lhe mandou levantar um padrao, que declara isto mesmo, que eu vi naquella villa. Não foi menos habil no gabinete e na politica, que na milicia, sendo em attenção ao seu merecimento, nomeado vedor da Fazenda, e deputado da junta dos Tres Estados. Pelos seus conhecimentos politicos promoveu os estabeccimentos de manufacturas em Portugal, o que lhe deu tão grande nome, que os estrangeiros lhe chamavam Colbert de Portugal. As suas occupações militares, e civis, não o apartaram da assidua applicação ás sciencias, ás linguas franceza, italiana, e hespanhola, em que escreveu com pureza, á poesia, em que compoz elegantes composições, e á historia portugueza; sendo o que escreveu de Portugal restaurado uma historia das mais

bem escriptas que temos, tanto pela elegancia do estylo, e certeza da narraçãõ (sendo testemunha ocular da maior parte dos successos), como pela pureza da lingua de que sem contestaçãõ é mestre. É summamente mudo nas suas narrações, o que alguns lhe reprovam, e que em quanto a mim não é defeito em um escriptor, que se propõe a escrever uma historia particular; e talvez por esta consideraçãõ, pareça que eu deverei fazer mençãõ d'este dignissimo escriptor em outra parte, visto que o seu objecto foi tractar de uma parte da historia portugueza, qual a da guerra, e successos da aclamaçãõ de 1640; no que convenho, mas decidi-me a dar aqui idéa da sua obra, por principiar esta por uma noticia prévia, e summaria dos soberanos de Portugal desde o principio da monarchia. É a este conde da Ericeira, a quem se deve o estabelecimento da famosa livraria, que collocou no seu palacio, hoje dos marquezes do Lourical. Em um violento accesso de melancolia de que foi atacado, se precipitou desgraçadamente de uma janella, de cuja queda morreu em 1690. Compoz

Historia de Portugal restaurado.

Tomo I. Lisboa 1679. — folio.

Tomo II. ibi 1698. — folio.

Ambos os tomos foram reimpressos em Lisboa 1710 folio, e em quatro volumes em quarto. — Lisboa desde 1715 até 1759.

É um modelo quanto ao estylo, e a linguagem pura: a narraçãõ fidedigna, menos no que diz respeito á historia d'el-rei D. Affonso VI, em que é suspeito, por ser do partido de D. Pedro II.

XXI.

Fr. Manoel da Rocha, natural de Castello Branco, monje cisterciense, mestre de philosophia, e theologia na sua religiãõ, e doctor em theologia na universidade de Coimbra, e ahi lente de vespera, Geral da sua monastica

congregaçãõ, e ultimamente academico da academia real da historia portugueza, estabelecimento d'el-rei D. João V em 1720, a quem a nação portugueza é devedora de tantas obras dignas de eterno applauso neste ramo de litteratura. Foi assás instruido no conhecimento da historia; qualidade que lhe mereceu a nomeaçãõ de chronista geral do reino, em o anno de 1740. Falleceu em 1744. Compoz

Portugal renascido: tractado historico, critico, chronologico, em que á luz da verdade se dão manifestos os successos de Portugal do seculo X, &. Lisboa 1730 folio.

Saiu tambem impresso no tomo 10 dos documentos e memorias da academia real da historia portugueza.

É a historia antiga de Portugal depois da invasãõ dos mouros, em que o auctor tracta tambem a historia dos reis de Leão, de quem era pertença Portugal antes da sua desmembraçãõ no seculo XII; e continúa a historia dos reis de Leão e dos successos de Portugal até ser dado em dote ao conde D. Henrique, é deduzido de muito boas fontes, tendo o seu auctor o trabalho de consultar muitos monumentos e escripturas do tempo: razãõ por que merece um logar distincto entre os historicos portuguezes.

XXII.

O Padre Francisco de Santa Maria, natural de Lisboa onde nasceu em 1653, conego de S. João Evangelista, chronista geral de sua congregaçãõ, qualificador do Sancto Officio, examinador das ordens militares, e celebre orador do seu tempo. Nomeado, por el-rei D. Pedro II, Bispo de Macãu, generosamente refusou esta dignidade, morrendo no seu convento de Sancto Eloi de Lisboa em 1713.

Além de outras obras compoz.

Anno historico, diario portuguez, noticia abreviada das pessoas grandes e cousas notaveis de Portugal. Lisboa 1714.—1.º vol. em fol. Lisboa 1744—3 vol. fol.

É obra posthuma, ordenada e publicada pelo Padre Lourenço Justiniano da Annuniação da mesma congregação, natural dos Arcos de Valdevez, Doctor em Theologia, geral da sua ordem, que primeiramente publicou só o 1.º volume, e depois em 1744 o mesmo 1.º, o 2.º e 3.º É um compendio da historia de Portugal, por mezes e dias de cada anno: comprehende o 1.º tomo, os mezes de janeiro, fevereiro, março, e abril; o 2.º maio, junho, agosto, e setembro; o 3.º os mais mezes do anno. Os dous irmãos D. José Barbosa, e Ignacio Barbosa, justamente tacham de pouco exacta esta obra, que se lê com pouco prazer pela falta de ligação dos factos, e successos da historia, e sómente util para se consultar para a verificação ou recordação de algum facto particular.

(Continuar-se-ha.)

ESTATISTICA MEDICA DE PARIZ.

Do Almanach medico de Pariz do corrente anno deduzimos os seguintes dados estatísticos sobre o ensino e exercicio das Sciencias medicas naquella cidade:

A Faculdade de Medicina comprehende 18 cadeiras, com 26 professores effectivos, 24 aggregados em exercicio, 45 livres, e 800 estudantes.

Entram neste numero 4 cursos de Clinica medica, 4 da cyrurgica, e 1 de Obstetricia, distribuidos nos 4 principaes hospitaes.

Ha 4 Escolas d'ensino practico de ramos especiaes: a Escola practica com 150 discipulos, a de Dissecção, a de Partos com 40 d'epulas, e a de Phar-

macia com 6 cadeiras, 10 professores e 145 estudantes.

Além do Museu da faculdade e do Museu-Dupuytren, ha no Museu d'Historia natural um curso completo de Sciencias naturaes, com 15 cadeiras e professores, e 12 ajudantes.

A faculdade sustenta alem d'esses estabelecimentos um curso especial de Botanica, um Laboratorio chimico, e uma Bybliothecca.

Fóra d'estas aulas ha mais 47 cursos particulares de diversos ramos.—

Academias e Associações medicas 11, das quaes uma ingleza e outra allemã; fora as que tem institutos especiaes, como são as Sociedades de Cyurgia, d'Anatomia, de Phrenologia, e de Pharmacia, e a Academia real das Sciencias de que uma Secção se occupa de Medicina e Cyurgia.—

Hospitaes e hospicios 36.—Associações de soccorro 8,—e 22 instituições particulares para o tratamento de varias especies de molestias.

Um Museu d'anatomia pathologica, com sua bybliothecca; um Gabinete literario de Medicina.

Jornaes exclusivamente de Sciencias medicas 22; de Sciencias accessorias 5.

Residem em Pariz 1430 Doutores em Medicina e em Cyurgia, 158 Practicos (*Officiers de santé*), 326 Pharmaceuticos, e 450 Parteiras.

Nas outras principaes cidades dos Departamentos contam-se ao todo 23 Faculdades medicas, com 217 cadeiras, 316 professores e 1033 estudantes.

ERRATA.

Na pag. 169, col. 1.º versos 28 e 29, em vez de

- Pensa que Jesus Christo
- Foi homem por sua Mãe

leá-se

- Pensa que foi Jesus Christo
- Homem só por sua Mãe

(J. D.)

SYSTEMA PENITENCIARIO.

(Continuado da pag. 182)

Em quanto ao segundo problema julgamos a sua solução da maior difficuldade. Parece com effeito um contra-senso o querer-se marcar o praso dentro do qual alguém ha-de regenerar-se, parece immoral o dizer-se ao preso — ou tu continues a ser um preverso como até aqui, ou te regeneres, para pôr termo ao teu soffrimento equivale o mesmo, tanto que passe o praso que te foi marcado na sentença ficarás em liberdade; e parece que o resultado que isto deverá produzir ha-de ser entregar-se o preso a uma especie de indifferença a tudo quanto lhe disserem, fazer o que lhe ordenarem com receio de que lhe aggravem mais o seu mal, porém não pensar em regenerar-se: entretanto sobre este importante objecto, o que sempre fazer é pesar os inconvenientes, ver qual dos systemas tem menos, e sendo possível, escolher um meio termo.

Se se não marcar o praso que deve durar a prisão, e se se deixar aos directores o darem a liberdade aos presos; quando entenderem que estão regenerados, temos que o código criminal é a vontade dos directores, e por conseguinte, pôde haver certeza de que os criminosos hão-de entrar para a penitenciaría, se houver vigilância da parte das auctoridades; porém essa certeza poucos resultados produz, e equivale a uma incerteza de castigo, por que ninguém ha que não appelle para as relações que tem, e poucos, ou antes pouquíssimos são os homens que não cedem, quando não tem a resposta que faz emudecer — eu queria, mas a lei expressamente diz o contrario. E suppondo mesmo que os directores hão-de ser sempre homens da maior rectidão possível, e que por conseguinte, por nenhuma consideração deixarão de fa-

N.º 14—18 d'Outubro de 1845.

zer o que em sua consciencia entenderem, ainda assim achamos vicioso este systema.

Devassar a consciencia de qualquer é defeso aos outros, e por tanto só se pôde conjecturar o que se passa no interior de cada um pelos factos que elle apresentar; d'aquí segue-se que, se o procedimento do preso for regular, se elle cumprir pontualmente com as obrigações prescriptas pelos regulamentos, o director se deve convencer de que elle está regenerado, e dar-lhe liberdade; porém as observações, que na practica se tem feito, mostram que os mais perversos são em regra os que melhor se conduzem, e que soffrem com mais paciencia; e por tanto já se vê que não sendo segura a base, este systema não pode abraçar-se. De mais supponhamos um crime practicado por um homem que teve uma educação regular, que tem uma profissão de que vive, que sempre se conduziu muito bem, e que praticou o crime por que se achou n'uma circumstancia especial, em que de certo não ha probabilidade de que se torne a achar; este homem não inspira receio á sociedade, e por tanto parece que, segundo este systema, não devia ser conservado um só dia na prisão; e com tudo seria um absurdo o dizê-lo.

Nós com quanto não ligemos tanta importancia, como alguns, á intimidacão que a pena deve produzir, não só sobre o culpado, mas sobre a sociedade em geral, porque, como diz Rossi, ella obra d'alguém modo como um contra-peso mechanico aos impulsos criminosos, mas o seu effeito enfraquece-se de dia para dia; com tudo não podemos deixar de convir em que a certeza d'um castigo severo obsta a muitos crimes: por tanto embora o intimidar não seja o fim da pena, devemos dizer que ella deve ser tal que produza este effeito, num*º porém excedendo os limites da justiça.

Todas estas considerações n: s con-

vencem de que o melhor de tudo será fixar-se na sentença o tempo da prisão, porque assim se dá uma satisfação á sociedade, e se assegura a certeza de um castigo; e para evitar o escandalo de ser alguém posto em liberdade, quando pelo seu procedimento se conhece que está no mesmo estado em que entrou, depois de cumprida a sentença, o director deve formar um relatório minucioso do modo por que o preso se conduziu, submetto-lo aos juizes competentes, e estes decidirem o que convem fazer: assim evita-se fazer dos directores juizes; e o preso com a esperança de sair quando cumprir a sentença, fará por emendar-se.

Eis a nossa opinião relativamente á organização das penitenciarias: agora concluiremos o artigo dizendo alguma coisa ácerca dos melhoramentos que se poderão esperar do estabelecimento d'estas casas entre nós.

O systema penitenciario pôde ser considerado por dous lados, — moral, e social: no primeiro caso, temos para nós que o que d'elle se deve esperar fica muito áquem do que era para desejar, e do que alguém acredita: a este respeito estamos pela opinião d'Élam Lynds, que dizia a Tocqueville que só acreditava na reforma completa dos mancebos, e d'alguns, poucos mais, dos menos adiantados no caminho do vicio. É na verdade parece-nos que é necessario desconhecer o coração humano para acreditar, que seja possível a completa regeneração de homens, que de ha longos annos lançados na carreira do crime, tem por combates repetidos vencido d'uma a uma todas as resistencias que sua consciencia lhes oppunha, apagado, ou quasi apagado, esses principios de moral, que o Creador gravou no coração do homem, e suffocado todos os sentimentos de humanidade, de sorte que no acto de praticarem o crime são surdos aos lamentos da victima, e depois de consummado nem um remorso!

Considerado porém pelo lado social,

entendemos que o systema penitenciario é de summa conveniencia para qualquer paiz.

Uma dura experiencia tem mostrado que o viverem os presos em commum, achando-se em contacto com os homens mais preversos da sociedade aquelles cujos crimes lhe são muito inferiores em moralidade, que apenas muitas vezes tinham commettido uma transgressão, é um flagello para a sociedade. Quando assim reunidos, o homem mais distincto é o que melhor soube vibrar um punhal, o que com mais destreza praticou um roubo, o que com mais coragem affronta a opinião publica, que mais desprezo mostra pela auctoridade, e a quem a prisão parece ser menos sensivel; e como entre homens d'esta ordem não se ouve uma só palavra, que não faça encaminhar á corrupção, os que ainda tem algum resto de moral em breve a perdem, e por conseguinte acabam ao sair da prisão por se acharem todos em igual gráo de preversidade: ora o systema penitenciario, acabando a communicação entre os presos, acaba com este grande mal. De mais, aquelles mesmos que se não reformam, mas que na prisão tem aprendido um officio, e contrahido um habito de trabalhar, não reincidem facilmente.

Entre nós ha uma razão fortissima para esperar, mesmo já, mui bons resultados do estabelecimento das penitenciarias, e se o governo se não limitar a crear só as casas penitenciarias, se tiver na devida conta a sorte dos desgraçados ao sairem da prisão, muito melhores se poderão obter. O habito de trabalhar que o penitenciado adquire, se ao voltar á sociedade não acha trabalho, de nada lhe serve, e então mesmo que se tenha regenerado, vendo-se a braços com a fome, collocado na dura necessidade de morrer á mingua, ou de furtar, faz de novo uma violencia á consciencia, entrega-se ao crime, e depois de praticado o pringiro fica outra vez habilitado para toda a qualidade de

desatino; ora em Portugal os braços ainda não sobejam, de sorte que, se temos outros embaraços com que lutar, ao menos nesta parte estamos superiores a alguns paizes da Europa, que dizendo-se muito opulentos, e tendo effectivamente nma industria muito adiantada em todos os ramos, vêem ao mesmo tempo crescer em seu seio, á falta de trabalho, um pauperismo asqueroso, que lhe mina a existencia do seu poder, e que os inquieta mais que tudo; e cullão tendo todos em que ganhar subsistencia não se pôdem esperar muitas reincidencias.

Não é porém só o trabalho que ha-de fazer com que os penitenciados se conduzam bem depois que a liberdade lhes for restituida; é necessario que elles encontrem a sociedade moralizada, que encontrem arraigadas as crencas religiosas, que mais que todos os esforços humanos são capazes de trazer o homem ao caminho da virtude, e de o fazer proseguir n'elle. E com effeito no meio da grande desigualdade de fortunas que existe na sociedade, — quanto ao lado de um palacio soberbo se vê a triste choupana dentro da qual se asila o desgraçado para quem a fortuna foi tanto mais escassa, quanto foi liberal para o que vive juncto d'elle, e que para comer um pedaço do negro pão carece de sujeitar-se a mil sacrificios; quando existem centenaes de familias para quem essa fortuna tambem já um dia se sorriu, mas que de tudo quanto gosaram só lhe resta nma triste recordação; quando a ambição, que a todas as portas bate, excita aquelles mesmos, a quem a sorte dura ainda não perseguiu, e lhe faz conceber odio ao presente, e ver a felicidade n'um futuro que para elles só pôde ter existencia na sua imaginação; e quando finalmente é certo que os meios honestos de passar a vida, e melhorar de condição são bem mais custosos que se figuram ser os meios tortuosos, embora as consequencias d'estes sejam terriveis, — é necessario haver

um fundo de probidade para no meio de tudo isto resistir á tentação do roubo, aos attractivos da prostituição, e em seguida a estes a todos os outros crimes que d'estes são companheiros.

E se a firme resolução de não usar de meios indignos se abalar, quem poderá então sustentar o homem prestes a precipitar-se? O medo da justiça de certo não basta, porque para fugir a esta tem elle as trevas, e tem mesmo outras cautellas, que com mais ou menos risco pode empregar, e então só um poder invisivel, um poder sobre natural, que não carece de testimunhas, que tudo verifica por si, que de tudo pôde pedir contas, e este poder revêdo pela consciencia do mesmo sujeito, se esta se achar possuida das crencas religiosas, so este o poderá conter.

Em que nos pesé porém, devemos dizer que esta sociedade moralizada, estas crencas vivas não as encontramos em nosso povo, e por consequente os resultados que entre nós se poderão tirar do estabelecimento das penitenciarias serão bem inferiores aos que de contrario se poderiam obter; entretanto porque o paiz não está em circumstancias de tirar todas as vantagens possiveis da admissão d'uma instituição não se segue que não deva abraçar-se, logo que se possam tirar algumas, e por isso ainda a pesar d'este inconveniente votamos pelo estabelecimento das penitenciarias.

Finalmente como a sorte dos penitenciados não deve, como acima dizemos, ser tida pelo governo em menos conta ao sairem da panitenciarria, por isso parece-nos muito conveniente será estabelecerem-se colonias penaes para onde os penitenciados sejam mandados por algum tempo, a fim de serem experimentados, e facilitar-lhe assim o serem depois bem recebidos pelos seus concidadãos, pois que o seu bom comportamento alli é nma forte garantia de completa regeneração

Antonio Mendes d'Almeida:

O FIDALGO E O POETA.

Muito divertidos haviam de ser, antigamente, em Coimbra, os primeiros dias do mez d'outubro! Que *engraçadas* brincadeiras se não armavam, e tambem que boas merendas se não comiam aos pobres novatos, que vinham por esses caminhos abaixo, como o celebre *Jan Fernandes*, na sua molinha aguada e felpuda, — tristes, com as saudades d'aquella vida innocente dos montes em que se criaram, corridos e com as faces timidas a corarem-lhes de vergonha pelas chufas e liberdades dos arrieiros — que sempre foi fraca raça de gente — e receiosos pelo que tinham ouvido contar da Cidade, e do que lá se lhes havia de fazer; que ninguem escapava nesses tempos ás apupadas dos Estudantes: diz que nem o proprio rei D. Sebastião se livrou d'ellas quando foi ver as Aulas, e mais não era rapaz com quem se brincasse, — puchava logo pela espada, que ia tudo razo.

É pena que se vá amortecendo tão *elégante e proveitoso* costume!

No anno de 1615 ainda se usavam e faziam trapolias de toda a casta. Os Estudantes corriam, ás ranchadas, pela rua da *Sophia* e pela ponte fóra, uns com businas, outros com arames velhos... era um dia de juizo, um infernal *charivari*, que se accendia por toda a Cidade; e as moças, as namoradas moças coimbrãs, tambem folgavam com aquellas brincadeiras, e riam que se regalavam, assentadas pelos arcaes prateados á beira do mondego, de ver e de ouvir o tropel dos estudantes.

Tudo andava alegre e contente, e quem diria então que havia um mancebo, na flor da idade, a quem estas cousas infadavam devéras? Pois havia-o; aduira, mas havia-o.

No sótão d'umas casas da *Couça de Lisboa* — rua das mais turbulentas nesses dias — n'um sótão acanhado e triste

estava mui socegado ao pé da sua banca de pinho um lindo moço de dezeseito annos; bem se via que pouco se lhe dava, que lhe pesavam as folias de seus condiscipulos. Era lindo realmente o moço! — desalinhado no traço sim, porem uma figura tão delicada, e um rosto regular, e de uma tristeza tão suave!... a bocca, assombrada por um buço castanho escuro da côr dos seus cabellos compridos e meio anelados, e que bem podera comparar-se com um leve traço do ricco pincel de Morillo, compunha-lha uma seriedade tão grave, e tão natural!... nos olhos resplandecia-lhe toda a candida nobreza de sua alma... e na frente, alta e pallida, tinha um não sei que de sublime... tinha o genio tão profundamente esculpido...! Era uma cabeça para dar que entender a um bom par de *Phrenologicos*.

Estudaria o mancebo?... Alguns livros estavam abertos diante d'elle, mas as suas vistas desprendiam-se a miudo da leitura, e ora descaíam serenas, como que vergando ao peso da meditação, ora se erguiam ardentes para o céu, a receberem as inspirações, que de lá lhes vinham, — as inspirações, com que Deus engrandece o homem, com que faz do homem a sua imagem na terra, porque o faz poeta — e o poeta cria.

Aquelle moço, Pedro Mendes se chamava elle, era poeta, era o maior ingenho da Academia, o assombro (e quem sabe se a inveja?) dos mestres, a vergonha de muito zangão calaceiro, que por alli andava então, e a esperança dos que sinceramente presavam as nossas letras.

E todavia não foi para as letras que Pedro Mendes nascera. Seu pae era um lavrador humilde; pô-lo a servir, em pequeno, na casa do Carvalhal dos Srs. Coutinhos, e por lá se criou, coitado! o bom do rapaz a apascentar cabras e ovelhas. Quem diria pois que dali se faria estudante — e o primeiro estudante de Coimbra, por certo!...

Quero contar aqui essa historia, que

é verdadeira. Passava, uma tarde, ao pôr do sol o nosso excellento poeta Francisco Rodrigues Lobo pela quinta do Carvalho, aonde fôra de visita — que era amigo velho e particular de D. Gastão Coutinho — e assentou-se a tomar a fresca á sombra de umas aveleiras; estava enlevado a escutar o chilrear dos passaros e o murmúrio de um ribeiro, que alli corria por entre viçosas relvas — que Francisco Rodrigues Lobo avaliava essas cousas, e escrevia-as, como ninguém — quando o despertou de repente uma voz maviosa. Levantou-se, quiz ver quem era, e foi dar com Pedro o moço das ovelhas, que recostado na ponta de uma rocha, vestida de musgo, em quanto que as suas rezes, brancas como a neve, se penduravam a pastar por uma ladeirinha estrellada de flores, cantava n'um tom doce e queixoso umas cantigas singelas e repassadas d'aquella melancolia, que dá tão mimoso relevo ás trovas do nosso povo. Francisco Rodrigues ficou pasmado; parecia-lhe que estava contemplando traduzido para o vivo da natureza uma d'essas scenas *bucolicas* — que andavam então tanto em moda — porque o rapaz, creio que havia de ter seus longes de um *Tytiro*, ou talvez de algum dos mais derretidos *Aurelios* de Sá de Miranda, ou dos *Sicenos* de Monte-mayor. Chegou-se logo para o pastor e perguntou-lhe com cara de riso: quem te ensinou essas cantigas, moço? Pedro abaixou os olhos com o recato pudibundo d'uma virgem, e còrou. Dize: quem t'as ensinou? anda. — Fi-las eu, sr... respondeu o rapaz — Tu! proseguio Rodrigues Lobo maravilhado, pois tu eras lá capaz!.. — Fui eu que as fiz, sim sr... é verdade.

O illustre escriptor da *Côrte n' Aldêa* não podia crer o que via; ficou-se a pensar... e pensou que muito se poderia aproveitar d'um talento tão bem estreado, e disse por fim ao mancebo: — Oh! rapaz! tu gostas de versos... de cantigas? — Muito sr. muito. — Pois então

queres tu aprender umas muito lindas que eu sei? — Tomara eu! oh! que se as chegára a saber!... e são tristes, meu sr.? — São, são. Ora deixa que hei-de levar-te comigo e ensinar-te a lêr por um livro... — Um livro!... e que cousa é um livro?... — Deixa estar que tu verás o que isso é... Uas-de ir comigo: queres? — Quero, sim sr.

E Rodrigues Lobo foi-se d'alli contentissimo com aquella descoberta; subiu ao colleiro, aonde estava D. Gastão, contou-lhe tudo pelo miúdo, e pediu-lhe logo o rapaz, que o queria levar consigo e pô-lo nos estudos. D. Gastão Coutinho era um verdadeiro homem de bem, amigo de proteger todas as boas artes... e mais generoso animo ninguém o tinha. Achou acertado o plano, e fez ainda mais: prometeu que havia de vestir o rapaz, apromptar-lhe o enxoval, e que lhe dava, para comer e beber, *dous mil reis* por mez d'ahi por diante. — *Dous mil reis*, em outro tempo, chegavam bem para um mez, e penso que se tractava a gente como um príncipe; hoje gasta-os n'um dia em charutos, qualquer *elegante* de botequim!

Eis aqui está pois como Pedro Mendes veio para a Universidade de Coimbra aonde hia começar agora a estudar *humanidades*, depois de haver estudado com admiravel rapidez todos os necessarios rudimentos.

Naquelle dia porem em que — como acima referimos — ia tanta assoada pela Cidade, desenfadava-se o ingenhoso mancebo a fazer uns versos, para mandar de mimo ao seu protector — que Rodrigues Lobo não era bisonho, gostava que o seu afillado folgasse com estas cousas, que tão proçitosas são. — Pedro Mendes não ouvia nada; divagava por aquella região de fogo, em que o poeta vê a travez d'um prisma infellicado — a terra, como a vira Gesner, o mar, como o vira Lord Byron, o inferno, como vira o Dante, e o céu, como

o vira o magestoso Mylton. Não ouvia, mas não teve remedio senão ouvir, porque o molim era agora na escada das casas, onde morava. Ergueu-se, deixou uma sextina em meio, chegou á porta do sótão, e deu com um robusto mancebo, que seguido por dous lacaios, acabava de apear-se d'um formoso cavallo russo. Vinha para a Universidade tambem o mancebo; e bem se via que não passára a ponte sem a affrontosa saudação das buzinas, porque se lhe divisavam uns laivos roxos de cólera nas faces sádias, prosaicas, e lustrosas como duas romãs. Trazia particular recommendação para o Reitor, d'um seu tio arcebispo, que teimára em o destinar para os estudos, o que mal se compadecia com a nobreza genuina do seu sangue, e com as idéas de sua mãe, que, a cada passo, lhe pregava como D. Urraca, a mulhier de Gil Carril:

Os teus grandes avós, que gram illustres, Sabiam de cavallos, não de livros.

E de cavallos sabia elle como um homem; e de caça tambem, e de varrer uma feira com um pau na mão, e de fazer espirito á portugueza com as moças, pelas romarias. De quatro irmãos, que eram em casa, foi elle o que sempre se deu mais a estes *deliciosos passa-tempos*. O mais velho disfructava em descuidada paz o seu morgadio; o segundo era conego, por seus peccados; e o terceiro era frade Bernardo — um digno Bernardo! com um cachão!..... Este mais novo, o sr. doctor, como já lhe chamava o tio, era a perola da familia, era um typo do fidalgo da nossa terra, no *bello-ideal* da epocha.

Porem não se pense que pertendo desaccatar aqui a nobreza hereditaria de Portugal. Não, srs. — Respeito-a, e respeito-a muito; porque, ao menos, essa.... não tem *pretensões*, — que nós estamos na era d'ellas — respeito-a, mas quizera vê-la elevar-se na sociedade pela sua illustração, como se eleva pela recordação gloriosa dos feitos de seus maiores.

(Continuar-se-ha.)

Percira da Cunha,

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA E ESTADISTICA.

(Continuado da pag. 184.)

Se do exame geral, que fizemos ao Compendio do Sr. Forjaz de Sampaio, passassemos ao particular e intrinseco d'elle, teriamos que dar a este artigo uma extensão, que os limites do jornal não comportam: contentar-nos-hemos portanto com algumas considerações que nos parecem mais importantes.

O Sr. Forjaz de Sampaio tere que lutar (como já dissemos, e de novo diremos) com a fatal disposição da lei, e com a deficiencia da organização dos estudos. Não irrogamos censura á Universidade de D. Diniz, de D. João 3.^o e de D. José; temos em mui subida conta a honra de havermos sido seu alumno, e será sempre com saudade filial, que nos lembraremos agradecidos dos favores, que lhe devemos: mas os tempos são outros, as necessidades intellectuaes augmentam, variam, e tomam novos aspectos, e se como diz um sabio Publicista e socio nosso — o Sr. Silvestre Pinheiro, — a civilização consiste no maximo das necessidades com o maximo dos meios de as satisfazer, é mister que a Universidade augmente os seus meios de satisfazer as necessidades novas, para que seja civilisadora. É um anachronismo litterario e politico, que o curso de Direito seja habilitação para tantos e tão diversos ramos da gerencia dos negocios publicos (e assim mesmo oxalá essa habilitação fosse requerida): ou se hão-de accumular materias e para isto, serem todas ellas tractadas com aponcadissima extensão e desenvolvimento, ou então haverá sempre difficuldades invenciveis para classificar as cadeiras da Faculdade em razão da sua importancia, ou da sua natureza mais ou menos *preparatoria*. A cadeira para que é destinado o Compendio a que nos referimos é uma prova d'isto, em tres annos consecutivos tem andado a viajar, e Deus sabe onde parará, e

porque? Parece-nos que a razão está em que enquanto este augusto monumento litterario de Portugal não contar mais um ramo de ensino — o das sciencias administrativas, e enquanto a cadeira de Economia for um mosaico, será mui difficil classificar esse ente híbrido. Ora se affigurará uma sciencia preparatoria, e ella desterrada para junto de Guineer e Macarel; mas como lão-de os principiantes (graças ao nosso ensino secundario) entrar em questões de Bancos, papel-moeda, liberdade de commercio &c. &c.? De nenhum modo. Passa para annos mais adiantados, mas ali já os escolares estão muito positivistas, o tempo escassa, a legislação offerece mais interesse, e *mesmo estão mais habilitados para esse estudo*, e por conseguinte a cadeira de Economia torna-se accessoria, a par das de Direito romano, civil, e commercial portuguez. Impossivel por tanto de collocar a Economia em logar proprio e proficuo, porque o não ha. O Sr. Forjaz de Sampaio sente isto mesmo, e bem ardentes votos faz na sua Introducção para que se dê remedio a este mal; nós tambem o desejamos, — temos muito peito a gloria da Universidade para não o desejarmos assim: mas no entanto o Sr. Forjaz de Sampaio foi victima d'este mau systema; victima gloriosa, porque difficilmente algum outro faria *mais milagres* (apraz-nos repetir este termo, unico que encontramos apto para denotar as victorias d'esto exímio auctor) mas o *MULTUM IN PARVO* está hoje desterrado para os cartões de pennas metalicas.

Como não queremos aventar uma proposição sem a comprovarmos, pedimos que se lêam os §§ 20—24 dedicados á historia da sciencia, e perguntaremos se cada uma das suas linhas, e diremos mesmo, cada uma das suas phrases não podia ser epigraphie para um extenso capitulo, sem cairmos nos palavrosos e ocios discursos de Say?

Duas paginas poderão conter o de-

senvolvimento d'essa sciencia, cujos germens, plantados no coração e no espirito do homem, apparecem desde os primeiros momentos da vida da humanidade, mas que depois se tem desenvolvido, e tem extendido suas ramas de tal arte, que nenhuma questão social e politica se possa agitar sem que se encontrem? Como comprehender em tão pouco a descripção das necessidades sociaes, que por mal estudadas pelos theoreticos, e desprezadas ou desconhecidas pelos estadistas, deram origem a systemas tão varios? Tractaram uns e outros de tosquiarem os ramos pelas phantasias das suas imaginações, ou das suas paixões, mas apesar de tantos estorvos, a verdade zombando de todos elles, e talvez mais robustecida por elles, tem pulverisado theorias, systemas, e legislação, e segue ovante na sua marcha progressiva. Poderá a exposição chronologica e philosophica de todos estes factos ser comprehendida em tão poucas linhas? Julgamos que não.

A exposição da theoria da renda, que apesar do seu estylo cerrado, e talvez mesmo nimamente conciso de Ricardo, deu margem ao seu extenso tractado, poderá conter-se em tres paginas (Vejam-se os §§. 125 a 131)? E isto ainda cortando as outras theorias que por menos importantes, por falsas, ou mais modernas, não tenham o direito de occupar logar em um Compendio.

E no entanto é esta uma das partes da obra do Sr. Forjaz de Sampaio, a a que tributamos mais sinceros elogios; sómente depois de lido e meditado, é que nós emittimos a nossa fraca, mas franca opinião. Parece impossivel que em tão pouco se pudesse dizer tanto, o tão bem. Os principios são certos, as consequencias são deduzidas com um tal nexa, ordem, concisão, e clareza, que não temos expressões para manifestarmos a nossa admiração.

É um prodigio de talento lucido este trecho da obra, e por elle se o

publico não conhecesse o auctor poderia avaliar a força gigantesca do genio, que se revolve oppresso sob tão pesadas e estreitas cadeias. Mas falta desenvolvimento a este ponto aliás importantissimo das sciencias economicas.

Apointámos estes dous exemplos, por mais frisantes, e pertencerem á Economia theorica; pois em quanto á theoria da Policia economica, todo o talento e saber do Sr. Forjaz se amotra em haver podido apresentar o que apresenta em tão estreitos limites; e para exemplo apontaremos a Secção 5.^a do cap. 26, para evidenciar que pôde no estreito espaço de seis paginas incluir a materia das *prohibições*: o que no entanto não deixa de ser excessivamente conciso.

Não nos parece que o methodo adoptado nesta nossa Universidade de supprir com explicação oral o que falta no compendio que serve de guia, suppra á concisão d'este, e d'este modo se obvie aos inconvenientes que notámos: porque essa explicação quando *escapa* por parte do Professor aos perigos de ser, por concisa—arida e esteril, ou por ampla—confusa e impossivel de reter, traz consigo a difficuldade d'o ouvinte reduzido ás pouquissimas linhas, que *materalmente* formam a lição, ter que optar pelos apontamentos, —que collidos sobre o joelho, quando não induzem a erros, pelo menos são insufficientes, —ou a recorrer a expositores, cujas doutrinas se vão ler em um capitulo, só porque a inscripção d'elle corresponde á materia da lição, sem attender (nem é possivel na maioria dos casos) aos antecedentes e consequentes; e se é ponto controverso, duplica-se ou quadruplica-se a difficuldade. É mister estudar as razões de uns e outros, comprehendelas, compara-las, formar um juizo, e formula-lo de modo que possa ser *brilhante* a seu enunciado: e quem faz e pôde fazer isto, sobrecarregado de outros trabalhos, ainda quando não falleçam vontade, talento, livros &c. &c.?

A experiencia responderá, que o que succede em casos taes, quando o Compendio em concisos e logicos enunciados não expoe as razões de um e outro lado, é que se busca um expositor, que com pensamentos *brilhantes*, exemplos altisonantes, e estrondosos nomes, tracte do assumpto, e á força de malbaratear tempo e memoria, no outro dia se repetem papagueadas paginas, circzidas, Dens sabe como

O Sr. Forjaz de Sampaio em muitos pontos é digno de citar-se a este respeito, e como specimen apontaremos o cap. 20 a respeito do inconveniente das machinas. Porém mesmo a par d'este notaremos o cap. 19 como prova do que acima dissemos; porque tractando o Sr. Forjaz de Sampaio da Povoação, expõe os argumentos em favor da opinião de Malthus, abraça a opinião d'esse *celebre economista*, e diz-nos que o seu systema fôra *apoiado e contestdo por muitos*, porém não aponta os argumentos d'estes *muitos que contestaram*, e entre os auctores citados no fim do capitulo não deparamos com o nome do Sr. Silvestri Pinheiro, que impugna fortissimamente tal systema.

Notamos com franqueza estes defeitos mas desde já devemos responder com a nós mesmos respondeimos. A quem devem ser imputados? A quem quizerem, menos ao auctor do livro. Talvez pareça paradoxal e inaudito que o auctor de um livro não seja culpado dos seus defeitos. Seja-o muito embora mas o certo é que quem tem de escrever, sobre *todas as materias economicas e sobre estadistica*, um livro pelo qual se dêem *umas com lições* (quando muito) de meia hora de explicação cada uma, não pôde fazer mais.

E bem haja o Sr. Forjaz de Sampaio, que dotou a nossa Patria de um Compendio de Economia tão bello. Não julgue de menos preço um serviço tão abalisado, por fôra não os ha que lhe cheguem na reunião de tanta cousa boa haja vista o reduzido quadro abraçado

pelo Economista Rau, e o desenvolvimento que assim mesmo tem o seu Manual. Uma reflexão, nos parece, que deverá surgir da leitura d'este Compendio, e é a demonstração da necessidade de dar maior desenvolvimento a esta classe de estudos, unico meio de dividir os differentes ramos de uma sciencia tão vasta. Qualquer que desapassionadamente ler o Compendio do Sr. Forjaz de Sampaio, não poderá deixar de ficar persuadido, que nem sempre apparecerão luctadores, que tão habeis como elle, possam tornear difficuldades, eritar abysmos, e arrostar empresas semelhantes, com esperanza de victoria.

Mas não haja lei que obrigue a impossiveis, é axioma que pareço inutil repetir, mas o caso é que não anda muito em lembrança. Um tractado, theses ou seja o que for *de omni scibili*, foram possiveis, e um Portuguez d'esta cidade sustentou-as ha dous seculos; mas hoje (damos de barato que em algum tempo podesse ser) seria loucura; pois querer, que em um curso só, se ensinem e aprendam todas as partes da Economia, e além d'isso a Estadística, é querer um cousa semelhante ás theses *de omni scibili*.

Anime-se por tanto a utilissima e heroica empresa do Sr. Forjaz de Sampaio, admire-se, por se lhe fazer justiça, o seu optimo trabalho; mas façamos votos porque outros tempos e organização de estudos permitam a este ornamento da Universidade o poder dar todas as largas ao seu solido talento.

Remataremos este artigo com duas palavras á cerca dos *Primeiros Elementos de Estadística*—sciencia ainda mais nova e desconhecida entre nós do que a Economia, e de que muito se carece de animar o estudo, indispensavel no regimen do estado, não havia com que encaminhar os primeiros passos dos que se dedicassem ao seu estudo. O Auctor satisfizes *completamente* a esta necessidade, e no entanto esta parte do seu Compendio pelas mesmas causas que apontamos

será pelo regular inutil na cadeira para que *nominalmente* se destina, porque ou não ha tempo para se chegar até lá, ou é em época em que a frequencia das aulas se torna pela reunião de muitas cousas, o cumprimento de uma cerimonia.

S. B.

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA.

POR

Castilhos—Antonio e José.

Para pôr peito aos conceitos, ás hyperboles, aos gallicismos que iam inundando, esterilizando, e consumindo o nosso Parnaso, e todas as nossas letras allevantou-se a Arcadia. O campeão mais valente e que até mais tarde batalhou por parte d'ella em tão glorioso empenho foi Francisco Manoel do Nascimento; não se pôde, já não digo fazer a historia da lingua, mas nem sequer fallar d'ella sem que logo nos não acuda á memoria, como bom mantenedor de seus foros, isenções, e belleza, o nome de Filinto Elysio.

Não sei se em tão porfiado esgrimir foi elle cavalleiro que nunca desse botes senão portuguezes de lei, talvez que o mesmo rancor o levasse, rarissimas vezes, a algum bote falso;—ligeira sombra em quadro de tanta luz, que importa? Pagou em lusitanismos puros, em latinismos aheridos pela indole e origem da linguagem, pagou de sobejo os poucos esquecimentos, porventura tidos nas tristes horas de amargoso exilio, já cansado de lidar e luctar com estrangeiros no ultimo quartel da vida. Quem sabe se á injustiça e ingratição da patria cabe mais essa culpa do que a elle? Talvez deva receber Portugal essas manchas como herança de velipendio testada polo proscripto.

Um segundo reparo lhe toem feito os entendidos, e é que a poder de galas e

louçanias, de flores e joias, de riqueza e primores saiu a linguagem de Filinto mais garrida do que era mister, porque em vez do asseio de matrona sisuda se lhe descobre o arrebicado de bailarina requestada; quiz mostrar abundancia e caiu no luxo: mas como não ser assim? Filinto não era legislador pacifico decretando vocabulos, geito e feição de frases e periodos, era soldado que pelejava, e que, offendendo e defendendo-se, ás mãos cheas se via constringido a arremessar as armas todas; não era uma acção, era uma reacção combatida e até apupada por vezes; não havia remedio senão abrir as comportas á represa e deixar ir tudo mas que fosse de mais. Que lhe joeirem, que lhe limpem o seu riquissimo celeiro é de razão, mas entenda-se, diga-se, escreva-se, proclame-se por todos os modos e formas que nesse celeiro, que para a sua patria andou por tantos annos ajunctando Filinto, está um thesouro para a lingua de hoje como esteve a salvação para a do seu tempo. Francisco Manoel foi o Noé da linguagem patria, salvou na sua arca tudo até os reptis, mas com estes tambem foi salvo o genero mais nobre: escapou do dilluvio dos gallicismos, hyperboles, e conceitos toda essa geração legitima por onde ainda nos chamam portuguezes.

Apoz aquella epocha de perseguição da lingua, em que Francisco Manoel foi apostolo, confessor, e martyr, veiu outra de não menores perigos para ella, de maior gloria ainda para um novo campeador: esta epocha foi a das nossas transformações politicas. O antigo viver abalado pelos fundamentos; encarnada, ou enxertada na velha arvore uma sociedade nova, que lhe trazia seiba de longes e diversas terras; idéas, factos, costumes, e leis, tudo de feição novissima, fôra quasi impossivel que as peregrinas fallas não viessem com os que vinham de peregrinar, e que se não carecesse de novos vocabulos onde apparecia tanto pensamento novo.

Não sei que occulta relação pôz Deus entre duas tão heterogeneas cousas como são — politica e litteratura; parece que para mortacs inimigas deveram existir, e todavia nunca a politica desfaz, refaz, ou contrafaz um povo sem que a litteratura d'esse povo se não desfaca, refaca, ou contrafaca a seu exemplo e por influencia sua. Desfizeram-se e refizeram-se as *formas*, contrafez-se a *essencia*, e por consequencia forçosa a lingua andou, e ainda anda em partes, á mercê das vagas, ora topando em parceiros e baixios, ora navegando segura á beira d'antigas praias.

É nesta incerteza o que não tem ella padecido? Que ás necessidades se lhe acudisse bom era; quando o espirito concebe uma idéa e não acha com que a vestir na lingua, venha o vestido novo que razoavel desculpa tem, mas que das galas proprias nos despojemos para de estrangeiros enfeites nos arrebicarmos é, sobre desnecessidade, ingratição e loucura. Com duas poderosissimas armas — os jornaes, e as novellas, ali se ha podado enxertado, cortado, recortado, desfolhado, e desnaturado a pobre lingua portugueza mau grado seu, e d'alguns, poucos, bons engenheiros, que debalde pregam com o exemplo contra a furia traduzideira, e contra a *pressa* com que se escreve.

A' frente d'estes poucos, como engenho que mais e com mais constancia tem batalhado por levar de vencida jornalistas e traductores, á frente d'essa cruzada em prol da lingua está o Sr. Antonio Feliciano de Castilho: é elle o novo campeador, o novo Filinto, que, sem as maculas do primeiro, tem como elle a mesma fé, a mesma força, o mesmo amor, e o mesmo odio. Os inimigos do segundo são mais fortes, mas por isso a providencia lhe deu broquel inteiriço, d'uma só peça, e montante de dons cortes finissimos; nem os tiros lhe passam do escudo, nem falha um só golpe do seu braço.

A gloria d'este novo cavalleiro é

maior, já eu disse, porque Filinto não teve tamanhas difficuldades, Filinto ainda não tinha a luctar com o jornalismo que vai rapido de um a outro angulo do reino levar a proclamação contra a lingua, e que á mesma hora em diversissimos logares cria milhares de proselytos; não havia ainda essas emprezas vergonhosas de traduzir, traduzir, traduzir tudo para lingua que nos deshonra, e de lingua que todos entendem; nada d'isto havia, e tudo isto houve para o Sr. Castilho que teve de oppor ao jornalismo o jornalismo, e que por elle tem senicado a verdadeira linguagem; não traduziu novellas mas traduziu Ovidio, e por sua penna e por quantas pennas pôde alistar sob sua bandeira não ha trincheira inimiga onde não tenha ido combater: — a victoria é ainda duvidosa, a gloria é já certa para o Sr. Castilho. É duvidosa a victoria, repito, os ledores das traducções francezas são em maior numero, mais cerrados do entendimento e vontade do que os ledores das *Metamorphoses*; muitos jornaes, escriptos *com pressa*, alastram-se por esse reino, algum escripto *de vagar*, corre perigo de nem achar onde se desdobre. Não escapára á perspicacia do defensor da lingua nenhum d'estes tropecos, mas arrostou-os sempre crendo que melhor era accender pharol mas que para poucos servisse em mares tão verdes, do que deixar ir ao fundo toda a lingua portugueza. Neste empenho anda trabalhando, quasi que desde menino, em quanto até agora tem saído da sua penna illustre, e hoje não contente com repartir commoço todo o thesouro que o estudo lhe accumulára na alma, quiz dar-nos as proprias fontes onde enriquecera.

Com seu irmão o Sr. J. F. de Castilho emprehendeu o distincto poeta mais um feito, um nobre feito em favor da lingua de *Camões* e *Barros*; este feito é a *Livraria Classica Portugueza*. Foi uma inspiração famosa a publicação dos excerptos dos nossos mais gabados prosado-

res e poetas; quem ousará d'ora avante desacatar a lingua se todos a podem saber?! quem deixará de ser portuguez diante de *Bernardes* ou de *Garcia de Rezende*? — Já que me não respeitae porque ainda vivo, disse o Sr. Castilho aos bastardos da linguagem, respeitae ao menos as cinzas d'esses hommens, — e atirou-lhes á face com os cadaveres dos melhores d'outro tempo; foi um bello pensamento, e uma generosa acção. Desejaria talvez alguém que em vez dos excerptos se dessem antes á estampa todas as obras completas dos nossos classicos; o desejo é portuguez, mas o pô-lo por obra não só não preenchia os fins diversos a que se os collectores propuzeram, mas não fôra talvez cousa para Portugal com a carostia das nossas typographias, com a falta que temos de papel, e sobre tudo com a nenhuma venda que era de esperar para obra tão collossal. Os Srs. Castilhos comprehenderam bem o seculo e o paiz em que vivem; a nossa geração é *pobre, preguiçosa, e movida por vapor*; *pobre*, deram-lhe uma livraria barata, *preguiçosa*, pouparam-lhe o trabalho de estremar em muitos volumes de um auctor o que nelle havia de melhor do que nelle havia de fastiento ou inutil, *movida por vapor*, prepararam-lhe pequenas doses em que não gastasse muito tempo, que mesmo *a andar* se devorassem, que se podessem sorver d'uma só aspiração. Sirvam de exemplo os já publicados excerptos de *Bernardes*; temos hoje um *Bernardes* legivel, portatil, agradável, proveitoso, e por 840 r.ª, em vez d'um *Bernardes* massudo, insoffrivel, indigesto, incompleto as mais das vezes, e em que era preciso dispender de quatro a cinco moedas. Não parou só nisto porém o serviço e o beneficio da *Livraria Classica*; a vida de cada auctor, e um juizo critico das suas obras faz travar conhecimento entre o leitor e o classico, e ensina a conta em que deve ser tido; — a *vida* diz que sujeito fôra o auctor com quem conversamos; o *juizo* diz

que logar elle occupa na republica litteraria; a *vida* revela o character, os affectos, as paixões, as virtudes, os vicios do homem; o *juizo* descobre-nos as graças, os defeitos, a sabedoria, os erros, o preço do escriptor. D'aqui resulta um dobrado auxilio para o manuscador dos excerptos e é que pelo homem ha-de conhecer, entender, explicar, aproveitar, e desculpar o escriptor; pelo escriptor desculpará, aproveitará, explicará, entenderá, e conhecerá o homem. Veem junctas e sem raia que entre si as divide estas duas cousas, e muito de industria, cuidando eu, que veem junctas; quiz o Sr. Castilho, não as estremando, que não as estremassem tambem os leitores, como quem sabe o que o homem influe nas letras e as letras no homem; quiz que não separassemos os dous entes porque elles fazem um só, e porque de um para outro tiravamos luz que seguissemos ou deparavamos com perigos que evitassemos: — são duas lições d'onde resulta um só preceito.

Mas será um só tribunal, ou antes um só juiz, bastante para sentenciar prosadores e poetas? Quando prosador e poeta fôr o juiz, é a resposta. E quem ousará negar ao auctor dos *Quadros Historicos* o direito de julgar prosadores? De julgar poetas nem sequer o hei-de perguntar, não hei-de citar uma só joia do diadema do poeta: — o nome do Sr. Castilho é a melhor prova da competencia do juizo.

Na verdade se a *Livraria Classica*, com todos estes predicados, não fôr popular, não entrar em todas os gabinetes, não poisar em todas as estantes, não andar em todas as mãos não sei que obra o deva conseguir, nem que maior testemunho se possa dar de desleixo e desamor das letras e lingua da nossa patria.

Não cuidem porém que o que deixo dicto é recomendar a *Livraria Classica*, esta obra recommenda-se por si e pelos nomes de seus collectores; o meu

fim foi só pagar aqui um tributo d'admiração a quem sabe sempre fazer obras taes que não só se libertam da censura mas prescindem dos encomios.

J. de Lemos.

(J. D.)

A POBRE DAS RUINAS

DRAMA EM 3 ACTOS E UM PROLOGO.

Do Sr. Mendes Leal J.

A questão das escholas, é uma questão palpitante para nós; abandonada, como todas as nossas cousas, a vagas declamações, a considerações banaes, e sem alcance, não foi desenvolvida em proveito da arte, como podia e devia ser; e a arte, e o publico tem perdido muito com essa condemnavel negligencia.

Apontamos isto como um facto, sem que pretendamos preencher esta lacuna; e ainda que estivessemos em circumstancias de o fazer, não cabia nos limites d'uma rapida analyse.

A que eschola pertencerá a *Pobre das Ruinas*? Julgamos não nos enganar, dizendo que este drama é eclectico: pela idealidade d'alguns personagens, pelo sentimento lyrico, e poetico, aproxima-se do genio allemão; pelos contornos firmes e determinados com que estão delineados outros, tem pontos de contacto com a nova eschola franceza; e todavia no fundo do quadro ha algumas figuras, em que ressumbram feições portuguezas, que não pertencem a eschola alguma, que só se apprendem e estudam na historia.

É necessario convirmos d'uma vez, que o clima, a lingua, o governo, e sobre tudo as tradições historicas, tendem forçosamente a separar as nações; e que estas differenças essenciaes, hão-de revelar-se principalmente na arte; querer pintar D. Nuno Alvares Pereira como o condestavel Bertrand Duguesclin, ou Oliveiu Clisson, é tão ridiculamente ab-

surdo como o querer transplantar para a nossa terra *Nôtre Dâme* de Pariz, e Versailles.

Os homens assemelham-se muitas vezes pelo character, pelos sentimentos, e paixões, mas a expressão dos sentimentos, das paixões, e do character sobre o paiz, a época, e os acontecimentos, é que se devem manifestar d'um modo diverso, e influir poderosamente no lugar, que lhe deve ser marcado na historia de cada uma das nações.

O Sr. Mendes Leal já tinha previsto o alcance d'esta verdade n'alguns dos seus dramas anteriores, mórmente em dous que nos parecem mais favorecidos d'uma feliz inspiração, e é um estudo consciencioso da historia — *O Pagem d'Ajubarrota*, e *D. Maria de Alemcastro*.

Vamos examinar agora como neste seu novo drama attendeu á historia, á verdade dos caracteres, e ao estudo do coração.

Quando o drama se passa n'uma época aprasada, quando associa alguns personagens a um grande acontecimento historico, o auctor tem rigorosa obrigação de nos desenhar alguns traços da época. Isto é, convem que por um lado se nos pinte o individuo moral e intimo obrando entregue á mercê das leis da sua organização, e a verdade do seu character; e que por outro se nos mostre o individuo social, dominado pelos costumes, e os acontecimentos, e as crenças da época.

D. Fernando, como homem social, representa uma feição caracteristica d'aquelle tempo; é o soldado escapado dos arcaes d'África, commovido pelas tradições gloriosas do passado, gemendo sobre a escravidão da sua patria, crescendo em brios contra a tyrannia dos Espanhoes, que tractavam esta terra como se fôra uma conquista.

Como individuo moral, quem não conhecerá no velho soldado os extremos d'um pae, as virtudes d'um heróe? Apenas lhe fôge a filha, D. Fernando verga debaixo do medonho peso da desgraça,

e tenta suicidar-se, mas sôa uma voz a seus ouvidos, como um grito da consciencia: — Vive ainda para a filha da tua filha! E o soldado resigna-se, e abraça com avidez aquella esperança, que lhe luz no horisonte. Este character mostra-se-nos completo debaixo dos dous aspectos.

Malatesta não é uma criação original, é um personagem verdadeiro naquellas épocas de continuas alterações, em que a espada do mercenario era tão precisa, como as delações do espião: a Espanha a braços com a França e Flandres, combatendo na America e na India, havia mister d'estas espadas, que s'alugavam n'um leilão, onde o maior lance era promptamente acceto.

Pedrito pertence evidentemente áquelles tempos; o jugo de Castella era pesadissimo, e o animo dos Portuguezes andava inquieto, presentia-se uma lucta; corriam rumores vagos, annuncio certo, de que havia muitos corações palpitando pelo mesmo desejo, muitas cabeças dominadas da mesma idéa, *Pedrito* taberneiro era um homem como ha muitos, attendendo apenas aos seus interesses, sacrificado ao culto de si mesmo, o seu partido era elle; existencias bastardas orphãs no mundo das convicções, que se collocam n'um pedestal, para medirem dahi os acontecimentos, e faze-los servir aos seus calculos mesquinhos; castelhano com os castelhanos, portuguez com os portuguezes, erpera o futuro, para se declarar abertamente pelo partido, que ganhar a victoria. É um character verdadeiro, um character de todos os paizes, sobretudo n'uma quadra de rapida transição, como era aquella.

Eis-aqui, pelo que nos parece, os personagens que prendem a vida intima á vida social, os affectos do coração ás luctas da sociedade. — Os dous mouros cedem a diversas paixões: um dominado pelo amor, outro pela vingança, ambos cedendo ao reconhecimento e gratidão que devem a D. Fernando de Mello.

O caracter de Leonor possui em summo gráu a logica do sentimento; endoi-dece por amor, recobra a razão por amor. A sua loucura é sublime, o sonho que lhe escalda a cabeça, o pensamento incessante que impressiona as suas faculdades — é sua filha! O pão que pede não é para ella, é para sua filha; as lagrimas que chora, não lhe pertencem, vão orvalhar o rosto da sua filhinha no berço! . . . O amor de mãe, este sentimento grandioso do coração, que nasceu com a mulher, que é a sua vida na vida, a estrella que lhe brilha no futuro, ha-de ser origem sempre de commoções para o espectador, de verdade para o drama. — Leonor é uma criação magnifica, não duvidamos affirmar-lo: verdadeira na natureza, apresenta-se-nos cheia de poesia no drama; como filha, como esposa, e como mãe, não tem outro goso na vida, outra esperança, outro futuro — o amor!

É o bello-ideal da mulher, que vive absorvida nessa trindade de sentimento, como os anjos no sublime mysterio da trindade religiosa!

É este, a nosso ver, o pensamento fundamental; é a apothese do amor na mulher; — a rehabilitação d'esse affecto sublime perante esta nossa sociedade, entregue ás luctas da ambição pela febre dos interesses, que não pôde elevar-se até á sanctidade das affeições do coração. É um pensamento generoso — o querer espiritualisar as turbas até á contemplação da missão sublime da mulher na sociedade. Desgraçadamente, dominado pela sua idéa, o auctor sacrificou em muitas partes a logica da scena; caia em condemnaveis inverosimilhanças, que saltariam aos olhos do publico, logo que a attenção lhe não estivera toda concentrada no interesse palpitante da idéa.

Ignez é uma mimosa invenção, christã interessa-se por Ismaél sem perguntar ao coração, se esse interesse é amor, educada com os sanctos e virtuosos preceitos de seu avô, a virgem volve

em todos os trances da vida o pensamento a sua mãe, que não conhece; e anhella ganhar para a lé a alma tão nobre, o coração tão generoso de Ismaél, em tudo seu irmão, menos nas crenças!

É um anjo, que cura as feridas com o balsamo de suas palavras, — que alenta os corações com o quasi fanatismo das suas esperanças. É a virgem christã, no brilhantissimo das tradições religiosas, na poesia d'um amor puro, e sancto. É a idealidade do sentimento representada na elevação poetica d'um caracter. Estas graciosas imagens, que apparecem rapidas na vida, que brilham como a estrella no céu, antes de offuscada pelos clarões da aurora, ou encoberta pelas asas da nuvem negra, pouco tempo resplandecem na sociedade em toda a sua innocência, — ou morrem para a vida, ou nascem para o mal!

Ismaél é um arabe, que sente polar-lhe nas véas sangue real; ardente e impetuoso, energico e ativo, tem desejos elevados, esperanças douradas, sonhos gigantescos: ama Ignez, e esse amor é para elle a vida; — ama como um arabe — não é amor, é devoção; é um sentimento exaltado, que lhe faz esquecer, e arriscar tudo; é um delirio d'alma que o eleva acima de todas as considerações, que o torna superior ás tradições de seus maiores, ás lembranças saudosas da patria. É um caracter poetico, sem deixar de ser natural. O arabe ama assim — deve amar assim; não pede ao christianismo o mysterio sublime de suas affeições, usa das imagens encantadas que viu na infancia, da poesia da crença, com que o acalentaram no berço, para explicar o sentimento profundo que sente dentro do coração.

Se o auctor nos não fizesse sentir o caracter ardente do arabe, a superstição do mahometano, de certo que confundido este com os outros personagens, fôra um homem ordinario, um christão como elles.

Abdul-Meleque é um caracter excepcional; é o typó da devoção supersti-

ciosa, da generosidade sublime. — Amava com todas as forças d'alma; o seu amor era um crime, deu-o ao coração como hydra que o devorasse. — A mulher, que elle amava como um anjo, que adorava como a Deus, cuidou que havia morrido: — elle viveu para o reconhecimento e para a vingança.

Depois de dezoito annos d'um acerbo padecer, d'uma dôr continua e implacavel, vê-a nos braços do homem, de que anceava vingar-se, mas Abdul-Meleque dá a vida por elle; porque, escravo d'esse amor inconcebível, quer poupar á mulher, que soube crear-lhe tamanho sentimento, um golpe que a mataria!

Quizeram comparar Abdul-Meleque ao Yaquoub de Carlos VII; — é buscar uma semelhança, que não existe.

Yaquoub mata o conde de Lavoyssi com a esperanza de fugir com Bérangère, fascinado por uma promessa que satisfaz os seus mais intimos desejos; — é um assassinato que lhe pesa no coração, mas é o unico passo que lhe assegura a felicidade!

Abdul-Meleque, dá a vida pelo rival, porque assim completa a felicidade da mulher que ama! — Qual dos dous sacrificios é mais sublime? Qual dos dous caracteres mais generoso? Que affinidade moral se pôde dar entre elles?

A resposta a estas perguntas é uma refutação victoriosa aos que pensaram semelhante absurdo.

O caracter de Abdul-Melque, apesar de bem desenvolvido e sustentado, difficilmente se encontraria na nossa sociedade; mas os costumes, a indole, a vida dos arabes contrastam tanto com nossos, que não se pôde dar uma comparação.

Existe tanta poesia naquella nação barbara; é tão habitual entre elles o sacrificio da vida, que não podemos notar neste personagem, exaggeração poetica. E o publico comprehendeu o alcance da nossa asserção — viu que esta figura vasada em bronze, dava ao grupo proporções maravilhosas!

Parece-nos que tem muitos pontos de semelhança com o caracter de Paulo na Theresa de Alexandre Dumas.

Resta-nos fallar do Corsario-vermelho: é, punge-nos dizê-lo, uma creação lastimosa; é um heroe de melodrama, sem ser logico no seu dominio magnético sobre os outros homens, sem possuir uma coragem rapida, e decisiva. — Depois de vermos este caracter desenhado como um anjo exterminador, como um homem a quem se curvam todos os homens, ficamos preparados para um acontecimento bem medonho, bem horroroso, bem terrivel, em que triumphe a sua coragem; e Ismaël resiste-lhe, incita-o, e a admiração, e raiva do Corsario, em vez de rehentarem como o travão, esgotam-se em palavras ôcas, em demonstrações banaes.

O auctor quiz exaggerar este caracter, torna-lo demasiadamente extraordinario sem pensar que o andamento da acção, e a logica do pensamento, lhe prohibiam dar o desenvolvimento, que a sua imaginação havia concebido.

Este drama com os caracteres tão magnificamente concebidos, não podia deixar de ter muita poesia no dialogo, grande copia de pensamentos bellos, de engenhosas imagens. O poeta soube dourar a sua obra com todo os prestígios do estylo, com todo o brillantismo d'uma prósa illuminada, e vehemente.

Tem duas scenas que valem muito pela execução, muitissimo pela idéa. — O reconhecimento da mãe, e da filha no 2.º acto, a conversão de Ismaël no 3.º acto.

O reconhecimento é logico — está na natureza; as lembranças da douda avivaram-se, as palavras que Ignez lhe diz, vão pouco e pouco destruindo a confusão de suas idéas, o chaos do seu pensamento, os intervallos lucidos succedem-se, e Leonor recupera a razão, e sua filha!

A scena da conversão é magnifica; não são dous entes que apparecem ao expectador, é a lucta de duas crenças; os per-

sonagens reaes transformam-se n'uma engenhosa allegoria. — E que pensamento delicado é apresentar a mulher fazendo a apologia do christianismo? Em verdade, a maior revolução operada pelo christianismo, foi a de arrancar a mulher á indifferença brutal, ao caprichoso desvario da civilisação antiga; — a crença que tem por base o amor, devia antes mostrar que a mulher é a companheira do homem, o complemento da sua existencia moral. E como Ismaél concebe a brutalidade da polygamia, a tyrannia atroz do homem dominado pelas vis necessidades da materia, quando sente que seria um prejuizo ao seu amor, um adulterio moral o lembrar-se d'outra! É uma scena, que só por si resgataria os defeitos que existem nesta composição. Estas duas scenas, foram todavia censuradas, como filhas d'uma inspiração lyrica, não podendo dar-se no drama.

Esta opinião teve desgraçadamente muitos partidistas, não imaginaram que estas scenas estavam intimamente ligadas com a acção dramática, que sem ellas, o enredo tomava uma outra direcção, o pensamento exigia outras formas.

E mesmo que assim não fosse, dar-lhe-hiamos em favor da nossa opinião, a auctoridade d'um escriptor, muito competente em materia d'arte — Mad. Staël, na sua obra sobre a Alemanha.

E seja-nos licito fazer a citação, que lança muita luz sobre algumas questões, que andam por ali tão accesas e disputadas: —

» Sans doute il faut prendre garde que
 » la marche progressive de l'interêt ne
 » puisse en souffrir; mais le but de l'art
 » dramatique n'est pas uniquement de
 » nous apprendre, si le héros est tué, ou
 » s'il se marie; le principal object des
 » évènements représentés, c'est de servir à
 » développer les sentiments, et les caractères.
 » Le poète a donc raison de
 » suspendre quelque fois l'action théâtrale
 » le por faire entendre la musique céleste

» de l'âme. On peut se recueillir dans l'art
 » comme dans la vie, et planer un moment
 » au dessus de tout ce qui se passe
 » en nous mêmes, et autour de nous.»

Este trecho absolve tambem o poeta de muitas inverosimilhanças; sacrificar a poesia dos affectos, a verdade dos caracteres ás formas mechanicas do drama, é sacrificar a alma ao corpo, a idéa á forma.

A combinação logica dos sentimentos, caracteres e acção, constituem a perfeição do drama; dizer que o auctor attendeu completamente a estes tres elementos, era fazer uma grave offensa á verdade.

E é este o seu defeito capital; absorvido em desenhar as figuras, em pintar os affectos, não pôde debuxa-los no quadro com propriedade de côres.

Um critico que olhasse só ás formas, seria inflexível e injusto, porque olhava o quadro só por um aspecto; nós não entendemos assim a critica.

Sabemos que o nosso povo, apprecia sobre maneira a disposição dos dramas francezes, e nem por isso deixamos de arrebatar-nos com a leitura de Schiller, e Goëthe, que tanto sacrificam a verisimilhança da scena, á deducção logica do pensamento, á verdade e poesia dos caracteres e sentimentos.

O auctor podia ter prevenido muitos defeitos, mas quando nasce a idéa na cabeça, e se traduz no papel com certas formas, querer depois evita-los, é perder tambem na composição muitas bellezas.

Julgamos ter feito uma analyse justa; a reflexão talvez abusasse do sentimento; a critica não consentia que nos lembrassemos da sincera amizade que consagramos ao poeta. Dramas como este, abrem um futuro ao nosso theatro, que quer tomar vida, e forças; o publico foi da nossa opinião, applaudindo-o com enthusiasmo.

11 d'Abril de 1845.

Lopes de Mendonça.

(J. D.)

INSTITUTO DE LITTERATURA E ARTE
DRAMATICA.

Sessão ordinaria de 28 d'outubro

A requerimento do Sr. João de Lemos o Instituto decidiu que houvesse uma sessão extraordinaria no dia 31 proximo especialmente destinada para a discussão da seguinte proposta.

1.º Que n'uma proxima sessão para esse fim especialmente convocada o Instituto se occupe de examinar a inconveniencia da abertura do Theatro Nacional de Lisboa com uma comedia de Mr. Alexandre Dumas, postostas assim muitas peças originaes portuguezas.

2.º Que depois d'este exame, e de votada, como julgo impossivel que não seja, essa inconveniencia, o Instituto publique pelo seu jornal a magua que sente ao ver assim postergados os direitos da arte e dos auctores, que o Instituto tanto deseja, e se desvela em aperfeçoar e proteger.

3.º Que se esta minha proposta não for adoptada, o que eu nem sequer ousa recear, haja ao menos o Instituto de a fazer publicar na sua integra, quando pelo seu jornal der conta ao publico dos objectos das sessões d'este anno.

Coimbra 28 d'outubro de 1845.

João de Lemos Seixas Castello-Branco.

Sessão extraordinaria de 31 d'outubro.

O Instituto occupando-se do 1.º art.º da proposta que o Sr. João de Lemos havia apresentado na sessão antecedente, julgou por unanimidade, que a inconveniencia da abertura do novo Theatro Nacional de Lisboa com uma comedia de Mr. Alexandre Dumas, postostas assim muitas peças originaes portuguezas, era de tal sorte evidente que nem admittia discussão.

N.º 15 —

O 2.º art.º foi igualmente approvedo, e para o levar a effeito nomeou o Instituto uma commissão, para fazer parte da qual foi escolhido por aclamação o Sr. João de Lemos; e discutido o parecer d'esta, concordou a final em exprimir o seu desagrado, pela seguinte declaração. —

O Instituto Dramatico de Coimbra tendo visto annunciada em alguns jornaes do Reino a abertura do novo *Theatro Nacional de Lisboa* com a representação d'um *Drama estrangeiro*, reuniu-se em sessão especial, e decidiu, *unanimemente* e sem discussão, manifestar no seu Periodico a magua que sentia ao ver assim preteridos, em favor de dramas e auctores estrangeiros, os dramas e auctores patrios a despeito de nossos nacionaes e litterarios interesses.

O NOVO THEATRO.

Singulière position que celle d'un logicien, dans notre société officielle....!

(*Feu! Feu! — Timon.*)

Ha factos cuja força de existencia é tamanha que não tem a philosophia argumentado que os previna, não tem a moralidade barreira que lhes corte o passo, não tem a opinião publica ferrolhos que elles não quebrem, não tem as letras clamor que os convergonho, e até o mais nobre dos sentimentos, o patriotismo, nem esse tem poder que os esmague!

Taes factos tem uma condição fatal; existem apesar de tudo, existem como o Judeu Errante porque a sua existencia é uma condemnação.

Mas esta necessidade de existir que ás vezes se manifesta na indole de um acontecimento liberta da imputação o seu agente visivel porque a imaginação, pasmada diante da magnitude da obra, compraz-se em lhe crear uma origem occulta: recorre-se á epocha e diz-se

que esse factó é uma feição do século ; recorre-se ao povo onde elle se consumiu e diz-se que esse factó é a definição do estado d'esse povo.

A explicação de muitos absurdos que a razão não comprehende está toda resumida nestas palavras — o século tem factos para todos os povos, e povos para todos os factos.

Este cunho de fatalidade faz emmudecer o espirito ; nem a analyse nem a synthese cabem neste caso porque ambas se degradavam ; resta apenas o recurso de archivar o factó porque o futuro póde ir á historia, deve lá ir, desenterra-lo, e julga-lo.

Não lhe poupar a sentença do futuro é para taes acontecimentos a melhor vingança do presente.

Abriu-se o Theatro Nacional Portuguez em 29 d'outubro de 1845 com uma comedia estrangeira!!!

Talvez se não devesse acrescentar mais nada, porque ali está dicto tudo, mas ha circumstancias que se não devem perder ; — são as roupagens da estatueta que a fazem parecer mais bella, que honram, que immortalisam ás vezes o cinzel do artista.

Nunca a litteratura portugueza teve os seus dominios dramaticos tão enriquecidos como hoje ; o auctor do *Auto de Gil Vicente* tinha pronunciado um maravilhoso *fiat lux*, e depois quasi que não se passou anno sem novo Drama, porque a voz do poeta achou echo em todos os angulos do reino. Havia portanto muitos Dramas portuguezes, e a representação de uma comedia *estrangeira* na abertura do Theatro Nacional foi, sobre offensa ao patriotismo, uma desnecessidade e um epigramma.

Quando houvesse empenho de ver e ouvir em a nova scena uma peça nova, podia o Conservatorio dar alguma das que tinha, e um mez de ensaios aturados

bastaria por certo a qualquer peça ; mas em ultimo caso havia muitas já representadas pelos mesmos actores que iam estrear o palco, cuja representação seria mais bemvinda que a de nenhuma *estrangeira*, ainda quando traga na frente o nome de *Mr. Dumas*.

E não se diga que uma peça boa, boa segundo a arte, é o que importa á arte e ao theatro embora seja d'este ou d'aquelle paiz ; não se diga isto, porque vale o mesmo que fallar da these quando se trata da hypothese. Os bons dramas pertencem a todas as nações, mas o nosso theatro pertence a Portugal, e a sua abertura devia ser uma festa de portuguezes ; depois lá lhe ficavam 364 dias para se pagarem essas homenagens a quem de direito pertencessem, se bem que, ainda assim, os nossos feitos, recordações, historia, costumes, e auctores deviam sempre entre nós ter o *primeiro logar*, se é que desejamos ter um logar na litteratura dramatica da Europa.

Posto isto, já todos os olhos, que foram feitos para vêr, devem descobrir que o maior nome de qualquer outra terra devêra, neste caso, ficar inferior ao mais humilde da nossa patria. E nós tinhamos um nome, ao menos um, que podia desafiar os melhores nomes estrangeiros : — conspirou-se tudo para que não houvesse uma unica desculpa !

Tambem se pertendeu que com uma peça *estrangeira* ficavam salvos quaesquer embaraços na escolha das nationaes ; pois aquelle nome portuguez não evitava todos os tropeços ? semelhante razão é impossivel que lembrasse a ninguem !

Na escolha não podia haver que receiar ; a posição do auctor de *Frei Luiz de Sousa* salvava quaesquer delicadezas pela sua superioridade ; — ninguem ousaria disputar-lhe primazias (*).

Preferiu-se porém dar ao mundo uma

(*) Foi o Senhor *Paulo Midosi Junior* quem teve a gloria de ser o primeiro a levantar a voz contra o modo desnacional porque o Theatro se ia abrir, seguiu-se o Senhor *Cascaes*, seguiu-me eu, que n'um artigo que publiquei na *Revolução de Setembro*,

Periodico dos Pobres no Porto, e *Coallião* emprazava o Senhor *Garrett* a que viesse junctar á nossa a sua voz forte e poderosa ; a razão que para isso tive era esta superioridade, e excepcionalidade de posição do fundador da nossa litteratura dramatica,

prova solemne do nosso, já proverbial, desamor ás cousas patrias, e calumniar de miserrima a nossa litteratura dramatica na propria epocha em que ella havia mostrado mais vida e mais vontade de viver; — foi um desgraçado pensamento.

Roubar assim aos de casa a gloria a que tinham direito; pagar com o desprezo as vigílias d'aquelles a quem deviam honrar; estender a mão ao estrangeiro para escarnecer da patria; vestir um opprobrio inutil só talvez para não despir um orgulho insensato! — foi uma vergonhosa acção.

E reconheceu-se esta vergonha, não ha duvida, porque o *sophisma* a que hoje por ahí se soccorrem é o phantasma da moralidade que ainda se não pôde esquecer de todo, e que de longe se ergue em pé accusador e terrivel: — ha virtudes que ainda quando ousamos insulta-las sempre lhe pagamos um tributo na desculpa; o patriotismo é uma d'estas virtudes.

Diz-se agora que o Theatro Nacional ainda se não abriu, porque a abertura de um Theatro não consiste no facto material, mas depende de uma ordem expressa e solemne. Se a philosophia empregasse esta logica nos seus trabalhos já teria resolvido os mais difficeis problemas, ainda que ficava depois tambem sujeita á contingencia de uma determinação posterior.

Um theatro tem um fim e é o das representações, este fim não é material posto que seja acompanhado de factos phisicos; a sua parte moral consiste no effeito que esses actos tem de produzir, e que necessariamente produzirão; uma vez dada a acção phisica dar-se-ha a moral, o theatro desempenhará o seu fim, e este não terá consistido no facto material; será a reunião das duas acções, phisica e moral, que darão em resultado — a abertura.

Os ensaios que tivessem logar no

Theatro novo antes do dia 29 d'outubro não eram uma representação, não eram o verdadeiro fim para que elle se havia edificado, e então o Theatro ainda se não tinha aberto, ainda faltava um elemento — os espectadores: mas logo que nesse acto complexo se deram todas as necessarias circumstancias para o consummar, o Theatro foi realmente aberto porque preencheu todos os fins a que se destinava, e preencheu-os pela primeira vez

Se a entrada para o edificio só fosse designada pelos bilhetes de favor caber-lhe-hia o nome de *função particular*, e, sem comtudo esquecer o mau exemplo que nella se dava, restaria apenas averiguar se o Theatro Nacional era um logar proprio para funções excepçoes; mas quando na segunda representação ficou patente ao publico aquelle direito que Boileau lhe estabeleceu, quando esse direito se vendeu á porta, quando a entrada ficou dependente da vontade do contribuinte, desapareceram todos os véus, caíram todas as mascaras, desvaneceram-se todas as escusas, e foi ao publico, foi á verdadeira platêa que o *Senhor Dumbichy* veio affrontar face a face.

Pôde uma portaria determinar que, apesar de tudo isto, o Theatro Nacional se considere aberto do dia tantos em diante; para os effeitos legais abrir-se-ha unicamente nesse dia, mas para a razão, para a verdade, para o positivismo quando é que se elle abriu? Quando é que o theatro estava *ringem* no dia 29 d'outubro ou no dia da data da portaria? As cousas são o que são, ou a vontade humana é que lhes determina a natureza? Qual é a portaria, qual é a ordem dos homens, nem de Deus, que pôde fazer com que não tenha acontecido aquillo que na realidade aconteceu? Em França, no meio dos espantosos delirios da sua revolução, appareceu um Decreto em que se declarava que não

porque essa posição matava todos os escipulos: mas em todo o caso a arena ficava livre a elle e a

todos, nem havia considerações que tolhessem a ninguém porque a questão não era de auctores, era de portuguezes.

existia o Ente Supremo, veio depois outro em que se reconhecia a sua existencia, e todavia nenhum d'estes *Decretos* mudou o facto: nem o primeiro aniquilou a Divindade nem o segundo lhe deu nova existencia. Se ha cousa que esteja acima de todos os esforços, que resista a todas as *ordens* é o passado:—o dia de hontem será sempre o que foi e ninguém fará que elle seja o dia de amanhã. Oh! se o homem pudesse recompor o passado que de remorsos não pouparia? Como elle iria lá aformosear as feições negras, repinta-las, bruni-las, amacia-las para que a consciencia se callasse! Que historia nos relataria um facto criminoso? Como saberiam os vindouros que o Theatro Nacional Portuguez se abriu com o *Senhor Dumbichy*? Mas como o passado é um rebelde indomavel, este acontecimento continuará intacto apesar de todas as *determinações*, por mais *solemnes* que ellas sejam, e os vindouros terão de cõr com o facto, e de se rir da *ordem inaugural*. Ha-de custar-lhes muito a crer, é certo, porque isso succeden até áquelles que foram testemunhas presencias; a razão recusa ceder á verdade quando topa com semelhantes phenomenos, cerram-se os olhos e diz-se —foi sonho; o auctor do *Senhor Dumbichy* conheceu isto quando disse:— «il y a des choses contre lesquelles la raison se révolte: on les a devant soi, sous la main, sous les yeux; on les regarde, on les touche, et l'on n'y croit pas.» Quem sabe se *Mr. Alexandre Dumas* já teria na sua *Pauline* preparado com providencia estas palavras para definir a *abertura* do nosso Theatro Nacional?! E definiu-a bem apesar da *preferencia* que lhe deram; todavia a *gratidão* aconselha a que elle risque essa verdade, que a apague em todas as edicções do seu bello romance.

Entretanto deve confessar-se que ao menos houve coherencia porque o novo theatro é um monumento de estrangeiros:—foi seu architecto *Il Signor Lodi*, seu dourador *Mr. Margoteau*, seu mar-

ceneiro *Mr. Dejeant*, seu esculptor estatuário *Il Signor Rosconi*, trabalhou nos ornatos em pedra *Il Signor Fideli Baldi*, nos ornatos em cartão *Il Signor Fornari*, foram pintores das scenas *Mr. Rambois* e *Mr. Cinatti*, vieram de França muitos estofos e arrebiques para o camarote real e para outros misteres, o lustre é todo ou quasi todo francez, não se encontram alli por toda a parte se não cousas estrangeiras que fõra fastidioso enumerar, e até a má sorte quiz que o panno de bocca viesse da *Italia* offerecido por *Il Signor Ferri*! A' vista d'isto que admira ver coroar a lista por mais um nome estrangeiro? Era uma consequencia, um resultado logico, porque uma cadêa de vergonhas não podia acabar senão com mais uma vergonha.

E o mais é que ainda nesta ultima foi incluída outra! O *Senhor Dumbichy* é uma comedia de moralidade ambigua; sobresaem entre os seus caracteres pouco escrupulosos um rei devasso, e um ministro libertino e caloteiro! Finalmente, nada esqueceu para que a *abertura* do Theatro Nacional, que devia ser uma lapide de recordações gloriosas, nada esqueceu para que fosse um marco de abominavel memoria.

E' magua que para *cobrir* tantas misérias se lembrassem dos nomes illustres de dous dos nossos melhores litteratos; os *Senhores Leaes — Mendes e Silva*; é magua porque a obra seria então ainda mais completa! Estes nomes é a unica cousa nobre e portugueza, o unico ouro que se pôde o deve salvar de toda essa mina de chumbo, de todo esse cardume de vilipendios!

Mas assim como os dous auctores permaneceram puros porque o seu coração permaneceu portuguez, assim tambem o baptismo dos seus nomes não lavou o peccado original á lastimosa *abertura* do novo Theatro; é uma pagina dos nossos dias a que ninguém pôde mudar a cõr,—será negra eternamente!

J. de Lemos.

UNIVERSIDADE.

(Continuado da Pag. 206.)

II.

Governo e Organização dos Estudos.

Mui escassas e incertas são as noticias acerca do governo, disciplinas, e practicas da Universidade nos primeiros tempos da sua fundação, e ainda por muitos annos depois, tendo-se perdido, como era natural que acontecesse, a maior parte d'ellas na obscuridade dos tempos, produzida pelo denso véo, que lhes lançaram cinco seculos e meio. Continuaremos contudo a dar aquellas, que do já mencionado manuscripto pudémos colher sobre tão interessantes objectos.

O Pontifco Nicolao IV na citada bulla de 5 dos idus d'agosto de 1290, entre outros privilegios, concedeu aos Estudantes e Lentes da Universidade, que por nenhum delicto podessem ser punidos por Juiz secular, e el-rei D. Diniz não só lhe mandou observar este privilegio, mas o acrescentou ainda mais, isentando-os tambem da jurisdicção secular nas causas civeis, como consta da provisão, que passou para se mudar a Universidade de Lisboa para Coimbra.

Em razão da dicta bulla principalmente por esta provisão se fundou a Universidade, quanto ao fóro, como meramente ecclesiastica. Isto deu occasião a se levantar uma grande controvérsia entre o Bispo e o Mestre-eschola da Sé de Lisboa; pretendendo um e outro exercitar jurisdicção na mesma Universidade. Poderia fundar-se o Mestre-eschola, em que a sua dignidade fóra instituída para mestre e regente dos estudos, donde se lhe derivou o nome, e em que nas Universidades de Pariz, Salamanca e Tolosa o Mestre-eschola era quem exercia esta jurisdicção: e porque alguns Lentes, e Estudantes da Univer-

sidade de Lisboa lhe não queriam obedecer, procedeu contra elles com censuras, e devolvendo-se esta causa por appellação á Metropoli de Compostella, da qual naquelle tempo era sufraganco o bispado de Lisboa, se julgaram validas as censuras.

Esta questão ainda devia pender no tempo, em que el-rei D. Diniz mudou a Universidade para Coimbra; por quanto na provisão, pela qual fez esta mudança, se acham as seguintes palavras — *et si escolares quisquam voluerit convenire... adeat eorum judices ordinarios, scilicet Episcopum, vel ejus Vicarium, seu Magistrum scholarum, si hoc noscatur ad suum officium pertinere*; porem não se sabe se continuou em Coimbra esta controvérsia: o que consta sómente é, que supposto o Juiz Conservador, ou Conservadores da Universidade não conheciam ao principio das causas criminaes ou civeis das pessoas da mesma Universidade, mas sómente eram dados para fazerem observar os privilegios, que el-rei lhes tinha concedido; com tudo por carta de 5 de janeiro de 1355, estando a Universidade em Coimbra, mandou el-rei D. Affonso IV a um dos Conservadores, que tomasse conhecimento de todas as causas dos Estudantes, e mais pessoas d'ella, quer fossem civeis ou criminaes, *intentadas civilmente*, no que não offendeu a bulla de Nicolao IV, que sómente as isentava da jurisdicção secular nas causas criminaes, mas foi contra o privilegio concedido por seu pae el-rei D. Diniz, e os Conservadores se foram introduzindo a conhecer tambem das criminaes, e veio a ficar a Universidade totalmente secular.

Ha bem fundadas razões para acreditar, que el-rei D. Diniz ordenaria para o governo da Universidade em Lisboa o mesmo que mandou observar, quando a mudou para Coimbra, isto é, que seria governada por dois Reitores Estudantes, pela maior parte, por isso que assim se vê practicado até o tempo d'el-rei D. Affonso V.

Tambem se pôde acreditar com bom fundamento, que mui limitadas eram as disciplinas, que na Universidade se principiaram a ensinar, e que não haveria nella mais cadeiras do que—uma de Canones, uma de Leis, uma de Medicina, que se chamava de Phisica, uma de Grammatica, uma de Logica, e uma de Musica. — A Theologia ensinava-se em algumas Sés, e Conventos de ordens religiosas, como fica dicto.

Poucos actos se faziam naquelle tempo, por quanto nelle, e ainda depois por muitos annos, para ser Lente, Juiz, Advogado, ou para outro qualquer exercicio de lettras, não era necessario fazer actos, nem ter grân algum, e bastava ser estudante, e por isso se acham muitas sentenças antigas proferidas por Juizes ecclesiasticos, ou seculares, que se nomeiam por *scholares* em Leis, ou em Degredos, ou Degreetaes, como naquelle tempo se chamavam os Canones. A primeira noticia, que se encontra dos actos, que se faziam na Universidade, é a que consta dos estatutos feitos em 1431, nos quaes se determina, que aquelle que tiver tres annos de estudos em qualquer faculdade, depois de ter estudado Grammatica e Logica, seja admittido a fazer umas conclusões, e mostrando por ellas, que tem bastante sufficiencia, o que raras vezes acontecerá (diz-se no manuscrito), se lhe dê o gráu de Bacharel, e não a mostrando, estude mais tempo, até se pôr capaz de receber este grân.

O que queria ser Licenciado, e Doctor havia de ler por quatro annos na Universidade sem salario, e acabada esta leitura fazia umas conclusões, que se chamavam repetição, porque nellas defendiam, ou repetiam todos os pontos, que tinham lido nos quatro annos; e

feito este acto eram admittidos ao exame-privado, em que liam duas lições de ponto, e se fazia este axame de noite. Se por elle o estudante se mostrava capaz do gráu de Licenciado, se lhe conferia, e dava licença para tomar o de Doctor. Isto mesmo se determinou depois pelos estatutos d'el-rei D. Manoel, e sômente accrescentou, que o Bacharel, que não tivesse lido na Universidade podesse ser admittido a fazer exame-privado de sufficiencia, e este lia tres lições em textos apontados de um dia para o outro, e acabadas as lições, se votava em Conselho sobre a capacidade do Bacharel, e assentando-se, que era capaz, o admittiam a repetir, e a fazer as dictas conclusões e exame-privado. Accrescentaram mais os dictos estatutos, que excepto os Philosophos, os mais não podessem ser admittidos ao gráu de Bacharel, sem terem cinco cursos provados, e que nos exames-privados se votasse por AA e RR, e penitencia (*); e em nenhuma faculdade se faziam mais actos nem por outra forma.

Ainda que as cadeiras eram poucas naquelle tempo, não faltavam Lentes na Universidade (isto é, mais propriamente fallando, pessoas que lessem), assim dos que queriam graduar-se de Licenciados, e Doctores, pois deviam ter antes os dictos quatro annos de leitura (o que se devia introduzir, para que houvesse mais quem ensinasse), como tambem de outros Lentes extraordinarios, que sem salario publico, vinham ler á Universidade, ou para mostrar a sua sciencia e se habilitarem para entrarem nas cadeiras ordinarias, ou porque os estudantes se consertavam com elles, e lhes pagavam o seu trabalho; pois sômente era prohibido ensinar fóra das escholas as sciencias, mas nel-

(*) Consistia a penitencia em ser o estudante, que fazia exame privado, obrigado a estudar ainda mais um ou dois annos, sem o que não podia receber o gráu de Doctor, posto que approvado ficasse nesse exame para receber o de Licenciado, havendo para isto duas rotações; a primeira para

a penitencia, da qual podia tambem ser absolvido, a segunda para a approvação por AA e RR. Esta disposição passou depois para os estatutos confirmados pelo Sr. Rei D. João IV por alvará de 15 d'outubro de 1659, e se acha no L. 3.º Tit. 39. §§. 23, 24, e 25, e Tit. 49. §. 2.

las era livre a todos, ao principio sem preceder exame algum, depois determinou-se que ninguem podesse ler na Universidade, e em faculdade alguma, sem primeiro ser examinado e approvado pelo Lente ordinario da faculdade, em que pertendia ler.

Taes foram os acanhados fundamentos d'este nosso edificio scientifico, e a pequenez, e imperfeição das suas instituições. Se nos recordarmos porem d'o que era o nosso Portugal na época da fundação da Universidade (pelos annos de 1289, ou 1290) attentado pelos males das guerras destruidoras, que fazia ou sustentava havia já tantos seculos com mui curtos intervalos de paz, e de mais a mais com os da guerra civil suscitada por mais de uma vez naquelle reinado, pelo filho contra o Monarca seu pae; se observarmos a tendencia d'aquelles povos para as pelejas que tornavam continuas, os seus habitos, seu character, suas leis, suas idéas mesmo ácerca da religião; devemo-nos admirar de que nessa época lhe raiasse já um fraco crepusculo da civilisação, e que tão distante ainda da invenção da arte typographica, fosse então, que se lançasse os alicerces a este honroso monumento da gloria litteraria da nossa Patria.

(Continuar-se-ha.)

(I. D.)

BIBLIOGRAPHIA ABBREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 208)

XXIII.

Ignacio Barbosa Machado, irmão do celebre e erudito A. da Bibliotheca Lusitana — Diogo Barbosa Machado; nasceu em Lisboa serviu varios logares de lettras, foi Desembargador da Relação do Porto, e academico da Academia da His-

toria Portugueza, e Chronista geral dos dominios ultramarinos: assaz instruido na Historia Portugueza. Compoz:

Factos politicos e militares da antiga e nova lusitania, em que se descrevem as acções memoraveis, que na paz e na guerra obraram os Portuguezes, nas 4 partes do mundo.

Lisboa 1745 — 1.º tom. em fol.

Não se imprimiram senão 280 pag. do 2.º tomo; nem seu A. fez os mais volumes de que devia compor-se esta obra, cujo argumento e fórma é o mesmo da obra precedente, com a differença, que no Anno historico, contem-se historia ecclesiastica, e nos Factos politicos não.

XXIV.

Antonio da Costa de Castello-Branco, natural de Lisboa, fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, e commendador, e Alcaide mór de S. Thiago, de Cacem, occupou varios postos na milicia do már e terra, sendo capitão de már e guerra, brigadeiro, e sargento mór da batalha, e achando-se em muitos sitios e expugnações de praças na guerra da successão de Hespanha, ficou prisioneiro na celebre batalha de Almanca. Restituído á patria foi nomeado inspector da Ilhas dos Açores e governador de Elvas. Teve bastantes conhecimentos da Historia genealogica e geographia, e das linguas — latina, franceza, italiana, não sendo hospede na hebraica. — Escreveu:

Memorias militares, pertencentes ao serviço da guerra, assim terreste como maritima. — Referem-se todas as operações politicas e militares de Portugal.

Lisboa 1740 — 8.º 6. vol.

Do 3.º tomo por diante é que se contem a Historia de Portugal. Sómente se imprimiram os 3 primeiros vol., os 3 ultimos ficaram completos por seu A. porem manuscritos

XXV.

O Padre D. Luiz Caetano de Lima, natural de Lisboa, clérigo regular da ordem de S. Caetano, ou Theatino, assaz versado no conhecimento das linguas franceza, italiana, grega, e hebraica, grande poeta latino, e instruido bastantemente na geographia, e na historia ecclesiastica, foi academico da Academia real da Historia Portugueza, encarregado de escrever na lingua latina a historia ecclesiastica do bispado de Vi-seu. Compoz:

Tablettes, chronologiques et historiques, des rois de Portugal jusqu'à l'année de 1716. Dedicés à son altesse royale monseigneur D. Emmanuel, infante de Portugal. Amstardam 1718. 8.º

Acham-se vertidos em portuguez na sua Geographia historica. É um catalogo dos nossos soberanos desde el-rei D. Alfonso Henriques, até D. João V, relatando os seus casamentos e filhos legitimos, e alguns acontecimentos da nossa Historia.

XXVI.

O Padre D. Antonio Caetano de Sousa Theatino natural de Lisboa, academico da Academia da Historia Portugueza, encarregado de escrever as memorias dos bispados ultramarinos, é um dos famosos escriptores da Historia Portugueza. Foi qualificador do Sancto Officio, e consultor da bulla da cruzada. Foi summamente versado na lição da Historia ecclesiastica e secular, o que mostrou na continuação, que fez do Agiologio lusitano, e projectando escrever uma Historia genealogica da casa real portugueza, revolveu com summo desvelo e deligencia o archivo real da torre do tombó, donde tirou copias de muitos diplomas, e monumentos originaes, que publicou nas Provas da mesma Historia, cuja collecção é a mais ampla de monumentos antigos, raros, que temos impressa, e que por isso é

reputada preciosa pelos estimadores da Litteratura portugueza. Além d'isto teve o seu A. á mão uma grande collecção de Ms. preciosos de Genealogia, e Historia, que se lhe franquearam das livrarias particulares, e muitas memorias e papeis genealogicos, que junctou com incançavel deligencia, sendo por estes motivos a sua Historia a mais solida, e abundante de noticias, tiradas das melhores fontes, e apuradas com um criterio magistral, que caracteriza o seu A. ao ponto de ser a sua Historia genealogica, na opinião dos eruditos, olhada como texto de decidir em pontos genealogicos, e a producção de mais merecimento, que saiu no seculo passado neste reino, acerca da materia que trata seu eruditissimo A.

Esta preciosa Historia não contem somente as genealogias seguidas dos nossos soberanos, de seus filhos legitimos, e bastardos, mas igualmente as genealogias das casas titulares, aparentadas, e descendentes da casa real antiga, e da de Bragança, e muitas noticias interessantes do successos da nossa Historia, que de balde se procurarão em outra parte. O tomo 4.º a que propriamente pôde dar-se o nome de Tratado da Heraldica real e Numismatica portugueza, contem a serie dos nossos reis, comprovada pelos sellos, moedas, e medalhas, cunhadas depois do estabelecimento da Monarchia portugueza, com os desenhos de suas effigies, e figuras primosamente abertos, a que junctou a copia de todos os tratados particulares sobre moedas, sobre valor de prata e ouro, que se tinham escripto até o seu tempo, e toda a Legislação portugueza, até ahí promulgada sobre o mesmo objecto.

Nos 6 volumes das Provas da Historia genealogica, torna-se esta tanto mais preciosa e interessante, quanto suas provas são mais authenticas e respeitaveis. Compoz:

Historia genealogica da casa real portugueza desde a sua origem até ao presente, com as familias illus-

tres, que procedem dos reis, e dos serenissimos Duques de Bragança, justificada com instrumentos, e escriptores de inviolavel fé.

Lisboa — 1735 até 1748. — 13 vol. em 4.º grande.

Provas da historia genealogica da casa real portugueza, tiradas dos instrumentos dos archivos da torre do tombo da serenissima Casa de Bragança, de diversas cathedraes, mosteiros, e outros particulares d'este reino.

Lisboa desde 1742 até 1748. — 6 vol. em 4.º grande.

Entre os documentos historicos (observa o A. da Bibliotheca Lusitana) o vol. 4.º d'esta obra, o mais estimavel pela sua antiguidade, é o seguinte que se intitula.

Livro velho das linhagens de Portugal, escripto no XIII seculo por A. que se ignora, publicado por D. Antonio Gaetano de Sousa, clerigo regular no anno de 1737.

Ao qual addicionou com algumas notas pela margem o insigne Antiquario Gaspar Alvares Lonsada, com outras o dicio Padre Antonio Gaetano de Sousa, que vão distinctas com as letras L, e S.

XXVII.

O Padre José Barboza, irmão de Ignacio Barboza, (n.º 23) e do Abbade Diogo Barboza Machado, Auctor da Bibliotheca Lusitana, por mim tantas vezes citada, nasceu em Lisboa. Deu-se, como seus eruditos irmãos, ao estudo da Historia portugueza, em que era summamente instruido, merecendo por esta qualidade, ser feito Chronista da serenissima casa de Bragança, e Academico da Academia real da Historia portugueza, que o incumbiu de escrever as memorias historicas do conde D. Henrique, e de seu filho el-rei D. Affonso Henriques. Foi grande orador, e insigne na poesia latina, em que escreveu elegantes versos. Compoz :

Catalogo chronologico, historico, genealogico critico das Rainhas de Portugal, e seus filhos. Lisboa 1727. — 4.º grande.

Principia na rainha D. Theresa e chega até á rainha D. Maria Anna, mulher de el-rei D. João V. Nesta obra se dá noticias dos paes, avós, visavós das Rainhas portuguezas, de seus casamentos e filhos, seus nascimentos e mortes; tudo averiguado com a mais depurada critica, e solido conhecimento da Historia.

XXVIII.

Francisco Xavier de Oliveira, natural de Lisboa, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e bem conhecido na Litteratura portugueza pelas celebres cartas familiares, historicas, politicas, e criticas, que imprimiu em Haia em 3 vol. em 12. Foi secretario do nosso embaixador João Gomes da Silva, conde de Tarouca, um dos nossos plenipotenciarios da paz de Utrek em 1713, em cuja negociação o acompanhou, e em que manifestou o seu grande talento, e conhecimentos politicos e historicos, em que foi insigne. Além de outras obras escreveu:

Memoires historiques, critiques et litteraires concernant le Portugal, et toutes les dependences avec la Bibliothéque des écrivains, et historiques, de ces états.

A Haie 2 tom. 8.º — não se imprimiram os vol 3.º, e 4.º que tinha promptos para a impressão.

XXIX.

Padre Manoel Monteiro, da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri, natural de Lisboa, academico da Academia real, insigne cultor da pureza da lingua latina; escreveu nesta mesma:

Joannes Portugalii reges ad vivum expresi.

Olissipone 1742: 4.º grande.

Consta de 5 elogios, de estylo lapidar,

muito extensos, relatando em cada um as principaes acções dos cinco reis de Portugal, que tiveram o nome de João, com os seus retractos.

Publicou os mesmos vertidos em portuguez. Lisboa 1749 fol.

XXX.

D. José Miguel de Portugal, marquez de Valença, nasceu em Lisboa em 1706, foi deputado da Juncta dos tres Estados, e academico da Academia real da Historia portugueza, teve bastantes conhecimentos da historia, da oratoria, e poesia, em que escreveu varias peças. Compoz:

Elogios das Rainhas, mulheres dos cinco reis de Portugal do nome de João.

Lisboa 1747. em 12.

XXXI.

O Padre Francisco José Freire, natural de Lisboa, congregado bem conhecido na nossa Litteratura pelas obras que publicou, com o supposto nome de Candido Lusitano, que são—a Poetica de Horacio traduzida e explicada, a Athalia de Racine, travada em verso solto, a vida do infante D. Henrique, e outras; teve summo engenho e grande gosto, e critico em humanidades, em poesia latina e portugueza, e todo o genero de erudição; qualidades que o farão sempre famoso na Historia litteraria de Portugal. Morren em 1773. Compoz:

Methodo breve, e facil para estudar a Historia portugueza, formado em umas taboas chronologicas e historicas dos reis, e rainhas, e princezas de Portugal, filhos illegitimos, duques, duquezas de Bragança, e seus filhos.

Lisboa 1748. em 4.º

São estimaveis estas taboas chronologicas, para principiar por ellas o estudo da Historia portugueza, especialmente para dar aos meninos as primeiras noções d'este tão necessario genero de erudição.

XXXII.

Damião Antonio de Lemos Faria e Castro, nasceu em Villa Nova de Portimão em 1715, foi cavalleiro da ordem de Christo, e familiar do Sancto Officio. Teve bastantes conhecimentos da historia, da oratoria, da poetica, da geographia, e da genealogia, de que deu provas nas varias obras que escreveu, pertencendo a este lugar a —

Historia geral de Portugal, e suas conquistas. Lisboa — desde 1786 até 1800. 17 vol. em 8.º

Chega até o reinado de Filipe II. Não obstante ser bastante vulgar, e seguida presentemente pelos curiosos, que querem adquirir algumas luzes da nossa Historia, devo dizer que o seu merecimento é diminuto, sendo o seu estylo difuso, empolado, desigual, e pouco conveniente a escriptura da Historia; a ordem não é melhor, e não consultou seu A. os monumentos que devia ter á mão para sair-se bem de semelhante projecto. A historia de Laclede, que corre vertida em portuguez é muito superior a esta, ainda com o desconto dos defeitos, que se lhe notam; e mesmo a que verteu Antonio de Moraes e Silva da historia ingleza, que corre em 4 vol. posto que muito resumida é mais bem escripta. Na parte competente fallarei d'estas duas historias geraes, que não lancei neste lugar por serem seus AA. estrangeiros.

XXXIII.

Padre Antonio de Figueiredo, natural da Villa de Mação, onde nasceu em 1725, congregado de S. Felipe Neri, famoso escriptor em todo o genero de Litteratura sagrada e profana, que tanto credito deu a Portugal pelas suas composições litterarias. Foi Deputado da extincta Mesa censoria, official das cartas latinas da secretaria de estado, e academico da Academia das Sciencias de Lisboa, bem conhecido pela composição do Novo Methodo, e Arte Latina, e

de outros opusculos, que demonstram ser seu A. um dos mais profundos filólogos, e criticos latinos do seu tempo; bem como se fez conhecer pelas suas obras ecclesiasticas da Analyse da Fé, Tentativa theologica, Tradução portugueza da Biblia, e outros diversos escriptos, que correm pela mão dos eruditos. Não teve primeira parte em as obras, que se fizeram no feliz reinado de el-rei D. José, sobre a abolição dos seus Jesuitas, e reforma da Universidade de Coimbra e dos estudos, em que tiveram parte em as obras que se fizeram tantos homens eruditos e alguns membros da Mesa de providencia litteraria, creada por alvará de 23 de dezembro de 1770, taes são o Compendio historico, a Dedução chronologica, a Moral relaxada jesuitica, os estatutos da Universidade de Coimbra, e as leis e providencias sobre a reforma dos estudos do reino, em que o Padre Antonio Pereira era consultado como oraculo. Não se sabe decidir lendo-se as suas obras, em que elle era maior; podendo com verdade afirmar-se que foi um varão insigne em Humanidades em que teve um criterio e gosto delicadissimo, profundo theologo, e assaz versado em todas as sciencias ecclesiasticas, tendo bastantes conhecimentos da Historia, e Antiquidades. Compoz:

Elogios dos Reis de Portugal em latim e portuguez.
Lisboa 1785. — 8.º

Começam no 1.º rei, D. Affonso I, e acabam em a rainha D. Maria I. É obra elementar ou puro resumo.

(J. D.)

O CID.

SOLAO.

Está sentado em seu throno
O seuhor rei de Leão,
Dom Fernando, o poderoso,
O valente capitão,
A fazer justiça aos povos,
C'os maiores da nação.

XXXIV.

Ha um excellente compendio da Historia portugueza ordenado para uso das eschololas da congregação do Oratorio da real casa de Nossa Senhora das Necessidades de Lisboa, que me parece proprio para dar aos meninos. Principia por uma breve descripção corographica do reino, incluindo as suas principaes cidades e villas, montes, rios, e o que ha de mais notavel neste assumpto, passando depois á Historia de Portugal, a que dá principio no conde D. Henrique, e segue até o reinado de D. Maria I. O seu titulo é o seguinte:

Instrucção de principiantes, e Novo Methodo de se aprenderem as principaes letras para uso das eschololas da congregação do Oratorio na real casa de Nossa Senhora das Necessidades, ordenado pela mesma congregação.

Lisboa 1750 e 1793. — 8.º

Nota-se que a 1.ª edição continua a historia até o principio do reinado de el-rei D. José, a 2.ª acaba no principio da regencia de D. João VI.

XXXV.

O Padre D. Joaquim de Azevedo, Abbade reservatorio de Sedevim, escreveu:

Epitome da Historia portugueza.
Lisboa — 1789. 8.º

É obra elementar. Dá principio á Historia de Portugal em o conde D. Henrique, e prosegue até parte do reinado de D. Maria I.

FIM DA 1.ª PARTE.

Porta dentro, espada á cinta,
Pesado lueto arrastando,
Trinta nobres escudeiros
Cabisbaixos vem entrando;
Vão-se, apoz elles, de damas
Duas alas avistando.

Eis ao cabo a mais formosa,
E tambem a maioral,
Esparsa a negra madeixa
Pelo seio angelical,
Estendendo a mão de neve
Para o diadema real.

A DAMA.

— «Eu sou orphã, senhor rei,
Orphã tua, e da nação,
Porque de espada na mão
Lhe guardou meu pae a lei.
Que meu pae é morto sei,
Vós o sabeis; negra dor!
— E a cabeça do traïdor,
Que sobre elle a mão alçou,
Que no chão morto o deixou, ...
Essa cabeça, senhor?!

Dona Ximena me chamam,
Filha do Conde Louzão,
Cujas memorias em vão
Todos presam, todos amam,
Vingança as cinzas reclamam,
Ninguem ousa de o vingar,
Que o matador foi Bivar,
Foi o Cid aventureiro;
Se fôras rei justiceiro,
O Cid havias matar.

Mas és mau rei, meu senhor,
Que apadrinhas um villão,
Que não quer dar-me razão,
A razão da minha dor.
Es mau rei, que ao lidador,
Que tem pendão e castello,
Que tem caldeira, e cutello,
Deixas impune viver;
E que a uma fraca mulher
Negas justiça por ello. »

EL-REI.

— «Dom Rodrigo de Bivar,
Ésta dama ves aqui;
Filha do Conde Louzão,
Orphã por amor de ti.
Por lhe dar satisfação
Cedes-lhe um castello? — «Não.»

— Em vingança de teu pae,
Mui bom filho, e mau vassalo,
Malaste o Conde Louzão;
A mim cumpre resgata-lo,
E dar á filha razão.
Das-lhe a tua espada? — «Não.»

— Rei sou eu, faço justiça;
Tu juraste-me o teu preito.
Se estender a minha mão,
Muito rei me cai sujeito.
Quatro villas, campeão,
A Ximena cedes? — «Não.»

— Cinco monarchas na guerra
Tributarios já fizeste;
Todos te deram razão,
Vida a todos concedeste.
E negas satisfação
A tão bella dama? — «Não.»

O CID.

— «Rei senhor, não arreceio
Tua senha, e podorio;
Deatro do meu alvedrio
Só eu tenho senhorio.
Alguem, que o negue; matei-o.

Rei, — cobarde não sou eu,
Que ferisse qual villão; —
Cravei ao conde Louzão
Um punhal no coração,
Porque traïdor me offendeu.

E que seja rei, ou papa,
Ou de Roma imperador.
Ou de dez mundos senhor,
Sajba eu que o vil é traïdor,
D'este ferro não me escapa.

— Filha do Conde Louzão,
Não te dou castello ingente,
Nem minha espada valente,
Nem uma villa sómente;
Pois não te devo razão.

Mas roubei-te a protecção,
O carinho do pae teu,
E dom Rodrigo sou eu;
Por não ser devedor teu,
De esposo te offerto a mão. »

E nas faces da donzella
Despontou meigo rubor...
El-rei, descendendo do throno,
Abraçou o campeador:
— «Dou-te mais oito castellos,
Generoso lidador. » —

E a mourisma nesse dia,
Durante as bodas reaes.
Sem temer de dom Rodrigo
As correrias fataes,
A vez primeira, d'um jacto,
Dormiu em seus arraiacs,

J. F. de Serpa.

(J. D.)

CANCIONEIRO PROVENÇAL.

No meio das guerras e perturbações do nosso seculo XIX um homem appareceu em França, cujos escriptos sublimes atravessaram incoguitos a torrente das idéas, sem que um bando lhes estendesse a mão para divinisa-los, outro para combato-los. O homem, de que tractamos, fallava de amores, e escrevia na lingua quasi provençal ou romantica, no idioma dos marseiheses. Passados os horrores da revolução um editor parisiense verteu em prosa, e publicou em lingua franceza as ricas balladas, e apaixonados versos do nosso poeta, que muito sofreram assim despidos da formosa, e gentil simplicidade do seu idioma original, mas ignorado.

Arrebatou-nos a leitura do livro, e de ha muito aguardavamos por uma temporada de remanso e socego, para entreter-nos com a versão em lingua-gem d'aquelles formosos rimances. Não ousámos faze-lo em verso; recevamos o contraste da nossa humilde copia com aquelle rico original. Va de barato em prosa, que ali aos retalhos fomos escrevendo a lapis, sentados nos alcantis do nosso Herminio, nas bellas tardes de agosto, á sombra dos robres gigantes da serra, ao lado de estrepitosos arroios, com a alma tão serena, que cada vez mais nos encantava a singeleza, e formosura do que liamos.

E antes de dizermos algumas poucas palavras acerca da vida do nosso auctor, copiaremos aqui o original de uma das balladas, onde pode ver-se a gentil simplicidade d'aquelles rimances.

Pêscadou dé la canétto,
Pêscharies-ti ma méstréssô?
Lan la,
Pêscharies ti ma méstréssô?
Si tu mé la pêschos vivo,
Ti darai quatrê cent liros,
Lan la,
Ti darai quatrê cent liros.

Si tu mé la pêschos mnérto.
Ti darai tout l'or qué puérto,
Lan la,
Ti darai tout l'or que puérto.

Pedro L** nasceu em Marselha em 1780, de paes abastados, que debalde quizeram fugir, pela sua moderação e isolamento ás denuncias fataes da revolução, que mais tarde veio alfim fulmina-los. O nosso poeta tocava a adolescencia quando a expedição de Bonaparte ao Egipto veio inspirar-lhe o amor das armas. Distincto soldado, foi prisioneiro dos Ingleses; e por lá se instruiu na leitura dos melhores poetas d'aquella nação. Trocado na paz de Amiens, voltou a Marselha, onde colligiu os restos da fortuna de seus defunctos paes. Foi alli que elle viveu a sua mais folgada e ditosa vida, sob o clima suave da Provença, á sombra dos balsamicos pinheiros d'aquellas montanhas, respirando o ar fino e salutar do paiz, e fallando essa linguagem expressiva e apaixonada, que a um canto do mundo tem atravessado os seculos. Foi alli que entre as Provenças mais bellas, escolheu para objecto de sua ternura a formosa Margarida, a quem dedicono todo o seu amor, toda a sua poesia. Foram os olhos travessos d'esta donzella que inspiraram ao trovador os seus primeiros versos. Mas os paes da sua amante oppozéram-se por tal forma ao casamento dos dous mancebos enamorado, que Pedro L** para evitar os tratos que davam a Margarida, ausentou-se do paiz natal, e foi alistar-se nas bandeiras de um corpo de Hussares. Fez as campanhas da Allemanha, Portugal, e Russia, regou com seu sangue Jéna, Smolensk, ganhou a cruz da Legião d'honra; e pelo regresso dos Bourbonns deixou o serviço, e voltou á Provença.

Trazia elle no coração uma esperanza toda viçosa: — como não se abrandaria a repugnancia da familia de Margarida ante o esplendor de tres campanhas tão falladas, e ante o honroso placar, que

encobria as suas recentes cicatrises? — Margarida, julgando-o morte, havia casado, e já tres lindos infantes brincavam innocentes no regaço maternal. O poeta, estava a pontos de succumbir em sua enamorada desesperação, victima de uma febre aguda, quando a nova do regresso de Napoleão da Ilha d'Elba, e uma patente de accesso, que o Imperador lhe enviou, vieram lembrar-lhe o expediente de morrer no campo da honra. Batalhou como um desesperado em Waterloo; mas pouparam-no as balas. Condemnado a viver, resolveu abandonar Marselha, onde a presença de Margarida lhe envenenava de ciumes o coração. Fixou em Pariz a sua residencia, onde se sustentou o resto de seus dias do rendimento de seu arruinado patrimonio, e da pensão da Legião d'honra.

O poeta não confiou ao editor francez as poesias que tinham relação immediata com os amores de Margarida, e com o seu nome. O que resta é todavia de sobejo formoso e original, para que se imagine a riqueza d'esse thesouro, que o trovador quiz que morresse consigo. O nome de Margarida não ficou portanto tradicional como o das Lauras, Leonores, e Cynthias; mas o nome do poeta atravessará os seculos como o dos Parnys, Tibulos, e Tetrarcas.

Gouveia 20 d'agosto de 1845.

J. F. de Serpa.

I.

O Abbade de S. Victor.

Os velhos muros de S. Victor encerravam outr'ora lá dentro muitas desenas de monges.

E o Abbade, que os regia, administrador de riquissimos feudos e regalias, accrescentava ao seu nome o titulo de Conde.

E o sangue dos principes corria nas veias dos Condes Abbades de S. Victor.

E o esplendor de seus habitos e equipagens era igual á elevação de sua jerar-

chia. Nas cerimoniaes religiosas usavam de murça e capuz; ninguém ousava disputar-lhes preeminencias, e quando os condes da Provença iam á caça, os Abbades de S. Victor eram os primeiros da comitiva; montavam soberbos cavallos, calçavam espora d'ouro, e sempre aos mais destros e brilhantes pagens, e cavalleiros d'aquellas eras se avantajavam.

E um d'estes Abbades, dava mais attenção ao meigo sorrir das donzellas, que ás rudes mortificações do claustro. E porque não, se elle era novo e gentil, e por cima da murça lhe ondeavam os elegantes anneis de seu cabello, que tão nedeos e louros por baixo do capuz se lhe escapavam? E bastas vezes deixava elle os seus bons religiosos a rezar matinas no côro, e ia-se ligeiro por ali fóra, a acossar a lebre nos prainos circumvizinhos, ou a caçar tordos pela vinhas das encostas; e ás vezes tambem, armado de flexivel cana, a surprender os peixes imprudentes ao longo dos rchedos, que circumdam a Abbadia. Mas o novel Abbade seguia de melhor grado outra natureza de caça, — caça que não tem pennas, nem escamas, como dizem os velhos jograis, e que voluntaria mais de uma vez deixava pendurar-se de suas palavras doces, de seus presentes dourados.

E ei-lo ali vai, n'uma alvorada, antes de sol nado, a correr a beira do mar. E ei-lo, prestes, parado em face de formosa donzella, que sentada n'um batel, estava remendando umas redes.

E a gentil pescadora tinha os olhos tão azues, como as ondas do peço, onde o azul do céu se reflectia; e a pelle mais alva que o nacar das conchas; e os cabellos tão louros como o linho dourado, que as zagalas costumam de fiar nas compridas soroadas de janeiro.

E o dom Abbade perguntou á donzella o seu nome; e a donzella disse timidamente: « Magdalena. »

E o dom Abbade junctou ao nome de Magdalena o epiteto de formoso, e perguntou-lhe de quem era.

E a pescadora abaixou as bastas pestanas de seus lindos olhos e disse: «Eu sou filha de João, o pescador do Sr. Abbade de S. Victor, e estou aqui recomendando-lhe as suas redes.»

E o conde Abbade continuou: «Eu sou o dom Abbade de S. Victor, de quem teu pae é pescador; vem comigo á minha Abbadia.» E como elle visse que a donzella hesitava, accrescentou:— «Tenho lá redes e anzoos de Veneza; leva-los-has a teu pae, da minha parte.»

E a rapariga ergueu-se, prendeu em terra o batel, e seguiu timidamente a seu galhardo amo e senhor. E o Abbade galgava as rochas com passos desiguaes, prestando attento ouvido ao ligeiro andar da donzella, que caminhava após elle.

Até que alfim chegaram á Abbadia. E ei-los a entrar na vastidão da abobada, que está contigua ao templo, mas que com elle não communica. Ao cabo da immensa nave solitaria ergue-se a estatua de S. Victor, todo armado em guerra. — Está o Sancto de lança em punho montado no seu corcel das batalhas. E cavallo e cavalleiro por tal arte estão acobertados de ferro, que não é para olhos humanos enxergar a materia de que são formados.

Um lado do vasto salão está fendido com esguias seteiras, que lançam escontra o mar. Sente-se por ellas o mugir das vagas; e vê-se a gaivota passar de espaço a espaço, brincando sobre as ondas, signal de vizinha tempestade.

Estende-se o outro lado, paralelo á igreja; e ao ponto que o dom Abbade ia entrando com a donzella, claro se ouvia o cantico sagrado dos monges, reunidos em côro.

E apenas os dous haviam entrado a abobada, e se havia sobre elles cerrado a porta; eis que o conde Abbade se vira rapidamente escontra a pescadora, apertando-lhe as delicadas mãos entre as suas, a dizer-lhe:

— «Magdalena! Magdalena! que te trouxe aqui para tu me dares o teu co-

ração; que nem anzoos, nem redes tenho para teu pae, mas anneis e preciosos colares para ti, se me escutares, e attenderes; se attenderes e escutares o conde Abbade de S. Victor, teu amante!»

E então foi o estremece da coitada, ao ver d'um jacto o mal que lhe vinha proximo; então foi o descorar subito d'aquella face, ora branca e palida como as lages marmorias do pavimento.

— «Oh! não, meu senhor, não! Deixae-me como estou, e não me deis colares, nem anneis preciosos.»

E o mancebo nada ouvia; apertava-a contra o peito, e fazia por senta-la á viva força no banco de pedra, que, defronte da estatua de S. Victor, avultava ao cabo da nave.

— «Oh! não abuseis assim da força; não abuseis da innocencia de uma pobre donzella! Olhae o canto dos vossos monges. Que as preces, que elles elevam ao Senhor Deus, vos convertam ao vosso dever!»

E o dom Abbade cada vez ouvia menos; — nem o cantico dos frades, nem o bramir das ondas, nem o ruido confuso dos ventos, que atravez das seteiras sibilavam, e que Magdalena invocava em sua desesperação.

— «Deus vos amaldiçoará, senhor Abbade. — Virgem sancta, accodi-me.»

E a donzella martyr lançou ao acaso uma olhadura para a estatua de S. Victor. E os olhos da donzella encontraram os olhos do sancto, a scintillar de furor por entre a greva da viseira de ferro.

— «Grande senhor S. Victor, vinde salvar da vergonha e da deshonra uma pobre donzella!»

E a pobre donzella viu o guerreiro sancto brandir a sua lança, puchar para si as redeas do ginete, e enterrar-lhe a espora nos flancos. E ella cerrou os olhos para não morrer d'esta visão. E troou-lhe nos ouvidos o galopar de um cavallo sobre as lages do pavimento. E sentiu faltarem-lhe de subito os braços

do joven Abbade, que mais não aper-tavam seus membros flexiveis . . . — E quando a coitada abriu os olhos, achou-se assentada na sua barca, ao pé das redes de seu pae, o velho pescador da Abbadia.

E ella quiz por um instante acreditar, que acordava d'um pesadelo horroroso; quando o funebre dobrar descompassado dos sinos da Abbadia veiu ferir-lhe os ouvidos. E ella correu para as filhas dos pescadores, suas companheiras; e as filhas dos pescadores lhe disseram que aquelle dobrar era ás exequias do conde Abbade, que apparecera estirado sem folego de vida no pavimento da nave de S. Victor. E ellas deitaram todas a caminhar para a grande nave com os demais vassallos da Abbadia. E o logar, onde se erguia a estatua de S. Victor, estava vazio. Devisavam-se apenas impressos no marmoreo pavimento os signaes das ferraduras do cavallo, ao correr do vasto salão.

E desde então para cá não ousam as donzellas d'aquellas cercanias fiar-se mais nas palavrinhas meigas dos Abba-des de S. Victor; que sabem ellas de cór e argumentado o conto da Magdalena; e já lá não tem a estatua armada sua defensora; que desappareceu desde essa era, sem jamais ser possível encontra-la.

(Continuar-se-ha.)

NOTAVEL PHENOMENO PATHOLOGICO(*).

Ha na freguezia de Barqueiros, Con-celho de Barcellos, uma mulher cha-mada Maria de Jezus, de idade de 39 annos, solteira, que padeceu por espa-ço de 14 annos dores fortissimas, umas no ventre, outras no estomago, as quaes minoravam depois da ingestão de ali-mentos. Não tendo obtido alivio apezar

(*) A exposição deste facto, foi remetida a esta redacção pelo Sr. Bento de Freitas Soares.

Nem dos proximos numeros apresentaremos algumas observações a este respeito.

dos medicamentos, que por varios fa-cultativos lhe foram applicados, recor-reu a um pharmaceutico que lhe fez tomar certa bebida, da qual não sabe senão que era muito amarga. Quinze dias depois (no dia 25 d'agosto de 1845) principiou a lançar alguns ossos juncto com as materias fecaes, e desapparece-ram os sens incommodos. Só passados tempos se lembrou de conservar os ossos que ia lançando, e no dia 22 de setembro d'este anno pude eu conse-guir que ella me apresentasse os que conservava. — Contei 137 pequenos, e neste numero estavam 14 pequenas ver-tebras bem formadas, uma tibia que-brada, 3 costellas, muitas phalanges, as extremidades superiores de dous fe-mores em que eram distinctas as cabe-ças e os grandes trochanteres, alguns ossos largos mui delgados, alguns com angulos cartilagineos, e muitos outros ossinhos que não tinham forma que os tornassem conhecidos. Entre estes o mais notavel era um, que se asseme-lhava muito a uma ampulheta, e que tinha sido lançado no mesmo dia em que os ossos me foram apresentados,

NUNCA!

Virgem bella, cujo nome
Murmura o peito em segredo,
Como a linfa que suspira
Nas entranhas d'um rochedo:

Ah! donzella, se quebrando
Essa tão dura aliuvez,
Da hô a ao menos soltasses
Um espiraçoso — talvez —!

Porem nunca! . . . nem um dia
Uma só hora, um momento;
Nem um ai, nem um suspiro,
Nem sequer um pensamento! . . .

Mas nunca! se esta palavra
Inventaste, Ser Eterno,
Se tal abysmo creaste,
Porque fizeste o inferno?

A. Lima.

Inserimos em o nosso jornal o Relatório sobre o estado da instrução publica em Portugal, fructo dos trabalhos do Sr. Dr. Jeronymo José de Mello, e por elle apresentado em conferencia geral do Conselho superior em 28 d'outubro d'este anno.

Tem por fim este relatório dar a maior publicidade aos actos do Conselho, patentear o espirito que o dirige, o progresso da sua administração, e influencia dos seus trabalhos, direcção e inspecção geral sobre a instrução publica do reino.

Ver-se-ha por elle o estado actual do ensino e educação publica entre nós, o quadro de seus principaes estabelecimentos, progressivos melhoramentos d'estes e reformas de que ainda precisam.

Temos as mais fundadas esperanças nesta util instituição, é o centro de toda a instrução, e uma comissão permanente que o Governo consulta sobre todas as questões do ensino publico.

Crêmos que muito conviria ampliar mais as attribuições d'esta corporação. Desejaramos que não fosse simplesmente uma comissão consultiva e administrativa, mas numa assemblêa deliberativa sobre todas as questões de sciencias e artes.

Quizeramos que o Conselho superior se constituísse em uma verdadeira Academia; que as suas conferencias geraes fossem mais de duas no anno, que nellas se desse noticia de todos os descobrimentos notaveis, e examinassem e discutissem memorias e theses sobre os differentes ramos de sciencias e artes.

Os Vogaes extraordinarios, os Professores da Universidade, e dos outros estabelecimentos scientificos do reino podiam dirigir os seus trabalhos ao Conselho, e este fazendo-os examinar por comissões especiaes, dar o seu parecer sobre o merecimento d'elles. D'este modo creava-se uma nobre emulação, que

seria fonte das melhores habilitações scientificas, e a missão do Conselho tornava-se ainda mais nobre, mais elevada, mas solemne e mais util á instrução publica.

RELATORIO DO CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PUBLICA.

Senhores

Em sessão de conferencia geral de 19 de dezembro ultimo, dando alguma idéa do estado de instrução primaria, e dos trabalhos respectivos preparados por este Conselho, disse eu na qualidade de relator da 1.ª secção — que se achavam affectos ao Governo de Sua Magestade, além do regulamento interno do Conselho, um regulamento geral para as eschololas normaes, especialmente as de Lisboa e Porto, outro para administração das eschololas primarias, um projecto de Selecta classica preparado por um dos vogaes d'este Conselho; que se havia distribuido pelos vogaes extraordinarios, em harmonia com o pensamento da lei, programmas para a composição de livros elementares indispensaveis ao methodo, e regularidade no ensino; que se procurava obter a estadística, senão exacta; a mais eproximada das eschololas primarias no Continente, e a das Ilhas adjacentes, de que tudo até agora se ignorava no Conselho; e que este havia proposto ao Governo de Sua Magestade a necessidade de nomear logo Commissarios d'estudos em todos os Districtos para se occuparem da inspecção das eschololas, organisarem a estadística d'ellas, tão necessaria, e conduzirem gradual e progressivamente o movimento das eschololas por direcção uniforme e regular.

O regulamento interno do Conselho, cuja approvação requeria alguma sanção do tempo e da experiencia, como é de razão tratando-se de regular a marcha d'uma instituição nova e complexa, não tardará.

O das escholae normaes vai em breve ser applicado á primeira instituição d'este genero, logo que terminem os trabalhos materiaes que para esse effeito o Governo tem disposto na Casa Pia de Lisboa. — Este primeiro ensaio, e porventura algum outro de genero differente farão decidir, pelos resultados practicos, qual dos systemas hoje adoptados no mundo civilisado para formar Mestres deva ser preferido entre nós.

O regulamento geral da administração das escholae primarias aguarda ainda o resultado d'instrucções provisórias, que o Conselho tem transmittido ás mesmas escholae por via de seus Delegados.

Approvada pelo Governo a collecção d'excerptos dos nossos classicos, em breve sairá dos prêlos d'esta Universidade para servir d'instrucção, e educação á mocidade.

Em resultado dos programmas distribuidos aos vogaes extraordinarios do Conselho tem a secção recebido apenas um projecto de compendio de Chorographia do Sr. Dr. Antonio Luiz Henriques Secco. Mas por esta occasião não pôde deixar de mencionar com satisfação um compendio de Geographia para escholae primarias, preparado pelo Sr. Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, e offerecido pelo mesmo a esta secção, a que não estava incorporado: acha-se hoje impresso, e auctorizado para uso das escholae este livro elementar.

Tem o Conselho recebido os primeiros trabalhos estadisticos dos Districtos insulares; muito importantes trabalhos dos Governadores civis de Beja e Castello-Branco; e aguarda os de todos elles que se exigiram em circular do 28 d'abril ultimo.

De Commissarios d'estudos ha por agora unicamente nomeado o do Districto de Braga. O escrupulo e circumspecção, com que deve proceder-se em materia de tal transcendencia; a difficuldade tambem de encontrar ho-

mens devotos da instrucção, que pelo tenue ordenado prescripto na lei queiram encarregar-se de missão tão laboriosa e complicada, retardarão por algum tempo as nomeações que o Conselho tão anciosamente deseja.

Cuidando incessantemente dos melhoramentos da instrucção tem o Conselho preparado, e remetido ao Governo outros trabalhos regulamentares, já communs a todos os ramos, ou especiaes para a instrucção primaria. Entre elles devo apontar — Um plano para a organização das escholae primarias em 2.º gráu — Instrucções especiaes para regular os cursos de habilitação ao Magisterio na Universidade — Um regulamento para os vencimentos, descontos, jubilações, aposentações, e processo de folhas dos Professores e empregados da Instrucção — Circular aos Delegados do Conselho sobre a devida execução do art.º 32. e §. unico da lei de setembro de 1844 — Circular aos Commissarios contendo as instrucções sobre a execução de seus deveres e attribuições — Circular aos Professores d'ensino mutuo sobre a practica das lições nocturnas para o ensino dos adultos — Regulamento para as habilitações dos Professores d'ensino primario; e instrucções para uso dos mesmos Professores nas escholae.

A seria e pausada meditação, que deve constantemente presidir a trabalhos d'esta ordem, não permite que elles sejam de prompto approvados e publicados, por não lhes correr o risco de emenda-los com frequencia em prejuizo do ensino, e da força moral que deve constantemente vigora-los.

O Conselho tem tido seriamente a peito collocar as escholae em edificios publicos, bem convencido da utilidade da medida. Por em quanto só se acham assim estabelecidas todas as de ensino mutuo, e raras de ensino simultaneo. Encontra neste ponto resistencias, seja da falta de edificios publicos em muitos Concelhos, ou já da falta de meios nas

municipalidades para repararem alguns que existem. Não desiste porém do seu proposito; e espera conseguir muito da intelligencia e zelo dos Governadores civis, para que tem ultimamente appellido.

Alguns livros elementares d'instrucção primaria tem sido submettidos por seus AA. ao juizo do Conselho. Escolhendo alguns d'estes, e outros que no mesmo genero se achavam publicados, espera o Conselho poder formar uma collecção comprehensiva de todos os ramos da instrucção popular para interinamente se usarem nas eschololas, em quanto não apparecem obras mais perfectas, como é d'esperar do genio portuguez, e da vigorosa impulsão dada aos estudos pela reforma litteraria.

As provas offerecidas pelos Professores nos exames de concurso ás cadeiras vagas não tem satisfeito em geral ao Conselho. Com raras excepções, mais frequentes nos Districtos insulares, apenas se podem julgar Oppositores habilitados para eschololas parochiaes do campo, em que se pôde julgar sufficiente, instrucção menos subida. O Conselho, esperando Professores melhor qualificados em resultado das eschololas normaes, tem provido interinamente muitas cadeiras por não privar completamente os povos de toda a instrucção elemental.

Base de toda a educação intellectual, meio indispensavel da ordem e da estabilidade social, ponto de partida para todas as carreiras, occupações, e cargos publicos — a instrucção primaria tem por isso merecido os maiores desvelos d'este Conselho. Mui longe está ella ainda do grão de perfeição, a que tem chegado em outros povos, que foram adiante de nós na civilisação; mas com perseverança, zelo, e actividade da parte dos empregados, e vigorosa protecção da parte do Governo, não tardará que tenhamos Professores condignos da alta missão, que lhes incumbe; e alumnos preparados com a educação litteraria conveniente ás diversas posições sociaes.

O numero das eschololas publicas no continente, sustentadas pelo Estado não excede ainda a 4:116: algumas tem sido transferidas para locaes mais convenientes; e tem-se provido outras que de ha muito estavam vagas. São 4:075 do sexo masculino, e 41 do feminino: 4:058 do methodo simultaneo, e 47 do de ensino mutuo, havendo 16 d'estas em exercicio, e frequentadas por 2:756 discipulos. Nas Ilhas ha 73 eschololas primarias com a que ha pouco se creou na Ilha do Corvo: 5 de ensino mutuo, 68 d'ensino simultaneo; 3 d'estas, e uma d'ensino mutuo são eschololas de meninas.

Acham-se as cadeiras distribuidas pelos differentes Districtos administrativos na forma que segue:

No Continente

Aveiro	68
Beja	43
Braga	76
Bragança	56
Castello-Branco.	49
Coimbra.	70
Evora	28
Faro.	29
Guarda	92
Leiria	41
Lisboa	144
Portalegre	41
Porto	84
Santarem	52
Vianna	45
Villa Real	69
Vizeu	129
	<hr/>
	4:116

Nas Ilhas.

Angra	30
Funchal.	14
Horta	9
Ponta Delgada	20
	<hr/>
	73

D'estas cadeiras insulares 48 são pagas pelos rendimentos das Confrarias, e duas conjunctamente pelas Confrarias e Thesouro publico.

Ha no continente 4:084 eschololas par tieulares, sustentadas em geral pelo

alumnos, com poucas excepções d'algumas instituidas por legados; e outras creadas e sustentadas pela beneficencia particular. Nas Ilhas, aonde se tem seguido a practica (digna de ser imitada) d'applicar á instrucção primaria os sobejos dos rendimentos das Confrarias e Juntas de parochia, ha proporcionalmente maior numero d'escolas particulares; não podendo ainda designar-se o numero total, por faltarem alguns elementos estadísticos. O numero d'alunos frequentando as escolas publicas no continente pôde hoje calcular-se aproximadamente em 45:500 pelo augmento de concorrência experimentado principalmente nos Districtos de Beja e Castello-Branco, devido aos effeitos da persuasão dos Governadores civis respectivos. Neste numero entram 1:641 do sexo feminino. As escolas particulares são frequentadas por 18:776 alumnos d'ambos os sexos.

Nas Ilhas poderemos dizer que não é proporcionalmente inferior o numero, segundo as noticias vagas, que temos recebido; faltam porem ainda os mappas estadísticos que deveriam ter chegado.

Avaliada em 3.412:500 habitantes a população do Reino no Continente, segundo os ultimos trabalhos estadísticos; e sendo 64:276 o numero total dos alumnos na instrucção primaria; a proporção dos alumnos com a população total é aproximadamente como 1 para 53. Donde se pôde inferir que vai progressivamente crescendo a *intellectualidade* nacional; porque ha poucos annos a proporção pelos calculos estadísticos estrangeiros era a de 1 para 88, e no anno findo era o nosso calculo de 1 para 55.

Feito o calculo em relação á população das Provincias dá em resultado:

Traz os montes 1 para 43
Beira 1 » 50
Miúdo 1 » 43
Alem-Tejo 1 » 75
Algarve 1 » 92
Extremadura 1 » 83

Mas comparando o numero d'alunos com o d'individuos de 7 a 15 annos, em idade e circumstancias de frequentar as escolas, desapparece a grande desproporção; para ficar reduzida a mais justo valor, formando-se um calculo aproximado pelos poucos esclarecimentos, que até agora tem chegado á Secretaria do Conselho. É certo que o sexo feminino se acha ainda muito desfavorecido; e pôde offerecer-se em prova o Concelho de Povoia de Varzim com 3:000 meninas de 5 a 12 annos, e d'estas apenas 110 applicadas á instrucção elementar.

Traz os montes, Beira, e Minho são pois as Provincias, onde a instrucção primaria é mais frequentada. Igualmente são as que tem mais habéis Professores, e as que offerecem mais concorrência ás cadeiras vagas. As Provincias de Extremadura, Algarve, e Alem-Tejo tem-se feito notaveis neste ponto pela difficuldade de achar mestres, pela insufficiencia d'estes em geral, e o pequeno numero de discipulos.

Neste ramo d'instrucção somos ainda inferiores aos Estados Unidos Americanos, á Prussia, Baviera, Reino Lombardo-Veneziano, Hollanda, Inglaterra, Austria, França, e Suissa; e superiores por ventura unicamente á Russia e Polonia, se acreditarmos os jornaes de Estadística.

O numero de Professores d'instrucção primaria é igual ao das escolas; se exceptuarmos as d'ensino mutuo, em que ha demais um Ajudante para cada escola, e alguns substitutos creados por impedimento dos proprietarios. Nem o nosso systema d'instrucção admitta a congregação de avultado numero de alumnos, que exija em geral mais d'um Professor por escola; nem a frequencia actual o consente nas escolas d'ensino simultaneo.

A despeza total da instrucção primaria no Continente, paga pelos cofres do estado, anda por 103:943324 r. Nas Ilhas a despeza publica não excede a

5:851\$996 r.º, sendo uma parte da despesa paga pelas Confrarias em numero, ou generos cereaes.

Comparada a despesa da instrucção primaria entre nós com a frequencia das eschololas, fica a despesa de cada alumno por 2\$285 r.º annuaes, muito superior á d'outros paizes, mórmente da Hollanda, Austria, e França, não obstante o serem maiores os lucros dos Professores naquelles estados. A differença reconhece por causa a menor frequencia das eschololas, e é por este motivo que o Conselho se não tem deliberado a propor por ora creação de mais eschololas, não ignorando que o numero actual d'estas deverá quadruplicar-se afim de diffundir a instrucção, e levar-se ao ponto em que se acha n'outros povos. Hanover com um e meio milhão de habitantes conta 3:426 eschololas: a Silezia com 2 milhões conta hoje 5:248.

Tambem é digna da maior attenção a enorme despesa que pésa sobre o Thezouro pelo systema adoptado entre nós da sustentação das eschololas; e continuando assim é de receiar que a multiplicação d'ellas exceda muito as forças da fazenda publica. O Conselho porem aproveitando a practica d'outras nações; e, talvez melhor, applicando ao Continente o que actualmente se pratica nas Ilhas, não deixará de propor depois de repousada meditação algum alvitro, que possa conciliar as necessidades da instrucção com a escacéz dos meios publicos. Os ultimos esclarecimentos a este respeito enviados pelos Governadores rivis em cumprimento de ordens d'este Conselho serão aproveitados como base de propostas ao Governo de Sua Magestade.

Tal é, Senhores o estado actual da instrucção primaria no Reino e Ilhas adjacentes. Não é elle plenamente satisfatorio, se o comparavos com o incremento progressivo experimentado em povos, que reconhecem a instrucção como a base da organização das sociedades modernas, e principio elementar

da força dos Governos; mas confrontado com a decadencia anterior a 1834 é innegavelmente um estado de melhoramento sensivel, e abonada fiança a um futuro elevado.

O Conselho procura desveladamente levar a instrucção primaria a muitas parochias, que ainda não conheciam os seus beneficios. Até agora tem feito a transplantação d'algumas eschololas pouco frequentadas para sitios mais populosos, respeitando em todo o caso as necessidades locaes. De futuro, quando a força da lei, e os meios da persuasão produzirem o desejado effeito do desengano das classes laboriosas, até agora omittas na instrucção e educação de seus filhos, a instrucção primaria será levada á porta de todos; porque todos d'ella carecem para acudir ás necessidades da vida.

(Continúa)

A ASTRONOMIA.

Costumados desde o berço á linguagem exacta, que o aperfeiçoamento das sciencias tem creado, bebemos com o leite as ideas, que nossos avós só adquiriram após muitos annos gastos na observação continua da Natureza; e o habito de receber estas ideas destroe em nós as illusões dos sentidos, que por muitos seculos obstaram ao descobrimento da verdade; e insensivelmente as abraçamos, sem mesmo conhecer o valor de sua descoberta. É só mais tarde que uma meditação mais profunda nos faz admirar, por um instante apenas, os resultados a que a intelligencia humana tem chegado. É quando nos não damos ao trabalho de seguir passo a passo o andamento progressivo do espirito humano na indagação da verdade, quando nos esquecemos de que precederam o nosso seculo muitos seculos de observações e experiencias, sem razão estranharmos a ignorancia antiga, de que temos provas nos principios erroneos então

adoptados; não attendemos a que essas erradas theorias e esses systemas extravagantes são pela maior parte de mais merecimento, e attestam melhor o talento de seus AA. do que na época actual muitas theorias bellas e verdadeiras.

Na historia das sciencias vemos frequentemente seguir-se a uma admiração cega um desprezo injusto; os systemas de muitos homens celebres recebidos ao principio com admiração, e adoptados cegamente pelos contemporaneos, foram depois olhados com desdém e caíram em completo esquecimento. Ptolomen tornou celebre o seculo, em que viveu, pelos serviços que prestou á Astronomia, Geographia, Optica, Musica, Chronologia, Gnomonica e Mecanica; seus trabalhos revelam um espirito vasto, e dão-lhe um logar distincto na historia das sciencias. Deve-se-lhe um systema astronomico, que por quatorze seculos foi seguido no Egypto, e dominou na Europa e na Arabia até o seculo XV.

Mas depois que os grandes trabalhos astronomicos da Europa substituiram o systema da natureza ao de Ptolomeu, mudou inteiramente a sorte d'este grande astronomico; a admiração dos homens por seus trabalhos e talentos o havia elevado muito, para depois o abater ainda mais a injustica d'elles; foi accusado injustamente de se haver appropriado das descobertas de seus antecessores; e sua reputação teve a sorte d'Aristoteles e Descartes.

É de summa vantagem o estudo do aperfeiçoamento successivo das sciencias. Por elle, não só se avalia a ignorancia do homem em quanto não cultiva o mais sublime dos dons, com que o dotou a natureza; mas tambem se conhece a maneira porque procedeu o espirito humano na indagação das verdades, os obstaculos que teve a vencer, o modo porque saiu victorioso, e a gloria que resultou aos auctores das descobertas, que fizeram nas sciencias suc-

cessivas revoluções. Semelhante estudo não pode deixar de interessar a todas as classes da sociedade, e crear nellas o verdadeiro amor da gloria.

Se hoje apparecesse sobre a terra repentinamente formado um homem, que, sem haver passado pela infancia, fosse já capaz de discorrer com acerto, qual não seria o seu espanto ao contemplar o vasto e magestoso quadro do Universo! Quer estivesse no campo, no deserto, nos bosques, no mar, em qualquer canto do mundo; quer o alumiasse a luz do sol, ou o clarão da lua sob o manto azul da abobada celeste, cravada de infinitos pontos luminosos; desde logo reconheceria a existencia d'um ente supremo, a intervenção d'um braço poderoso na formação de obra tão portentosa! E se então viesse um Philosopho declarar-lhe os resultados das sciencias, sem lhe mostrar a vereda por onde se haviam obtido, de certo o julgaria inspirado pelo Auctor da natureza, e teria difficuldade em acreditar, que a tanto se pudesse elevar o entendimento humano.

Subiria ainda a mais alto gráo o seu espanto, se um astronomico lhe expozesse os resultados da astronomia, resultados que seculos apoz seculos tem vindo escrupulosamente verificar: ao ouvi-lo reputaria mentirosas suas palavras; mas quando visse depois realisadas todas as predicções astronomicas, cre-lo-hia um ente de intelligencia superior, cre-lo-hia Deus.

Mas, se em vez de lhe quererem excitar a admiração, lhe fallassem ao entendimento, se o guiassem pela escabrosa vereda dos descobrimentos, se lhe mostrassem o progressivo aperfeiçoamento das sciencias, se lhe fizessem conhecer quanto póde a intelligencia humana, quando illustrada pela experiencia de muitos seculos, desappareceriam todos os mysterios que o tinham assombrado, e cessaria a illusão.

É a Astronomia, tanto por seu objecto como pela exactidão dos resulta-

dos, a mais sublime de todas as sciencias naturaes, e a que maior porção de gloria dá ao espirito humano. Sua historia e seus progressos estão ligados com a historia e progressos da civilisação da Europa, e com o aperfeiçoamento da navegação, o mais util dos inventos humanos: a chronologia já nella encontrou meios infalliveis de verificar épocas remotas.

No esboço, que vamos a dar da historia da Astronomia, tomaremos por guia os escriptos de Laplace e Arago, já sufficientemente resumidos e desembaraçados da linguagem mathematica. Veremos que a astronomia mereceu a attenção dos povos e dos governos desde a origem das sociedades, perdendo-se até na noite dos tempos a época, em que pela vez primeira se quiz deduzir da comparação de varias observações as leis dos movimentos celestes. Na Grecia e em Roma foi cultivada por varios oradores celebres e escriptores illustres: porém só tomou verdadeiramente o character de sciencia entre as mãos de Copernico no seculo XVI.

Dividimos em quatro periodos a historia da Astronomia. Comprehende o primeiro as antigas observações dos astrónomos anteriores a Copernico, e as hypotheses imaginadas para as explicar e submeter ao calculo: e chega até meado do seculo XVI. Ahi começa o segundo periodo, e termina em meado do seculo passado: nelle figuram dous grandes astrónomos—Kepler e Copernico, e a Astronomia se mostra já com o brilhantismo de sciencia.

Abrange só meio seculo o terceiro periodo, e logo em principios d'elle apparece Newton a dar gloria á sciencia com notaveis descobrimentos.

O quarto periodo finalmente é contado desde o principio do nosso seculo até nós: o talento insigne de Laplace completou nelle a grande obra de Newton.

(Continúa.)

L. Albano.

ANTIGUIDADES PORTUGUEZAS.

Etymologia do nome Lusitania.

A etymologia dos nomes dos differentes paizes, que aos espiritos graves pode parecer objecto de mera curiosidade, tem muitas vezes a vantagem de recordar factos, ou circumstancias gloriosas, que formaram desde a antiguidade as crenças e character das nações; e que ainda hoje servem de despertar as virtudes moraes ou patrioticas dos cidadãos. Não decidiremos, se neste sentido mereçam ser examinados—o antigo nome de *Lusitania*, e o moderno de *Portugal*, pelos quaes é conhecido o paiz, em que vivemos: aos leitores deixamos fazer sobre este exame o juizo, que lhes parecer; certos, como estamos, de que se o attribuirem a curiosidade, não hão-de accrescentar, immoral e indecente.

Luso ou Lysias, filho ou companheiro de Baccho, segundo a mythologia dos Gregos, gozou desde a mais remota antiguidade a honra de ter dado o nome á Lusitania. Plinio na sua *Historia Natural*, na descripção que faz d'esta região, assim o disse: os Historiadores subsequentes não fizeram mais do que referir-se a esta auctoridade respeitavel; e os Antiquarios nacionaes, sem exceptuar o critico e judicioso Andre de Resende, seguiram com desvanecimento esta origem maravilhosa, que vai filiar a Historia da sua patria nos tempos heroicos da antiga Grecia. Possuidos d'esta idea, no sen parecer unni gloriosa, combatem com energia e enfado os temerarios, que ousaram derivar aquelle nome, —uns do latino *tudo seu lusione*, que significa folguedo, genio brincalhão; outros de *lissa*, furor bacchanal. A mesma opinião seguida por Camões parecia immortal como os Lusíadas:

• Esta foi Lusitania derivada

• De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo

• Filhos foram parece, ou companheiros.

Mas por que modo, e em que tempo veio a Hespanha o filho de Baccho legar o seu nome a uma parte d'ella? Nem da Historia grega, nem ainda das fabulas da Mythologia consta que este Heroe ou seu filho emprendessem expedições para o Occidente? Não se sabe que nesta região tenha apparecido templo, inscripção ou monumento, que inculque memoria, ou o culto d'este Semi-Deus? A pezar d'estas ponderosas difficuldades o Chronista Fr. Bernardo de Brito, seguindo a Palladio, Laímundo, e outros impostores cujos escriptos só foram conhecidos na Bibliotheca de Alcobaca, na Monarchia Lusitana marca a vinda do Deus do vinho a Hespanha pelos annos pouco mais ou menos 2632 da creação do Mundo, 1332 antes do nascimento de Christo, e faz-nos d'ella uma narração tão burlesca, e incongruente, que nos põe em duvida, qual deveremos desculpar antes ao Historiador — se a simpleza, se a credulidade.

O filho de Jupiter e de Semele, provavelmente depois da conquista da India, quiz levar as suas armas á Península Iberica, e assenhorear-se do paiz encantador da Betica, cujas delicias eram celebradas como maravilhas, pelos viajantes e Poetas. Nesta expedição, de genero novo, o menor numero era de soldadas, o principal constava de foliões, de musicos, e de lindas moças, entre as quaes se distinguiam nove damas estremadas em musica, com que Baccho se deleitava muito, diz o singelo Historiador. Alem de seu filho Lysias, vinha o famoso conquistador acompanhado do seu ayo, o rubicundo Sileno, o qual servia de conselheiro, e ao mesmo tempo de intendente da bagagem, que em vez de petrechos de guerra constava antes de boa copia de vinhos preciosos. Se eram conduzidos em pipas, odres, ou botelhas, isso não diz o Historiador: em garrafas não poderia ser nesse tempo.

Depois de visitada a Betica, quiz o

Heroe grego continuar a expedição para o Poente, e atravessar o Guadiana. É de presumir que o seu gosto delicado no conhecimento dos vinhos, e a divina presciencia lhe faria sentir a exposição e propriedades do solo do alto Douro. Porem os habitantes da outra parte, os quaes eram tão zelosos da sua liberdade, que em qualquer estrangeiro receiavam um conquistador, saíram-lhe ao encontro em armas para lhe disputarem a entrada do seu paiz. Mas apenas na Guarda avançada do Exercito invasor, em lugar de soldados, encontraram musicos e bellas moças, já deixavam cair as armas da mão; e sobre tudo depois que por conselho do bom Sileno provaram o licer generoso que vinha na bagagem; abraçaram-se como amigos e irmãos, e com as taças na mão juraram solemnemente preito, e obediencia ao filho d'aquelle que nesta bebida deliciosa lhes offerencia um principio eminentemente civilizador. O seu governo foi tão affortunado, que os povos, para eternisar a sua memoria, tomaram d'elle o nome de Lusitanos. Todos se hão-de persuadir, que um filho de Baccho e discipulo do velho Sileno empregaria a sua politica em ensinar aos seus povos a cultura das videiras, e o preparo dos generosos vinhos; pois não aconteceu assim: — Lysias não os ensinou senão a fazer cerveja de cevada: assim o attesta o Chronista.

No seculo passado porem Mr. de la Clede, na sua Historia de Portugal, veiu disputar ao Heroe fabuloso a gloria de que até esse tempo tinha gozado: dando ao nome de Lusitania uma outra origem, a qual se não é fundada na auctoridade dos antigos, é com tudo mais conforme com os factos geraes e veridicos da Historia. Crê-se hoje geralmente que os povos daquem dos Pyreneos foram de origem celtica. Assim se deduz de muitos dos seus costumes e denominações, e sobre tudo da linguaagem ainda nos tempos modernos usada na Biscaia, e Provincias Vascas,

aonde pouco pôde penetrar a mistura da romana. O nome de Celtiberos por que foram antigamente nomeados os habitantes das margens do Ebro, assaz o indica tambem. Ora d'entre estes encontra-se mencionada nos antigos Historiadores uma Tribu chamada Lusos em razão da sua estatura ou valentia, pois é esta a significação da palavra Celtica *lous*, os quaes se adiantaram para o Poente até aos confins da região, e proximidades do Oceano; e do seu nome com o outro tambem Celtico *tan*, (paiz, região) se formou o nome de Lusitania, que ficou sendo o do territorio em que tinham estanciado.

Esta etymologia foi censurada pelo traductor de Mr. de la Clede; mas apezar d'isso é seguida pelos escriptores que escreveram depois, como Jeronymo Soares Barboza, e Antonio Gaetano do Amaral. Seja porem qual for a origem do nome, é certo que o nosso paiz tão familiar, e tão notavel na Historia romana, não se encontra alli designado, senão pelo nome de Lusitania porque o de Portugal sómente lhe foi dado muitos seculos depois.

He verdade que a antiga Lusitania não abrangia exactamente o terreno que hoje occupa o Reino de Portugal: porque ao Norte terminava no Douro, e não comprehendia por tanto as actuaes Províncias do Minho e Traz-os-Montes; e ao Nascente entrava muito pelas Castellas até á linha, pouco mais ou menos, de Samora a Villa-nova de la Serena, e dali continuava pelo Guadiana até o mar. Estes limites porem variaram com as differentes divisões que se fizeram no tempo dos Romanos.

Origem do nome de Portugal

Talvez muitos dos laboriosos habitantes da Cidade do Porto não tenham reparado, que a sua patria, dentro em cujos muros modernamente se refugiou a Liberdade Portugueza para dali sair victoriosa e em triumpho sobre a

tyrannia, é a que no seculo 12 deu a origem á Nação, e o que é mais, o nome famoso que fez esta conhecida, e respeitada em todas as partes do mundo. Ainda que vulgarmente e em linguagem esta cidade seja conhecida pelo simples nome de Porto; com tudo o seu nome antigo, e ainda hoje usado em Latim, é o de *Portu-Cale*.

A povoação chamada *Cale*, donde na opinião de todos proveiu o nome actual de *Gaia*, acha-se já marcada do tempo dos Romanos no Itinerario, chamado de Antonino, ou seja do Imperador, ou d'outrem, na estrada que conduzia de Lisboa a Braga, a 35 milhas áquem d'esta Cidade, e 13 adiante de Lancobrica (Feira). Os povos d'este paiz vêem-se tambem nas antigas inscrições designados pelo nome de *Calenses*. Porem o nome composto *Portu-Cale*, isto é, Porto de *Gaia*, encontra-se pela primeira vez no *Chronicon* de Idacio, escriptor do 5.º seculo, o qual na Historia dos Suevos, diz que no anno de 457 o seu rei *Rochario*, que tinha fugido *ad locum qui Portucale appellatur*, fôra feito prisioneiro por *Theodorico*; mais abaixo indica a morte de *Aiulfo* em *Portucale* e pouco depois accrescenta que *Madrax*, outro rei suevo, matára seu irmão *ad Portucale Castrum*. Se houvessemos de acreditar no Concilio de Lugo que se diz celebrado no anno de 569, e vem mencionado por Fr. Bernardo de Brito na Parte 2 da Monarchia Lusitana, notaríamos a menção que ali se faz das duas povoações distinctas ou Cástros, ambas com o nome de *Portucale*; uma á direita do Douro, que é ja cidade o cabeça de Diocese *ad Portugalensem sedem quæ est in Castro novo*; e outra á esquerda, *Portugale castrum antiquum*, que ficou pertencendo á Diocese de Coimbra.

Seja porem o que for d'antigamente, é certo que no tempo dos Reis de Leão, depois do acabamento do reino dos Visi-Godos, a cidade de *Portucale* era ja capital de uma comarca assaz dila-

tada, ainda que costumava andar unida com o territorio da Gallecia (Galiza) e um e outro no meio da desordem geral e effeitos da guerra, eram governados ja pelo mesmo Conde, ja por differentes; até que pelo casamento do conde D. Henrique com a rainha D. Theresa, e doação que d'elle lhe fez o pae d'esta el-rei D. Affonso VI, ficou este districto sempre em separado: foi depois elevado á cathegoria de reino por D. Affonso Henriques na memoravel batalha do Campo de Ourique; e conservando sempre o nome primitivo de Portucal, se foi extendendo para o Sul por meio das conquistas feitas sobre os Mouros até os limites que ainda hoje conserva.

Mas por quem, e em que tempo foi fundada essa notavel e antiga povoação de Cale, e esses Castros que dominavam o porto, e que d'elle tomaram o nome de Portucal? A indagação d'este factio vai perder-se em epochas desconhecidas da antiguidade; confessemos que é impossivel verifica-lo: esta mesma impossibilidade era, segundo as ideas dos antigos, um motivo de gloria e de nobreza para as cidades.

Uns querem que seja fundação de algum Capitão dos Graios, ou Gregos, cujo nome se perdeu, d'aquelles que depois da guerra de Troia arribaram a estas paragens occidentaes, ao mesmo tempo que Ulysses veio fundar Lisboa, e Diomedes a cidade de Tui; outros, levados talvez da semelhança do nome, a attribuem aos Celtas, chamados pelos Romanos *Galli*, os quaes não só deram o nome a esta cidade, mas tambem a Gallecia. Se houvermos de acreditar o nosso João de Barros, um letreiro com o nome *Julius*, que se encontrou em uma pedra na muralha da mais antiga e pequena cerca do monte da Sé, inculca que esse Castro foi obra de Cesar, provavelmente para preservar as comarcas do Sul contra as incursões dos Bracaros, e dos Gallecos. Outros presumem que fosse fortificado, e acastellado este ponto pelo Imperador Galie-

no para a defender contra os Barbaros. Outros finalmente datam do tempo dos Suevos a importancia militar d'esta povoação, pois que nesse tempo começou a fazer-se notavel com o nome moderno.

Consoltem-se os habitantes d'esta heroica cidade: a origem da sua patria será impossivel de descobrir-se; mas em quanto for lida a historia, não-de ser lidos e admirados os excessos de coragem e devoção, e os pasmosos feitos com que a Cidade do Porto em todas as epochas de perigo tem acudido, e salvado a Nação a que tinha dado o nome.

* *

O FIDALGO E O POETA.

(Continuado da pag. 214.)

Bôa aconteceu ao pobre de Pedro Mendes em lhe vir morar para as mesmas casas aquelle turbulento compa-
nheiro! Não se podia alli escrever, nem ler, nem descansar ao menos.

De dia era uma continua procissão de estudantada, a subir e a descer pelas escadas; de noite era um tal tripudio de danças, e uma tal festa de violas até quasi á madrugada, que já toda a vizinhança andava alyoroçada com isso.

Finalmente o nosso amigo fidalgo era um patusco de contas. Levava uma vida regalada: não queria saber de livros fora das anlas — e nem lá talvez — por que se fiava em certas protecções. e trazia á roda de si quanto mandrião, e . . . — *trocista* creio que lhe chamam hoje, não sei como se dizia então — quanto estouvado havia na Universidade.

E Pedro Mendes que os atorasse! . . . chegava a tanto, que lhe vinham fazer apupadas á porta do sótão, os judeus! E elle calado: tirado o tempo, em que comia, ou dormia, que pouco era, não se arredava d'ao-pé da banca.

Assim foram passando os dias e as se-

manas, e já se estava próximo das férias do Natal, quando uma tarde — seriam seis horas, era já muito depois de trindades — se vinha recolhendo o sr. estudante, o sr. Duarte G. de G. S. de T. — que era este o pomposo nome do fidalgo, — vinha-se recolhendo, e só — grande milagre! Entrou e ficou meio assombrado ao acabar de ler uma carta, que o seu laçao tinha arrecadada para lhe entregar. Era um aviso particular do Reitor para que S. Senhoria se aparelhasse d'estudo, porque na manhã seguinte havia de ser chamado á lição por seu mestre, que fora nesse mesmo dia participá-lo ao paço, conforme a recomendação, que tivera.

«Ora pois quero uma vez dar gosto a meu tio» disse consigo Duarte G. «e quero tambem estrear esse calhamaço, que para ali está para baixo da banca do jogo, fechado e novinho, como, ha dous mezes, veio do livreiro. Vamos a isto. Oh! Manoel Braz?» —

«Criado de v. m.» respondeu logo o laçao bocejando e espreguiçando-se, porque vinha da cama. —

«Vae-me lá baixo ao sótão, e chama cá para cima esse maltrapilho do estudante.» —

«Quem, o donato? prompto e léste, meu amo. Temos cannas agora?»

Manoel Braz era um verdadeiro groom de provincia, um *pagem de polainas* dos mais pimpões e doctores. Entrava, já se sabe, como primeiro actor, nas comédias de seu amo, e preparava-se portanto, para alguma nova folia.

«Não, Manoel, não se cuida hoje d'isso,» proseguiu Duarte, «hoje não, porque vou estudar.» —

«Que diz, fidalgo!» —

«Vou. Está decidido, Deu-me para aqui . . . que queres?» —

«Deixe-se de tal, deixe. Ora adeus, meu amo! matar-se um homem com livros! . . . só é bom para tolos, ou pobres. . . . E então, v. m., um senhor tão bem-estreado. . . . não caia em semelhante, fidalgo, olhe que lhe digo que pôde tresler.» —

«Pois sim, sim, mas avia-te: vac-me chamar o estudante do sótão.» —

«E se elle me responde que não?» —

«Ha-de-te responder que sim. Cor-ta.» —

A voz de Duarte G. hia-se fazendo de cada vez mais severa. O criado, que sabia por experiencia — e bem amargal que se não podia batalhar com aquelle animo altivo e nunca dobrado a alheia vontade, calou-se e foi.

Em outro tempo para um moço de boa linhagem era impropria e *baixa* a vida das letras; se algum a seguia, era quasi sempre contra seu gosto, e arrastado pelo poder de *certas razões particulares*. Ainda hoje ha quem pense d'este modo em Portugal, principalmente nas provincias mais arredadas de Lisboa! cousa extranha! como se aquella profissão não fosse a mais bella, a mais alta, a mais nobre de todas — a unica, pela qual a velha aristocracia poderá reconquistar ainda a posição, de que a derrubaram!

Duarte G. criou-se com essas idéas — bebêra-as com o leite, se pôde dizer: entendia que para ser reverentemente acatado em toda a parte, não carecia d'outros titulos mais que os seus braços e o seu nome. Raiou-lhe porém uma luz debil no coração: fôra sómente o orgulho que a accendera, o orgulho de não querer ficar vencido no dia seguinte. . . por algum estudante de meão ou d'obscuro nascimento; mas logo lhe veio o laçao fallando, como sempre no seu solar lhe fallavam, adula-lo, mostrar-lhe com a sua logica derrancada que o genuino fidalgo não podia medrar, senão fôra dos livros.

Duarte G. ainda resistiu á primeira tentação, — á lisonja, que, como dizia o nosso *A. Erithreo*:

É a mentira quem lhe finge as côres

E ainda assim pôde tanto,

Que não lembrou as Circes logo encanto.

A' primeira resistiu elle. Resistirá porventura á segunda?

.

Ouviram-se passos na escada: era Pedro Mendes que subia, acompanhado de Manoel Braz.

— Não posso, não me atrevo a fazer aqui uma pintura acabada, e como se queria, da sala do sr. Duarte G. Antes de ler o *Judeu Errante* talvez o intentaria; mas agora!... nada, nem por sombras quero ter a vaidade de pensar em tal, e contentar-me-hei, por tanto, em dizer ao amavel leitor, que andava alli tudo n'uma barafunda... e que em fim era uma verdadeira *casa d'esgrima*.

Duarte estava recostado, com aquelle orgulhoso desleixo, que tão bem lhe ficava, na sua torncada cadeira. Logo que deu com os olhos em Pedro Mendes, pôz na voz uma doce brandura e convidou-o para se assentar a seu lado.

O poeta respondeu-lhe com respeitosa modestia, e suas faces pallidas tingiram-se d'um rubor esvahido:

« Senhor, eu sou como aquelle rei, que comia em baixellas de barro, para se não esquecer entre o fausto de seus banquetes de que seu pae fôra um pobre oleiro; e por isso ainda que Deus me levantou do pó, em que nasci, hei-de sempre lembrar-me de que antes de vir para Coimbra... andei a guardar cabras no monte.»

E ficou em pé.

(Seja-me licito *illustrar* o men conto com uma *eruditissima* nota: Pedro Mendes tinha lido Ausonio, e alludia ao epigramma d'el-rei Agathocles.)

— Era realmente singular e sublime o grupo que aquellas tres pessoas formavam! Duarte meio-deitado e com modos de estúpida e preguiçosa distracção, ouvia... e não ouvia as claras explicações, que o afilhado de Rodrigues Lobo lhe fazia. Elle, Pedro Mendes, tinha-se direito, com o livro aberto na mão, e com os olhos radiantes, mas serenos como duas estrellas em noite de primavera. Parecia um propheta inspirado do Senhor com a sua corôa phantastica de gloria. E Manoel Braz surria-se com aquelle riso máu e sceptico

dos tolos, acotovellava sen amo, e saboreava d'ante-mão as arrochadas, que havia de dar essa noite, e as canadas de vinho, que havia de beber á ceia.

A lição hia quasi no fim, quando se sentiu na rua um grande tropel e uma bandurra. Ai! aquelle tanger tinha feitiço occulto, como o da buzina maravilhosa do *Oberon*, que fez andar frades e freiras a dançar as tripecinhas por cima da lama.

«Serão elles?...» perguntou Duarte G. erguendo-se d'um pulo.

«Serão... e são.» respondeu Manoel Braz e desceu em duas passadas.

Oh! quem me dera a picante graça do nosso Diniz para descrever aos meus leitores o truanesco e variado traço d'essa meia duzia d'estudantes derrengados — e todos meliantes d'encomenda — que agora vem a entrar na sala, onde esta minha historia se passava!...

Mal que avistaram a Pedro Mendes choveram as chufas e os motêjos, e foi por Deus não *choverem* tambem as *bosetadas*, como naquelle chistoso drama d'um illustre poeta hispanhol.

Ora como havia o bom de Duarte G. resistir ao seductor enleio de tão *espirituosos* e *innocentes* folguedos? Fez-se logo alli o peor de todos.

O livro voou pelos ares em farrapos.

«Olha o donato, que não quer levantar a vista para a gente!...» dizia um dos taes academicos virando os punhos cerrados para o desgraçado poeta.

«Se elle é nosso lente e mestre de sentenças... agora!...»

— E diz que faz trovas... isto!

— Não-de ser frescas... como a sua cara. Se fosse entender de cabras!...

— Para que viva, sô doctor cabreiro.

— E então Duarte a ouvir-lhe a lição... .

— E era capaz de lh'a ensinar ás avésas.

— Pois olhem que lh'a ensinou. Só pelo gosto de o ver ficar mal.

— A'gora?..

— Devéras.

— Ora o sr. donato! . . . »

Pedro Mendes não abria a bocca sequer. Voltava-se para o céu com a resignada humildade que fortalecia os martyres no meio dos tratos dos iudicis.

A rapaziada continuou:—

«Que havemos nós de fazer esta noite? . . .»

— Um brodio. Va? . . . va.

— Valen.

— E onde ha-de ser? . . . digam lá. Que dizes tu, oh! Duarte?

— Eu sei? onde quizerem. »

O lacaio, que ria como um perdido desempatou aquella intrincada *questão d'orden*:

«Cá um homem é que deve escolher, meninos » disse elle batendo no peito com a mão, inchado como . . . , como um lacaio de morgado d'aldéa, «Vamos todos patuscar á estalajem do *Cirilho*. »

Uma geral saudação d'inhusiasmo respondeu ao acertado convite de Manoel Braz, e poz-se a andar toda aquella caterna de vadios.

O *Cirilho* era um estalajadeiro, que viera da Bitesga, de Lisboa, e morava para perto das escadas da Sé velha. Fazia então as delicias dos gulosos da academia com os encantos *culinarios* do seu immundo, mas succulento *restaurador*.

Ora, pois deixemos os srs. *trocistas* a trocarem á volta das garrafas, com o divertido lacaio do Ill.^{mo} Duarte G. em quanto Pedro Mendes fica velando e estudando no seu gelado sôtão, e encontrá-los-hemos todos agora na aula diante do mestre, no dia seguinte.

E havemos de ver como isso scrá.

(Continuar-se-ha.)

Pereira da Cunha.

sumpto: — a questão é toda de portuguezes e portuguezes os supponos nós a todos.

Não vemos no fundo d'esta questão senão a nacionalidade, nem entendemos que a politica venha implicar com ella em ponto algum: se a politica aqui entrasse, a Redacção da Revista Academica ter-se-hia cautellosamente desviado d'ella, mas tratando-se unicamente de defender a protecção que ás letras patrias se deve, a Redacção não podia, sem renunciar ao *nobre orgulho* de ser portugueza, deixar de unir a sua voz, mas que debil, ao brado de todos os homens amantes do seu Paiz, para lamentar um facto que oxalá nunca houvesse manchado as paginas da historia da nossa litteratura.

Foi assim que o entendeu *unanimemente* o Instituto, assim o entendeu o nosso socio o Sr. João de Lem os, assim o entendemos nós tambem, e é por isso, e só por isso, que a este assumpto franqueámos as columnas do nosso Jornal.

O Theatro abriu-se — abriu-se não só para a Côte senão tambem para o publico, para a nação, e os primeiros sons que articulou foram estrangeiros. O corpo fez-lh'o um architecto italiano; a alma creou-lh'a um poeta francez.

Ali está o facto; facto que bem podéra ter-se evitado em quanto era tempo, porque o não crêmos inevitavel, mas que já hoje nenhuns *sophismas* pôdem apagar, porque a historia já o empolgou para o desdobrar d'entre as suas paginas diante do severo tribunal dos vindouros. Por mais que façam poderão ainda *naturalisar* o novo Theatro, *nacionalisa-lo*, já não.

A nós pois só nos resta manifestar a nossa magua por ter existido o facto que bem quizeramos mas que não podemos destruir; é essa manifestação que queremos hoje fazer: podesse ella servir de expiação a uma falta que os severos juizes do porvir hão-de lançar como labéu sobre esta nossa idade.

Publicamos hoje um outro artigo sobre a abertura do Novo Theatro com uma peca estrangeira; não receamos cufadar os nossos leitores com este as-

TAMBEM NOS—AO NOVO THEATRO.

Par où m'y prendrai-je? car j'ai à peu près
tout le monde contre moi. quoi qu'ils
 ne soient. . . qu'un sur cent?
 (Feu! Feu!—Timon.)

Após tamanha profusão de dissertações litterarias e politicas, ácerca do novo Theatro, das suas representações, da sua estreia, das suas pateadas, das suas inconveniencias; arrôjo parecerá certo, a alguém, semsaboria pelo menos, o feudo de nossa humilde opinião ao caudal de tão acabados pareceres. Mas a *lide* diz-se de portuguezes, e nós somos portuguez. — A opinião que seguimos é singular e nova; tem direito a ser archivada ao pé das outras. — Promettemos aos collegas do Instituto a sua manifestação, fóra do circulo isolado de nossas fraternas discussões, porém na arena generoso e desafrontada da imprensa: havemos de cumprir a promessa.

Dous campos se levantaram n'esta contenda. Disseram os do primeiro campo: « *A abertura do Theatro portuguez com um drama estrangeiro é um crime contra a nacionalidade; o Theatro estrepou-se com uma peça de Mr. Dumas eis um crime perpetrado.* Disseram os do 2.º campo: « *O Theatro não se abriu nem se inaugurou; experimentou-se: logo não houve ali mal.* Ambos concederam a these; a guerra é ao feito: e é nossa opinião que ambos peccaram, os 1.ºs com um sophisma, os 2.ºs com um subterfugio.

Não somos d'um, nem d'outro campo; mas suspeitamos de subejo que anda ali occulto o damnado pensamento da politica. Nem ha por nossa terra cousa sancta, nobre, e innocente, que ella não escave com suas garras e não enrole nas suas bandeiras. A questão por este lado, como questão politica, é da alçada do parlamento, e da imprensa periodica: nós não somos d'um, nem d'outra; não nos cumpre tracta-la. Como portuguez, e amador das letras, sim; assim o faremos.

E tambem havemos de estabelecer a nossa these; não capciosa e apertada, como aquella; mas ampla e generosa como o nosso campo. E eis-a ali « *Ani-mar e proteger as letras portuguezas é uma virtude nacional. Deprimi-las, e menoscaba-las é um crime.* » Vamos agora a registrar o feito n'uma d'estas paginas. Mas não havemos regista-lo, como os de mais fizeram, cru, isolado, sem antecedentes, sem consequentes, sem nexo com o feito principal, de que é dependencia: havemos de formar um feixe de todos elles, e este ha-de ser um ramo d'esso feixe; por que assim é que leal e cavalheirosamente se discute; o contrario é uma decepção.

O feito principal é a edificação d'um Theatro nacional, regular, decente; que hombreie com os das nações nossas iguaes, que sirva de reproduzir no meio de nós os bons modelos dramaticos, e que excite a justa emulação dos nossos auctores. Quem ousa negar esse feito? Eis ali uma virtude nacional. E seja-nos dado inscrever na mesma pagina — as brilhantes decorações, e esmeros da obra, (não portuguezas, porque as nossas artes não chegaram ainda áquella perfeição indispensavel para elevar o templo do nosso drama a hombrear com os templos dos seus collegas lá de fóra; mas dignas do objecto, e fonte de nobres emulações para os nossos artistas); — a escolha do dia 4 d'abril para a festa verdadeiramente patriótica da inauguração solemne da casa, aliando-se por est'arte dous justos motivos de jubilo; — o concurso, que se abriu no Conservatorio aos dramas portuguezes, para excitar a emulação dos Auctores, e fazer resplandecer o talento no seu templo de gloria; — os premios estatuidos a nove dramas portuguezes; que é de esperar formem um sufficiente *repertorio*, para que o Theatro no decorrer do seu primeiro anno de vida seja todo portuguez, e deixe tempo aos nossos litteratos para concorrerem á liça no 2.º com novas corôas.

Coloquemos agora o feito da *contenda* no meio de todos estes, como está; accrescentemos-lhe as circumstancias—de se haver declarado officialmente a intenção da representação, que não era para solemnizar uma *abertura* de theatro, mas para dar uma recita em um dia determinado;—de ser essa recita particular para a Côrte; e as seguintes mais um desafogo ao publico, que tinha direito a ver os 1.^{os} ensaios do seu templo;—de não ter o Conservatorio o espaço sufficiente para escolher em um concurso publico, o 1.^o dos dramas nacionaes;—de se representar no mesmo espectáculo uma ou duas composições portuguezas, em um genero pouco visto, quasi novo, em nossa terra. E julgemos agora o feito após tudo isto: quem ousará apelida-lo um crime? E se das paginas, que eu tracei para o seu registro, não é dado collocar-lo na 1.^a, quem terá a má fé de pendurar-lo na 2.^a?

E todavia não deixamos de lamentar esse feito: já o dissemos em publica discussão, repetimo-lo agora. É neste modo de *ver* que discordamos da opinião do nosso amigo, o distincto collega, o Sr. Lemos, a cuja magua aliamos a nossa, mas a cujas recriminações junctamos outra magua, a de vê-lo assim escrever sabendo que escreve de boa fé. De boa fé cremos andáram também o Instituto, e a Sociedade redactora d'este periodico: dous corpos alheios, e independentes da politica; e deprehendemos da viva discussão, que houve no 1.^o acerca da redacção e formula, por que lhe cumpria expressar a magua já unanimemente votada, que o seu fim foi tão sómente manifestar esse pezar, já mais fazer recriminações intempestivas. Reconhecemos a impossibilidade que havia de remediar o mal; mas é por isso, que mais o lamentamos. E peza-nos ainda mais, que muitos dos nossos portuguezes litteratos, que devem conhecer que não houve no feito intenção criminosa, nem acinte, em vez de se unirem todos para cubri-

lo com o manto de seus talentos, e mandá-lo puro e innocente como elle é, aos archivos da historia; fizessem uma *crasada* para adultera-lo e arroja-lo, assim contrafeito, aos faustos de nossas vergonhas.

Curto e diaphano é o nosso manto; assim mesmo ali lh'o damos, e oremetemos coberto com elle para o archivo de nossas fatalidades; nunca para o dos nossos crimes.

J. Freire de Serpa.

MEMORIA HISTORICA

SOBRE O

INTENTADO DESCOBRIMENTO

D'UMA

SUPPOSTA ILHA AO NORTE DA TERCEIRA.

Ha trabalhos litterarios que pouco ruido produzem na republica das letras, porque o commum dos leitores contente com o presente, certo do esquecimento do futuro, não avalia o proveito que se póde tirar do passado. Consumir tempo, malgastar fadigas para esquadrihar factos, que á primeira vista parecem insignificantes, é trabalho que para muitos é sobremaneira inutil.

Não pensamos assim, a historia é o mais instructivo dos estudos moraes, o fonte, onde de continuo temos que ir beber; quanto mais abundante fôr o mais crystallina, tanto mais proveito tiraremos; mas para isto carece-se de homens, que, votados a colligir os materiaes que trem de servir á sua edificação, se não acobardem com difficuldades, e tenham a grandeza d'alma de se votarem ao improbo, e desaminador, trabalho de investigações dos monumentos escriptos, que, cobertos de pó e sem ordem, parecem estar amontoados nos Cartorios sómente para d'elles fazer fugir os que não tem bastante dedicação para na vida viver com cada-teres cobertos de toda a hediondez do sepulchro.

A nós, que não temos esse valor, não nos falta todavia animo para louvar e animar os que assim se dedicam a bem servir a sua patria,

Um d'estes serviços fez o Sr. Senna Freitas nesta Memoria, que queremos considerar como parte de uma outra obra acerca da historia do importante Archipelago Açoriano, o qual como cousa nossa, tão pouco se conhece.

A sua Memoria acerca dos Tributos estabelecidos na Ilha de S. Miguel, publicada na Revista Universal, e a Viagem ás Furnas, hoje annunciada, e sobre aqual daremos o nosso juizo, quando publicada, — dão-nos esta esperanza, que muito desejamos ver realisada, e imitada por toda a parte do imperio portuguez.

Mais de metade da Memoria consta de documentos justificativos, copiados dos Archivos tanto insulares como do continente, e remissões a obras estrangeiras e nacionaes tanto antigas como modernas, o que prova no auctor, alem de um trabalho improprio para compulsar taes fontes, um amor de verdade, que muito honra quem toma sobre os hombros a pesada cruz de historiador.

Dizem-o-lo porque o sentimos, estimamos em mais historia assim escripta e documentada, do que reflexões, conceitos, e juizos, que concebidos antes de applicados aos factos, vestem estes da côr que a paixão e cegueira do historiador lhes quer dar, e a que o pomposo e seductor titulo de historia philosophica torna preferidos para aquelles que agradecer a quem lhes tira o trabalho de pensar.

O objecto da Memoria é de sua natureza pouco importante, e o interesse da sua publicação seria mediocre, se não fossem as noticias curiosas, e importantes descobertas de factos, que jaziam sepultadas no esquecimento, e que a acompanham.

Anime-se o auctor da Memoria, e continue dando a conhecer as riquezas, que com tanto trabalho tem colhido, e

d'este modo fará um verdadeiro serviço á historia das nossas cousas, que tão incompleta está por falta de quem se dedique a semelhantes trabalhos.

S. B.

HISTORIA DE PORTUGAL (1).

POR

A. Herculano.

E este o titulo de uma obra que vai começar a publicar-se, e cujo 1.^o volume, comprehendendo a historia politica de quasi um seculo, desde 1097 até 1185, sairá em Janeiro de 1846.

Que haverá que dizer a fim de excitar o acolhimento do publico para com uma obra em cuja frente vem estampado o nome illustre do Sr. A. Herculano?—Quem haverá ali que não tenha conhecido a altura a que se eleva a intelligencia d'este escriptor na difficil averiguação dos pontos obscuros da nossa historia?—a nenhum portuguez que lê é hoje dado o ignera-lo.

Já os nossos leitores viram um fragmento d'esta Historia com que o seu auctor quiz honrar as columnas do nosso jornal (2). Quando o escripto se publicar a Revista Academica ha-de occupar-se largamente d'ella, por ora só queremos felicitar o publico pela proxima publicação de uma obra ja de ha tanto desejada e requerida.

Os Portuguezes vão ter na Historia de Portugal pelo Sr. A. Herculano, uma historia digna dos grandes feitos dos seus antepassados.

Nos seguintes n.^{os} iremos successivamente apresentando juizos criticos sobre algumas obras ultimamente publicadas, e de que tem sido remittidos exemplares a esta Redacção.

(1) No Escriptorio da Redacção da Revista Academica se recebem assignaturas para esta obra.

(2) Vid. Pag. 50, 65, e 84.

**RELATORIO DO CONSELHO SUPERIOR
DE INSTRUÇÃO PUBLICA.**

(Continuado da pag. 245)

A instrução secundaria vai-se alentando com os melhoramentos que podem esperar-se em pouco tempo do desenvolvimento do novo plano d'estudos.

Acham-se definitivamente constituídos no Continente os 5 Lycêos principaes de Lisboa, Porto, Coimbra, Évora, e Braga. Nas outras capitães de Districto, em que a lei os manda crear, não existem ainda, havendo todavia em todas ellas os seus principaes elementos litterarios.

Obstáculos materiaes que nem sempre é facil remover, teem em grande parte obstado á sua existência. Tambem não reputa o Conselho esta uma exigencia de primeira necessidade. Para o fim, a que podem conduzir os Lycêos constituídos como actualmente o podem ser, podem reputar-se sufficientes os que se acham constituídos, auxiliados das cadeiras de ensino secundario em exercicio. Quando os ramos de sciencias industriaes possam ser nelles cultivados, quando as classes productoras achem nesse genero d'instrução um poderoso meio de melhorar a sua condição social e a fortuna publica: quando aquelle ensino possa ser dignamente desempenhado por Mestres competentemente habilitados, então virá a oportunidade de multiplicar estabelecimentos d'aquelle genero.

Acresce a estas ponderosas razões a de não haver ainda o regulamento geral, de que actualmente se occupa o Conselho: nem elle é trabalho mui facil de levar ao cabo. O Conselho vai no entanto junctando nas capitães dos Districtos os elementos da sua organização, e preparando os edificios em que hão-de ser collocados.

Completon-se a organização do Lycêo de Braga, foram nomeados os res-

pectivos Reitor e Secretario, e definitivamente instalado o mesmo Lycêo em julho d'este anno. É de todos o Lycêo mais frequentado. Esta circumstancia juncta ao maior numero d'escolas primarias naquelle Districto, e ás tendencias litterarias dos habitantes d'aquelle ponto do Reino, foram sobrado motivo para ser logo nomeado naquelle Districto um Commissario, que fosse vigiando o estado das escholâs, e comportamento dos Professores para informar o Conselho das providencias que demandassem o seu progresso e melhoramentos.

Além dos trabalhos de expediente administrativo neste ramo de instrução, o Conselho preparou e submetten á regia approvação o regulamento de habilitações de Professores publicos, e novos programmas d'exames em harmonia com o estudo actual das diversas disciplinas, que nelles se comprehendem.

Foram tambem approvadas e publicadas novas instruçoes para se guiarem os Professores de Grego, e os de Oratoria e Poetica, Historia e Geographia na regencia de suas respectivas cadeiras: e vai o Conselho preparando as de todas as outras disciplinas.

Pelos mappas recebidos até agora na Secretaria do Conselho o numero dos alumnos que frequentaram neste anno lectivo os estudos classicos é de 2:231, faltando ainda o mappa do Lycêo do Porto, e os d'algumas cadeiras annexas a Lycêos; podendo ao todo orçar-se em 3:000 aquelle numero. D'estes houve 344 no Lycêo de Braga; no de Coimbra 266; no de Lisboa 393; em Évora 57. Estudaram lingua Latina 1:715, Rhetorica 60, Logica 331, Geographia 16, Lingua Grega 7, Lingua Franceza 168, Inglesza 49, Allemã 14, Arabica 8. 109 seguiram os cursos da aula do Commercio. Da frequencia nas Ilhas adjacentes ainda o Conselho não alcançou noticias.

A frequencia actual dos Lycêos, mórmente de Lisboa, Porto, e Évora, é tão

insignificante com referencia á população, que desalentára o animo dos que verdadeiramente se empenham no progresso da instrucção; se não foram as esperanças de melhorar o gosto nacional, inspirando o amor das letras pela persuasão da sua utilidade, melhorando o ensino publico pela escolha de bons Professores, e abrindo carreiras d'interesses aos que mostrarem decisivo aproveitamento neste ramo d'instrucção. O Conselho animado de ardentes e sinceros desejos, espera ver realisadas aquellas esperanças pelos seus disvelos e esforços, e a poderosa cooperação dos sabios nacionaes que muito se esmeram na cultura das letras classicas.

A instrucção superior, cujo melhoramento mereceu sempre entre nós a attenção quasi exclusiva dos sabios nacionaes, e solicitude dos nossos Soberanos, vai regularmente acompanhando o progressivo desenvolvimento das sciencias.

A Universidade sempre celebre entre as mais distinctas da Europa, vai sustentando seu antigo esplendor com os escriptos publicados nestes ultimos tempos por seus Professores, e até as admiraveis produções d'alguns distinctos alumnos, que por ali correm impressas. A exacta observancia da lei, o rigor na disciplina, e o methodo de ensino são sobrado motivo da consideração, que merece a nacionaes, e estrangeiros. Raras excepções não podem eclipsar a sua gloria, antes a farão sobresair na comparação da sua physionomia com a d'outras Universidades, que todavia se dizem mais illustradas.

As outras escholas superiores do Continente vão prosperando; e querem como á porfia rivalisar em credito e valor com a eschola principal. Alguns defeitos em organização material, e na parte regulamentar d'estes novos Estabelecimentos tem merecido a mais serria attenção do Conselho, e cura de applicar-lhes o devido remedio, logo que obtenha os esclarecimentos, que con-

Nas Provincias insulares as escholas ditas Medico-Cirurgicas tem corrido até agora sem direcção regular. A falta de regulamentos apropriados, que desenvolvessem a lei da sua creação, tem-nas constituido excentricas á administração litteraria. O Conselho, reconhecendo a urgente necessidade de revestir de caracter litterario aquellas escholas, confiadas até agora á administração, e quasi exclusiva fiscalisação das Comissões administrativas das Misericordias, vai propôr em breve um regulamento geral, que as collocará no logar que de direito lhes toca no quadro da Instrucção publica.

Os progressos nas sciencias, os maravilhosos desenvolvimentos nas suas applicações ás artes, e melhoramentos nos methodos de ensino reclamam um serio exame, e madura revisão da legislação respectiva para accommoda-las ao espirito, e tendencias do seculo. O Conselho, depois de reguladas a instrucção primaria e secundaria, não perderá de vista tão importante objecto.

Algumas medidas regulamentares mais urgentes tem sido propostas ao Governo de Sua Magestade. O curso de habilitação para o Magisterio da Universidade carecia de ser regulado por forma que promettendo mais proveito aos alumnos, e abonação ao juizo das Faculdades, satisfizesse fielmente á disposição da lei. Instrucções especiaes sobre este assumpto estão submettidas á consideração do Governo.

Um regulamento geral para o ensino da Pharmacia, e outro para as escholas de Medicina e Cirurgia ministrantes nas Ilhas adjacentes, occupam actualmente a attenção do Conselho. O numero de trabalhos administrativos, de que este Conselho se tem incessantemente occupado, não tem permitido que outros organicos de reconhecida necessidade se hajam ultimado. Entre entes merece mui especial consideração um regulamento para o regimen economico e litterario da Academia Polytechnica por-

tuense, do qual se achá o Conselho encarregado.

A concorrência aos estudos superiores tem crescido progressivamente, e talvez se possa reputar hoje superior ás necessidades do paiz. Esta excessiva tendência precisa por ventura de ser moderada por mais subido gráu de habilitações, a fim de se aproveitar o talento superior, e desviar as falsas capacidades; evitando ao mesmo tempo o desequilíbrio, sempre desvantajoso, a outros ramos de industria não menos importantes e necessários.

Foi 1:423 o numero dos alumnos que frequentaram as escolas da Universidade, 266 a escola Medico-Cirurgica de Lisboa, 79 a do Porto. A Academia Polytechnica portuense teve 140 alumnos, a de Bellas Artes portuense 121. O Conservatorio Real de Lisboa 167 alumnos. A disciplina tem sido mantida em todos estes Estabelecimentos, não obstante a deficiencia de medidas regulamentares em alguns: apenas na escola Medico-Cirurgica de Lisboa foi preciso recorrer ao meio energico de riscar da matricula alguns insubordinados, que excitaram molins escandalosos contra um dos Professores.

Tal é, Srs. em glebo o estado da instrucção entre nós. Quizera que mais exacto fosse o quadro, que offereço; mas faltam ainda muitos dos elementos estadísticos, que o Conselho esperava receber no fim de setembro, conforme as ordens expedidas. Não é de maravilhoso esta falta, que no espaço d'um anno era difficil, senão impossivel, conseguir a marcha regular d'uma administração complicada, e não affeita a regras fixas, até agora observadas somente na Universidade. Conta o Conselho que de futuro possa ser mais positivo, e exacto.

Sejamos nós todos solícitos em promover a perfeição intellectual, de que principalmente depende a prosperidade publica. Saibamos corresponder á alta

missão que nos foi confiada. A sorte d'este Conselho está hoje alliada a sorte d'esta Universidade. Fecundemos com os nossos trabalhos, o sabio pensamento da lei de 44, e veremos abençoados nossos communs esforços pela posteridade.

UNIVERSIDADE.

(Continuado da Pag. 231.)

III.

Traduções.

Poucos annos se consertou a Universidade em Lisboa depois da sua fundação; por quanto o mesmo Sr. Rei D. Diniz a fez mudar para Coimbra por sua provisão datada de 15 de fevereiro da era de 1309 á qual chamaram estatutos, quando nella se achavam somente privilegios, sendo o motivo, que a isso o moveu, as discordias, que se levantaram entre os estudantes e os moradores da cidade. Para fazer esta mudança pediu o mesmo Rei ao Papa Clemente V a sua approvação, que este lhe concedeu por bulla passada aos 5 das kalendas de março, no 3.º anno do seu Pontificado, que vem a cair no dia 26 de fevereiro de 1308, e na mesma bulla se faz menção das dictas discordias.

E por quanto os Abbades e Prioros, que tinham tomado por sua conta o pagamento dos salarios dos Lentes, e mais despezas da Universidade, o não continuaram, porque se devia de entender, que a promessa, que para isso tinham feito, e se achava confirmada pelo Papa Nicoláo IV, os não obrigava, se não em quanto a Universidade estava em Lisboa, impetrou o mesmo Rei do Papa Clemente V a graça de mandar annexar á Universidade seis Igrejas do seu Padroado real, a qual o Papa lhe concedeu por bulla passada no mesmo dia 26 de fevereiro de 1308, commettendo a execução d'ella ao Arcebispo de Braga, e

ao Bispo de Coimbra, e este a executou unindo á Universidade as Igrejas de Soure e Pombal, ambas do seu bispado. E porque o Mestre da Cavallaria da Ordem de Christo, D. João Lourenço, e o seu Convento representaram a el-rei a grande conveniencia, que lhes tinham estas Igrejas, lhe pediram, que lh'as quizesse largar, tomando elles por sua conta o pagamento dos salarios dos Lentes, e mais despezas da Universidade. El-rei D. Diniz lhes concedeu esta mercê, de que se fez escriptura na Villa de Santarem em 18 de janeiro da era de 1361 (anno de Christo 1323) na qual se declaram os salarios dos Lentes a saber: — ao Mestre das Leis 600 libras — ao de Degreetaes 500 — ao de Phisica (isto é de Medicina) 200 — ao de Grammatica 200 — ao de Logica 100 — ao de Musica 75 — e aos dous Conservadores 40 a cada um: todas em duas pagas iguaes pelo S. Lucas, e S. João Baptista de cada anno (*).

E por quanto entre os privilegios concedidos por el-rei D. Diniz era um d'elles, que podessem fazer estatutos necessarios para o governo dos estudos, fizeram com effeito alguns, e pediram por mercê ao mesmo rei, que para maior firmeza, e melhor observancia d'ellos, lh'os quizesse confirmar. El-rei havendo conselho com letrados, e entendendo, que eram convenientes ao serviço de Deus, ao seu, e ao da Universidade, foi servido confirma-los por carta de 29 de janeiro da era de 1355, (anno de Christo 1317) e além dos muitos privilegios, que lhe tinha concedido, lhe concedeu outros mais por varias cartas, das quaes consta, que as escolhas, e bairro, em que viviam os estudantes em Coimbra, era da porta d'Almedina para cima, mas não se sabe seu logar certo: sómente ha tradição de que, quando el-rei D.

Fernando mudou a Universidade para Lisboa, estava ella, aonde depois se fundou o Collegio de S. Paulo na rua Larga, por nelle se ter visto durante muito tempo depois uma estatua da Sapiencia.

Esta tradição se póde ter hoje por mui veridica, por quanto se acha corroborada, com o que a tal respeito se declara em uma acta, ou assento, que se fez da cerimonia da instalação do dicto Collegio, e entrada dos primeiros Collegiaes (de que por certo não teve conhecimento o auctor do manuscripto, de que extrahimos estas noticias) e que é pela fórma seguinte — «Anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU CHRISTO de mil & quinhentos & sesenta e tres annos Reinando nestes Reinos de Portugal o muy alto & serenissimo Rey dom Sebastião primeiro deste nome Governando em seu nome o estado destes reynos o xcellentissimo principe dom Henrique Cardcal da Santa igreja de Roma do titulo dos santos quatro coroados & ifante de portugal. Aos dous dias do mez de Maio em hum domingo nesta cidade de Coimbra dentro no collegio de S. Paulo que está situado junto dos paços del Rey nosso Sôr. onde ora são as escolas mayores da universidade da dita cidade & no proprio sitio e lugar onde no tempo del Rey dom dinis forão as escolas geraes da universidade da dita cidade que naquello tempo nella estere & depois até agora servio de escolas onde se ensinou grammatica até o tempo que el-Rey Dom João o terceiro de gloriosa memoria transferio a universidade de Lisboa para esta cidade de Coimbra onde agora esta. Na capella do Collegio assima dito onde estava por lente o muito illustre Sôr. Dom Jorge dalmeyda Reytor da dita universidade & com

(* Tendo a libra, ou *livra*, naquelle tempo, de que estamos tratando, o valor de 36 réis, como se lê na Ordenação Manoelina L. 5.º Tit. 1, em Mancel Severim de Faria Disc. 4.º sobre as moedas de Portugal, e no Elucidario das palavras, termos, e frases da lingua portugueza, é claro,

que por esta computação vinha a ser o salario do Mestre das Leis 21\$600 r.º — o das Degreetaes ou Canones 18\$000 r.º — o de Phisica ou Medicina 7\$200 r.º — o de Grammatica 7\$200 r.º — o de Logica 3\$600 r.º — o de Musica 2\$700 r.º — e o de cada um dos dous Conservadores 4\$440 r.º

»elle todo o collegio dos doutores della de todas as quatro faculdades &c.»

Nem se pôde duvidar da autenticidade d'este documento, pois que se acha assignado pelo Reitor, que então era da Universidade, o dicto D. Jorge d'Almeida, ao qual foi commettida a execução da provisão datada de 23 d'outubro de 1562, que ordenou a dicta instalação do Collegio, bem como pelos Doctores Affonso do Prado, Lente jubilado na Cadeira de Prima de Theologia, João de Morgovejo, Lente jubilado na Cadeira de Prima de Canones, Pero Barboza, Lente de Vespera de Leis, Thomaz Rodrigues, Lente de Prima de Medicina, todos Deputados do Conselho maior da Universidade, e pelo Secretario do mesmo Conselho e Mestre de cerimónias, Antonio da Silva, que como tal subscreveu o dicto documento.

Tambem se não conservou por muitos annos a Universidade em Coimbra; por quanto reinando já o Sr. D. Affonso IV e determinando no anno de 1338 vir viver nesta Cidade, ordenou que os estudos se mudassem para a de Lisboa. Pediu em consequencia ao Papa Clemente VI que mandasse unir á Universidade os fructos d'algumas Igrejas do seu Padroado real até a quantia de 38000 libras, para serem pagos os salarios dos Lentos da Universidade de Lisboa; graça, que o Papa lhe concedeu por bulla datada de 10 de janeiro de 1345, commettendo a execução d'ella ao Bispo d'Évora, que era D. Affonso, e ao de Lisboa D. Theobaldo, que estava ausente, e a executou sómente o d'Évora na fórma seguinte: — á Igreja de S.^{ta} Maria de Sacavem impoz a obrigação de pagar 650 libras, á de S.^{ta} Maria d'Azambuja 500, á de S.^{ta} Maria de Torres Vedras 800, á de S.^{ta} Maria d'Obidos 750, á de S. Thiago da mesma Villa 300, por sentença dada em 23 de dezembro de 1348, anno que foi de grande peste.

No anno de 1354 já estava outra vez a Universidade em Coimbra como consta de uma carta do mesmo Sr. Rei D.

Affonso IV, pela qual lhe confirma todos os privilegios, que seu paê lhe tinha concedido, e todos os que elle mesmo lhe concedeu assim antes, que ella fosse removida para Lisboa, como estando já alli, e tem esta carta a data de 6 de dezembro da era de 1392 (anno de Christo 1354).

Mas tambem ainda não permaneceu por muito tempo nesta Cidade de Coimbra; por quanto pela carta do Sr. Rei D. Fernando de 3 de junho da era de 1415 (anno de Christo 1377) foi mandada mudar outra vez para Lisboa; esperando, que com esta mudança, florescessem mais as sciencias no seu reino, porque tinha mandado vir de fóra d'elle alguns Mestres, que não queriam ler senão naquella Cidade, onde d'esta vez permaneceu por espaço de 160 annos.

Finalmente foi a Universidade mandada transferir para Coimbra pela ultima vez pelo Sr. Rei D. João III, fazendo-se esta mudança em abril do anno de 1537, e onde tem permanecido sem interrupção por espaço já de 308 annos desde então até o presente, vindo este estabelecimento a ter, segundo o que fica referido, 556 annos d'existencia a contarmos desde a sua fundação em 1289, como é mais provavel, pelo que já dissemos a tal respeito (*).

Nem se pôde duvidar de que esta ultima mudança se effectuou naquelle anno de 1537: 1.^o porque, sendo nomeado D. Garcia d'Almeida para Reitor da Universidade por provisão passada no 1.^o de março d'esse mesmo anno, d'ella se colhe, que o seu governo não havia de ser por muito tempo em Lisboa, declarando-se, que servirá em quanto se não eger Reitor na fórma dos estatutos, ou por sua provisão; 2.^o porque com effeito logo em 9 d'abril seguinte se lavrou em Coimbra o termo de prova de cursos, (expressão a que hoje corresponde a de provar o anno com as habilitações competentes para

(*) Vêja-se pag. 205.

ser o estudante admittido a fazer o seu acto) respectivo a Luiz da Guarda, e lavrado pelo Bedel Nicoláo Lopes, que já exercia este emprego em Lisboa, perante o Dr. Gonçalo Vaz Pinto, Lente de Prima de Leis, que tambem o era estando alli ainda a Universidade, e que neste acto da prova serviu de Vice Reitor: 3.º finalmente, porque, sendo por occasião d'esta mudança despedidos alguns Lentes, e Officiaes, el-rei D. João III lhes mandou dar tenças nas rendas da Universidade proporcionadas aos ordenados, que perdiam, e as provisões d'esta concessão são datadas do mesmo anno de 1537 em que tal mudança se effectuou.

Julgámos dever dar aqui estas razões, em que se fundou o auctor do manuscripto, de que extrahimos estas noticias, para dizer, que a ultima mudança da Universidade de Lisboa para Coimbra teve lugar effectivamente no referido anno de 1537, por havermos deparado na Revista Universal Lisbonense N.º 14 de 25 de setembro do presente anno com o art. 184, no qual se diz — *uma trasladação da Univercidade de Coimbra 1527*, — afim de que os leitores da Revista Academica, que tiverem visto aquelle artigo, não nos possam taxar neste de menos exactidão a tal respeito pela discrepancia no anno.

(Continuar-se-ha.)

ASSOCIAÇÃO BRITANICA

PARA O PROGRESSO DA SCIENCIA.

Reunir as maiores capacidades litterarias contemporaneas em um ponto onde as mais graves questões da Sciencia sejam examinadas, discutidas e julgadas; e reunir a este cabedal de intelligencia os elementos materiaes necessarios para se ensaiarem as numerosas applicações das Sciencias e para

alimentar por todos os angulos do mundo observações constantes e combinadas — é um pensamento grandioso cuja realização começa agora de ter lugar em ponto grande em alguns dos paizes mais civilizados da Europa.

A *Associação Britanica para o progresso da Sciencia* é a mais grandiosa que jámais se formou: quando o pensamento d'ella for realizado ter-se-ha dado o maior passo que nunca deram homens para o melhoramento material e moral da especie humana. Chamam-lhe britanica porque ella foi instituida em Inglaterra, porque os seus membros são pela maior parte inglezes; mas uma associação d'esta ordem não é de nenhuma nação, porque pertence a todas ellas — os seus membros não são escolhidos pela naturalidade senão pela instrucção e pelo engenho.

Em correspondencia com os maiores sabios do mundo, alguns dos quaes deixam os logares da sua residencia para se apresentarem na hora e lugar aprasado e concorrerem com o poderoso auxilio de suas luzes para o incremento da associação e progresso da Sciencia; recebendo as relações de observações feitas em varios pontos do globo, esta associação abrange com a sua mão poderosa o mundo inteiro, e faz esperar d'esta convergencia de luzes e de experiencia, o mais vigoroso impulso que jámais recebeu a humanidade no caminho da verdadeira civilização.

Foi na Universidade de Cambridge que pela decima quinta vez se reuniu em junho do corrente anno esta associação. O local não podia ser mais bem escolhido: esta universidade no que toca principalmente a Mathematica é a mais celebre da Inglaterra; foi n'ella que Newton bebeu os principios d'esta Sciencia, e é n'ella que hoje occupa um distinctissimo logar o celebre Sir John Herschel: — foi este quem presidiu á reunião.

Em um discurso lido por este astronomo á associação, onde se desenvolve

o grande pensamento que presidiu á instituição d'ella, chama elle a attenção dos sabios sobre a utilidade de se estabelecerem observatorios onde constantemente se façam observações meteorologicas e magneticas por todos os angulos do mundo. — Não bastam os observatorios astronomicos, porque não basta aos homens o conhecimento dos corpos que se revolvem constantemente na immensidade do espaço, o mundo é assumpto igualmente digno de occupar a attenção do sabio, é preciso examina-lo, perscrutar as suas leis, porque dos seus climas e estações, dos movimentos dos ventos e das aguas, dependem a vida e a prosperidade dos povos, porque na falta de observações astronomicas são as leis do seu magnetismo quem nos guia por sobre a vastidão das aguas; e os grandes factos que a figura, magnitude e attração da terra offerecem á contemplação do Mathematico formam a base da mesma Astronomia. — Os problemas gigantescos de meteorologia, de magnetismo e dos movimentos do oceano só podem ser resolvidos por uma mais extensa distribuição geographica de pontos onde se façam observações regulares, e por esforços perseverantes e systematicos para os quaes todas as nações civilizadas se devem julgar na rigorosa obrigação de contribuir com o seu contingente: que todas tem nos resultados um interesse directo (1).

A Revista *Academica* não podia deixar de gravar nas suas columnas estas palavras que deviam achar um echo em todas as corporações scientificas do mundo. Já um Jornal nosso (2) chamou a attenção dos Portuguezes sobre este movimento scientifico em que se agitam as outras nações da Europa: a Revista *Academica* une a sua debil voz á do illustre contemporaneo: — possam as vozes da imprensa excitar os brios

nacionais para que a historia demonstre ás gerações futuras que para o bem que d'esta associação lhes ha-de necessariamente provir tambem contribuiram Portuguezes.

Remataremos dando uma idea do modo porque se acham distribuidos os trabalhos n'esta Associação. Devide-se ella em sete Secções: — á Secção A, presidida pelo Sr. G. B. Airy, pertencem os trabalhos de Mathematica e de Phisica — á Secção B, presidida pelo Professor Cumming, a Chimica incluindo as applicações d'esta Sciencia á Agricultura e ás Artes — á Secção C, presidida pelo Professor Sedwick, Geologia e Geographia Phisica — á Secção D, presidida pelo Professor Henslow, Zoologia e Botanica — á Secção E, presidida pelo Sr. Haviland, Medicina — á Secção F, presidida pelo Earl Fitzwilliam, a Estadística — á Secção G, presidida pelo Sr. Rennie, a Mechanica.

DIVINA AUCTORIDADE DO NOVO TESTAMENTO.

— TRADUÇÃO DO INGLEZ —

Temos á vista a 1.^a parte d'esta obra interessante sobre que apresentaremos o nosso juizo critico acompanhado de uma breve analyse.

Se houveramos de considerar unicamente o merito da traducção, em poucas palavras formulariamos a expressão do nosso pensamento. — Dando ao traductor os emboras pelo bem que se houve no desempenho do seu trabalho, teriamos manifestado, que consideravamos esta traducção como obra muito bem acabada, na qual brilhava com especialidade uma linguagem correcta, desmentida apenas por leves defeitos, que mais supponmos erros typograficos, do que inadvertencias do auctor. Oxa! á que em todas as traducções podessomos encontrar tanto esmero em reprodu-

(1) Discurso do Presidente da Associação.

(2) Revista Universal

zir no idioma patrio os pensamentos alheios, de maneira que logo ás primeiras linhas não recendesse o cheiro de estrangeirismo. Mas devendo dar um juizo sobre o merito intrinseco d'esta obra, producção de *David Bogue*, considerá-la-hemos primeiro quanto ao assumpto e modo porque o auctor o desenvolveu, e faremos depois algumas reflexões sobre certas ideas, as quaes, bem que incontestaveis para um escriptor protestante, entendemos que n'um paiz catholico devem ser indigitadas como perigosas de se não casarem com uma orthodoxia pura.

N'uma introducção começa o A. por estabelecer a necessidade da *revelação*: os seus argumentos bem que não tenham o merito da novidade, cabelhe o da concisão a par do rigor nas deducções. Estabelece o genero de evidencia que nos deve levar a admittir como genuina uma revelação, e mostrando que umia parte dos mais fortes argumentos se tira dos proprios livros, em que se acham registadas as doutrinas reveladas, passa a examinar esses livros, e no primeiro capitulo discorre — sobre a evidencia da divina auctoridade do novo Testamento, que resulta dos principios nelle contidos. — Considera em primeiro logar a magestade dos traços, com que alli está delineado o character de Deus; compara a sublimidade d'este quadro com quanto em seu profundo pensamento haviam imaginado os maiores philosophos e poetas da antiguidade, e conclue que só dirigido desde alto o rude pincel dos pescadores, poderia deixar traçado o retrato do Omnipotente, tão parecido com o que a philosophia, sem o saber, la possuia estampado nos arcanos da razão.

Examina depois o character de *Jesus Christo*, do homem extraordinario, que só as almas rasteiras ousariam comparar com o justo de *Platão*: o filho de *Sophronisca* abençoado o executor, que chorando lhe ministrava a taça da rigude; mas *Jesus Christo na força terrivel da agonia*

roga ao eterno Pai por seus inexoraveis algazeres! David Bogue no meio do seu arrebatamento pergunta com *Rousseau*: «será possível que um livro tão simples e tão sublime seja meramente obra dos homens? Será possível que o heroe, cuja historia esse livro encerra, fosse simplesmente um homem?... Supponhamos que a historia evangelica é uma mera ficção?... Neste livro (o Evangelho) ha verdades tão evidentes e inimitaveis, que o inventor devia ter um character mais admiravel do que o mesmo heroe» (1). Estes pensamentos são sublimes, e nós pedimos aos incredulos, que meditem bem nas suas consequências.

Discorre depois o A. sobre a delineação da natureza humana, sobre a doutrina de um mediador e redempção por meio d'elle, e aqui todas as reflexões são profundas, e justas; são um quadro que resume o que melhor se tem pensado a este respeito, e que nunca nos enfadaremos de ver tão clara, e concisamente repetido. O novo Testamento acabou de resolver um grande problema, ante o qual toda a philosophia era sem poder. A philosophia tinha olhado para o homem, e o homem foi um enigma para ella. Era uma visão de ruinas no meio das quaes se via o sceptro embaraçado nos grilhões, a corôa amolgando sob um jugo de ferro, a purpura escondendo andrajos, o monarcha repartindo o throno como o escravo, a força armada do punhal assassino, a infamia caminhando á sombra da honra, a magestade abraçada com a vileza, e a virtude pedindo treguas ao vicio. A philosophia olhava para esta visão, como para um sonho do que delira, porque cansada de meditar no grande mysterio do homem, deixou o problema sem o resolver, e disse chea d'orgulho: o homem é o ser das contradicções. Mas o *Genesis* tinha começado a resolver o problema; e no meio da expectação geral, quando por toda a terra se elevava um bra-

(1) Rous. Emil.

do unisono, que apregoava a chegada de um mediador, nas montanhas da *Judea* foi ouvido o écho de uma voz, que respondia a esse brado — sou eu — O problema estava resolvido; a obra mais sublime do sexto dia não permanecia tal qual saíra das mãos do Creador; empanada pelo halito empestado de serpente maldicta, havia-se obscurecido a aureola de luz, que lhe brilhava na frente. Em vão procurava a philosophia encontrar o homem no mesmo homem: o par desterrado do Eden já não era o par ditoso, que sobre berço de flores dormira o somno da innocencia; era um par criminoso, que terminava os afagos do amor com as exprobrações do remorso.

Mas esse ente, em cujo seio Deus tinha soprado a sede insaciavel de felicidade, havia de ficar eternamente morrendo d'essa sede? Ou havia a justiça de um Deus de ceder á commiserção, como um fraco sentimento humano? Não ficará morrendo eternamente d'essa sede, disse o Filho de Deus: a Justiça eterna demanda uma expiação da culpa, será um Deus a victima, que se offerece voluntaria ao sacrificio por todo o genero humano. E que respondeu a razão do homem, quando ouviu esta voz? Ou sincera e humilde adorou a profundidade da sabedoria divina, e confessou a propria fraqueza, ou orgulhosa e pertinaz disse — não creio — e fechando os olhos á luz da Revelação, se precipitou nos abysmos da incerteza.

Continua depois o A. examinando os preccitos moraes do Evangelho, os motivos por elle propostos, e como no Novo Testamento se representa uma vida futura. Comparando com a doutrina do Evangelho quanto a este respeito foi escripto pelos mais sabios legisladores, ou moralistas da antiguidade, quanto puderam imaginar os fundadores de todas as falsas seitas religiosas, conclue o A. que só homens inspirados por Deus podiam formar um systema de moral tão admiravel como o do Christianismo.

Onde ireis encontrar philosopho não christão, que recomendasse á mão direita fazer boas obras sem o saber a esquerda, e que pudesse resistir ao — pulchrum digito monstrari: *hic est?*

Na ultima parte d'este capitulo que analysamos, considera o A. os caracteres, que o Novo Testamento deve formar, e a felicidade que dali resulta. Aqui todos os pensamentos do que os philosophos chamaram philantropia, e os christãos caridade, são sublimes. Quizeramos de bom grado poder copiar tudo o que lemos neste escrito a semelhante respeito; ali não falla o Inglez orgulhoso da sua nação, falla o Christão que é cidadão de todo o mundo...

— «Sejam todos os membros de uma familia animados por estes sentimentos; » (os do Evangelho) essa familia torne-se a habitação do amore da alegria... » Oh se a Europa fôra povoada por homens d'este caracter! Pleitearam todos a preferencia de pôr um fim á guerra, e ter a honra de solicitar a reconciliação. A paz fôra feita facilmente, porque a soberba, a avaresa, a ambição, a vingança, o amor de gloria, e a mania de dominar não tivera nenhum voto no congresso... Não mais possuidos do maligno demonio, *falsamente chamado patriotismo, que ensina e instiga os homens buscar a exaltação do seu paiz sobre as ruinas dos outros,* achariam ser devido e aprazivel promover a felicidade e prosperidade de todos outros. Em vez de se amaldiçoarem, como d'antes, abençoaram-se as nações umas ás outras; e segundo o espirito do Evangelho, amariam um paiz vizinho, como a mesma patria.

No segundo capitulo discorre o A. sobre a evidencia da divina auctoridade do novo Testamento, que resulta de considerações suggeridas pelo seu contendo. Estas considerações, que são como uns corollarios das doutrinas do primeiro capitulo, nos fazem convencer, de que o novo Testamento aperfeiçoa o espirito mais que qualquer outro livro;

não contem senão principios de eterna verdade, oppoem-se directamente ás maximas depravadas dos homens, vai adiante de todo o progresso da civilização, e completo em tudo quanto possa desejar-se em assumpto de Religião, dirigindo-se aos homens como nunca o fizera obra d'homem algum, abraça em seu systema de governo divino o presente, o passado, e o futuro. É o deposito sagrado de todos os principios de uma Religião, cuja divindade atestam as proprias tendencias do mundo moral, porque o alvo d'essas tendencias é a felicidade do homem, a qual sem religião não pode nunca existir; e de todas as religiões nenhuma senão a Christã é capaz de a completar. Os Apostolos tinham tão gravados no coração todos estes principios, que depois de largos annos de peregrinações, sem se communicarem uns com outros, fizeram ressoar de todos os angulos do mundo sempre as mesmas verdades, quer prégando aos povos, quer escrevendo para os pastores, ou para as gerações futuras.

Tal é em resumo a obra de *David Bogue*; e depois do que dissemos escusado é recomendar a sua leitura: mas com a mesma franqueza, com que lhe demos os louvores, os quaes em nosso entender lhe eram devidos tambem lhe notaremos os defeitos, com que deparámos pelo decurso da leitura. Fallo-hiamos, fosse qual fosse o assumpto, só pelo dever de critico, nem de outro modo entendemos a critica litteraria; mas no presente caso fazemo-lo por um

dever ainda mais sagrado — o do Christão Catholico, que não renegou da crença de seus paes —

Ha tres seculos, que os Protestantes não cessam de arguir os Catholicos por sustentarem, que a Igreja universal é o unico juiz infallivel na interpretação das santas escripturas. «É um circulo vicioso, dizem elles, sustentar pelas escripturas, que a igreja é o unico interprete infallivel das mesmas escripturas.» Não tem razão. As provas da infallibilidade da Igreja tiram-se não só dos livros sagrados, mas tambem da necessaria dispensação divina, que a Sociedade Christã havia mister. A Igreja catholica não nega, nem podia negar a intelligencia aos que leem a Biblia; nega porém que ás sagradas palavras possa dar-se um sentido contrario á tradição, ás decisões da mesma Igreja, ou ao commum sentir dos seus DD.

(1) Rejeita o *espirito privado*, como fonte do funestos erros, e ninguém menos que os Protestantes devia negar-lhe razão. Quem podera, mesmo em theoria, sustentar que qualquer homem só com as luzes da sua razão pura, isto é, não cultivada, deva julgar-se habilitado para entender livros escriptos em linguagem, seculos, e paizes, cuja indole e caracter nem ao menos elle se acha em estado de imaginar? (2) Mas sobre tudo ahí está o testemunho irrevogavel dos factos; ahí estão os *Socinimos*, ahí está o celebre *Strauss* (3), que em nossos dias se levantam no meio dos Protestantes, e lhes dizem bem alto — nós somos

(1) Tal é a disposição do Concilio geral de Constantinopla em 553, e a do Tridentino sessão 4.^a em conformidade com a Epistola 2. de S. Pedro. cap. 1. vers. 20. Os mesmos Protestantes pagaram já por vezes tributo a esta verdade, quando usaram de medidas repressivas contra os entusiastas da liberdade de interpretar. Tal foi entre outras um acto do Parlamento Britanico em 1543. Vid. *Hume Histor. de la maison de Tudor* tom. 2 pag. 426; *L'Esprit du Clerge*, n. 37. *Moshcim* tom. 2. part. 2. cap. 1 § 27.

(2) Quando o A. diz a pag'as 95, que em todos os Commentadores Christãos se notam erros, não reconhece elle implicitamente um juiz, que julga d'esses erros? E se o juiz tambem for sujeito

a errar, quem o hade julgar senão um Tribunal infallivel? Esse Tribunal crêmos ser aquelle a quem disse Christo—Ego vobiscum sum usque in consummationem saeculi.

(3) Strauss foi um digno apologeta da supremacia da razão: a livre interpretação da Biblia levou-o a negar nada menos que a verdade do Christianismo, negando a divindade ao Auctor d'elle. Sabemos que entre nós tem sido o seu livro procurado com avidéz; desejaríamos que ninguém o lesse sem estar munido da excellente obra—*Vida de Jesus Christo*—por Neander 4.^a ed. de Hamburgo em 1839, ou as do mesmo titulo, nma por *Arabe*, Hamburgo 1839 outra por *Kuhn*, Mayença, 1838, e *Stoberg*, edic. cheap.

a legitima vergonça da arvore, que plantaram Calvino e Lutero; somos o germen da semente, que vós lançastes sobre as terras septentrionaes da Europa.

A doutrina pois da infallibilidade da Igreja não é uma nova interpretação da Biblia para sophismar a controversia; é uma tradição de 18 seculos, em que não pôde haver *petição de principio*.

Todavia os Protestantés insistem em querer que todo o homem lea e interprete a Biblia, e julgue da sua *divina auctoridade*, e por isso, quando *David Bogue* se dirige aos Deistas, e analisa as doutrinas do Novo Testamento, interpretando-as conforme o sentir da Igreja Universal, faz uma cousa boa; mas quando elle diz (1)— «em quanto não lerdos, e entenderdes o Novo Testamento, d'esses nomes (Christão ou Deista) não vos resultará nenhum louvor, senão desdouro» — deixaremos nós de reconhecer nestas palavras a influencia de um falso principio? Poderão ellas ser uma consequencia das doutrinas dos Protestantés; não o averiguamos: se o são, não é necessario outra prova da falsidade d'essas doutrinas. Que seria a Religião d'aquelle, perante quem são iguaes o monarcha e o escravo, se do titulo de Christão apenas fossem dignos os aristocratas da sciencia? Noventa e nove centesimos pelo menos do genero humano ficavam condemnados ou a viver sem Religião, ou a usar de um titulo, de que lhe não resultava senão desdouro! A mesma idea domina desde o 2.º §. da introduccão, e d'entre bons pensamentos é necessario extrema-la. Diremos uma vez por todas: a Igreja catholica não exige, que seus filhos tenham todos a sciencia que se requer para saber ler, e entender os seus livros; a catechese supprime o estudo talvez de uma vida inteira, que era necessario para adquirir essa sciencia. É por isso que a catechese tem sido recommendada por todos os concilios,

nem nos principios do Christianismo havia outros meios de instruir os neophytos, embora *Mosheim*, e em geral os Protestantés pertendam sustentar o contrario.

Tambem por igual razão nos oppomos ao pensamento do A. que consiste em dar o Evangelho a ler a um Deista antes de lhe apresentar as provas do Christianismo (2). Servir-nos-hemos da mesma comparação do homem nascido e crescido nos subterraneos de *Herculanum*; se esse homem viesse de repente presenciar o brilho do astro do dia, seus olhos affeitos ás trevas não poderiam supportar um resplendor tão grande.

Para convencermos o incredulo, é necessario que saibamos dar-lhe uma certa educação. Se a um athen fallasseis em mysterios, perdido era todo o trabalho: obrigae-o a ir ao intimo do seu coração descortinar aquella fé innata, elle lá ha-de encontrar a imagem de um Deus infinitamente bom, que não podia crear o homem tão mau como o representa a historia de quarenta seculos; indicae-lhe então uma primeira culpa, e elle da infinita bondade de Deus ha-de inferir a necessidade de uma Redempção, e Revelação. Não é necessario depois senão comparar-lhe as doutrinas de todas as differentes religiões, e dizer-lhe quaes os pontos mais dignos de notar-se no Evangelho; se elle não for Christão já, quando começar a le-los, invocae em seu favor o auxilio da graça; que só d'essa poderá depender uma completa conversão.

Na pagina 67, onde se diz— «alem d'isto patentea-se-nos o mundo eterno» — desejaramos, que houvesse mais clareza, porque esta expressão interpretada com rigor seria um absurdo, de que não supomos capaz o A, embora seja a traducção, como verificamos, inteiramente fiel. Se era do dogma da vida eterna que o A. queria fallar, confessamos que o não sabemos; em todo o caso

(1) Vid. pag. 5. da Traducção.

(2) Vid. pag. 49 e 20.

ensuramos a obscuridade, se não a nossa curta intelligencia.

Quizeramos tambem, que o A. fallasse mais explicitamente, quando diz (1), — «durante os dous ultimos seculos foram descubertos (no Evangelho) muitas e importantes verdades latentes, que estão agora tão claras como a luz do dia.» Ignoramos de que verdades nos falla o A: se é das interpretações dos Protestantes, não lhe cabe o nome de verdades; se d'esses principios de progresso de que o A. se occupa em toda a secção 4.^a do 2.^o capitulo, tambem não somos da sua opinião. Deixaremos de parte o mysticismo prophético á cerca dos principios moraes reservados no Evangelho para se manifestarem ás gerações vindouras; confessaremos que (2) «quem comparar o estado actual da sociedade de Inglaterra, Hollanda, e Franca com o em que estava ha trezentos annos, verá que ella tem feito mui rapidos progressos; e a vasta machina ainda se move com accelerada velocidade. Começam a germinar no espirito dos discipulos de Christo principios que produzem planos de energia benevolencia, que tem por fim promover os principaes interesses da humanidade; principios que, sasonados os seus fructos, mudarão a face do mundo e introduzirão nelle a soberania (3) da caridade e farão feliz o genero humano; porque reinarão Deus e o seu Christo sobre as almas dos homens.

Mas esses principios não são novos; essas tendencias não contam dous seculos sómente de existencia. Desde que a Cruz foi arvorada no frontispicio dos templos, os distinctivos das raças caíram no opprobrio: no palacio, e na choupana, onde foi esculpido aquelle emblema da caridade, já não moram oppressor e opprimido; moram dous irmãos

que na hora da angustia mutuamente se auxiliam com os meios que a fortuna poz á sua disposição. Foram estas tendencias muitas vezes suffocadas, é verdade, pelos que de christãos só tinham o nome; mas os principios não podiam morrer; eternos como a verdade que enunciam, passaram incolumes aavez dos seculos de barbaridade e ignorancia, e no principio do decimo nono alcançaram completa victoria dos hypocritas, que já em nome da Religião, já em nome da Philosophia pertendiam sophisma-los.

Ultimamente na pagina 110 encontramos estas expressões: «Os Apostolos de Christo dizem que 1260 annos duraria o imperio do Anti-Christo desde o seu principio até a sua queda.» Ora sabido é que os Protestantes usando do usurpado direito de interpretar os livros sagrados, em lugar de dizerem simplesmente, como o Apocalypse, que o reinado do Anti-Christo será de 1260 dias, fazem dos dias annos. Não censuraremos esta interpretação, que se pudera auctorisar com outros logares das sagradas paginas, se acaso ella tivesse por fim dar ás palavras do Evangelista um sentido mais claro; mas como auxilio da calumnia, rejeitamo-la com desprezo. Luthero, que em todos os seus escriptos clamou sempre que o verdadeiro Anti-Christo era o Papa, fez introduzir esta fatuidade no synodo de Smalcaldia em 1537, a despeito das energicas recusações de Melancthon para não subscrever a semelhante doutrina. Já Wicief, e Gerberto tinham dado ao Papa o mesmo titulo, mas só em tom declamatorio, e todavia as suas proposições foram condemnadas (4) Mas os Protestantes não quizeram que semelhantes expressões podessem julgar-se declamações vagas; dogmatizaram-nas, estabeleceram-nas por artigos synodaes. No syno-

(1) Pag. 90.

(2) Vid. pag. 117.

(3) Vid. pag. 117 Alli diz-se soberania da razão e da caridade; não admittimos a primeira no seu

tido em que a tomam os Protestantes.

(4) Prop. 30 de Wicief condemnada no Concilio de Constança. A' cerca do segundo vid. Baromio an. 192.

do, que em 1603 os Calvinistas celebraram em *Gap no Delfinado*, lê-se o artigo 31 de confissão de fé da forma seguinte: «O Papa é propriamente o Anti-Christo, o filho da perdição designado nas sagradas letras, a besta vestida de purpura que o Senhor despedaçara.» E no capítulo da disciplina continúa: — «porque muitos se enquietaaram de que o synodo chamasse ao Papa Anti-Christo, o synodo protesta, que esta é a crença e confissão commun de todos nós; e que este é o fundamento de nossa separação da Igreja Romana, fundamento tomado da Escriptura, e sellado com o sangue de tantos martyres.» Ora eis aqui o fim para que os Protestantes, insistem em dar ao reinado do Anti-Christo 1260 annos de duração, porque neste espaço julgam muitos que poderá abranger-se a duração do *Papismo*.

José Medo em Inglaterra, e Jurieu na Hollanda entretiveram-se desgracadamente no seculo passado com esta idea, que até os Protestantes de *Genebra* se não envergonharam de consagrar por uma inscripção publica, ridicula aos olhos de todos os viajantes sensatos. Por todos estes pensamentos divagámos, quando liamos as palavras da pagina 110; mas não podiamos acabar com nosco, que *David Bogue*, homem de parecer tão sensato, tivesse naquellas palavras a má tenção de recordar uma idea tão mesquinha. E nós passaríamos de leve por sobre ellas, dar-lhe-hiamos inteiro perdão, se não vissemos por toda a sessão 7 do cap. 6 (1) reproduzida aquella idea, a par de diatribes indisculpaveis contra a Igreja Catholica e seu Chefe.

Dêmos o nosso juizo com franqueza, louvamos o que em nosso entender o merecia, indicamos como pe-

(1) Este capítulo ainda não está traduzido, e sabemos do traductor da obra, que o não será. Folgamos de annunciar isto, como testemunho dos sentimentos de pura orthodoxia, que animam o habil traductor.

rigoso o que julgamos filho de convicções mal fundadas, e mais dignas de lastima que de censura; porém censuramos energicamente pensamentos, que sobre erroneos, mesquinhos, revelam sentimentos de intolerancia no animo de um christão, aliás tão sensato, e instruido.

A pezar de tudo isto, lida esta obra com cautela, faltariamos á verdade, e ao dever de critico, se não a recomendassemos a todos os homens, que se quizerem instruir sobre uma parte dos motivos da sincera e verdadeira fé em Jesus Christo.

G. de A.

ENEIDA DE VIRGILIO.

TRADUZIDA POR

José Victorino Barreto Feio.

Difficil tarefa se impoz aquelle, que de uma lingua alhea quiz transladar para a sua os pensamentos de qualquer escriptor! Além das diversas indoles, das graças especiaes, da abundancia ou mingua proprias, dos variados rithmos, e de mil outras circumstancias peculiares a cada lingua e sem as quaes o pensamento não fica perfeito, além d'isto, o traductor tem de luctar ainda com a natureza, ordem, formação, e deducção das idéas, que tanto dependem do homem que as concebe, e este da esphera mais ou menos dilatada das suas faculdades, da educação que recebem, dos costumes da sua patria, da epocha a que pertence, e finalmente até do clima sob que nasceu e viveu.

Já não é pouco sentir bem, comprehender cabalmente um auctor conterraneo; quantas vezes lhe suppomos idéas que elle não teve! mas quando se trata de entender, e, mormente, de vestir de novo os pensamentos já expressos n'outra linguagem, ahí é que todas as difficuldades se reuñem, e que raro se venhem: — *sem scião* pôde-se dizer que

nunca. A melhor traducção será sempre ao pé do original o mesmo que o reflexo ao pé da luz, que o cadaver galvanizado ao pé do homem vivo.

Por mais que uma lingua se saiba, estes tropeços permanecem sempre: — que importa que o pintor seja primoroso? onde está o *Apelles* de quem possamos dizer — estes traços valem um homem? — o pintor traduz, o traductor pinta.

E que difficil não é o saber uma lingua! quantos são os que sabem a sua? quantos os que sabem a sua e a alheia? — aquelle monarcha de Hespanha dizia bem, *quem tres linguas sabe, tres homens val*; todo o milagre está em achar esse homem que valha por tres, ou sequer por dous.

Tudo isto que se dá com as linguas vivas, tambem se dá com as chamadas mortas, e em gráu mais subido, porque já não ha quem possa desfazer uma duvida, ou confirmar uma opinião; lá já-zem no sepulchro todos os que o podiam fazer. Quem valerá, muitas vezes, ao traductor diante d'um idiotismo pouco vulgar, pouco conhecido, mas do qual depende toda uma passagem? soccorrer-se ha aos Dicionarios? mal vai áquelle que assim traduz, o Dicionario é o livro que o traductor deve abrir menos vezes: irá folhear os mestres da lingua, os escriptores coevos? sim, é o melhor arbitrio, mas essas obras a que elle pede conselhos são outras tantas lapides funerarias; pôde ler-se a inscripção mas o morto não a pôde explicar; — os livros fallam, mas não ouvem.

Se por cima de todas estas cadeas lançarmos ainda uma derradeira, veremos então o traductor maneado de todo: — queremos fallar da poesia. Traduzir um poeta, só outro poeta dos mesmos quilates o conseguirá. *Bocage* traduziu *Oridio* porque aquellas duas almas eram irmãs, porque aquelles dous espiritos se abraçavam como dous gêmeos, como duas vergontes do mesmo tronco. Se *Bocage* tivera a instrucção d'aquelle chegaria a ser *Oridio*, se este

a tivera tão minguada não passaria de ser *Bocage*; — a estrella era a mesma.

Com estas bases, que temos por verdadeiras, onde existe o homem que possa traduzir *Virgilio*? crêmos que só *Camões* fôra capaz de tanto, se em vez de se ornar com os louros d'outro não houvesse preferido ceifa-los para si, tão seus e formosos que o fizeram rival do cantor de *Eneas*.

Todavia tres traducções contamos já da *Encida de Virgilio*, em que os tres illustres traductores procuraram vencer os escolhos de tamanho empenho, e se nenhum os venceu todos, cada um d'elles venceu muitos: — cumpre-nos porém occupar-nos agora do que ultimamente appareceu, do Sr. *José Victorino Barreto Feio*.

Se a fidelidade só por si constituisse todo o primor de uma traducção nenhuma seria nunca mais primorosa que a do Sr. *Barreto Feio*; não ha, segundo nos pareceu, e com as poucas luzes que possuímos, não ha uma só idéa de *Virgilio* que o seu traductor nos não transmitisse, por secundaria, por pequena que seja, em todos os primeiros quatro livros que percorremos. O caracter lilial da nossa lingua, que nos torna mais facéis as traducções do latim, esse caracter analogo é conservado com tanto escrupulo e acerto que não ha louvor que lhe seja sobejo. Todas as vezes que o Sr. *Barreto Feio* pôde conservar o mesmo arranjo de frase, o mesmo estiramento de periodos, a mesma collocação de verbos, de orações incidentes, e todas as outras virtudes e vicios que ha na lingua latina, e que a portugueza herdou, nunca se descuidou de o fazer. Fez mais; foi buscar com preferencia as palavras mais homogeneas, mais unisonas, de modo que se visse, bem claramente visto, quanto a filha copiava as feições maternas.

Disse sempre por *bipotentibus* — bipatentes; por *ineluctabile* — ineluctabil; por *trisulcis* — trisulcas; e assim em milhares de outros termos, quando se

conservava a mesma força de dizer, ou quando a acceção não havia unidado.

Pode-se afoitamente afirmar que o *Sr. Barreto Feio* possui as duas linguas, e que forcejou para que a elegancia de uma se conservasse sempre na outra: — consegui-o, senão absolutamente, ao menos, tanto quanto basta para ser excepção um ou outro descuido em que notámos tibiesca e desalinho.

Como poeta é que o *Sr. Barreto Feio* não foi sempre tão feliz, nem admira porque para o ser como *Virgilio* não bastam conhecimentos, estudo, e talento acima do commum, é preciso aquelle dom preciosissimo que Deus envia pela boca dos anjos á alma d'um seu escolhido lá de seculos a seculos, e que hoje se chama — genio. Não queremos com isto dizer que não haja muitos logares em que o *Sr. Barreto Feio* não fosse poeta, e em que os seus versos lhe não s'issem verdadeiramente poeticos, pertendemos, porque somos justos, asseverar sómente que as Musas nem sempre lhe foram propicias, que abunda em versos frouxos, e até alguns de difficil medição.

Para exemplo d'esta falta daremos dous versos sómente:

(pag. 252, e 275.)

Sempre me hei-de lembrar com saudade

E o galardão naquelles que lembrão

São na verdade dous maus versos, além de demasiado prosaicos, tem os accentos da sexta syllaba tão desvantajosamente collocados que obrigam o leitor a parar, e repeti-los duas ou mais vezes para se convencer que não estão errados.

Tambem daremos agora exemplos a favor do *Sr. Barreto Feio*, e estes os poremos conjunctamente com o texto para melhor se lhes avaliar a belleza:

(pag. 121, e 120.)

Qualis ubi in lucem coluber, mala gramina pastus,
Frigida sub terra tumidum quem bruma tegebat,
Nunc positus novus exuviis; nitidisque juvena,
Lubrica convolvit sublato pectore terga
Arduus ad solem, et linguis micat ore trisulcis...

Qual, quando sabe á luz, tumida cobra,
Que debaixo da terra se escondera
Durante o frio inverno, e agora altiva,
Depois que de más hervas se ha fartado,
Despida a pelle antiga, o collo alçando,
Com lustro juvenil nitida e nova,
Ao sol a cauda lubrica revolve,
Abre a boca, a trisulca lingua vibra...

(pag. 237, e 236.)

At puer Ascanius mediis in vallibus acri
Gaudet equo; jamque hos cursu, jam præterit illos;
Spumantemque dari pecora inter inertia votis
Optat aprum, aut fulvum descendere monte leonem.

Mas no meio dos valles campeando
Em fogoso ginete, ledo lúlo
Já uns, já outros passa na carreira,
E entre o rebanho tímido quizera
Que espumante javardo lhe sabisse
Ou que fulvo leão dos montes desça...

Podéramos citar mais logares que nos agradaram, mas, na parte mechanica, devemos confessa-lo, não existe o mesmo merito que se encontra em tudo o mais, ha graves peccados contra a harmonia, e a metreficção não é sempre tão perfeita como fôra para desejar.

Estes reparos, que só fazemos por amor á verdade, não tiram á traducção do *Sr. Barreto Feio* o seu muito valor, nem farão, de certo, que não seja lida por todos os amadores das boas letras: — oxalá que elles, não desagradando ao seu benemerito auctor, o hajam de guiar na parte da *Eneida* que ainda resta, e que esperamos anciosos.

J. de Lemos.

A Reducção da Revista Academica declara a seus assignantes, que se alguma phrase allusiva ds opinões politicas de seus concidadãos tiver apparecido nas columnas d'este jornal por haver escapado, talvez, á sua vigilancia, ella se não fez cargo de expressão alguma de semelhante natureza, e será para o futuro ainda mais escrupulosa a tal respeito.

O CONDE ALARCOS.

(*) (*Lenda Popular.*)

— « Que mulher d'estes meus reinos
Em teu logar choraria ! »
Dizia o rei de Castella
A' filha que se carpia.

— « Choro, Senhor, porque invejo
As cusadas » respondia.
« Dae-me, padre, com quem viva
Que me dareis alegria. »

— « Se houvesse um conde solteiro
Isso remedio teria,
Era-o só o conde Alarcos
Esse casou outro dia. »

— « Conde Alarcos, conde Alarcos
Era o esposo que eu queria
Mandareis chamar o conde
Jantarã com nosco um dia. »

— « Tão asinha fui chamado
Que quer vossa senhoria ? »
— « Quero dar-te por esposa
A minha filha Maria.

— « A princeza ! senhor rei !
Tamanho bem quem mer'cia ?
Mal peccado ! Tenho esposa
A Condeça que faria ? »

— « Eu quero morta a Condeça
Antes d'uma ave-maria. »
— « Mata-la ! Senhor, não posso
Que tambem eu morreria. »

— « Conde, faze o que eu te digo ;
Antes d'uma ave maria
Aqui trarás a cabeça
Nesta dourada bacia. »

— « Tão triste, vens, conde Alarcos,
O jantar que tal seria ? »
Perguntava-lhe a condeça
Que ao encontro lhe saia.

— « Má sina minha ! o jantar
Foi de morte ; esta bacia
Deve ter tua cabeça
Antes d'uma ave-maria.

El-rei quer dar-me outra esposa
Dar-me a Princeza Maria,
Deseja ver-te a cabeça
Nesta dourada bacia. »

— « Cal'te, cal'te, conde Alarcos
Tão feia acção quem veria ?
Matar-me assim ! antes freira
N'um mosteiro morreria. »

O povo chora nas praças
'stá de luto a fidalguia,
Os sinos dobram na Sé,
Deus do céu quem morreria ?

Morren el-rei de Castella
Máis a Princeza Maria,
Deus os matou, por tentarem
Separar quem Deus unia.

(*) Esta lenda, chácara, solão, ou como lhe quizerem chamar, ouvi-a gargantear em Coimbra, e assentei que a não devia deixar morrer entre o povo. Ali vai pois ; a tradição que conserva, estragando, tinha-lhe desfigurado muitas côres primitivas — uns versos errados — outros incompletos no sentido — alguns visivelmente desdizendo da

epoca de quasi todos. — Estes defeitos intentei suppri-los conservando tudo o que ponde, e modelando o que lhe accrescentei pela antiga singeleza. Como não achei nome à Princeza baptizei-a, e chamei-lhe Maria. Isto é bastante para dizer que não me responsabilizo pela verdade historica do Romance.

A. X. R. Cordeiro.

ENTUSIASMO DEVOTO PELA FESTA DO NATAL.

Silencio oh Povos ! Silencio. . . .
Mudez, respeito profundo
Abafe algum tempo as lidas
O reboiço do mundo.

Nem sulque as ondas a proa,
Nem Campos lacere a enxada.
Extase Divino absorva
Toda a Machina creada.

No ar livre solta a idea.
Arranca veloz carreira. . . .
Oh ! se os sentidos podéram
Seguir-lhe a luzida esteira !

Ei-la tanto mar transpondo
Ja pouosa na Plaga Eóa. . . . (a)
Onde estamos ! não he esta
De Sino a excelsa crôa !

Aquelle lanço de muro
Não he da sancta Solima !
Não he Siloe esta Fonte (b)
Que Ara Sacra tanto estima !

Montanha das Oliveiras
Não he esta, e o Moia aquelle !
Aqui não he que a Torreute
Do Cedron ondas propelle !

Ah ! que dita nos espera !
Mais longe um pouco voemos :
De Mystérios profundíssimos
Que scenas encontraremos

Este Dia o rumo ensina.
Convem Solima deixar :
Posta só no Austro a mira
Cumpre o Norte postergar.

Da Judea os altos serros
Nos guiam pelo Occidente,
Mar morto, e arabicos montes
Nos seguem pelo Nascente.

Oh Cidade de David !
Oh ! venturosa Belem !
Hoje de entrar no teu seio
Haveremos parabem.

Somos na estrada d'recta ;
Já quasi ás portas batemos :
Annuncios de que és já perto
Diante dos olbos temos.

Eis o Rochedo em que Elias
Das fadigas reponsava,
E a Oliveira, a cuja sombra
O rosto desencalmava.

Agora os Campos de Roma,
Dos Filhos sorte cruel
Inda parece que chora
Neste tumulo Rachel (c)

Vedes este longo Valle
Pedregoso, avermelhado !
Figueiras nesta Colina,
Oliveiras d'outro lado !

(*) Esta poesia achada entre outros papeis de pouca monta, destinados para embrulhos n'uma tasca, foi achada e remetida por um nosso correspondente que a salvou da perda.

Por nos persuadirmos que não corre impressa, e pelo nome do seu auctor a accetamos e publicamos tal qual nos foi mandada. As mais notas que a acompañam não são nossas, — vinham encorporadas no original.

Em quanto a esta poesia ser de João Evangelista parece-nos que o podemos affirmar, pelo empolado das ideas, e por um certo ar classico que o eximio poeta costumava empregar em todas as suas composições, e que nesta sobressai muito.

(a) Figura-se uma viagem ao Oriente, começando no monte Sion até Belem, pitando-se os objectos como hoje são segundo as ultimas noticias do bem conhecido Sabio e viajante Chateaubriand.

(b) Fonte nas fraldas ou valle immediato a Sion onde Christo fez o milagre de dar vista ao cego. Os Levitas aspergiam agua de Siloe sobre o altar nas festas dos Tabernaculos cantando = *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris.* =

(c) Apronta-se ainda em forma de Mesquita o tumulo de Rachel. = *For in Rama audita est, ploratus, et latus multus, Rachel plorans filios suos, et noluit consolari, quia non sunt.* = S. Malli. Cap. 2. v. 18. — Jerem. Cap. 31, v. 15.

Reparaes como no meio
 Não alto Monte domina !
 Nelle mora a quem buscamos
 Belem , Cidade Divina.

Tudo em torno é solidão ,
 Estragos, ruinas, damnos :
 Tudo meios nus Selvagens
 Ou descritos Muslmanos.

Tudo é barbaro por fóra :
 Mas dentro em seu seio a terra
 Oh que Encantos, que Grandezas ,
 Que Maravilhas encerra !

Subamos. . . Somos no Templo
 Em forma de Cruz talhado,
 De Columnas, Obra prima
 Do Sinzel Corinthio ornado.

Templo Augusto quantas vezes
 Por bruto ferro aluido ,
 E quantas outras aos Astros
 D'entre as ruinas erguido !

Altar dedicado aos Magos
 Nos mostra o alto da Cruz :
 E oh como do Altar na base
 Marmorea Estrella reluz !

Esta Estrella corresponde
 Ao ponto exacto do Cén
 Em que dos Magos a Estrella
 A carreira suspendeu. . . .

Mas : desçamos sem demora
 Aquella escada espiral :
 Por ella se desce á Gruta
 Que d'um Deus é chão Natal.

Já do Orgão magestoso
 Ressoa a harmonia rara :
 D'ella o Arabe attrahido
 Seus camelos desampara.

Coração que vas tu ver !
 Podes ter gosto de ti :
 Mas ai responde primeiro —
 Es digno de entrar aqui?

Será de Alexandre , ou Cyro
 Ou d'algun Profeta o berço ?
 Ou é do Deus dos Profetas,
 Do Rei dos Reis do Universo ?!

La fóra paixões infames
 Fataes delicias do Mundo. . . .
 Cabe aqui só da innocencia
 A flor, e o uectar jucundo.

Cherubins e Serafins
 Aqui foram a milheiros ;
 Se algum mais entrar é dado
 He a Christãos verdadeiros.

Ou a mim, que em dor partido
 Que em pezar rasgado o peito
 Por tanto funesto engodo,
 Tanto erro, tanto mau feito.

A' funda, azul negra chaga
 Que n'alma se abriu medonha,
 Balsamo venho buscar
 Contra o mal que me empeçouha.

Ah ! que horror me toma todio
 Como os cabellos se estacam !
 Como convulsos, e frios
 Os membros todos afracam !

Eu ver ! Céus !... e dais-me aos olhos
 Tão mais que muita licençã !
 Eu indigna mesquinhez
 Aos pés da Grandeza Immensa !

Eu ver !... Sim vejo o marmor,
 Que o Chão, que as Paredes orna :
 Eis as bellezas, que a Mão
 Liberal d'Heleua entorna.

Alampadas trinta e duas
 De Monarchas brinde augusto
 O logar me estremam onde
 Nasceu por essencia o Justo.

Marmor com jaspe embutido
 Argenteo circulo em volta
 Com raios ao centro vindos
 É um Sol que raios solta.

No fulgor dos seus contornos
 Diz o letreiro esculpido
 • Aqui da Virgem Maria
 • Jesus Christo foi nascido. •

Em terra, joelho em terra. . . .
 Por esse chão nos prostremos,
 Por elle roçando os labios
 Osculos mil arrastemos.

Goração : daqui não saís. . . .
 Onde achar melhor Estrella?!
 A que eterna te alumia,
 Te esclarece, olha — é aquella.

Jesus Christo aqui nascido!
 Foi, foi aqui o Curral,
 Foi alli a Mangedoura
 O bafo do irracional.

Que reflexões, que suscita
 Este sitio sacro santo!
 Verga a mais alliva idea
 Ao peso d'assombro tanto.

Como assim nascer lhe aprouve
 Dos Céus, da Terra o Auctor
 No desprezo mais obscuro
 No abatimento maior!

O Christo ha quatro mil annos
 Por Profetas promettido,
 Figurado em Ceremonias,
 Por Justos appetecido!

Sello da Eterna Alliança,
 Arco Iris verdadeiro,
 Não esse que as nuvens pintam
 Na materia, e cor grosseiro!

Aquelle unico que a Deus
 Gloria restitue roubada;
 Que brinda os homens com paz,
 Paz até li não gozada!

Que do culto exterior
 Regeita o pomposo fausto
 Preferindo o culto d'alma
 Ao cruento do Holocausto!

Que do Judeo, e Gentio
 Uma só familia forma,
 Barbaro, e Grego emparelha
 Scylha, e Romano conforma!

Conquistador de Judá,
 D'Israel Libertador!
 Deus Incognito em Athenas!
 Dos Povos Legislador!

Que une a Terra com o Céu
 A carne sanctificando
 A carne em quem a gangrena
 Sem remedio ia lavrando!

Jesus Gloria do Universo!
 Splendor Maximo dos Céus!
 Eterno, Filho do Eterno!
 Jesus Homem, Jesus Deus!

E os Céus então não se abriram
 Quaes sobre Sinai outr'ora
 Tecendo de milhões d'astros
 Estrada rutiladora!

Ao clangor d'aureas trombetas,
 A rebombo de trovões
 Não annunciavam os Anjos
 A sua vinda as Nações!

Tremem do Cenaculo os eixos
 Mal sentem sua presença;
 E o Presepe sem abalo
 Acolhe a Grandeza Immensa!

Sim: porque mais a soberba
 Suas Victorias não dobre,
 Quiz ser de Cezar escravo,
 Quiz nascer humilde, e pobre.

Quiz ensinar-nos qual é
 A verdadeira Grandeza,
 Que egos nossos sentidos
 Chamam grande, o que é baixaza.

Que no gozo dos prazeres
 Assenta mal a ventura
 Porque logo ao enceta-los
 Nos trava fel e amargura.

Que a razão é temeraria
Quando ao Mysterio se arroja;
Que é só justa, se das azas
Em honra á Fé se despoja.

Que o das Eras promettido
Não é Messias Carnal
Sen culto, Gloria, e Doutrina
É tudo Espiritual.

Em novo Altar, novo Templo
Poem Victima, e Sacerdote;
E quem é? — é elle mesmo:
Porque as finezas esgote,

Oh Amor d'um Deus só digno!
Que te pode apreciar!
Toda a Eternidade é pouca
Para tanto amor louvar.

Pullulem dentro em nossa alma
Novas Virtudes tambem;
De mil paixões sacrificio
Complete-se hoje em Belem.

Esteril he quanto vëmos,
Esteril nossa jornada,
Se por fructo não tiramos
Uma vida reformada.

Eis honrados socios meus:
Ou sempre aqui nos fixemos,
Ou de um Deus nascido o affecto
N'alma jamais apagemos.

Cantemos Anjos do Céu,
E jámais se julgue assaz:
A Deus Gloria nas Alturas,
E na Terra aos Homens paz.

Feita por João Evangelista de Moraes Sarmento em 1819.

DO SYSTEMA PENITENCIARIO.

Quando reflectimos que são decorridos quasi doze annos, depois que nos nossos Principios de Direito Publico demonstrámos a falsidade dos varios systemas adoptados nas casas penitenciarias estabelecidas nos Estados-unidos da America septentrional, e, á sua imitação, em diversos paizes da Europa: quando pensamos que uma tão illustre assemblêa, como a Academia das sciencias moraes e politicas do Instituto de França se dignou de acolher com uma geral approvação a leitura que ha cinco annos nos fez a honra de escutar d'uma nossa Memoria sobre este assumpto; não é sem uma profunda confusão que lêmos e ouvimos pomposos elogios áquelles estabelecimentos; que nos Estados onde elles ainda não existem os Governos e os Parlamantos se occupam com grande empenho, da sua creação: versando unicamente a duvida sobre a preferencia que uns entendem dever-se dar ao systema d'isolacão perpetua, como se practica em Philadelphia, entre tanto que outros só julgam admissivel

a isolacão durante a noite sómente, como em Auburn.

Se não fosse a approvação geral dos muitos homens illustres pelas suas luzes, e respeitaveis pelo seu caracter, a cujo conhecimento tem chegado as nossas observações sobre os gravissimos defeitos d'aquelles estabelecimentos e os meios que havemos proposto de se evitarem; deveriamos receiar haver hallucinação da nossa parte. Mas na presença de uma tal unanimidade de votos insustentáveis, como se pôde explicar a persistencia em se adoptar qualquer dos dous mencionados systemas, uma vez que ambos laboram naquelles incontestáveis defeitos?

É porque seria preciso começar por algumas, aliás necessarias reformas, tanto no systema penal geralmente recebido, como na organisação do Poder judicial.

Resumiremos neste artigo as objecções que se nos offerecem contra os actuaes systemas; bem como as bases da reforma que em nossos escriptos havemos proposto: e os nossos leitores julgarão até que ponto se pôde justifi-

car a reluctancia que os Governos mostram a fazer na legislação penal e na administração da justiça criminal as reformas que exigem os melhoramentos por nós indicados na organização das casas penitenciarias.

As casas penitenciarias são destinadas para se obter pelos meios os mais acertados a correção dos criminosos. Não tem pois unicamente por fim despertar no animo dos convictos um arrependimento de seus crimes: nem basta faze-los alli passar por privações, incommodos, trabalhos ou enfim quaesquer rigores que lhes imprimam no animo um gráu de intimidação assaz forte para fazer esperar que, depois de restituídos á liberdade, elles não tornem a reincidir nas mesmas faltas.

Por mais sincero que seja o arrependimento; por mais forte que seja o terror de que, voltando á sua antiga situação, elles se achem possuídos, se não tiverem contrahido habitos contrarios áquelles que ontr'ora os precipitaram no abysmo da desgraça; se durante a sua estada na prisão elles não tiverem adquirido meios de fugir ao contacto impuro de companhias, como as que, sympathisando com os seus ruins instinctos, contribuíram para a sua perversão; os annos passados na casa penitenciaria, só terão servido para mais accenderem o seu desejo de vingança, pelas torturas que alli lhes tiverem feito soffrer.

Assim, do momento em que nós consideramos o systema penitenciario, como um meio de extirpar os antigos habitos viciosos do preso, substituindo-os por habitos não sómente virtuosos, mas taes que seja moralmente impossivel o regresso dos primeiros; é evidente que os meios empregados nas actuaes casas penitenciarias estão muito longe de poderem satisfazer.

Quatro são unicamente os meios que em todos elles se empregam; a saber: o silencio absoluto, desde o dia da sua entrada até á sua saída; salvo o que

for indispensavel praticar com alguns dos officiaes da casa sobre objectos de absoluta necessidade ou nas occasiões em que os Estatutos determinam que elles sejam visitados pelo Director, pelo Capellão ou pelo Medico do estabelecimento.

Consiste o segundo meio n'um incessante trabalho, não se lhes concedendo mais tempo de descanso do que o indispensavel para não succumbirem.

Terceiro: fazer-lhes algumas practicas, ora a cada um em particular no seu quarto; ora a todos junctos, por occasião das ceremonias religiosas. — A este tópico se póde annexar o ensino do ler e escrever áquelles que o não sabem e se reputa estarem em idade de aprender. Tambem se ensina algum officio áquelles que ao entrar não sabem nenhum em que desde logo possam ser empregados.

O quarto meio, que se considera, como o principal é o da separação que alguns escriptores entendem dever ser perpetua e continua; outros porem que se deve limitar só ás horas do descanso.

Não se póde duvidar que todos estes quatro meios são mui conformes á razão: e que sem elles nada se póde esperar de melhoramento em homens mais ou menos corrompidos: e cujo contacto bastaria para acabar de perverter os que para alli entrassem apenas iniciados no crime; como a experiencia mostra nas galés e persigangas, e geralmente em todas as prisões, cuja existencia, durante tantos seculos, é um indeleavel padrão de vergonha para nações que se gloriam de serem christãs e civilizadas.

Mas resta a examinar se bastam aquelles quatro expedientes; e se elles são empregados de um modo adequado para se obter o fim da emenda dos culpados e da repressão dos que se sentissem tentados a imita-los.

Se aos presos fosse licito entreterem-se uns com os outros, como é practica nas prisões usuaes, as suas practicas ver-sariam, como actualmente, sobre os

assumptos que lhes são familiares, tudo quanto ha de mais torpe e hediondo, na linguagem a mais asquerosa.

E se elles não poderiam conversar uns com os outros senão em taes assumptos: sobre quaes outros esperam os philosophos reformadores que, concentrados em si mesmos, cada um d'elles pense na sua terrivel solidão? Não podem fazer outra cousa senão recordar-se de seus horrosos crimes, e suas torpes orgias, nutrir e fortificar em seus corações o rancor que de todo o tempo teem votado á sociedade, e traçarem cada dia novos planos de vingança, para o momento em que findar o tempo marcado na sentença, ou aquelle em que se poderem evadir; porque tambem esse é um dos objectos das suas meditações.

Assim, em vez de arrependimento e emenda, essa tortura moral de isolação e do silencio, a que elles se vêem condemnados, servem unicamente a fazer los passar alternativamente da raiva e dos projectos de evasão e de vingança aos transportes de cólera, por verem seus projectos e tentativas cada dia mallogrados. . . . Equando por fim se lhes abrem as portas da prisão, que esperam os nossos legisladores que elles façam? Que companhias imaginam que elles frequentem?

Eu não lhes posso fazer a injuria de suppor que homens de tanto saber se persuadam, que a tortura moral do silencio e da isolação forçada, tenham por effeito fazer com que aquelles infelizes tenham adquirido e continuem gostosos o habito de não fallarem com ninguem, de fugirem de toda a sociedade.

Seria fazer-lhes ainda maior injuria o suppor que elles esperam que os desgraçados vão demandar a sociedade dos homens de bem, para se entreterem com ellos sobre os torpes assumptos que fazem todo o seu saber, porque na solidão do carcere não adquiriram novas idéas: e isso na unica linguagem que lhes é conhecida, porque não é durante um multissimo de dez ou mais annos que elles teem podido apprender outra.

Mas se os defensores do actual systema penitenciario não caem no absurdo de admittir nenhuma d'estas supposições, commettem outro não menos grave de affirmarem, que o habito do trabalho adquirido na prisão os preservará das seducções d'essas más companhias.

Parece incrível que homens a quem o coração humano deve ser conhecido possam acreditar que doze annos de trabalhos forçados inspirem mais amor ao trabalho, do que doze annos de solidão e silencio forçado devem produzir de aversão á conversação e tracto com os outros homens.

Mas o que aquelles escriptores não ignoram é que os outros homens repellem da sua sociedade, não admittem o seu serviço, negam mesmo o trabalho ao desgraçado que sabem ter passado algum tempo nos ferros, mesmo por simples delictos quanto mais quando receiam que tenha sido por atrozes crimes?

Assim essas practicas de moral que, as mais da vezes, não foram comprehendidas, nem talvez escutadas: esse trabalho, tanto mais proprio a augmentar o horror que os homens viciosos teem ao trabalho, quando elle era forçado: essa immensa tortura moral da incommunicabilidade e do silencio, pelo modo como é applicado só póde ter servido a exacerbar e exaltar o rancor e a sanha que presuppõem já os crimes pelos quaes elles foram tão severamente castigados.

Não tendo que replicar a estas considerações fundadas, não só no conhecimento do coração humano, mas até no depoimento de innumeraveis pessoas que o tem consagrado na relação de seus soffrimentos, durante o tempo que passaram em semelhantes carceres; allegam os panegyristas do actual systema penitenciario com a estadística dos resultados, donde elles dizem constar ser por extremo diminuto o numero de reincidencias.

Duas mui simples reflexões mostram a insubsistencia d'esta asserção: a pri-

meira é — que felizmente ha entre os condemnados a trabalhos forçados um grande numero que, sim commetteram delictos, mas que não tendo ainda ultrapassado certos limites, conservando ainda bastantes sentimentos de probidade, ficam sinceramente contritos, escarmentados, e completamente emendados.

Mas estes exemplos não podem servir de base para sobre elles se assentarem regras geraes. O systema penal deve ser organizado de maneira que não só corrija os que apenas são entrados nos caminhos do crime, mas tambem os que nelle se teem endurecido.

A outra resposta é — que as casas penitenciarias não estão estabelecidas ha bastante tempo para se poder colligir um sufficiente numero de factos deduzidos dos differentes grãos de perversidade, para se poder concluir, que ellas teem com effeito produzido os resultados que seus fundadores haviam tido em vista. Tanto mais que nos Estados-unidos, onde unicamente haveria já tempo de se ter formado um ensaio de estadística nese ponto; os homens estão no habito de passar de uns para outros Estados, e em serem obrigados a munirem-se de passaportes; que muito bem podem ter reñcido immediatamente em um ou mais Estados, sem que haja meio de saber que acabam de ser castigados no outro. É observação já feita por viajantes que visitando aquelles Estados em o fim de examinarem estes estabelecimentos e tendo entrado em mais niudas averiguações foram encontrar nas prisões de uns Estados, réus que elles mesmos tinham visto ou lhes constou terem saído das casas penitenciarias de outros.

Isto posto, depois de tributarmos aos illustres fundadores e promotores d'aquelles Estabelecimentos os louvores que lhes são devidos, e tomando por ponto de partida a necessidade de empregar os mencionados quatro expedientes; vejamos como nós entendemos que elles devem ser satisfeitos e completados, pois

que acabamos de reconhecer serem elles insufficientes. (*Concluir-se-ha.*)

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

RESUMO DE PRELEÇÕES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

(Continuado da pag. 179.)

VI.

Composição do Sangue.

Analyse qualitativa: —

Por meio da fustigação do sangue obtivemos a fibrina; e filtrando-o depois a travez do papel, separámos a parte globulosa da serosa; tractando esta pelo calorico obtivemos a albumina.

Fustigando com um molho de varinhas o sangue immediatamente que foi extrahido da veia, a fibrina adheriu ás varinhas e representava um fio dobrado em volta d'ellas: passado pouco tempo, não encontravamos na operação da fustigação resistencia; e porque já não adheria mais fibrina, concluímos que o sangue estava desfibrinado: uma porção d'este foi misturado com o duplo d'uma dissolução de sulfato de soda [marcando 17.º de Baumé]; outra com agua assucarada, e finalmente outras foram repartidas por diversas variedades de *papel de filtro*. A parte do sangue, que havia ficado nos filtros, offerecia uma superficie lisa, ainda mesmo quando olhada com attenção, porem vista com uma lente de tres vidros apresentava-nos uma superficie composta de pequenos globulos todos de igual volume, forma e côr. No soro do sangue, misturado com a dissolução salina, e n'alguns dos outros não podémos notar particula alguma rubra; porem no soro do sangue, misturado com a agua assucarada, e no obtido a travez de alguns filtros, se notavam particulas vermelhas, que manchavam a côr do soro.

Analyse quantitativa: —

De sangue arterioso e venoso de dous cães analysado pelo processo de Fignier,

e pelo que Andral emprega nos seus ensaios hematológicos, obtivemos, como termo medio de tres analyses que fizemos, o seguinte resultado —

Em 960 gr. de sangue venoso:

fibrina	2 $\frac{1}{2}$
globulos163 $\frac{1}{2}$
materias solidas do soro49
agua e principios volateis733
perdas42
	960 gr.

Em 1080 gr. de sangue arterioso:

fibrina	3
globulos182
materias solidas do soro59
agua e principios volateis827
perdas9
	1080 gr.

Estes trabalhos não foram comprehendidos com tenção de colhermos resultados positivos, porque bem sabiamos, que nos não auxiliavam os instrumentos que possuimos: mas quizemos ensaiar-nos nos estudos hematológicos.

VII

Contractilidade das arterias

Postas a descoberto as arterias brachiaes d'um cão, applicámos sobre uma d'ellas algumas gottas d'acido acetico, e notámos, que suas contrações eram mais fortes não só no ponto em que haviamos applicado o estimulo, mas tambem nas suas proximidades — observámos mais que com a applicação continuada d'este agente as contrações pouco e pouco se tornavam quasi invisiveis; pelo contrario, se a applicação era interrompida por espaço de alguns momentos, fortes contrações se seguiram sempre á applicação do acido acetico. Os mesmos effeitos observámos com a applicação d'uma dissolução de potassa caustica (6 gr. por 1 onça d'agua) Picando a arteria, ou raspando-a com um escalpello as contrações se manifestavam n'uma área mais extensa, não só no ponto offendido mas nos que lhe

ficavam proximos. Comprehendida uma pequena porção da arteria entre duas ligaduras, e fazendo-lhe depois uma pequena punção o sangue n'ella contido se evacuou completamente sem formar jacto: repetido esta mesma operação n'outro animal que havia sido morto pouco tempo antes, a arteria não chegou a evacuar todo o sangue. Cortamos transversalmente uma das arterias brachiaes com o fim de deixar morrer o animal por hemorrhagia, marcamos com compasso o diametro da arteria e notámos, que a proporção que o animal se esgotava de sangue o diametro da arteria ia successivamente diminuindo, contrahindo-se esta sobre a columna de sangue por forma que o jacto se tornou quasi capilar; depois de morto o animal o diametro da arteria se restituio ao que tinha no começo da hemorrhagia.

Repelimos estas experiencias umas n'um coelho, e outras n'um porquinho da India, porem sobre as caritidas, e obtivemos os mesmos resultados.

Todas estas experiencias tendem a provar, que as arterias tem uma propriedade motriz que lhe é propria; certo grau de contractilidade, que muito influe na circulação, e que os phenomenos de contração e dilatação das arteias não são devidos sómente á elasticidade, como pertende Magendie e outros physiologistas; alem d'isso julgamos que estes phenomenos representam mais alguma cousa do que a contractilidade organica insensivel, porem tambem os não consideramos effeito da irritabilidade muscular, porque ficam áquem da sua esphera: logo possuem as arterias certo grau de motilidade, que entre as propriedades vilas parece occupar lugar entre a contractilidade organica insensivel de Bichat, e a irritabilidade de Haller. Este pensar está d'acordo com as propriedades phisicas e chímicas do tecido arterioso, que participando da natureza do tecido muscular e dos ligamentos amarellos, apresenta tal especialidade,

que não pode pertencer a nenhum d'elles, o que é ainda confirmado pela composição anatomica das arterias (1); e como, segundo as ultimas observações á cerca da composição anatomica d'estes órgãos, a tunica de fibra annular e a de fibras longitudinaes vão augmentando em espessura a partir dos grossos troncos para as ramificações arteriosas, em quanto que a elastica diminue em espessura na razão inversa d'aquellas, segue-se, que a contractibilidade das arterias deve tambem augmentar na razão da espessura das paredes dos vasos, que desproporcionadamente é muito maior nas pequenas ramificações arteriosas. E se admittirmos, que o augmento da contractibilidade das arterias tem logar na razão directa das quebras, que soffre a *vis a tergo* que impelle o sangue (2) acharemos aqui uma explicação plausivel para os resultados obtidos com o hemodynamometro de Poiseuille.

J. F. de Macedo Pinto.

(I. D.)

BIBLIOGRAPHIA ABREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 235)

PARTE SEGUNDA.

Dos Escriptores portuguezes que escreveram da Corographia de Portugal, da Topographia, e Historia particular de suas cidades e villas, das Antiguidades da Lusitania, Moedas e Medalhas.

XXXVI.

Achilles Estaço cuja memoria (diz o A. da Bibli. Lusit.) será eternamente venerada no templo da virtude, e sabedoria, nasceu na villa de Vidigneira em 1524. Destinado por seu pae para a pe-

nosa vida das armas, em que principiou, acompanhando-o á India, voltou a Portugal resolutos a seguir a inclinação, para que a natureza o criara, entrando felizmente na carreira das Sciencias, e sendo discipulo do Insigne André de Resende. Passando á Universidade de Lovaina, ali bebeu o gosto da mais fina e delicada erudição, tendo communição com os mais celebres Professores d'esta Eschola, Paulo Mamicio, M. Antonio Mureto, e Francisco de Robertello, de quem foi muito amigo. Instruido immoventemente nas Linguas Latina, Grega e Hebraica, que fallava com pureza; e nos preceitos da Oratoria e Poetica, passou a Roma que assombrou pelas suas elegantes composições latinas em prosa e verso, em que brilha uma elegancia, e pureza tal, que antes parecem produções do seculo de Augusto que escriptos de idade tão afastada d'aquelle seculo de ouro: merecendo o seu A. orar por duas vezes, em nome de seu Soberano el rei D. Sebastião na presença do Summo Pontifice, e ser nomeado Secretario do Concilio de Trento, e Secretario das Cartas Latinas de Pio 5.º tendo já adquerido um grande nome nas lições, que dictava na Sapiencia, celebre Academia de Roma. Tão modesto, como sabio, regeitou os honorificos logares de Chronista Latino de Portugal, e de Guarda-mór da Torre do Tomo, preferindo viver entregue aos seus estudos, e a si mesmo, dando-se mui particularmente ao trabalho de illustrar as obras de muitos Classicos latinos, e escrever muitas obras de erudição varia. Morreu em Roma em 1581 deixando a sua escolhida livraria á Congregação do Oratorio aonde ainda hoje se mostra com o nome de Bibliotheca Staciana. Compuz muitas obras; e publicou:

Taboa Geographica do Reino de Portugal. Roma — 1560

Tambem a publicou Ortelio no seu Theatro do Mundo, julgando ser obra de Estaço, no que se enganou: por quanto consta que elle fora tão sómen-

(1) V. Encyclopedie Anatomique por F. Bichhoff e outros.

(2) Admissão que não parecerá despropozitada a quem estudar as resistencias que encontra o sangue durante a circulação

te o editor, sendo o seu verdadeiro A. Fernão Alvares Seco, insigne Mathematico, e Geographo.

Saiu mais correcta por Baptista De-tuemio. Amsterdam. 1600—fol.

XXXVII

Duarte Nunes de Leão (dito n.º 5.º) escreveu:

Descripção do Reino de Portugal.
Lisboa—1610—4.º e 1785 8.º

Este excellente opusculo tracta da antiga Lusitania, e de Portugal depois de Reino, suas comarcas, cidades, villas, rios, montes &c. suas produções naturaes: do caracter, e virtudes dos Portuguezes, dos Sanctos que teve Portugal, religião, costumes &c. é bem digno de ler-se; e uma das primeiras obras d'este genero, que os meninos devem ler,

XXXVIII

Padre Antonio de Vasconcellos (dito n.º 7) junctou no fim da obra que ali annunciei:—

Discriptio Regni Lusitani cum appendice rerum illustrium.
Antuerpie—1621. 4.º.

XXXIX

Fr. Bernardo de Brito (dito n.º 8) escreveu e junctou no fim do 4.º tomo da Monarchia Lusitana, ali annunciada: Geographia antiga da Lusitana.

XI.

Manoel de Faria e Sousa (dito n.º 16) escreveu e junctou ao ultimo tomo da sua Europa Portugueza, de que alli tractei:

Descripção de Portugal.

N'ella se tractam quasi os mesmos artigos, que tracta Duarte Nunes de Leão, sendo propriamente uma Geographia historica abreviada d'este Reino, tractando de mais a mais dos Tribunaes de Portugal, e da Nobreza, e dos principaes Escriptores portuguezes. É curiosa, e digna de ler-se. Tambem se acha na ultima parte do Epitome.

XLI

Pedro Teixeira, celebre Cosmographo Portuguez, assistente na Corte de Madrid, escreveu:

Descripção, e Mappa Geral do Reino de Portugal.

Madrid—1662 em folio grande ao largo.

XLII

O Padre Antonio Carvalho da Costa, natural de Lisboa onde nasceu em 1660, assaz instruido na Geographia, Cosmographia, Hedrographia, propoz-se escrever uma Corographia completa d'este Reino, para cujo desempenho viajou pelas suas cidades e villas, para buscar as noticias precisas para tão grande obra, que publicou: em que segundo o elogio que lhe faz o Padre Antonio Caetano de Sousa no Aparato a Historia Genealogica n.º 224 — Trabalhou com muito disvello e curiosidade, de sorte que pela sua applicação merece louvor — É a obra mais extensa que temos n'este argumento, em que o seu A. alem das noticias corographicas, e topographicas, junctou outras noticias interessantes de Genealogia das Familias, Catalogo dos Bispos, e varias antiguidades. Compoz:

Corographia Portugueza, e Descripção Topographica do Reino de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, e logares que contem, Varoës illustres, Genealogias das familias nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, e outras curiosas observações.

3 Tomos fol. — o 1.º Lisboa 1706.
—2.º ibi 1708. —3.º ibi 1712.

Não se pode duvidar do merecimento d'esta obra apezar dos seus defeitos: é magna que algum homem erudito não tenha formado, e desempenhado o projecto de a refundir, e emendar na parte em que se julga defeituosa, como é na parte genealogica, em que seu A. tinha curtos conhecimentos, e no Catalogo

dos Bispos das Cathedraes do Reino, que passaram por pouco exactos; e sem origens e fundações de cidades e villas, que o Padre Carvalho adoptou, sem critica, de Brito e outros Escriptores, sobre que eu subscrevi já (n.º 8.) a cautella com que devem ler-se.

XLIII

O Padre João Baptista de Castro, natural de Lisboa, Beneficiado da Santa Igreja Patriarchal é um dos celebres escriptores modernos que escreveram da Corographia d'este Reino. Descendo communica com os homens eruditos, passou a Roma onde foi bem acceito ao Pontifice Clemente 12.º Na volta para este Reino viajou pelas mais celebres cidades de Italia, e observou tudo o que havia de mais notavel em cada uma d'ellas. Foi assaz instruido na Poetica e Oratoria em que compoz varios escriptos. Escreveu —

Mappa de Portugal. Lisboa 1745 até 1758 — 5 volumes em 3.º e 1762 até 1763 — 3 volumes em 4.º.

É dividido em 5 partes: tracta na 1.ª parte da origem e etymologia de Portugal sua descripção antiga e moderna, cidades, villas, fontes, rios, caldas, fertilidade do Reino, lingua e costumes, moedas &c. — 2.ª parte contem as noticias dos primeiros Provedores da Lusitania, entrada dos Fenicios, Cartaginezes Romanos, Nações barbaras, erecção da Monarchia portugueza, vidas abreviadas de seus Monarchas, Príncipes e Rainhas, filhos, descendencias, governo da C. R. e outras noticias antigas interessantes. — 3.ª parte tracta do estabelecimento e progressos da Religião em Portugal, Ordens militares e relegiosas, fundações de Mosteiros, Pontifices e Cardiaes portuguezes, Varões illustres em sanctidade, imagens milagrosas, reliquias &c. — 4.ª parte tracta da origem, progressos das lettras, Universidades, Escriptores mais celebres: o Militar do Reino com declaração das praças e presidios, vitorias e batalhas assignaladas, Varões

mais insignes em armas. — 5.ª parte desenha em taboas topographicas as principaes povoações da Extramadura com uma miuda descripção da cidade de Lisboa com um roteiro das jornadas impresso separado.

É de summo gosto e interesse o presente tractado onde se acham noticias de muita curiosidade que seu A. bebeu em muito boas fontes; e indispensavel a sua lição a quem deseja instruir-se sobre as antiguidades d'este Reino. Sobre as nações antes dos Romanos, que invadiram Portugal, traz seu A. muito boas noticias não sendo tão credulo como Brito (dito n.º 8), e servindo-se mais do que este das antiguidades da Lusitania, de quem tratamos (n.º 56) convem observar que as citações do Mappa de Portugal são pouco exactas, o que talvez procedesse de incurio da impressão antes que da falta de diligencia do seu A. que tem um lugar distincto entre os A. A. portuguezes, que tractaram d'este ramo da nossa Historia, e cuja lição recomenda a todo o que desejar instruir-se sobre os objectos que tracta.

(Continúa.)

O FIDALGO E O POETA.

(Continuado da pag. 253.)

Uma das maiores sem-saborias, ou para melhor dizer, um dos maiores supplicios, que pôde haver neste mundo, é fazerem pôr a gente a pé, no inverno, de manhã bem cedo, é trocar o conchegado e delicioso agasalho da cama pelo ar frio, penetrante e desconsolado da madrugada.

Para um pobre homem, que nem é caçador, nem romantico desesperado, de certo.

E então levantar-se, pelo frio, para ir para as aulas! . .

Tristes obrigações de um estudante! tristes, é verdade; mas inda assim: qual será o que não gosta d'aquella vida, e não suspira depois com saudade, nas

lidas, nos cuidados da virilidade estéril e sêcca, pelos dias que tão serenos e alegres se passam em Coimbra!..

Deus sabe a pena que eu tenho por que os não gozei! Deus sabe a inveja que sempre me fizeram, e que ainda agora me fazem, tantos e tantos môços, que talvez os não apreciem!

Hão-de apreciar-los... — tarde.

Duarte G. estava deitado. O cançasso do muito que folgára nessa noite, e os fumos d'um bom par de copos da Bairrada, que despejara o tinham pregado n'um somno profundo e *de forme*, como aquelles de que falla Balsac... se bem me lembro.

Vai, de repente... estremece acorda, e assenta-se d'um salto na cama.

Que seria?..

Depois... espreguiçou-se, esfregou os olhos, benzeu-se... — no tempo d'esta minha historia todo o estudante sabia o *signal da cruz* — e pôz-se a pensar se por ventura seria em sonhos que recebeu certo aviso de que havia de dar logo lição.

Pensava e repensava nisto, quando o sino da Universidade começou a tocar e a dar-lhe o desengano tremendo, e cada palavra d'aquelle desengano vibrada no bronze, cada uma d'essas *tristes* badaladas lhe vertia um fio de gelo pelos ossos abaixo.

Era verdade — verdade nua e crua: era com certeza que estava chegado o instante fatal.

Oh! e quem deixará de tremer quando elle chega, por mais forte e seguro que se julgue na sua estúpida vaidade, ou por mais ardor, que tenha de mostrar o que a poder d'esforços conseguira! — oh! e quem não sentirá remorsos pelo tempo que desperdiçou!..

Duarte G. sentiu-os, tremeu, e por um movimento natural do seu animo quasi que esteve para descer ao sótão de Pedro Mendes e humilhar-se, e pedir-lhe... mas veio a maldicta soberba a tenta-lo, tentou-o... e venceu-o.

Era claro que havia de ser assim.

Pois se com este rapaz podia tanto a soberba, como o negregado Méphistophéles com aquelle miseravel doutor!.. — Torcia-o para onde queria, como quem torce a um vime.

Não quíz saber de mais nada o orgulhoso: entregou-se nas mãos de Deus... ou do fado: ergueu-se, vestiu-se, pôz a capa do avesso, e não atou as meias, com a pressa, não almoçou, que nem tinha vontade, nem o lume tambem estava ainda acceso — que Manoel Braz dormia, como pedra em poço, e risonava!.. — pegou no livro, apanhou as folhas, que ficaram, de á noite, calhadas pelo chão e saiu.

A manhã está fria, mas formosa. Como o sol vem puro a altear se, a rasgar esses tôldos de nevoa, de que se toucam as serras!.. como doira os risinhos laranjaes, e os olmeiros do Mondego, que agora com a neve parecem vestidos de um arrendado de marmore!..

Haverá cousa mais linda que um dia de dezembro, como este!..

O nosso fidalgo criou-se-lhe uma alma nova apenas chegou á rua. O clarão do sol, e principalmente as palavras folgadas dos seus amigalhões, com quem se encontrou logo ao desembocar da *coureira de Lisboa*, deram-lhe um tal valor, uma tal firmeza!

Coitado! cuidava elle que não tinha já de que receiar-se. Era como estes, que, ou por pusillanimes, ou... por terem juizo, se vão embarcar cheios de medo, e que depois, entre o luxo e o *comfortable* da estufada camara do elegante vapor francez até se chegam quasi a esquecer dos perigos do mar; e esquecem-se, de certo... em quanto não ouvem o bramir das ondas. Era como o soldado moço, que vai todo impertigado, com a sua farda nova, marchando para a guerra ao som de pifanos e tambores, e que se não lembra do zunido das balas, nem do retintim das espadas... em quanto não entra no primeiro combate, que então!..

Lá bateu finalmente a hora; e esses cardumes de estudantaria, negros e bolicosos, como os estorninhos do proverbio, ali estão entrando pelo temeroso portão.

Sigamos nós tambem a Duarte G.; mas cá de longe, e com cautella, benevolo e amigo leitor, que nos não saia por aqui algum endiabrado, que pense que somos caloiros, e que nos vá fazendo pagar caro o atrevimento, como eu já estive para o pagar uma vez que me quiz metter, *eu amateur*, a espreitar como isto seria.

Ficou-me sempre de emmenda, a brincadeira!

Cá chegamos enfim. Estamos na aula. Que casarão!.. que tristeza de sala!.. e que seriedade contrafeita nesses rapazes todos! Quem os não conhecesse...

Bem podéra eu agora mostrar aqui o meu grande saber; fallar de D. Diniz e de D. João III, que reformou os estudos, e que mandou vir homens doutos de França e de Italia &c... ou então se quizesse fazer obra mais *proveitosa* e mais da moda, havia de deitar-me aos Jesuitas e espatifa-los: porque os Jesuitas fizeram, porque aconteceram, porque tolheram a instrucção da mocidade, porque enganaram a D. João III, e a D. Sebastião depois, para ficarem livres e senhores de tudo; porque chegaram até a accusar á Inquisição os lentes antigos... e por que n'uma palavra, os Jesuitas foram homens dos meus peccados, e nós estamos afogados e devorados por elles.....

Mas, senhores! não se ha-de perdoar ao proximo as suas fraquezas?... E de mais, aquelle padre-mestre que alli está com o seu livro ponderoso nas mãos, e repimpado na sua cadeira levantada, como um pulpito, não é... não pôde ter mau coração. Não se parece com Simão Rodrigues, nem com Diogo Mirrão, nem com mr. Rodin... nada; antes elle tem cara de feição, e ares de não ser severo com a gente moça... é como Fr. Balthazar da Victoria, que es-

creveu o *theatro dos Deuses*, e que foi, dizem, um reverendo ás direitas. Vamos adiante.

O Padre-mestre deitou em redor os olhos, e com uma voz doce, porem — terrivel, como o som da trombeta, que o anjo ha-de tocar no dia de juizo, chamando os bons a premio, e os maus a castigo, — pronunciou o nome de Duarte G. de G. S. de T.

Ai! que se acabaram as chimericas esperanças!

O pobre rapaz indireitou-se em pé, mas as pernas tremiam-lhe, como varas verdes. Pegou no livro, abriu-o... — voaram-lhe as folhas, que estavam soltas, — virou-o com o debaixo para cima, cada lettra se lhe representava... nem eu sei! esteve... esteve... ora olhava para a porta, ora para o mestre, ora para os condiscipulos...

O padre já se ia admirando — infadando, não. Acenou-lhe, fez-lhe signal.

Foi peor. Duarte uma côr se lhe ia outra côr lhe vinha... coçava na cabeça... — Então, sr. estudante!.. que diz! não viu a lição?..

O desgraçado quiz fallar; porem tinha a bocca secca, secca... — e que havia elle de dizer? — tussiu, e não atou cousa com cousa.

O padre-mestre ainda lhe quiz valer: — Talvez que não podesse ver a lição!.. estaria doente... esteve?

— Eu... eu...

Nada, nem assim. Não atinava para responder: amouu.

Finalmente... nunca houve uma intalação igual, nem a torna a haver, de certo, em quanto Coimbra fôr Coimbra.

E quanto maior ia sendo o silencio, em que ficou tudo, tanto mais crescia a vergonha do afilhado do sr. reitor.

Era preciso sair já e já de semelhan-te aperto.

O mestre, que estava quasi tão corrido e atarantado como Duarte, limpou a testa, que lhe suava em bica, e chamou a Pedro Mendes do Carvalho.

O poeta ergueu-se. Tinha o rosto

branco, como a cal da parede. Doia-lhe sinceramente a má sorte do seu companheiro de casa — a vingança não cabia n'uma alma pura d'aquellas! — ergueuse e principiou a fallar.

E com tal ingenho e com tal feitiço fallava, que suspensos mestre e discipulos, se inlevavam, se esqueciam alli: . .

Só Duarte G. se não podia esquecer, que lhe remexia a inveja toda a crueza que trazia no peito!

Só Duarte G. lhe punha uma vista — não de admirado — mas atravessada, turva, e medonha, como devia de ser a do *Hamlet*.

(Continúa.)

Pereira da Cunha.

CANCIONEIRO PROVENÇAL.

(Continuado da pag. 240.)

II.

THIAGO.

Havia nos bons tempos do nossos avós uma formosíssima donzela, a quem chamavam—Rosa!—E tão fresca e linda era Rosa que diziam todos havê-la por mais linda e fresca do que a flor, por cujo nome se chamava.

E todos os moços lhe tinham amor. E todos os velhos lhe tinham amizade. Eram muito para ver as grinaldas sempre virentes, que lhe prendiam á sua janela. Eram muito para ouvir as cantigas sempre variadas, que lhe descantavam á sua porta. E não havia mancebo por mais galhardo e moço que não esperasse ancioso, por que ella rendesse a algum sua isenção, e acabasse com as rivalidades de tantos apaixonados. Mas Rosa tão isenta e insensível se mostrava, que não havia quem tocasse o seu coração.

Lindas canções e epigrammas sabia ella contra o *Deus Cupido*; e quando á noite vinham os namorados pedir-lhe mercê debaixo da sua janela, erguia ella então mui de manso um canto da

adufa, e atirava-lhes com um d'esses mais picantes madrigais em suavíssima cantiga.

Ora havia n'aquelle tempo um pobre moço chamado—Thiago—por alcunha—o Idiota. E justo alcunho foi esse; porque o imbecil não era espirituoso, e cria em quanto lhe diziam: acreditaria, que os peixes se criavam em os ninhos dos passaros. Tinha o cabello ruivo, era zambro das pernas, e os braços estertelados e compridos, que podia sem curvar-se desapertar as fivellas dos seus calções.

Thiago viu Rosa, e mal agitado como era não deixou de ficar a morrer por ella de amores; pois é de saber que amor não olha a condições, e que nem só aos peralvilhos, e bem feitos é dado ter coração.

E o coitado compunha tambem as suas coplas para a ingrata. E que importava que se rissem?—Um dia a comporava a uma abobera madura, outro dia a uma rocha negra, que de longo parece branca, vestida com a espuma das ondas. Só Rosa o escutava, e não se ria, nem zombava; que diziam já por esses soalheiros—Dar-se-ha que ella lhe queira bem, ao nogeto do Thiago tão estúpido e feio!

O Idiota andava todo radioso de van-gloria com esta preferencia. Atirava-lhe, janela dentro, muitos fructos e flores, e, quando Deus queria, algumas prendas, que ia comprar á feira; a ponto que o pobre vendeu a sua barca, as suas redes, e até mesmo os seus anzões do pescar á canna.

E quando já lhe não restava que vender, e se viu na precisão de recorrer aos vizinhos para ir passando, Rosa não quiz mais escutar as suas canções, e tractou-o como fazia aos outros amantes.

Thiago andava por essas ruas como um insensato; olhava para todos, e dizia-lhes que ia desposar-se com a bella Rosa, sua amante. E todos tinham pena do mesquinho, que os rapazes d'aldeia

não largavam, a perguntar-lhe pela esposada.

E os velhos, que tinham amizade a Rosa, deixaram de ter-lh'a, por causa do seu máu coração. E os moços que lhe tinham amor obandonaram-na, dizendo: que fazer se ella é tão ingrata como formosa; ella que impassivel nos veria morrer, como impassivel deixou perder ao pobre Thiago a sua barca, as suas redes, os seus anzões de pescar á canna, e o seu juizo, deixando-o estalar de fome á sua porta.

E a mocidade de Rosa finou-se em um largo celibato; sua belleza evaporou-se como o fumo; e a morte veio-lhe prematura.

E o pobre Thiago, o Idiota, foi-lhe ao enterro, e cantou-lhe uma canção, em que lhe dizia que a amava, e que breve se iria unir com ella. E de feito, que em poucos dias a seguiu ao sepulchro.

E todos choráram mais pelo feio Thiago do que pela bella Rosa, porque elle era bom, e ella ingrata, e cruel.

E desde então para cá todas as zagalas d'aquelles contornos, que sabem a historia de Rosa, fogem de imita-la. E mais facil lhes é a ellas amar um pobre como o disforme Thiago, que ser crueis como a bella Rosa.

(Contiuúa)

J. Freire de Serpa.

DIAS SANCTOS.

A Economia-politica é uma grande sciencia, uma sciencia, que já tem produzido excellentes resultados, e que em se averiguando melhor certos *factos*, em se desenvolvendo melhor certos *principios* mais excellentes resultados produzirá ainda. Mas se tentarmos comparar os seus beneficios com os seus prejuizos, se n'uma concha da balança pozermos as *utilidades* e na outra os *damnos* que resultam d'essas *utilidades* não

sei o que diga... talvez vote contra a Economia-politica.

É indubitavel que um *capital improductivo* é um mal, e que o *systema utilitario* faz um bem quando se applica a fazer produzir o capital que era esteril, mas se esse capital é, por exemplo, o terreno onde está edificado o mosteiro da Batalha, e os *arrasadores* chegam lá com o picão alçado e derribam tudo para lhe plantar couves, está claro que houve nisto um mal muito maior do que era o ser improductivo aquelle capital. Improductivo! — ainda assim! — a gloria da patria, as recordações d'um heroe, o respeito das nações, a admiração de todos por esse poema de marmore, e enfim o ouro que o estrangeiro cá vem deixar só para o ver, tudo isso dá uma somma de valores immateriaes que valem bem doze molhos de couves tranchudas: sim... mas se em vez da prosaica e sáfara Batalha se erguesse alli uma fabrica de... de manteiga?! oh! é verdade não me lembrava esta das fabricas, com isto é demonstrado que se não pôde lutar; dou-me por vencido, vale muito mais uma poetica e productiva fabrica de manteiga do que dez mosteiros da Batalha, vale mais um *empresario* do que vinte *Mestres d'Aviz*!... É por este *positivismo materializador* que eu voto contra a economia-politica; acostuma a alma a olhar só para o corpo e a esquecer-se de si, quando devêra ser talvez o inverso; ou ao menos harmonisar as cousas de modo que o corpo só tomasse tanto quanto lhe bastasse, e a alma tanto quanto podesse.

Não acontece assim, a alma é neste seculo a *bête perfeitá*; não tem duvida, *Xavier de Maistre* atinou. Pois é pena que a alma é uma cousa tão bella, tão nobre, tão sublime! ser assim *besteficada* é realmente uma pena! E se a *bestifcação* se limitasse a ser ella sacrificada ao corpo em relação ás cousas humanas! mas nada, o seculo bota-se tambem ás cousas divinas como *Sanctiágo* aos *Moiros*! Era já magua que não se respei-

tassem aquellas quando as revestiam idéas grandiosas, mas que se desacatem estas não é só mágua, é desgraçadissima miseria!

Pois é verdade: diz-se, escreve-se que a Religião do estado é a Religião Catholica Apostolica Romana, e que fazem os economistas? — não escrevem nem dizem mas attestam por obras que isso é mentira. Manda a Religião manda a lei civil, que decreta a Religião, sejam sanctificados taes e taes dias, que fazem os economistas? dizem consigo pois estes dias hão-de assim permanecer *capitaes improductivos* com tamanho escandalo da sciencia?! nada, não sejam sanctificados esses dias; queremos que o operario trabalhe porque ha *uma troca de productos* nesses dias, e medra a nossa obra temporal. Vejam o que perderia o mundo se se perdesse uma occasião só de *troca de productos*! E ali vemos aos Domingos e aos dias sanctos os pedreiros trepados pelos telhados a *trocarem productos*... e ás vezes bem fataes aos caminhantes; ali vemos a lavadeira, o logista, o sapateiro, o cavador a philosopharem, as mais das vezes involuntariamente, contra o lavadouro, contra o balcão, contra a tripeça, ou contra a enxada, e *trocando productos*, já se sabe, com que se fez tambem outra troca que foi a do espirito pela materia, e em que ao mesmo tempo que se mettia o dinheiro no bolso, se mettia a alma no inferno.

Ora, fallemos a verdade, isto é um vergonha! uma vergonha sobre tudo para quem o consente.

Se os dias sanctos depois d'essa diminuição, que já se lhes fez, e que o povo em muitas terras engeitou na practica, se elles ainda são muitos, requeiram ao Papa que os cercêe outra vez, que lhes metta a tesoura sem dó; mas os que ficarem que sejam respeitados, guardados, sanctificados. Ainda outro alvitre; não enganemos ninguém; diga-se francamente, — a Religião do estado é não ter Religião — e depois eu lhes juro

que nunca mais (está já é a segunda vez (1)), nunca mais fallarei em dias sanctos ou cousa que o valha.

Quero ainda levar o negocio por outro lado: em Inglaterra ao Domingo nem se effectua um negocio, tudo é socego, e mostras de dia sanctificado; dir-me-hão que no interior das casas muito inglez se está então afogando em cerveja; estará, mas ao menos a moralidade publica existe: — é a obrigação do Governo, e cumpre-a, a outra que pertence á consciencia, essa é de Deus, que tambem a ha-de cumprir. Tome-se este exemplo mais da Inglaterra já que tanto se tem *anglisado*; imite-se dos protestantes este respeito pela Religião: — todos os povos respeitam a sua, só nós, que temos a verdadeira, a tractamos como roupa de francezes!

Pela millionesima vez presenciei hoje o escandalo de se trabalhar publicamente em dia sanctificado; venho delatar o escandalo ás auctoridades religiosas e civis, venho lembrar-lhes a lei, e oxalá que seja a derradeira vez que tenha de me occupar de semelhante objecto, que não é só uma impiedade, é um signal clarissimo da nossa falta de civilisação.

J. de Lemos.

Em Miraflores ha, ou pelo menos houve, uma estatua de S. Bruno, obra do nosso insigne Portuguez Manoel Pereira: tanta é a sua perfeição, que extasiado a sua vista compoz um Hespanhol os seguintes versos latinos:

Aspiciet, ac spirat, sed rara modestia vultum
 Suppressit, et circum lumina ferre velat.
 Bumperet ore sonos etiam; sed sancta silentii
 Regula composito non sinit ore.

ERRATA.

Pag. — Col. — Linhas — Erros — Emendas
 260 — 2 — 43 — por lente — presente
 262 — 1 — 28 — uma — 1.

(1) Vid. *Christianismo* N.º 2.

DO SYSTEMA PENITENCIARIO.

(Continuado da Pag. 279.)

Nós dissemos que o fim do estabelecimento das casas de correção é conseguir que o culpado se emende e obstar a que o seu mau exemplo não seja imitado.

Depois de termos feito esta primeira e fundamental observação é que reflectimos que mui bem se tinha reconhecido que o silencio, a isolação, o trabalho, a privação de tudo o que são comodidades, e emfim repetidas practicas moraes e religiosas eram meios muito apropriados para se chegar áquelles fins.

E como um grão mais ou menos forte d'intimidação não pôde deixar de se imprimir no animo das pessoas que houverem passado por todas estas torturas ou que d'ellas forem informados, achase este systema d'accordo com o geral dos criminalistas que fazem do principio de expiação pelos padecimentos, e da intimidação que d'elles deve resultar, a base de todo o systema penal.

Mas não confundamos os fins com os meios; nem concluamos que por aquelles expedientes serem convenientes meios, elles sejam por si sós sufficientes, para se conseguir o desejado fim.

Para que o preso que nós supponho sinceramente arrependido, voltando para o seio da sociedade, não se veja forçado a procurar aquellas companhias que o conduziram ao crime, é preciso que elle possua uma linguagem que o habilite a viver e tractar com pessoas que tem outra educação, outras idéas, outra linguagem; é mister que tambem elle tenha adquirido essas idéas; e logo é forçoso que desde o primeiro momento de sua entrada comece a receber uma nova educação que corrija a que recebeu na sua infancia, se é que alguma houver recebido; ou que, no caso opposto, a reciba pela primeira vez.

Tracta-se pois de fazer adquirir aos

N.º 19

presos habitos virtuosos: e para isso não basta mante-los alguns annos na impossibilidade de dar largas aos seus maus gestos: estes por estarem reprimidos todo esse tempo, não se extinguem; e uma vez removido o obstaculo, voltam a apparecer com tanto maior violencia.

O principal alimento d'aquellas perversas paixões eram corrompidas sociedades, que aquelles desgraçados frequentavam; as destestaveis conversações com que se entrelinham; o jogo; a embriaguez; e toda a sorte de crapulosos divertimentos, com que enchiam os intervallos de suas atrocidades.

Mas reflecta-se que, salvo um pequenissimo numero, era impossivel áquelles infelizes frequentarem outras companhias, senão aquellas em que esses que hoje os accusam e os castigam viam nascer e os deixaram atravessar todo o tempo da sua infancia e da sua adolescencia, com a mais estorica indifferença.

Respondei legisladores, como podiam aquellas abandonadas crianças conhecer a torpeza dos brincos da sua infancia, e fugir dos seus viciosos camaradas, para se irem associar a outros mais bem criados? Admitti-los-híeis vós a brincar com vossos filhos?

No fim de seculos, creon a humanidade de uns e a religião de outros as denominadas casas d'asylo, para supprir a indisculpavel insufficiencia das vossas deploraveis eschololas. Mas a essas, como a estas vão as crianças que seus paes querem e podem mandar. A maior parte não quer porque vós os deixastes crescer e envelhecer na mesma abjecção: muitos não podem; porque, vós o sabeis, é preciso fazer com vestuario e comida despezas, a que se foram deixando-os correr ao abandono.

Essas mesmas crianças que saem do vossas eschololas e asylos, que lições veem receber, que exemplos veem presenciar na casa paterna e nas companhias, onde é forçoso que elles passem o resto do tempo?

Acabado esse mesquinho ensino, que

tanto alardeais e se reduz, para a maior parte, a saber apenas ler e mal escrever o seu nome, que direcção dais á natural actividade com que a Providencia dotou a juventude? Deixaste-la engolfar-se no pelago dos vicios onde haveis deixado submergir-se seus paes, seus avós, e todas aquellas pessoas com quem, por effeito das suas relações de infancia unicamente lhes era possível conviver.

Confessais que ao homem bem educado são precisos grandes esforços para não succumbir ás tentações do vicio: e atreveis-vos a cobrir d'appobrio e indignação aquelles infelizes a quem, pela vossa indiferença tirastes todos os meios de adquirir essas forças moraes que reconheceis não poderem provir se não de uma educação que seus paes, a quem já vós haveis tractado com a mesma barbara indiferença, lhes não podiam dar? E é a estes que vós vos atreveis a tornar a culpa da ignorancia, dos vicios, dos crimes de seus filhos, a elles ignorantes como seus filhos, pela vossa culpa; viciosos talvez, como elles, pela vossa indiferença?

A culpa é toda vossa, e o unico meio que vos resta de a reparardes é de prestar ao mancebo ou mesmo ao homem feito o serviço que deverieis ter prestado á infancia. Se para impedir a este de se perverter vós tivesséis practicado com elle o que praticaes com os adultos nas vossas casas penitenciarias, terieis criado brutos: o methodo que empregais para com homens já pervertidos só pode converter-los em animaes ferozes.

Deixastes medrar em seus corações instinctos de perversidade: é mister extirpa-los, e só se extirpam fazendo nascer e arraigar-se em lugar d'elles os instinctos da virtude cujos germes la se acham depositados pela mão da Providencia; vos podeis e deveis ajuda-los a desenvolverem-se.

Se se concede ser uma condição indispensavel para os presos não recaírem nos mesmos crimes, que elles frequen-

tem outras e melhores sociedades, é forçoso que se sinta a necessidade de lhes dar idéas e linguagem que os habilitem para elles poderem conviver nessas sociedades.

Se o seu espirito se acha embrutecido pelo habito dos vicios torpes e carnaes, não é de esperar que elles prestem attenção, nem mesmo comprehendam a maior parte das practicas e discursos com que a caridade dos prepostos da prisão os querem doutrinar. A alma do homem carnal não teve nunca tempo de adquirir o habito da attenção; é preciso fazer-lh'o ganhar primeiro: e como elle é todo sentidos, por estes, e só por estes, é que o poderemos habituar a fixar a sua attenção.

Felizmente a ordem da educação pode em todo o tempo conformar-se com a da natureza. O tracto dos homens, posto que verse muitas vezes sobre assumptos moraes, tem as mais das vezes por objecto os interesses materiaes do estado ou da profissão que cada um exerce. Como pois se tracta de preparar o convicto para entrar em relação com outras classes, no seu regresso para a sociedade; é preciso fazer-lhe adquirir sobre os assumptos, que devem fazer objecto de suas conversações, idéas que elle não pôde obter na sua primeira educação. Resta sómente o ver quaes sejam estes assumptos, e qual o modo de lho fornecer aquellas idéas, em maneira que, attrahindo-lhe a attenção, lh'as gravemos profundamente no espirito.

Todos sabem que nas nações mais adiantadas na civilisação se tem sentido a necessidade de diffundir pelas classes inferiores da sociedade o conhecimento dos diversos entes dos tres reinos da natureza: e mesmo das Sciencias mechanicas applicaveis ás artes e officios; não sómente para os mancebos que se destinam a estes diversos misteres, quaes para aquelles que já os exercem e praticam.

É evidente que no desempenho d'um semelhante projecto, se deve ter atten-

dido cuidado sómente á limitada capacidade da maior parte do auditorio, e não deve ter esquecido que poucos ou nenhuns estariam preparados para comprehender, não só demonstrações scientificas; mas nem mesmo uma linguagem que se afastasse da vulgar com que elles estão unicamente familiarizados.

Mas isso é possível e acha-se em pratica nos numerosos conservatorios das artes já hoje espalhados pela Europa. Ensina-se alli arithmetica e geometria practica, desenho linear e mechanica descriptiva; mostram-se e fazem-se seguir os phenomenos da physica n'uma ordem tal, que só pela simples intuição o espectador comprehende como elles nascem uns dos outros; e por fim, sem esforço abraça de uma só vista esse vasto systema da natureza.

Sem se entrar nos pormenores da anatomia dê-se-lhes uma idéa do homem e das principaes especies de animaes e vegetaes que a todos importa conhecer mais ou menos circumstanciadamente; e do mesmo modo aquelles objectos do reino mineral cujo prestimo todos são interessados em conhecer.

Por este modo, sem sair dos limites que estão ao alcance de todas as intelligencias, se consegue que uns ali parram por serem tambem essas as raizas da sua capacidade; entretanto que outros dotados de maior comprehensão demandam maior desenvolvimento, e muitos ha que, graças áquellas instituições, se teem elevado ás mais altas espheras da sciencia, e que se a providencia do governo lhes não tivesse offerecido aquelle meio ficariam sepultados não só na massa geral dos obreiros, mas talvez engolfados no turbilhão dos vicios e torpezas, que por falta de outras distracções, são tão communs naquellas classes.

Prelecções e demonstrações d'estes diversos cursos intuitivos a que serão admittidos os presos que o Director julgar em estado de a ellas assistirem com tranquillidade e decencia permitirão,

tanto a elle como aos Professores, distinguir a quaes dos mesmos presos se pode facultar o pôrem suas duvidas; pedirem explicações, e mesmo exigir-se que dêem conta do que hão aproveitado.

Grandes vantagens resultarão d'este procedimento: a primeira poder-se por esse modo calcular a capacidade absoluta e relativa dos convictos; segundo apreciar-se a attenção que cada um d'elles presta áquelles cur-os, e o que nelles aproveita; mas, sobretudo, e esta é a maior vantagem, dispo-los a dar ouvidos aos discursos que se lhes devem dirigir sobre a moral, a poder comprehende-los; a abrir a sua alma a saudáveis doutrinas; e conhecer-se pelos seus propios discursos e pelas suas maneiras, no tracto com os seus superiores e com os outros convictos, durante estas reuniões, os progressos que tiverem feito na carreira do seu melhoramento.

Por este modo ao cabo d'alguns annos pode-se esperar que, tendo adquirido uma certa massa d'ideas, e ao mesmo tempo de boa linguagem, se achem em estado de poderem aspirar a entrarem, depois de restituídos á liberdade, em sociedades mais civilizadas do que aquellas que antes frequentavam.

Este resultado será tanto mais certo se, em vez de fazer exercer na prisão ao convicto o seu antigo officio se procurar que elle apprenda e se distinga n'outra profissão das que, segundo as ideas geraes, pertencem a uma ordem mais elevada do que a que elle exercia anteriormente.

Pelo simples facto de fazer parte d'uma classe, que elle e os outros estão costumados a considerar como superior, dedignar-se-ha de frequentar aquella a que antes pertencia; e por uma natural associação d'ideas, cobrará uma especie de horror e de desprezo para com as practicas que o tornaram com effeito desprezível.

Assim como pelo systema actualmente practicado de anniquilação moral dos convictos, julgamos ser impossível

conhecer os progressos da sua emenda: assim nos persuadimos de que pelos meios que acabamos de indicar, não sómente se conseguirá corrigir em mais ou menos tempo os animos mais perversos; mas que se poderão seguir dia por dia os progressos do seu melhora-mento.

Nós já fizemos notar ao leitor, quanto era para lamentar que os legisladores não tenham conhecido o elemento eminentemente moralizador que deve acompanhar todo o castigo— a *esperança*.

Se é verdade como nós crêmos, apesar da contraria opinião d'alguns atrabilarios philosophos, que a esperança de uma nobre recompensa é o mais forte estímulo para se practicar o bem; muito mais certo é que a esperança de ver diminuir os padecimentos, á medida que cada um se mostrar arrependido, será o mais poderoso meio para os culpados se emendarem.

Pelo contrario é monstruosamente absurda a esperança que, no systema actual, se dá aos criminosos de que, embora permaneçam na sua obstinação ou mesmo se tornem mais perversos, podem estar certos de que, ao cabo de certos annos, serão restituídos á sua liberdade!

Note-se porém que quando nós dizemos, dever-se dar aos presos a esperança de que os seus padecimentos hão diminuir á proporção que elles derem provas de emenda, até ao ponto mesmo de serem restituídos á plenitude dos seus direitos civis e politicos; não é nossa tenção approvar a practica usual de fazer passar os suppostos arrependidos da prisão para o seio da sociedade. Os legisladores, que assim o teem determinado em seus codigos, não advertiram que commettiam um gravissimo abuso de poder.

Esse que elles exercem de quem o receberam senão da Nação? E como podia ella ou, antes, como pôde alguem dar poder a outrem para fazer actos

contradictorios? E pôde haver maior contradicção do que mandar remover o criminoso do meio da sociedade porque elle pelos seus crimes a auctorisa a re- ceiar que torne a commetter outros de novo; e ao cabo d'algum tempo, ordenar á sociedade que receba no seu seio este mesmo criminoso, posto que haja mais razão ainda para receiar que elle commetta os mesmos e mais atrozes crimes?

Porque embora ali se permita ao criminoso que, findo o tempo de prisão, volte para a sociedade: embora mesmo elle volte sinceramente arrepen- dido: quem o quereá admittir na sua familia, como criado? Em que loja, em que fabrica, em que officio será elle admittido sem demonstrações de horror e de despreso?

E que se pode então esperar que faça este desgraçado, se não deixar-se arrastar novamente á perpetração de novos crimes?

Isto sabem os legisladores, é este um facto notorio que ninguém ignora; e que a cada pagina dos seus escriptos deploram os criminalistas: e qual é o resultado?— Continuar-se a practicar o que se acabava de condemnar como monstruosamente immoral!

No nosso systema, os convictos, apesar de haver muita mais probabilidade de se acharem, não só arrependidos mas emendados; não entram no pleno gozo dos seus direitos, com offensa dos seus concidadãos, cuja seguridade elles interromperam, e que nenhuma obrigação teem de acreditar que elles estejam emendados. Embora assim tenha parecido ao jury que os mandar restituir á liberdade, o jury assenta o seu juizo sobre a conducta que elles tiveram na prisão, onde a lei e o governo cuidavam na satisfação de todas as suas necessidades; onde nem sombra havia de tentações para o mal; e onde até havia todo o cuidado de evitar toda e qualquer pro- vocação.

E pôde alguem affirmar que entran-

do na sociedade, entregues a si mesmos, cercados de seducções, insultados por uns, vilipendiados pelos outros e repellidos por todos, sem meios de satisfazer pelo seu honesto trabalho ás mais indispensaveis precisões; é por ventura licito asseverar, que nesta situação tão opposta áquella da prisão, o convicto ha-de resistir ás tentações, a despeito de humilhação, de miseria e da fome?

Seria, não só temerario, mas absurdo o suppô-lo: e, portanto, havemos proposto que, sim entre no pleno gozo de seus direitos civis e politicos; mas n'um presidio distante d'aquella sociedade, que não tem obrigação de recebê-lo no seu seio: n'uma sociedade composta de pessoas que ou se acham no seu mesmo caso, ou que voluntariamente se decidam a ir-se alli estabelecer.

Como, pelo facto de se acharem naquelles presidios em pleno gozo dos seus direitos, lhes deve ser franca a correspondencia com os seus parentes e amigos na metropole; por estes será o publico informado do seu comportamento naquelles presidios: e pôde-se affirmar que, uma vez adquirida a certeza de que, durante uma serie de annos, elles não só tem ali exercido com honra e distincção os cargos publicos, mas que pela sua industria tem adquirido alguns cabedacs; sejam, não só tolerados, mas solicitados para voltarem para o seio da sua antiga patria.

D'isto se encontram numerosos exemplos nos annaes dos dregredos das nossas colonias d'Azia e d'África: e mais recentemente das colonias penaes da Nova Hollanda, estabelecidas pelo governo da Gram-Bretanha.

Conforme a estes principios já desenvolvidos no nosso *Manual do Cidadão* e no novo *Curso de Direito Publico*, havemos traçado as bases da organisação d'este systema de penalidade no projecto do codigo politico que acompanha o dito *Curso*.

Com tudo quatro grandes difficuldades havemos previsto que se oppoem á execução d'este nosso systema; duas das quaes lhe são particulares: e as outras duas lhe são communs com os que se acham em practica nos outros paizes.

A primeira d'estas difficuldades consiste na necessidade de reformar o nosso systema penal que, segundo os principios geralmente adoptados, não admittio senão trabalhos perpetuos, ou trabalhos por determinado tempo e, em alguns casos, a pena capital.

A segunda difficuldade é a intervenção do jury para se dar por prova a emenda dos convictos: decisão para que o jury, como elle se acha entre nós organiado, é muito improprio.

A terceira difficuldade é o achar um numerooso pessoal que estes estabelecimentos exigem, revestido de qualidades mui difficeis de encontrar.

A quarta difficuldade em fim consiste na enorme despeza que exige a construcção de quaesquer casas penitenciaras.

No terceiro tomo das nossas questões de Direito publico etc. havemos proposto um Projecto de casas de correção para as pessoas de um e do outro sexo, em que nos parece acharem-se vencidas todas estas difficuldades. Os limites d'um artigo não nos permitem entrar aqui em maiores explicações a este respeito: por isso remettemos os leitores para aquelles Projectos e exposição dos motivos que lhes servem de explicação.

Cumpro-nos porém advertir neste lugar, que aquelles dous Projectos estão mui lonje de satisfazerem a todas as condições do problema por nós mencionadas neste artigo e nos escriptos que ha pouco havemos citado. Mas é forçoso não perder um momento e substituir entre nós, quanto antes, as galés, persingangas e dregredos, de horrorosa memoria, o systema correccional, não ficticio, como se acha ensaiado n'outros

paizes, mas verdadeiro, como nós o entendemos. Para isto se conseguir era preciso crear de repente local, pessoas costumadas a manter disciplina rigorosa, e emprego nas diversas profissões para desde logo se pôem em execução as condicções essenciaes do systema. Aproveitar para esse fim, como casco os arsenaes militares, adaptando-os e modificando-os para nelles se empregarem os convictos, foi a idéa que nos occorreu e nos parece ser a unica que abrange, em conveniente escala e sem exigir sacrificios com que o Thesouro não poderá por muitos annos, as necessidades a que é urgente acudir neste ramo do publico serviço.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

O artigo que acaba de ler-se foi-nos enviado pelo seu auctor já mui proximo á publicação do n.º antecedente d'este jornal, e por isso não foi possível ser ahí inserido todo: quando um artigo importante não é de dimensões taes que de modo nenhum pode compadecer-se com um jornal o ser apresentado n'um só n.º, nunca desçjamos corta-lo; mas umas vezes obriga-nos a isso a variedade de materias que deve conter cada n.º segundo o systema que adoptámos, outras vezes força-nos uma necessidade material. Neste ultimo caso nos achámos com o artigo do Sr. Silvestre Pinheiro, e só por esta razão o não publicámos todo; porque nunca receberiamos desgostar nossos leitores com lhes apresentarmos um artigo mais extenso, quando o seu auctor é o Sr. Silvestre

Pinheiro, principalmente ventilando-se questão de tanta transcendencia como a das penitenciarias, com o fim tão santo e justo de fazer de homens criminosos cidadãos virtuosos.

A importancia das penitenciarias é hoje reconhecida por todas as nações civilizadas: em muitas partes se tem estabelecido casas d'estas, segundo diferentes metodos, mas que se não pôdem considerar senão como ensaios, porque qual o verdadeiro systema é questão ainda problematica apezar de muito tractada. Entre nós já a Camara dos Deputados em 44, se occupou em algumas sessões d'um projecto de penitenciarias; a Faculdade de Direito d'esta Universidade deu uma prova do interesse que liga a esta questão, marcando-a para assumpto de *Dissertação inaugural*, para um dos actos de conclusões magnas, e que ahí corre impressa (1); a Revista Academica já publicou tambem outro artigo sobre este objecto (pag. 179) mas em nenhum d'estes escriptos se falla do systema do Sr. Silvestre Pinheiro, peza-nos que assim tenha acontecido, tendo este eximio escriptor sido o primeiro portuguez que tractou esta questão, e achando-se o seu systema publicado nas obras citadas no principio do artigo (2). Mas se quando foi publicado o artigo do Sr. Mendes d'Almeida não fizemos sobre elle reflexão alguma, não deixaremos agora de manifestar a nossa opinião e diremos que não só concordamos com o Sr. Silvestre Pinheiro que *o seu systema se não tem o direito de ser approvedo tem todo o direito a ser examinado* (3); mas dizemos mais que este

(1) O Sr. João de Araujo de Vasconcellos e Alvim auctor d'esta dissertação enviou dous exemplares á Redacção da Revista para sobre ella apresentarmos o nosso juizo critico: infelizmente porém veio a morte roubar á Academia aquelle maneybo, e agora abtemo-nos de dizer cousa alguma acerca da sua obra, porque se bem que lhe reconhecemos merito, teriamos todavia de fazer algumas reflexões que calaças por seu auctor não nos poder responder.

(2) A Memoria a que o auctor se refere, foi traduzida, na parte que diz respeito ás casas de correcção, pelo Sr. Dr. A. P. Forjáz, e publicada na Chronica Litteraria de Coimbra.

(3) O Sr. Silvestre Pinheiro n'uma carta que juncto com o seu artigo enviou a esta Redacção, diz: «... o incluso (artigo) sobre o systema penitenciario não me parece ser fóra de proposito, visto que se torna a fallar na creação de prisões d'este genero: e ha pouco li na mesma Revista

systema nos parece inquestionavelmente de todos os que se tem apresentado, o mais efficaz para se poder conseguir que o preso saindo da penitenciaria não venha reincidir.

Os methodos até aqui adoptados conseguem sim a emenda d'alguns ainda novos na carreira do crime; poderão ainda conseguir o arrependimento d'alguns criminosos já feitos: mas fazer com que estes, apezar de darem provas d'arrependimento, não vão de novo trilhar a carreira antiga; só poderá conseguir-se inbuindo-lhes habitos oppostos áquelles que tinham d'antes, habilitando-os para que na sua entrada na sociedade venham occupar uma posição que os afaste das ruins companhias em que se fizeram criminosos, e isto só se conseguirá pelo systema do Sr. Silvestre Pinheiro.

Parece-nos porém que este systema não deverá ser applicado igualmente para todos os presos: se as penitenciaras já estabelecidas tem conseguido que alguns criminosos saíam d'alli completamente emendados, é porque para esses os meios adoptados são sufficientes; o mesmo sabio auctor do artigo acima concorda na efficacia simplesmente d'estes meios em alguns casos, e por consequencia para aquelles que estiverem nestas circumstancias não haverá necessidade de sujeitá-los a todos os tramites propostos pelo Sr. Silvestre Pinheiro.

Ainda para os criminosos mais proversos, para quem é necessario o emprego de todos estes meios, julgamos que o methodo porque elles deverão ser empregados, só poderá marcar-se attenta a natureza do crime, a indole e

costumes do preso; porque tracta-se do dar educação e instrucção áquelle que a não recebeu, ou se a recebeu viciada, de emendar o erro: mas em educação não se pôde seguir um methodo exclusivo, é necessario adaptar o meio ao sujeito. Isto que a experiencia de todos os dias mostra ter logar com as crianças, onde ainda não ha habitos mas só tendências, augmenta de força quando se tracta de homens feitos e endurecidos no crime.

Entendemos portanto que o verdadeiro systema penitenciario será um systema mixto de todos os meios hoje adoptados e dos propostos pelo Sr. Silvestre Pinheiro, empregados segundo mais conveniente for ás circumstancias do criminoso. O juiz, que deverá habilitar-se com os conhecimentos necesarios para esse fim, e que durante o processo irá estudando miudamente o accusado, prescreverá na sentença qual o regimen a que elle deve ser sujeito (4).

É esta em resumo a nossa opinião em quanto ao systema penitenciario em geral, não lhe damos maior desenvolvimento, por não tornar demasiadamente longo este artigo; talvez voltemos ao assumpto para fallarmos da sua applicação entre nós, porque agora que se cuida em termos um Codigo penal, devendo alli estabelecer-se as bases do systema penitenciario que tem de adoptar-se, a imprensa não deve ficar silenciosa a tal respeito. Desejamos que a penna magistral do Sr. Silvestre Pinheiro continue a occupar-se d'esta questão; pela nossa parte sempre que se tractar da causa da humanidade nunca nos eximiremos da lide.

R.-L.

uma exposição do assumpto, que muito me faz recetar se não chamem a exame as ideas que eu já n'outras occasiões sobre elle tenho emitido e que, por me parecerem verdadeiras, me julgo com direito a exigir, não que se aproveem, mas que se examinem....

(4) Não se entenda que pertendemos que o juiz tenha de marcar o tempo que o criminoso deverá permanecer na prisão; queremos com o Sr. Silves-

tre Pinheiro que se lhe dê a esperanza de lhe serem diminuidos os soffrimentos com os progressos do seu melhoramento, e esta é tarefa do Director da penitenciaria, que tambem deverá ser homem intelligente: mas o que entendemos que o Juiz deverá marcar previamente é — se o criminoso deve trabalhar em separado ou em commum; se se lhe deve ensinar uma arte ou officio differente d'aquelle em que antes se empregava &c.

— 1810266 —

CANCIONEIRO PROVENÇAL.

(Continuado da pag. 287.)

III.

A PONTE.

E era um valle, todo coberto de alamos gigantes, cheirosas acacias, e platanos de largas folhas. Ha ahi uma ponte, de um só arco por onde outr'ora corriam as aguas do Huvanna. O rio vagabundo leva hoje ao mar por diverso alveo seu ignoto feudo. E cresce o musgo sobre os alvos seixos, que as aguas cobriam n'outras eras.

Se alguém ha inda, que ame a fresquidão e as sombras, é deixar a cidade sumptuosa, e vir para a ponte dos amores. A linda Echo ahi está na abobada virente do seu arco. Os osculos, que ahi resvalam pelos labios ardentes, vibram-se com encantadora melodia. Já vai longe o beijo, inda os ouvidos o gozam.

Embalsamada e doce é aquella atmosphera, cuja sombra espessa jámais o sol dissipa, onde a chuva não penetra, e cujo mysterioso asylo os proprios ventos respeitam.

E sob aquella ponte sem igual, os echos não são indiscretos; não repetem aos passageiros os segredos da ternura. Nunca por elles soube a mãe os viçosos desejos da filha. Nunca sua voz imprudente fez córar o velho marido, nem dissipou a pacifica ignorancia da esposa atraçoadada.

Oh! ide-vos, para o bello arco d'essa ponte, todos vós outros, que amais os beijos, os longos beijos da belleza, da mocidade, e do amor.

IV.

A NOIVA DO KYNAST.

Porque motivo se abateu a ponte levadissa; e rangou sobre seus gonzos enferrujados a pesada porta do castello?

Em vistosa cavalgada vão entrando muros dentro os vassallos da gentil condessa Amelia, — os vassallos dos mais remotos confins do condado. Veem pedir-lhe que tome estado, e marido. Livre é o alvidrio da bella moça; mas os subditos carecem de um chefe.

O velho Conde jaz no sepulchro: a patria tem injurias, que vingar: e querem os vassallos um capitão, que os gue ao combate.

E ha ahi mil pretendentes na ala dos cavalleiros: inflamma-os o amor e a gloria. Baldado porem ha sido o seu desejo, que Amelia quer morrer virgem. Vem ella receber o cortejo, envolta no funebre sacco de suas largas vestes de lucto; e responde-lhe por esta arte: «Decidida estou a comprazer-vos, nobres cavalleiros; mas careço de um pinhor da paixão, e valentia do meu esposo. Quem ousará recusar-m'o?... O meu coração, e a minha mão a quem me offertar esse pinhor.»

E os cavalleiros a bradar a um tempo: «Fallae, senhora.»

— «A todos vós foi patente a maneira, porque morreu meu pac. Estava elle olhando, assomado ás nossas muralhas, o fundo do abysmo. Turvam-se-lhe os sentidos, precipita-se na voragem profunda, e morre despedaçado. Aquelle de vós, que aspirar á minha mão, monte a cavallo, percorra d'est'arte em toda a roda os estreitos muros do Kynast; e prove por este feito atrevido, que pôde desafiar impunemente os meus rochedos, e os meus abysmos; porque eu não quero segundo lucto. E aqui vo-lo juro: nenhum outro entrará o meu leito nupcial.»

Calou-se a donzella, altiva com o seu estratagemina; e os cavalleiros retiráram-se.

E mais de um guerreiro trepou aos reparos do Kynast; mais de um cavalleiro mediu com a vista o precipio; mas e pensamento da condessa realison-se, nenhum ousou abalançar-se ao arriscado passeio. O castello ficou silencioso e de-

serto; e pôde Amelia guardar a memoria de seu pae, sem que uma festa viesse perturbar o seu lucto.

Até que assim um mancebo se apresenta. Não se encontram hoje animo, e amores d'esse lote. Era elle já famoso cavalleiro, a chamava-se — o Conde Alberto.

O Conde Alberto ahi está ás portas do castello, e pede venia para tentar a perigosa carreira. « Ou morrer, ou possuí-la » — é sua divisa.

E a condessa fica interdicta, e assombrada: que nunca lhe viéra ao pensamento, que um apaixonado tão sem tino, e valente, pudesse haver, que assim affrontasse uma inevitavel morte. Mandalhe os seus pagens, e escudeiros; quer dissuadi-lo do intento funesto; recusa-lhe o seu consentimento. É de balde; o damnado do cavalleiro faz-lhe lembrar seu juramento d'ella; e sua divisa d'elle — « Morrer, ou possuí-la. »

Então Amelia manda vir á sua presença o coitado do mancebo; e falla-lhe por este modo, com os olhos rasos de lagrimas: « Conde, que ides condemnar-me a um desespero eterno! Oh! ouvi-me bom: — Eu não posso amar-vos; mas quem ha que não se commova ao aspecto de tamanha mocidade, e tamanho valor! oh! mas crêde que esse arrôjo não é virtude, é uma audacia insensata, é uma tentação infernal. Nunca foi, senhor, meu intento crear um folgado para mim com a vida dos homens. Queria ser livre; eis o unico fim, a que o meu juramento tendia. Como imaginar que por alguém seria tentada essa carreira homicida! Desventurado Conde, se eu vos sou cara, resignae vosso projecto, em vez da noiva abraçariéis a morte. Ambos perdêramos no mercado fatal. Oh! tendê piedade de vós, e de mim! » E ella estava a seus pés, e conjurava-o, em nome do céu, e da terra.

E o Conde Alberto está firme, e inabalavel. — « Se eu morrer, que importa! a culpa não é vossa; amor é só culpa-

do. » E ei-lo, n'um pulo, em cima do palafrem, para correr a muralha.

Tristes, e cabisbaixos o rodeiam seus escudeiros. Não ha ahi olhos enchutos no concurso numeroso. Um sacerdote o absolve, e abençoa. — A noiva fatal está ornada com seus vestidos nupciaes; Alberto a tranqulisa de balde. E retine o ar tres vezes com o som das trombetas, signal do amor, ou da morte. E o Conde se inclina audaz á beira dos rochedos. E o cavallo trepa destemido o alto da estreita muralha. E a mão do cavalleiro envia de longe beijos, e emboras. Não ha medo, nem turbação para aquella alma.

O cavallo caminhava com precaução; como que *participava*, que *sabia* das valentias do amo. Mas solta-se uma pedra, e resvala no abysmo: vai com ella corcel, e cavalleiro. Sente-se ora apenas o echo sinistro, que produz a armadura de ferro a quebrar-se escontra os penedos, de socalco em socalco, até perder-se na voragem profunda.

A condessa esteve a pontos de succumbir á violencia de uma febre, que aquelle horrivel espectaculo lhe produzia. Mas ei-la ahi já fóra do seu leito de dor; e eis ahi tres irmãos todos tres mancebos e gallardos, a pedir-lhe audiencia.

Os tres valentes querem vencer a carreira do Kynast, ou morrer. Foi voto, que fizeram. — « Abandonae esse negro projecto, lhe dizia a condessa, já um foi victima. Poupae-me a novas penas. Eu vou assim destruir uma geração inteira. Oh! não, não! leve os meus bens e thesouros, reparti-os por vós; mas renunciæ ao voto fatal, ou não mais tornareis a abraçar vosso velho pae. » — A donzella chorava; e suas lagrimas, que inda mais bella a tornavam, mais tambem faziam crescer o amor dos tres irmãos enamorados:

— « Nós somos d'alta linhagem, diziam elles; e se por vós pôde morrer o conde Alberto, os mesmos direitos nos

assistem a nós, que somos teus esposados, ou esposados da morte.»

O mais velho não cede do seu jus de primogenitura em face do perigo; é o primeiro, que se lança á morralha. Aperta a mão aos dous irmãos, lança uma ollhadura de amor para a condessa, e corre. — Já levava de vencida metade da carreira, quando retumba um grito de espanto. O cavallo, assustado, empina-se; e o infeliz desaparece.

Ergue ao céu o 2.º irmão seus desesperados olhos. Silenciosa dor lhe palpita no seio. Um tremor mortal o assalta. Debruça-se nos rochedos o sem ventura; estende os olhos pelo abysmo; e vai seu cadaver abraçar-se com o cadaver do irmão.

Lavra a palidez do terror pelas faces dos assistentes; e Amelia exclama banhada em lagrimas, para o 3.º mancebo: «Por piedade, senhor, conserva e a um pae seu filho derradeiro.»

— «Meu dever é o meu voto. Se eu morrer, dizei a meu pae como nós o cumprimos.» Assim disse; e apertando com as esporas o ventre do fogoso gineete, sumiu-se como um relampago, muralhas fóra. E não foi para olhos humanos tornar mais a ver, nem cavallo, nem cavalleiro.

Amelia foi conduzida em braços ao seu leito de dor. As ultimas palavras dos tres irmãos retiniam de continuo aos seus ouvidos. Horriveis sonhos a atormentaram; e a voz dos phantasmas e finados, a perseguia: — «Adeus, diziam elles, Noiva do Kynast. Não distingues o pardo crepesculo da manhã? Vem receber em tuas palidas faces os beijos da morte.»

A misera volven todavia á existencia, mas nunca á felicidade. Reflectiu nas illusões da vida, e não viu mais que tormentos. O aspecto dos mancebos exacerbava a perturbação e horror de sua alma. — «Eu vivia vida de pureza, e de paz. Foram elles que mancharam e fanáram minha existencia. Pois que tentem agora o giro do castello. Já não se me dá da sua morte.»

E muitos cavalleiros se abalançaram. Ella contemplava do alto de suas torres alevantadas aquelle barbaro jogo. Chorava sobre o conde Alberto, chorava sobre os tres irmãos. Para os demais era indifferente.

E já mui numerosa era a conta de suas victimas, quando ignoto cavalleiro, chega trotando á beira dos fochos, a pedir a venia do estylo. Vinha coberto de rica, e insolita armadura. Sciutillavam-lhe seus negros olhos, sob a viseira de ferro, como dous astros de fogo em noite escura. Amelia encara o mancebo formoso; e freme-lhe subito o coração de amor e de espanto. É a vez primeira. Oh! que agora saberás o que são tormentos; — Inda não amaste... inda não os conheceste.

O Guerreiro pede a mercê de morrer. E a condessa, sem dissimular seu amor, faz por dissuadi-lo com suspiros, e lagrimas: «Se pois meus rogos são inuteis, dae-me sequer um dia, a dilacão sómente de um dia.»

Em um vasto salão do palacio, é servido exquisito e sumptuoso banquete, em honra do recémchegado. O cavalleiro trava da arpa do bardo, e canta os folgares do amor; e sua voz vai repercutir-se no coração da donzella. A coitada velou a noite a fio, repassada de receios e esperanza, e de tenção assente de morrer ou viver com elle.

Até que nasce o dia. — Ao ver os presentes ademanos do guerreiro, purpureiam-se de esperanza as faces da noiva fatal. Já não ha dissimular; seus braços ardentes, e apaixonados cingem o guerreiro — o guerreiro intrepido, que escapando-lhe das mãos exclama: «Condessa, a hora dos abraços não chegou ainda. Escutae... são as trombetas, que apellidam pela victima. Adeus!» — Amelia desmaia, o cavalleiro arroja-se á muralha. O brioso corcel caminha intrepido, e seguro. E eis ali cavallo, o cavalleiro, que volvem em

triumpho, sãos e salvos á meta, donde partiram.

Um grito unanime de alegria restitue á Condessa a existencia. Louca se precipita ella escontra o campeão triumphador: «Foi Deus, foi amor que te corôaram, conde e senhor do Kynast. Curvaevos, meus vassallos, ante vosso amo, e meu esposo.»

E dos labios da multidão ia a sair um grito de applauso e homenagem, quando um gesto temeroso, e uma olhadura feroz do guerreiro impõe silencio ás turbas.

«Nada de applausos aqui! en reveito a noiva. — Condessa do Kynast! que fizeste dos meus amigos? Onde está o Conde Alberto, onde estão os tres guerreiros? — Assassinaste-os; e eu não acceito uma dextra ensanguentada. Outra mulher é senhora do meu coração, e vontade; que me trouxe aqui sómente a vingança dos meus amigos; e vingui-os. Rale-te as entranhas essa paixão sem esperanças, essa mão refugada, esse amor cuspidos aos pés dos teus escravos.» — Disse; e apertando as ilhargas ao ginete, desapareceu como um vampiro.

E um estupor mortal se apossou da Condessa. Ella tornou a si, como quem acorda de um pesadelo horrivel; — caminhou com passo incerto e mal seguro para o rochedo fatal. Sens pagens a seguiam de longe. — «Amor! exclamou ella, que te vingaste! Eu desdenhei os guerreiros mais valentes, tambem me cabe a vez de ser desdenhada. . . Mas porque se ha-de differir a boda? Meus noivos lá estão embaixo. Vinde receber a victima.» — E precipitou-se na profundez do abysmo.

Retumbáram ness' hora insolitos, e temerosos sons pelo boqueirão da voragem: — «Porque estás sombria, e taciturna, dona Condessa? Vieste lancar-te, em nossos braços. Podes escolher agora: á noiva do Kynast não faltam esposados.»

J. Freire de Serpa.

A INFANCIA

RECORDAÇÃO.

Alli pasó mi infancia
Cenida de altas dones,
En feliz ignorancia
De sangrientas pasiones.
La maternal terneza
Abrió ali à mis miradas
Las paginas sagradas
De la naturaleza.

J. J. de Mora.

Eu nasci n'um tosco albergue,
A' sombra d'uns parreirae,
Na margem d'humilde arroyo
De susurrantes crystaes.

Não longe formoso prado
Côr d'esperanças se vestia,
Onde brincavam pastores
Oude o armento pascia.

Fresca fonte ao pé da encosta
Retratava o sol ardente,
E das pastoras d'aldéa
Rosada face innocente.

Que vida aquella! acordava
Ao canto dos passariuhos
Que festejando a alvorada
Deixavam seus brandos niuhos.

Quando o sol era já nado
A' Ermida m' encamiuhava,
Juncto d'uma cruz singela
Innocentiuhos rezava.

Subia depois a espalda
De pequeno erguido outeiro,
E pensava que o que eu via
Era todo o mundo inteiro.

Vinha depois para casa
Minhas redes preparar,
Se não ia em vez de peixes
Incautas aves caçar;

E quando nas pobres choças
As fogueiras se accendiam,
E d'entre o colmo do tecto
Nuvens de fumo saiam,

E que o balar dos rebanhos
Que todo o valle estrugia
A' sineta do Mosteiro
Seus agrestes sons unia,

E o gemer do carro ao longe
Que os trabalhos já deixava
Vinha annunciar que o vcu
Da noite se desdobrava,

Eu então vinha correndo
Pelo prado alegremente
A abraçar, do albergue á porta,
Paterno seió contente.

Minha mãe então me unia
As tenras palmas da mão
E eu rezava com ella
A repetida oração,

E depois adormecia
No seu regaço encostado
Ao som de velha cantiga
Com que me havia embalado.

Tambem tinha os meus amores,
Era leda pastorinha
Que me dava lindos pomos
Em troca d'uma conchiinha.

Ella era do meu tamanho
Tamañina como eu,
Tinha os cabellos cõr d'ouro,
Os olhos da cõr do céu.

Era meiga como é meigo
De deús pombos o arrulhar,
Era casta como é casto
A rosa ao desabrochar.

Nosso amor era innocente
Doce amor d'infancia pura;
Os corações eram virgens
As almas eram candura.

Triste quando ella chorava,
Alegre quando sorria;
Eu me ria só por vê-la
Chorava porque a não via.

Uma vez, era nm domingo,
Sentou-se juncto de mim,
Pondo a mão entre estas minhas
Risonha dizia assim;

• Minha mãe conta que as fadas
• Me fadaram ser rainha;
• Antes quero sejam meu
• Do que toda a terra minha.

• Ves o campo onde brincamos,
• Este sol que nos aquece,
• Est'agua que nos sacia,
• Este dia que amanhece,

• Não m'encantára esse prado
• Esse sol não me aquecêra
• Não me saciara essa agua
• Se longe de ti vivêra

• Quando o latir do lebréu
• Alta noite me acordar
• Tenho medo, quero ter-te
• Juncto a mim p'ra conversar.

• Quando de sésta o calor
• Froxos membros me cançasse,
• Desejava ter teu peito
• Onde meiga m'encostasse.

Respondi-lhe co' nm sorriso
Prometti que assim seria;
Fomos brincar pelo prado
Ver de nós quem mais corria.

Ah! tempos, tempos da infancia
Dias de tanta saudade. . . .
Quem poderá olvidar-vos!
Quem chorar por vós não ha-de!

Mas que vale? . . . jaz lá tudo
Dos tempos na sepultura
Só doce recordação
Na memoria inda cá dura.

Coimbra Fevereiro de 45.

Evaristo Basto.

(I. D.)

ANTIGUIDADE DO EMPREGO
DA ARTELHARIA EM HESPAHIA E
PORTUGAL

POR

Francisco Freire de Carvalho.

Com este titulo acaba de ser publicada, em Lisboa, pelo nosso digno Conscio, uma Memoria; na qual o A., animado do mais vehemente espirito de nacionalidade, pretende assentar sobre bases historicas — que se occupamos hoje um lugar muito secundario na escala da illustração europea, já fomos n'outro tempo os primeiros, já nos coube a gloria de caminhar á frente da civilização, de guiar a humanidade na victoriosa marcha do progresso e da industria.

Não podemos deixar d'elogiar as patrioticas intenções, que sustentaram o A. na ardua tarefa de folhear os chronistas e historiadores peninsulares, e de *soperar*, digamo-lo assim, cada uma de suas phrases com o proposito de estabelecer — que o emprego da artilharia foi conhecido entre nós desde o principio do seculo XII e na Hespanha desde o seculo XI muito antes que d'esse emprego houvesse noticia nos outros povos da Europa, os quaes por isso tem o anno de 1380 e a cidade de Veneza como a época e o lugar d'aquelle invento. — Mas não podemos tambem deixar de sentir que tanto trabalho e tanta dedicação sejam perdidos para o lustre de nossa historia; pois que não vemos em resultado um cabal documento de nossa prioridade nesta descoberta, antes nos parece ver fortificada por algumas inducções a proposição que o A. teve particularmente em vista rebater, isto é — que a applicação da polvora á artilharia remonta, em Portugal, a uma época mui proxima ao tempo dos Filippes.

Estabeleçamos primeiramente o facto: e descendo depois á analyse critica

da Memoria esperamos levar á evidencia a exactidão do juizo que enunciamos.

A intrusão dos Filippes no fim do seculo XVI (1580) tinha sido, um seculo antes (1497) precedida pela aurora de nossas gloriosas descobertas e conquistas, preludiadas já desde 1415 pelo genio emprehendedor do Principe D. Henrique. Todas as vantagens que então obtivemos, foram inquestionavelmente devidas á superioridade de nosso engenho, ajudado pelo emprego das armas de fogo — desconhecidas tanto dos africanos meridionaes e orientaes, como dos povos das duas Indias, com quem tivemos de combater. E que o uso das armas de fogo era vulgar entre nós, por esses tempos, o mostra a generalidade do armamento, pois é bem sabido, quão lentamente se progride em taes mudanças. É como as armas de mão foram um aperfeiçoamento das armas de maior calibre, é por tanto obvio que a artilharia não pôde deixar de ser conhecida e empregada entre nós pelos fins do seculo XIV ou principios do seculo XV, como nos attesta Pedro de Mariz no elogio do Sr. Rei D. João I, aonde refere a noticia d'este invento ao começo do reinado d'aquelle Monarcha (por 1383.) reportando o proprio invento ao já citado anno de 1380.

Mas o A. da Memoria, desdenhando este testemunho positivo, vai por todas essas chronicas antigas mendigar passagens obscuras e trechos ambiguos dos historiadores assim nacionaes como estrangeiros, *tenteando* por assim dizer as expressões para a final vindicar uma gloria, que não sei a que titulo nos adjudica, pois que a ser merecida e real, pertence ella toda aos Arabes, que nos precederam na posse d'esta nossa terra.

Vejamos o valor d'essas expressões, e autenticidade de sua origem.

Das auctoridades citadas pelo A. da Memoria, a que parece de maior peso e mais recommendavel, é a de Ruy de Pina na Chronica de D. Sancho I. Ora eis-aqui o que d'ella diz o seu editor, Miguel Lopes Ferreira:

» A... de D. Affonso Henriques
 » foi escripta por Duarte Galvão;
 » esta de seu filho e dos mais Reys,
 » que se lhe seguirão não é facil a
 » averiguação de quem seja o seu
 » verdadeiro e legitimo Auctor...
 » Damião de Goes.... trata com gran-
 » de miudeza este ponto, e mostra,
 » que estas chronicas serão compostas
 » umas por Fernão Lopes, e outras
 » por Eannes de Zurara, mas não du-
 » vida que Ruy de Pina lhes deu me-
 » llhor forma &c.»

e o Academico Antonio Rodrigues da Costa, que por parte do Paço approvou sua impressão, diz:

» ainda que está tão rudemente es-
 » cripta, que não corresponde ao ti-
 » tulo honorifico de Chronista-mor,
 » e com tão poucas noticias e tão
 » mal circumstanciadas, que tambem
 » parece que não é producção legiti-
 » ma d'um Guarda-mor da Torre do
 » Tombo: com tudo como a anti-
 » guidade sempre é veneravel &c.»

Pelo que respeita ás passagens e phrases citadas do mesmo Ruy de Pina e outras analogas: a palavra *artelharias* que se lê no Cap. 10. de nenhum modo se pôde referir ao que hoje se entende por esta palavra, porque com semelhante idea repugna tudo, quanto ali se lê dos aprestes feitos para tomar a *couça* de Silves e investir a *torre*. Abi apparece tambem a expressão—*El Rey lhe mandou logo tirar com grandes tiros e grossos de polvora*: mas não só o resto da descripção desvanee a illação primeira, porém é demais bem sabido, que estes *grossos de polvora* eram os barris (de que ainda hoje se usa nas minas), os quaes por mais espantar que offender, se denominavam *trons*, palavra feita do *tonitrus* latino, de que se serviu *Marcus Græcus*, como logo diremos.

Pelo que toca á importancia da auctoridade do Dr. Conde na sua *Historia de la dominacion de los Arabes en España*: não é o lugar citado mais proprio para nos persuadir, que os de

Ruy de Pina; antes com estes conspira para nos convencer da interpretação, que lhes havemos dado: com effeito, não era em torres de madeira *acercados a los muros* que seria montada a artelharia do genero da nossa, mas só em taes torres podiam ser proveitosos os *trons* e mais *fogos* de *Marcus Græcus*.

Em relação ás passagens de João Baptista de Castro e de Casiri, que fallam—o 1.º d'uma balla tirada pelos mouros no cerco que precedeu a tomada de Lisboa (1147), o 2.º no uso dos *scorpiões* &c: lembrarei—1.º que as *Balistas, Catapultas, Onagras, e Scorpiões* de que usavam os antigos não tinham outro uso senão lançar tiros de frechas, de ballas, de pedra, chumbo e ferro, globos e vasos de materias inflammaveis &c. 2.º que a passagem citada a pag. 5, extrahida por Casiri dos *Codices arabicos*, é uma confirmação não só do juizo que havemos feito, mas tambem do uso dos *Scorpiões* de que agora fallamos.

Se é finalmente preciso um testemunho nacional insuspeito, ali temos Gomes Eannes d'Azurara na 3.ª Parte da chronica de D. João I, cap. 29. Falla-se dos preparativos para a expedição de Ceuta pelos annos de 1414—15 (trinta e tantos annos depois da descoberta da artelharia) e elle diz:

» Os tanociros não erão pouco tra-
 » ballados em fazer.... as vasilhas...
 » Os alfayates... em... fazer librés...
 » *Carpinteiros* em encaixar bombardas
 » e trons, e endereçar todalas outras
 » artelharias, as quaes erão muitas e
 » grandes.»

Fallando, ao depois, da arribada a Ceuta, no cap. 56, diz:

» começarão alguns de tirar com
 » trões e bestas aos da frota.... e
 » como quer que assim trabalhassem
 » de fazer seus tiros, nom podião
 » muyto impecer.... senom a galé
 » do Almirante, a qual, logo como
 » chegou, foy ancorar mais perto da
 » praya, que as outras, onde estava
 » muy sogeto ao perigo d'aquellas
 » setas &c.»

As duas palavras *Carpinteiros* e *setas* não só põem na maior evidencia a interpretação que deve dar-se ás citações fundamentaes do A. da Memoria, tanto mais quanto é Eannes de Azurara o presumido A. da Chronica de D. Sancho I; mas auctorizam até certo ponto a duvida, se a artilharia moderna era conhecida em Portugal nos começos do seculo XV.

Mas se é dos conhecimentos dos Arabes em artilharia que deriva a gloria de nossa prioridade, e se por artilharia deve entender-se—armas de fogo empregadas contra os inimigos;—então não precisava o A. da Memoria d'invocar testemunhos obscuros, nem devia parar no seculo XII—podia com segurança recuar para a Europa, até ao seculo VIII, ao tempo em que viveu Marcus Græcus.

O Dr. Fred. Hoefler, um dos membros da vasta companhia d'exploradores das livrarias europeas, por conta da Alemanha, acaba de desenterrar da poeira da Bibliotheca Real de Paris dous Mss. n.º 7156 e 7158, copias do mesmo original, mas tiradas em seculos diversos, (a 1.ª do começo do seculo XIV, a 2.ª do sec. XV) aonde se lê:

» Incipit liber ignium a Marco Græco descriptus, cujus virtus et efficacia ad comburendos hostes tam in mari quam in terra plurimum efficacax reperitur &c.»

Neste livro, entre outras receitas, vem a seguinte:

» Accipias lib. 1 sulphuris vivi, lib. 2 carbonum vitis vel salicis, 6 libras salis petrosi (salitre). Quæ tria subtilissima terantur in lapide marmoreo. Postea pulvis ad libitum in tunica reponatur volatili (foguêto) vel tonitru faciente (bomba). Nota

» quod tunica ad volandum debet esse gracilis et longa et cum prædicto pulvere optime conculcato repleta. Tunica vero tonitrum faciens debet esse brevis et grossa et prædicto pulvere semiplena et ab utraque parte fortissimo filo ferreo bene ligata. Nota quod in tali tunica parvum foramen faciendum est, ut tenta imposita accendatur.»

E supposto haja alguma obscuridade sobre a patria e vida de Marcus Græcus, sabe-se, que elle viveu anteriormente a Misué, Medico arabe do seculo XI, que o cita a pag. 85; e que elle conhecia a lingua e processos dos Arabes, porque nas suas receitas emprega as palavras arabicas, a que não correspondiam latinias, taes como *alkitrau* (alcatrão, *zambac* (essencia d'açucena) *tyriaca* (tiriaga) &c. nomes, que designavam substancias empregadas pelos Arabes na fabricação de seus fogos; assim como que elle é posterior ao seculo VII porque é ao principio do VIII que se refere a descoberta do *fogo grego* (seu gregois) não obstante a asserção de Constantino Porphyrogeneta, que elle fôra communicado por um anjo a Constantino Magno, pois a primeira menção que encontramos do emprego d'esta arma no Baixo Imperio, é no tempo do Imperador Leão, de quem se diz que — «fazia lançar à face do inimigo pequenos tubos (microi syphones) cheios de fogo, e que muitas vezes rebentavão entre as mãos d'aquelles que os lançavão» — (a) o que nos indica a receita de Marcus Græcus.

Concorre tambem para nos induzir a crêr que Marcus Græcus viveu no seculo VIII, o ter occorrido neste seculo a invasão dos Mouros na Hespanha e na Sicilia (711—713), e a superioridade

» duas partes vero salis petrosi, et in oleo lini vel lini, quod est melius, dissolvatur bene pulverisata et oleo liquefacta. Postea in cana vel ligno excavo reponatur et accendatur. Evolat enim subito ad quemcumque locum volueris, et omnia incendio concremabit.»

Quem deixará de ver aqui os *microi syphones* do Imperador Leão?

[a] Ainda que me proponho publicar nas columnas d'este Periodico uma traducção do pequeno livro de Marcus Græcus, não posso, deixar de transcrever aqui a integra do paragrapho antecedente ao citado no texto. Diz assim:

» Nota quod ignis volatilis in aere duplex est compositio; quorum primus est: Recipe partem unam colophonii, et tantum sulphuris vivi,

de sua illustração, que faz dizer a um Escriptor francez— «Leur marche triomphale fut comme un sillon lumineux tracé au milieu des tenebres de la barbarie.» (b).

Não valia por tanto a pena de instaurar uma semelhante questão de prioridade: e eu julgo mesmo que teria mais valido não a haver suscitado, a não ser para me dar a occasião de fazer conhecido entre nós aquelle importante documento, achado na Bibliotheca Real de Pariz, que vem ainda cortar uma outra questão—a da época da descoberta, e a do inventor da polvora, cujas honras se tem pretendido conferir a tanta gente, e particularmente a Roger Bacon.

P. N.

ADDITAMENTO AS NOTAS DE

CALCULO DIFFERENCIAL E INTEGRAL

de L. B. Francoeur.

Debaixo d'este titulo acabam de imprimir-se algumas notas que, ou pelos motivos expostos no prefacio á traducção do Curso completo de Mathematicas Puras por Francoeur, que não permitiram concluir-se umas; ou pela transcendencia d'outras, que as tornava desnecessarias para o fim da traducção; o Traductor da parte do calculo differencial e integral não ajuntou aquella edição, e só extrahiu de algumas o que julgou bastante para aquelle fim.

Tendo-se porem dado pela ultima reforma maior extensão ao ensino do calculo transcendente, o Lente da aula respectiva, que tinha conhecimento d'estas notas e da sua importancia para preparar os ouvintes com conhecimentos ne-

(b) No fim da receita do 1.º fogo encontram-se as expressões seguintes:

«Postea vero IV lb. de alhitran græco infundas.»

onde se vê, que o fogo grego era preparado com drogas de denominação arabe, e que por tanto a sua receita não pôdia ser assim formulada senão no seculo VIII, época em que o vemos empregado com este nome, contra a frota dos sarracenos perto de Cyrico.

cessarios para a intelligencia de estudos ulteriores, qbteve do Auctor que no anno passado se lithographassem algumas d'ellas, e que no presente anno se imprimissem essas mesmas retocadas, e se lhes addicionassem mais duas pertencentes ao calculo differencial, e extrahidas de trabalho mais extenso.

Sem nos demorarmos agora em analysar o merecimento d'este trabalho, merecimento que aliás as pessoas entendidas na materia facilmente apreciarão contentar-nos-hemos com indicar o objecto d'estas notas, as quaes veem todas acompanhadas de exemplos e applicações interessantes.

1.ª Desenvolção das funções em Series — Demonstraçõ da formula geral de Laplace, na qual se comprehende a de Lagrange, e que encerra a de Maclaurin e Taylor.

2.ª Osculações e curvaturas — Circulo osculador. Angulo de torsão. Curvatura de Superficies.

3.ª Equações differenciaes totaes. — I. Methodo de eliminacão entre as equações lineares, quando os factores que multiplicam os coefficients differenciaes da mesma ordem são os mesmos em todas. — II. Methodo de integraçã das equações differenciaes, por meio dos integraes das mesmas equações privadas dos seus ultimos termos. — Reflexão sobre uma classe de equações que podem ser integradas exactamente por este methodo. — Idéa fundamental do Methodo chamado da variaçã dos parâmetros.

4.ª Equações differenciaes parciais. — I. Methodo geral de integraçã das equações lineares de 1.ª ordem entre n variaveis independentes. Chega-se por um modo inverso e mais luminoso a um resultado já achado na 1.ª nota. — II. Integraçã das equações não lineares de 1.ª ordem por meio do methodo precedente. — III. Demonstraçã nova, e muito simples, do methodo de integraçã das equações lineares da 2.ª ordem.

F. de C. F.

A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I.

O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuado da pag. 196)

IX.

Dixit quoque Deus: Producat terra animam viventem in genere suo; jumenta, et reptilia, et bestias terræ secundum species suas. Factumque est ita. Et fecit Deus bestias terræ juxta species suas, et jumenta, et omne reptile terræ in genere suo. Et vidit Deus quod esset bonum.

Terminava a manhã do quinto dia do mundo, e com ella a terceira epocha da terra, quando á musica harmoniosa das aves (1) ia succedendo pouco a pouco um silencio grave e triste. Ao hymno melodioso, que saudára o nascer d'esta aurora, respondêra por vezes nos soturnos desvãos do globo o longinquo fragor do terremoto, e ao som d'essa tritica harmonia vira o espirito do homem alevantarem-se as montanhas do *Viso*, *Pilas*, *Erzgebirge*, *Thuringerwald*, e *Bohmerwald-gebirge*.

E os monstruosos cetaceos (2) em vão procuraram espavoridos os antros reconditos do pelago; que lá mesmo os foi colher o furor da tormenta, e confundidos os deixou com os mais humildes testaceos, dormindo o eterno somno da sepultura debaixo dos enormes bancos de *calcareo magnesiano* e *oolitico*, de *lias*, e *gres verde*.

Mas agora ao começat da tarde do

sexto dia aquelle fragor era mais terrivel e medonho, e o timido gorgear dos cantores das florestas tinha emudecido na presença d'elle. E o espirito do homem viu empolarem-se os mares em uma vaga immensa, e após surgirem de entre a voragem das aguas, n'um extremo os *Alleghanys*, cujos picos se elevavam até mais de cinco mil pés (3), e no outro as montanhas de *Ghattes* que nos tempos futuros haviam de ser testemunhas de feitos sem par obrados por heroes, cujo nome seria depois o unico brazão glorioso de sua raça degenerada. E no meio d'essa vasta cordilheira apparecia o magestoso tumulo de *Pyrene*, e o *Alp-beanino* estendendo um para o outro sua base granitica, como para agitearem o berço, em que deviam de ser embaçadas as duas rainhas da civilização antiga e moderna. E lá para o *Nor-d'Este* lançava o Senhor a este tempo os alicerces do *Caucaso*, ante os quaes fugiam as aguas do *Polo*, e recuava o *Caspio* abraçado ao *Ponto Euzino*.

E ali para o *Metodia* tambem se divisavam já os primeiros fundamentos do *Atlas*, toruendo pela banda do *Septentrião* o vastissimo lago, onde tinha de ser lançado o grande deserto da *Lybia*, medonho oceano d'arêas. E depois abrandava por um pouco a furia dos elementos, e o silencio passava com magestade per sobre a superficie da terra.

E ao longe trôou de novo aquella voz angusta, cujo som era repercutido per todos os angulos do universo. E essa voz mandou á terra, que produzisse os animaes (4), a quem, se não era dado mergulhar nas profunduras do pelago,

pés d'aves pelo menos de septe especies pertencentes a ordein das *peru'altas*.

(2) Tomamos a palavra *cetuceo* no sentido que lhe ligaram os antigos, os quaes designavam pela palavra *café* animaes aquaticos ou amphibios de grandeza enorme, quaes o *Ieldhyosaurus*, *Iguandon* &c. Assim deve entender se a phrase Biblica.

(3) Esta altura era sómente consideravel para aquellas epochas, porque as mais altas montanhas são as mais modernas.

(4) Dissimos já, que não julgavamos a doutrina da transformação, das espec.es. contraria á historia do Genesis; dizemos agora mais; parece até, que

(1) Escravos da fé, que damos á narração de Moysés, iremos de encontro ao testemunho dos factos geologicos, quando suppomos a existencia das aves anterior á dos terrenos terciarios? Os que assim porventura julgarem lembrem-se, que a primeira apparição dos diferentes animaes sobre a terra devia de preceder grande espaço á epocha de um sotterramento de numero consideravel de individuos, os quaes depois haviam de apparecer no estado de fosseis. Além d'isto já nos terrenos secundarios apparecem vestigios da existencia d'aves. O professor *Hitchcock* descobriu no novo *gres rubro* do valle de *Connecticut* (America) as impressões dos

ou remontar até a eminencia das nuvens, sobrava-lhe um instincto superior, no centro de cuja esphera o espirito do homem divisava alguma cousa semelhante ao resplendor da razão.

E elle viu o *Anoplotherium* sacudindo com a cauda longa e forte as mansas aguas das lagoas, e o *Palæotherium* ás margens dos rios collindo o sustento com a tromba carnosa e curva.

E logo o *Hippopothamo* arrastando per sobre o lodo dos juncaes seu monstruoso abdomen, arremedava com longo hiato o vivo relinchar do ginete, que seguia de longe, folgando, o passo grave do *Mammouth*.

E mais além sobre o cume de silenciosa collina, onde apenas se ouvia de quando em quando o susurrar de aligeiros insectos, que brilhavam a travez do luar sereno, como saphyras que se cruzassem em meio de subtil poeira de prata, apparecia o rafeiro (5) futuro guarda fiel do homem e dos rebanhos, ora cravando os olhos na planicie, ora nivando tristemente a largos espaços, e escutando attento o echo de seus gemidos, como se esperára a resposta do amigo, e benfeitor, que o instincto lhe figurava escondido lá entre as sombras da noite.

E o Senhor viu a obra das suas mãos, e fez descer sobre ella a sua bençã, para que essa obra se multiplicasse de geração em geração; e com a bençã viu o espirito do homem que descia ao coração d'aquelles seres uma centelha do amor, mas uma centelha do amor ainda não acrisolado, da qual era o unico pasto o que no amor ha menos puro e celeste.

E então a superficie do globo oscillava

novamente em toda a sua extensão, como se foram as cordas do alaude divino pulsadas pela mão do Omnipotente. E uma harmonia grave e terrivel, como a que por vezes tinha soado nas entranhas da terra, ouvia-se de novo, mas agora interrompida de quando em quando por longos espaços de silencio.

E por intervallos semelhantes se viam apparecer, e desaparecer no meio das aguas os cumes de submarinas montanhas, como se foram cabeças de collosaes monstros mariuhos, que depois de terem vindo contemplar o formoso espectáculo dos céus, recolhiam-se outra vez ás escuridões do pégo, levando como em trophéu os despojos dos seres organizados, que só nas inspirações das auras podiam beber o suave elixir da vida (6).

Não eram porém assim aquellas montanhas, que a mão do Senhor alevantava como diques, onde por todo o futuro havia de quebrar-se a baldada furia dos mares. E o espirito do homem viu então os *Alpes*, que começavam a erguer os seus coruchéus suberbos, como se com elles tentassem ir devassar a morada dos astros.

E após surgiam longas cadeas de montes, os quaes comprimindo os mares do occidente, traçavam por uma parte o contorno da peninsula *Iberica*, onde sobre todos campeavam o *Mulhasen*, e a futura patria dos *Herminios*, e pela outra se apresentavam como primeiras balisas, para marcarem o logar, onde no porvir um extenso imperio, herdeiro dos costumes e idioma dos filhos dos *Lusos*, attestaria n'outro hemispherio as virtudes de seus progenitores.

em parte lhe é conforme. Eis a razão:—grande parte das especies hoje existentes, segundo os naturalistas, não têm analogas até os terrenos terciarios: foram então creadas de novo? Não diz tal o texto sagrado, que só falla de uma dupla criação de *reptis*. Ora se advertimos que ao contrario todas as especies extinctas pertencem a generos actuaes, levados somos a suppor, que dentro d'esse genero, se não houve novas creações, houve transformações.

Para levar mais longe a conclusão não ha um só facto positivo, a probabilidade da conjectura n'outro logar a examinaremos.

Comparado isto com o que já dissemos a pag. 125, ver-se-ha que não andamos de leve em suppor que os typos creados foram bem poucos, talvez tantos como os generos actualmente admittidos. Sirva o cão de exemplo do quanto podem variar as especies, mas dentro de certos limites.

(5) Supponmos com *Buffon*, que o rafeiro é o cão mais proximo do typo primitivo, se não o proprio.

(6) Para explicar as alternações das camadas de fuscis, já marinos, já fluviaes não achamos inverosimil a hypothese de *Prevcost*.

E ao mesmo tempo lá para as bandas do Oriente, em quanto por uma parte o *Indousk* e o *Paropamissus*, e pelo outra o *Elbroaz* em pé sobre as espadas do *Caucaso*, se esforçavam á porfia em escalar as regiões, onde se gera o raio, lá surgiam assoberbando-os a todos o *Tchamoulari*, e o *Dawalagiri*, assentados no regaço do *Himalaya*, e tendo a seus pés um throno de nuvens, e a fronte adornada de alvissimo diadema, como reis das montanhas.

E em vão tentava o *Atlas* pavonear sua cabeça com um diadema igual; a sua fronte ficou abatida, mau grado a ambição de a erguer até os astros como columna dos céus; e apenas seus braços estendendo-se para o septentrião puderam exercer a sua força contra a audacia dos mares, apertando desde o *Calpe* até os *Pyreneus* e os *Alpes* o grande golfo, que se chamou *Mediterraneo*.

E depois um silencio grave e solemne reinava em toda a superficie da terra. Os mares, que em seu arrojado furor tinham invadido a habitação das aguias, embalanceavam-se agora brandamente no seu berço de arêas.

Tinha-se completado a serie de terrenos terciarios de duzentos a quatrocentos pés de espessura: os *marnes*, o *gesso*, *gres*, *argila*, *sal gemma* tinham-se depositado em variadas camadas, onde se alternavam despojos organicos de quasi todas ordens de animaes e vegetaes.

E assim acabava a ultima tarde da criação, porque a tarde symbolisava a confusão e a desordem, e a confusão e a desordem já não podiam voltar á terra senão á sombra do crime.

O universo parecia em repouso, mas este repouso não era somno da natureza; era signal precursor de um grande successo, como a paz do orbe no tempo de *Augusto* havia de ser o presagio de estar eminente o acontecimento mais portentoso de toda a historia do mundo.

X.

Et ait (Dominus) Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram; et præsint piscibus maris, et volatilibus caeli, et bestiis, universaque terræ, omnique reptili quod movetur in terra. Et creavit Deus hominem ad imaginem suam, ad imaginem Dei creavit illum, masculinum et feminam creavit eos.

Benedixitque illis Deus et ait. Crescite, et multiplicamini, et replete terram, et subijcite eam, et dominamini piscibus maris, et volatilibus caeli et universis animantibus, que moventur super terram. Dixit quoque Deus. Ecce dedi vobis omnem herbam afferentem, semen super terram, et universa ligna que habent in semetipsis sementem generis sui, ut sint vobis in escam, et cunctis animantibus terræ, omnique volucris caeli, et universis que moventur in terra, et in quibus est anima vivens, ut habeant ad vescendum. Et factum est ita. Viditque Deus cuncta quæ fecerat: et erant valde bona. Et factum est vespere et mane, dies sextus.

E já começára a raiar a manhã que devia terminar o sexto dia do universo, quarta epocha da terra, em que a obra da criação tinha de completar-se.

E um hymno universal era per todos seres creados endereçado ao Creador.

Depois as aves se remontavam nos ares, e os animaes subiam ás mais altas montanhas.

E de todas aquellas boccas não saia um grito, nem um cantico, nem um gemido; que aos hymnos succedera o silencio, e todos animaes se preparavam para ouvir a palavra do Senhor.

Então a palavra do Senhor sôou per sobre a face da terra, porem não como d'antes imperiosa e absoluta.

E o Senhor disse: Façamos o homem á nossa imagem o semelhança; que a elle ha de pertencer o imperio sobre os peixes do mar e aves do céu, sobre os brutos do campo, sobre a terra inteira, e sobre todos reptantes, que se movem na mesma terra.

E logo o espirito do Senhor passava atravez do limo da terra, inspirava-lhe

um sopro de vida immorttal, e esse limo se animava (7).

E uma figura nobre e magestosa surgiu do meio do limo, e alevantou para o céu a sua cabeça de rei.

Os animaes soltaram um grito de alegria, e saudaram aquelle ser monarcha da terra.

E elle respondeu com outro grito áquelle grito, e contemplou pasmado o espectáculo da natureza.

E logo fitou os olhos no astro do dia; e o resplendor vivo d'esse astro feriu-lhos; e elle cerrou-os.

Cuidou então que acabava de existir, e esteve a cair por terra. Mas a mão do Omnipotente estendeu-se para elle, e o guiou a um lugar de delicias, onde nascia uma fonte, que regava todo aquelle paraíso, e que depois se dividia em quatro rios caudalosos.

Alli reinava uma primavera continua, e o celeste perfume das flores e fructos embalsamava os ares.

E aquelle ser, em quem o espirito do

homem se revia todo puro e innocente, como no instante em que se lavára nas aguas do baptismo, bebeu com as auras o perfume das flores do paraíso, e abriu de novo os olhos.

E elle viu e contemplou segunda vez em um quadro ainda mais sublime todo o espectáculo da natureza, brilhante e magestosa como acabava de sair das mãos do Creador.

E dobrou os olhos até a terra, e alçou as mãos para o céu; e adorou um Senhor supremo, cuja imagem achou estampada no intimo de seu coração.

De todos logares do globo se erguia a par d'esta oração um cantico cheio de harmonias; e as montanhas, e os campos, e os mares, e as florestas repetiam esse cantico. Era um hymno de gratidão e amor, que acompanhava a primeira oração do homem até á morada do Eterno.

E o Senhor inclinou os seus ouvidos para escutar aquelle hymno, que lhe era tão agradável, e suas entranhas de

(7) Agora vamos oppostos aos *ultra transformistas*. O homem transformação de outro animal, não é o homem do Genesis.

Confessamos que talvez uma progenie de macaco poderia archivar melhores pergaminhos que a raça saida do lodo: mas uma tal questão era de nobreza, e nellas o mais que se consegue é afastar a humildade do nascimento; a final deparar-se com o lodo. Além d'isto cumpre lembrar que o macaco ainda não appareceu fossilizado.

Desde o meado do seculo passado assentaram os Philosophos que todos tinham direito a um monumento, como o que em *Westminster* encerra as cinzas do homem, que mais honra deu á *Inglatera*, e cujo nome pôde a humanidade inteira citar com orgulho. Dahi veio que cada um constitua em lei geral um facto as mais das vezes particularissimo, e invocando o principio = a natureza obra pelas vias mais simples = em lugar de a simplificar, complicava-a. Eis a origem de muitos delirios, ou pelo menos romances, como os de *Lamarck* e *Baspail*, &c. &c. O oxigenio, e carbonio formam uma molecula organica: em virtude de que? — de uma lei. Essa molecula por um successivo aperfeicoamento vai-se transformando até chegar a ser um homem: em virtude de que? — d'outra lei. Bem: duas leis explicam tudo. Mas a natureza, então, não foi coherente: o seu plano devia ser = propagação por via de transformação = E a cousa não era difficil: bastava encurtar os periodos das transformações; escusava-se a redundancia dos sexos.

E como seria então curioso ver o *polyposinho* tornar-se no fim de um idade mollusco, passadas duas insecto, ao cabo da terceira peixe, na quarta reptil, e depois mamífero! Bastava que cada idade constasse de uma dezena d'annos, e aos 60 ali tinhamos o polypo um homem feito. E não só era isto curioso, era até uma tendencia para o *optimismo*: poupavam-se tantas dores, principalmente ás fêmeas.

Mas como assim não é, longe vai a simplicidade que queriamos abraçar, e em lugar d'ella achamo-nos com tres leis, cada uma das quaes pôde servir de titulo a um codigo; se não, que o digam os Physiologistas; os quaes muito bem sabem o valor das palavras = *vida*, *successivo aperfeicoamento organico*, *geração*.

Que as differentes especies de animaes tiveram um principio, e umas depois d'outras, mostra a Geologia; o modo como começaram, nunca a Philosophia o descobrirá; atenlamo-nos á Revelação, que vamos mais seguros. Iremos ao lodo buscar os elementos do homem; teremos ali talvez muita materia organica, que se transforma obediente á lei do Omnipotente no mais perfeito dos seres animados, como, segundo alguns, acontece ainda hoje a respeito dos animaes inferiores. O homem dahi sairá á voz de Deus, trazendo já dentro em si o germen da futura consorte no encargo de multiplicar a especie humana. Se isto não é mais comprehensivel, vai pelo menos mais desviado de difficuldades.

bondade commoviam-se-lhe de complacencia por elle haver creado o homem á sua imagem e semelhança.

Mas o homem emquanto orava, sentia o seu espirito embebido na immensidade do Creador; e perdido nessa immensidade se humilhava diante do mysterio.

Elle acabou a sua oração, e uma grave melancholia desceu sobre o seu espirito.

Porque queria encontrar um ser, a quem contasse as maravilhas do Senhor Deus, e queria que esse ser lhe ensinasse a adora-las com a dedicação dos anjos.

O Senhor conheceu os desejos do homem, e compadecido desceu sobre o paraíso; e disse, não era bem que o homem fosse só sobre a face da terra.

E então fez vir diante do homem todos animaes, que viviam na terra, e todas aves, que voavam nas regiões dos ares. E o homem os examinou, e nomeou-os por seu nome.

Mas em todos elles não encontrou um sequer, que lhe fosse semelhante; e elle chorou de tristeza.

Porque elle tinha visto, que todos animaes levavam ao lado um companheiro tão semelhante a elles; mas o homem estendia as mãos para o seu lado, apertava-as contra o peito, e não podia abraçar um companheiro. Apalpava, e só encontrava um coração, que alli pulsava mais forte.

E era alli, alli onde o coração batia, que despertava a cada pancada um sentimento intimo, um instincto de amor todo celeste.

Era alli, que tinha vindo encarnar-se o pensamento profundo da crença na Divindade, quando o homem ao contemplar as maravilhas do Eterno, sentiu a necessidade de um companheiro. Porque o coração d'este companheiro seria uma ara sagrada, sobre que o homem havia de offerecer ao Senhor cultos mais dignos d'elle.

Era alli que duas crenças, dous ins-

tinctos, indeleveis apezar dos delirios da razão, vinham casar-se, confundir-se n'um unico sentimento, immenso e fecundo — o amor.

O amor de Deus, e o amor da mulher, este circumscripito naquelle, estavam alli gravados pela mão do Creador, tão justos como as suas leis, tão puros como a natureza que elle creára, tão perfectos como todas as obras da sua mão.

Era alli, que o homem sentia escondido o germen d'esse ser por quem anhelava, a lympha por quem morria de sede, a doçura celestial por quem se abrasava em desejos.

E elle apertava os seus braços contra esse lado, cravava nelle os olhos, e cada commoção do peito, cada vibração do coração parecia-lhe um estremecimento d'esse ser angelico, que despertava d'um somno mysterioso, e lhe dizia — aqui estou.

Mas a illusão passava, e o homem via-se só, e tão só no vasto theatro da natureza, que já nem lhe eram gratas as delicias do proprio *Eden*.

E uma nuvem de tristeza lhe tinha pousado na frente, e as bagadas lhe corriam pelas faces abrasadas.

E elle se prostrou por terra para depôr aos pés do Senhor a sua corôa de rei em troco de uma mulher. E o Senhor fez descer sobre elle aquelle somno, o qual muitas vezes em meio de nossos gemidos vem derramar um balsamo suave sobre os corações, que soffrem.

Logo depois do seu adormecimento viu o homem um sonho, em que do seu lado nascia um ser bem semelhante a elle, um ser, como o que em seu porfiado scismar elle adivinhára encerrado em germen dentro de seu peito.

E esse ser innocente como os anjos, puro como a luz do céu, mais mimoso que o matiz das flores, mais bello que o paraíso, lhe sondava com as mãos o palpitar do coração, apertava-lhe o peito contra o peito, tocava-lhe os labios com os labios, e lhe imprimia na face um osculo.

Então o homem acordou em sobresalto, levou a mão ao seu lado, e achou o coração, que já lhe não batia descompassado, porque outro coração pulsava ao pé do seu, e lhe governava as palpitações.

Já não sentia aquella sêde, de que morria, porque em seu respirar bebia de uma bocca celeste o halito mais suave que o perfume das violetas.

Já não se abrasava em desejos por uma doçura dos céus, porque sobre seus lábios uns lábios pendiam mais mimosos que a rosa. E d'esses lábios estillava um nectar suavíssimo, como da corolla da açucena debruçada sobre os amarantos estilla o orvalho matutino.

E elle viu a mulher, que o Senhor tinha formado para companheira inseparavel de seus dias, e exclamou:

Eis aqui um corpo todo de carnes como as minhas, e essas carnes vestem ossos bem semelhantes aos meus.

É a irmã, a porção mais formosa do homem, porque o Senhor tirou das minhas carnes a sua carne, e dos meus ossos os seus.

E o Senhor a foi buscar com sua mão poderosa mesmo ao pé do meu coração, porque eu alli a sentia encerrada, e lhe pedi para a ver.

Mas tu ainda me pertences creatura angelica, porque a tua imagem permanece, e ha-de permanecer eternamente dentro d'este peito. E o meu coração não pôde pulsar sem ferir o sitio, em que já respiraste o meu alento, dormiste meu somno, choraste as minhas lagrimas, e suspiraste os meus suspiros.

E esses suspiros eram só por ti, porque só tu faltavas á minha felicidade, e eu queria ver-te, ouvir-te, tocar a tez de teu rosto, beber o halito que respirasses.

Tu és a mulher, e pela mulher deixará o homem seu pae, sua mãe, para unir-se a ella.

Porque o homem e a mulher hão-de ser duas almas casadas, unidas, encarnadas n'um só corpo. És minha; já não

posso perder-te... Perder-te!... Senhor, Senhor! que valeria então a immortalidade.

E o Senhor vendo o homem feliz, porque possuia um companheiro, fez ouvir a sua voz, e disse. Crescei, multiplicae-vos para povôar e encher toda a terra, que fica sujeita ao vosso imperio.

Vós dominareis sobre todos peixes do mar, áves do céu, e animaes que se movem na terra.

Eu vos dei todas hervas, que tem somente sobre a terra, e as arvores, que encerram em si mesmas as sementes da sua especie, para vos servirem de alimento, a vós e a todos animaes da terra, e a todas áves do céu, e a tudo que se move sobre a terra, e é vivo e animado, para que tenham de que se nutram.

E ao dizer estas palayras o Senhor abençoava o amor do homem e da mulher.

E o homem e a mulher estendiam um para o outro os seus braços formosos, enlaçavam-se em dulcissimo abraço; e ao tocarem-se os seus lábios, juncto com o som d'um osculo de amor, escapou d'elles uma prece de gratidão e respeito.

Essa prece se elevou até a morada dos anjos, e os anjos afinaram as suas harpas, e nas asas da harmonia a fizeram subir ao throno do Altissimo.

E o homem e a mulher eram naquelle momento os entes mais venturosos do universo, e até os proprios anjos teriam que invejar em tanta felicidade.

Terminava então a manhã do sexto dia, e o Senhor vendo completa a obra da criação, abençoou todos seres que creára.

Porque era chegado o septimo dia, que o Senhor destinára para seu eterno repouso.

(Continúa.)

G. de A.

MEMORIA HISTORICA SOBRE A
INSTRUÇÃO PRIMARIA ENTRE NOS.

Propoño-nos publicar nesta Memória algumas noticias unicamente sobre a instrução primaria em Portugal, mui de proposito evitamos remontar á epocha anterior ao seculo XVI por não encontrarmos nem nos documentos, nem nos chronistas e escriptores d'esse tempo cousa que nos esclareça. É provavel que antigamente se ensinasse os rudimentos das letras nas cathedraes, e nas igrejas parochiaes, ou pelos proprios parochos, ou por pessoas por elles escolhidas. Era a practica geral da França e de toda a Europa pelos seculos XII e XIII e seguintes. E a respeito do nosso reino o attesta Fr. Francisco Brandão na Monarchia Lusit. part. 5. liv. 46. cap. 72. Mas nada mais sabemos sobre tal objecto: porque d'esse tempo em materia de instrução, sómente nos restam escassas noticias sobre a criação, e vicissitudes da Universidade.

Estado da instrução primaria desde o seculo XVI até o reinado de el-rei D. José.

Desde o reinado de el-rei D. João III apparecem em Portugal estabelecimentos litterarios, e de instrução, em grande numero, e mui distinctos. São geralmente conhecidos os nomes, e os escriptos dos grandes sabios, que entre nós floreceram pelo decurso do seculo XVI e principios do XVII. Em todas as Dioceses depois do Concilio de Trento organisaram-se seminarios, ou escolas mais ou menos regulares para a instrução dos ordinandos. As ordens religiosas por toda a parte, como á porfia, elevavam a collegios as suas antigas escolas. Os Jesuitas sobre tudo desde a sua entrada no reino tomaram á sua conta a tarefa da instrução publica, como objecto principal do seu Instituto.

Consegniram do Cardeal Rei ellevar o seu collegio d'Evora a cathogoria de Universidade; e nas cidades principaes abriram ao publico as suas escolas, as quaes conservaram uma superioridade scientifica universal e decidida, que sómente nos fins d'esta epocha lhes foi disputada pelos Padres Neris, ou da Congregação do Oratorio.

Todos estes estabelecimentos porém eram grandes centros de instrução em que se preparavam os mancebos que se dirigiam á carreira das letras principalmente a ecclesiastica: as escolas de ensino primario estavam ali incorporadas, como a porta para nelles se entrar.

Fóra d'esta, que podemos chamar aristocracia litteraria, ninguém se lembrou de estabelecer escolas isoladas para as classes baixas, porque então a ninguém occorria a necessidade de estas serem instruidas. A ordem ecclesiastica exercia sem disputa a inspecção sobre o ensino ainda litterario do povo, mas não promovia as fundações gratuitas: abandonava-o ao cuidado de pessoas particulares, que nisso se occupavam, como objecto de especulação, contentando-se unicamente em inspecionar, e providenciar sobre estas escolas particulares.

Eis aqui o que a este respeito dispõe a Constituição do Porto liv. 5. tit. 32. const. 2. §. 1. — «Para que debaixo do »pretexto de piedade senão introduzis- »sem perniciosas maldades, dispoz o »Direito, e o Concilio Provincial Bra- »charense que ninguém abrisse escola »sem ter primeiro licença dos Ordina- »rios dada por escripto, e que as taes »escolas fossem visitadas por elles. Por »tanto ordenamos e mandamos, que ne- »nhum Clerigo ou pessoa secular abra, »ou ponha no nosso Bispado, escola »de ler, escrever, canto, ou Grammatica »sem haver primeiro licença nossa ou »de nosso Provisor dada por escripto, »a qual se não dará sem primeiro cons- »tar, que as taes pessoas que a pedem, »são de boa vida e costumes, e tem

» bastante sciencia para ensinarém a arte
 » que pertendem, e se passará sómente
 » por 3 annos, e com clausula que to-
 » dos os dias principiém e acabem o
 » exercicio com alguma pia oração da
 » Igreja, e que não consintão, que seus
 » discipulos leão livros, ou papeis prohi-
 » bidos, nem deshonestos, nem feitos
 » criminaes, ou cartas amatorias, e que
 » os traslados que lhes derem sejão de
 » boas e virtuosas sentonças, e que lhes
 » ensinem a doutrina Christã na fórma
 » que fica dicto no liv. 1. const. 2. §.
 » 1. — D'esta jurisdicção dos Bispos
 » eram exceptuadas as escholãs dos Je-
 » suitas como declarou o Concil. Brach.
 » 4. art. 5. cap. 21.

Em quanto ao methodo então usado nas lições, parece-nos não ter outro meio mais facil de dar aqui idéa d'elle, como fazendo menção dos preciosos escriptos para este fim compostos nos principios do seculo XVI pelo nosso João de Barros, dignos de ser lidos não só por attenção ao credito e litteratura do insigne historiador, mas tambem pelas judiciosas doutrinas que nelles se contêm: e que formam (para nos servirmos da expressão de hoje) um curso completo da instrucção dos meninos.

O primeiro escripto é a *Cartinha*, a qual contém: 1.º a introducção, isto é, as letras do alphabeto representadas em figuras symbolicas para excitar a natural curiosidade dos meninos—*A. Arvore, B. Besta &c.* cuja invenção todos conhecem, sem se lembrarem talvez que é obra de um dos nossos mais illustres escriptores; 2.º o syllabario completo; e depois 3.º todas as formulas e orações ordinarias da doutrina christã, o modo de ajudar á missa, a significação das suas ceremonias, e proces para as acompanhar. Este foi sem duvida o primeiro modelo de todas as *Cartilhas* communs nas escholãs, que depois com o nome de differentes auctores, principalmente Frades, se publicaram até o fim d'esta época.

O 2.º escripto é o da Grammatica

Portugueza, talvez a primeira que so compoz da nossa lingua; acompanhada das regras da orthographia, a maior parte d'estas tão simplicis, e tão naturaes, que muito util seria fazel-as hoje reviver, para pôr termo á desordem ou labyrintho, em que neste objecto vagueam os nossos escriptores actuaes.

O 3.º é um Dialogo sobre a primazia da nossa linguagem, com o fim de despertar por ella o interesse e paixão dos meninos.

O 4.º é outro Dialogo que entitulou de *viciosa vergonha*, e que em verdade não contém menos do que um tractado de moral commun e simples para a capacidade dos meninos, ainda que misturado de sentenças e textos latinos do Evangelho.

Pelo seguinte § do *Dialogo sobre as bellezas da lingua*, que aqui pomos extractado, se pode ajuizar dos defeitos d'aquelle tempo no ensino da leitura, os quaes nelle se censuram.— «Huma das
 » cousas menos olhada que ha neste
 » Reino, he consentir nas Villas e Cida-
 » des, qualquer idiota pôr escola de en-
 » nar meninos sem ser approved. Hum
 » sapateiro não poem tenda sem ser exa-
 » minado e no mal que faz só prejudica
 » a si próprio: porém os mãos mestres
 » deixão os discipulos perdidos para toda
 » a sua vida: não só com vicios da alma,
 » do que poderamos dar exemplos: mas
 » tambem no modo de os ensinar. Por-
 » que em lugar da cartilha em letra re-
 » donda, onde os meninos aprendão fa-
 » cilmente a ler, e os preccitos da nossa
 » santa fé, convertem-os nas seguintes
 » doutrinas moraes de bons costumes—
 » *Saibão quantos esta carta de venda — e*
 » *depois aos tantos dias de tal mez: — e*
 » *perguntado pelos costumes disse nihil.*
 » De maneira que quando um moço sahe
 » da escola, não fica com *nihil*, mas
 » pôde fazer melhor huma demanda que
 » hum solicitador dellas, porque mama
 » estas doutrinas catolicas no leite da pri-
 » meira idade. &c.»

(Continúa.)

UNIVERSIDADE.

(Continuado de pag. 262)

IV.

REFORMAS.

Transferida pela ultima vez a Universidade para Coimbra no anno de 1537, como fica dicto, cuidou el-rei D. João III em dar ordem para que ella aqui se estabelecesse convenientemente, augmentando-lhe o numero de cadeiras correspondentes ás disciplinas, em que foram divididas as Faculdades de Canones, e de Leis, convidando alguns distinctos estrangeiros para as lerem, designando o local, em que deviam ter exercicio, e dando sabias, e ajustadas providencias, para que ella podesse augmentar e florecer nas sciencias. E porque o mesmo soberano já tinha mandado pôr algumas d'ellas em execução nesta cidade antes de se effectuar esta ultima mudança, e conforme o plano, que para isso havia formado, aqui referiremos aquellas, que constam com maior gráu de certeza e verdade.

Sendo reformador do convento de Santa Cruz Fr. Braz de Braga, ou de Barros, Religioso de S. Jeronimo, que depois foi o primeiro Bispo de Leiria, para que o Convento ficasse reformado, não sómente em virtude e religião mas tambem em letras, instituiu nelle estudos, mandando vir alguns mestres de Pariz, que principiam a ler em outubro de 1528, e por que com a fama do muito, que se aproveitava com estes estudos, concorreram muitas pessoas illustres e nobres para aprender nelles, o mesmo Fr. Braz mandou edificar dous collegios dentro do mesmo convento, um para fidalgos com a invocação de S. Miguel, que vestiam de roxo; e outro com a de todos os Santos para os nobres, que vestiam de pardo; e tudo isto faria Fr. Braz por ordem, que para isso lhe desse el-rei D. João III, como disposição previa para a Universidade, que determinava transferir para Coim-

bra, e para o mesmo convento de Santa Cruz, ou juncto d'elle.

Determinou com effeito ElRei fundar a Universidade em Santa Cruz, e mandou fazer escholas no convento dentro d'elle com portas para fóra em dous logares differentes, a que chamou collegios, um de Santo Agostinho, e outro de S. João Baptista para nelle se lêrem todas as sciencias, e com a obra d'elles correu o Prior Crasteiro, D. Manuel de Araujo, por mandado de ElRei. Porém depois mudou de parecer e logo no principio da mudança da Universidade mandou ler todas as sciencias no bairro alto, e em Santa Cruz as artes e as humanidades; e os primeiros Lentes, que vieram foram os seguintes:—em Theologia para a cadeira de Prima o Dr. Alfonso do Prado que depois foi Reitor da Universidade, para o de Vespera Francisco de Monçon mestre em artes e Dr. pela Universidade de Alcalá, que então era Lente de Prima na Universidade de Lisboa e foi depois conego magistral na Sé da mesma cidade, e d'elle faz menção Nicoláu Antonio na sua Bibliotheca de Hespanha; para a de Terça o mestre Fr. João Pedrosa da Ordem dos Prégadores, de que tambem se lembrou o mesmo Nicoláu Antonio; em Canones para a cadeira de Prima o Licenciado Francisco Coelho; em Leis para a cadeira de Prima o Dr. Gonçalo Vaz Pinto do Dezembargo de el-rei, que a regia em Lisboa havia 30 annos; para a de Vespera Lopo da Corda Dr. *in utroque jure*, e a leu por pouco tempo; para a de Terça o Bacharel Antonio Dias, que depois se fez Licenciado e Dr.; em Medicina o Dr. Henrique de Coelhar, portuguez, que tambem teve logar na Bibliotheca de Nicoláu Antonio.

Principiam os lentes referidos a ler em dous de maio do dicto anno de 1537 nas casas do reitor D. Garcia, porque ElRei assim o tinha mandado, sitas á porta de Bel-conce juncto ao arco da Estrella, que foram do Marquez de

Gouvêa, e depois fundaram nellas os Padres da provincia da Conceição, dividida da de Santo Antonio do Carral, um collegio, que vulgarmente se chamou de Santo Antonio da Estrella, e diz o Bedel no assento que fez, que léram as primeiras lições de pompa, como se tinha assentado no Conselho; e depois continuaram a ler ordinariamente, e de doze do dicto mez por diante se principiaram a matricular alguns estudantes.

Mandou neste tempo o padre Fr. Braz de Braga ao reitor D. Garcia, um alvará de el-rei D. João, passado em Evora aos 10 de abril de 1537, o qual propoz em Conselho de 17 de maio, e nella ordenava ElRei, attendendo ao proveito que resultava de nos collegios de Santa Cruz se ensinarem as linguas latina e grega e artes liberaes, e desejando acrescenta-los para que assim os religiosos, como as mais pessoas, que a elles viessem, podessem ser mais letrados; que as tres cadeiras de Theologia novamente ordenadas se lessem nos dictos collegios, e não em outra parte e que os lentes fossem obrigados a lerem as lições e fazerem os exercicios nos dictos collegios, como dantes as lia e fazia, e era obrigado a fazer o Dr. Prado, e que o reitor de nenhuma maneira entendesse em cousa alguma, que respeitasse aos collegios. Do qual Alvará se colhe que antes de ElRei fazer lente de Prima ao Dr. Prado, e de ter principio a Universidade, já elle lia Theologia em Santa Cruz aos Religiosos, e mais pessoas do seu collegio.

Por outra carta de 23 de setembro do dicto anno mandon ElRei dizer ao reitor e lentes da Universidade, que tinha determinado mandar logo fazer eschololas geraes, e para que em cima se começasse logo a povoar, ordenou que os estudos se mudassem logo para os seus paços, e que nelles se principiassem a ler em outubro, e no mesmo dia escreveu a Nicoláu Leitão, recebedor das rendas da Universidade, que fizesse mu-

dar os bancos, e cadeiras de casa de D. Garcia para os seus paços, e que nelles preparasse as casas, que o reitor e lentes ellegessem para se lerem as lições, a qual elleição, e mudança teve effeito sendo vice-reitor o Sr. D. Jaime estudante canonista, que no conselho de 4 de outubro tinha sido elleito, por uma breve ausencia que fez o reitor D. Garcia, e nelle é tratado por *sua illustrissima*.

Principiaram a ler nos Paços no dicto mez de outubro todos os lentes acima nomeados, excepto os Theologos, que foram ler nos collegios, e além d'estes por haver falta de canonistas, e o bedel Nicoláu Lopes ser Licenciado em canones, lhe mandou ElRei ler uma cadeira por um anno, e que entretanto nomeasse pessoa apta, que servi-se por elle, como nomeou, e o dito bedel tomou o gráu de Dr. que lhe deu Lopo da Corda lente de vespera de Leis, por ser Dr. *in atroque*, em 8 de novembro na Sé com assistencia do bispo D. Jorge de Almeida, e do reitor D. Garcia; e leu uma cadeira de codigo Manoel da Costa, que grangeou o nome de subtil, e tinha vindo de Salamanca, onde era sómente Bacharel, e fez cá exame privado e tomou o gráu de Licenciado em 6 de novembro, e a 11 o de Dr. tambem na sé com as mesmas assistencias, e foi depois lente de prima jubilado, e tornou para Salamanca, onde leu a mesma cadeira: e chegou tambem de Salamanca para ler a de sexta Luiz de Alarcão castelhano que era sómente Licenciado e cá tomou o gráu de Dr. a 25 de novembro, e não consta se neste dia era ainda reitor D. Garcia, ou se governava já o seu successor. Vieram mais o Bacharel Manoel Vaz e quatro Bachareis, o primeiro para ler uma cadeira de canones e os quatro para quatro cadeiras de leis, com que eram sete lentes de leis, quatro de canones; e de Medicina sómente o dicto Dr. Henrique Coelhoar.

(Continuar-se-ha.)

BIBLIOGRAPHIA ABREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 283)

XLIV.

Antonio de Oliveira Freire, A. pouco conhecido, pois que nem a Bibliotheca Lusitana, nem a Bibliotheca de José Carlos Pinto de Sousa fazem d'elle menção, é A. de uma descripção de Portugal, em que resumidamente compendiou o que com mais extenção se acha na Corographia de Carvalho (dicto n.º 42) e em outros escriptores portuguezes d'este argumento. Ignoro a sua patria, e mais noticias biographicas, e sei sómente, por já ler, que compoz:

Descripção corographica do reino de Portugal.

Lisboa 1755 — 1 vol. em 4.º

É um resumo da geographia de Portugal por provincias e comarcas, segundo o estado em que se achava, quando seu A. a escreveu. De geographia antiga pouco ou nada cogitou; as origens das principaes cidades, são as mesmas de Brito que a critica hoje reprova. Como compendio pode ter sua utilidade.

XLV.

José Martins Ferreira, natural de S. Martinho do campo proximo á villa de Guimarães, ou do Couto de S. P.º de Róris juncto da cidade do Porto, foi intelligente das linguas latina e castelhana, e da Historia do Reino; escreveu:

Summario das Comarcas, que ha neste reino de Portugal, com as correições, cidades, e outras cousas notaveis e curiosas que nollas ha. Lisboa 1609. — 8.º Saiu tambem no pronostico de 1609 composto por Paulo da Motta.

Breve Compendio, e Summario das grandezas e cousas notaveis da comarca d'entre Douro e Minho, com

a lista dos condestaveis de Portugal, e vice reis da India.

Lisboa 1608. — 8.º Saiu tambem no prognostico do anno de 1606. 8.º

São muito resumidos estes opusculos.

XLVI.

Damião Antonio de Lemos (dicto n.º 32) na obra Politica Moral e Civil tractou excellentemente da descripção do reino do Algarve com a genealogia das familias illustres, com as memorias da nobreza da cidade de Tavira, e um catalogo dos governadores, e capitães generaes do mesmo reino. É o que temos melhor neste ramo e argumento.

XLVII.

Christovão Rodrigues de Oliveira natural de Lisboa, guarda-roupa do Arcebispo D. Fernando de Menezes, capellão mór d'el-rei D. João III, escreveu

Summario em que brevemente se contém algumas cousas assim ecclesiasticas como seculares, que ha na cidade de Lisboa.

Ibi 1551. — 4.º e 1755. — 4.º adicionado.

É estimado e elogiado pelo erudito Academico Francisco Leitão Pereira — Notic. Chronolog. da Universidade de Coimbra, pag. 583.

XLVIII.

Damião de Goes, natural de Alemquer, illustre chronista d'el-rei D. Manoel nasceu em 1501, foi guarda-roupa d'este Monarcha, guarda-mór da Torre do Tombo, e chronista mór do reino. Pelos seus conhecimentos litterarios, adquiridos em o longo curso de suas viagens pela Europa, e pela continua communicação com os maiores sabios dos seus tempos é ollhado como um dos mais famosos chronologistas dos nossos Soberanos. El-rei D. João III teve-o em tão grande conta, que o nomeou seu Ministro para tractar negociações importantes na Polonia, na Suecia, e Dinamarca, que desempenhou com

ouvável dexterdade. Os seus talentos, e dotes pessoas o fizeram bem acceito aos monarchas Carlos V, Fernando reid os romanos, Henrique VIII, Francisco I, e ao Pontifice Paulo III; e respeitado dos sabios mais distinctos da sua idade. Residiu muitos annos na cidade de Lovaina, em cujo cerco, pelas tropas francezas sendo eleito capitão pelos moradores que o encarregaram da sua defeza, succedeu que em quanto saiu ao campo para tractar com o General inimigo sobre capitulação, os moradores disparassem alguns tiros de artilharia, de que irritado o general, o prendeu e mandou preso para França, donde se resgatou por avultada somma em 1542, e se restituiu a Portugal. Foi versadissimo na historia e genealogia, escrevendo nesta com descredito de algumas familias por motivos de uma vingança baixa, tão pouco propria do homem de bem. Morreu depois do anno de 1567 segundo a melhor opinião. Além da Chronica d'el-rei D. Manoel, de que fallarei (n.º 142) escreveu:

Urbis Olsiponensis discriptio in qua obiter tradantur non nulla de Indica Navigatione per Græcos et Penos et Lusitanos deversis temporibus inculcata.

Ebora 1554. Anda tambem na obra — Hispania illustrata tom. 2.º pag. 872.

É estimavel e raro. Em outros n.ºs terei occasião de fallar d'este benemerito escriptor, de que temos varias obras excellentes.

XLIX.

Luiz Mendes de Vasconcellos natural de Lisboa commendador de varias commendas, e governador de Angola compoz:

Do sitio de Lisboa — Dialogo — Lisboa 1608, e 1786 — 8.º.

É um dialogo em que são interluctores um politico, um philosopho, e um soldado. É muito bem escripto.

L.

Fr. Nicoláu de Oliveira natural de Lisboa, onde nasceu em 1566, foi Trino, e teve varios empregos na sua Religião, fallecendo em 1634. Escreveu:

Livro das grandezas de Lisboa. — Ibi 1620 — 4.º.

Ainda que o titulo só indica dever limitar-se seu A. á descripção de Lisboa, tracta não obstante de outros conhecimentos, e noticias geographicas e historicas tocantes a todo o reino. Dá uma idéa abreviada da geographia do reino, dos antigos reis da Lusitania (sobre cuja existencia se deve ter em vista a recommendação n.º 8.º da serie dos soberanos d'esde el-rei D. Affonso Henriques até Felippe III) dos tribunaes, das conquistas, das rendas do reino, commendas &c. É interessante a sua lição em razão das noticias antigas, que contém.

LI.

Luiz Marinho de Azevedo natural de Lisboa, commissario militar, e secretario do conde de S. Lourenço, general das armas do Alentejo; escreveu, como testemunha ocular, varios opusculos sobre a guerra que tivemos com Castella, depois da aclamação de 1640: e pertencentes ao argumento d'esta divisão compoz:

Fundação, Antiguidades, e Grandezas da muito insigne cidade de Lisboa, e seus varoes illustres, em sanctidade, armas, e letras. — Catalogo dos seus prelados, e mais cousas ecclesiasticas, e politicas. 1.ª parte, Lisboa 1652 — fol. 2.ª parte, 1753 — 4.º

Esta obra é mais difusa, que a precedente, e contém mais artigos que os enunciados no titulo; é escripta com pouca ordem e nexo de materias; copiou sem critica todas as noticias fabulosas da historia antiga da Lusitania.

(Continúa.)

NOÇÕES ELEMENTARES DE ONTOLOGIA,
PSYCHOLOGIA RACIONAL E THEODICEA

OU

A METAPHISICA DE GENUENSE

REFORMADA POR

M. Pinheiro de A. e A.

Tendo o Sr. M. Pinheiro ha dias enviado á Redacção da Revista Academica dous exemplares d'esta obra, vamos hoje, cumprindo com a obrigação que nos impozemos no nosso programma, apresentar a opinião que d'ella formamos e publicar o juizo que quasi pelo mesmo tempo nos enviou o Sr. Cabral Couceiro.

Resumiremos a nossa opinião por se terem já occupado da analyse do livro um grande numero de jornaes portuguezes.

O distincto professor de Braga, limitando-se a reformar a Metaphisica de Genuense, circumscreven o seu talento dentro d'um circulo tão estreito, que não nos admira ver-lhe muitas vezes sópado o engenho pelas idéas pouco philosophicas de um auctor, cujo merecimento é hoje muito, e com muita razão, contestado em toda a parte onde a philosophia tem feito alguns progressos.

Desejámos que o illustre auctor, emancipando-se d'esta tutella que o opprime, se creasse um horisonte mais vasto e alargasse mais o campo onde o seu incontestavel talento e a sua mui vasta erudição podessem desenvolver-se com mais independencia. D'este modo poderia elle, dando ás idéas aquella redacção concisa e clara que tanto se nota nos seus escriptos, e que tão adaptada é para o ensino, dar-nos um compendio, para as escholae de instrucção secundaria, tal que não teria que invejar aos adoptados nas escholae estrangeiras.

A intelligencia humana quando se applica a indagações que estão fóra da

alçada dos sentidos, e ás quaes só pode chegar-se pelo raciocinio, anda tão sujeita a desvairar-se, que nos não deve maravilhar ve-la proceder por tão violentas reacções, quebrando hoje os idolos a quem hontem queimava incenso, e erguendo sobre os altares do idolo abattido um outro que, com o andar dos seculos, vem a ter a mesma sorte que o primeiro. Em nenhuma sciencia se tem tanto escripto e tanto encontrado as opiniões como em Metaphisica — ora comprimida pelos grillhões que lhe lançava o paganismo, ora envolvida no manto com que a cobrira a Theologia, ora emancipada e livre d'estes mas não de outros estorvos que são filhos da fraqueza da intelligencia do homem — ella tem passado e passará ainda por mil phases diversas, tem attrahido e ha-de attrahir sempre as atenções de muitos engenhos de primeira ordem, porque, como bem disse Kant, ainda quando todas as sciencias desabassem a Metaphisica erguer-se-hia em pé sobre as ruinas de todas ellas. — A intelligencia tende constantemente para a unidade donde todas as cousas partiram; só quem podesse realisar o impossivel de destruir esta tendencia, teria dado um golpe mortal na Metaphisica.

Conduzir por entre todas estas opiniões encontradas o fio de um systema de ideas, que possa formar uma tal ou qual base de conhecimentos que cada um poderá depois aperfeicoar; organizar um compendio onde os principios elementares da Metaphisica sejam expostos com concisão e clareza, e postos ao alcance das intelligencias que apenas encetam a ardua carreira de estudos philosophicos; e addicionar-lhe notas onde se desenvolvam algumas ideas afezando-as pelo estado a que os modernos escriptores tem elevado a sciencia — é fazer um não pequeno serviço, moralmente entre nós onde quasi nada se tem escripto sobre este grave assumpto. Este serviço deve-o a nação ao Sr. Pinheiro que, não contente com seguir o caminho

trilhado pelos que o precederam no ensino d'este utilissimo ramo de conhecimentos, quiz empregar os seus esforços para a publicação de uma obra, na qual não sómente os seus alumnos senão toda a mocidade portugueza encontrará por certo um muito poderoso auxilio.

Como, porem, em metaphisica mais que em sciencia alguma precisam estudar e meditar hem os escriptos dos principaes philosophos — não aquelles que apenas começam o estudo, porque isso seria metter intelligencias ainda muito tenras em um labyrintho d'onde não poderiam de certo sair — mas os que já tiverem o fio que os ha-de guiar para a saída, parece-nos que o auctor melhor audaria se citasse a cada passo as fontes a que recorre, indicando assim ao que quizesse profundar mais estes conhecimentos os auctores que deveria consultar.

D'este modo quando o discipulo, acabada a frequencia da aula, quizesse no seu gabinete continuar, a sós com os livros, o estudo que começára debaixo dos olhos do professor, acharia este sempre presente para lhe dirigir o estudo e aplanar-lhe o caminho que o conduzisse a um mais perfeito conhecimento da sciencia.

S.

Sabido é quão grandes esforços se tem feito, maiormente neste segundo quartel do presente seculo, a fim de que as letras e sciencias floresçam entre nós como entre as nações mais adiantadas em civilisação. E se não podemos dizer ainda que tão lisonjeiro resultado se conseguiu de feito, tão pouco podemos (de boa fé) duvidar de que já não estamos muito lonje d'isso, e digam embora o que quizerem esses para quem nada ha bom, senão o passado ou o estrangeiro. Mas o que em realidade é muito para notar é que tenham decorrido tantos annos sem apparecer entre nós um curso elementar de Philoso-

phia (1) sendo que a necessidade d'elle já ha muito de via de ser bem conhecida: por quanto quem quer que procurasse ensinar mediante o compendio de A. Genuesse aquella sciencia no estado a que a tem elevado os inestimaveis trabalhos d'alguns sabios modernos, de força se havia de ver obrigado a substituir, augmentar, e agorentar a cada passo, o que não podia deixar de tornar em descoroçoamento seu, e gravissimo detrimento da instrucção publica.

O Sr. M. Pinheiro, com o indefesso zelo do bem publico que muito realça o seu talento, pôz peito a remediar tamanho inconveniente; e já nos sobejam razões d'esperar que veremos em breve levada a cabo esta ardua, porém ainda mais util empresa.

Tendo procurado no seu discurso de abertura para o anno de 1842 fixar a verdadeira significação da palavra *philosophia*, aproveitando-se das judiciosas reflexões com que M. Laromiguière euectou a primeira das suas lições parte 2.ª, e affieçoar a mocidade ao estudo d'esta sciencia, presentou-nos com um esboço de *Psychologia empyrica*, como lhe chama a eschola allemã, e de *Ideologia*, onde mui avisadamente preferin as simples e faccis theorias d'aquelle insigne idiologo as empadas e abstrusas do celebre philosopho de Konisberg, no tocante á explicação da intelligencia humana.

Não cuidou o illustre Professor, nem podia cuidar, que com este só augmento e correccção ficaram um compendio perfeito as instituições de Logica de Genuesse, mas achou mais urgente (que á verdadeira) reformar as instituições da metaphisica do mesmo auctor. E nesta reforma intendeu immediatamente, havendo-se como verdadeiro eclectico, mas

(1) É verdade que em 1839 se começaram a publicar as Noções elementares de philosophia geral pelo Sr. Silvestre Pinheiro-Ferreira, mas essa obra nem se concluiu ainda, nem se julgou azada para servir de compendio nas aulas, a despeito da grande valia, que aliás se lhe não pode duvidar.

propendendo todavia mais para a philosophia empirica do que para a transcendental, e combinando-as entre si com destreza, quando isso era possivel.

Como os philosophos tem divergido sobre o numero e ordem das ideas ontologicas, e ainda não está cabalmente averiguado quaes sejam os requisitos para que uma ontologia se possa dizer acabada; quanto me atrevo a afirmar da do Sr. M. Pinheiro—é que no que elle ahí tractou se acha clareza, precisão, e quasi sempre exacção.

Na sua psychologia racional se encontram excellentemente desenvolvidas as questões de mais tomo pertencentes a esta parte de metaphysica, e bem se vê que o auctor tem versado com diurna e nocturna mão as obras dos mais conspicios philosophos, e maximamente as dos Francezes.

O mesmo digo quando á sua Theodicea; nesta preferiria eu á divisão communmente adoptada das provas da existencia de Deus, ou antes ás denominações d'estas, as que lhes substituiu M. Beauvais pela mesma razão que a isso determinou este insigne escriptor. Ao Philosopho cumpre emendar semelhantes abusos de linguagem.

A Metaphysica de Genuense assim reformada não só pôde, mas a meu juizo, deve sem demora ser introduzida nas aulas respectivas, até porque o contrario cheiraria a obscurantismo, ou a pedantismo. E isto mesmo (no que sómente se faz justiça ao auctor) lhe será novo incentivo para ir por diante com o seu tão louvavel proposito de em breve reformar entre nós completamente o estudo de philosophia, que tanto ha mister.

Cerrarei este artigo com fazer ao digno Professor um reparo, com franqueza de amigo, mas tambem com respeito de discipulo:—é sobre a falta de pureza de linguagem, dezar que apparece em seus escriptos aliás tão preciosos, e que eu não pude acabar comigo de deixar de notar, visto o muito que

pode influir o exemplo de S. S.* a quem peço venia para lhe lembrar o excellento conselho, que nos foi dado, ainda não ha muito, por um dos maiores ornamentos da litteratura portugueza, —*de ter ao pé da meza que sustenta, o lavatorio que purifica.*

A. Cabral Couceiro.

OS DEVERES DO HOMEM

POR SILVIO PELLICO

OS BENEFICIOS DO CHRISTIANISMO

PELO ABB. VERDENAL.

Jus suum cuique tribuere.

É assustador o numero de traducções que se tem publicado nestes ultimos tempos; e assustam não só pelo numero, tambem pela qualidade; porque são rarissimas as que não venham escriptas em linguagem viciada, rarissimas as que não contenham grandes doses de venenos moraes, as que não sejam agentes poderosos de desmoralisação.

Não se pôde felizmente applicar estas reflexões ás obras que annunciamos traduzidas. Uma, a que traz na frente o nome de Silvio Pellico, não necessita de elogios para ser lida porque é esse nome garantia mais que sufficiente da obra. Não ha por certo ninguém capaz de ler que não tenha já lido as *Menhadas Prisões*, e a não ser bronco do entendimento ou duro de coração, ninguém deixará de sentir-se possuido de estima e veneração por esse zeloso apostolo da virtude, que seguindo á risca os preceitos evangelicos cala sempre na narração de seus immerecidos soffrimentos os nomes dos que lh'os causaram. A agradável impressão, que a leitura das obras d'este insigne escriptor deixa sempre, não pôde descrever-se; mas todos os que lerem os *Deveres do Homem*, e meditarem bem essas doutrinas com tanta singelleza expostas, sentir-se-hão profundamente abalados, e serão levados por um impulso irresistivel a reconhecer-lhe a exactidão e ver-

dade dos princípios; porque Silvio Pellico exprime-se na linguagem que todos comprehendem e que a todos impressiona, na linguagem dictada pela consciencia para o coração.

Os *Benefícios do Christianismo* é livro de bastante utilidade, onde se encontram sob a fórma de conversas mui succintamente apontadas as vantagens que vieram do Christianismo ás Sociedades modernas, e a grande parte que elle teve na civilização actual. Não quizeramos porém que seu auctor tractasse de assumpto tão vasto em tão escasso numero de paginas, e sacrificasse por isso á concisão e brevidade o desenvolvimento de materias importantissimas. Escripito com mais pausa e sem tamanha vontade de resumir, poderá tal livro ser alguma coisa mais que catechismo rudimentar.

Pelo que respeita ás traducções não podemos dizer d'ellas o que diríamos da maior parte das que por ali correm impressas. Não ha nellas aquella abundancia de gallicismos que importuna e desgosta, e que faz elevar do intimo d'alma um brado de indignação contra os que ousam vir á face de portuguezes insultar-lhes a lingua: não asseguramos porém que sejam absolutamente isemptas de semelhante vicio, antes encontramos nos *Deveres do Homem*, e mais ainda nos *Benefícios do Christianismo* uma ou outra phrase, que a todos patentêa a origem franceza; nem podemos deixar de censurar ao Sr. Mendocça o immoderado uso que faz dos relativos *seu* e *sua*, o que por modo algum se compadece com a indole da nossa lingua.

Falta sobre tudo ao Sr. Mendocça um dote essencialissimo a toda a pessoa que escreve para o publico — um estylo proprio, bebido em boa fonte e bem sustentado. Como viandante que caminha na obscuridade por terreno desconhecido, e que receoso sempre de tropeçar nas desigualdades do sólo ou de despenhar-se nos abysmos que a fraca luz dos astros de longe em longe lhe mostra, só tracta de evitar estes perigos sem curar já da direcção que levava;

assim o Sr. Mendocça parece estudar sómente as palavras que tem de empregar, e pôr toda a cantella em que não vão fóra da significação que lhes é propria, e não tem por isso aquella phrase corrente e animada e aquelle estylo natural, que em todo o escriptor se exige, e que devêra ter ido buscar ao estudo dos bons livros portuguezes, porque elles e só elles dão luz que dirige por bom caminho o escriptor principiante.

Não são gratuitas estas asserções que apresentamos: — á pag. 6 dos *Deveres do Homem* (a melhor das duas traducções) encontramos o seguinte « Se o » homem e a natureza fossem cousa tam » abominavel e tam vil, para que perder » o tempo em philosophar, seria preciso » matar-se? &c.; — á pag. 29 da mesma obra lê-se « a palavra caridade é um » vocabulo admiravel, mas tambem a » de philantropia &c.

Nos *Benefícios do Christianismo* deparamos a pag. 26 com o seguinte: « O effeito produzido pela pregação do » Evangelho, que particularmente gosto » de assignalar, &c. » O relativo que referir-se-ha aqui ao effeito da pregação, á pregação, ou ao Evangelho?

É principalmente nesta obra que se encontram fastidiosissimamente repetidos os relativos *seu* e *sua*; a razão é obvia — o original é francez.

Ambas as traducções em cada uma de suas paginas justificam cabalmente a nossa ultima asserção.

Esperamos que o Sr. Mendocça tomará em boa parte as nossas reflexões, e tornando-se pelo estudo de bons livros portuguezes mais senhor da lingua, como lhe aconselhamos, mimoseará o publico com boas traducções de obras escolhidas. B. da B.

ERRATAS.

Na pag. 273, col. 1.^a v. 16, em vez de — Sino — lê-se — Sion —; e na col. 2.^a v. 24 — Roma — lê-se — Rama —. Na pag. 287, col. 2.^a l. 20, em vez de — valores immateriaes — lê-se — valores materias e immateriaes —. Na pag. 301, col. 1.^a l. 24 — *sapienter* — lê-se — *operar* —; pag. 303, col. 2.^a l. 14 — Misur — lê-se — Mesur —; pag. 304, col. 1.^a (nota) l. ult. — Cyrico — lê-se — Cyzico

O ANNO 1000 DA ERA CHRISTÁ.

«E depois que os mil annos forem cumpridos será desamarrado Satanás da sua prisão, e sahirá, e sedusirá as nações, que estão nos quatro angulos da terra, a Gog e a Magog, e os congregará para dar batalha cujo numero é como a arêa do mar (1).

Fundada nesta passagem do Apocalypse que acaba de ler-se, foi crença geral na idade media que a destruição do mundo estava reservada para o anno 1000 do Senhor. — Nobres e plebeus poucos deixaram de lhe pagar tributo, e o mesmo pontifício Gregorio I (o magno), que é talvez o Papa de que nos restam mais manuscriptos, morreu no principio do seculo VII persuadido de tal. Não obstante alguns homens esclarecidos, no fim do seculo X, tomaram a peito accender a esperança que no povo morria, e tentaram-no com palavras e com obras. Quando todo o orbe christão vergava ao peso da terrivel prophécia — o fim do mundo succederá no anno 1000 — Abon de Fleury, Adson, abbade de Luxeil no seu *Treatado do Ante-christo*, e outros levantavam-se com toda a força da sua intelligencia e diziam-lhe — não. Quando as Igrejas cahiam de velhas e senão reconstruiam, quando outras novas se não edificavam, por se reputarem desnecessarias (2); Arnould, segundo bispo d'Orleans, reconstruía a sua igreja cathedral incondiada no anno de 988; e Hildebert em 985 edificava uma igreja e um mosteiro de novo. — Nada conseguiram, o desalento era grande, estava ramificado, e não pôde apagar-se.

Quem lançar uma vista prescrutadora pela historia dos acontecimentos d'essa epocha, convencer-se-ha de que muitos motivos concorreram para esse desa-

lento. A Europa tinha visto cair o Imperio Romano, succeder-lhe o de Carlos Magno e morrer tambem, e não julgava impossivel que o Christianismo morresse igualmente, não sepultado por outra religião porque a fé d'aquelles tempos era viva, mas sepultado com o mundo que havia enchido o calix d'iniquidades. A tyraunia dos senhores, as guerras, e o latrocínio augmentavam a desesperança; o captivo, o servo, e o colono já não podiam com o fardo das suas miserias, e esperavam de Deus remedio para si, e castigo para os seus oppressores.

O que sobre tudo concorreu para arreigar a crença no povo foram as calamidades que precederam o anno 1000, como que prognosticos da destruição total (3): a peste começou por se manifestar na Aquitania e fez milhares de victimas, os miseraveis corriam para as portas das igrejas a implorar misericordia agglomeravam-se, infeccionavam-se mais, e morriam aos centos sobre as reliquias dos Sanctos. Não parou aqui o flagello do céu, a fome bem depressa succedeu á peste, e assolou a Grecia a Italia, a França, e outras nações da Europa, de maneira que em 73 annos desde 987 a 1059 houve 48 de fome e epidemias. Não queremos por nós completar o quadro de desolação que a Europa apresentava, mesmo porque o nosso esboço ficaria áquem do quadro verdadeiro que nos apresentam as chronicas d'esse tempo. Uma d'ellas que falle por nós. — «A medida de trigo, diz Glaber (4), subiu a 60 soldos d'ouro, os ricos emagreceram, os pobres comeram raizes, muitos d'elles, cousa horrivel, chegaram mesmo a alimentar-se de carne humana, nos caminhos os fortes atacavam os mais fracos, venciam-nos, despedaçavam-nos, e comiam-nos, alguns, davam um ovo, um fructo qualquer ás crianças, e logo depois as de-

(1) Apocalypse de S. João cap. 20. v. 7.

(2) Danier Rameé — *Manuel de l'histoire generale de l'architecture* — Tom. 2. 10 siecle.(3) Michelet — *Histoire de France* — liv. 4. cap. 4.º

(4) Rad. Glaber — liv. 4. cap. 1.º

voravam; este delirio, esta raiva chegou a ponto tal, que as feras estavam em mais segurança que o homem: como se já fosse costume estabelecido o sustento da carne humana, houve quem onsasse vende-la no mercado de Tournus, foi convencido d'isso, e foi queimado; um outro durante a noite foi desenterrado e come-la, e foi igualmente queimado. No bosque de Macon, juncto á igreja de S. João de Castanedo, um miseravel afofava de noite as pessoas que lhe pediam hospitalidade, foi descoberto, e encontraram-se 48 cabeças d'homens, mulheres, e crianças na sua cabana. O tormento da fome era tão horrivel, que muitos tiravam do centro da terra a crê e o gesso misturavam-no com a farinha, e alimentavam-se com tal pão. Sobreveiu outra calamidade ainda, e é que os lobos e outras feras, convidados pela multidão de cadaveres sem sepultura commeceram a atacar os homens. Então os tementes a Deus abriram fossos para onde o filho arrastava o pae, o irmão a irmã, a mãe o filho, quando os viam desfallecer, e muitas vezes o que sobrevivia desesperando da vida com elles se sepultava tambem. Entretanto os prelados das cidades da Gallia reunidos em Concilio para procurar remedio a estes males, decediram — que visto que se não podiam alimentar todos os famintos, alimentariam como fosse possivel os mais robustos, para que a terra não ficasse de todo sem cultura. — Não é possivel encontrar cores mais negras, mais carregadas, e salientes do que encontrou Glaber para nos pintar um quadro de fome.

Tanta miseria, n'uma epocha que se reputou tão solenne veio por fim a quebrar o coração do homem; dormiu com a guerra para só deixar reinar a peste e a fome; cessaram as vingancas, os inimigos abraçaram-se e perdoaram-se como o fariam á hora da morte, corriam aos pés dos bispos, e ahi juravam respeitar as igrejas, a vida do proximo

e a propriedade; e isto que era um crime em qualquer dia era de mais a mais uma profanação desde a quarta feira de tarde até á quinta de manhã, que eram então considerados dias sanctos em cada semana.

De que lhes serviam tambem as riquezas? Tinham só que lhes salvariam as almas, e por isso, senhores, condes, e barões fizeram doações ás igrejas e mosteiros, de todos ou de parte dos seus bens (5).

A escravidão, tambem então lhes pareceu horrivel, á beira do sepulchro todos se consideravam iguaes, o senhor abraçou o escravo, e deu-lhe a liberdade, e o liberto chegou ao pé do cavalleiro, e chamou-lhe irmão.

Não obstante, tudo isto se julgou pouco ainda, grandes senhores implo-raram a misericordia de Deus, cobertos de sacco e estampanha por cellas de mosteiros; tantos eram os que queriam fazer vottos de *pobreza*, *castidade*, e *obediencia* que os conventos não eram sufficientes a conte-los. Reis e duques deixavam seus reinos e ducados para se entregarem a uma acerba penitencia fechados nos claustros, Guilherme I de Normandia, Hugo I e Henrique II de Borgonha o intentaram entre outros, e certo teriam deixado os vassallos em abandono a lutar com a miseria se os abbades dos mosteiros se não oppo-essem aos seus vottos.

As artes e as sciencias cahiram em decadencia: de que servia erguer templos, que em breve tinham de desmoronar-se, fazer estatuas que tinham de partir-se, exercitar o pincel se os quadros não resistiam á destruição, estudar as sciencias se o homem não esperava d'ellas duradoira vantagem? Foi uma epocha d'ignorancia, d'amortecimento e torpor em que se extinguiu o esplendor que Carlos Magno tinha dado á litteratura, e especialmente ás artes com o seu grande impulso.

(5) Sismondi — Histoire de la chute de l'Empire Romain.

Finalmente passou o anno 1000 da era christã, e o povo acordou do seu lethargo, viu passar o seculo X e começou o XI sem o mundo acabar, e aquelle somno converteu-se em vida d'agitação: poz-se a reparar cathedraes, a construir outras novas, a edificar mosteiros, — « parecia, diz Glaber, que o mundo se despojava, e despia da velhice para vestir a opa branca das igrejas — *erat enim instar ac si mundus ipse excutiendo semet, rejecta vetustate, passim candidam ecclesiarum vestem indueret.* » Parecia que raiava uma nova aurora para a terra, e que começava uma segunda redempção em que o filho de Deus pela segunda vez descia a misturar-se com os homens, para os felicitar com milagres.

Todos viram então que o logar do Apocalipse tinha sido mal interpretado. A crença verdadeira do fim do mundo e do juizo de Deus permaneceu, mas que para elle esteja marcado uma epocha não se acreditou mais. Depois d'esse anno de triste recordação, Arnauld de Villeneuve marcou o de 1395 do Senhor para a queda do mundo; João Hilton, allemão, disse que acabaria em 1651, o inglez Wiston quiz entender o Apocalipse applicando-lhe a geometria e a algebra, e decediu mathematicamente que o mundo acabaria em 1715 ou 1716 o mais tardar. Já no seculo XIX (6) houve homens que se quizeram metter a prophetas, e já estão convencidos de loucos, Krudner marcou a anno de 1819 para a dissolução do mundo, Libenstein o de 1824, Sallmard-Montfort o de 1836; até já houve quem lhe marcasse o 6 de Janeiro de 1840. O mundo tem ouvido estas prophecias e não se inquieta porque as não acredita, passou pelas epochas do vaticinio e continuou a existir sem fé nas futuras, e assim não é hoje temido, nem com receio esperado o anno 120000 do mundo, em que Orpheo calculou o dia do juizo. A civilisação ha-de ir mostrando, que os mysterios

da providencia não se revelam á fragilidade dos mortaes; e o homem ha-de acabar por applicar unicamente os seus calculos do futuro á astronomia.

A. X. R. Cordeiro.

MEMORIA HISTORICA SOBRE A INSTRUÇÃO PRIMARIA ENTRE NOS,

(Continuado da pag. 312.)

Desde o reinado d'el-rei D. José até a revolução de 1834.

A geral reforma, porque passou a nação portugueza no reinado de el-rei D. José, não se fez sentir menos na instrução, e nas letras, do que nos outros estabelecimentos, e ramos de administração publica. O Marquez de Pombal era superior ao prejuizo até ahí commum, de que a instrução não devia ter outra mira, senão a salvação eterna; segundo a sua philosophia illustrada, ella nem por isso devia comprehender menos os interesses materiaes dos cidadãos: e por isso o seu primeiro cuidado foi subtrahi-la á influencia, e direcção das ordens religiosas, e das auctoridades ecclesiasticas. Por outra parte, tendo a peito promover as artes, e a industria, conheceu a necessidade preliminar de instruir as classes que nellas se deviam occupar. Secularisar pois a instrução, e ministra-la ao povo com efficacia, como meio de prosperidade, foi o pensamento do famoso ministro: que possuido do rancor contra os Jesuitas, levou até o excesso de proscriver, como damnado, o methodo e livros até ahí usados, tentando, no arrojo da sua paixão, não deixar passar aos vindouros as provas do credito litterario, de que havia gozado aquella insigne Congregação.

O primeiro passo para este fim foi a creação do emprego de um director ge-

(6) Dictionnaire infernal: Verbo — Fin du Monde.

ral dos estudos em Alv. de 28 de junho de 1759; no qual effectivamente foi provido por tres annos o Principal Almeida com o ordenado de 2:000\$000; e depois por tres vezes reconduzido até o anno de 1768; porém as providencias do Alv. de 1759 assim como os trabalhos do director geral versaram unicamente sobre o ensino das Humanidades. As primeiras lettras continuaram esquecidas.

Em 1768 tinha sido creado o Tribunal da *Mesa censoria* para exercer sobre os livros e impressos a censura que antes competia á Inquisição, Desembargo do Paço, e Bispos; e por Alv. de 4 de junho de 1771 foi commettida a esta Mesa a direcção e governo das eschololas menores, e do Collegio dos Nobres, e de todos e queresquer collegios, e magisterios para os estudos das primeiras idades. Desde então começou a ser conhecida a distincção entre eschololas menores e estudos maiores. Na primeira classe comprehendiam-se não só as de primeiras lettras, a que hoje chamamos *Ensino primario*, mas tambem as de Humanidades, chamadas modernamente *Ensino secundario*.

Como o nosso proposito se limita unicamente ás de primeiras lettras, não faremos menção das providencias relativas ás outras, senão quando a sua conexão o exigir. E a fim de expormos com clareza o quadro do seu estado, e progressão nesta época até a revolução de 1834, consideraremos esta parte da instrucção:—1.º em quanto á direcção e inspecção; 2.º em quanto ao provimento dos professores; 3.º em quanto aos ordenados, e prerogativas d'estes; 4.º em quanto aos objectos, e methodo de ensino.

Direcção das eschololas de primeiras lettras.

A Mesa censoria comprehendem as idéas do Ministro de D. José. Sobre consulta sua logo por lei de 6 de novembro de 1772 foram creadas 440 es-

chololas publicas de primeiras lettras distribuidas pelas cidades, e principaes povoações das provedorias de todo o reino além de 15 para as Ilhas, 17 para os Estados da America; 4 para os de Africa, e 3 para os da Asia. Pouco depois em 1773 foram creadas mais 37 para o reino.

Este tribunal não se limitava só á escolha e provimento dos professores, mas estendia a sua jurisdicção até superintender, e providenciar sobre a parte litteraria, material, e economica das eschololas: além d'isto fazia habilitar perante si os professores particulares, o inspecionava os collegios e seminarios. Para seus delegados tinha em Lisboa os ministros dos bairros, os quaes deviam visitar de quatro em quatro mezes as respectivas eschololas: nas provincias e dominios ultramarinos nomeava os commissarios, que lhe parecia.

Tendo depois da morte de el-rei D. José sido extincta a Mesa censoria com o fundamento de não ter na sua creação intervindo a auctoridade pontificia, foi em seu lugar creada pela lei de 21 de junho de 1787 a *Mesa da Commissão geral sobre o exame e censura dos livros*; para a qual passou tambem a direcção dos estudos menores.

A instrucção ressentiu-se d'esta mudança: no novo tribunal faltava a alma do Marquez e a energia dos homens de sua confiança. O Principal Castro reitor e reformador da Universidade, que então se propunha reformar o Collegio das Artes, e fazer d'elle um estabelecimento completo, e *normal* dos estudos menores, aproveitando-se d'aquella circumstancia conseguiu obter por Alv. de 17 de janeiro de 1791 a direcção e inspecção não só sobre este estabelecimento, mas tambem sobre todas as eschololas menores da provedoria de Coimbra, com o que abriu o caminho para se recóncetrar depois na Universidade a direcção geral dos estudos de todo o reino.

Effectivamente em 1794 foi extincta

a Mesa da Comissão geral; e por Carta regia de 17 de dezembro d'este anno dirigida ao reitor da Universidade mandou-se crear em Coimbra a *Juncta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas do Reino* com a mesma jurisdicção que havia exercido a extincta Mesa da Comissão: menos em quanto ás eschololas do Ultramar, cujo governo ficava a cargo dos bispos respectivos. A execução d'esta providencia encontrou difficuldades porque sómente cinco annos depois por Carta regia de 15 de outubro de 1799 é que apparecem nomeados os vogaes para a nova *Juncta*, e mandada esta entrar em exercicio; e em outra Carta regia de 10 de abril de 1801 foram fixados os seus ordenados para serem pagos pelo cofre do subsidio litterario.

Conjunctamente com os vogaes foram nomeados tres commissarios, a saber—um para Lisboa, e provincia da Estremadura, outro para o Porto, e provincias do Norte, e outro para Evora e provincias do Sul do Tejo. Em Coimbra a *Juncta* não tinha commissario, e mandava um dos seus vogaes presidir aos exames. Mas além d'estos remetia e fazia executar as suas ordens pelos provedores das Comarcas, ou pelos Juizes de Fóra, conforme o exigiam a promptidão, e vantagens do serviço. Todos estes ministros em suas residencias eram obrigados a junctar certidão de correntes d'este tribunal assim como dos outros.

Por todo este periodo a *Juncta da Directoria* dirigiu a instrucção, inspecionando não só as eschololas publicas, mas tambem as particulares, e de legados da mesma maneira que tinha praticado a Mesa censoria. Sobre tudo procurou promover a instrucção primaria, creando para esse fim novas cadeiras, conforme o pediam as necessidades dos povos, e as distancias dos locais das antigas eschololas; por maneira que em 1827 o numero das eschololas de primei-

ras letras do Governo no reino era de 975.

Provimto dos Professores.

Os professores de primeiras letras foram desde a primeira creação das cadeiras sempre providos em concurso aberto perante o tribunal director, e perante o commissario respectivo, ou na falta d'este perante o provedor da Comarca. No concurso deviam os pretendentes comprovar a sua capacidade moral, e a capacidade litteraria na forma das instrucções que para esse fim se remetiam.

Para prova da capacidade moral exigia-se-lhes folha corrida, e attestado do respectivo parcho sobre seu bom comportamento: mas além d'isso o commissario, ou provedor perante quem corria o concurso, devia fazer por si todas as averiguações necessarias a fim de se inteirar da moralidade dos pretendentes, e informar o tribunal com exactidão; e quando neste apparecia alguma queixa em contrario, era escrupulosamente examinada até se esclarecer a verdade. Em conformidade com o disposto na Ord. L. 1. tit. 93 não eram admittidos os pretendentes que não tivessem vinte e cinco annos.

A capacidade litteraria verificava-se por exame feito perante as mesmas auctoridades, o qual constava de provas oraes e outras por escripto. As provas oraes, conforme se achavam organisadas no tempo da *Juncta da Directoria*, versavam sobre doutrina, moral, e civilidade, sobre leitura de prosa, de verso, de letra de mão, e de letras antigas, sobre arithmetica, sobre grammatica portugueza, e sobre o methodo practico de ensinar: e as por escripto, deviam conter um periodo com extensão sufficiente para se ajuizar não só da forma de letra, mas tambem da exactidão da orthographia; e além d'isso a resolução de um ou dous problemas ordinarios de

arithmetica. O presidente e os dous examinadores lançavam sem conferir, cada um em uma tabella que para esse fim se lhes remetia, o seu juizo sobre o merecimento do oppositor em cada um dos artigos do exame, qualificado por — Bom — Muito bom — Sufficiente — Mediocre — Nada. — Estas tabellas com as provas por escripto, e todos os outros documentos, eram remetidos ao tribunal para este decidir. É o mesmo que ainda hoje se pratica com pequena differença.

O provimento concedia-se ou temporario—ordinariamente por trez annos—ou vitalicio, isto é, em quanto bem servissem, e a Juncta directora não mandasse o contrario. Porém por equidade no fim do provimento temporario a cadeira não voltava a concurso: fazia-se passar o professor por novo exame, e sómente quando elle não tinha melhorado na sua capacidade litteraria, era excluido para dar logar ao concurso geral.

De tal maneira continuou por toda esta época a aversão, a que os Frades se intromettessem na instrução, que nunca poderam ser admittidos aos concursos das escholas menores sem especial dispensa do Governo. Apenas ultimamente pelo Alv. de 10 de junho de 1826 por motivos de economia lhes foi concedida faculdade para isso com tanto que fossem bem informados pelos seus superiores. Neste caso não venciam senão dous terços do ordenado legal da cadeira, e esta devia ser collocada no Convento do professor, quando estivesse em situação conveniente.

Ordenados, e vantagens dos Professores.

Quando o Marquez de Pombal fez da instrução popular um ramo do serviço publico, não se descuidou de fixar, e garantir os ordenados dos professores. Com a mesma penna com que referendava o Decreto da criação das cadeiras, assignava a lei de 10 de no-

vembro de 1772 em que se estabelecia o tributo ou collecta sobre os vinhos chamado do *subsídio litterario* para a sustentação das escholas. Esta contribuição, para não ser desviada do seu destino, entrou sempre em cofre separado em cada uma das provedorias. Sómente depois de 1834 é que passou para a massa geral do Thesouro.

Os mais antigos ordenados para os professores de primeiras letras foram fixados para a cidade de Lisboa a 90:000 r., para as cabeças das Comarcas a 60:000, e para as outras terras do reino a 40:000. Depois por Carta regia de 13 de novembro de 1801 dirigida ao reitor reformador da Universidade foram elevados os de Lisboa a 140:000, os das cabeças de comarcas a 90:000 e das outras terras a 60:000. Ultimamente por Decreto de 30 de julho de 1824 tinha sido taxado o ordenado de todas as cadeiras fóra de Lisboa em 90:000, continuando os da capital, como antes.

Para receberem o seu pagamento ou serem mettidos em folha, ja desde tempos antigos deviam apresentar ao provedor attestado da Camara respectiva ou do commissario, de ter cumprido com os deveres do seu emprego. A Juncta da directoria tomava conhecimento de todas as questões sobre ordenados.

Como os professores eram obrigados a apromptar á sua custa a casa da eschola, foi-lhes concedido o privilegio da aposentadoria; e para se não distrahirem do serviço, eram isemptos dos encargos publicos, designadamente do de vereador.

Sempre foi reconhecida a necessidade de assegurar o ordenado ou ao menos alguma parte d'elle ao professor a quem os annos ou algum accidente extraordinario impedissem de trabalhar não só como meio de convidar homens de merecimento, mas tambem para que a instrução continuasse sem interrupção e com dignidade: porém a fatal

lei da economia oppoz-se sempre á execução d'esta util providencia. Por isso nunca as aposentações ou jubilações chegaram a ser estabelecidas por lei em favor dos professores; e se alguns exemplos se encontram, eram obtidos como graça extraordinaria do rei. É verdade que por lei das Côrtes em 1821 foram decretadas as jubilações: mas esta lei, como todas as outras d'essa época, foi cassada em 1825. Depois no § 14 do Alvará acima citado de 10 de junho de 1826 lia-se ordenada a aposentação com dous terços do ordenado em favor dos professores que se impossibilitassem tendo 20 annos de serviço, e com o ordenado por inteiro tendo 30 annos, bem como concedida a jubilação aos que tivessem servido com distincção 40 annos. Mas isto mesmo pouco mais foi do que uma illusão, porque no §. 45 immediato se declara, que essa disposição só será applicavel aos que se nomearem de futuro, sem innovação a respeito dos que actualmente serviam.

Para minorar a dureza d'este estado dos professores introduziu-se a practica das substituições, fundada na Carta regia de 5 de maio de 1772 dirigida ao reitor da Universidade, pela qual eram permittidas aos professores da comarca de Coimbra, e depois sanccionada no § 14 do cit. Alv. de 10 de junho. O professor encanecido ou impossibilitado depois de sufficiente numero de annos de bom serviço nomeava e propunha um substituto, com quem se ajustava em quanto ao ordenado. Este depois de passar pelas provas ordinarias obtinha o diploma de substituição, ou temporario, ou se o seu merecimento era distincto, com a expectativa da cadeira. Quando o professor o não propunha, nomeava-se o substituto em concurso, e assignavase-lhe a metade do ordenado d'aquelle.

(Continúa.)

**

BIBLIOGRAPHIA ABREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 316.)

LII.

Da cidade do Porto.

O Padre Agostinho Rebello da Costa, natural de Braga, Doctor em Theologia, vivia ainda no anno de 1790, escreveu:

Descripção topographica, e historica da cidade do Porto—que contém sua origem, situação e antiguidades, a magnificencia dos seus templos, e edificios publicos; de seu governo ecclesiastico, civil e militar; das suas familias, do numero de seus habitantes, seu caracter, genio, e costumes; das suas produções, do seu porto, commercio, fabricas; privilegios, e invenções. Com a noticia dos seus varões mais notaveis em virtudes, armas e letras. Com estampas, e mappas.

Porto 1789 — 4.º. É estimada e bem accita.

LIII.

Antonio Coelho Gasco, natural de Lisboa, serviu varios logares do reino, passando depois a Auditor geral do Grão Pará: ali falleceu em 1666. Deu-se muito ao estudo da genealogia, em que compoz varias obras. Escreveu:

Primeira parte das Antiquidades da mui nobre cidade de Lisboa, Emportio do mundo, Princeza do mar oceano.

Lisboa 17. . — 8.º

Esta obra imprimiu-se ha poucos annos, é resumo. O auctor da Bibliotheca Lusitana, ainda falla d'esta como manuscrito. É estimada. (V. n.º 45 no fim)

LIV.

De Coimbra.

O celebre beneficiado Francisco Leitão Ferreira, pessoa bem conhecida (diz

o A. da Historia genealogica da G. R.) pelos eruditos livros e elegantes obras, que tem impresso, nasceu em Lisboa em 1667. Foi versado em todo o genero de litteratura sagrada e profana, especialmente na historia e antiguidades, na poesia, e nas linguas, conhecimentos que o fizeram adoptar socio, tanto das varias academias particulares do reino, como da famosa academia da Historia Portugueza, que o encarregou de escrever as memorias ecclesiasticas do Bispo de Coimbra, para cujo desempenho procurou descobrir os mais veneraveis monumentos historicos, revolvendo os cartorios d'esta cidade com especialidade o da Universidade, de cuja investigação resultou escrever obras excellentes, e unicas neste argumento. Veiu a fallecer em 1735. Compoz entre outras a celebre obra — Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra, e cathalogo dos bispos d'esta cidade — de que tractarei quando fallar dos escriptores da historia ecclesiastica de Portugal. Nesta obra dá sen A. muitas noticias interessantes, a respeito da topographia e antiguidades de Coimbra; que de balde se procurarão em outra parte.

LV.

Bernardo de Brito Botelho, natural da cidade de Miranda, Bacharel formado em Canones, e Juiz dos orphãos na sua patria, escreveu:

Historia breve de Coimbra, sua fundação, Armas, Igrejas, Collegios, Conventos e Universidade.
Lisboa 1732.

A obra do n.º precedente é incomparavelmente mais erudita.

LVI.

De Evora.

O celebre antiquario André de Resende, eruditissimo escriptor quinhenista, nasceu na cidade de Evora em 1506 e professou o instituto das ordens dos Pregadores. Na Uniyersidade de Sa-

lamanca aprendeu as sciencias amenas, e severas, sahindo consummado em todo o genero de litteratura, e profundamente instruido nas linguas — grega, hebraica, e latina, em que compoz com a pureza e elegancia, com que escreveram na bella idade de ouro, os Ciceros, os Livios, e os Virgilio, ficando-se duvidoso se se deva admirar mais nas suas obras o profundo conhecimento da antiguidade, se a elegancia e pureza da latinidade. Para communicar com os sabios viajou pela França, Hespanha, e Hollanda, merecendo os elogios e veneração dos maiores homens do seu tempo, com quem tractou, e singulares favores do imperador Carlos V, e de elrei D. João III, que o chamou para mestre na Universidade de Coimbra, que acabava de reformar, e o nomeou mestre de seus irmãos os infantes D. Affonso, D. Henrique, e D. Duarte, alcançando-lhe breve pontificio para secularisar-se. Juncto ás casas, onde vivia, em Evora fez um jardim precioso, pelas estatuas, marmores, e inscrições romanas, que com infatigavel trabalho junctou. Nos ultimos annos da sua vida dava na sua casa lições publicas da historia, antiguidades, e lingua latina, em que imitou os mais cultos escriptores romanos na prosa e verso, sendo elegante poeta latino, consummado orador, e o primeiro antiquario, que venera a nossa litteratura, em que é superior a todo o elogio, sendo geraes os que lhe fazem nacionaes e estrangeiros, que muito por extenso, segundo o seu costume, refere o A. da Bibliotheca Lusitana, cujo artigo merece consultar-se. Morreu na sua patria em 1573. Compoz innumeraveis escriptos em que brilha um gosto depuradissimo da bella antiguidade, e uma elegancia inimitavel em que não é facil engana-lo, nem sei que escriptor nenhum portuguez, latino, se lhe possa comparar, a não ser D. Jeronimo Osorio, verdadeiro Cicero da nossa litteratura. Compoz:

Historia da Antiguidade da cidade

de Evora. ibi — 1558, em 12; — e segunda vez examinado pelo A. — Evora 1576 em 12, vertida em latim por André Koto. — Colonia — 1600.

Adiante fallarei da obra mais famosa d'este escriptor que é — De Antiquitatibus Lusitania. (V. n.º 64)

LVII.

Diogo Mendes de Vasconcellos, natural de Alter do Chão, onde nasceu em 1523, estudou nas Universidades de Toluza, Bordeus, Pariz, e Coimbra, sabendo tão instruido de tão famosas escholhas, que mereceu ser escolhido por D. João III, para acompanhar D. João da Silva, embaixador ao Concilio de Trento. Passou a Roma, e viajou pelas principaes cidades de Italia, onde foi admirado, bem como em Portugal, pelos seus talentos, e erudição. Foi conego, e inquisidor de Evora, onde tractou amizade e communição com o famoso antiquario André de Rezende, de quem escreveu a vida, e addicionou as obras. Admira-se nas suas obras a mais pura latinidade, uma admiravel imitação dos antigos, muitos conhecimentos na historia e antiguidades, na poetica e oratoria. Compoz:

De Municipio Eborenci Commentarius — Sain impresso com outras obras d'este mesmo A. no estimavel livro de André de Rezende — De Antiquitatibus Lusitania.

Evora 1593, fol. Roma 1597 — 8.º Colonia 1600, e modernamente Coimbrice, Typis Academicis, 179...

I.VIII.

O Padre Francisco da Fonseca, natural d'esta mesma cidade de Evora, Jesuita, mestre de humanidades na sua religião, acompanhou a Fernando Telles da Silva conde de Villar Maior, embaixador a Allemanha para tractar os disporios de el-rei D. João V na qualidade de seu confessor, e dali passou a Roma. Escreveu:

Evora Gloriosa. — Roma 1728 fol. que devidu em 5 partes: com os titulos de—Evora Profana—Evora Pia—Evora Pontificia—Evora Religiosa—Evora Donta —

Tracta em cada uma parte os objectos relativos a este argumento que os seus titulos indicam. É curiosa e nella se acham muitas memorias interessantes.

LIX.

Martim Cardoso de Azevedo, da mesma cidade de Evora, bastante versado na fabula, e historia; compoz:

Historia das Antiguidades de Evora. Evora 1739 — 4.º

Este escriptor fez uma mistura de fabula com a historia, que torna a sua obra de nenhum interesse, podendo mais chamar-se uma novella, que verdadeira historia; e consequentemente pouco util a quem deseja adquirir idéas solidas das antiguidades, e historia de Portugal.

LX.

De Santarem.

O Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, natural da dicta villa, da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, escreveu:

Historia de Santarem, que dá noticia da sua fundação, e das cousas mais notaveis, nella succedidas... Lisboa 1740. — fol.

Tracta das freguezias, conventos, ermidas, dos homens celebres em sanctidade, em armas, e letras, com varias noticias interessantes d'esta villa, do seu termo, e comarca.

LXIII.

Francisco d'Almeida Jordão, natural de Lisboa, formado em Canones, escreveu:

Relação do castello, e serra de Cintra, e do que ha que ver raro em todo elle. Lisboa 1748. — 4.º

(Continúa.)

A ECONOMIA POLITICA ULTRAJADA.

Ao lermos em o numero 48 da Revista Academica um artigo debaixo do titulo de — Dias Sanctos — não podemos ficar mudos diante de alguns principios, que o auctor inseriu em o artigo a que nos referimos; vimos a Economia Politica ultrajada; vimos dizer-se d'ella o que por nenhum modo lhe competia, degrauando-a assim do seu estado de moralidade, que até hoje poucos são os que lh'o têm negado.

Não pretendemos analysar o artigo em toda a sua extensão, nem talvez mesmo no seu objecto principal, mas só queremos mostrar a inexactidão de alguns principios que o auctor estabeleceu, e que dizem respeito á Economia Politica.

O auctor reconhece (nem podia deixar de o fazer) a grandeza da Economia Politica, assim como a excellencia dos seus resultados, prophetizando-os ainda mais excellentes quando se averiguarem melhor certos factos e se desenvolverem melhor certos principios, e nada ha mais verdadeiro: em quanto porem aos prejuizos em que o auctor encontra tantos inconvenientes, estes prejuizos encontram-se nos homens, que practicam os principios da Economia Politica, porque esta sciencia não os tem; os prejuizos, cujos males são na verdade grandes, estão nos povos, que não querendo abandonar seus costumes e habitos estacionarios não coexistem com os homens de sciencia para uma perfeita execução dos systemas de utilidade social. Que a Economia Politica não tem os prejuizos, que o auctor lhe quer attribuir, parece-nos que o poderemos demonstrar.

Quem tiver conhecimento da Economia Politica não poderá deixar de reconhecer o quão pouco orgulhosa é esta sciencia. A Economia Politica não exige que os seus principios sejam seguidos e practicados sempre e em todas as cir-

cunstancias em que possa resultar utilidade (1) ao individuo ou á nação, a Economia Politica sujeita a execução das suas maximas ás considerações que a moral e a politica illustrada lhe oppozer. Transcreveremos o que a este respeito diz Rossi: — « O fim da sociedade assim como o fim do individuo, não é só o de ser rico; este fim pôde em certos casos ser subordinado a um fim mais elevado. Supponhamos que era um meio de riqueza nacional fazer trabalhar as crianças 15 horas por dia; a moral dizia que semelhante cousa não era permittida; a politica igualmente nos dizia que era uma cousa prejudicial ao estado, porque paralisava as forças da população. A moral fazia valer os seus preceitos, e a politica suas exigencias, e quando mesmo se chegasse a provar que tal systema seria util como meio de riqueza, não deveria ser empregado. Deveriamos pois gritar contra a Economia Politica? — Não; a Economia Politica é uma sciencia que só examina a relação das cousas, e lhe tira as consequências.

« A Economia Politica examina quaes são os effeitos do trabalho; devemos na applicação ter em vista a importancia do fim. Quando a applicação do trabalho é contraria a um fim mais elevado, que a producção da riqueza, é mister não o applicar.

« Se fosse demonstrado que aquellas casas em que são recolhidas as victimas desgraçadas da immoralidade ou da miseria de seus paes, que os estabelecimentos das crianças injeitadas são contrarios ás deducções da Economia Politica, o economista não o dessimularia. Então concluir-se-hia que os economistas querem que estas casas immediatamente sejam fechadas: dir-se-hia que eram homens sem entranchas, homens que calcam aos pés todo sentimento de humanidade. Nada porém existe que com isto se pareça.

« A Economia Politica vos apresenta

(1) Riqueza.

um facto e um resultado. É a vós que compete examinar, se, nas circumstancias do vosso paiz, existem outros factos e outras circumstancias que se oppoñham á suppressão d'estes estabelecimentos.» —

Como se poderá também affirmar que a Economia Política é contra a Religião Catholica-Apostolica-Romana? — É verdade que a Economia Política estabelece que quantos mais forem os dias de trabalho maior será a riqueza publica, mas por ventura poderemos daqui concluir: — logo acabe-se com os dias sanctificados, até mesmo com os Domingos, embora como christãos sejamos obrigados a guarda-los, porque assim é necessario á riqueza nacional! Os resultados que dão as leis da Economia Política são resultados positivos, e os homens farão d'elles o uso que lhes convier, são verdades, e a verdade é sempre util e proveitosa ao progresso da humanidade.

Applicando agora estas considerações ao que teve lugar ha pouco entre nós a respeito da abolição de alguns dos dias sanctificados, diremos que não foi a Economia Política quem reclamou a sua abolição, foi a moral publica, porque estes dias, pelo seu grande numero, em vez de serem respeitados, eram pelo contrario os dias em que tiham logar as immoralidades e os crimes, foram os nossos interesses e circumstancias sociaes. E a Economia Política o que fez? Veiu ajuntar o seu braço á moral e á politica; reuniram-se os interesses economicos com os interesses moraes.

Não deixemos porém de tocar na *beneficacão* da Economia Política; não consentamos que se diga que a Economia Política quer a destruição do Mosteiro da Batalha para se aproveitar o terreno para a agricultura, ou construcção de alguma fabrica; não ripitamos o que dissemos, aproveitemo-nos mesmo do que diz o auctor — «... a gloria da patria, as recordações de um heroe, o respeito das nações, a admiração de todos por

esse poema de marmore, e em fim o ouro que o estrangeiro cá vem deixar só para o ver, tudo isto dá uma somma de valores immateriaes &c. (1)» — Ora a Economia Política prefere sempre uma somma maior de valores a uma menor, e estes valores, embora immateriaes, como sejam superiores aos que resultam do terreno empregado em agricultura ou fabrica, a Economia Política por isso os prefere.

Finalmente a Economia Política só com o fim da riqueza material, seria uma sciencia material como o seu fim; o fim porém da Economia Política não cessa logo que se dê a riqueza material, a Economia Política procura a felicidade moral, nem muito menos adquire a riqueza material á custa da moral, mas só toma da primeira tanto quanto lhe baste, e olha para o intellectual o moral dos individuos e das nações.

E. de Serpa.

Estreou o Sr. *E. de Serpa* a sua vida de escriptor com um artigo critico; estimamos sinceramente a sua estreia, porque o dia em que entra mais um soldado no campo das lettras é para nós um dia de festa: mas é magoa que logo no seu primeiro esgrimir lhe sahisse um hote falso, porque pôde habituar-se a açoitar os ares com a sua lança, e não chegar nunca a ferir um adversario, pôde deixar-se arrastar pela torrente dos criticos sem critica, e vir a patria a perder os fructos, que por certo lhe dará, se adestrar cuidadosamente o braço antes de o encarregar do golpe.

Não haveria nos livros e nos jornaes tantas paginas de injustiça, tantas arguições sem fundamento, tantas calumnias litterarias se todos os que se propõem a criticar os escriptos alheios lessem com a devida pausa esses escriptos, entrassem bem no espirito do auctor, o se collocassem precisamente no ponto

(1) Vide Errata — pag. 320.

d'onde o objecto foi olhado. Infelizmente os homens, que meditam com seriedade um periodo antes de lhe metter a tesoura da censura são raros, e se o são em França, Inglaterra, e Allemanha, onde a critica é cultivada como um ramo especial das lettras, não admira que sejam rarissimos entre nós, que d'esta parte da litteratura pouco mais conhecemos que o nome.

O Sr. E. de Serpa, levado talvez por um zelo exagerado, não teve tempo de ler duas vezes o nosso artigo ácerca dos *Dias Sanctos*, se o tivera, estamos certos que não alcunharia de *ultrage* á Economia Política as verdades que alli dissemos, e que hoje voltamos a confirmar. Quando se aventura uma expressão tão forte, como a que se contém na epigraphé do artigo do Sr. E. de Serpa, deve haver todo o cuidado em a demonstrar, nenhuma circumspecção é demasiada, porque *ultrajar* uma sciencia só o fazem os nescios e os maus, e cuidamos não nos dever alistar em tal numero; mas nós sabemos como pôde ser cega a paixão por uma sciencia, de que ha poucos mezes ainda se largaram os compendios; os olhos enganados pelo prisma do affecto cuidam ver cavalleiros onde não ha senão levissimos argneiros, fingem inimigos onde sómente ha amigos, que olham as cousas como ellas são, e sem o vidro emprestado. Nós tambem já estudámos Economia Política, tivemos a fortuna de ter por mestre o Sr. J. A. de Campos, e se nessa época topassemos em algum jornal com um artigo irmão do nosso, talvez nos chegasse tambem o prurito de o combater, porque ainda os beijos nos saberiam a um leite fascinador, que não admittia decomposição, e julgariamos desacatadas as venerandas barbas de J. B. Say: hoje porém, que vamos mais lonje d'esse tempo, já podemos conciliar a verdade da sciencia com a existencia de certas consequencias funestas: — então era o entusiasmo que predo unava, agora é a reflexão.

Deus nos livre de *ultrajar* nenhuma sciencia. Deus nos aparte sempre da tentação de faltar ao respeito devido aos mysterios de *Storch*, mas primeiro que tudo Deus nos defenda de faltar á verdade. Começámos o nosso artigo por um elogio á Economia Política, bem sabemos que lh'o deviamos, todavia se nós tornassemos a sciencia, em si, responsavel pelos factos que depois apresentámos não seria a nossa penna que a elogiasse: quando dissemos que lançadas em uma concha da balança as *utilidades*, e na outra os prejuizos que resultam d'essas *utilidades* talvez votassemos contra a Economia Política, não tomavamos a sciencia em abstracto, mas sim a sciencia nas mãos dos homens. Em abstracto não ha principio que seja prejudicial, os effectos do principio quando os homens o applicam mal, se é bom, ou o seguem, se é mau, esses é que são para recer.

Platão não tinha, com toda a certeza, nem cabeça de marmore, nem coração de granito para desamiar as bellezas da poesia, elle proprio foi poeta antes de começar a ser philosopho, contudo mandava corôar de rosas os poetas, e pô-los fóra da sua republica, porque havia observado o abuso que se fazia d'aquelle dom precioso: não desejamos crear uma republica de *Platão*, nem, se a creassemos, corôariamos os economistas com espigas de trigo para os despedir, mas seguiriamos completamente a *Rossi*:—logo que a moral mandasse venerar certos factos e *circumstancias*, muito embora a sciencia examinasse á sua vontade as *relações das cousas e lhes tirasse as consequencias*, nós tiravamos tambem a illação de não deixarmos applicar nesses factos e *circumstancias* os principios da sciencia que lhes fossem nocivos.

O Sr. E. de Serpa não ignora que a Economia Política está dividida em duas escholas: a eschola franceza quer a sciencia subordinada á moral, a ingleza quer a sciencia em toda a sua

plenitude, e com todas as suas consequências; e por isso o texto de *Rossi* foi bem escolhido, porque nos economistas britannicos não haveria encontra-lo; mas de que lado estará a verdade scientificamente fallando?—nós dizemos que do lado de *Rossi*, outros dirão que do lado de *Smith*, e esta desintelligencia vai entretanto produzindo os seus maus effeitos em nome da Economia Politica. Como podem os povos *coexistir* com os systemas da sciencia, se os seus mestres mesmos não *coexistem* uns com outros em principios capitalissimos? É natural que os povos tambem sigam um estandarte, e se elle foi, como desgraçadamente entre nós acontece, o do leão do *Tamisa*, ali temos o Domingo transformado em *capital de produção material*. Sabemos que a Economia Politica, a genuina, não quer que se arrase o mosteiro da Batalha para levantar uma fabrica, e nós mesmos demos a razão em o nosso artigo, porque a Batalha produz valores materiaes e immateriaes, porém como alli a maior somma é de valores immateriaes, em que muitos economistas não acreditam, e a que chamamos *arrasadores*, por isso, e contra estes, é que ousámos bradar; todo o fel que nos escorreu da penna foi contra o *positivismo materializador*, e se este não *bestifica* então são verdadeiros os principios da eschola ingleza.

A Economia Politica ainda a da eschola franceza, é *principalmente* destinada a cuidar na felicidade material, esta tendencia, que lhe está na natureza, leva facilmente muitos espiritos a pensarem que para esta felicidade todos os meios são bons, e assim, rasgarão uma pagina da Biblia para com ella accender uma fornalha *productiva*: a sciencia não tem culpa, é verdade, que um economista desesperado escreva nas paredes d'um convento de frades — utilidade quer dizer riqueza — sem se lembrar que o Christianismo lhe prova que em muitos casos — utilidade quer dizer pobreza — mas tambem a terra não tem culpa que

o assassino aproveite as plantas venenosas que ella só creou para beneficio do homem, entretanto a moral e as leis prohibem os venenos e os envenenadores. A sciencia, com ser tão innocente como a terra, produz tambem os seus venenos e os seus envenenadores, obstar a que aquelles se vendam em hasta publica, e a que estes os propinem em terra de christãos foi o que nós quizesmos fazer, e só isto se devera colligir das nossas palavras; contra a sciencia, em si, juramos pelos manes do patriarcha *Adam Smith* que não peccámos nem venialmente.

O que sentimos é que o *Sr. E. de Serpa* nos não comprehendesse, ou não tivesse acordado mais cedo para combater idéas semelhantes ás nossas, quando foram apresentadas pelo *Sr. A. Herculano* no *Panorama*, e pelo *Sr. A. F. de Castilho* na *Revista Universal Lisbonense*; com taes Campeões é que valia a pena medir forças, comnosco é uma victoria facil, e não lhe invejamos os loiros.

J. de Lemos.

(J. D.)

THEATRO ACADEMICO.

Marino Falièro. — *Manoel Mendes*.

Todos sabem, que o *Marino Falièro* é de *Casimire Delavigne*, o cantor melancolico do acerbo pungir do patriotismo vencido, o bardo das *Messenienes*, que ainda não ha muito numa prematura morte roubou á França. — Não confronto o *Marino Falièro* de *Delavigne* com o de *Byron*, nem tão pouco com o *libretto* Italiano, que, enriquecido com a bella *partitura* de *Donizetti*, tem agradado em todos os theatros em que ha sido posto em scena: *Delavigne* concebeu o facto historico d'uma maneira diversa de todos estes escriptores que apondo, *Byron* deu largas á sua imaginação ardente — não attendeu ao gosto das platéas, sirva de prova o seu fantastico *Manfredi* — *Donizetti*

tinha de escrever musica para alguns centenares de versos que haviam de ser cantados, e que muitas vezes, ou sempre, passam desapercebidos, porque o *libretto* não é mais do que a estante onde o *maestro* colloca a musica; Delavigne porém fez um drama historico adaptado ao gosto moderno; não recorreu a uma intriga complicada, mas escreveu scenas dramaticas n'um estylo energico, pespontado de lindas phrases poeticas: é inquestionavel que Delavigne onde mais se avantajava é no estylo. Não o classifico como optimo Dramaturgo — o sceptro não deve ser usurpado a *Dumas*; Delavigne é um bom poeta, não é pouco, e com quanto seus dramas sejam de grande merito (excedendo a todos, quanto a mim, o *D. João d' Austria*) não são contudo os que produzem maior effeito scenico em o nosso theatro.

Tres caracteres principaes descubro no *Marino Faliero*: o do Doge, de Steno, e de Helena; o caracter de Fernando é quasi inutil, o drama podia existir sem elle, mas o poeta tinha de obedecer a essa necessidade, a que Victor Hugo chama imperiosa — a do amor, mola real de toda a producção dramatica. «Deve apparecer sempre em primeiro lugar, diz este escriptor, ser superior a todas as considerações vãs que modificam as vontades e as paixões dos homens.» — Não me cumpre emittir aqui a minha opinião sobre os dramas da eschola a que chamarei *modernissima*, onde a theoria de *la charpante* se emprega com profusão; todavia o que affirmo, sem pertencões a dizer uma grande verdade, é que um drama concebido debaixo de todas as regras da verosimilhança, segundo os preceitos da arte, é um bom drama; e por isso não duvido fazer tal concessão a esta producção de Delavigne. — Voltando aos caracteres, digo que o do Doge está bem traçado; é um ancião ainda cheio de fogo e entusiasmo; um valente soldado, um caracter nobre e venerando,

o Doge, Marino Faliero, devia de ser assim; se a historia nos não engana; — Helena é o amor em toda a sua força; é criminosa na verdade mas o poeta corrige essa falta com o antidoto dos remorsos; — Steno representa o amor da patria e a coragem em todo o seu fulgôr. — Os outros caracteres são o colorido que completa o quadro, e que o fazem realçar.

Em quanto ao desempenho não podemos deixar em claro os nomes dos Srs. Palha, Sá e Bentes. — Todos elles se esmeraram nos seus papeis, e conseguiram verdadeiros e sinceros applausos.

Uma boa traducção pôde dizer-se rara, mas quando o traductor consegue traduzir com propriedade, de verso para prosa, alcança um grande triumpho: O Sr. José Freire está neste caso, e não lhe fazemos favor nenhum felicitando-o por mais esta sua obra digna do todo o louvor.

Que direi do *Manoel Mendes*? É uma Farça portugueza, e muito portugueza. Apesar de vista e sabida de côr agrade sempre: esta-se na platêa saboreando aquelles bons ditos portuguezes, aquella phraseologia familiar e engraçada da nossa lingua. — Tem-nos acostumado ao *espirito* francez, mas ás vezes lão pouco leito para os nossos costumes; traduzem-se cousas que do modo nenhum quadram ao nosso modo de viver, e no entanto o traductor cuida que metteu uma lança em Africa por fazer passar a scena em Lisboa ou no Alemitejo! — Por ora é comida indigesta que se não dá com todos os estomagos. Os Francezes tem muito sal, concordo; em França, em Inglaterra, em Portugal, ri-se do mesmo modo, bem sei; mas tambem sei que cada terra tem seu uso, e que os costumes dos Lisbonenses não são os dos Parisienses ou dos Inglezes, por isso é mister attende, e muito, a semelhante circumstancia: desgraçadamente tem-se desprezado este axioma de primeira intuição, e es-

tamos a rir á l'instar de Paris ha não sei quantos annos! Todas as vezes pois que podemos soltar uma d'estas gargalhadas ruidosas portuguezas na gemma, sentimos um prazer desmedido; é por isso sem duvida que o *Manoel Mendes*, coberto de poeira e traça, impresso em papel mata-borrão, ha de ser applaudido em quanto existirem alguns exemplares d'essa chistosa produção de Antonio Xavier.

Não especifico ninguem. Todos os actores, no meu entender, andáram o melhor possivel. P. M. Junior.

Os dous Validos—A Certidão de idade.

Na 2.ª representação do actual anno lectivo no Theatro Academico, fizeram a parte principal do espectáculo o drama—os Dous Validos—que o digno socio d'este Instituto o Sr. Paulo Midosi verteu do hespanhol; e a pequena Comedia—A Certidão de Idade—imitada pelo mesmo, do Francez.

O drama é mixto de *caracter*, e *intriga*, inda que esta mais n'elle predomina; e a ella é principalmente devido o seu bom resultado scenico; não sendo todavia para desprezar o desenho regularmente traçado do Protagonista, que representa um Jesuita perverso, astuto, e hypocrita, em contraste com a franqueza, e lealdade do 2.º valido, que representa o caracter hespanhol, e que sai vencedor na lucta. Entre os *caracteres* da peça entendemos porém merecer a primasia o do Marquez de Aytona, que é um papel verdadeiramente comico; e em que o Sr. D. Antonio andou com muito esmero e perfeição. O Sr. Palha no papel da Rainha de Hespanha, inda que inferior a outros de mais vulto, que tem desempenhado, apresentou uma naturalidade, e gravidade de maneiras feminis, que admirou aos numerosos espectadores. O Sr. Bentes declamou com muita clareza, e harmonia o papel de Jesuita. Inda que o caracter favorito do Sr. Bentes é o de

centro mais carregado, andou todavia muito bem n'este papel, e mereceu os elogios do publico. Coube ao Sr. Sá a representação do 2.º valido. E quem tão gentilmente se havia estreado no papel de Israel, no Marino, cobriu-se de novos louros n'este papel que desempenhou com toda a força, nobreza, *flexibilidade* de voz, graça e viveza de expressão, e excellente declamação e presença, que constituem um 1.º Galau consuminado. A platêa o victoreou constantemente com numerosos bravos; prevendo n'elle um digno successor do Sr. Bessa em caracteres identicos. Todos estes quatro actores foram mais que uma vez chamados ao procenio, e applaudidos. Os demais papeis secundarios da peça foram desempenhados regularmente notando-se em geral o bom ensaio d'ella.

No desempenho da Certidão de idade houve-se, como sempre, com muito sal, e graça comica o Sr. Theotonio. Todos os demais papeis correram bem. O Sr. Paulo Midosi deu-nos n'esta imitação mais uma prova da sua tendencia para as cousas da scena, introduzindo na comedia uma scena de sua imaginação com muito chiste e graça, cujo papel elle mesmo veio desempenhar com geral e merecido applauso; embelezando o caracter da protagonista, que tornou muito mais comico, e bello que no original, caracter que o Sr. D. Antonio (a velha por excellencia) desempenhou com toda a perfeição; e misturando no dialogo muitos conceitos delicados, e jocosos, em harmonia com os objectos, e *ridiculos* do dia.

O que todavia merece particular menção, e encomio é a pureza da linguagem, que o Sr. Midosi empregou n'estas duas peças, sem mistura de um gallicismo, e com um estylo todo cheio de animação, e verdadeiramente portuguez; objecto este, que deve merecer toda a consideração, mórmente em um Theatro de Academicos.

J. F. de Serpa.

OS JORNAES LITTERARIOS FRANCO
DE PORTE.

Quando uma verdade é arrojada inesperadamente ao meio do turbilhão, em que se agitam os povos, pôde ser desconhecida, estranhada, e até escarnecida por elles: mas quando ella jaz occulta ou adormecida no coração de todos, o primeiro que a despertar tem seguro um triumpho.

Neste caso suppomos a proposta recentemente feita nas Côrtes para a abolição dos portes de *periodicos litterarios e scientificos*. Applaudiu-a o publico, applaudiu-a a imprensa, que não havia ali penna capaz de erguer-se como padrão de ingnomia para a civilização do seculo. O Instituto de Litteratura e Arte dramatica d'esta cidade tomou a sabia, e patriótica deliberação de levar ás Côrtes uma representação a favor da mesma proposta, e nós, bem que pequenos e sem nome, convidados pelo nosso collega da *Revista Universal*, uni-remos ao seu o nosso debil brado, pedindo ao corpo legislativo que quanto antes se occupe de medida tão importante.

A lei dos portes francos é hoje um complemento necessario ás disposições do Conselho Superior tendentes a promover a instrução em todas as classes do estado. Sanccionae embora as mais sabias leis, para que os povos sejam obrigados a instruir-se; se lhe negardes os meios, serão vossas leis inuteis.

E d'estes meios ninguem por certo negará, que o melhor senão unico, é a vulgarisação dos *periodicos litterarios e scientificos*. O nosso povo ainda não contrahi o habito de ler; cumpre crearl'ho, cumpre favorecer, quanto possivel seja, o louvavel empenho dos que se propõem levar a instrução pelo meio da imprensa até a choupana do camponez. Se ainda ha alguem, que julgue abundarem entre nós as publicações litterarias periodicas, lembrar-lhe-hemos, que

só na monarchia da *Prussia* contam-se para cima de 300 jornaes litterarios e scientificos, e na capital da *Gram-Bretanha* 236 semanas afora 34 trimensaes. E todavia o *Edinburgh journal* lá conta 50:000 assignantes, em quanto que em *Portugal* muito faz o empresario, que pôde custear as despesas de uma publicação d'estas.

Não o dizemos só por nós, que faltos d'experiencia e talentos conhecemos o mingnado valor da *Revista Academica*. Ao entrarmos na honrosa cruzada de propagar a instrução popular, apresentámo-nos fortes, não de sciencia mas de esperanças e intenções puras; sabemos o que queremos ser, e o muito que devemos á coadjuvação de nossos mais insignes litteratos; o que temos sido ignoramo-lo, diante do publico nosso juiz aguardamos pela sentença. Mas dizemo-lo por outros jornaes distinctos, onde brilha o saber de seus Redactores a par de uma incontestavel utilidade, e todavia os vemos fazerem a mesma confissão que nós.

Não são nossos votos dictados pelo egoismo, são-no pelo amor da patria, e das letras. Quando virmos a instrução propagada por todas as classes da sociedade, os *periodicos litterarios e scientificos* multiplicados, e cada vez mais lidos e buscados com avidéz, ouviremos então placidamente a voz, que nos clamar:

Claudite jam pueri, sat prata biberunt.

D. SANCHO II.

Estamos auctorizados para annunciar que o Sr. J. F. do Serpa Pimentel, vai imprimir um novo drama, puramente historico, sob o titulo: — *D. Sancho II* — cujo assumpto versa sobre a deposição d'aquelle infeliz Monarcha, e o rapto violento, que de sua mulher, a rainha D. Mensia, se lhe fizera. O A. vai fazer em sua casa a leitura do drama a alguns entendedores e amigos; e para então nós reservamos voltar mais de espaço a este objecto.

(J. D.)

INSTITUTO DE LITTERATURA E ARTE
DRAMATICA.

(Resumo das sessões do corrente anno.)

O Instituto em desempenho da missão a que se propoz tem continuado os seus trabalhos durante o presente anno lectivo.

Nomeou as tres comissões exigidas pelos Estatutos — a de Redacção — a de Litteratura — e a d'Arte Dramatica : e distribuia trabalhos a cada uma d'ellas.

Agradeceu ao Socio Francisco Freire de Carvalho o offerecimento que fez ao Instituto das duas obras suas — *Memo-ria sobre a antiguidade do emprego da artilharia em Hespanha e Portugal*, — e *Primeiro Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal*. Da 1.^a já a Revista apresentou um juizo. A 2.^a está distribuida á commissão de Litteratura para dar sobre ella o seu parecer.

Discutiu e approvou o seu regulamento, e mandou imprimir aquella parte que diz respeito ás obrigações dos Membros e Socios.

Approvou para poderem ser representados — *Os Dous Vallidos*, imitação do Hespanhol pelo Sr. Paulo Midosi, offerecida generosamente ao Theatro; assim como a farça — *A Certidão de idade*, imitação do Francez pelo mesmo Sr. — Por deliberação unanime se deu um voto de agradecimento ao Sr. Midosi.

Decidiu que se fizesse uma representação ás Cortes pedindo a approvação da proposta já apresentada para abolir o porte dos jornaes litterarios; e que se pedisse igualmente uma lei sobre a propriedade litteraria.

Discutiu e approvou o parecer apresentado pelo Sr. José Freire de Serpa sobre o *Chatterton* d'Alfredo de Vigny, bem como outro apresentado pelo Sr. Cordeiro, como relator da Commissão d'Arte Dramatica; e decidiu que fossem impressos neste jornal.

N.º 22,

Determinou que o seu Presidente por occasião de se ausentar o Sr. Manoel Maria da Silva Bruschy, significasse por carta honrosa a este Sr. o apreço em que o Instituto tivera sempre os serviços relevantissimos que lhe fez durante os seus estudos na Universidade, e a magoa com que vai ser privado d'elles; e decidiu que esta sua deliberação fosse mencionada neste jornal para dar um publico testemunho da consideração em que tem os merecimentos do Sr. Bruschy.

Ultimamente teve lugar a discussão do drama historico — *D. Sancho II*, que o Sr. José Freire de Serpa Pimentel offereceu á approvação do Instituto, e que préviamente havia lido em sua casa aos Membros e Socios d'elle. O drama foi approvedo tal qual está.

PARECER SOBRE O CHATTERTON

De Alfredo de Vigny.

Se o drama é a representação das realidades da vida; se assim como estas são graves ou ligeiras, terríveis ou rissonhas, sisudas ou grutescas, sublimes ou triviaes, assim aquelles são tragicos, melancolicos, chistosos, comicos, sublimes, variados em fim como os diversos epithetos das cousas humanas; — se as leis aristotelicas da escola, que morreu, foram em fim substituidas pela norma unica e dominadora da eschola que nasce — a verdade; — se tudo isto é certo ousaremos affirmar que Chatterton é um drama, e que é sublime, entre os sublimes.

E cabe-nos aqui advertir como prologomenos d'este parecer, que não somos nós do numero d'aquelles que avaliam as peças pelas unidades estupidas do logar e do tempo; pela formula semi-grega e semi-franceza dos 5 actos de rigor; pela separação das duas grandes alas de crispins a rir sem nunca chorar — a comédia; de heróes a chorar, sem nunca rir — a tragedia; pelo estirado altisonante do dialogo, a contar-nos o

que lá vai por dentro, que tanto folgaramos em ver, e que tão insípido é de ouvir, e quejandos artigos infindos da etiqueta do theatro classico. Mas tampouco desejamos ser alistados nas fileiras dos esturrados espadachins e *petit-maitres* da moderna eschola, a fazer gala de quebrar com unidades a torto e direito só porquesão unidades;—a multiplicar as acções por trinta quadros, só para fugirem aos actos;—a substituir o terrível pelo asqueroso, o grotesco pelo baixo comico, e a atirar-nos com tudo de envolta sem fim nem motivo;—a multiplicar na scena o punhal, o veneno, o adulterio, tambem de rigor, e a substituir as velhas sem-sabores imitações de Corneille e Racine, pelos novos ridiculos arremedos de Mrs. Dumas, e Victor-Hugo.

A nossa norma é uma e simples, é a verdade; e por isso affirmamos que Chatterton é um drama.

E certo que caracteres, e feitos mais naturaes e verdadeiros, que assumpto mais sublime? Alfredo de Vigny quiz realisar-nos um grande character, e um pensamento rei — o poeta, e o amor. O poeta, moldado na pessoa de Chatterton apparece a sós com o seu genio, livre de todas as ligações sociaes, superior a todos os prejuizos, forte com a sua poesia, grande com o seu amor, independente com a sua vontade; mas ermo e só, desajudado no meio de uma sociedade que não é a sua, que não pôde ser a sua, que o não comprehende, que o não soccorre, por que não fraternisa com a sublimidade poetica semidivina do seu pensamento. Por isso o poeta sem resistir á lucta dos homens, que seu genio esmagaria, que seu braço despresaria, o poeta verga-se, e ali se fina sem nome, olvidado no turbilhão do mundo.

Para realçar a belleza profunda d'este quadro apparece Kitty Bell, poetisa no amor, anjo dos anjos na virtude, e martyr como elle. Esta porém ligada, presa, amarrada de pés e mãos

às leis, às conveniências do mundo. E o amor sempre a formar o relevo do quadro, a vencer sempre n'estas duas creaturas tão umas no coração, que é do céu, tão outras na vida, que é do mundo.

E já que fallamos no céu e no mundo, mencionaremos aquelle vivo contraste de John, e Kitty: que peor homem e que melhor anjo! E no meio d'elles aquelle Quaker a symbolisar a providencia, a velar por todos, a amparar o anjo para que não caia, o homem para que se não perca! Aquellas palavras do acto 2.º em que elle, ouvindo os escrupulos de Kitty sobre a leve mentira, de que pendia a salvacão do Poeta, diz para ella apertando-lhe, e beijando-lhe, as mãos—«Tua culpa é innocente: para occultar essa misericordiosa mentira, as sanctas do céu tuas irmãs, estenderiam os seus véus de pureza diante dos olhos do creador.»—Estas palavras revelam o meu pensamento.

O suicidio, que alguém talvez ao cabo de tudo isto vitupera, vem alli tão desculpado após a grande verdade, que nos revela, que ninguém ousará ataca-lo de boa fé. Chatterton, que é o genio a sós com sigo, que é a razão sem a revelação, que é o poeta, morre cometendo um suicidio, e cantando esse crime á beira do sepulchro. Kitty, que é o genio, que é a razão pulida pelo christianismo, morre, victima da sua estreita, mas exprobrando aquelle delicto. Esta differença é o maior panegyrico da moralidade da peça.

Aquella oração derradeira do Quaker corrobora esta asserção, quando diz: cahindo de joelhos, e fechando a peça—«No vosso seio, senhor Deus, recebei no vosso seio estes dous martyres.»

O drama é, no nosso entender, portanto, do numero d'aquelles que arrebatam quem pensa, e que os mesmos que não pensam terão vergonha de não applaudir. Um drama tal está moldado para um theatro de academicos.

J. F. de Serpa.

MEMORIA HISTORICA SOBRE A
INSTRUÇÃO PRIMARIA ENTRE NOS.

(Continuado da pag. 327.)

Methodo e objectos do ensino.

O methodo, as lições, e os compendios, tudo no ensino primario deve convergir aos dous pontos:—de inspirar aos meninos as maximas da moral, e os sentimentos da religião;—e de os habilitar pelo meio mais facil com os conhecimentos litterarios indispensaveis para os usos ordinarios da vida, qualquer que seja o destino a que se dirijam. A isto se reduzem todos os regulamentos e providencias sobre este artigo.

Por Alv. de 30 de setembro de 1770 sobre consulta da Mesa censoria tinham sido excluidos dos exercicios de leitura os processos letigiosos e sentenças, com o receio de acostumar os meninos aos enleios do foro; e foi designado para compendio de doutrina e livro classico de leitura, o Catechismo pequeno do bispo de Montpellier mandado traduzir pelo arcebispo de Evora. Ainda neste tempo o estudo da grammatica portugueza se reputava estranho ás eschololas de primeiras letras, e mais proprio das aulas de latim; cujos professores foram neste Alv. mandados ensinar a aos principiantes nos primeiros seis mezes pela arte do Lobato, que para esse fim foi então adoptada.

Depois na lei de 6 de nov. de 1772 §. 5. foram explicitamente fixados os objectos do ensino, mandando-se aos professores que ensinassem a ler e a escrever, não só trabalhando por fazer contrahir aos meninos a boa forma dos caracteres, mas tambem instruindo-os nas regras geraes da orthographia, e o que for necessario da syntaxe; e a contar, ensinando-lhes pelo menos as quatro especies de arithmetica sim-

ples; e além d'isso o Catechismo e regras da civilidade.

A Junta da Directoria desde a sua instalação trabalhou por fazer progredir o ensino primario, exigindo dos professores um sufficiente conhecimento de todos os ramos que o compõe: porém só muito depois, em 1824, publicou com o nome de *Instrucções* o regulamento geral para as eschololas, o qual foi confirmado em resolução do governo de 28 de setembro do mesmo anno. Estas instrucções não contêm mais do que o desenvolvimento dos principios indicados nas duas leis citadas, em quanto á forma porque os professores devem proceder no ensino d'elles. Do novo apenas alli se encontram algumas disposições disciplinares; entre outras o espaço das lições diarias, e os dias feriados; e a recommendação generica dos livros da historia de Portugal, e da sagrada, para uso da leitura.

A pesar d'estes esforços a instrucção progredia, mas mui lentamente, porque as providencias não eram acompanhadas dos livros elementares apropriados, os quaes neste ramo de serviço são tudo; e cuja escolha a junta da Directoria deixou ao arbitrio dos mestres. Publicaram-se, é verdade, neste período muitos impressos d'esta natureza, principalmente syllabarios e taboadas, mas sem melhoramento importante. Appareceram igualmente diferentes extractos ou edições do Catechismo de Montpellier; mas todos geralmente, ou mais carregados de theologia do que convem á pequena capacidade dos meninos, ou limitados ás simplicis formulas da doutrina, que podem sobrecarregar a memoria, mas não exercitar a attenção d'elles. Entre todas a obra d'este tempo, que nos parece mais digna de recommendação, é a publicada em Coimbra com o título de *Eschola* popular, vulgarmente attribuida ao nosso distincto litterato e vogal da Junta da Directoria — Jeronimo Soares Barbosa. O compendio de civilidade que nella se contém,

é novo, e bem composto, e o tractado de arithmetica superior a todos os outros de que então se usava.

Estado da Instrucção Primaria depois de 1834.

A propagação dos principios de liberdade politica trouxe consigo a necessidade da reforma da instrucção principalmente da popular: ninguem duvida de que o systema constitucional não pode subsistir sem a illustração do povo, e por isso todos os governos liberaes têm dado a este objecto especial cuidado.

A regencia, que durante o governo de D. Miguel se conservou na Ilha Terceira, publicou algumas providencias sobre a instrucção, que aqui não expomos por serem especiaes, e accommodadas ás circumstancias do logar e do tempo.

Depois, em 1834, o governo nomeou uma commissão preparatoria dos trabalhos necessarios sobre instrucção, os quaes não chegaram a ser publicados; porque dali a pouco em 1835 o ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães creou para o fim de a dirigir um Conselho supremo de Instrucção publica. Esta providencia era indispensavel, e de alta transcendencia: são tão connexas as relações dos differentes ramos de ensino, que não podem progredir se não forem reciprocamente coadjuvados, e se um só pensamento os não animar a todos. Era necessario pois emendar o systema antigo, pelo qual a Junta da Directoria unicamente superintendia o ensino primario e secundario: entre a Universidade, as Academias chirurgicas, e os outros estabelecimentos de instrucção superior não havia centro que os ligasse, subsistiam isolados, e apenas dependentes do Ministerio do reino. A pezar d'isto aquelle Conselho supremo não pôde continuar, por ser estabelecido em Lisboa, e por tanto indirectamente d'elle excluidos os professores da Universidade—o corpo littera-

rio do paiz, que tem em seu abono o prestigio da antiguidade e da magnificencia dos seus estabelecimentos, o credito incontestavel de grande numero de seus membros, e o conceito geral dos paes de familias.

Por occasião da revolução de setembro de 1836 foi encarregada a reforma de toda a instrucção ao Dr. José Alexandre de Campos, Lente de Direito, e Vice reitor da Universidade, cujos trabalhos foram confirmados, e constam dos 5 Decretos — de 15 e 17 de novembro, de 6 e 29 de dezembro de 1836, e 13 de janeiro de 1837. Foi nesta reforma, que a antiga divisão foi substituida pela moderna de—*Ensino primario — secundario — e superior*. Como o nosso proposito se limita ao primeiro ramo, sómente exporemos as doutrinas do Decreto de 15 de novembro, em que elle se contém.

Decreto de 15 de Novembro de 1836.

Neste Decreto acham-se recopiladas as providencias anteriormente adoptadas por lei, ou pelos estylos da Junta da Directoria, com algumas alterações exigidas pelas circumstancias, de que vamos dar breve noticia.

Para superintender o ensino primario conservou-se a Junta da Directoria com as mesmas attribuições, de que antes gozava, mas com outro nome de *Conselho Geral Director do Ensino Primario e Secundario*, o qual tinha por delegados para o cumprimento das suas ordens, os Administradores geraes, chamados depois Governadores civis, dos Districtos, e os Reitores dos Lycêos que então foram junctamente decretados. Para promover o adiantamento das eschololas, vigia-las e dirigi-las pelas Provincias, em logar dos antigos Commissarios, este Decreto recorreu ao zelo e devoção dos Cidadãos, mandando crear em cada concelho uma Commissão inspectora para este fim. Chegaram effectivamente a ser nomeadas algumas, que pouco ou nada fizeram; porque em geral entre

nós ao serviço gratuito do bem publico, quando não está ligado com a religião, e formado por antigos habitos, poucas pessoas, e podemos dizer, ninguem se presta sómente por zelo, e se alguma cousa se faz, é por satisfação e sem cuidado. Nas Provincias ultramarinas foi a direcção dos estudos encarregada a conselhos provinciaes, compostos dos professores da Capital respectiva.

Para occorrer á falta de pretendentes ás cadeiras, que então se sentia, fixou-se-lhes a idade de 21 annos em lugar dos 25 até ali exigidos. Conservaram-se os mesmos ordenados, mas accrescentou-se-lhes a gratificação de 20:000 reis pagos pelas Camaras municipaes.

Decretaram-se tambem as jubilações e aposentações com uma parte do ordenado em proporção dos annos de serviço do professor: vantagem porém que foi illudida, como já o tinha sido em 1826, pela disposição do artigo 120 do Decreto de 29 de dezembro seguinte, que a suspendeu até o anno de 1846.

Outra prerogativa se concedeu no mesmo Decreto aos professores, a qual se inculcou de grande importancia—que era a de não poderem ser demittidos, senão por sentença do poder judicial; ou de um jury de professores, quando a culpa fosse cometida no exercicio da sua profissão.

Esta medida não era outra cousa senão a confirmação por lei da inamovibilidade dos professores, que o governo em todos os tempos reconheceu. Mas para acautelar os abusos que d'ella poderiam nascer era mister formar um só corpo de toda a classe dos professores, de tal maneira organizado que as suas prerogativas communs servissem de meio de emulação e de progresso, como é a Universidade em França; e estabelecer as formalidades necessarias, para que se fizesse justiça contra o empregado indigno ou ocioso, ao que as circumstancias de então, e talvez ainda as actuaes oppõem muitas difficuldades, e

foi esta falta que tornou inexecuvel aquella medida. O ministerio do professor não se funda tanto na força do emprego, como no seu credito, e no conceito geral da sua capacidade, o qual não pôde ser sujeito ás formalidades judiciaes. O Juiz depois de muitas delongas sempre fataes para a instrucção absolve o professor por falta de prova. Mas os paes de familias, em cujo tribunal elle nem por isso foi absolvido, retiram-lhe os filhos. Abi temos este empregado oneroso ao estado, e perdido para a instrucção. É necessario pois que elle seja absolvido sim, mas por pessoas prudentes, imparciaes e desapaixonadas, e por taes accreditadas, cuja decisão se não ligue a formulas, e possa penetrar até a consciencia dos paes.

Ao tempo da publicação d'este Decreto era geralmente applaudido o methodo chamado de Lancaster, ou de ensino mutuo, principalmente usado nas eschololas de Inglaterra. As funções de professor reproduzidas e multiplicadas pelos monitores, a passagem alternativa dos meninos de aprender a ensinar os outros, e o exercicio activo e continuado, que por esta fôrma se consegue de todos os discipulos e em todas as classes durante o tempo das lições, tornam este systema mais appropriado para as eschololas numerosas do que o methodo simultaneo; principalmente para o ensino das disciplinas que dependem mais do habito mechanic, e automatico dos meninos; do que d'aquellas que exigem grande variedade e reflexão nas respostas, como a grammatica, a historia, a geographia &c.

Já em 1826 tinha sido aberta em Lisboa uma eschola por este methodo, que foi pouco depois adoptado tambem na casa pia. No Porto abriu-se outra em 1834. Em 1835 foi publicado o Directorio geral para estas eschololas, e confirmado por Decreto de 31 de outubro; e tanto se quiz então generaliza-lo, que foram convidados com partidos alumnos mestres, que o viessem aprender.

O Decreto de 15 de novembro seguiu esta tendencia. Creou uma escola por este methodo em todas as capitães dos districtos: consignou aos professores d'ellas o ordenado de 200\$000 reis, concedeu-lhe um ajudante; e mandou inserir no orçamento uma verba para a conservação de casa, e mais material da escola: prometendo até um augmento de ordenado aos outros professores que o introduzissem.

Effectivamente abrimos-se estas escolas nas cabeças dos districtos do continente, á excepção de Aveiro, Guarda, e Leiria: e, ou seja pela novidade, ou pela excellencia do methodo, todas têm prosperado sensivelmente. Em 1844 apesar de não serem então exactamente assistidas com os subsidios do thesouro, 15 escolas por este methodo foram frequentadas por 2:235 alumnos.

(Continúa.)

••

SYSTEMA PENITENCIARIO.

Srs. Redactores.

Depois de pagar a VV. o tributo da minha sincera gratidão pelas obsequiosas expressões, com que se dignaram de honrar o meu mal ordenado artigo sobre o systema penitenciario; peço licença para apontar duas equivações que me parece notar nos reparos que VV. se serviram de fazer ao dicto artigo: e a que provavelmente dei motivo pela pouca clareza do meu estylo demasiadamente conciso.

Observam VV. que tendo as penitenciarías já estabelecidas conseguido que alguns criminosos saiam d'alli completamente emendados, é porque, para esses, os meios adoptados são sufficientes. Donde VV. concluem: que para taes criminosos não haverá necessidade de sujeita-los a todos os tramites por mim propostos.

Todo este raciocinio me faz ver que

VV. inferiram ser minha opinião que todos os criminosos entrados nas casas de correcção devem seguir os mesmos tramites para se tentar a sua emenda: e que o meu systema rejeita alguma das practias usadas nas penitenciarías: e que, sendo alli proficinas, só deixariam de se-lo no meu systema.

Eu persuadia-me que do contexto do meu artigo e dos pormenores dos outros meus escriptos a que me referia, por não entrar em inuteis e prolixas repetições, era manifesto que, bem longo de sujeitar todos os presos a seguirem os mesmos tramites, eu condemnava essa practica actualmente adoptada em todas as penitenciarías; pois em todas se observa uma mesma e invariavel marcha para os mais pervertidos, como para os menos culpados: e entretanto que no meu systema se offerce a estes a certeza moral de que attenta a sua facil emenda, mais brevemente passarão a gozar da plenitude dos seus direitos nos presidios, aonde têm de ser transferidos; no systema actual obrigam-se a preencherem alli o tempo marcado na sentença.

Talvez é a mente de VV. que esta sorte de criminosos não sejam obrigados a passar aos presidios penaes; mas voltem da prisão para o seio da sociedade.

Eu julgava ter prevenido esta excepção, quando no meu artigo fiz observar que duas mui ponderosas razões se oppunham áquelle immediato regresso: 1.^a não ter a sociedade nenhuma obrigação de acreditar na infallibilidade nem na sinceridade das pessoas que houverem qualificado esses presos de levemente pervertidos na epocha em que commetteram o crime: e de completamente emendados no momento em que por compaixão, por empenhos ou por outros motivos lhes dão a liberdade.

A segunda razão é que *de facto*, ninguém pode querer no scio da sua familia, como criado, ou empregar sem uma visivel desconfiança na sua officina um homem apenas sahido de uma casa de

correcção de criminosos, e portanto é forçoso que este infeliz se lance de novo nos braços de quem unicamente o acolhe e convida.

Daqui concluo que o meu systema não obrigando os levemente pervertidos a seguir na casa de correcção os mesmos tramites, que os endurecidos no crime; encontram alli melhor tractamento curativo do que no absurdo mutismo, e na inflexivel regra do trabalho incessante das actuaes penitenciarias: sem desenvolvimento da intelligencia, nem purificação de instincto moral, como o que a todos offerecem os meios apontados no meu systema.

Esses levemente criminosos que VV. referindo-se ás estadisticas das penitenciarias consideram como *emendados* não são, senão sinceramente *contritos e intimidados*. Mas não adquiriram mais luzes, não adquiriram mais elevação de sentimentos; não adquiriram qualidades que os habilitem a entrar em melhores companhias do que as que antes frequentavam: e, por consequente ou hão-de fugir de toda a sociedade, ou hão-de voltar ás mesmas, em que outr'ora succumbiram. Já se vê que a primeira d'estas alternativas raras vezes terá logar, porque o homem é, em regra, sociavel: os misantropos são, felizmente, monstruosas excepções.

Encontram pois nas casas de correcção organisadas segundo o meu systema, não só arrependimento e intimação, como nas penitenciarias actuaes, mas esclarecimento e moralisação, tanto os levemente pervertidos como os mais perversos criminosos. Mas tanto uns, como os outros devem passar pela prova dos presidios penaes, até que a antiga sociedade, recobrada a perdida confiança, lhe abra as portas da patria: para o que ninguém tem auctoridade.

Eu comparei o juiz ao medico que sendo consultado por um enfermo, e conhecendo ser grave a molestia o manda recolher ao hospital. Creio que o paralelo quadra em todos os pontos: e

assim como na doença physica seria incongruente que o medico consultado, governando-se pelo que deprehende do estado actual do enfermo lhe prescrevesse o tractamento que o assistente tem de lhe ordenar durante a sua estada no hospital: igualmente o seria que o juiz prescreva na sentença o regimen a que o réu deve ser sujeito. Pode e deve, como o medico consultado, fornecer ao Director, todos os dados que tiver para elle se governar em todo o decurso do curativo; mas só a marcha d'este é que pôde mostrar o que cumpre fazer, na successão dos tempos.

VV. avaliarão estas explicações, que têm por fim evitar, que no caso de irem avante as annunciadas propostas, se não caia, pelo fatal systema de se imitar o que se pratica n'outros paizes, só porque ali se pratica, se não caia em custosas e erradas construcções, que depois se conservam, apezar de se lhes reconhecerem os inconvenientes, porque fallece coragem para desperdiçar essa despeza: ou faltam os meios de fazer outras de novo.

Taes são os motivos que me obrigam a repizar as mesmas doutrinas: e mesmo a propor como propuz nos Projectos que citei no meu artigo, um plano de casas de correcção, que na realidade estão ainda longe de satisfazer a todas as condições do problema; mas offerecem uma grande approssimação; e não só não tornam impossivel, mas facilitam ultteriores melhoramentos.

De VV. &c.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

Quando dissemos que para alguns criminosos não haveria necessidade de sujeita-los a todos os tramites propostos pelo Sr. Silvestre Pinheiro, referimo-nos não aos criminosos de profissão, mas áquelles que circumstancias especiaes fizeram entrar na carreira do

crime, e da qual nos parece que muitas vezes será possível affastá-los para sempre sem o emprego de todos os meios que no systema do Sr. Silvestre Pinheiro se exigem; não tinhamos então em vista o modo porque esses meios deviam ser empregados, mas sim que algumas vezes se poderia prescindir d'algum d'elles, assim como que para se conhecer a emenda dos presos nem sempre seria necessario recorrer á prova no presidio penal. São estes os pontos em que discordamos da opinião de S. Ex.^a

Reconhecemos os defeitos das casas penitenciarias como se acham estabelecidas, mas não podemos duvidar d'alguns bons resultados que por ellas se tem conseguido. Escriptores fidedignos nos attestam que alguns criminosos voltando d'aquellas casas para a sociedade têm vivido como bons cidadãos; são factos que se não podem negar, é preciso explica-los: o Sr. Silvestre Pinheiro quer que estes que se dizem emendados não sejam mais que sinceramente contritos e intimidados, mas não vemos razão para deixar de admitir a possibilidade de completa emenda em crimes mais leves; e se examinando-se as circumstancias peculiares de certo criminoso, se conhecer que elle poderá emendar-se sem passar pelos meios mais fortes, para que se hão-de empregar? pois assim como ha grãos nos crimes, não os deve tambem haver nos meios de correcção? — Deve; e o Sr. Silvestre Pinheiro concorda nesta verdade condemnando a practica de se observar nas penitenciarias uma *mesma e invariavel marcha para os mais pervertidos como para os menos culpados*; e se isto é exacto em quanto ao modo no emprego dos meios correctivos, parece que tambem o é em quanto á natureza d'esses mesmos meios, isto é, que se não deve exigir uma mesma e invariavel marcha em quanto á escala dos meios empregados; S. Ex.^a quer que a todos os criminosos se dê uma occupação superior á que d'antes exerciam, para

que sáiam da prisão habilitados a entrar em melhores companhias do que as que antes frequentavam; mas não vemos a necessidade de empregar este meio quando o crime commettido nem tiver relação com o emprego do individuo, nem tiver sido o resultado das companhias por elle frequentadas. Foi isto que quizemos significar quando, a pag. 245 nota (4), tratando de explicar o sentido em que diziamos que o juiz prescreveria na sentença o regimen a que o criminoso seria sujeito, dissemos que o juiz determinaria se se devia ou não ensinar ao preso uma arte ou officio differente d'aquelle em que antes se occupava &c; porque estamos persuadidos que se ha-de conseguir a emenda d'alguns criminosos sem a demora no apprendizado d'uma arte, quando a que antes exercia o preso não tenha sido a causa dos seus crimes. Era tambem nossa intenção comprehender alli — que o juiz julgaria se havia ou não motivos sufficientes para se dispensar a prova da emenda nos presídios penaes; por quanto se reconhecemos que a sociedade tem direito a exigir uma prova de emenda da parte d'aquelle que uma vez foi criminoso para que o possa readmitir em seu seio, tambem nos parece que a sociedade não deve exigir de presos de differente criminalidade provas igualmente fortes; e será necessario que todos os criminosos passem pela prova dos presídios penaes? — Entendemos que não: quando o crime proveiu de circumstancias taes que não seja de presumir que se repitam, quando pela vida do accusado e do acto do crime se tiver conhecido que elle não é dotado d'uma perversidade difficil de corrigir, e quando finalmente pelo seu comportamento na penitenciaria se tiver conhecido que elle está emendado, desterra-lo para um presidio penal é já exceder o fim da pena; é uma barbaridade.

Os motivos que o Sr. Silvestre Pinheiro apresenta para que em nenhum

caso devam os presos voltar da penitenciaria immediatamente para a sociedade, não nos convencem, porque se a sociedade, que sem duvida não tem obrigação de acreditar na infalibilidade ou sinceridade de ninguém, mas que deve ser logica no seu raciocinio, a sociedade dizemos, se não quizer dar credito algum a pessoas que devem merecer a sua confiança, tambem não pôde ter a menor certeza nas noticias que receber dos presidios penaes, sendo possível que muitas vezes taes noticias sejam de proposito forjadas para a illudir, e a sociedade abrir os braços a um perverso hypocrita, julgando receber um contrito e emendado. A desconfiança que existe sempre contra um homem que sai d'uma casa de correccão, é a mesma que se dá contra o que vem do presidio penal, se este ultimo foi réu de maior crime que o primeiro: por consequencia o que importa é que o criminoso venha effectivamente emendado, e a necessidade em que elle se vê de pelos seus actos provar a sua emenda, fará com que em pouco tempo desvaneça as suspeitas que contra elle possa haver.

O paralelo do medico *quadra completamente em todos os pontos*, e d'ahi mesmo tiramos as duas consequencias, que temos pretendido provar: é sem duvida que o medico não segue um tractamento para todas as molestias, nem sempre emprega o mesmo tractamento para a mesma doença quando affecta individuos de diversa natureza, ou quando a mesma doença é o resultado de causas differentes: mas igualmente é certo que nenhum medico tem uma escala graduada de differentes ordens de medicamentos, e que não dê por curado doente algum sem ter percorrido toda a escala; tambem nenhum medico emprega as mesmas precauções com o convalescente de uma molestia em que não é de esperar recalhida, como naquella em que deve ser receiada.

Assim entendemos nós que se é possível emendar um criminoso sem em-

pregar o meio mais forte, mais difficil, e mais moroso, de lhe dar uma posição social superior á que antes tinha, se é possível conhecer a sua emenda sem a prova do presidio penal; escusado é empregar estes meios, conservando este homem por mais tempo longe da sua familia, e privando a sociedade dos seus serviços, que já como cidadão probó lh'os podia prestar exercendo a sua antiga profissão.

São estas as razões que nos levam a discrepar, nestes dous pontos, da opinião do Sr. Silvestre Pinheiro, a quem muito respeitamos; e é com toda a submissão que aqui pomos estas observações que nos occorrem a favor da opinião que já emittimos.

R.-L.

A ARTELHARIA EM HESPAHIA E PORTUGAL.

(Leves considerações sobre o artigo publicado a pag. 301 d'este jornal.)

Do excellente artigo, que se lê a pag. 301 na Revista Academica, qualquer leitor, ainda o mais prevenido, ficará desenganado, de que a Artelharia, qual nós hoje a conhecemos, não data certamente do tempo do conde Henrique, ou principios do seculo XII, e, além das provas alli produzidas, lembro-me, que o Camões, escrevendo no seculo XVI, ainda lhe chama:

— Aquellas invenções feras, e novas; — (1) pois que dando-se todo o desconto, que se queira, a alguma exaggeração naquelle epitheto, nunca ella pôde ser tal, que auctorise a antiguidade, que lhe suppõe o Sr. Freire, enlevado, (sem duvida), na boa vontade de nos dar até nisso a primazia sobre outras nações. Entretanto, se o patriotismo é digno de louvor; a verdade ainda

(1) Camões Lusiadas, canto 7.º; estancia 12.

o é mais: e bem haja o Censor, que com tanta urbanidade, como conhecimento de causa, desfez o prestigio, e reduziu ás suas justas dimensões a antiguidade da artelheria em Portugal.

Agora, pelo que respeita á antiguidade da polvora, parecia, que os auctores se copiavam uns aos outros, attribuindo a descoberta da sua composição a Roger Bacon (2), (bem que elle mesmo se não dá por auctor de tal invento); e d'este preconceito não se eximiu o proprio Darwin no seu poema dos Jardins (3), mas é notavel, que, em opposição a uma tal doutrina, vogava uma tradição confusa, e da qual ninguem explorava a origem, fazendo acreditar, que quando os nossos atrevidos navegadores abordaram pela primeira vez á China, já alli encontraram a bussola, a typographia, e a polvora!

Parece-me com tudo, que o digno auctor do artigo da Revista fez demasiada honra ao Dr. Fred. Hoefler; ou que este se illudiu a si proprio, suppondo-se o Colombo, ou Gama da descoberta das copias da obra de *Marcus Græcus*; porque Mr. Dutens já refere em 1776, (e note-se, que é a data da 2.^a edição da sua obra), como tivera na sua mão uma copia do celebre *Liber ignium* de *Marcus Græcus*, a qual lhe fora confiada pelo Dr. Jebb, editor de Roger Bacon, que a extrahiu de um manuscrito pertencente ao Dr. Mead. E aproveitou este incidente para dizer, que comparando os dous respectivos logares da Revista, e de Mr. Dutens, encontro duas differenças, que não será inutil apontar. A primeira é, que Mr. Dutens chama — Mesué — ao medico arabe, ao qual a Revista chama — Misué — (o que pôde provir de erro typographico em qualquer dos dous) (*):

(2) Bacon viveu na segunda metade do seculo XIII. Veja-se Fred. Laup nos seus mappas synchronisticos; mappa 16.

(3) Darwin, poema dos jardins, traducção de Nolasco da Cunha, canto 1.^o; verso 319.

(*) Que foi erro typographico se vê da Errata a pag. 320. (*Da Redacç.*)

e a segunda é, dizer a Revista, que este Mesué viveu no seculo XI; quando Mr. Dutens diz, que elle vivêra no anno de 800; e portanto, nos principios do seculo 9.^o! Mas como a Revista se serviu de letras romanas para designar aquella epocha, e nessas letras a unidade, escripta antes, ou depois do X, pôde significar ou 9, ou 11, é tambem possível, que um compositor confundisse, ou trocasse a verdadeira collocação, situando a unidade depois do X, em vez de a figurar antes.

Vejamus agora, se descortinamos o fundamento d'aquella tradição confusa, de que ha pouco fallei, e na qual todos fomos (por assim o dizer) embalados; mas começo desde já por declarar, que a expressão — *descortinar* — me escapou, em vez da palavra — *justificar* —; visto que o pequeno raciocinio, que vou fazer, está ao alcance de todos os leitores, entre os quaes apenas haverá algum, que o não tenha feito ha muito. A tradição referia, que os primeiros portuguezes, que abordaram á China, já lá encontraram a bussola, a typographia, e a polvora. Os primeiros viajantes entrados na China, e de que a historia da geographia faz menção, são dous musulmanos, que alli chegarant no seculo IX; e dos quaes Walchnaer cita a relação da viagem (4); e Malte-Brun, os proprios nomes dos dous viajantes (5). Por outra parte dando como certo, que *Mesué* viveu nos principios desse seculo IX; e que elle cita na sua obra (6) o *Liber ignium* de *Marcus Græcus*; segue-se que este viveu no seculo VIII: (e o auctor do artigo da Revista, a que alludimos, alli deixa provado, que elle foi posterior ao seculo VII) se pois a composição da polvora data do seculo VIII, e ao seu auctor se refere no seculo IX o medico *Mesué*, se neste mesmo seculo os dous viajantes

(4) Walchnaer, *Cosmologia*, pag. 245.

(5) Malte-Brun, *resumo geograph.* tom. 1.^o, pag. 360.

(6) *Juan. Mesuæ Medica; in fol. Venetæ 1581.*

arabes abordaram á China, justificada está a tradição, de que quando os nossos alli chegaram, já lá encontraram a polvora; visto que Fernão Peres de Andrade chegando alli sómente na primeira metade do seculo XVI; não eram passados menos de septe seculos, que a polvora podia ser conhecida, e usada na China.

Pelo que respeita á bussola, e á typographyia, seria curioso o achar uma igual explicação á tradição; bem que a chronologia citando a invenção da primeira entre os annos de 1200 a 1210, dá-se a mesma razão, para ter sido encontrada na China em 1517. Entretanto Aristoteles no seu livro — *de Lapidibus* — citado por Alberto Magno, falla de um lado do Magnète que da parte do norte atrahê o ferro; e accrescenta — *Et hoc utuntur Nautæ* —. Se é pois verdadeira esta citação, a que distancia não será preciso retroceder, para encontrar a data d'esta invenção! Digamos com Volney — *a antiguidade é tenebrosa* . . .

A. J. M. C.

O FIDALGO E O POETA.

(Continuado da pag. 286.)

Que confuso tropel, que tumulto de vozes vai agora em casa de Duarte G! . .

Tende paciência, leitores benevolos; perdoae-me vós, ó graves e respeitaveis discipulos do grande Aristoteles, se assim desacato os preceitos do vosso mestre; mas não ha remedio . . . mudamos novamente de scena.

Vamos outra vez até a sala do nosso fidalgo, onde já estivemos no começo d'esta historia, como de certo vos lembra ainda, e alli veremos reunidos todos esses vadios e mal-encaminhados estudantes, que eram a perdição de quantos se mettiam a acompanhar com elles.

Vamos lá.

É á bocca da noite; o céu, que de manhã estivera tão lindo, turvou-se de nuvens cinzentas, um vento frio e agudo assobia pelas figas da mal-segura janella, e faz ondear a luz, que está sobre a banca, em redor da qual, uns em pé, outros sentados, se apinham estes desenfreados mancebos.

O caso é urgente e sério. Cada-qual dá a sua sentença . . . e nenhuma agrada por fim!

Duarte G. não sabe a qual ha-de achar mais razão. Pasmado, suspenso . . . com o rosto acceso de cólera intenta desafrontar-se, precisa desafrontar-se da vergonha, que passára na aula, e olha como varado, ora para os seus amigos, ora para Manoel-Braz.

Porém o laçao não falla . . . não quer fallar: e os estudantes fallam todos á uma. Era como quem estivesse na torre de Babel. Ninguém se entendia. Fallam todos á uma e do tal modo, que o curioso que deixou escriptas *estas memorias*, que como se pôde ver não era *tachigrapho*, descuidou-se de citar os *personagens* para lhes aproveitar os *dictos* sómente.

Ora pois. Diziam elles, os taes senhores:

— Assim me Deus salve a minh'alma, como se isto sôra comigo . . . havia-me de despiciar, isso havia.

— É como nobre e fidalgo.

— E por modo que lhes ficasse de emenda.

— A elle e mais a todos os . . .

— Mas a elle, quem? . .

— Forte pergunta! ora a quem ha-de ser?

— Ao cabreiro; não sabes? . .

— Ah!

— Ao cabreiro, está visto, áquelle maldicto cabeça-baixa . . .

— E sonso, que parece que nem matava uma mosca sequer . . .

— Pois olhae que foi o culpado de tudo.

— Foi, foi.

— Oh! se foi!

— Ah! donato, donato, que me havias de cahir nas unhas!..

— Ou a mim, que eu te ensinaria.

— Foi o culpado de tudo, o cão!

— E não vo-lo disse eu logo hontem, á noite?

— É mais eu.

— Ensinou-lhe a lição toda errada!..

— Se ó que elle queria era fazer envergonhar a Duarte.

— Para ficar depois todo inchado com o triumpho.

— É verdade.

— É; que até estava a olhar para o padre-mestre, a olhar como quem diz: chamae-me, chamae-me que então vereis.

— Tal e qual.

— É verdade.

— Nada, nada: isto não ha-de ficar assim.

— Nada; é preciso que se lhe dê agora a sua lição, tambem.

— Vá!

— Vá!

— Vá!

— E como ha-de ser?

Houve aqui um momento de silencio; em quanto que naquellas imaginações ardentes borbulhavam e se figuravam os mais barbaros tormentos, mais crus e requintados talvez do que esses que *Salucio* e *Gallonio* nos referiram.

Até que em fim... um certo fedelho que era tido e havido pelo mais esforçado campeão dos ranchos da academia, bateu as palmas para pedir attenção, impando de enthusiasmo como um

Ganso enlameado

Dos outeiros de Chélas ou Sanct'anna.

Subiu a cima d'um tamborete, e tomou a mão:

— Senhores! este cabreiro se com a lingua fez o mal com a lingua o deve pagar, cortemo-lh'a cêrcea pela gorja e levemo-la ao *Cirilho*, que no-la faça guizada ou de verde.

E desatou a rir como um perdido.

A illustre assemblêa ficou perplexa.

— Pois eu digo... — acudiu outro, depois — digo que antes lh'a pinguemos com tocinho, como se fôra a um escravo.

— Ou então... desafia-lo — sahii d'alli um pivete todo adamado — eu parece-me... desafia-lo era melhor... é como agora se usa na França...

(Note bem: já nesse tempo tinhamos o geito de macaquear os estrangeiros)

— Ora adens, deixae a França e mais as suas modas, deixae, — respondeu com rosto severo um mocetão da borda-d'agua, alentado como o seu gado e gordo como as suas letras — a verdadeira moda é cá a da nossa terra. Arrocho e mais arrocho!

Era nacionalissimo o alvitro.

Romperam todos n'uma exclamação profundamente conscienciosa, que não sei traduzir na moderna linguagem senão pelo tão elegante e parlamentar *APPOIADO!*

Até Duarte G. se erguen a sorrir com um sorriso historico de raiva e impaciencia.

Até o lacaio... oh! esse!...

Ah! Manoel-Braz, Manoel-Braz! bem podes arregaçar as mangas da camisa, e aprumar o teu cajado de lodam, que agora vais tu ser um homem, que agora vais mostrar o que vales!

Já se armam e aparelham todos. É nma alcateia de lobos, que vai combater... com um cordeiro!

Já descem a empinada escada com precipitosos passos, misturando pragas e ameaças com o bramido da tempestade, que se desenfruiu de repente como para dar um colorido mais negro áquella scena de horror, que veiu como essas que os *Hugos* e os *Dumas* evocam em certas situações de angustia dramatica, ou para entalarem o coração da gente sensivel, até lhes arranear lagrimas de sangue, ou para armar aos aplausos da platêa, que, por mais que se diga, gostou, gosta, e ha-de gostar sempre d'isso.

Mas a tormenta rugia, e os estudan-

tes capitaneados por Manoel-Braz des-
cem n'uma longa fileira, semelhantes
aos phantasmas de que falla o *Dante*
nestes bellissimos versos:

E come i gru van cantando lor lai,
Facendo in aer di se lunga riga,
Cosi vid'io venir traendo guai
Ombre portate d'alla detta riga.

Desceram, chegaram á porta de Pe-
dro Mendes... aballaram-na... arom-
baram-na!....

(Continúa.)

Pereira da Cunha.

AS TREVAS.

(De Byron.)

Tive um sonho, que em tudo não foi sonho.
Não brilhava no céu, tinha apagado
Seu facho luminoso o rei dos astros;
Dondejavam perdidas as estrellas
Cortando sem fulgor, sem rumo o espaço,
Onde a terra gelada negrejava
Sem ter lua que a senda lhe amostrasse;
Despontava a manhã, durava iustantes,
E rompia outra vez sem vir o dia!

Negro manto d'horror cobria o mundo,
Congelando as paixões que os homens nutrem;
Implorava cada um em prece egoista
O regresso da luz que almejam todos;
Apinhavam-se em torno das fogueiras
Onde os paços dos reis, do pobre os colmos,
Accendiam de balde, procurando
Da noite afugentar teimosas sombras.

Mas ardem já por fim villas, cidades
Que o incendio voraz aniquilava;
Ao clarão das chammas dos seus tectos
Os homens reunidos querem ver-se;
Só ditoso se julga o que allumia
Funerea tocha de volcão fremente!

Restava apenas duvidosa esperança
Que adoçava do mundo as agonias:
Aos bosques o incendio vai lançar-se,
As chammas nas florestas já crepitam.
Mas é tudo baldado! dentro em pouco

Tudo em cinza se faz; caíndo os troncos
Com immenso fragor, depois se apagam,
Derramando na queda estranho brilho
Que d'estranha expressão mil rostos córa.
Um chora, esconde a face, outro se prostra,
Qual cruza os braços, qual intenta rir-se;
Correm outros em busca d'alimento
Que as pyras funeraes nutrir lhes possa;
Qual levanta p'ra o céu — vasta mortalha
Em que o espectro do mundo se envolvia —
Os olhos supplicantes, mas de balde
Que só trevas descobrem — qual arrasta
A fronte pelo chão, rangendo os dentes,
De mil imprecações cortando os ares!

As aves pelo espaço doidas giram
Aqui, além batendo inuteis azas;
As feras sanguinosas vagam timidas
Como innocentes, candidos cordeiros;
Das venenosas farpas esquecidas
Entre os homens as viboras sibilam
E servem d'alimento. A guerra surge;
O sustento com sangue só se compra;
Lá devora cada um sósinho a preza!

Fugiu da terra amor; só nella impera
Pensamento fatal de prompta morte;
Não havia no mundo entranhas d'homem
Que o abutre da fome não roesse;
Não tinham sepultura, os que morriam
Eram pasto dos vivos... uns aos outros
Mesmo ás bordas da campa se tragavam.
Os proprios cães seus donos investiam,
Todos, apenas um fiel persiste,
Defendendo seus restos contra as aves
Contra as feras, e homens esfaimados;
Não buscava alimento, só gemidos
Só profundos soluços arrancava;
Morreu beijando a mão que enregelada
Não paga, como outr'ora, os seus carinhos.

Tudo á fome succumbe, apenas restam
D'uma grande cidade, ambos contrarios,
Dous habitantes só; juncto das cinzas
Inda quentes d'uma ara os dous se encontram;
Revolvem-nas co' as dextras já mirradas
E vacillante luz co'um sopro arrancam;
Ao pallido clarão então contemplam
O satânico horror dos rostos d'ambos;

O susto os fulminou, junctos morreram
 Não sabendo nenhum qual fosse o misero
 Que em feio espectro convertera a fome.

Tornou-se desd' então o mundo um ermo;
 As cidades, os campos mais formosos
 Sem verdura, sem vida, eram apenas
 Inerte chaos, do pavor morada.
 As ribeiras, os lagos, o oceano
 Dormiam longo somno, immoveis, mudos!
 Sem nautas divagavam mil navios
 Cujos mastros caíndo não ergulam
 Uma vaga sequer — parecem todas
 Em profundo sepulchro asferrolhadas —
 A lua, que as regia, não alveja;
 Os ventos buliçosos nem respiram;
 As nuvens, de que as trevas não carecem
 Porque trevas é tudo, não existem.

A. Lima.

HISTORIA DE PORTUGAL.

POR

A. Herculano

TOMO I.

Possnidos do sentimento nacional, e incitados pelo credito do Auctor, lemos com avidez e interesse esta primeira amostra da nova Historia de Portugal que o Sr. Herculano nos tem prometido. A nossa expectação não ficou illudida. O distincto litterato, senhor do gosto do seculo actual, com a mesma facilidade com que antes tomava o pincel de Walter-Scott para nos descrever os costumes antigos em quadro romanesco e dramatico, o qual (quem sabe) talvez para o futuro passará por historia exacta; com a mesma lança agora mão da penna de Thiers para no-los narrar, sem poesia, mas com critica e magestade.

A primeira parte d'este volume contém uma succinta introduccão sobre o estado do paiz ao tempo da fundação da Monarchia. O novo Historiador abandonando a practica e opinião corrente, não quiz nesta indagação remontar além da

invasão dos Arabes: não consente que a nossa arvore de geração suba acima do seculo VIII: no seu entender os Lusitanos não são nossos avós. Offenderiamos de certo o Sr. Herculano se o applaudissemos por ter ridiculisado os sonhos de Fr. Bernardo de Brito: não sustentamos mesmo que a ascendencia dos vencedores de Manilio e Scipião não seja um resto de vaidade da nação; e que a historia dos Lusitanos não forme uma excrescencia inutil na historia de Portugal; *nec gemino bellum Trojanum orditur ab ovo.*

Mas se podessemos, não deixariamos correr á revelia a causa de Andre de Resende. Esses povos que com certeza habitavam antigamente uma parte ao menos do paiz em que vivemos, seriam de tal maneira exterminados, que d'elles não ficasse descendencia? Não será antes crível, que apesar das repetidas invasões de estrangeiros, sempre os indigenas, livres ou escravos, escapassem pelas serras e lugarejos para transmittirem aos seculos futuros o seu sangue, e talvez os seus costumes, muito embora mesclados? Não se encontram em muitas inscrições as tribus indigenas mencionadas em separado das gnarnições romanas? Isto em quanto á verdade; e pelo que pertence ao interesse historico, acreditamos que o filho de Evora lerá com mais gosto as nobrezas da sua terra natal no tempo de Sertorio, do que as sanguinarias intrigas da corte de Cordova, ou as dissensões dos Ommyades, e dos Edrisitas.

Na segunda parte segue-se a historia desde o casamento do conde D. Henrique até a morte de D. Affonso Henriques, limitada aos acontecimentos militares e politica externa; porque o estado interno da nação fica, segundo o methodo do Auctor, reservado para outro livro. Acham-se aqui os factos d'esta época postos em toda a sua luz, mas sacudidos do ouropel, que a credulidade e o mal entendido zelo da patria por

muito tempo nelles admirou. O leitor descobre os personagens em todas as suas proporções, e encontra seguido o fio dos acontecimentos sem interrupção, e sempre com interesse e gloria da Gente Portuguesa. Acresce uma locução classica, mas sem affectação, e um modo de dizer facil, elegante, e ás vezes florido.

Oxalá que o Sr. Herculano possa levar ao cabo esta obra: não teremos neste objecto que invejar aos estrangeiros.

NOÇÕES DE PHILOSOPHIA.

Depois do termos recebido a carta, que acima deixamos transcripta do Sr. Silvestre Pinheiro, recebemos outra em que referindo-se á nota da pag. 318 nos diz o seguinte:

Tenho de rogar a VV. o obsequio de fazerem declarar: — Que as minhas *Noções* são, no meu entender, um compendio de Logica e Metaphysica, comprehendendo a Theologia natural, cujas doutrinas se acham disseminadas pelas tres partes: Ontologia, Psychologia, e Ideologia; compendio sem duvida muito imperfeito, e em que muito haverá que emendar, mas *completo* porque encerra todos os pontos elementares d'aquellas sciencias. Quanto a não se ter julgado conveniente adopta-lo para uso das aulas, tão longe estou de o estranhar que até o havia previsto na Advertencia ás *Noções*: bem como tinha achado muito natural que na escolha de um compendio de Direito Publico, se preferisse ao que eu publicára em 1831 o de Macarel ou qualquer outro. No acto de publicar esses differentes escriptos, que ha quinze annos a esta parte tenho dado á luz, repeti muitas vezes aos meus amigos aquellas memoraveis palavras de Kepler: *J'écris mon livre: il sera lu par l'âge présent ou par la postérité* — Que m'importe?

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

CADÊA ACADEMICA.

Se exceptuarmos as cadêas de Lisboa e Porto, podemos dizer que as de mais jazem para ahí ao desamparo, e em tal hediondez e insalubridade que quem as visitar não deve esquecer-se do frasco de vinagre do inglez *John Howard*!

É magoa que, assim neste como em outros objectos de interesse publico, se pense que Portugal se compõe sómente das suas duas principaes cidades; parece que os outros pontos do reino estão fóra da communhão portugueza; parece que aquellas duas filhas mimosas, consumindo tudo nas sua joias e arrebiques, cuidam que o patrimonio commum só a ellas pertence!

Pois se vissem como suas irmãs padecem a muitos respeitos, talvez se envergonhassem das suas ruas à *Mac-Adam*, dos seus passeios de gradarias, dos seus theatros soberbos!

Nas Provicias o aspecto do paiz é inteiramente diverso do que devia e podia ser, se não fóra tão minguido o circulo dos melhoramentos physicos e moraes; nas cadens, sobre tudo, o desleixo tem sido completo: — ha logares, onde a prisão é impossivel por falta de casa; ha outros, em que essa casa é uma morte lenta, excedendo assim o fim da pena; em quasi todos, os presos são empilhados como fardos sem a menor classificação de moralidades; em todos, as casas de detenção são outras tantas escolas de vicios, e a fonte, e o centro dos crimes que cá fóra se praticam!

Mas não nos propuzemos, por agora, a examinar, e comprovar estes factos, a obrigação que hoje nos impuzemos foi a de chamar a attenção da auctoridade competente sobre a cadêa do Aljube, como cadea de academicos; — falseariamos uma parte essencial da nossa missão se o não fizessemos, desmentiríamos o titulo e om que tanto nos honramos, e que tim bramos de trazer puro, e imparcial na nossa bandeira.

A casa, que na cadeia do Aljube está destinada para os estudantes, não seria propria nem para criminosos de maior gravidade, nem para homens de mui diversa educação; — duas janellas de grades senistras, que deixam passar á vontade pelas portas crivadas de fendas as injurias do tempo, quatro paredes immundas, um tecto alumado, e de barrotes descarnuados, um solho carcomido, a vizinhança d'uma latrina, eisahi a cadeia dos estudantes!

E todavia não é isto o que a lei quer; o decreto de vinte e cinco de novembro de 1839, que é ainda hoje o regulamento de policia academica, diz assim no Titulo 5.º art. 23 — «Haverá dentro da Universidade uma casa destinada pelo Reitor para detenção das pessoas academicas, que forem presas.

«— Em quanto não estiver prompta servirá para o mesmo effeito uma casa decente na cadeia do Aljube, posta á disposição do Reitor, cujas ordens serão exactamente cumpridas pelo respectivo carcereiro.

Rogamos que se vá ver aquella casa, que se mande, ao menos, examinar por olhos que vejam, e, se nos disserem depois que é *decente*, declarámos desde já que não sabemos o que é uma casa *indecentissima*.

Se os academicos são um corpo excepcional, se muitas das garantias que cabem aos de mais cidadãos estão para elles interrompidas durante o tempo dos estudos, esta mesma posição desfavoravel deve dar-lhes alguns privilegios em compensação; a lei que os tornou excentricos não podia esquecer que era preciso crear-lhes em tudo uma esphera sua, e differente da esphera commum; é o que bem se vê no citado decreto de 1839 quando quer que *dentro da Universidade* haja uma casa destinada para a detenção das pessoas academicas; — a casa, que supprir esta, em quanto ella não existe, deve de ser afe-rida pela mesma exclusão legal, e de-

cente, em todo o caso, porque é uma disposição expressa.

Além d'isto, a educação moral tambem entra no numero dos beneficios que o estudante carece de colher na Universidade, e a educação moral corrompe-se dentro d'uma casa como a cadeia do Aljube; o estudante alli dentro sente-se degradado da sua nobre posição, desapparende se já apprendeu, e não apprende nenhuma moral.

Se porém a tudo isto juntarmos o erro de os encerrar promiscuamente com presos politicos, e até com acusados de roubo que havemos de dizer? Não ha muito ainda que este erro se commettiu, não só contra todos os principios criminaes, não só contra o privilegio que a lei lhes concede, não só contra a educação que sempre se suppõe em academicos, não só contra a dignidade que se lhes deve conservar, mas sobre tudo contra a obrigação implicita de os não expor á corrupção, de lhes formar, dirigir, e conservar os costumes.

Encurralaram-se mais de dez estudantes em um quarto já occupado por outro preso não academico, e d'ahi resultou que alguns de lá sahiram com a saúde deteriorada, e ainda hoje padecem as consequencias d'este tractamento que não pudera deixar de maguar-nos como a homens, quando não como a irmãos e companheiros de estudos.

Não ousamos crêr que a auctoridade academica seja sabedora do estado dos perigos da cadeia do Aljube, é de certo contra a sua vontade, é de certo porque o não sabe que tudo isto acontece; mas nós aqui vimos delatar-lhe os factos como nos cumpre, moralisalos como é proprio da missão de escriptores, vimos lembrar que são passados septé annos desde que o Aljube servy como casa provisoria de detenção para os academicos; e esperamos que, uma vez levados estes factos ao seu conhecimento, desapparecerão para sempre estas nodças que deslustram a Universidade portugueza.

INFLUENCIA DO CHRISTIANISMO SOBRE A LEGISLAÇÃO.

(Continuado da pag. 166.)

Quia audisti vocem uxoris tuae, et comedi-
disti de ligno, ex quo praeceperam tibi,
ne comederes, maledicta terra in opere
tuo: in laboribus comedes ex ea cunctis
diebus vitae tuae.

Genes. cap. 3. v. 17.

Dignus est operarii mercede sua.
S. P. ad Thim.

O trabalho é meio indispensavel para a existencia do homem; e portanto sem elle não pôde haver sociedade.

Este principio de simples intuição, e por consequente de verdade eterna, foi conhecido e sancionado em todos os codigos antigos e modernos, e não é por esse lado que nós achamos que o Christianismo veio influir na legislação: mas sim em quanto que, elevando-se mais alto, pairando nas regiões puras do Direito (sua fonte); aonde não sobem os vapores infectos dos factos humanos, e com a força emanada da synthese eterna, lhe assignou historicamente a origem, descortinou a sua natureza verdadeira, e marcou-lhe fins humanitarios e moraes.

Estes caracteres do trabalho, considerado christãmente, vieram influir prodigiosamente no Direito publico e privado das nações allumiadas pelo pharol acceso no Sinai, desassombrado dos symbolos e figuras na Golgatha e dado a conhecer em todos os pontos do Globo

—A REVELAÇÃO.

E com effeito se em o artigo antecedente vimos como os philosophos e legisladores destituídos da luz revelada consideravam a escravidão; e no entanto não podiam negar ao escravo a natureza de homem! Qual seria pois o fundamento das suas falsas idéas? Nenhum outro senão a falta de conhecimento da verdadeira natureza do trabalho.

Espiritualistas, como são todos os que se tornam reflexos do senso intimo das

nações, não podiam deixar os philosophos e legisladores de menosprezar o que a sociedade civil e politica apresenta de material nas suas relações; como facto puramente material se lhes apresentava o trabalho, e por consequente indigno do cidadão; mas como este não podia viver sem o resultado do trabalho, ali temos que aquelles que perpetuamente a elle se dedicavam deviam ser considerados como instrumentos. Dado este passo logico era consequencia necessaria o aviltar o homem a quem a desgraça havia obrigado a ser instrumento, e d'aqui seguiu-se a assimilação do homem escravo com os irracionais.

Assim pensaram Platão, Aristoteles, Cícero, e os Legisladores romanos.

Pelo contrario Moyses, declarando-se orgão da Divindade, e provando a sua missão, talvez taoto pela bondade da sua doutrina como pelos milagres, havia, na historia do genero humano, consignado um facto, e com elle dado ao trabalho uma origem natureza e fim moraes, e por consequente elevou-o a outra ordem de idéas, nunca comprehendida dos que ignoravam a historia do Genesis.

O primeiro homem peccára, e com elle todo o genero humano — *Comerás do teu trabalho, e o teu pão quotidiano será amassado com o suor do teu rosto.* Eis a pena expiatoria que foi imposta a todo o genero humano na pessoa do seu primeiro pae.

Examinemos os corollarios contidos neste facto.

Todos os homens peccaram em Adão, logo a todos os homens foi imposto o trabalho: a ociosidade é um crime, porque (além de outras considerações) a parte do trabalho imposta ao ocioso tem de ser executada por outrem; sendo o ocioso um ladrão.

O fructo do trabalho é propriedade de quem trabalha, porque foi d'elle que o homem deveu alimentar-se, logo que, como pena, teve de arrancar do seio da terra o seu alimento.

O trabalho deve ser compensado em

razão dos sacrificios de quem trabalha, e não da utilidade de quem d'elle se aproveita; aliás a pena seria toda em proveito d'este, e damno d'aquelle, e a pena foi igualmente imposta a todos.

O fim do trabalho é altamente moral e religioso, e portanto não pôde nem deve ser dirigido a fins immoraes, porque seria dar-lhe uma direcção oposta á que lhe foi marcada.

Assim concebida seria christã a legislação; mas força é confessarmos que é isto um desejo, diremos antes, uma esperança viva fundada na fé profunda de que a caridade ha-de um dia dictar os artigos dos codigos, quando estes legislarem acerca do trabalho.

Não somos utopistas, não somos niveladores, mas envergonhamo-nos como juriconsultos quando vemos a propriedade material rodeada de tantas salvaguardas legislativas, ao passo que a sua causa productora (o trabalho) é abandonada ás disputas das escolas; correndo as nações com a velocidade do raio, do feudalismo da gleba para o feudalismo mil vezes mais horrivel e deshumano da industria.

São os ricos e os poderosos os que sempre fizeram, e farão as leis, e por conseguinte em quanto a verdade do Christianismo com o seu bafo animador não abrandar os corações enregelados pelo principio utilitario, não será a legislação outra cousa senão o escudo com que se acobertem a avidez e a soberba dos que têm e não trabalham contra os que não têm e trabalham.

Quando se chega a ver milhares de homens succumbir em lucta desesperada bradando — *Viver trabalhando, ou morrer combatendo* (*), é forçoso reconhecer que as leis reguladoras do trabalho não estão concebidas no espirito do Evangelho.

Oeconomistas, em quanto que seguiram a escola de Smith, vieram augmentar os embaraços para que fossem escutadas as vozes da caridade (**).

Liberdade de trabalho — livre concorrência — São os principios que mandam inscrever nas leis os apostolos da escola economica, que dominou a concepção das legislações modernas. Mas o que exprime estas ócas palavras quando se traduzem em factos? — miseria, opressão para uns; monopolio, opulencia para outros. Como ha-de luctar o simples operario com o capitalista? Como ha-de concorrer na barateza dos productos? — De nenhum modo.

Logo as legislações actuaes em quanto que seguem taes principios, fogem da vereda do Christianismo, á qual sómente as pôde conduzir a convicção da verdadeira noção do trabalho dada pela revelação (***) .

Tudo quanto não fôr isto é responder aos brados da consciencia com os sophismas do egoismo; é atirar aos sedentos de justiça com o escárneo de phrases riboubantes, mas vazias de força; emfim é matar a fome com ferro e fogo (****).

S. B.

(*) Veja-se Luiz Blanc — Hist. dos Dez Ann. L. 2. cap. 36, e L. 1. cap. 24.

(**) Veja-se o art.º Adam Smith na *Encyclopedie Nouvelle*, e á vista da rigorosa e imparcial analyse ali feita ao systema industrial, não tememos ser taxados de impudentes quando *desacatamos* as cinzas dos economistas.

(***) Não somos Sansimonianos, nem Fourierianos, nem mesmo inimigos da Economia politica; mas temos a franqueza de dizer, que em quanto se occupa da riqueza como *facto material*, a julgamos muito longe de dever aparentar-se com a Jurisprudencia. — Bem haja a escola franceza, que a quer ennobrecer.

(****) Depois de escripto o que fica dicto depáramos com o artigo de um Periodico (Le National de 25 de Março) no qual se encontra um facto de

alta transcendencia, qual é o monopolio mais ou menos ostensivo de todos os caminhos de ferro da França por Mr. Rothschild. A par d'este facto nota-se (e com razão) a tendencia geral de todas as pequenas associações industriaes a esta centralisação, morrendo, pela fatal lei da concorrência illimitada, da mesma morte que ellas haviam dado ás industrias individuaes. Mui sérias são as reflexões com que vêem acompanhadas estas novas. E se nós não approvamos, como remedio para este feudalismo, uma revolução como a de 1789 (único que lhe encontra o periodiqueiro), todavia julgamos que a lembrança de um tal remedio é prova evidente da gravidade dos factos, e do futuro que aguarda as sociedades regidas por leis que não consideram o trabalho á luz da philosophia christã.

MEMORIA HISTORICA SOBRE A
INSTRUCCÃO PRIMARIA ENTRE NOS.

(Continuado da pag. 342.)

Reforma de 20 de setembro de 1844.

A mudança politica em janeiro de 1842 trouxe consigo a reforma de todos, ou quasi todos os regulamentos publicados durante o predomínio do partido da revolução de setembro. Em materias de instrucção bastariam algumas emendas em poucos artigos, porem quiz-se publicar um codigo grande e pomposo: o que se effectuou no decreto de 20 de setembro de 1844, confirmado depois por lei das côrtes de 29 de novembro do mesmo anno. Nesta reforma lançaram-se muitas disposições da anterior legislação sem outra differença senão de redacção, confirmaram-se outras por meio de simples remissões, e misturaram-se outras novas de uma maneira confusa e difficil. O executor não pôde prescindir de consultar continuamente as anteriores, e tem além d'isso o trabalho de as combinar, e pôr em accordo e harmonia, o que nem sempre é facil.

A principal e mais importante reforma que se contém neste decreto, é a execução da idéa de 1835 — a creação do Conselho Superior de Instrucção Publica, indispensavel como deixamos dicto, para dar um só pensamento e unidade á instrucção em todos os seus grãos, e para formar o centro do corpo ensinante. Este Conselho foi estabelecido em Coimbra, e compõe-se de oito vogaes ordinarios, divididos em tres secções e presididos pelo Ministro do Reino, e na sua falta pelo Reitor da Universidade. Para coadjuvar os vogaes ordinarios no expediente do serviço litterario foram-lhe mandados rennir com o caracter de vogaes extraordinarios os Doutores aspirantes ao magisterio das faculdades.

Para a inspecção da instrucção primaria, e secundaria foram creados commissarios do Conselho em todos os Districtos. Receamos porém que a tenuidade do ordenado, e o serviço do reitores dos Lycéos, a que são chamados os commissarios, obste ao bom serviço, que d'elles se espera.

Nos artigos 173 e 174 estabelecem-se a garantia das aposentações e jubilações para todos os professores qualquer que seja a sua graduação, mas por forma tão confusa, e podemos dizer tão mal calculada, que ainda receamos que ella se não possa levar a execução como se promette. Tomou-se para base da jubilação de todos unicamente o serviço de 30 annos. O professor de ensino primario, que obtem o seu diploma na idade de 21 annos sem outra habilitação senão a frequencia de uma boa escola de primeiras letras, pôde jubilar na idade de 51 annos, e de certo na idade de 60; o o Lente da Universidade que segundo o estado regular não pôde ser despachado senão de idade muito adiantada, que se preparou com um tirocinio não só laborioso, senão tambem de muitas despesas, depois das chamadas *provas de longa opposição* por muitos annos, provavelmente não poderá jubilar senão na sepultura. Eis aqui as consequencias necessarias d'aquella medida.

O Governo pôde demittir os professores, mas nunca sem preceder proposta do Conselho Superior sobre processo regular, em que aquelles sejam ouvidos.

Como meio de promover a instrucção primaria permite-se no art. 32 a imposição de multas aos paes de famílias que não mandarem seus filhos á escola.

Por este decreto conservam-se no mesmo pé as eschololas pelo methodo de ensino mutuo, ainda que por elle se não ache no decreto nem uma só palavra de predilecção.

Mas em quanto ao ensino primario as duas innovações principaes, que caracterizam esta reforma, são a graduação das eschololas em 1.º e 2.º grão, e a crea-

ção de escolas normaes, das quaes vamos occupar-nos.

Entre as escolas do 1.º e as do 2.º gráu não ha outra differença, senão que nas primeiras ensina-se unicamente o que é indispensavel saber a todo o cidadão — ler, escrever, contar, doutrina, civildade, e alguns rudimentos da historia do paiz: são as escolas ruraes, e dos pobres. Nas segundas, além d'estas disciplinas, ensinam-se outros conhecimentos appropriados para os meninos das familias abastadas, que lhes querem dar uma educação mais desenvolvida sem os passarem ao ensino secundario — a grammatica, a geographia, a historia &c. Esta divisão adoptada na Allemanha e na França tinha sido approvada na Camara dos Deputados no projecto sobre instrucção discutido na sessão de 1844, e d'ahi passou para este decreto.

A criação das escolas do 2.º gráu, é vantajosa, mas não pôde entre nós executar-se sem outro desenvolvimento, que aqui falta, e no qual obstem as leis do thesouro. Nas nações estrangeiras estas escolas constituem grandes estabelecimentos, onde são empregados muitos professores: em quanto uns ensinam as disciplinas do 1.º gráu, outros occupam-se com as do 2.º. Mas entre nós um professor só como ha-de supprir a tanto serviço? Dividi como quizerdes o tempo, retalhae as classes, alternae as lições, fazei as combinações que quizerdes; em ultimo resultado ou o professor não ha-de ensinar tudo, ou tudo mal.

Esta idéa pois não se pôde levar a effeito senão nas cidades, onde ha muitos professores, fazendo-os concorrer no mesmo estabelecimento, se as povoações se quizessem encarregar da manutenção d'elle: no que não pomos grandes esperanças porque os nossos paes de familias todos folgam de accelerar a instrucção primaria dos filhos, e acreditam facilmente eui adiantamentos que elles não tem para os fazerem pas-

sar ainda infantes ás classes do ensino secundario, e superior.

Em quanto ás escolas normaes: a sua utilidade é incontestavel. O ministerio dos professores de ensino primario é um sacerdocio, que precisa de uma iniciação practica assim no exercicio das virtudes moraes, como no ensino. A difficuldade consiste no seu estabelecimento. No decreto de 15 de novembro de 1836 tinha-se apenas expressado um signal de respeito a esta idéa, declarando *normaes* todas as escolas de ensino mutuo. Depois o decreto de 20 de setembro mandou crear duas — uma em Lisboa, e outra no Porto; consignou para esse fim uma dotação, mas não applanou todas as difficuldades.

Para formar o bom professor não basta instrui-lo, é necessario inspirar-lhe um sentimento de moralidade a toda a prova, que elle possa communicar aos meninos; e além d'isto fazer-lhe contrahir o habito da modestia e abnegação, porque o homem, que se lembra de entrar na carreira da ambição ou das riquezas, nunca pôde resignar-se ao ministerio do ensino primario. Não se hão-de conseguir estes fins collocando as escolas normaes nas grandes capitães, e chamando para estes logares de vicios, de corrupção, e das grandes paixões mancebos de 18 annos das aldéas, como quer o decreto.

Este meio em lugar de os melhorar, ha-de perverte-los: se adoptardes o externato, isto é, se deixardes viver os alumnos onde quizerem, quasi certa é a perversão: se adoptardes o internato, isto é, se fizerdes do estabelecimento um seminario, tendes de luctar com o excesso da despeza, e difficuldades da administração; nunca haveis de subjeitar moços de 18 annos ao rigor da disciplina de taes casas, e haveis de impregnalos dos vicios ordinarios d'estes estabelecimentos. As melhores casas para este effeito na Allemanha são as estabelecidas nas aldéas; e por esta occasião nos está lembrando o seminario de Seruache do

Bom Jardim, e o de Riafoles. Em França, onde são collocadas nas cidades, não têm exactamente correspondido ao seu fim; e homens sabios e perspicazes receiam, que d'ellas não saiam os modestos professores que se esperam, se não forem reformadas.

Não ignoramos que o Governo já publicou o regulamento para a eschola normal de Lisboa, que deve ser annexada á Casa Pia em Belem, onde se vai principiar o edificio respectivo. Todos sabemos o que significa deitar-se ainda agora a primeira pedra para esta obra.

Se fosse da nossa competencia, lembraríamos um meio de formar os professores, menos pomposo, sim, mas mais prompto, e mais accommodado ás nossas actuaes circumstancias. Escolham-se dentre os alumnos da Casa Pia, e dos Seminarios de pobres, e orphãos das outras cidades, aquelles que ao sahir da instrução primaria mostrarem melhor indole e aptidão para o ensino. Fiquem detidos nas mesmas casas até a idade competente, onde em classe separada sejam instruidos por um director habil nomeado para esse fim, que lhes ensine theoreticamente as disciplinas proprias, e os acompanhe na practica do ensino. O Governo não faria outras despesas se não os ordenados dos directores, e poderia dar aos alumnos, para os convidar e animar, os partidos prometidos no decreto aos pensionistas. Estamos, que se os directores forem habéis e zelosos, se tirariam d'esto methodo as mesmas ou melhores vantagens do que se esperam de estabelecimentos tardios e incertos.

Ultimo estado da Instrução primaria

Por lei de 31 de julho de 1839 foram mandadas crear mais com escholas do Governo; de forma que em 1844 para 45, o numero d'estas no continente era de 1:116 frequentadas por 45:723 alumnos; as escholas particulares, de que havia conhecimento officia!, eram 1:044,

frequentadas por 18:776: total dos alumnos 64:499. Ora sendo a população de 3:412:500 almas, vem os alumnos das escholas a estar na proporção de 1 para 52. Em muitos paizes da Europa que passam por cultos, esta proporção não é maior; entretanto estamos bem longe de acreditar, que o nosso povo seja instruido, e a observação nullo attesta. Qual é então o motivo? É porque grande parte dos alumnos das nossas escholas sómente figura na cifra da matricula, mas nada aproveita na instrução.

As principaes causas d'esta falta de aproveitamento são: 1.^a a incuria e desmaselo dos paes, que não promovem a assiduidade, e adiantamento dos filhos. Esta falta só com o tempo, e desenvolvimento progressivo da industria se pópe desvanecer.

2.^a A pouca capacidade litteraria dos professores, principalmente nas Provincias do sul, e a falta de zelo no cumprimento dos seus deveres. Este mal póde atenuar-se com as habilitações normaes, com as frequentes vizitas, e vigilancia dos commissarios e autoridades administrativas, com os premios aos professores zelosos, e severidade com os remissos ou negligentes.

3.^a A falta de bons livros elementares para o uso das escholas: esta falta é mui sensivel, e não póde remediar-se senão com attentões e premios áquellas pessoas benemeritas, que os compuzerem accommodados á capacidade dos meninos.

O livro, que para uso das escholas tem ultimamente tido mais extracção, é o *Manual Encyclopedico* do Sr. Emilio Achilles Monteverde. Reconhecendo o importante serviço do auctor, e seu animo de diminuir o mercimento d'esta obra, seja-nos permittido dizer, que nella achamos defeitos, pelos quaes a julgamos menos apropriada para servir de exercicios até os meninos lerem correntemente, que é o de que principalmente precisamos. O Sr. Monteverde

quíz fazer um livro grande mas que o não parecesse: reuniu todos os objectos que achou dispersos por differentes tractados; empregou typo miúdo, e evitou as prefeições typographicas para encurtar a obra, o que embarça os principiantes. Espraou-se na Mythologia, e esqueceu-se de pôr á testa do livro os rudimentos da doutrina christã, o que entre nós senão pôde dispensar. Quasi todos os artigos, inclusive o da moral, logo no principio são expostos com um apparatus scientifico, e rigor de methodo, que para os meninos é perdido. De que serve obrigar-los a ler definições, etymologias difficultosas, divisões e subdivisões que elles não podem entender? O quadro das sciencias tem o mesmo defeito. O resumo da historia de Portugal é extractado no gosto dos nossos antigos historiadores. Todos os nossos reis até D. João III são heroes. Não queremos que á vista dos meninos os Monarchas appareçam desconceituados; mas basta que se lhes inculquem como *Grandes* os reis que realmente o foram; para que os meninos quando depois estudarem a historia com critica, se não achem enganados.

As crianças nas cousas naturaes não encontram senão phenomenos: cumpre fazer-lh'os notar, excitar-lhes a curiosidade, e explicar-lh'os por uma forma accommodada á sua capacidade, sobre tudo fazendo-lh'os ver pelo lado que elles servem para as necessidades da vida. Nas cousas moraes é necessario narrar-lhes os acontecimentos principaes, e moralisar-lh'os sem desenvolver miudamente as causas historicas, que estão ainda fóra do seu alcance; ensinar-lhes sentenças, e máximas de virtude e religião, e offerrecer-lhes exemplos, apologos e contos escolhidos com critica, e escriptos com singoleza. Um livro redigido segundo estas regras, e com extensão sufficiente, que os meninos cheguem ao fim desembaraçados na leitura, eis aqui o livro de que se necessita.

Escolas de meninas

A instrucção das meninas em escolas do Governo tem sido entre nós quasi abandonada; e por isso contentar-nos-hemos com dar d'ella aqui um succinto esboço.

Já desde 1801 estavam creadas em Lisboa 18 escolas de meninas, uma em cada freguezia. Em 1821 foram creadas no Porto seis, e em 1823 uma em Lagos. Depois em virtude do disposto no artigo 6 do decreto de 15 de novembro de 1836 creon-se uma em todas as outras capitães de Districtos.

São igualmente que as dos meninos, providas em concurso; e as concorrentes, além da habilitação litteraria, são examinadas em fiar á roca, e á roda, em fazer meia, bordar, e talhar de branco e de côr. Nisto mesmo se resume o que ellas devem ensinar. Segundo o artigo 42 do decreto de 20 de setembro, não podem ser providas sem terem trinta annos. Os seus ordenados actualmente pelo art. 43 do mesmo decreto são de 100:000 reis em Lisboa, Porto, e Funchal, e de 90:000 reis nas outras terras do reino.

No ultimo anno exestiam 41 escolas para este sexo, frequentadas por 1:835 meninas.

♦♦

A QUADRATURA DO CIRCULO.

Em Geometria chama-se *quadratura* a transformação de uma figura plana em um quadrado que lhe seja equivalente.

Para achar a quadratura de qualquer figura faz mister que se conheça a relação entre a área d'essa figura e um quadrado qualquer tomado por unidade.

Achar a quadratura de qualquer poligono rectilineo facil cousa é, tanto para o analysta, como para o geometra

synthetico: mas a de uma curva é na verdade problema, cuja difficuldade mesmo as pessoas estranhas á sciencia poderão até certo ponto conceber.

Archimedes, o velho genio da Mathematica, que nas aperturas da patria velando pela salvação d'ella fez cürvar ante si as aguias romanas, foi o primeiro, que considerando o circulo como um polygono regular de infinito numero de lados, demonstrou ser a sua área igual a um parallelogrammo, cuja base fosse metade da circumferencia, e altura o raio. Faltava achar essa linha recta igual a metade da circumferencia, e eis ahí a difficuldade, que o espirito humano sempre insoffrido em vão tem procurado resolver. « Nenhum problema de Geometria, diz *Mr. de Montferrier*, é tão celebre, nem tão popular, como a *quadratura do circulo*: as tentativas innumeraveis, de que elle tem sido objecto, os *desatinos a que tem dado logar*, a importancia excessiva que lhe tem sido attribuida, tudo concorre para fazer interessantissima a sua historia.»

Alguns Geometras que se seguiram a *Archimedes*, partindo do falso principio — que é sempre possível achar uma linha recta igual a uma curva — tentaram determinar a relação entre o diametro e a circumferencia; e bem que não conseguissem fazê-lo completamente, puderam com tudo achar uma relação tão proxima, que se pôde tomar como sensivelmente exacta.

Um manuscripto da bibliotheca de *Ratclif* em *Oxford* traz feito um calculo, em que a razão do diametro para a circumferencia se acha aproximada até 455 decimaes, no que não se fez mais que acrescentar 27 letras ás que já achára o infatigavel *Lagny*: podemos pois, neste sentido, dizer que se conhece o valor da circumferencia do circulo, tomado o raio para unidade.

Mas achar essa relação exacta em numeros definidos, ou construir uma linha que a represente, está hoje demonstrado ser cousa impossível, porque

sendo a expressão numerica do valor de $\frac{1}{2} \pi$ deduzida por *Wronski*, da forma

$$\frac{1}{2} \pi = \frac{\infty}{\sqrt{-1}} \left\{ (1 + \sqrt{-1})^{\frac{1}{2}} (1 - \sqrt{-1})^{\frac{1}{2}} \right\}$$

ve-se que π é de uma ordem infinita, e por consequencia impossível de exprimir, e tambem de construir debaixo de uma forma finita. *Vid. Montf. Dicc. de Mathem.*

Todavia ainda ha quem se cance em procurar a construcção de um linha recta igual á circumferencia, e temos pezar de ver nesse numero o doctor *D. Joaquim Caceres y Arias*; que só para os menos conhecedores do estado actual da sciencia julgavamos reservada semelhante lucubração.

O Sr. *Caceres*, em um folheto publicado o anno passado, e offerecido á joven Rainha de Hespanha, suppõe ter achado uma linha recta, que representa a razão do diametro para a circumferencia, e que elle exprime por $\pi = \frac{x}{y}$, sendo x o raio mais o coseno de certo arco, e y o seno do mesmo arco.

A construcção é esta: tendo collocado em linha recta o perimetro de um polygono regular de n lados, levanta n'uma extremidade uma perpendicular igual ao que elle individamente chama diagonal do polygono; digo indevidamente, porque da demonstração se colige que elle queria fallar do dobro da perpendicular abaixada do centro do polygono sobre os lados do mesmo, á qual Hespanhoes mesmo (*Vallejo*) chamam *raio recto*.

Tira depois uma terceira recta que seja hypotenusa de um triangulo rectangulo cujos lados catethos são aquellas duas linhas mencionadas, e no angulo opposto ao perimetro do polygono tira uma perpendicular á hypotenusa, a qual perpendicular irá cortar aquelle perimetro depois de prolongado. Sobre este assim prolongado, e tomado como diametro descreve uma semicircunferencia, que passará pela extremidade

da tal chamada diagonal. Sobre o diametro marca desde a origem o perimetro do polygono circumscripto, e pela extremidade d'essa linha tira uma ordenada ao circulo: e da extremidade d'esta uma parallela ao diametro, que vai cortar a outra ordenada, lado do triangulo rectangulo. O raio tirado por este ponto d'intersecção vai marcar (segundo o A.) um ponto no circulo, cujas ordenada e abscissa dão a relação do diametro á circumferencia (supposta a origem na extremidade do diametro).

E que demonstração nos da o A. de toda esta construcção? Nenhuma. A relação $\frac{y-dy}{x+dx} = \frac{y}{x}$ quando dy e dx são nullos não determinam valores para semelhante construcção. Além d'isto o raciocinio do Sr. Caceres é um paralogismo.

O Sr. Caceres supõe que uma linha media entre as duas perpendiculares aos perimetros dos polygonos de que fallamos deve vir a representar o diametro de um circulo, ao qual aquelles polygonos eram um inscripto, outro circumscripto: mas se nós reflectimos, que a perpendicular, á qual o Sr. Caceres chamava *diagonal do polygono*, vai diminuindo, ao passo que o perimetro do polygono cresce para se aproximar da circumferencia, logo vemos que nunca essa perpendicular pôde representar o diametro do circulo cuja circumferencia seja a abscissa.

E para nos desenganarmos a posteriori da inexactidão da construcção apresentada pelo Sr. Caceres basta advertir que d'essa construcção segue-se, que $\frac{\pi}{y}$ ou

$$\pi = \frac{p-R + \sqrt{(p-R)^2 + P(2R-P)}}{\sqrt{P(2R-P)}}$$

designando p o perimetro do polygono inscripto, e P o do circumscripto, e R o raio do circulo dentro do qual se estamparam os polygonos. Ora em quanto tivermos $P > 2R$, o que tem logar para o hexagono, vem π imaginario, e quan-

do seja $P = 2R$, vem π infinito: em geral teriamos um π variavel conforme o numero de lados do polygono tomado para a construcção!

G. de A.

LES ARTS EN PORTUGAL,

PAR LE

Comte de Raczynski.

Com este titulo acaba de publicar-se em Pariz a primeira parte de uma obra, que, como se deixa ver do titulo, tem por fim uma das nossas cousas mais desconhecidas dos escriptores tanto nacionaes como estrangeiros.

A posição do seu auctor (ministro diplomatico da Prussia na Corte de Portugal) e os conhecimentos profundos, que mostra possuir, são sufficientes salvaguardas da boa execução da obra.

Ouvimos dizer que é Polaco, dos que pertencem á Prussia; seja ou não seja, o que é certo é que discute os pontos controvertidos, investiga noticias, e escreve com toda a erudição e sensatez de um allemão. Achamos isto melhor do que a leveza franceza; pois antes queremos paginas pesadas de estylo e citações, mas de quem vin por seus proprios olhos, e buscou a verdade das cousas, abandonando as fórmulas brillantes; preferimos isto á historia declamatoria, e á consciencia do historiador, que em trez horas de passeio em sego por Lisboa, e com a viagem feita pela posta de Iran até Cadiz adquiriu tantos conhecimentos *locaes* da terra e gente peninsulares, que de certo muito aproveitará para a conscienciosa historia que escreve, pelas novidades que dará.

Notámos que o Conde Raczynski era diplomata, porque esta posição social explica a facilidade que teve para adquirir noticias dos nossos cartorios, e litteratos; os nomes dos Srs. Alexandre Herculano, Rivara, Abbade de

Castro, Visconde de Jerumenha, Vasco Balsemão, e outros provam isto mesmo; e os importantes appendices e notas que acompanham a obra são na sua quasi totalidade apontamentos, e noticias curiosas e eruditas, como de taes pessoas se deviam esperar.

Notaremos, porém, desde já um defeito d'esta obra: por via de regra as versões do portuguez, que nella se encontram, são infieis no ultimo ponto; dizemos isto d'aquellas que pudémos comparar com as fontes, ou cujo original o auctor transcreveu; ali vai um d'esta ultima classe: tractando da supposição das côrtes de Lamegô, transcreve as ultimas linhas de uma nota do Sr. Rocha na sua historia — *Consequira (consequiria, diz o livro portuguez) o seu fim se o selo pela gloria nacional suprisse (suprisse) a falta de provas em factos da historia* — ali vai a versão feita em seguimento do original — *On verra enfin, si le zèle &c.* — De modo que a reflexão feita pelo Sr. Rocha em resposta á opinião do Sr. Fr. Fortunato de S. Boaventura, torna-se em um — *On verra enfin.* — De igual merito e fidelidade achamos todas as citações que pudémos verificar, e muito reccamos, que as particulares e manuscriptas não estejam no mesmo caso.

Dêmos uma idéa da obra. —

É ella escripta em fórma epistolar, e acompanhadas as cartas de documentos, que muito avultam pelo seu numero, extensão, e curiosas noticias de que estão recheadas.

A primeira carta, que consta sómente de seis linhas, traz por appendix uma obra manuscripta — *Tractado da Pintura, por Francisco de Hollanda* — vertido do original existente na Bibliotheca de Jesus. Não vem toda, mas os trechos são tão cheios de noticias, e escriptos de um modo tão original, que muito sentimos que o Conde Raczyński julgasse a proposito mutilar até um livro inteiro; muito merecia tal obra ver a luz do dia, já que escapou

ao abyssmo do Ecurial, a Francezes, a centralisadores de bibliothecas, e a curiosos egoistas.

A serie das vinte e nove cartas tem por objecto (além de muitas outras cousas mais secundarias) quatro pontos: — a existencia e caracteres artisticos do nosso pintor de Vizeu — Grão Vasco; a existencia de uma eschola de pintura portugueza; descripção e avaliação artistica dos nossos monumentos mais conhecidos; e estado das Bellas Artes entre nós.

O modo porque é tractado o primeiro ponto, nada deixa que desejar. O zelo com que se houve nesta parte o auctor é digno de todos os elogios: não se contentou de compulsar obras impressas e manuscriptas, buscou informações de pessoas instruidas, alcançou extractos de assentos de baptismos, comparou immensidade de quadros, revolveu quanto ponde, e depois de alcançada a certeza da existencia d'este pintor, e da genuidade de alguns quadros seus na cidade de Vizeu; *foi lá, ve-los, examina-los, estuda-los*, para depois de bem conhecido um original, poder discriminar dos que são attribuidos a tal mestre pela tradição, aquelles que verdadeiramente deveram o ser ao seu pincel.

Assim folgariamos que fizessem todos os que escrevem das nossas cousas, que não houveramos sido alvo de tanto aleive, nem seriam tão nojentas as descripções, que fazem os estranhos quando viajam por Portugal sentados nos seus gabinetes, ou nos passeios e theatros de Lisboa e Porto.

O auctor chegou a acreditar que Grão-Vasco era um symbolo ou mytho artistico, com que em Portugal se denotava certa especie de quadros, ou certa maneira de pintar do seculo XVI; depois desenganou-se. As razões, que teve para estas duas opiniões tão encontradas, são expostas com franqueza e candura.

De toda esta importante parte da

obra pôdem deduzir-se as seguintes consequências.

Existiu o Grão-Vasco — Pintou á maneira da escola flamenga — O seu merito é superior ao de muitos dos seus contemporaneos — A maior parte dos quadros que lhe são attribuidos, não lhe pertencem — Não formou escola sua. Os pontos de contacto que se notam em a maior parte dos quadros d'itos *Grão-Vasco* provem antes do influxo da escola flamenga, por todos os contemporaneos d'elle estudada, do que do conhecimento das suas obras.

Não admittre que houvesse entre nós uma escola. E na verdade no sentido artistico d'esta palavra não é possível admittir a existencia das características de uma escola de pintura. As razões historicas, e criticas do auctor, fundadas no exame prolixo e consciencioso de um grandissimo numero de quadros de pintores portuguezes, nada deixam que desejar a este respeito; e parece-nos que sem quebra da gloria nacional podemos confessar esta verdade.

As nossas antigas e frequentes relações commerciaes com os Paizes Baixos explicam a imitação, ou antes a adopção, que entre nós recebeu a escola flamenga.

Cumpre porém notar que os nossos pintores não seguiram as magicas composições dos grandes auctores flamengos; talvez (seja-nos permittidô aventar esta idéa) porque quando Rubens (1577-1640) Van-Dick (1598) e Rembrandt (1606-1670) elevaram a escola flamenga ao apogéo da sua nomeada, já as nossas relações com os Paizes Baixos eram insignificantes, por effeito das circumstancias politicas dos tempos em que floreceram estes artistas, e então começára pelo contrario a activar-se o tracto com a Italia. É bem sabido quanto foram por nós frequentadas as Côrtes d'esta parte da Europa depois da restauração de 1640, e que quando D. João V. tractou de promover as Bellas artes neste nosso solo, de evolta com os

Breves e Bullas da Côrte de Roma, vieram quadros, architectos, pintores, esculptores &c, e que desde então (e mesmo antes) ali iam estudar aquelles portuguezes que o Governo subsidiava; por conseguinte de sequazes da escola flamenga passámos a ser discipulos da italiana.

É porém de notar o nenhum influxo que teve entre nós a escola hespanhola, sendo o seu estylo tão peculiar, o seu colorido tão local, e o seu desenho tão meridional. No entanto é isto um facto indubitavel para quem tiver o mais leve conhecimento das produções de Murillo, Ribera, Valasques, e Coelho (portuguez pelo sangue, hispano pela pintura). Apesar de tudo isto, Balbi escreveu o contrario, mas o conde Raczyński refuta perfeitamente a opinião do geographo.

Repetimos que não encontramos que o nome portuguez soffra quebra com a falta de uma escola sua de pintura; as pennas do pavão não mudaram a natureza do grou; votamos anathema a todas as usurpações. *Quem descobriu e arassalou o Oriente, a Africa, e a America* (diz o auctor, e nós accrescentaremos) *quem teve uma época de litteratura como nós*, bem mereceu um logar glorioso na historia da humanidade, sem aspirar ao que lhe não pertence.

Na descripção dos nossos monumentos é o conde Raczyński imparcial, e por tanto os elogios que faz, á maior parte d'elles, são de muito peso; mas tambem é inexoravel em lançar o stygia de uma justa indignação pelo que ali se vê desfeito e feito.

Sentimos que as suas excursões artisticas fôsem sómente a Thomar, Evora, Coimbra por Alcobaca e Batalha, Vizeu, Lamego, e Porto. No entanto *para o modo porque os estrangeiros costumam viajar em Portugal é muito*. Amaldiçoamos o arriero que foi causa de não visitar o Minho; e como isto foi deve ler-se, porque o roteiro do auctor é uma das partes mais divertidas da sua obra.

Algumas das suas reflexões são cheias de sal; assim para notar o ridiculo da compostura das vidraças do magnifico monumento da igreja de Belem chama-lhe *imitation desolante des enseignes de vitrier*.— Julgamos, que todos lhe acharão razão ao ver imitadas em janellas de tão estupenda e delicada fabrica os rectangulos de variegadas côres do bottequin do Marrare.

Onde, porém, chovem reflexões justas, mas que chegam ao vivo é fallando da cidade de Coimbra. Mas notem os nossos leitores, que não viu a *carruagem do Reitor*, nem *Theses defendidas em latim corrente*, nem os *estudantes jogando a espada preta*, como succedeu ao Príncipe Licknowski. Não podemos todavia deixar de notar uma versão bem cerebrina — *verte leis extravagantes*, por *lois spéciales!* E com quanto esta versão seja muito *extravagante*, assim mesmo já achámos outra peor; pois um inglez chamou a estas nossas leis *loucas (un-advised laws)*

As pinturas e esculturas da igreja de Santa Cruz são elogiadas, e para se fazer idéa do enthusiasmo de que se deixou possuir o flegmatico espirito analysador do Conde de-Raczynski á vista de tantos primores da arte, basta dizer, que julga o pulpito de Santa Cruz, *uma joia digna de ser fechada em uma medalha, ou engastada em um anel*. Não approvamos a idéa, pela difficuldade de achar dedos para tal anel; mas concordamos com o subido merito que lhe encontrem o nosso viajante, pois sempre nos metteu-raiva o vermos esta obra prima de pejsamento e execução artistica coberta com damascos e franjados de ouro; porque nunca vimos pedaço de pedra, que se lhe chegasse no primor dos lavores.

Fallando da Bibliotheca da Universidade, diz ser a mais bella, e rica em ornatos de quantas ha visitado; mas acrescenta um periodo, que julgamos ser echo de algum mal intencionado, e só o transcrevemos para que os nu-

meros leitores, que de certo esta obra terá entre nós, não acreditem de leve um facto que pela sua gravidade nunca em um livro tal deveria apparecer sem provas.—

«*La personne à laquelle était confiée en 1835 la surintendance de cette bibliothèque a fait, dit-on, le métier de revendeur de livres. Un loup dans une bergerie ne se serait pas trouvé plus à l'aise.* (pag. 471.)

Sentimos que o *cicroni*, que acompanhou o viajante, deixasse de lhe explicar porque o actual Lycéo se chamava *Collegio das Artes*, e evitasse assim o que se lê na pagina 473.

A collecção dos retratos das sallas dos capellos e exames privados são anathematisados por o auctor, e quem olhar para o de D. Affonso IV. D. Pedro III. &c. não deixará de lhe achar razão.

Pior do que elles, (diz o auctor) só os que formam a chamada galaria de pinturas do Paço.

Mr. Dardalhon (de quem traz uma pequena noticia biographica) foi quem acompanhou o artista diplomata, e com elle visitou os monumentos principaes de Coimbra.

Para dar uma prova do pouco que se occupa de outros objectos independentes de artes, basta dizermos que fallando do Governador civil, e do Reitor, diz do primeiro: *O Sr. Lopes de Lima é aquelle, que sendo Governador de Goa, teve que abandonar o seu posto em consequencia de uma revolução*;—do segundo: *O Reitor, Conde de Terena, tem oitenta annos*. Se o Príncipe Licknowski assim escrevesse, que lindas cousas nós houvéramos perdido.

Para rematarmos com o que diz e conta de Coimbra, diremos que ficou encantado da letra e musica do

Que lindo botão de rosa

Que aquella roseira tem!

a ponto que copiou o texto da cantiga, fez-lhe uma versão, e escreveu-lhe a

musica; e tudo isto está estampado em muito bom papel! — Que gloria para os auctores do fado!!

Finalmente em quanto ao estado actual das bellas artes em Portugal achamos o Conde de Raczynski severo, mas judicioso. Reprova que se exaltem como obras primas producções que apenas chegam á méta da mediocridade, e julga que tão inchados como fôfos elogios são um estorvo para o progresso. Na verdade em bellas artes não ha mediana, o sublime é reservado para poucos ingenhos, mas esses a quem *Deus mentem agitat* são arrastados pela força do destino, e a consciencia da sua força e dedicação artistica. A critica severa, e imparcial *sobre tudo* em quanto a pessoas, é só quem pode fazer parar em uma carreira, para que nem todos são chamados, aquelles que talvez poderiam vir a ser uteis a si e á patria em outras profissões, em vez de ficarem sendo simples gastadores ou ostragadores do tempo e tintas.

Demasiado longa irá esta noticia, mas confessamos, que nos incitou a maior extensão a novidade e sensatez da obra, porque (apezar dos escriptos de Taborda e Cyrillo, unicos de que temos conhecimento) julgámos ser a unica de um verdadeiro interesse artistico nacional.

Esperamos que a segunda parte, que deve trazer rectificações das faltas contidas nesta primeira, bem como numerosos e interessantes, documentos, juncto com uma terceira que ha-de seguir-la, e que trará uma synopsis demonstrativa do estado actual das bellas artes em Portugal, formarão um todo bem completo.

Já se deixa ver que importante obra não será a que só no seu Praemio contém elementos tão novos e interessantes á cerca de cousas nossas.

S. B.

O ROMANCEIRO PORTUGUEZ

PARTE II.

Sempre que uma nova obra vem lançar-se no campo da litteratura portugueza, de qualquer genero que seja, felicitamos aquelle que ali a lançou. De qualquer genero que seja, dizemos nós: a philosophia; a historia, as sciencias, e a poesia em geral constituem os diversos ramos da litteratura d'um povo, e sem que nenhum d'elles deva ser preferido, entendemos que devem todos correr a par na estrada da civilisação, e quando assim não aconteça nem esta se pode dizer perfeita, nem o progresso verdadeiro.

Hoje incumbe nos fallar d'uma obra de poesia, do 2.^o tomo do Romanceiro, que o Sr. Ignacio Pizarro acaba de dar á luz. Colligiras lendas e tradições d'um povo, ir á historia buscar os factos mais notaveis da vida d'esse povo, vesti-los d'uma forma agradável, e lançá-los ás turbas para que os decórem, é um pensamento digno d'elogio. — e o Sr. Pizarro teve este pensamento, e procurou pô-lo em practica.

De todas as nações da Europa somos nós talvez os mais atrazados neste genero da litteratura, que devia ser tão nosso, que é tanto da nossa indole. Em quanto na vizinha Hespanha escrevia Móra as suas *Legendas*, e o duque de Rivas o seu *Moro Exposito* e os seus *Romances Historicos*; nós os portuguezes com um peculio de tradições tão rico como o d'elles, e com uma lingua que não é menos harmoniosa, nem menos apta para a construcção poetica, dormiamos somno socegado sobre as joias da nossa historia. O Sr. Garrett não — esse modernamente precedeu os nossos vizinhos, não em vestir os factos das chronicas com as galas da sua imaginação, mas em acudir ás cantilenas e solãos, que o povo sabia, e que nós deixavamos morrer com o povo. Ao me-

nos essa gloria para nós. — Porém os mais? Os mais nem seguiam o Sr. Garrett em aproveitar e retocar as cantigas e romances populares, nem seguiam o exemplo dos hespanhoes em ir á historia buscar proezas e amores para cantar. Quem lesse os grossos volumes das nossas velhas chronicas lá achava de longe em longe uma gentileza, uma catástrophe, uma tradição, os caracteres para um drama; porem o povo que não lia, a não ser a *vida de Carlos Magno*, a *Farmosa Magalona*, e as *Settepartidas do Principe D. Pedro*, ignorava o mais que devia saber, morria legando por memoria aos filhos — não os feitos dos antepassados, que de certo concorriam muito para lhes accender os brios, e despertar o amor pelas cousas da patria, mas os cantos e romances por a maior parte sagrados, a vida d'uma princeza moira, ou um encantamento, que é tudo o que tinha apprendido. E nós os que liamos — tão descuidados que nem lhe ensinavamos tudo o que elle devia saber, nem aproveitavamos o que elle sabia, — tão descuidados que nem colligamos nem apreciavamos o que outros nos deixaram colligido, a ponto de deixar que estranhos reimprimissem os nossos Cancioneiros. Felizmente vai passando essa epocha de degradação litteraria. O Sr. Garrett continua a colligir tudo que ha d'aproveitavel, e que estava a ponto de perder-se. Os Srs. Castilhos abreviam as chronicas, e estremam-lhe as bellezas de maneira que convida a lê-las; o Sr. Freire de Serpa, Ignacio Pizarro, e outros vão buscar á nossa historia tudo o que ella tem de nobre para o lançar nos metros d'uma poesia singela.

Aproveitamos esta occasião para dar ao Sr. José Freire de Serpa os nossos emboras pelo pensamento em que está de continuar a publicar os seus solãos, de que apenas temos a 1.^a parte. O Sr. José Freire foi o primeiro que neste genero levantou entre nós esse manto de vergonha que nos cobria, romaneando os

feitos dos nossos antepassados d'uma maneira tão bella, que fôra muito para sentir não continuar a começada tarefa.

Por este lado muito louvor cabe tambem ao Sr. Pizarro, muito, porque obras taes é que nos hão-de rehabilitar aos olhos da Europa, e levantar-nos á altura em que já estão os nossos vizinhos, porém já que hoje nos cabe o dar o nosso parecer sobre o Romanceiro do Sr. Pizarro permitta-nos S. S.^a que lhe façamos alguns reparos. Bem andou o Sr. Pizarro em escolher o verso octosyllabo para nelle compor o seu Romanceiro, o verso octosyllabo está na indole da nossa lingua, e não só da nossa, de todas as do sul da Europa: em obras taes nunca se devia empregar outro, é aquelle que o povo entende, a que mais está acostumado, e que mais facilmente sabe decorar. Quando elle mesmo não fosse o mais gracioso na forma, quando mesmo não exprimisse melhor, mais natural, e mais singelamente os affectos da alma, bastava esta queda que para elle tem o povo para dever ser o preferido. Parece-nos porém que o Sr. Pizarro em muitas partes do seu Romanceiro ou desconheceu, ou calçou as leis d'este metro. Umaz vezes, como esquecendo-se de que está compondo em verso, deixa ir o pensamento tão arrastado, que isoladamente considerado ninguem dirá que o octosyllabo é um verso; outras vezes levado pelo talento, que ninguem nega ao auctor do Romanceiro, eleva-se tanto que decididamente despresia a naturalidade que é propria d'aquelle genero de poesia. Sirva de exemplo a viva pintura da prisão, e dos seus instrumentos de tortura no terceiro canto do *Manoelinho d'Evora*, e no ultimo romance a descripção da noite e do Tejo, quando o mancebo Lucena o cortava n'uma gondola. Ninguem de boa fé negará belleza a estas descrições, porém nem o Sr. Pizarro devia insistir tanto nellas, nem devia abandonar a singeleza. Ao trovador cabe mais que a nenhum outro a simplicidade

no verso, a esquecê-la seja poucas vezes, e sempre fugilivamente.

Não é este o unico, nem o maior defeito do Sr. Pisarro: teve na verdade pouco esmero na versificação, e é esta uma das faltas menos desculpaveis no poeta. Para que se não diga que não provamos o que dizemos ali vão exemplos d'alguns versos errados:

- O seu amor offerecer —
- Que os mouros queriam roubar —
- Outro resgate elle queria —
- Quantas vezes essa esperança —

Dirá o Sr. Pisarro que foi uma lei a que se propoz — o escrever as palavras que podem ser contrahidas pela syncope sem lançar mão da figura, deixando ao cuidado do leitor o pronuncia-las como se estivessem contrahidas. — E compravará isto com outros muitos versos em que se dá o mesmo concurso de letras e em que se não eliminou uma das vogaes como é uso? Não sabemos se o Sr. Pisarro tem poder para estabelecer esta lei, porem suppondo mesmo que tivesse, não devia ella ser geral? — No entanto há muitos versos em o que Sr. Pisarro escreveu as palavras com a mesma quantidade de syllabas, que a medida do verso exigia, de maneira que a estarem certos os versos que antecedentemente citamos estarão errados os seguintes:

- Mas a filha tão querida —
- Dura ha muito a conferencia —
- A coroa não accitar —
- Tu és ó charpa querida —

Nestes versos esqueceu o Sr. Pisarro a sua lei, se foi lei que teve em vista, e outros ha em que S. S.^a a desdisse completamente, fazendo a syncope:

- Mas um pod'roso inimigo —
- Em p'riço tão imipente —
- P'ra mil beijos receber —

O que nos leva a crêr que tal lei não havia, e que o Sr. Pisarro errou por um descuido naquelles e n'outros muitos, em que a syncope devia fazer-se e não se fez, e descuido em est'outros que nenhuma figura pôde salvar.

- Estava absorto o carcereiro —
- Da infeliz que geme —
- A aquelle que mais lhe offerecer —
- Dos tractos que elle mesmo dava —

Tambem algumas vezes a necessidade do consoante o tornou grammatico pouco escrupuloso; na pag. 461 diz:

Deseja eterno poder
Para aos thesouros que ajunta
Mais thesonros accrescer

Por ultimo advertimos ao Sr. Pisarro que o demasiado uso das dialephas torna frouxos e prosaicos os versos mais bem nascidos.

Sentimos muito que estas sombras escapassem ao auctor, porque alguma cousa diminuem o valor da sua obra. Sentimos, e por amor que temos á verdade lh'as delatamos. Estamos persuadidos que não foi este o ultimo serviço do Sr. Pisarro á poesia, aguardamos ainda outros e esperamos que sejam immaculados, que não tenham uma sombra que os deslustre. Pôde faze-lo, tem forças e sobeja-lhe a vontade.

No fim de tudo seríamos injustos, se depois d'appontar os defeitos que encontramos no Romanceiro, fechassemos o artigo sem lhe appontarmos as bellezas.

A linguagem do Romanceiro é portugueza de lei — isto só fazia o seu elogio; a poesia é quasi sempre graciosa e natural como convem ao genero romance; a fidelidade historica foi sempre tida em vista, e por ella conseguiu o Sr. Pisarro que os seus quadros interessassem tanto pela poesia como pela verdade. Além d'estas bellezas que são geraes, ha outras especies e não de menor quilate. Onde há mais funda expressão de verdade que nestes versos?

As vozes dos commandantes;
Os relinchos dos ginetes;
As espadas, os montantes
Batendo nos capacetes!
Essas vozes dos feridos
Soltando ais tão profundos;
Esses cortados gemidos
Do estertor dos moribundos!
A confusa gritaria,
D'essa batalha o estridor
Em todos produziria
Receios, ancia, e horror..

Onde mais poesia que nestes?

Fica atraz delgada esteira
Cortada como a cinzel,
Que denuncia a carreira
Que ia seguindo o baixel.
Cada vez que os remos se erguem
Cahem centelhas no mar,
As gotas d'agua que aspergem
Refrangem luz do luar.

Mais adiante descrevendo o effeito da
declinação da lua sobre o mar —

Como é lindo esse momento
Em que a lua vai sumir-se
Ao cabo do firmamento,
E co' as ondas confundir-se?...
Zona de prata fulgente
Parece brilhante fita,
Que dos confins do occidente
No mar se estende e se agita.

Finalmente quem pinta uma tempe-
stade em menos e em mais bellas pala-
vras do que estas?

Das nuvens denso chuveiro
Vai correndo sobre o mar;
Negro, espesso nevoeiro,
Cortina horrivel formar.
Rajadas rijas dos ventos
Erguem ondas té aos céus;
Mostram do mar fundamentos
Nas bases dos escarcéus.

Valham estas por todas. — Se o Ro-
manceiro do Sr. Ignacio Pizarro não
tivesse bellezas d'este lote pouco nos
pezariam os defeitos que ha pouco apon-
tamos, e que podem e devem ser tirados
n'uma segunda edição.

A. X. R. Cordeiro.

— 1860 —

(J. D.)

**BIBLIOGRAPHIA ABREVIADA DA HIS-
TORIA DE PORTUGAL.**

(Continuado da pag. 329.)

LXIV.

Das Antiquidades da Lusitania.

André de Rezende, de quem fiz a-
cima lembrança (n.º 56) escreveu:

De Antiquitatibus Lusitaniæ. Li-
bri quartuor — Eboræ 1593. Romæ
1597, 8.º Colonia 1600, 8.º.

A edição de 1597 em 8.º foi feita por
Gonçalo Mendes de Vasconcellos, Cabi-
do, natural de Setúbal, Conego Dou-
toral de Evora, Lente de Canones, e De-
sembargador da casa da supplicação,
que publicou a obra de Rezende com
este titulo:

De Antiquitatibus Lusitaniæ libri
quartuor a L. Andrea Rezendio
inchoati, a Jacobo Mendes de Vas-
concellos absoluti: et quintus li-
ber de Municipii Eborensis anti-
quitate ab eodem conscriptus.
Cum aliis opusculis, versibus, et
soluta oratione ab eodem Jacobo
Mendes de Vasconcellos, Michaelo
Cabedio, et Antonio Cabedio elab-
oratis. Quæ omnia collegit, emen-
davit, ac typis summa industria
commisit Doctor Gondisalvus Men-
des de Vasconcellos, et Cabedo Lu-
sitanus. — Romæ 1597, 8.º A esta
edição é conforme a da Universi-
dade de Coimbra.

Ao Juizo que deixei feito (n.º 66) do
merecimento litterario do Mestre Rezen-
de, só tenho a acrescentar que é a
unica no seu genero; a referida obra,
que tem entre nós a auctoridade de
texto. Nenhum escriptor portuguez teve
tanto conhecimento, nem tão seguro
criterio em materia de antiguidades; e
julgo da primeira necessidade a sua li-
ção aos amadores d'este ramo de littera-
tura.

LXV.

Gaspar Estação natural de Evora onde por ordem do Cardeal Rei D. Henrique estudou, vivendo no seu palacio, as sciencias humanas, e passando a Roma foi bem accedido a Gregorio XIV. Teve bastantes conhecimentos da historia genealogica e antiguidades de Portugal; escreveu:

Varias Antiguidades de Portugal.

Lisboa 1625, fol. — 1754, 4.º

Não tem o merecimento da obra precedente

LXVI.

Diogo de Paiva de Andrade natural de Lisboa, onde nasceu em 1576, sobrinho do grande Theologo Diogo de Paiva de Andrade mandado por el-rei D. Sebastião ao Concilio de Trento, e A. do Poema Cauleidos sobre o cerco de Gaul, foi assaz instruido na historia, antiguidades, e na poetica. Compoz:

Exame de Antiguidades. Lisboa 1616, 4.º

Esta obra é uma violenta censura da Monarchia de Fr. Bernardo de Brito (d.º n.º 8) que o seu A. escreveu pela baixa vingança de se ver preferido por elle no logar de Chronista mór do Reino, que foi seu pae Francisco de Andrade, e em que Diogo de Paiva pretendia succeder. É feito sem critica, e de defeitos pouco attendiveis, tendo Brito outros, em que tinha com mais razão necessidade de emenda; mas para esta obra não tinha Diogo de Paiva nem os necessarios conhecimentos, nem a devida critica. É pouco acreditada. Foi impugnada por Fr. Bernardino da Silva Cisterciense, sobrinho de Fr. Bernardo de Brito, na Defensão da Monarchia Lusitana.

LXVII.

Manoel Severim de Faria natural de Lisboa, Conego e Chantre de Evora, famoso antiquario do nosso reino, applicou-se com summa diligencia ao estudo da historia genealogica, e antiguidades em que foi insigne. Junctou com incan-

savel trabalho, e grande despeza uma selectissima livreria de livros raros, e manuscriptos, de historia e antiguidades, com um musen de varias qualidades de estatuas, vasos, medalhas, moedas gregas e romanas, e marmores antigos; estabelecimento bem digno de grandeza de um Principe. Foi incansavel no exame de varios cartorios antigos, donde tirou excellentes noticias. Falleceu em Evora em 1655. Na Bibliotheca Lusitana vem muito por extenso referidos os varios e bem merecidos elogios, que lhe fazem os nossos melhores escriptores, sendo unanimes em reconhecer, que foi um insigne e erudito antiquario, bastando para credito seu o elogio que lhe faz Brandão no Prologo da 3.ª parte da Monarchia Lusitana, e D. Antonio Cactano de Sousa A. da Historia Genealogica, immortaes escriptores da nossa historia. Compoz entre outras muitas obras:

Noticias de Portugal—Lisboa 1655.

— Sahiu addicionado com a vida do A. por D. José Barbosa (d.º n.º 17) — Lisboa 1740 folio.

Contém muitas noticias importantes do reino.

(Continúa.)

D. SANCHO II.

Drama historico pelo Sr. J. F. de Serpa.

Tivemos o gosto de assistir á discussão e approvação d'este novo drama portuguez. Sentimos não poder hoje apresentar sobre elle o nosso parecer como tinhamos promettido em um dos N.º anteriores: com tanto mais satisfação renovamos agora a promessa que então fizemos, quanto achamos o drama digno de occupar a attenção publica pelas bellezas que encerra. No N.º subsequente havemos infallivelmente de cumpri-la, publicando um artigo que do Sr. J. de Lemos acabamos de receber.

A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I.

O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuado da pag. 310)

XI.

Videns autem Deus, quod multa malitia hominum esset in terra. . . inquit. . . Ecce ego adducam aquas diluvii super terram, ut interficiam omnem carnem.

Anno sexcentesimo vite Noé, mense secundo, septimo decimo die mensis, rupti sunt omnes fontes abyssi magnæ, et cataractæ cœli apertæ sunt. . . Et aquæ prævaluerunt nimis super terram; opertique sunt omnes montes excelsi sub universo cœlo.

Duradoura não foi aquella felicidade, que o homem gosava no paraíso, porque o príncipe das trevas invejoso não tardou em vir perturba-la.

Bem conhecia elle, que baldados seriam seus ardis, se contra o homem os dirigira, porque o homem tinha-o Deus creado cheio de sabedoria, quando na face lhe inspirára o sagrado sopro da vida. Mas se Deus fizera o homem sabio por excellencia, formosa, também por excellencia, havia creado a mulher. E a mulher vaidosa deixou-se enganar da astuta serpente; e o homem, que viu a esposa enganada, trocou a sua corôa de rei pelos carinhos da esposa, trocou o seu Deus por uma mulher perdida, e quiz perder-se com ella! Foi um crime execravel este primeiro crime do homem; foi justa a maldição, que cahiu sobre a cabeça do criminoso e de toda a sua descendencia; mas o Senhor não podia deixar de compadecer-se do homem, criminoso embora, porque fôra amor o seu crime.

Se o homem houvera derramado o sangue de seus filhos, o Senhor faria cahir sobre elle todo esse sangue pedindo vingança; se por orgulho houvera erguido contra o Creador o estandarte da re-

bellião, o Senhor lhe faria estalar sobre a fronte o raio da sua colera, e como a vassallo de satanaz havia precipita-lo nos infernos. Porém o homem tinha amado com excesso, eis ahí toda a causa do seu crime. E para crime filho de tal causa a impunidade isso não, que Deus era juiz, devia castigar; mas a compaixão, a misericórdia do Senhor Deus quem não ousára espera-la?

Esperou-a o homem resignado e humilde dentro de seu coração, e não foi em vão que a esperou.

O Filho do mesmo Deus se offereceu á justiça do Padre para victima expiatoria do peccado do homem, e prometten fazer-se homem também para vir á terra morrer pelo peccador! Só uma culpa de amor podia ter o privilegio de achar tanta compaixão, que o proprio Deus se dignasse de fazer do criminoso um irmão seu para salva-lo.

Mas em quanto não chegava o prazo da promettida redempção, fazia mister que o homem tivesse fé, e pelo meio da esperauça fortificasse o amor da virtude.

E o homem nem teve fé, nem conservou a esperança, nem cultivou a virtude. O sangue do primeiro justo manchou as mãos de um fraticida invejoso, os filhos de Deus ligaram-se criminosamente com as filhas dos impios, e toda a carne se corrompeu na face da terra.

Foi então que o Senhor como que se arrependeu de ter creado o homem, e penetrado de magna até ao fundo de seu coração, ameaçou do exterminar de sobre a terra tudo quanto nella era vivo e se movia sobre ella. Compadeceu-se porém de Noé, o qual nunca se apartára dos caminhos de Deus, e mandou-lhe que fizesse uma arca, para que nella pudesse salvar-se com a sua familia, e com os animaes que deviam de povoar ontra vez a terra.

E os homens incredulos riram-se das ameaças do Senhor, e escarnece-ram de Noé!

Insensatos, que nem ouviram os bramidos do inferno, respondendo a seus escarneos lá nos desvãos do globo, nem sentiram a terra abalar-se debaixo de seus pés, como que vergando ao peso do tantas iniquidades!

Mas o dia da vingança tinha chegado: era o decimo septimo do segundo mez, quasi 17 seculos depois que a terra começara a ser habitada por homens.

E elles em vão esperaram pelo alvorecer de uma manhã de primavera, em vão quizeram escutar os hymnos harmoniosos dos cantores dos bosques: em roda do horizonte se alevantava uma barreira de nuvens espessas, e em vez do sol no oriente um negrume assustador, crescendo das bandas do occidente, mergulhava toda a redondeza no pavor das trevas, e do silencio.

E depois soava o echo minitabundo do trovão, que se repelia cada vez mais frequente e medonho sobre a cabeça dos mortaes.

E o raio silvando pelo meio das turbas amedrontadas voava nos ares, como espada de vingança brandida por mão invisivel sobre a cerviz dos criminosos.

Soltaram-se então as cataractas dos céus, e torrentes impetuosas de chuva alagavam as habitações dos homens. E os homens ao pallido reflexo do clarão do relampago viam os rostos uns dos outros ainda mais pallidos, uns para os outros estendiam os braços hirtos de susto, procuravam abraçar-se; mas ao encontrarem-se apenas eram cadaveres.

E depois este apparatus de ruina pareceu suspender-se por um momento, e lá para as bandas do occidente, donde ha pouco surgira o gigante das sombras, um clarão foi visto de repente, que penetrava atravez da caliginosa neblina. E os homens que ainda ficaram com vida, julgaram ver o disco ensanguentado do sol, que no fim de tarde tempestuosa pende ás vezes com aspe-

cto sinistro sobre o horizonte melancolico: mas o clarão crescia cada vez mais, estendia-se para os pólos, e em frente d'elle se alevantava uma montanha immensa, negra, ameaçadora, que invadindo o firmamento, parecia prestes a desabar sobre as cidades criminosas, sobre toda a terra habitada.

Era o mar, porque o Senhor tinha quebrado com seu braço omnipotente todas as prisões que lhe domavam as furias. E os antigos pegos profundos, onde nem ou-ára chegar dantes furor da procella, nivelados agora com a superficie do mar, tinham-se convertido em crateras immensas, que como boccas do inferno, ora vomitavam ardentes ondas de lava, ora cachões enormes de agua bituminosa, e fervente. E os homens fugiam para os cumes das montanhas, que tremiam sob seus passos; muitos que viram a arca vogando já magestosa e alliva sobre as vagas encapelladas, ainda tentaram vencer a nado a distancia que d'ella os separava. Em vão, que no meio de seus esforços nãa onda implacavel se alevantava diante d'elles, e os arrojava espedaçados sobre os rochedos da margem.

E o mar tinha devorado todas as cidades e aldéas, onde se abrigavam os homens, todos os bosques, onde se acotavam as aves, todas as cavernas, onde se albergavam as feras. E as feras, e as aves, e os homens lá se foram encontrar nos cumes das montanhas, e allí todos unidos, apertados, o tigre no meio dos cordeiros, o abutre no meio das pombas, e o homem já sem imperio e sem dignidade no meio de todos elles, soltavam um grito funebre de desperaço e de morte.

E nas entranhas da terra lhe respondia a cada momento um fragor terrivel como ullular de demonios, e ao som deste fragor viam-se oscillar ao longo todas as montanhas, como se foram escarcéus de fofa escuma suspensos nas aguas do oceano.

E os homens tinham perdido todos os sentimentos do coração: surdos ás vozes da natureza nem os filhos se compadeciam dos pais decrepitos, que lhes estendiam os braços pedindo soccorro, nem as mães acudiam aos tenros filhinhos que na sua attribuição innocente repetiam com tanta fé o doce nome de mãe.

E o mar crescia, crescia, e subia rodeando em folla ingente os cumes esguios das montanhas: era como caçador cruel, que viu a fera cahida no fojo, e se apraz em atormenta-la com barbaros preludios de uma morte certa.

Então immensas moles de gelo, umas correndo das bandas dos pólos, outras despegando-se dos cimos das montanhas appareceram fluctuando largamente sobre as ondas, como se foram o sudario da morte, estendido por Deus na superficie do globo, para amortallar o genero humano.

E os homens ainda uma vez olharam para o céu; mas todo elle estava toldado de negro, toda a redondeza parecia um tumulo.

Já não havia esperança!

Sentiu-se um subito estampido, e logo apoz um novo e fortissimo abalo em toda a terra, como se o braço omnipotente houvera cahido sobre ella com toda a sua força, para despedaçal-a: as aguas abriram-se por um pouco, como para deixarem ver aos homens o fundo abysmo, que os ia tragar, e cresparam depois a sua fronte horrivel e medonha, e passados momentos, um grito, cortado nos labios dos miseros filhos de Adão, annunciava aos que navegavam na arca abençoada, que em toda a terra já ninguem mais existia.

E o piedoso Noé com sua mulher e seus filhos curvaram a cabeça até o pó, e adoraram, genendo, os decretos da Providencia.

Era então o quadragesimo dia, desde que começára esta scena de desolação. Os gelos, que transportavam per sobre as aguas porções vastas de rochedos encerradas em seu seio, depositavam-nas, ao fundir-se, entre camadas extensas de marnes, argilla, e arcãs.

E essas camadas no meio das quaes ficaram enterradas as victimas d'esta catastrophe, ali permanecem ainda hoje estendidas sobre os valles e sobre os montes, como paginas indeleveis do livro da natureza, para attestarem aos seculos, mau grado a incredulidade dos homens, a realidade d'este universal cataclysmo.

Aos cento e cincoenta dias começavam as aguas a recolher-se á antiga morada, porque os abysmos do mar, que pouco antes convertidos em crateras de vulcões se tinham elevado até á superficie das aguas, desciam outra vez a pouco e pouco á primitiva fundura. Não desciam porém todos, que lá no hemispherio opposto áquelle, onde os homens habitavam dantes, um vastissimo continente se erguia sobranceiro ás aguas, sustendo sobre o dorso o gigante das montanhas, as *Cordelheiras das Andas*, que o Senhor tinha feito erguer de pólo a pólo, como padrão eterno de sua terrivel justiça.

Parou então a arca sobre os montes de *Ararat*, e algum tempo depois o ramo de paz, apresentado a Noé pela pomba innocente, annouciou-lhes que a colera de Deus estava applicada, porque a terra fôra lavada de suas iniquidades pelas aguas do diluvio.

Dispersavam-se as nuvens, e os raios do sol começavam a brilhar por entre ellas, quando o arco iris appareceu rodeando a terra, como sello da nova alliança, que Deus fazia com os homens (1).

(1) A questão da universalidade do diluvio tem dado logar á muitas discussões; agora só a consideramos geologicamente.

O diluvio foi universal, dizem uns, e adaptam varias hypotheses para o explicar: não foi uni-

versal, dizem outros, e riem-se das hypotheses. E quem tem razão? Deus o sabe; porém nós votamos pelos primeiros, que quando menos têm a seu favor a tradição de todos os povos.

Entre os segundos ha uns, que como *Fossilij* não

Temos concluido o capitulo — O GENESIS E A GEOLOGIA — e parece-nos ter demonstrado, que ha completa concordancia entre a narraçao de Moyses, e o que a Geologia nos revela quanto á creação dos corpos sublunares. Admittimos que a palavra *yom* devia dar-se, não a significação de *dia* ordinario porque nem Moyses podia fallar de taes dias antes da creação do sol; mas sim a de *épochas* ou *revoluções*. Esta interpretação parece-nos tanto mais fundada, quanto é verdade que em geral no oriente a palavra,

a que damos a significação — *dia* — corresponde no seu sentido primitivo ao termo chaldeu *sare*, o qual significa *revolução*.

Para melhor se comprehender o modo, porque, segundo entendemos, as épochas geologicas correspondem aos dias do *Genesis*, ahí apresentamos uma tabella synoptica: estamos convencidos que a Geologia, longe de ser como se pensou no seculo passado, uma alavanca destinada a desmoronar a Igreja christã, é um de seus baluartes de defesa. Vid. *Rosel. de Log.*

CONCORDANCIA DAS ÉPOCHAS GEOLOGICAS COM OS DIAS DO GENESIS.

Épochas cosmogonicas	Épochas geologicas	Dias do Genesis	Differentes creações
1. ^a Começa com a creação da materia, e acaba quando a mesma se inflammou.		1. ^o	Apparece a materia pela primeira vez no espaço, mas ainda dispersa; condensa-se a pouco e pouco, e por ultimo inflamando-se produziu a luz.
2. ^a Dura, desde que a materia se inflammou, até que arrefecendo deu logar a formação dos astros.	1. ^a	2. ^o	Separa-se da materia do universo a porção, que devia formar a terra: condensa-se, e na superficie do globo assim formado apparece a primeira crusta solida.
	2. ^a	3. ^o	Engrossa a crusta granitica, eleva-se, e dahi os primeiros montes. — Os vapores arrefecidos descem sobre ella, dahi os mares. — Creação dos vegetaes até ás palmeiras. Formam-se os schistos et cœl.
		4. ^o	Pomposa vegetação de monocotyledonias. Formação dos astros completada. — Elevação de varias montanhas. — Depositam-se os terrenos primarios.
3. ^a Desde? a creação dos astros até á consummação dos seculos?	3. ^a	5. ^o	Apparecimento dos primeiros animaes. Formação do grupo carbonifero, e todos os terrenos secundarios.
	4. ^a	6. ^o	Creação dos animaes, mammiferos. — Formação dos terrenos terciarios. — Creação do Homem. —

N. B. Não entram nesta tabella os terrenos diluvianos, porque embora pertençam a uma 5.^a época geologica, não é esta comprehendida nos 6 dias do Genesis.

(Continúa.)

G. de A.

timbram de incredulos, e estes de certo estarão com os primeiros, logo que se lhes demonstre a possibilidade de um diluvio universal; ha porém outros, (são os *Voltaístas*) que tem privilegio de

Democritos, e hão de vir-se de hypotheses, de tradicções, de crenças geraes, de livros sagrados, de tudo. Deus permitta que nunca elles chorem, se não de constrictos.

UMA NOITE DA MINHA VIDA

A verdadeira virtude regulando as paixões, não extingue o sentimento.
Ransay.

Quem ousou já sondar o immenso abismo do coração do homem para nelle contar um por um todos os sentimentos profundos, que passando como relampago no horizonte da vida, deixam traçado nesse horizonte um multiplicado rasto de desventuras?

E todavia eu quero recordar uma noite da minha vida! — Uma noite, a qual passou como um d'esses momentos immensos, mas indivisiveis que symbolisam a eternidade. — Quero recordar um... sonho talvez? — Prouvera a Deus que o houvera sido.

Calmoso corrêra o dia, e ao feneceer d'elle vira eu apagar-se a pouco e pouco a alampada dos céus, e fiquei triste e pensativo. Vi despontar por entre as gothicas ameias da velha cidadella de *Mumadona* e reflectir após dos muros de *D. Diniz* o pallido clarão do luar: vi per sobre as cabeças d'esses colossos de granito, em cujas sinuosas entranhas ainda resoava o echo de fervorosa prece á Virgem da *Penha*, resplandecer como pharol magestoso a lua desassombrada; e eu saudei o luar com um suspiro profundo.

Do que deixamos dicto no texto vê-se, que seguimos a idéa de *E. de Beaumont*, scilicet, a coincidência da epocha do dilúvio com a elevação das *Cordilheiras das Andas*. Admittimos de mais, que a mór parte do *Novo Mundo*, e por ventura outras muitas terras estavam ainda então debaixo de agua, mas nesta occasião impellido do centro para a periferia pela acção do calor central, surgiram levando diante de si as aguas do oceano. Cossa analogia (guardada a devida consideração ao *licet parvis componere magna*) viram nossos paes no famoso terremoto de Lisboa.

Não desprezamos a hypothese de *Saint Pierre*; crêmos que aos gelos polares se devem os depositos de *bloes erraticos* nas terras septentrionaes: mas entendemos, que não é necessario fazer variar o eixo de rotação da terra, para que essas massas de gelo se derretessem. As erupções, de que por certo os polos não podiam ficar isentos na hypothese, que adoptamos, eram bastantes para fazerem alluir toda aquella mole de gelos.

A fusão das neves dos Alpes e outras mnta-

Porque naquella hora de sandade eu tinha a tua imagem, Ulina, gravada mais que nunca em meu coração; eu amava-te em segredo, adorava-te em silencio, e um confuso pensamento de reccio passava, como o vento do deserto, pelo eden de minhas esperanças.

E meus olhos abatidos ergueram-se para o logar, onde eu te suppunha áquella hora descuidosa dos martyrios do minha alma, e senti uma força irresistivel que me arrastava para ti, e me obrigava a depôr a teus pés como um tributo a confissão do meu amor.

E eu caminhava desacordado. Mas apenas dera os primeiros passos, ouvi estalarem por tres vezes golpes de mão como de ferro, que percutia a superficie das aguas. — Uma sombra deslisava rapidamente a esse tempo por entre os chopos e salgueiros debruçados sobre a margem de um pequeno arroio, a cujo lugubre murmúrio desde a infancia me ensinaram a ligar ideas de terror. — Depois uma voz maviosa, mas que tinha o que quer que era de sinistra, cantava esta trova fatal.

Cavalleiro D. Raimundo,

Que tinhas tanto valor:

Tinhas esporas douradas,

E bom corcel corredor;

Tinhas castellos seguros,

E vassallos nos seus muros,

nhas, a que *E. Beaumont* attribue os terrenos diluvianos de varios paizes, tambem teria então logar? Julgamos até verosimil que tivesse, porque a elevação de temperatura, era favorecida pelas circumstancias, em que se achava a superficie do globo. Ora a reunião d'estes elementos é de sobejo para explicar a universalidade do cataclysmo de Noé, e o deposito dos terrenos diluvianos.

Alguem tem dicto, que o homem não existia ainda no tempo, em que se depositaram estes terrenos, porque nelles não apparecem os seus restos fossilizados. Parece-nos pouco logica a conclusão. Asseveram-nos, que já se exploraram todos os terrenos diluvianos, que não estão hoje occupados por mar, os logares, onde viveram os homens antediluvianos, e então julgaremos tal reflexão digna de algum peso; mas só tanto quanto merecem argumentos negativos, por que ainda restava examinar, se para a fossilisação dos cadaveres humanos militam exactamente as mesmas circumstancias, que para a dos demais.

Vid. *D'Omali. D'Hal. De la Ech. &c.*

Tinhas pagens mui formosos,
 Que te serviam á vez,
 Tinhas cota e capacete,
 Rija lança, e rijo arnez.
 Cavalleiro mais igual
 Nunca o teve Portugal.

Mas ai de ti, cavalleiro,
 Lá se vai o teu condão!
 Fatal noite de luar
 Será tua perdição;
 Que tu viste olhos tredores,
 Olhos que matam d'amores.

Guerra, guerra o bronze soa,
 Já lá corre o cavalleiro:
 Mas quer de eterna constancia
 Jramento ouvir primeiro.
 E a meiga dama lhe jura
 Guardar eterna fé pura.

Já vai longe D. Raimundo
 Para onde a guerra o chama,
 De Christo o sancto sepulchro
 Resgatar da infel moirama.
 Levando escripto na espada
 O nome da sua amada.

Aqui parou do cantar aquella voz mysteriosa, e um silencio profundo succedera aos ultimos échos de seus melancolicos accentos. É uma trova, pensei eu, das que costuma cantar a gente do povo, o que passam como herança de geração em geração. Um momento depois achava-me a teus pés, e te repetia verso por verso esta trova fatidica.

Palavras, que tu me disseste, palavras que te eu ouvi; já nem sei que palavras foram essas. Sei só que me arrebataram, que me enlouqueceram, e que eu dera ainda mil seculos d'uma existencia feliz para tornar a ouvi las.

Duas horas depois voltava eu pelas proximidades do lugar, onde primeiro ouvira cantar a trova: alembra-me então o que tantas vezes na infancia ouvia contar de uma fada, que á hora da meia noite apparecia toda vestida de branco, em pé como uma estatua de

marmore, sobre o mais estreito da velha alpondra do regato; e muitos que áquella hora lá ousaram passar, tinham ficado ou mortos, ou tollidos de susto.

E eu lá divisava uma luz, que ora brilhava, ora se extingia; e essa luz era pallida e triste como a alampada dos mortos.

Mas que susto pudéra eu ter, eu que me julgava tão feliz?—Eu só desejava ouvir o fim da trova, e não tardou que a mesma voz continuasse:

Mas lá volta o cavalleiro
 No seu corcel a correr,
 A correr noites e dias;
 Que na guerra ouviu dizer,
 Que a dama a quem tanto amava
 De soidades se finava.

— Não corras dom cavalleiro,
 Voz d'amigo lhe bradou,
 A tua amante. . . — é já morta?
 — Mais que morta, perjurou!
 E o soldado audaz na guerra
 Treme agora, e cabe por terra.

Ergue-se apoz, e raivoso
 Seu rival jurou matar,
 A jura deixou cumprida
 Em combate singular. . .
 Olha — o morto. . . quebra a lança,
 Deixa a liça co'a vingança.

Deixa a liça D. Raimundo
 Ninguém mais o torna a ver;
 Deixa corceis, deixa as armas,
 Deixa castellos perder,
 E dizem que se fez monge
 La n'uma terra mui longe.

Ao terminar este ultimo verso a luz tinha-se extinguido de todo; um grito infernal sahiu do meio da escuridão, e foi repetir-se ao longo nas paredes do mosteiro, que fôra mandado erguer pelo vencedor de *Aljubarrota*.

E na torre do mosteiro acabava de soar a hora da meia noite!..

Quem dissera que com esse som fugia de envolta a ventura de uma existencia toda cheia de esperanças?

Quem dissera que aquella trova encerrava os fados da minha vida inteiral
Guimarães 24 de Julho de 1845.

J. M. Pinheiro.

O THEATRO PORTUGUEZ.

R O

MAGRIÇO

Quem torto nasce, tarde ou nunca se indriza.

Nunca este proverbio teve maior documento da sua exactidão do que a existencia material e não material do novo theatro portuguez.

Deixaremos, por muito sabidas, as celebres questões acerca da sua edificação. Baptisado com o nome de *agrião* teve a sorte de vir a ser causa da resolução do *simul esse et non esse*, porque eloquentissimos discursos, agudissimos e irresistiveis raciocinios provaram a final, *que uma cousa depois de aberta, não está aberta, ou que se pode abrir sem se abrir.*

Este estupendo parto do ingenho humano, que deixa a um canto pela sua sublime metaphysica as distincções dos aristotelicos, romancistas, e jesuitas, devia como fica formulado ser gravado em letras bem gordas na frente do edificio, porque em verdade foi inspiração prophetica dos destinos do theatro, e senão veja-se.

Abriu-se em 29 de outubro de 1845 e a 13 de abril de 1846. Em ambas estas épocas as portas estiveram patentes, permutou-se dinheiro por bilhetes os mesmos actores representaram, os espectadores applaudiram, ou patearam como bem lhes pareceu que podiam fazer pelo direito comprado á porta &c. &c. e no entanto o Theatro não se abriu senão agora. O mais foi sonho (oxalá o fosse), ou as duas épocas não são senão uma.

O theatro é portuguez e Mr. de *Dumbycki* é um personagem tão conhecido da nossa historia e litteratura portugueza, que só os não *litteratos*, lhe chamaram francez: de modo que foi a sina do theatro que assim o arranjou para termos outra prova que se póde ser e não ser ao mesmo tempo.

Vem finalmente o Magriço, e os mal-dizentes a dizerem que não é drama, outros, que só tem scenario e adereços magnificos; outros, que é tudo menos Magriço ou os doze de Inglaterra, porque isto é episodio que entra como dança pyrhica em S. Carlos, outros a applaudirem a entrada do cavallo em que vem o Magriço; e até fizeram rimar Magriço com inguiço para darem este epitheto ao theatro.

Tudo isto procede de se não buscar a *philosophia dos factos theatraes*, senão lá achariam, que estava escripto que se abrisse não se abrindo por um drama que não fosse drama, por uma producção litteraria dramatica formulada nos trapos pintados, armaduras de folha de Flandres, marchas e contra-marchas dos comparsas, e nas enredadas intrigas e paixões dos combates dos escudos de lata com massas de armas de papelão.

É ou não o máu fado do theatro que assim o quiz?

É o Magriço?—

Lá vamos. Pelas eras de 1385 existia em Trancoso uma velha mãe de um guerreiro, avó de outro, e madrinha de uma pobre orphã.

Como de contado a orphã morria-se de amores pelo neto da madrinha; o tempo, porem, não era para requebros; os castelhanos queriam tomar Portugal, os portuguezes pleiteavam a causa, e os seus advogados e razões eram D. João 1.º, Nuno Alvares, Mem Rodrigues e muitos outros, entre os quaes muito se distinguiam Alvaro Gonçalves (o Magriço) e seu pae. Os mancebos corriam aos campos de batalha, os velhos atalaiavam do alto das torres para darem

rebate; as velhas rezavam, e contavam historias; e as moças, . . . essas bordavam cintos e pendões para os seus namorados; que em Aljubarrota bem mereceram da patria na formosa ala.

Tudo isto assim era, e de tudo isto formou o auctor do Magriço o seu primeiro acto.

A avósinha cantando (o auctor não escreveu nenhum *libreto*, mas a Sr.^a Talassi entendeu que declamar é psalmodiar), a afilhada (Beatriz) bordando, enchem grande parte do primeiro acto.

A nova da jornada de Aljubarrota chega a Trancoso, grande gritaria e vivorio, apparece o Magriço que havia esbarrigado bom numero de castelhanos e máus portuguezes, grande festança, até que a velha lembra dar graças a Deus, todos ajoelham e ao som da harpa elevam-se as orações dos fieis portuguezes.

Este acto se não é muito dramatico e se sabe muito a gazeta; todavia produz muito bom effeito, porque não fazendo nem desfazendo nada para o desenvolvimento da acção dramatica, recorda época e factos, que hão-de fazer vibrar sempre as cordas do patriotismo portuguez. E no entanto vimos patear este acto, e applaudir o apparecimento do cavallo no torneio!

Continemos. — O segundo acto começa pelos aprestos para o recebimento de D. João I. Ha um estradissimo dialogo entre o Anadel e o Pae de Magriço, rematando esta scena pela sahida de ambos os interlocutores, de modo que a seguinte começa *ex abrupto*.

Depois de um curto monologo do Magriço, apparece Beatriz, o segue-se um bellissimo dialogo o qual alem de muita arte abunda em pensamentos verdadeiramente poeticos exprimidos por uma linguagem bella, fluente, e castigada. Esta scena e outra de igual natureza no 5.^o acto são as perolas d'esta composição.

A declaração do amor de Beatriz é sublime pela sua nobresa.

Apoz isto seguem-se duas scenas que de todo vem apagar o fogo produzido. A avó annunciando a proxima chegada de D. João, e pronunciando palavras mysteriosas acerca da orphã; e o Anadel commandando uma guarda de rusticos como nenhum cabo de esquadra de ordenanças commandou, desdizem completamente do que acabava de dizer-se.

Chega el-rei e depois de encher de graças a Avó, o Magriço, e o pae d'este, declara a todos que a orphã D. Beatriz é sua filha.

O pensamento é dramatico, mas labora em graves defeitos de execução.

O auctor que não perdôou (como veremos) a menor circumstancia historica, peccou neste ponto contra a historia tal qual ella é, e mesmo contra a historia, que poderia haver forjado para melhor nella pendurar o seu drama.

A historia (*) não dá a D. João 1.^o outra progenie illegitima senão D. Alfonso (1.^o Duque de Bragança) e D. Brites (ou Beatriz) casada com o conde de Arundel, havida em D. Ignez Pires, antes de elle ser casado com D. Filippa, por conseguinte de mui pouca idade para ser a que o nosso auctor fez heroína da sua composição.

Esta realidade historica seria de pouco momento para um poeta, se acaso este não quizesse antes adoptar a lenda dos prosadores chronistas do que a do poeta Camões em cousas de bem pouco vulto: por tanto foi o seu rigor historico quem nos levou a notar esta falta de exactidão.

O peor porém é que a chronologia do proprio drama está em contradicção, porque havendo nascido D. João em 1358 (**) não tinha, ao tempo em que o auctor colloca a acção d'esta parte do Drama, senão 27 annos, idade mui juvenil para ter uma filha tão crescida como nos appresenta D. Beatriz. E ain-

(*) Hist. Gen. Liv. 3.^o cap. 4.^o pag. 37. Mariz Dialogo 4.^o cap. 3.

(**) Auct. cit. e Epitaphio da Batalha.

da que o auctor na tabua das idades dos seus personagens dê a D. João dois annos de mais, nem por isso chega para tornar *verosimil* esta ficção.

Finalmente expressar em sós duas phrases (Senhor!... Meu pae!...) todos os sentimentos encontrados que naquelle momento *necessariamente* deviam dar-se na alma da orphã pobre e abandonada, tornada infante, faz o final deste acto frio na leitura, e frigidissimo na execução.

Onze annos depois estamos no 3.º acto, e no paço d'el-rei.

O auctor é romantico; abandonadas as unidades (por isso não lhe queremos nós mal) devia ir coherente, e assim temos uma scena como outra dos Renegados, em que um criado está mui affadigado com arranjos de casa. Segue-se uma scena entre o Magriço e a infante, que é muito boa, mas que pelas perguntas e respostas pelos mesmos consonantes, delirios &c. não pôde equiparar-se á que já lougamos, nem á do 5.º acto. Beatriz aconselhando resignação ao amante deixa escapar a promessa de manter o seu amor.

Segue-se uma fastidiosa scena de côrte. D. João preside, lêem-se as cartas do Duque de Lencastre, e das damas injuriadas, faz-se um sorteio anti-dramatico pela sua duração e frieza, e ridiculo pelo modo porque o bom do *Chaciller* lê os nomes das inglezas, e as emprezas umas em *latim*, e outras em francez, e com isto acaba o 3.º acto. Sendo muito para notar que a historia dos doze entra como Pilatos no Credo, para ir dar lugar ao acto seguinte, e para servir de enxerto.

O quarto acto é de todo estranho ao Drama, e parece feito só porque (não sabemos a razão) no cartaz se lê em letras gordas Magriço e os DOZE DE INGLATERRA.

Se não fôra este maldicto titulo, o Drama deixaria de appresentar um episodio mais estranho á sua contextura do que seria a batalha de Aljubarrota,

como fim principal; e o quinto acto ligando-se como desfeixo aos tres primeiros, teriamos uma boa obra litteraria em vez de uma composição choreographica.

A distribuição das fitas feita pelas *feas* damas é fastidiosa pela sua duração e ridiculas posições dos cavalleiros e das *fêas* (*).

Temos depois o torncio, caricato, como todas as batalhas theatraes, e fastidioso pela exactidão com que se mede o campo, pelas proclamações dos arautos, evoluções militares &c.

Não discutiríamos se o torneio devêra ser a cavallo se a pé, se o auctor não julgasse (veja-se o seu prologo) que o ir contra a narração que Camões põe na boca do Velloso, seria o que fizesse mais bulha. Não seriamos nós os bulhentos, porque sem o titulo do drama e sem o torneio ficaríamos muito mais contentes.

Firma-se na auctoridade de um commentador: não lhe diz o nome, mas se é o Licenciado Manoel Corrêa, copiamos fielmente algumas linhas do seu commentario á Oit. 43 do cant. 6.º para se julgar se a questão ficou decidida.

» A differença que ha entre esta Relação e os versos de Luiz de Camões é, que, na Relação se diz que a briga foi a pé com maças de ferro no principio, e depois com espadas. Luiz de Camões diz que foi a cavallo. Mas não temos certeza por ser cousa sem memoria, em Inglaterra dizem que a ha, e Luiz de Camões fazia esta differença para ornato da sua Poesia.»

Mariz relatando o mesmo successo, mencionando os nomes e naturalidade dos doze, nada diz: por conseguinte estava mais adequado á qualidade de cavalleiro que fosse a cavallo a lucta, do que a pé; era mais *apparatoso*, *estrepitoso*, e talvez fossem mais as palmas da platêa, se julgarmos pelas que foram dadas ao apparecimento do Magriço em um ro-

(*) Como já não ha Magriços e as Damas não são inglezas, atrevemo-nos a não faltar á verdade.

cim. O que nós não quizeramos era que uma acção dramatica dependesse de um torneio de theatro, ou que delle tomasse o titulo.

Com este acto acabaram os doze de Inglaterra, e por consequente o quinto tem parentesco com os dous primeiros e parte do 3.º, mas não com o titulo do drama.

O Magriço volta a Portugal, e encontra D. Beatriz prestes a ser esposa do Conde de Arundel.

O encontro delle com ella é bellissimo, gradação no desenvolvimento das paixões, naturalidade de affectos, energia de expressão, tudo é bello e dramatico; o momento em que Beatriz levanta a banda, que bordára e déra a Magriço, e que este despeitoso lhe arrojára aos pés, é sublime.

Talvez esta scena fechasse bem o drama: no entanto nas seguintes ainda ha bellezas no combate entre Magriço, que quer ir arrancar Beatriz dos braços de Arundel e seu Pae, e Avó.

Deve, porém, haver outra coisa alhea a todo o drama para o fechar; ha outro episodio para rematar *de qualquer modo* uma composição, que de um episodio tirou metade do seu titulo. Cortezãos descontentes vem convidar o Magriço para fugirem todos juntos para Castella. De contado o auctor poupou ao Magriço esta nodoa, esperando que a posteridade lhe compensará tanta lealdade.

O auctor no seu prologo pede uma censura severa, mas exoressa, clara e distincta, e nunca em globo. Tractamos de a fazer como entendemos, e seguindo o seu pedido; nem entendemos que de outra sorte se deva fazer.

Não occultamos nem as bellezas que encontrámos: nem callamos os defeitos.

Outros juizes julgaram differentemente, talvez tivessem razão.

Se não vissemos no Magriço muito e consciencioso estudo da nossa historia, bom estylo e linguagem, alguns trechos

dramaticos, não houveramos censurado porque julgamos que a censura é util só a quem pôde produzir, do mesmo modo que a poda aproveita á arvore viçosa e robusta, e não á secca e mirrada.

Antes de concluir estas reflexões diremos duas palavras á cerca da execução, e accessorios materiaes do drama.

Exceptuando a Sr.ª Emilia e Sr. Theodorico, não teriamos senão que censurar se fallassemos dos outros actores. Em Theatro portuguez é absolutamente necessario que ao menos se falle portuguez, e que se não oiça dizer *proscreever* em vez de *prescrever*.

O scenario e vestuario é proprio, rico, e bello; mas desejaríamos que o panno de talão, já que representa Cintra, o que em um theatro feito por toda a Nação, e para toda ella, não nos parece muito proprio por ser muito local tal pintura, ao menos não tivesse um grupo de figuras que tanto o desfeam pela sua ridicula posição.

THE OCEAN FLOWER (1)

Poema por T. M. Hughes — Londres: 1845

Lemos com a maior avidez este Poema descriptivo da Ilha da Madeira, onde por tal arte se fazem sobresahir as bellezas que em tão bella possessão portugueza se encontram a cada passo, que apezar de termos já por mil vezes parado a contemplar os sitios mesmos que o A. descreve, apparecem-nos elles agora, debaixo da aza divina da poesia, com côres taes que fazem subir de ponto a idéa que hoje nos traça na mento a saudade da nossa terra natal.

É mais uma obra escripta por estrangeiros sobre cousas portuguezas: mas d'esta vez não temos que nos haver com um ingiezo orgulhoso, que sahe da sua pa-

(1) A flor do oceano.

tria de animo feito para escarnecer de tudo quanto viu, e que de tudo zomba porque não acha em cada cathedral um *St. Paul's Cathedral*, em cada rua um *Regent Street*, em cada igreja um *Westminster Abbey*, em cada praça publica um *St. James Park*, em cada obra d'arte um *London Tunnel*; sem se lembrar dos crimes e torpezas que a atmosphera nebulosa da sua metropole encobre a cada hora; esquecido de que bem vezes estas construcções maravilhosas são cimentadas com as lagrimas de mil infelizes, que no meio d'esta suborba riqueza, estendem os braços descarnados e mirrados pela fome: — d'esta vez não temos felizmente que lutar com um homem d'estes. O Sr. Hughes é um inglez consciencioso, como ha muitos, é um observador intelligente que observa os quadros que a natureza lhe apresenta a cada passo naquella Ilha formosissima, e que bebendo estas impressões todas, as faz passar pelo seu ingenho poetico para no-las transmitir depois pela poesia.

E certo que de maravilha se hão-de encontrar quadros mais sublimes que os que resaltam d'aquelle bello terreno, onde se resumem todas as bellezas que a mão do Creator derramou pelo mundo: — que oasis do fresquidão e verdura aquelle sitio do Ribeiro Frio, onde o viajante se encontra como por encanto depois de ter atravessado a aridez da serra, aquelle eden formosissimo

Onde mesmo o morrer fora tão doce. (2)

Ora subindo ás montanhas para nos desdobrar o seu manto de verdura, ora descendo aos prados para nos pintar o seu regaço de flores, a Madeira não tem belleza que não cahisse debaixo do pincel do Sr. Hughes, que escapasse aos olhos observadores do Poeta.

Para amenizar mais as continuas descrições, que podiam ao cabo vir a cansar o leitor, intrudziu o poeta, debaixo da forma de cantigas populares, alguns episodios da historia portugueza

que elle faz cantados pelas aldeãs nas suas festas campestres. Inez de Castro, As chaves de Coimbra, D. Sebastião, e sobre todos a seurpre bella, mas sempre fabulosa, historia de Anna d'Arlet, estão bellamente tractados. Quiz a tradição popular que uma terra como é a Madeira, que tanto extasiou os descobridores, fosse primeiro habitada por duas almas para alli conduzidas pelo amor; e que foram arrojadas pela mão da tormenta aquella terra virgem, onde uma outra tempestade as deixou a sós com a sanctidade do seu amor; para que d'este modo o poetico do descobrimento correspondesse á poesia da terra descoberta.

A que eschola pertencerá o poema do Sr. Hughes?

As escholas crearam-nas os criticos: os poetas nem pensam nellas. Nós, que nem nos podemos collocar entre os ultimos, nem ambicionamos um logar entre os primeiros, só diremos que o poema do Sr. Hughes pertence a uma bem grandiosa eschola — á da verdadeira poesia. Hoje classicos e românticos, elevados por fim á altura da arte, fizeram confissão de peccados, emendaram-se e reconciliaram-se depois de purificados pela penitencia.

Verdadeiro poeta, o Sr. Hughes concentrou-se a escutar o que, na sua propria vida, produziam estas bellezas sem numero que a natureza lhe desenrolava deante dos olhos: alli a sua alma deixou-se penetrar das mil emoções que lhe entravam por todos os sentidos, para nos serem reveladas depois pelo symbolo incarnadas naquellas imagens que elle vira á luz da poesia: a forma moldou-se ao assumpto. A vida do poeta, infundida nas imagens do mundo, apparece ataviada differentemente segundo as sensações que lh'a geraram debaixo das inspirações de Deus: é assim que cada poeta póde, aos olhos da critica, apresentar-se como representando ora uma, ora outra eschola, quando elle, concebendo a grandeza da arte,

(2)... where 't were sweet to die.

não quiz desde o principio tomar um molde para todos os assumptos, uma forma para todas as idéas.

Faz o A. preceder o seu poema de uma relação historica e descriptiva da Ilha da Madeira, onde apresenta os factos despidos de poesia, e onde bem se conhece que o Sr. Hughes, a par de muitos conhecimentos da nossa lingua, possue tambem uma vasta leitura de livros portuguezes; condição essencial a quem se propõe escrever uma obra d'estas, mas que muitos dos compatricios do A. que o precederam em tarefa semelhante, nem de longe possuíam; dando-nos por isso cousas improvisadas por observações proprias ou alheas, e transmitindo-nos muitas informações que lhes eram dadas por pessoas ignorantes, pelos criados muitas vezes, e até, não raro, pelos proprios arriciros que os acompanhavam nas suas philosophicas excursões, os quaes são por certo bem dignos cicerones para tão conscienciosos escriptores.

Segue-se a esta parte da obra um ensaio sobre a litteratura portugueza, onde o A. exclusivamente se occupa de alguns poetas modernos.—O paralelo entre Bocage e Francisco Manuel parece-nos traçado por mão de mestre: Nicolau Tolentino julgamo-lo tambem devidamente avaliado. De nenhuns outros poetas já fallecidos faz menção o Sr. Hughes: ommissão esta cuja causa não podemos bem descobrir, porque ha por certo entre elles mais alguns de elevado merecimento.

Passando aos actuaes escriptores portuguezes não podemos concordar com a opinião do A. Começa elle por dizer «o mais eminente dentre os escriptores portuguezes de hoje, o unico de alguma conspicuidade, é o Sr. Almeida Garrett.» Fazendo aqui justiça ao Sr. Garrett, o A. faz-se ao mesmo tempo injusto para com os outros: o Sr. Garrett, para se mostrar grande como é, não precisa por certo de ser collocado sobre as ruinas dos seus contemporaneos. Do Sr.

Castilho diz o A. «o qual parece merecer o nome de poeta (3)» mas paga-lhe mui bem esta injuria quando, no Canto IX, se deixa enlevar por tal forma das idéas do Sr. Castilho, que lhe traz uma das bellas poesias da collecção AMOR E MELANCHOLIA: para exemplo citaremos a ultima quadra da poesia que vem no canto IX pondo em frente a do Sr. Castilho.

Ye, Ye are all my family
Who love and are heart-sore;
Come to me, sad ones; of the crowd
I ask but you, no more.

Vos sois a miha familia
Vos que em lagrimas amaes
Carpi comigo: do mundo
Não busco nem quero mais.

A's quadras que precedem esta succede a mesma cousa—são uma bellissima traducção das do Sr. Castilho: a quem o A. fica por este modo devendo uma das mais bellas de suas poesias.

O Sr. Alexandre Herculano está como escriptor muito acima da idea que d'elle forma o Sr. Hughes que só diz «os Romances de Alex. Herculano mostram grande talento, mas os incidentes são por vezes tam rudes e extravagantes a ponto de se tornarem inteiramente inadmissiveis (5)». Quizeramos que o A. nos apontasse onde estão, nas obras do Sr. A. Herculano, esta rudeza e esta extravagancia.

Abstemo-nos de continuar neste ponto melindroso de avaliar escriptores ainda vivos—a posteridade os collocará onde elles merecem.

Na relação da Madeira entra o A. em leves considerações topographicas, geologicas, agricolas e commerciaes sobre esta ilha, e tratando do clima, con-

(3) Who appears to deserve the name of poet. pag. 404.

(5) The Romances of Alex. Herculano evince considerable talent, but the incidents are frequently wild and extravagant as to be entirely inadmissible.

clue dando aos estrangeiros que alli vão fugir ao hynverno alguns conselhos que achamos bem judiciosos. Fugir ao hynverno, dizemos nós, porque o é de certo ir passar esta estação em um ponto da terra onde os mezes mais hynvernosos do anno são uma continua primavera, onde os extremos da temperatura por todo o anno distam apenas de mui poucos grãos. Aquelles que quizerem fugir aos dias calmosos do estio podem ir residir ao norte da ilha, nas bellas planicies de Sant'Anna, aonde nunca chegam os rigores do verão. Nenhum clima do mundo é mais appropriado para a cura das phthisicas incipientes: molestias em que a hygiene faz sempre muito mais que toda a multidão de meios pharmaceuticos; mas é preciso que os doentes não vão, como muitos costumam, com o mal já n'um grão que por adeantado se torna incuravel: chegadas a este ponto, as pobres victimas já nada mais alcançam do que mudar de sepultura: o mais que poderá então fazer-lhes o clima da Madeira — o que não deixa de ser alguma cousa — é diminuir lhes os soffrimentos e aplanar-lhes o caminho que os leva para o tumulo.

Fallando dos homens cujos nomes mais honrosamente adornam as paginas da historia da Ilha da Madeira, diz o Sr. Hughes «mas de todos os filhos da Madeira o incomparavelmente mais illustre é o Conde do Tojal (6)». Temos que a Madeira, se quizesse erguer a algum de seus filhos um monumento de gloria, havia, antes de chegar ao Sr. Conde do Tojal, de encontrar na lista dos nomes dos que a tem illustrado, um outro que primeiro fosse gravado no pedestal.

Temos acompanhado o A. na descripção da Madeira, temos avaliado com elle a benignidade do clima, a fertilidade do solo: chegamos agora a outro ponto da obra onde se lê «A população da Madeira tem sido desfalcada por mi-

lhares nos ultimos sete annos pela emigração para Demerara e Brazil. . . . Os governos de Lisboa tem por muitos annos, uns apos outros, tractado esta Ilha com desprezo. Na verdade havia de parecer a todos que o povo que habita este paraizo terrestre devia de ser um povo feliz. — Feliz! porque veio esta palavra metter-se nos debaixo da penna e acordar-nos tantas maguas que tinhamos guardadas no coração?

O sol que se erguia outr'ora sobre esta terra allumiava um paiz bemaventurado, habitação de um povo feliz: os canticos das aves, as harmonias da briza sempre cheia do perfume das flores que ia sacudindo no caminho, tudo dizia *ventura*: — mas hoje a estes sons veem misturar-se os gemidos da desgraça, a aza da desventura tambem se estendeu sobre aquella terra; a flor do oceano murcho u ao sôpro da miseria!

Portugal quiz chamar a si esta terra, quiz faze-la uma de suas provincias, quiz comprehende-la na generalidade das suas leis, desattendendo as circumstancias especiaes em que ella está collocada; e neste abraço da mão-patria, a filha gemeu porque se sentiu suffocar e perder, e até hoje tem-se debatido em vão comprinida dentro deste circulo de ferro com que Portugal a estreita, privando-a de lançar mão dos recursos que lhe deu com mão larga a natureza: e debaixo de leis iniquas que lhe não podem trazer senão a desgraça a Madeira viu entrar-lhe para o seio a miseria, com os vicios que a acompanharam, que fizeram degenerar as viçosas virtudes de seus filhos, entre os quaes se assentam agora imperiosas a maledicencia e a inveja.

Hoje a cada onda que vem quebrar-se contra os rochedos d'esta ilha responde um gemido de algum dos habitantes que morre á mingua no meio da fertilidade da sua terra, e que foge por evitar a fome trocando a sua ilha, este seu clima tam doce, a sua patria sempre querida de todos, e uma patria como é

(6) But of all Madeira's sons by far the most illustrious is Count Tojal. pag. 44.

esta, pelas incertezas de uma terra de estranhos, pelo clima ábrazador e mortífero de Demerara.

Vai já em dez annos que esta emigração começou e só se tem empregado para a evitar o mais barbaro de todos os meios; em vez de se procurar a verdadeira causa do mal para a combater pelos meios apropriados, mais morosos sim mas mais seguros, tentou-se uma cousa mais rapida e mais simples, a primeira que lembrou — quiz-se fechar a porta a quem fugia de casa por não morrer de fome dentro d'ella l meio este que nem tem a virtude de ser efficaz, que só veio fazer com que os miseraveis, em vez de se embarcarem no *Funchal* debaixo da protecção da lei, vão sahir com mais perigos de out ros portos não vigiados.

Se as recordações da infancia, laço poderosissimo que liga todo o homem á sua terra natal, se a identidade de vida e de costumes e de crenças, se o amor de patria em fim, que se conserva puro no seio do povo que ainda o não soube esmagar debaixo do peso do egoismo, mas que o vai transmitindo sem mancha de geração em geração; se tudo isto não é capaz de cortar-lhes a sahida — que quereis vos fazer com as vossas leis?

É nas vossas leis, é nellas, que estão as causas da decaência de uma terra que tudo — menos os que lhe regem os destinos — parece favorecer: procura-as lá, e quando vos forem reveladas, cortae-as pela raiz; com este pequeno trabalho tercis evitado essa emigração para que não achais agora remedio, tercis dado a um povo a felicidade, librado a nação de uma vergonha, e restituído o antigo esplendor a uma das mais bellas joias engastadas na corôa portugueza.

A. da S.

D. SANCHO II.

Depois que em Portugal acabaram as imitações do grego e do latim todos os bons engenhos se voltaram para as nossas velhas chronicas, como rica fonte de assumptos em todos os generos de poesia.

Foi um pensamento natural, e nobre.

Aquelle mysterioso do passado, aquella grandeza com que os seculos que foram apparecem sempre ao seculo que existe, aquelle maravilhoso tão necessario ao poeta, e socio infallivel de tudo o que se não conhece bem, eram circumstancias que attrahiam naturalmente a imaginação.

Memorar em todos os tons o viver o crer de nossos avoengos, fazer amar, applaudir, e decorar ao povo esses antigos feitos que lhe deram nome no mundo, crear uma historia facil e agradável que accende brios, que dirige ou conserva os costumes, que forma cidadãos, eram circumstancias tão cheias de nobreza que não podiam esquecer a nenhum coração portuguez.

Era largo o campo para a poesia, mais largo ainda para o amor da patria.

Perdido assim o character monotono da nossa litteratura, porque nessa coragem de quebrar as cadêas dos themas de rigor ia involvido o germen d'uma variedade infinita, não tardou a experiencia a demonstrar que muito se havia ganho no passo que os novos escriptores aventuraram.

Não só se nacionalisaram as lettras e se trajaram d'essas côres locais que as aformoseam tanto, mas foi venturoso ensejo para transpor aquellas eternas barreiras aristotelicas que faziam esmorecer, que deixavam infezados esperançosissimos talentos.

Todavia esta especie de protestantismo litterario, que estabeleceu a do-

eterna de que fóra de Grecia e Roma tambem ha salvação, com ser uma reacção proveitosa, tem sido exagerada, como todas as reacções o são a principio.

Embora sejamos romanticos é preciso não condemnar os classicos só porque o são, só porque as suas não são as nossas idéas, só porque o gosto, e os costumes mudaram.

Tudo é bom no seu tempo, e no seu lugar.

Quando *La Harpe* julga as comedias de *Plauto* pelas mesmas leis que caberiam ás composições de 1780 commette um grave erro de critica; se elle considerasse que o poeta latino não escreveu para o theatro do *faubourg Saint-Germain*, se notasse que *Plauto* foi o romano *Molière*, que apresentava o espelho da sociedade do seu tempo, não seria tão absoluta e severa a censura que lhe fez.

A favor dos classicos, quando mais não houvesse, havia a duração das suas obras; esta força que resiste ao poder dos annos, e ás revoluções da moda só espiritos superiores a podem crear.

Se não os estudamos, se os desprezamos, se lhes não aproveitamos a immensa riqueza, é prova mais da nossa ignorancia que da delicadeza do nosso gosto: — reconhecer-lhes o merito, e não o confessar em voz alta só porque elles não vestem á moderna, é sacrificar a razão aos mesmos prejuizos a que *Montaigne* a sacrificou quando disse, depois de referir alguns bons usos de certos povos do novo mundo — *« tout cela ne va pas trop mal. Mais quoi! ces gens-là ne portent pas de hauts-de-chaussés! »*

Felizmente que estas idéas de exclusivismo e de exaggeração vão declinando: a tolerancia e o meio-termo são já as feições predominantes da litteratura dos nossos dias, sem que por isso tenha perdido a sua phisionomia particular.

Temos hoje de nos occupar de um drama bebido nas paginas da nossa

historia, e vasado nos moldes da eschola moderada.

Como portuguez do coração, o Sr. *José Freire de Serpa* tem preferido quasi sempre para objecto dos seus trabalhos litterarios os factos da historia-patria a todos os outros assumptos, ou seja descantando-os ao som do bandolim de menestrel, ou seja abrindo os velhos sepulchros para de lá trazer os illustres personagens d'outras eras, e calçar-lhes o cothurno da scena.

Como verdadeiro poeta, comprehendeu que a exaggeração não é, nem podia ser, uma eschola, e sem deixar de ser romantico, não é um desses possessos phantasmagoricos que escandalisam a razão; aceitou a litteratura da sua época, mas reconheceu que a reacção já passou.

Debaixo da influencia desta verdade é que o *D. Sancho II* foi escripto: — Portugal ganhou um monumento mais da sua antiga vida, a litteratura mais uma victoria dos principios rasoaveis

Mas ha ainda neste drama um pensamento caracteristico, um pensamento generoso que fóra elle só bastante para dar nome ao seu auctor.

Foi *D. Sancho II* um monarcha perseguido pela fortuna na vida, e na morte; tendo por inimigo o clero, a quem tollia a devassidão, não houve amargura que não provasse, foi ferido como homem, como christão, e como rei; como homem, roubaram-lhe a mulher, como christão excommungaram-no, e como rei depozeram-no do throno: — era muito, mas não era ainda nada para o odio do seu poderoso perseguidor.

Quando parecia que o tumulto de Toledo devia ser o derradeiro capitulo das sanhas do clero, começaram os chronistas a mais covarde de todas as guerras áquelle punhado de illustros cinzas; quando nada havia a esperar nem a temer, escreveu o clero, ou fez escrever, a historia mentirosa do pebre

monarcha, querendo comprar a sua justificação á custa de uma fama preciosa

E essa historia passou em julgado e foi de seculo em seculo dizendo á posteridade—D. Sancho foi um máu rei.

Até que hoje se levanta o Sr. *José Freire de Serpa* para combater esta calumnia; estudou com critica todos os chronistas, revolveu o macilento pó de inacilentos pergaminhos, e seguro das causas da deposição de D. Sancho II, fez um drama para lhe rehabilitar a memoria.

Quem não vê nisto a bella definição de uma alma de poeta?

Mas porque não escreveu o Sr. *José Freire de Serpa* em vez do seu drama a historia documentada, a historia critica d'aquelle reinado? Porque a historia assim escripta não é para o povo, e no povo é que principalmente andava o erro; atacou-o de frente, foi-lhe com a foice á raiz, e escreveu um drama, porque o Drama é obra popular.

Tivemos a satisfação de ouvir ler esta peça em um serão litterario de que a *Revista* já deu conta, assistimos á sua discussão no *Instituto de Litteratura e Arte Dramatica*, e de ambas as vezes nos convencemos de que é esta uma das melhores composições do Sr. *José Freire*. Daremos d'ella uma breve idéa.

Abre-se o 1.º acto com os aprestos que se fazem no paço de D. Sancho para a recepção da embaixada do Papa, e ahí em palestra de alguns fidalgos da côrte se revela a intriga da cleresia que chama sobre D. Sancho as iras de Roma.

D. Raymon de Portocarreiro, a quem o auctor deu o character de antigo despresado amante da Rainha D. Mencia, alli vem da frontaria da Galliza para aconselhar o monarcha segundo as vistas do clero e as suas, porque entrando n'aquellas o separa-lo da rainha, D. Raymon servia a mira dos seus desejos, abrindo caminho para os seus malogrados mas nunca destruidos amores.

Uma pendencia muito a proposito armada entre D. Raymon e D. Martin Gil de Soverosa dá logar a que entre D. Sancho, que a termina, requerendo-lhes aquelles brios para melhores empresas; para logo porém manifestando o rei a sua intenção firme de não ceder nem ao Papa nem a ninguem senão n'aquella parte que lhe cumprisse como a bom christão, e sendo a separação de D. Mencia formalmente exceptuada, D. Raymon se retira jurando voltar a pagar o que elle chama a segunda de suas dividas, porque a primeira é a da pendencia com D. Martin, que tambem não ha de ficar sem pagamento.

Segue-se depois uma bellissima scena entre D. Sancho e D. Mencia em que se revela todo o amor do monarcha, todos receios da rainha, e os sacrificios d'aquelle apreciados e pagos por esta com uns affectos e carinhos cheios de mimo e de graça. Aqui lhe conta D. Mencia como D. Raymon a quizera para mulher, como de cada vez que o tem visto, depois que lhe engeitou a mão de esposo, sempre essa vista ficou sellada com uma desgraça; teem sido quatro vezes:—da 1.ª morreu-lhe o pae; da 2.ª morreu-lhe o marido; da 3.ª foi D. Sancho excommungado. . . e a 4.ª? pergunta, D. Sancho; a 4.ª foi hoje, responde D. Mencia cahindo-lhe nos braços, *D. Sancho, meu D. Sancho que nos ha-de acontecer amanhã?*

Mas D. Sancho não cré nos sustos da sua bella rainha, tem dó do pobre que anda penando os desdens da ingrata, e quando tudo isto se desvaneco da memoria d'ambos em um carinho d'amor, annuncia um pagem a chegada do Legado.

É aqui que se vai dar a grande batalha entre a tunica e a purpura, entre a estolla e o sceptro, entre o clero e o rei.

Deu-se com effeito; o Legado intima a bulla apostolica, e conta com a victoria esperançado em que já a clere-

sia poderá estender o seu dominio illimitado sobre o reino de D. Sancho; mas o character do Rei é firme, e de rija tempera — não cede, porque antes da hypocrisia está a sua consciencia, e esta lhe diz que a cleresia não quer senão *o suor do pobre, e o thesouro do rico; o feudo do vassallo, e o poderio do amo; a isenção da villã, e a flôr da rica dona; o direito, e o avesso; o uso, e o abuso!* E deve o rei e o senhor natural do povo de Portugal assentir? Não, que elle tem primeiro de que tudo o cuidar da defeza da Nação, e entre esta e a ambição dos padres, vai uma distancia incommensuravel. «*Ide-vos pois*» lhe diz o monarcha de pé, e com elle a nobreza. O Legado obedece a custo, porem quer deixar após si o anathema em nome do Santo Padre! Fulmina-se a maldicção, excomungam-se o reino, e levanta-se o grito da insurreição nos proprios paços reaes. «*Real por D. Affonso de Bolonha!*» brada Fr. Desiderio, mas esta saudação não encontra ecco no coração dos Portuguezes, que reconhecem unicamente por seu senhor legitimo aquelle a quem juraram preito e menagem — aquelle que é o seu rei de direito, aquelle que elles levantaram com os seus braços, D. Sancho II, em fim.

D. Martim de Freitas, esse bom e leal cavalleiro, dá o exemplo saudando em contraposição D. Sancho; os nobres e o povo correspondem, e acolhem cheios d'enthusiasmo um nome que todos acatam e prezam.

É assim que o povo e a Nação replica ás exigencias traiçoeiras do Legado, é assim que D. Sancho desarma, como seus maiores, as pretensões injustas de quem lhe quer usurpar reino, independencia, e affectos d'alma, porque D. Mencia, que ama como a vida — lhe deve ser roubada sob o pretexto de parentesco.

Tem de se travar pois um combate a todo o trance: a razão contendrá com a injustiça — a lealdade com a astucia. E quem triumphar n'este certame desigual?

É o que o auctor nos promette descobrir nos dous actos que seguem.

D. Mencia, fraca como todas as mulheres, illude-se com as palavras mentidas de Fr. Desiderio; á capella do Arnado corre em devota oração a pedir indulgencia dos seus peccados e dos d'el-rei. Pobre D. Mencia, que não vês a cilada que se te prepara! Pobre D. Mencia, que deslembraes que o homem que julgas de Deus — é um anjo máu, que jurou a tua perdição!

Concertado o plano entre o Legado e D. Raymon de Portocarreiro, a innocente D. Mencia chega á hora aprasada; em vez do Ministro do Senhor encontra esse homem que a persegue como a sua sombra, esse homem que lhe envenena a existencia a cada passo, e que se mette sempre de permeio entre o seu repouso e a sua ventura, esse homem, n'uma palavra, que *traz Satanaz no espirito e a vingança no coração.*

Ameaças, supplicas, delirio d'um coração ferido pelo despeito e pelo amor, d'um lado; constancia, virtude e coragem do outro — eis os sentimentos encontrados, que pelejam constantemente, sem que a vileza possa ganhar um só palmo de terreno n'este batalhar d'alma e coração. D. Mencia está irremediavelmente perdida; o Legado de Roma, Fr. Desiderio, proclama a sua deshonna, blasfemia de Deus, injuria a Igreja, sanctifica o concubinato! Tal é a sede do vingança d'aquelle, que não tem senão fel nos labios e preversidade nas acções para conseguir seus damnados intentos!

Esta scena terrivel, que parecia não ter por testemunhas senão a divindade, e dous homens perdidos, que anhellam dobrar uma alma candida e angelica, foi escentada por Poncio, pagem fiel, que ainda pôde a tempo unir-se a alguns cavalleiros. A toda a pressa se precipitam sobre o raptor da esposa do rei de Portugal. De que vale tanta golhardia, tanta dedicação? «*Eram mais de trescentos de cavallo, diz D. Martim Gil entrando banhado em sangue a D. San-*

cho que corren logo á capella ao dar pela ausencia de sua consorte; eram mais de trescentos, e nós eramos quatro, tendo sido victimas já trinta; que fazer contra trescentos?»

D. Sancho foi ulcerado profundamente no mais intimo do coração, roubaram-lhe metade da alma, privaram-o dos carinhos, do amor da esposa; deseja a todo o custo salvar a rainha — para isso dará, se preciso fôr, metade do seu patrimonio real!

É tarde. O conde de Bolonha bate ás portas da cidade, um exercito poderoso o acompanha; e os clorigos e os monges valem-se mais uma vez da mortifera arma do fanatismo e do terror para levar a morte e a desgraça a quem lhes resiste. Que lhe resta? Toledo será o seu derradeiro entrincheiramento — é ali que tem de exhalar a vida o desditoso rei.

A voz sinistra e diabolica de Fr. Desiderio treveja de novo — pede o descredito e o aviltamento da corôa. Isso nunca, que ainda sobram brios nos valentes Portuguezes — isso nunca, que ao Alcaide de Coimbra pende ao lado uma espada.

Mas na hora da desdita soma-se a popularidade; ás aclamações do monarcha já respondem poucas e debeis vozes: esvaio-se no pó a grandeza d'um formoso reino — venceu a injustiça, campêa ovante a astucia sobre as ruinas da lealdade e da razão.

« Agora sim, que levarei ao Santo Padre a replica do teu povo.»

Esta exclamação solta Fr. Desiderio na embriaguez do triumpho. Cumpriram-se os seus desejos nefandos — realisou-se a sua vontade — está quasi debelado um corajoso adversario.

Volveram dous annos. Que mudança! O monarcha valente, que folgava no meio dos maiores perigos, que sorria da guerra, que nas desditas mostrára sempre um nobre vigor — ei-lo abatido e quebrado — *ei-lo esposo sem mulher, cidadão sem patria, rei sem reino.* Assim se ex-

pressa D. Martin Gil na breve pratica com o pagem d'el-rei de Castella.

Ainda restam algumas esperanças, que o tulão da adversidade não desfolhou de todo — ainda o esforço, symbolisado em D. Vasco Martins Pimentel, pôde levar um raio de luz aquella alma em trevas, ainda a religião, pintada com côres celestes n'aquelle bello personagem Fr. Mignel — pôde apagar o desalento do peito, outrôra forte do guerreiro D. Sancho, que hoje desacorrido da fortuna se mostra froixo, tibio, e desvalido.

E a historia tem de insultar este homem digno de melhor sorte — a historia, que deve ser a verdade escripta — será feita por esses homens que o odeiam! E elles cuspirão sobre as cinzas do findo a injuria e a calumnia! Um rei que amou extremosamente o seu povo, que superou os prejuizos da epocha — será para os vindouros um motivo d'escarneo e desprezo: os mais rigorosos chamar-lhe-hão tyranno — os menos austeros — imbecil! Que futuro d'amarguras para quem só curou da felicidade dos seus vassallos!

Estas idéas callam no espirito do Monarcha, e lhe fazem perder a energia, a força, e a vida; estas idéas perseguem-o dolorosamente, e lhe apressam o termo dos padecimentos.

A hora do Conselho em que se hão-de decidir os destinos do caduco reinado de D. Sancho vem proxima, vai-se tentar o derradeiro golpe, e se elle falla, ai dos valentes e destemidos!

Porem que estranho, e novo successo reserva a Providencia? Uma mulher, envelhecida não pelos annos, mas pelo padecer — appresenta-se para vêr o Monarcha. É D. Mencia, que pôde escapar aos seus perseguidores, D. Mencia, que resistiu a dous annos de seducção — D. Mencia que pedindo recolher-se ao Mosteiro de S.^{ta} Maria, ao passar cerca de Toledo, pediu soccorro, foi soccorrida, e depois de rija peleja conseguiu salvar-se.

Renasce de novo o alento. D. Raymon de Portocarreiro, reptado por D. Martin Gil, paga com a vida n'um duello a sua traição, tendo sido feito antes prisioneiro dos alliados; e a espada valente do cavalleiro vencedor é deposta aos pés da rainha, que tom de guiar á victoria o valoroso exercito portuguez. Portugal não ficará orphão do seu rei — Portugal agora tem um chefe, um anjo mensageiro de novas venturas.

«Cavalleiros, diz D. Martin, as vossas espadas em punho, e vamos levar a el-rei o nosso juramento.»

Estas palavras já não serão ouvidas do malaventurado rei, que proximo a descer á sepultura ainda pôde morrer junto da mulher que adorára.

Como rei magnanimo lega o seu coração aos seus fieis vassallos, como homem e portuguez desinteressado cede o reino a seu irmão — como christão perdôa a seus inimigos, e como esposo morre nos braços da esposa, amando-a até ao ultimo sopro de vida.

Temos dado até aqui uma exposição do Drama do Sr. José Freyre, e fomos talvez demasiado longos; todavia o assumpto assim o demandava,

Ha no Drama bellezas, e lances Dramaticos. Os mais escrupulosos desejariam resumida a entrevista no 4.º Acto entre D. Sancho e o Legado de Roma. Ah! a attenção cança-se, e a historia não suppre o effeito scenico. O poeta tornado chronista suicida-se, e o publico não lhe leva em conta a erudição.

Haveria tambem muito quem desejasse mais relevo na figura veneranda de Martin de Freitas. É para que um anachronismo? Como diz o auctor no prologo — o facto que anda impresso na memoria de todos foi depois da morte de D. Sancho — logo só a necessidade justificaria o abuso — essa porem não existia, porque D. Martin de Freitas, é um accessorio, e não prende de modo algum com o principal da accção.

O 3.º Acto para nós é de grande valia. As paixões estão retractadas com

colorido vigoroso e sentimento, os incidentes correm naturaes, (se bem que a apparição repentina de D. Mencia parece um pouco forçada) e sobretudo o interesse Dramatico recresce de scena para scena. Aquellas mimosas flôres de poesia espargidas sobre a loisa do grande rei tão injustamente avaliado — tornam o desenlace do Drama d'effeito e interesse, e revelam o pensamento nobre e portuguez do auctor: revindicar a memoria ultrajada de D. Sancho II, tão maltractado na vida pelos ingratos, e na morte pelos parciais e aulicos (*)

A linguagem agradou-nos em geral, se bem que seriamos de voto que fosse despida d'alguns termos obsoletos.

Pareco-nos termos sido exactos na apreciação da obra do Sr. Freyre. Como D. Sancho soffreu elle uma *excommunição inmerecida*, como a D. Sancho pertenderam despoja-lo da sua corôa de poeta. Se o que ahí deixamos escripto pôde despertar algum interesse pelo amor da verdade, temos conseguido o nosso fim. A força da consciencia é a imparcialidade. É por isso que protestamos contra uma sentença iniqua que podia um dia passar em julgado.

Paulo Midosi Junior.

(J. D.)

INSTITUTO DE LITTERATURA
E THEATRO ACADEMICO.

Decorreu mais um anno para o Instituto Dramatico, mais um anno em que a experiencia provou cabalmente, que as deligencias e os esforços da mocidade sabem afrontar todas as difficuldades, concorrendo para o progresso da intelligencia, e substituindo os divertimentos materiaes dos tempos passados pelas recreações instructivas da nova era porque passamos. Negar a utilidade, que produziu e produz o Instituto entre as demais associações, que modernamente se tem

(*) Prologo pag. V.

estabelecido em Coimbra, seria negar uma verdade reconhecida. E nós, os que depois de alguns annos da sua existencia, continuamos esta instituição fatalissima ao nosso dever, se não dessemos uma prova de reconhecimento aos que tanto concorreram para a sua criação, e que nos primeiros tempos da sua vida ephemera não recuaram deante de centenas de contradicções, que sempre se desenvolvem de mistura com certo desdém, e sarcasmo de quem ordinariamente não olha muito para o futuro.

O anno academico terminou; e delle se deve dar o Instituto por satisfeito, porque a Direcção não poupou nenhum sacrificio para que se representasse o maior numero de vezes possível, dando-se 8 recites, e além disso fez desenvolver e apreciar um novo genero de produções, que nos annos antecedentes fora estreado com pouco successo. O theatro, que deve ser a expressão viva do mundo exterior, o theatro, que deve sempre acompanhar a civilisação e o progresso, o theatro, que deve estar ao par das idéas do seculo, já não pôde soffrer o peso dos cadafalsos nem o sangue das victimas. Já, não é o coração que aplaude a Torre de Nesle, que victoria Joanna de Flandres — é a intelligencia exaltando o merecimento da arte, louvando o bem delineado dos caracteres, premiando o bem acabado do dialogo; mas neste caso o theatro só consegue metade do seu fim — é como o cadáver de uma virgem, em que ainda se divisa a elegancia das formas, e a belleza das feições, mas falta-lhe a vida, falta-lhe o sentimento. O theatro da actualidade é o Chatterton, o Fr. Luiz do Sonza, o Kean, a Adelaide, a Angela, o Camões do Rocio, o Gaiato, o Japhet. É o Drama de sentimento, e a comedia de costumes.

O Instituto tem empregado todos os meios de seguir este methodo e foi por isso que a Direcção apresentou á discussão a Luiza de Lignerolles, bellissimo drama francez, que reúne em si a natu-

reza sem ridiculo, a paixão sem excesso, e a pintura dos caracteres que toca o sublime. Infelizmente algumas difficuldades tem obstado ás composições desta natureza; será porem de desejar, que se vençam, e que o theatro academico vá pondo de parte a eschola exagerada. O genero comico foi executado pelo decurso deste anno, e é decerto um dos muitos serviços, que a Academia Dramatica deve ao sr. Paulo Midosi Junior, mancebo, que pelos seus conhecimentos, docilidade, e modestia, se tornou sempre digno de merecer a confiança do Instituto.

A Direcção teve tambem o prazer de levar á scena o Drama original do sr. Pizarro—Lopo de Figueiredo—que apesar de não ser de primeira ordem, tem muito merecimento pela sua excellente linguagem, dialogo bem sustentado, e veracidade historica.

Na noite de 13 deste mez teve lugar a ultima representação deste anno com a Magdalena, e o Japhet. Cinco membros do Instituto, F. Palha, O'Neill, Sá Carvalho, Paulo Midosi, e D. Antonio, que terminando os seus estudos vão deixar Coimbra, tiveram occasião de fazer as suas despedidas, e de agradecer aos socios da A. D. e a todos os expectadores o favor e a bondade com que sempre os acolheram. Aquellas palmas e aquelles bravos penetraram no intimo dos seus corações, e cheios da mais viva saudade nunca deixarão de lembrar-se do theatro academico, e da noite de 13 de Maio. E eu faltaria tambem ao dever da gratidão se não estampasse nestas linhas um testemunho de reconhecimento ao illustre poeta, Presidente do Instituto, a quem elle deve mais serviços, o sr. José Freyre de Serpa.

Possa o theatro academico florescer longos annos. Possa o Instituto continuar a sua obra de civilisação e progresso artistico. X

D. A. da Costa.

O AGRICULTOR MICHAELENSE.

Cada vez que apparece na imprensa um apostolo da sciencia, cada vez que na nossa pobre corda industrial se engasta mais uma perola, sempre a nossa imaginação tenta enxergar no espesso véu do futuro um raio da nossa antiga grandeza, que renasce, e que abrilhanta as nossas vastas esperanças.

É o que nos succedeu com o *Agricultor Michaelense* — surgindo no meio do oceano, elle veio até nós, como o limpido diamante das agoas, embalado pela aragem mimosa do Oeste a reflectir os brilhos d'um genio, que é todo nosso.

O campo, esse thesouro inexgotavel, essa fonte preciosa de riquezas, é ella os amores do *Agricultor*, que lhe dedica os seus dias, as suas horas, os seus instantes, a sua vida; e ella grata prodigalisa-lhe as suas arvores, as suas flôres, os seus fructos, e tudo!

A agricultura, conhecida de todos os tempos, e olhada como um dos mais solidos elementos da prosperidade publica, vai desfilhando em Portugal a olhos vistos, porque sem apoio, sem jornaes seus que a ajudem como é mister, sem uma legislação que a proteja, ella olha somente para a sua irmã dos outros paizes, que alarga cada dia as suas conquistas, e fica muda e assombrada sem saber o caminho, que ha-de seguir para a alcançar.

E não é de certo aquelle orgulho agricola, que tanto mal faz aos Egypcios, nem a menos aquella indolência dos Orientaes, a causa deste atrazo — provem elle d'outra muito poderosa, que é a escassez d'instrução, causada por um vicio de governos desleixados — provem dos maus calculos dos nossos economistas que não tem sabido animar os productos no mercado — provem em fim dessa pouca importancia, que se dá á mais solida fortuna do paiz, á propriedade agricola, ao *capital nacional*.

A plantação de florestas, a instituição

de eschololas ruraes, a criação de *quintas-modelos*, e o estabelecimento de viveiros exoticos eram cousas de facil execução no continente e illhas portuguezas, não só pelas conveniencias do terreno e benignidade do clima, mas tambem pela indole e habitos do povo. Porem nada disto se tem feito, e foi mister que a Ilha de S. Miguel, reunindo alguns dos seus mais benemeritos filhos nos desse o exemplo, organisando uma Sociedade Promotora da Industria Agricola, que animada d'um grande pensamento começa com entusiasmo a pô-lo em execução — estabelecendo um conselho agronomico accessivel a todo o lavrador, que o queira consultar — mandando vir novas plantas para variar as culturas, e novas raças d'animaes para melhorar as antigas — fundando festas, e premios para os mais activos no trabalho — instituindo eschololas para educar e instruir os camponezes — e creando finalmente um jornal, o *Agricultor Michaelense*, redigido pela brilhante penna do nosso compatricio o sr. Castilho, que ensine por toda a parte os melhoramentos uteis, para que todos possam aproveitar-se delles.

Este pensamento digno de seus authores, eilo ahi realisado em cada uma das paginas daquelle jornal, que vem marcar uma epocha na nossa historia agricola, e que devêra ser um poderoso incentivo para os povos de Portugal e das outras illhas.

Em cada uma de nossas provincias, ao menos, desejaramos nós que se organisassem sociedades de Lavradores, tomando aquella como um modelo nacional, e espalhando as innovações proveitosas, que tornam animada e rica a agricultura de Inglaterra, França, e dos Estados-Unidos. Cada uma destas sociedades, estudando as condições territoriaes da sua provincia, introduziria nos lugares mais convenientes as culturas mais adequadas e mais uteis, para equilibrar desta arte os productos do paiz, e para facilmente se venderem uns pelos outros.

A seda, o algodão, as madeiras do Brazil, o arroz, o café, o assucar, o cacau, e outras producções meridionaes podem ser cultivadas com todo o proveito nas provincias do sul, e nas ilhas dos Açores, Cabo Verde, e Madeira; em quanto que o milho, os animaes lanigeros, bovinos, o queijo, os porcos, etc., seriam fornecidos em abundancia pelas provinencias do norte.

Escusado é produzir mais provas para mostrar as immensas vantagens que acarretaria para o povo, e em geral para o paiz a organização agricola de que acabamos de fallar, e á qual voltaremos nas paginas deste jornal, se elle continuar a ser bemquisto dos seus leitores.

Por agora diremos somente que uma sociedade tal como a do *Agricultor*, encerra em si os elementos sufficientes para tornar impedidente a ilha de S. Miguel nas suas relações materiaes, e tem diante um campo vasto para grangear fructo e reputação.

Se a nossa voz tivesse valor para alcançar alguma cousa, e se o *Agricultor Michaelense* precisasso della, pediriamos a todos os amigos do nosso adiantamento, que dessem seu amparo a esta arvorezinha ainda nova mas já robusta, até ella chegar a ter uma fortidão capaz de atravessar os seculos. São estes os nossos desejos e as nossas esperanças, e cremos que o pharol agricola de S. Miguel não se apagará á mingoa de recursos proprios.

J. Fructuoso,

O HERCULES PRETO.

ROMANCE ORIGINAL PORTUGUEZ

POR

A. Aragão.

Este livro impresso em 1846, e dedicado pelo seu Auctor ao Instituto Dramatico de Coimbra, foi mais uma obra, que apparecen na nossa imprensa tão esterilizada por más traducções, e infelizes imitações dos romances francezes.

O sr. Aragão ainda que inspirado talvez pelos — *Mysterios de Paris* — soube com tudo dar á sua obra uma côr, e uma forma tão nacionaes e tão portuguezas, que seu livro é mais uma prova de quanto é facil acclimatisar entre nós estas producções da escola moderna.

Alguns capitulos d'este romance já o auctor os havia publicado nos jornaes. Mas os perfumes do folhetim são como os da rosa; esta murcha e morre poucas horas depois que a separam do tronco, o folhetim só dura o dia em que é arrancado do prélo. O sr. Aragão quiz dar as honras de livro aos seus ensaios do jornalismo, e fez muito bem, porque o livro não morre.

Fizemos uma leitura rapida e superficial d'estas paginas. Bebemos-lhe o nectar do romance, com aquella avida curiosidade propria d'un amante de novellas, e portanto nem o cadinho da critica, nem a lima aguda da analyse nos acompanhava.

Não lemos este livro com a reflexão, estudo, e severidade d'un litterato, e á vista d'esta declaração, vê-se que não intentamos neste annuncio nem um exame consciencioso do seu merecimento, nem uma discussão protenciosa de critica.

Os caracteres d'este romance são fielmente copiados dos originaes, que a sociedade de nossos dias por ali nos apresenta principalmente nas classes inferiores, e desenhados com um lindo colorido d'estylo — O dialogo é escripto com um chiste, graça, e mimo proprio d'un P. de Kock — Os costumes da sociedade do nosso seculo são philosophicamente avaliados pelo auctor. Os seus vicios, os seus principios, os seus crimes, traçados com um pincel severo — scenas populares da capital pintadas com côres tão vivas, que não podem deixar d'admirar o escriptor nestes traços da sua penna; lembra-nos por exemplo a descripção dos — milagres do magnetismo —, e o — arrombamento da barraca pelo povo e municipaes —. O typo d'Ernestina é bello e todo repassa

de poesia — Crispim e Gervasio são dous modelos, um da avareza, e outro da traficancia, cinzelados com muita verdade e expressão.

Parecem-nos notar alguns lapsos de linguagem, que nos desejamos attribuir a erros d'imprensa.

O Instituto Dramatico de Coimbra agradece a distincta honra da dedicatória d'este livro, e aqui tributa esta homenagem de gratidão.

J. A. S.

MEMORIA

Sobre o direito de preferencia dos officiaes theorico-practicos d'artilheria.

Recebemos este trabalho anonymo, cujo fim é provar que a sciencia, e o estudo são requisitos indispensaveis para o bom artilheiro. Em tres partes divide o Auctor o seu opusculo; na primeira assigna a importancia e consideração, que tem a arma d'artilheria desde o seculo 17.º, comprovando-a com documentos officiaes; na segunda apresenta um quadro ligeiro, onde se vê que com effeito a habilitação da sciencia tem preferido a da antiguidade, menos em algumas epochas muito modernas; na terceira finalmente conclue o auctor com muito tino, que sem duvida a sciencia é uma habilitação indispensavel, e que deverão ser somente promovidos os officiaes munidos della.

É este um ramo especial da instrucção publica que, assim como todos os outros, tem sido menos attendidos do que deveram ser; porém apezar disto consideramos um dever, que nos impõe o espinhoso mister d'escriptores, o juntar a nossa debil voz á santa cruzada do progresso intellectual, todas as vezes, que podermos.

Ao progresso da instrucção publica está ligado o estado florescente das nações, porque com ella se propagam as mais sublimes das virtudes sociaes.

Quanto mais vastos forem pois os meios empregados para se augmentar a illustração, tanto mais depressa nós chegaremos a occupar de novo o distincto lugar, que já nos coube na escala das nações.

Por isso nós pedimos mais do que o auctor daquella memoria — pedimos uma eschola militar, que dê ao exercito a officialidade illustrada, sem com tudo prejudicar os soldados valentes e dedicados — pedimos em fim uma eschola subsidiada pelo estado, que faculte a instrucção a todo o militar, que a pedir, e mostrar aptidão e talento para a receber.

J. Fructuoso.

UM CEMITERIO ACADEMICO.

Tam rara in amicitia fides, tam parata oblivio mortuorum, ut ipsi nobis debeamus etiam conditoria extruere.

Plin — Ep. VI.

Essas duas palavras, que ahi deixamos escriptas no principio deste artigo, não são e seu titulo, não são uma nova, que damos ao publico curioso: são apenas uma supplica.

Quando por toda parte nos cercam idéas de lucto e morte, não é muito que supplicemos um jazigo para finados. Contemplavamos os passos incertos da patria, disseram-nos, que era a sua marcha para o patibulo, que ia adiante della o esquife: lançamos os olhos para a geração nascente, em quem tinhamos tantas esperanças, mostraram-nos voando já para o occidente, á voz do tremendo — *caminha, caminha* —, o flagello da *cholera de Deus*, para despovoar nossas cidades. . .

Pedimos pois um jazigo para finados, pedimo-lo com o rubor nas faces, porque não sabemos como desculpar a terceira cidade do reino, a sede da *Universidade Portugueza*, que ainda não tem de seu um palmo de terra para repouso dos mortos, *para corte de paz* (*).

(*) O. Almeida chamou ao cemiterio — *Fris-*

A supplica quizeramos fazel-a ao povo; mas não o ousamos.

Foi má sina desta nossa terra, que para se estabelecer o mal hajam traças e firmesa; mas para nos fazer abraçar o pouco bem, que ás vezes lembrou a quem nunca o devêra esquecer, só se empreguem guisamentos próprios para lhe tomarmos aversão.

Livre-nos Deus, que nos lancem á conta de politica isto que dizemos: a *Revista Academica* morrerá sem descer nunca até o circo para manchar-se no sangue dos gladiadores.

Mas quizeramos, que se não houvessem tornado odiosas aos povos medidas salutaras, teimando em levar ás aldêas uma civilisação, *ainda demasiada para a cidade das lettras.*

Nas aldêas não havia o perigo da infecção. Um pouco mais tarde os prejuizos houveram desaparecido ante o exemplo dos ricos e investidos em auctoridade.

Quando a joven filha do rico lavrador, antes de entrar no templo para adorar o Eterno, vier, como diz *Chantigny*, ajoelhar sobre a campã de sua mãe; quando os esposos oraram sobre a do pastor, que abençoou sua união e seus filhos; o camponez pobre ao voltar á noite do campo de trabalho, se passar em frente *do campo de Deus* (*), demorar-se-ha um momento para orar por seus irmãos, que alli dormem o somno da morte, e ha-de familiarisar-se pouco a pouco com idêa da sepultura fora do recinto das igrejas.

Mas n'uma cidade a fundação de um cemiterio fóra de seus muros é indispensavel.

Não queremos o cemiterio fóra dos muros da cidade, porque julgamos, que *toda a ventura consiste em gosar o presente, esquecendo-nos do passado, sem nos inquietar o futuro*; não o queremos fóra dos muros da cidade, porque nos

apraza *apartar cuidadosamente de dentro della tudo quanto pôde tornar carregudas as côres do quadro da vida* (*): quieremol-o fóra da cidade, porque assim o pede a hygiene publica em nome da saude dos povos, pede-o a poesia para desaffogo do coração, pede-o o Christianismo para consolação da pobreza, para desaffronta da igualdade religiosa.

Somos christãos, professamos a fé catholica em toda a sua pureza, com todas as suas crenças, todas as suas observancias: nossas palavras devem de ser por tanto insuspeitas.

É pois como christãos, que pugnamos pelos enterramentos fóra dos templos, pela sepultura nos cemiterios: mas queremos cemiterios dignos de christãos, e não vastos ossarios, considerados unicamente como depositos de cadaveres em corrupção.

Queremos, que as cinzas do homem fiquem sob a protecção do sanctuario, acolhidas á sombra da Cruz, para que se grave profundamente no espirito dos vivos a dignidade de nossos destinos.

O dogma da immortalidade acha-se universalmente traduzido nesse religioso respeito, que todos os povos tem sempre guardado para com a morada dos mortos.

Entre muitos dos antigos o criminoso acolhido ao asylo do cemiterio, ficava pelo em quanto fora da alçada da justiça humana; as riquezas depositadas nos tumulos não havia mão, por mais sacrilega que fosse, a qual ousasse tocar-lhes.

Entre os *Israelitas* estava tão arraigado no espirito de todos o pio costume de respeitar as cinzas dos mortos, que nem *Moyes* julgou necessario sancional-o por lei. *Tobias* sem recear a colera do rei da *Assyria* dava á sepultura os cadaveres dos que o tyranno sacrificava á sua ferocidade. *Jeremias* não achou ameaça tão terrivel contra os principes e sacerdotes, que adorassem os idolos, como a de que seus ossos seriam tirados da sepultura, e espalhados pela terra em castigo de seu crime.

dhof — corte de paz, ou — *Gottesaack* — campo de Deus.

(*) V. a nota precedente.

(*) *Chantigny*.

Mas não era dentro do templo que se abriam tumulos: nas aldeas, nas estradas, e sobre as montanhas guardava a morte as suas victimas. O sepulchro de Jesus Christo lá estava sobre o Golgotha, cavado na rocha viva.

São vulgarmente conhecidos os methodos de embalsamar os cadaveres entre os *Egyptios*; as honras da sepultura só aos perversos se negavam por uma sentença, proferida em tribunal, de cuja auctoridade nem os reis eram isentos. Podiam os fillos conservar no seio da familia os cadaveres dos paes depois de competentemente embalsamados. Eram estes o melhor penhor de suas promessas; mas ai do que não desempenhasse o cadaver de seu pae! Ficava para sempre infamado o seu nome; nem a morte o livrava da deshonra.

Entre os *Gregos e Romanos*, os cadaveres ora eram sepultados, ora queimados: a sepultura era o uso mais antigo; a pyra foi depois preferida, mas nunca universalmente adoptada. As cinzas recolhiam-se da pyra para uma urna as mais das vezes de barro, a qual depois era confiada á terra. Ainda hoje apparecem destes vasos enterrados; destroe-os o vulgo ignorante ávido de encontrar alli um thesouro, e amaldiçoa os pobres *Mouros*, que por força dos seus encantos souberam reduzir á apparencia de carvões, joias e pedras preciosas.

Mal cuida esse pobre povo, que o que vê é um thesouro da morte, que profanou a mansão dos finados, que alli não está ouro, mas um desgano terrivel. Mal cuida que remexa as cinzas talvez do soldado de Roma, o qual ha vinte seculos combateu na terra dos Lusitanos contra o valente montanhez da *Hermínia*, nascido para opprobrio dos conquistadores do mundo, e deshonra eterna do traíçoeiro *Galba* (*).

(*) Relevem-nos, que por amor patrio, já que fallamos de cemiterios e sepuleros, copiemos aqui o seguinte epitaphio.

L. SILO. SABINUS. BELLO. CONT. VIRIATUM. CONFOS. MULTITUD. TELORUM. AD. L. PLAUT. PRÆT. DELATUS. HUME

O respeito para com o jazigo dos finados era sancionado por leis: eram reputados sacrilegios os que violassem a religião do sepulchro.

*Res ea sacra, miser, nolime tangere fata,
Sacrilège bustis abstinuere manus.*

Multas pecuniarias eram impostas aos que onsassem tocar as cinzas dos mortos. (*)

Mas todavia não era nos templos, nem dentro dos muros da cidade, que essas cinzas se depositavam: prohibia-o a lei das *doze Tabuas* (**), prohibia-o o accordam do Senado do anno de Roma 490.

O imperador *Adriano* impoz uma multa pecuniaria não só aos que abrissem sepultura dentro da cidade, mas tambem aos magistrados, que o tolerassem; e *Diocleciano e Maximiano* ratificaram estas determinações (***)

Na *China*, e entre os *Turcos*, enteram-se os cadaveres com toda a pompa, mas não é nas mesquitas, nem nos pagodes, nem dentro das cidades.

Os proprios selvagens da America, cujo templo era o universo, tinham todavia tanto amor e respeito ás reliquias dos mortos, que quando os Europeus lhes propunham uma mudança para outro paiz, responderam com a nobre eloquen-

RIS. MIL. HOC. SEPUCR. F. PEGUNIA. MEA. MIHI. FECL. IN QUO. NEMINEM. VELIM. MEGUM. NEG. SERVUM. NEG. LIBERUM. INFERRI. SI. SECUS. PIET. VELIM. OSSA. QUORUMCUMQ. SEPULCR. MOVERI. SI. PATRIA. LIBERA. ERIT.

Kirkkaman, de Fun. Rom. III. 13.

(*) L. 4. C. de sepulc. viol. Decem pondo auri fisco inferre eos, qui corpora sepulta, aut reliquias contractaverint.

(**) Homine mortuum in urbe ne sepelito, neve urito.

(***) Nem os mesmos imperadores eram dispensados de observar estas leis: foi-o só Trajano em recompensa de suas virtudes. Sols omnium imperatorum, diz um historiador, intra urbem sepultus est. Ossa ejus collocata in urna rurea in foro, quod edificavit sibi, columna ibi posita, sunt: ejus altitudo pedes CXLIV habet.

Entrop. VIII. 5.

Quid? Qui post XII in Urbe sepulti sunt clari viri? credo, Tite, fuisse aut eos, quibus hoc ante legem virtutis causa tributum est, ut Publicola, ut Tuberto, quod eorum posteri temerum: aut e. 15. siqui hoc, ut G. Fabricius, virtutis causa, soluti logibus consecuti sunt.

Cicer. de Leg. II. 23.

cia filha da religião da patria: *Diremos aos ossos de nossos pais; alevantai-vos, segui-nos para terra estranha?*

Oh! como temos inveja, que palavras taes salissem de boccas pagãs! Oh! como temos vergonha de que não as comprehendessem os que lhes iam prégar a religião do Crucificado!

Os habitantes do *Otaiti* suspendem o corpo morto em um berço cuberto com uma canoa voltada para baixo — *symbolo bem exacto do naufragio da vida.* (*)

Sobre a ramagem florida dos bosques funereos vai a filha das selvas Americanas depositar o tenro fructo de suas entranhas, que nascido apenas, e coroado ainda pela rosa dos amores, veio o sopro do deserto, e precipitou-o no regaço da morte. Como serão saudosas as expressões de dôr daquelles labios singelos, quando ella ao nascer da aurora contemplar as brisas a folgarem com o pequenino cadaver — que mollemente recostado na verde folhagem parece dormir o somno da innocencia!

Mas porque é que dos povos de todas as religiões só os christãos depõem nos templos os seus defunctos? Tão estrechado respeito para com os finados será uma consequencia da verdade do dogma?

Julgaramol-o assim talvez, se não houveramos conhecido o principio aliás piedoso desta depois abusiva pratica.

Mas vemos, que os cadaveres dos martyres, e os dos primeiros fieis eram sepultados nas catacumbas, essas populosas cidades das sombras, onde a morte reina com toda a magestade do silencio. Vemos que *Theodoro* arcebispo de Cantuaria não só prohibia os enterramentos nas igrejas, mas até ordenava, que se antes d'estas serem sagradas, lá se enterrasse algum morto, a sagração não pudesse ter logar (**).

O concilio *Nannetense* no canon 6

(*) E. Pascáut.

(**) In ecclesia sanctificata nulli mortui sepeliuntur. Si autem mortui antequam fuerit sanctificata sepulti sunt, non sanctificentur.

Capitul. 68. Spicileg. tom. 9.

prohibe expressamente a sepultura nos templos, e apenas a concede nos adros delles (*).

Entre nós carecia o clero de iguaes exemplos? Apontar-lhe-hemos para não menos que um concilio nacional. É o segundo *Bracharense*, congregado no anno de 563 para rebater o fanatismo dos *Priscilianos*. No canon 18 condemna elle até como irroverente a pratica de sepultar nas igrejas. (**)

Foi esta pratica ao principio innocente, porque como diz *Bergier* não se previam as consequencias. Desejavam os fieis ser enterrados ao pé dos tumulos dos martyres, que estavam fora das cidades; quando com o tempo se edificaram basilicas, ficaram essas sepulturas dentro do templo. Cresceram depois as povoações, ficaram as basilicas dentro de seu recinto, e assim pouco a pouco se introduziu um uso, que tão prejudicial foi depois, e se tornou em abuso.

São numerosissimos os casos de epidemias, e mortes subitas devidas a exhalções cadavericas; e ainda que alguns homens de auctoridade tenham ultimamente julgado exageradas taes narrações, nós todavia sem deixarmos de respeitar o seu voto, respeitaremos sempre mais uma velha crença da medecina. Os nomes de *Haller*, *Navier*, *Vicq-d'Azyr*, além de quasi os de todos os medicos da antiguidade, poderiam contrabalançar o de *Orfila*, quando das observações deste sabio quizesse deduzir-se uma absoluta negação do quanto são prejudiciaes as emanações dos corpos em corrupção: mas o mesmo *Orfila* não contesta semelhante verdade.

(*) Prohibendum est etiam secundum majorem instituta, ut in ecclesia nullatenus sepeliantur, sed in atrio, aut in porticu, aut in exedris ecclesie.

Honr. Valer. not. ad Eus. lib. 3. cap. 50.

(**) Eis a sua integra.

Placuit ut corpora defunctorum nullo modo in basilica sanctorum sepeliantur, sed si necesse est deforis circa murum basilicæ usque adeo non abhorret. Nam si firmissimum hoc privilegium (pele lei das doze taboas) usque nunc manet civitatis, ut nullo modo intra ambitus murorum cujuslibet defuncti corpus humetur, quanto magis hoc venerabilium martyrum debet reverentia obtinere.

E foi no brado desta verdade, que em França já no reinado do infeliz Luiz XVI se baniti a pratica de abrir sepulturas nas igrejas: mas entre nós continua, e continuará. . . Deus sabe até quando.

E porque não tem sido o clero o primeiro a erguer a voz contra o abuso? Porque não vimos apparecer em frente do povo o baculo do pastor em vez da bayoneta do soldado? Porque não ouvimos a eloquencia singela do Evangelho em vez da rhetorica do arcabuz? Dolorosas são as reflexões, que neste momento se revolvem em nossa alma. Lembrem-nos os nomes de *Caetano Brandão*, e *Bartholomeu dos Martyres*, e derramamos lagrymas bem amargas sobre as ruinas da Igreja-Lusitana!

Mas se os que possuíam a confiança dos povos não ousaram fallar-lhes, menos o ousaremos nós, que nem a possuímos nem a merecemos.

Dirigiremos nossa humilde supplica a uma classe somente. Será ante o corpo academico, que levantaremos a voz com a confiança de irmãos.

«A mocidade universitaria deve *Coimbra* seus dons mais uteis estabelecimentos modernos, escholas de civilização e litteratura, estímulos de sublime inspiração para o aperfeiçoamento das artes, para a doçura dos costumes. Fallamos da *Academia Dramatica*, e da *Assemblêa Academico-Philharmonica*. X

Dê tambem agora essa mocidade um exemplo memoravel. Mostre que se não esquece da morte, quando tudo a chama para a vida, que se tem corôas de rosas para adornar sobre o palco scenico a frente de seus actores, tambem sabe plantar o cypreste para corôar a campa, onde repousam as cinzas do irmão.

Do irmão, repetimos; que os mysterios do coração expressos nessa palavra applicada aos companheiros de estudo, só os poderá comprehender o que foi *estudante de Coimbra*.

Só os comprehenderá aquelle, que ao contemplar de sobre a encosta de um outeiro a filha de *Attaces* assentada em

throno de suberba rocha, e com sua corôa magestosa a dovassar as nuvens, pôde uma tarde do estio observar numerosas cohortes de mancebos, que de todos os angulos de *Portugal*, das remotas regiões d'*Africa*, *Asia*, e *America* vinham em nome do seu paiz a render homenagem gloriosa á nossa rainha das letras.

E nenhum trazia armaria nem escudo, que as insignias de sua nobresa cada qual as guardava no coração. Era a memoria do abraço paterno no adeus da despedida; era a recordação da lagryma de saudade, que mãe extremosa lhe derramára sobre o peito; era a lembrança do osculo innocente, talvez o ultimo, que nas faces viçosas lhe depuzera a companheira de seus folguedos da infancia; era talvez o repetido vibrar n'alma, o reviver d'um suspiro, d'um lançar d'olhos. . . que tão dolorosamente lhe fallára ao coração; era a imagem solenne da patria a esconder-se no oceano, a desaparecer ao longo na ultima orla do horizonte.

E estes sentimentos tão nobres, tão grandiosos a pularem n'alma, a trahordarem já no coração, que não houve ali na terra de *Cindasunda* que os afflagesse? Que cofre precioso se abriu para os receber?

Houve só a mão do antigo soldado de *Minerva*, que do alto da encosta observava o novo filho das sciencias. Abriu-se-lhe só o coração igualmente nobre de mil companheiros de fadigas, patenteou-se-lhe com todos os seus mysterios a alma de mil irmãos por amor.

E nesta nova sociedade encontron ello resumidas sua patria, seus amores, e familia.

Mas se o braço da morte se alevantou entre a patria e o filho ausente, entre o amor e a esperança, entre a familia e o seu idolo, expirou nesse momento a religião desta maravilhosa fraternidade?

Diga que sim o homem sem crenças, que entre a mocidade acadamica nenhum se queixará como *Ovidio*:

*Nec mandata dabo; nec cum clamore supremo
Labentes oculos claudet amica manus. (*)*

O amor do companheiro de estudos não se quebra na lousa da campa.

E nós queremos essa lousa no meio da solidão; que a melancholia da mansão dos mortos é para o poeta uma inspiração sublime.

Queremos a campa no meio da solidão; que a mudez do sepulcro é para o Christão uma philosophia do céu.

Queremos que a sombra da Cruz, ao passar por cima da pedra dos tumulos, nos marque as horas da vida.

Queremos que nem a morte onse separar as cinzas dos que tão unidos viveram.

Queremos que o amigo possa desaffogar a dôr do intimo peito, derramando uma lagryma sobre essa pedra, que tantas esperanças esmagou.

Queremos que os prantos da mãe inconsolavel possam orvalhar os ramos do cypreste, que pela mão da amizade foi plantado ao pé do tumulo do filho.

Queremos que a donzella maguada possa na hora do desengano entrar no cemiterio academico, e ali a sós consigo e com a sua dor desposar as cinzas do finado, fallar de amor ainda ao menos uma vez, e sorrir aos vermes do sepulcro.

Queremos que sua dextra mimosa e tremula possa gravar sobre a pedra da campa, e entralçar com o nome do que jaz neste alcaçar da morte, o nome que elle depois do do Eterno balbuciou na hora do passamento.

E se essa phenix da constancia tiver vindo de longes terras, para celebrar este doloroso consorcio, ratificar esta

mysteriosa alliança entre o amor e a morte, possa ao menos partindo escrever nas paredes desse cemiterio as magnificas palavras de consolação do triste cantor Romano:

Não seja a urna; ao menos serão lettras

Que na campa este amor hão de cifrar.

Não lozarei teus ossos e'os meus ossos.

Mas teu nome e' o meu hei de abraçar. (*)

E nós pela nossa parte, se ao abandonarmos esta saudosa terra, onde nos morreram os ultimos reflexos das illusões da juventude, onde vimos cahir no pó da campa tantas amizades, que nos haviam sorrido cheas de vida e esperanza; se ao contemplarmos o descabir dos ultimos raios do sol, que acabou de brilhar para nós no horizonte de Coimbra, não nos fôr dado estar á porta do cemiterio academico, para nessa hora solemne darmos o extremo adeus ás cinzas de nossos irmãos, teremos ao menos a consolação de havermos levantado hoje a voz pedindo um asylo para ellas. . . Um asylo, sim, em nome da saudade, que as chora esquecidas sob o lageado dos tempos; em nome do amor, que estremece ao contemplal-as profanadas pela enxada do coveiro; em nome da honra da mocidade academica, que nos manda dar o exemplo a uma cidade indolente, e mostrar que nem o braço da morte pôde quebrar nossos laços de irmãos.

É supplica da *Revista Academica* na vespera talvez do seu ultimo dia. Mas não é para si que ella pede jazigo, porque se não julga digna das honras da sepultura.

Pede-o a irmãos para irmãos; e creê que não serão atiradas ao desprezo as suas derradeiras palavras.

Et sit in exigua laurus superadita busto,

Quae tegat extincti funeris umbra locum.

Gômes d'Abreu.

(*) Ovid Trist. III. 2.

(*) inque sepulcro
Si non urna, tamen junget nos litera: si non
Ossibus ossa meis, al nomen nomine tangam.
Ovid. Metam. XI. 750.